

ANEXO A – Cronologia

Esta tabela cronológica foi feita a partir de dados recolhidos em toda a bibliografia e restante documentação consultada, desde que publicada. Sempre que verifiquei discrepância de dados, foram selecionados os mais fiáveis, referindo esporadicamente eventuais dúvidas. Optei por descrever as performances e obras da forma mais substantiva possível, tentando “limpar” os dados mais subjetivos e a adjetivação. As passagens marcadamente autorais mereceram uma nota de rodapé para localização da fonte.

Em termos de estruturação, optei por organizar as entradas do geral para o particular, consoante a “abrangência” dos acontecimentos e a sua localização temporal, pelo que cada entrada anual inclui inicialmente os acontecimentos sem datação mensal, depois aqueles sem dia específico, e assim sucessivamente.

A opção por duas colunas – “Internacional” e “Nacional” – destinou-se a permitir uma comparação cronológica entre os dois contextos que anunciam.

As entradas dizem maioritariamente respeito a acontecimentos, superficial ou detalhadamente referidos no corpo do texto, incluindo outros dados que permitem uma contextualização útil para os assuntos tratados.

INTERNACIONAL	NACIONAL
1558	Publicação de <i>Orchesographie</i> , de Thoinot Arbeau, o primeiro livro que tenta descrever dança visualmente
1653	23 de fevereiro – <i>Ballet de la Nuit</i> , ballet real composto por 45 entradas repartidas por quatro partes, é representado na sala do Petti-Bourbon, em presença da rainha, do cardeal Mazarin e da restante Corte. Participação de Luís XIV, nomeadamente como Apolo. Reposto a 25 e 27 de fevereiro e a 2, 4, 6 e 16 de março
1661	30 de março – Luís XIV funda a Académie Royale de Danse Dezembro – Jean Batiste Lully (Giovanni Battista Lulli), diretor de música de Luís XIV, é naturalizado francês
1669	Luís XIV funda a Académie Royale de Musique
1680	Pierre Beauchamp é nomeado por Luís XIV <i>Intendant des Ballets du Roi</i>
1700	Publicação de <i>Chorégraphie, ou l'Art de décrire la Danse</i> , de Raoul Feuillet
1715	<i>L'éloquence du corps</i> , Tratado do abade Dinard
1724	Giovanni Niccolò Servandoni, também conhecido como Jean-Nicolas Servando ou Jean-Nicolas Servandon (2 de maio 1695, Florença – 19 de janeiro, 1766 Paris) estabelece-se em Paris. Cenógrafo, decorador de <i>festas</i> e arquiteto barroco, formou-se em Roma com o pintor Giovanni Paolo Pannini e com o arquiteto Giuseppe Rossi, estabelecendo-se em seguida em Lisboa, onde foi cenógrafo teatral, decorador de <i>festas</i> e talvez projetista do Palácio das Necessidades. Trabalhou noutras capitais europeias, como Londres (1749) e Viena (1760)
1725	Novembro – Père Castel (Louis Bertrand Castel) publica no <i>Mercure de France</i> um artigo onde afirma o seu projeto para um <i>Clavecin pour les yeux</i> [cravo para os olhos]
1726	5 de maio – Mariana de Camargo (La Camargo) estreia-se na Ópera de Paris, com 16 anos, apresentando <i>Caractères de la danse</i>
1728	Giovanni Niccolò Servandoni é nomeado primeiro-pintor decorador da Academia Real de Música francesa

1735		A companhia italiana de Paghetti inicia as suas representações na Academia da Trindade (numa casa alugada em frente ao convento da Trindade), que duram até 1743 (ou 59), apresentando os bailarinos Bernardo Gavazzi, Gabriel Borghesi e Anna Ronzi
1745	Outubro – início da estadia (documentada) de Giovanni Niccolò Servandoni, também conhecido como Jean-Nicolas Servando ou Jean-Nicolas Servandon (2 de maio 1695, Florença – 19 de janeiro 1766, Paris) em Lisboa, que se terá prolongado por cerca de um ano	
1746		Setembro – Festa dos Ingleses, em Lisboa. Comemorativa da batalha de Culloden, foi decorada por Giovanni Niccolò Servandoni
1747	Jean Georges Noverre é nomeado <i>maître de ballet</i> na <i>Opéra Comique</i> , Paris	
1751	Gaetano Vestris sucede a Louis Dupré como <i>premier danseur noble</i> da Real Academia de Música francesa	
1752	O segundo volume da <i>Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers</i> , de Denis Diderot e Jean Le Rond d’Alembert inclui a seguinte entrada (2:42), da autoria de Cahusac: <i>BALLET, s. m. danse figurée exécutée par plusieurs personnes qui représentent par leurs pas & leurs gestes une action naturelle ou merveilleuse, au son des instrumens ou de la voix. Tout ballet suppose la danse, & le concours de deux ou de plusieurs personnes pour l’exécuter. Une personne seule, qui en dansant représenteroit une action, ne formeroit pas proprement un ballet; ce ne seroit alors qu’une sorte de pantomime. Voyez PANTOMIME. Et plusieurs personnes qui représenteroient quelque action sans danse, formeroient une comédie, & jamais un ballet. La danse, le concours de plusieurs personnes, & la représentation d’une action par les gestes, les pas, & les mouvemens du corps, sont donc ce qui constitue le ballet. Il est une espece de poësie muette qui parle, selon l’expression de Plutarque; parce que sans rien dire, elle s’exprime par les gestes, les mouvemens & les pas. Clausis faucibus, dit Sidoine Apollinaire, & loquente gestu, nutu, crure, genu, manu, rotatu, toto in schemate, vel semel latebit. Sans danse il ne peut point exister de ballet: mais sans ballet il peut y avoir des danses. Voyez DANSE.</i> ¹	David Perez (célebre compositor da escola napolitana) chega a Portugal e começa por dirigir o Novo Teatro da Rua dos Condes
1754	O quarto volume da <i>Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers</i> , de Denis Diderot e Jean Le Rond d’Alembert inclui a seguinte entrada (4: 623), da autoria de Cahusac: <i>DANSE, s. f. (Art & Hist.) mouvements réglés du corps, sauts, & pas mesurés, faits au son des</i>	

¹ Cf. <http://artflsrv02.uchicago.edu/cgi-bin/philologic/getobject.pl?c.1:244.encyclopedie0513>

instruments ou de la voix. Les sensations ont été d'abord exprimées par les différents mouvements du corps & du visage. Le plaisir & la douleur en se faisant sentir à l'âme, ont donné au corps des mouvements qui peignaient au – dehors ces différentes impressions: c'est ce qu'on a nommé geste. Voyez Geste. Le chant si naturel à l'homme, en se développant, a inspiré aux autres hommes qui en ont été frappés, des gestes relatifs aux différens sons dont ce chant étoit composé; le corps alors s'est agité, les bras se sont ouverts ou fermés, les piés ont formé des pas lents ou rapides, les traits du visage ont participé à ces mouvemens divers, tout le corps a répondu par des positions, des ébranlemens, des attitudes aux sons dont l'oreille étoit affectée: ainsi le chant qui étoit l'expression d'un sentiment (Voyez Chant) a fait développer une seconde expression qui étoit dans l'homme qu'on a nommée danse. Et voilà ses deux principes primitifs. On voit par ce peu de mots que la voix & le geste ne sont pas plus naturels à l'espece humaine, que le chant & la danse; & que l'un & l'autre sont, pour ainsi dire, les instrumens de deux arts auxquels ils ont donné lieu. Dès qu'il y a eu des hommes, il y a eu sans doute des chants & des danses; on a chanté & dansé depuis la création jusqu'à nous, & il est vraisemblable que les hommes chanteront & danseront jusqu'à la destruction totale de l'espece. Le chant & la danse une fois connus, il étoit naturel qu'on les fit d'abord servir à la démonstration d'un sentiment qui semble gravé profondément dans le coeur de tous les hommes. Dans les premiers tems où ils sortoient à peine des mains du Créateur tous les êtres vivans & inanimés étoient pour leurs yeux des signes éclatans de la toute – puissance de l'Être suprême, & des motifs touchans de reconnaissance pour leurs coeurs. Les hommes chanterent donc d'abord les loüanges & les bienfaits de Dieu, & ils danserent en les chantant, pour exprimer leur respect & leur gratitude. Ainsi la danse sacrée est de toutes les danses la plus ancienne, & la source dans laquelle on a puisé dans la suite toutes les autres.²

1755	Noverre estreia em Londres uma temporada de sua autoria	Inauguração da Ópera do Tejo
1760	<i>Lettres sur la Danse et les Ballets</i> , de Jean Georges Noverre, é publicado em Lyon e Estugarda, onde foi <i>maître de ballet</i>	
1763	<i>Lettres sur la Danse et les Ballets</i> , de Jean Georges Noverre, é publicado em Inglaterra	
1765	Noverre apresenta Médée Paris na Ópera de Paris	
1767	<i>Lettres sur la Danse et les Ballets</i> , de Jean Georges Noverre, é publicado em Viena, dedicado à Imperatriz da Áustria	

² Cf. <http://artflsrv02.uchicago.edu/cgi-bin/philologic/getobject.pl?c.3:1568.encyclopedie0513>

1770	Noverre vai para Viena de Áustria, onde é nomeado <i>maître de ballet</i> , diretor dos Entretenimentos da Corte e <i>maître de danse</i> da Imperatriz Maria Teresa e da família real	C. 1770 – Os bailarinos Petraia, Pepa Olivares e Antonio Passabiló dançam no teatro do Bairro Alto
1774	Noverre cria em Milão um ballet para o casamento do Arquiduque Fernando da Áustria (tornando-se por isso Cavaleiro da Ordem de Cristo), apresentando em seguida obras suas na Corte de Turim e Nápoles	
1775	Noverre regressa a Paris e em agosto é nomeado <i>maître de ballet</i> da Real Academia de Música, por influência da sua antiga aluna, Maria Antonieta, agora rainha de França	
1783	A tradução inglesa de <i>Lettres sur la Danse et les Ballets</i> , de Jean Georges Noverre, é publicada em Londres, dedicada ao Príncipe de Gales; e em francês em Paris, dedicada a Monseigneur Amelot, Ministre au Département de Paris	
1787	<i>Lettres sur la Danse et les Ballets</i> , de Jean Georges Noverre, é publicado em Amesterdão	
1788		<i>Alexandre Magno Triunfante contra Dário</i> , ballet apresentado por António Marraffi no Teatro do Salitre, Lisboa
1789		<i>A Ilha Desabitada</i> e <i>Armida Abandonada</i> , ballet apresentados por António Marraffi no Teatro do Salitre, Lisboa
1790		<i>História Fabulosa de Idame e Teorestes</i> , ballet apresentado por António Marraffi no Teatro do Salitre, Lisboa
1791	26 de março – Reabertura do Teatro do Rei, em Londres (após um incêndio que em 1789 o destruiu), com Noverre como diretor, Vestris como <i>maître de de ballet</i> , Haydn como compositor e Federici como maestro	
1793		Devido à proibição de D. Maria I, o corpo de baile do S. Carlos é composto apenas por homens, alguns dançando travestidos. Os papéis femininos eram desempenhados por Guisseppe Cagiani, Pietro Petrelli, Nicol Parisini, Antonio Chiaveri, Giuseppe Gheri (<i>grotescas</i>); Ambrogio Cagiani (<i>mezzo carattere</i>); Guiseppe Bolla (<i>prima ballerina seria</i>). Nos papéis masculinos: Felice Masan, Luigi Bellucci, Giuseppe Capoccteti, Ferdinando Gioja (os dois últimos de <i>mezzo carattere</i>). Os diretores de dança e coreógrafos eram Pietro Angiolini, Leopoldo Bancelli e Caetano Ghelardini 30 de junho – Inauguração do Teatro S. Carlos, apresentando <i>Felicitá luzitana</i> e <i>Gli dispetti amorosi</i> , balés de Gaetano Gioja (importante figura

		da dança italiana e da história do La Scala de Milão); e <i>La morte d'Ercole, Glij finti filosofi</i> e <i>L'amore secreto</i> , de P. Angiolini. Foi ainda cantado <i>La Ballerina Amante</i> , de Cimarosa
1797		18 de fevereiro – A cantora e bailarina Tereza Melazzi faz o seu benefício no S. Carlos
1798		O corpo de baile do S. Carlos passa a integrar Evangelista Fiorelli, C. Nichili, A. Franchi. V. Tavoni, Lorenzo Monati, Luigi Tavoni, A. Barati e Sor Lacomba
1800		21 de fevereiro – Numa festa dada quando o príncipe D. João assumiu oficialmente a regência, é apresentada no S. Carlos uma dança intitulada <i>Telemaco</i> , composição do coreógrafo Domingo Rossi (discípulo de Noverre), com um solo da primeira bailarina Josepha Radaelli, acompanhada pelos alemães José e Pedro Pétrides nas trompas. Como complemento do espetáculo, foi apresentada a dança <i>Conquista da Florida Branca</i>
1801		11 de novembro – Numa festa oferecida pelo Intendente Pina Manique no S. Carlos, para celebrar a conclusão do Tratado de Badajoz, é apresentada uma dança composta e ensaiada por António Rossi, mestre de baile
1803	<i>Lettres sur la Danse et les Ballets</i> , de Jean Georges Noverre, é publicado em Copenhaga e S. Petersburgo (1803-1804, conjuntamente com outros documentos, sob o título geral de <i>Lettres sur la Danse, les Ballets et les Arts</i> , dedicado ao Imperador de todas as Rússias)	
1804	<i>Lettres sur la Danse et les Ballets</i> , de Jean Georges Noverre, é publicado em S. Petersburgo	O corpo de baile entra no orçamento do S. Carlos com os seguintes ordenados: Domingos Rossi, mestre de baile 1: 400\$000 rs.; Josepha Radaelli e Morro, primeiras bailarinas, Achille Monroy, primeiro bailarino 1: 600\$000 rs.; Margarida Le-Roi, Minoge Pardivon, La Basse, primeiras bailarinas 1: 200\$000 rs; outros cinco dançarinos, 2: 900\$000 rs.; isto é, com 12: 700\$00 esc
1807	<i>Lettres sur la Danse et les Ballets</i> , de Jean Georges Noverre, é publicado em Paris, conjuntamente com outros documentos, sob o título geral de <i>Lettres sur les Arts Imitateurs en Général et sur la Danse en Particulier</i> , dedicado à Imperatriz dos Franceses e Rainha de Itália	<i>Jasão e Medeia</i> , baseado na versão original de Noverre, é apresentado por Domenico Magno no Teatro de S. João, no Porto
1808		Durante a ocupação francesa, são apresentadas no S. Carlos as danças <i>Ilha dos Canibais</i> e <i>La contandina astuta</i>
1809		25 de outubro – Por ocasião do aniversário do rei D. Jorge III, é apresentada no S. Carlos a dança <i>Batalha do Vimieiro</i>

1810

C. 1910 – Vicente fago e Rosina Fago dançam no Teatro do Salitre

6 de julho – Em benefício da bailarina Giulietta, apresenta-se em S. Carlos *La testa riscaldada*, drama de Paer, o baile *Tudo cede ao amor*, de Lourenço Lacomba (dançarino e corógrafo) e a dança *Os patriotas de Aragão ou triunfo de Palafox*

12,13 e 14 de julho – A companhia de teatro da Rua dos Condes apresenta no S. Carlos a dança *Ludovico Sforza*

17 de julho – Apresentação no S. Carlos da dança *O primeiro triunfo de Espanha ou o rendimento de Dupont*, em que entrava infantaria, cavalaria e artilharia

5 de setembro – Em benefício do primeiro bailarino Lourenço Lacomba é apresentada no S. Carlos a ópera *La Molinara*, de Paesiello, e a dança *A restauração do Pôrto ou um dos triunfos do heroe Wellesley*, com a participação de militares ingleses

16 de novembro – Em benefício do ator Carlos Barlassina, é apresentada no S. Carlos a burleta *Il Barbiere di Siviglia*, de Paesiello, e o baile de carácter *As duas rivais ou os desposórios interrompidos*, com a participação da primeira bailarina Rosa Lorenzani e a “grotesca” Maria Saint-Martin

1811

No Salitre, Vicente e Rosina Fago são aplaudidos pelo “padedus”. Thomazia e Luiza Lopes evidenciam-se nos boleros, fandangos, manchegas e sorongos. Maria Rita de Mesquita é primeira bailarina (geralmente acompanhada pelo ator-bailador José Xavier da Silva Utra), abrilhantando as danças belicosas *A batalha do Bussaco* ou *A conquista de Tanger por el-rei D. Sebastião* ou *A tomada de Goleta*. Vicente Porta figurava como primeiro bailarino grotesco

Apresentação no S. Carlos da dança bíblica *Sansão*

4 de janeiro – Em benefício de Mariana Scaramelli Lacomba, é apresentada no S. Carlos a ópera *Nina pazza per amore*, de Pasesiello, dirigida por Marcos Portugal, e a dança *As meninas de Polónia*

16 de janeiro – Em benefício do bailarino Pedro Maria Petrelli, é apresentada no S. Carlos a ópera *Nina pazza per amore*, de Pasesiello, dirigida por Marcos Portugal, e a dança *A defesa da ponte de Amarante por Silveira*

18 de fevereiro – Em benefício de Giulietta Lacomba, apresenta-se no S. Carlos a burleta *Quem a faz a espera* e a dança *O resgate dos portugueses cativos em Argel*

1813

Os bailarinos Luís e Maria Schira integram a companhia do Salitre

29 de janeiro – Apresentação no S. Carlos do drama alegórico *As três nações aliadas*; um hino cantado por Maria Inácia da Luz; um minuete afandangado dançado pelos meninos Lefebre; e a comédia *Viagens do imperador José II*

13 de maio – Para comemorar o nascimento do príncipe regente, a entrada dos aliados em Paris, a queda de Napoleão I e a restauração dos Bourbons em França, S. Carlos apresenta um espetáculo de gala, que incluiu a ópera *Caçada de Henrique IV* e a dança e elogio dramático *O Voto*, de José Agostinho de Macedo

30 de maio – O cônsul de Espanha D. Pascoal Tenorio y Muscoso dá um sarau em S. Carlos para festejar a restauração de Fernando VII, em que se apresentou a cantata *Anúncio da Paz*, de Bomtempo, executadas por parentes do cônsul; uma cantata em italiano, de Radicati, executada por M.me Bartinoti; e um baile de carácter espanhol, pelas senhoras da família, dirigidas pela dançarina Lefebre do S. Carlos

18 de junho – Em benefício do tenor Cauvini, apresenta-se no S. Carlos a ópera *Una cosa rara*, de Martini e uma ária cantada por Cauvini acompanhado a trompa por José Gazul

25 de junho – Em benefício do *buffo* José Bertini, apresenta-se no S. Carlos a ópera *O mestre biao sapateiro*, de Marcos Portugal; uma dança; uma cantata; *Marte e Fortuna*, de Trento; e um terceto composto por Lefebre e dançado por Lefebre, Runi e Escotti Petit

2 de julho – Em benefício da prima-dona Josefa Collini, apresenta-se no S. Carlos a ópera *Caçada de Henrique IV*; a dança *Filha mal guardada ou não há mais que um passo do mal ou bem*; e um dueto de Pucita por Josefa Collini e M.me Cauvini

29 de outubro – Rosa Lorenzani estreia-se no Salitre em *Eucaris ou a filha da magia*. Neste ano chegam ainda os bailarinos Antonio Cairon e Maria Victoria Catalani

Falcoz, Labce Franchi, Maria Facoz e a Catalani apresentam-se no Salitre em *O serralheiro em Marrocos*

15, 16 e 17 de dezembro – Para celebrar os esponsais de D. Pedro de Alcântara (futuro D. Pedro IV) com a arquiduquesa Leopoldina de Áustria, apresentam-se em S. Carlos récitas de gala, incluindo o drama *Adelina*; a dança *Os Peruvianos*, de uma cantata de Marinelli, com a participação da dama Carlota Vigo, do tenor Luiz Mari e das dançarinas J. Angiolini, Tereza Coralli e Carolina Augusta

22 de dezembro – Em benefício de Carolina Neri Passerini, apresenta-se em S. Carlos o ato I da *Italiana in Algeri*, de Rossini; ouve-se a beneficiada

		acompanhada à guitarra em três áreas, uma em português, outra em francês e outra em italiano; e a dança <i>Nababo de Visapur</i>
1818		<p>Apresentam-se no Salitre o primeiro bailarino Lourenço Lacomba, Faustina Veluti, Maria Luisa Saint-Martin, Carolina Augusta, etc., nas danças: <i>O rústico e a sentinela, Palafox em Saragoça, O recrutamento na aldeia, A lealdade da bela esposa ou o conde de Arnúfo, A arte dos toureiros tolos, Os salteadores ou o morto fingido, A vilan no palácio ou o vilão mágico</i>, entre outros</p> <p>De 16 de dezembro até à mesma data do ano seguinte, são apresentadas em S. Carlos as seguintes danças: <i>César no Egito, Os salteadores, O Usurpador punido, O Tambor noturno, Inez de Fitz-Henry, A rede de Vulcano, A tomada de Belgrado, O pagem, A morte dos inocentes, A doida fingida por amor, A vingança de Ulysses, As Amazonas, Bianca de rossi, O mestre na vila e Os ritos de Baia Duska</i></p>
1819		Teatro S. Carlos apresenta cerca de 200 espetáculos, incluindo 15 novos balés
1820		O corpo de baile do S. Carlos é constituído pelas (9) bailarinas: Tereza Coralli, Eugenia Falcoz, Margherita Bruni, Maria Klaufort; Faustina Veluti, Giovanna Angiolini, Rosa Montani, Maria Saint-Martin, Carolina Chiarini e pelos (10) bailarinos: Luís Montani, João Coralli, Estevão Falcoz, Carlos Girard, António Franck, António Redello, Cateano Mattucci, Saint-Martin, José Maria Lacomba e Lucas Rinaldi. Na temporada 1820-21, apresentaram-se as danças: <i>Bosque encantado, Os príncipes de Salerno ou os dois irmãos rivais, Vingança de Medea, Marchande d'Amour, Telemaco, Inconstante emendado, Gil Braz, Festa da Vindima, Catharina de Coluga, Bosque magico, Ignez de Fitz-Henry e Raoul de Créqui</i>
1822	<i>Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve</i> , de Adrien Balbi, com referência aos ballets apresentados no Teatro S. Carlos	Os empresários Hilberath e Bruni trazem de Itália para o S. Carlos os bailarinos: Adelaide Chabert, Cecília Chabert, Marietta Racolli, Justina Quatrini e Antonio Cortezi, entre outros
1823		<p>Em S. Carlos, apresentam-se as danças: <i>Cavaleiros do templo</i> (10 de janeiro), <i>Santa Genoveva</i> (23 de fevereiro), <i>Mouro de Veneza</i> e <i>Verdadeiros amigos da liberdade</i> (benefício da primeira bailarina Marietta Bacolli), <i>Caxuxa e Furores de Orestes</i> (14 de julho, para benefício da bailarina Justina Quatrini), <i>Mulher do Bosque</i> (17 de outubro, para benefício da dama Ercolina Bressa), <i>Triunfo de Berenice</i> (10 de dezembro), <i>Ariovaldo</i> (12 de dezembro), <i>Triunfo da Amizade</i> (17 de dezembro) e <i>Filosofia fingida</i> (23 de dezembro)</p> <p>8 de fevereiro – primeiro baile de máscaras público (documentado) realizado em Lisboa, segundo</p>

		Teatro do Bairro Alto, a S. Roque
1824		Em S. Carlos, apresentam-se as danças: <i>Mestre ferrador</i> (9 de janeiro), <i>Ariovaldo, rei dos longobardos</i> (12 de janeiro), <i>Rosa branca e rosa vermelha ou o triunfo da amizade</i> (14 de janeiro), <i>Fingida filosofia</i> (25 de janeiro), <i>Triunfo de Berenice</i> (26 de janeiro), <i>Achar Grão Mogol e Boticário na aldeia</i> (18 de fevereiro), <i>Camponesa astuciosa</i> (16 de julho), <i>Duqueza de Bretanha</i> (28 de julho), <i>Pagens do duque de Vendôme</i> (13 de agosto), <i>O acompanhamento</i> (3 de setembro), <i>Tereza de Loredó</i> (22 de setembro) e <i>Incêndio em Troia</i> (21 de novembro)
1825		Em S. Carlos, apresentam-se as danças: <i>Incêndio de Troia</i> (3 de janeiro), <i>Fabricantes de moeda falsa</i> (21 de janeiro); ópera <i>Oro non compra amore</i> , danças <i>Fabricantes de moeda falsa</i> , bolero por Clara e Filipe Caton e baile cómico <i>O Imprudente castigado</i> (31 de janeiro, em benefício da bailarina Clara); ópera <i>Bianca e Faliero</i> (22 de abril, em benefício do coreógrafo Carlos Piglia); <i>Matilde de Spoleto</i> (27 de abril); <i>Afonso de Albuquerque</i> (18 de maio); <i>Conquista de Malaca</i> (19 de junho)
1826		Em S. Carlos, entre outras, apresentam-se as danças: <i>Nina</i> (12 de junho), <i>Nogueira de Benevente</i> (3 de janeiro), <i>Nina louca por amor</i> (10 de julho), <i>Ourives de Lubiana</i> (18 de setembro)
1827		19 de fevereiro – A dança <i>Júlia Gonzaga</i> é apresentada no S. Carlos
1828		No S. Carlos apresentam-se: <i>Ídolo Chinês</i> e <i>Solo inglês</i> , por Emília Aquilina; <i>Fada benéfica</i> (28 de janeiro); <i>Moisés nos montes Oreb e Sinai</i> (8 de março); <i>Circe</i> (14 de abril); <i>Flora e Zefiro</i> (1 de setembro); <i>Henrique IV na passagem do Marne</i> (26 de outubro) e <i>Virtude premiada</i> (19 de dezembro)
1830		Josefa Castelli aparece pela primeira vez no Salitre (acontecimento também localizado em 1832) 12 de abril – Estreia-se no Salitre a companhia portuguesa de atores e bailarinos que tinham representado no S. Carlos. São apresentadas, entre outras, as danças: <i>As montanhas da Croácia</i> ; <i>Semiramis</i> ; <i>A tomada de Argel</i> ; <i>A creada astuta ou a flauta mágica</i> e <i>Eduardo e Christina</i>
1832	<i>La Sylphide</i>	A bailarina Josefa Castelli apresenta-se pela primeira vez no Teatro do Salitre (acontecimento também localizado em 1830) 6 de março – Apresentação de uma dança chinesa no Salitre
1833		18 de agosto – Apresentação no Teatro do Salitre de <i>A liberdade em triunfo ou a queda do despoísmo</i> ,

		<p>composta por Fernando Rugallino</p>
<p>1834</p>		<p>S. Carlos tem como coreógrafo e primeiro bailarino Montani; bailarinas: Toussaint, Isabel Rugalli, Farina Rega; bailarinos: Toussaint e Fernando Rugalli. Apresentam-se: <i>Sacrifício cívico de Cúrcio</i>, de Montani (6 de janeiro); <i>Criação do Mundo</i> (pantomima sacra); <i>Tokay ou triunfo inesperado</i>; (8 de março, em benefício dos esposos Rugalli); <i>Lisia libertada pelo herói lusitano</i> (alegoria representada a 19 de abril, dia do juramento da Carta Constitucional); <i>Corsário</i>; <i>Disfarce amoroso ou as fingidas inglesas</i> (12 de maio, em benefício da bailarina Francisca Farina Rega); <i>Clezimiro e Slavizza ou o usurpador punido</i> (26 de maio, em benefício de Montani)</p> <p>15 de janeiro – Data anunciada pelo S. Carlos para a apresentação de um “padidu” dançado pelos bailarinos Toussaint, tendo o espetáculo sido cancelado sem aviso prévio ao público, o que originou uma sessão de pancadaria no teatro. O empresário António Lodi acaba por apresentar como justificação a doença da bailarina (não atestada pelo “cirurgião” do teatro) e no dia 20 anunciar a entrega do produto do espetáculo (77\$060 réis) à Casa Pia</p>
<p>1835</p>		<p>O coreógrafo Bernardo Vestris compõe, entre outras, as danças <i>Gabriela de Vergy</i> e <i>Portugal restaurado</i></p> <p>Maio – Em Lisboa, Madame Roland dança “un pas de <i>Sylphide</i>, dansé à Paris par Mlle. Taglioni dans le ballet de ce nom”</p>
<p>1836</p>	<p>Os famosos bailes de variedades parisienses conquistam a <i>Opéra</i> pela mão do empresário Mira, como a contradança de <i>Chaise cassée</i> composta por Musard, incluindo tiros de revólver disparados pela orquestra</p>	<p>Quatro coreógrafos apresentam o seu trabalho no S. Carlos: Bernardo Vestris (<i>Gabriela de Vergy</i>, <i>Ludoviska</i>, <i>Orphan de Genebra</i>; <i>Filho banido</i>; <i>Margarida de Normandia</i> e <i>Masaniello</i>), York (<i>Bailado chinês</i>, com música de Schira), Nazzari (<i>Queda de Scio</i>, <i>Armintia e Isurene</i> e <i>Conjuração das matronas romanas</i>) e Alexandre Borsi (<i>Uma feira</i> e <i>O proscrito</i>). No corpo de baile, evidenciam-se: M.le Clara, M.me Noblet, M.me Maggiorotti, M. Teodore, York e Alexandre Borsi e a bailarina Moreno Soller</p> <p>S. Carlos realiza cinco bailes de máscaras, organizados pelo empresário Antonio Lodi (10, 12, 14, 15 e 16 de fevereiro)</p> <p><i>Baile das Andas</i> é apresentado no Teatro do Salitre</p> <p>11 de fevereiro – Baile no Club Lisbonense (Carmo) em benefício das casas de asilo e hospital da infância desvalida de Lisboa (rendimento de 2:101\$200 rs. líquidos, que importaram em 219\$920 rs.)</p>
<p>1837</p>		<p>Principais figuras do corpo de baile do S. Carlos são: M.lles Clara, Farina, Maggiorotti; Pontiroli; Soller; Velluti e os bailarinos Theodore e York.</p>

		<p>Dançaram-se: <i>Os pagens do duque de Vendôme</i> (4 de Janeiro, com um “passo a dois” por M.me Farina e M. Theodore); <i>O Proscrito</i> (11 de janeiro, com “padidu” por M.lle Clara e M. Theodore); <i>D. Quixote e Sancho Pança</i> (baile jocoso, de Vestris, 1 de fevereiro); <i>Queda de Scio</i> (16 de fevereiro); <i>Revolta no Serralho</i> (16 de março); <i>Duqueza de Argyle</i> (de João Scannavino, 4 de abril); <i>O Avarento</i> (5 de maio); <i>Forjas de Vulcano</i> (de Vestris, 17 de julho); <i>A última scena de Othelo</i> (por Pontioli e M.me Maggiorotti, 7 de agosto, em benefício desta bailarina); <i>Bailados espanhóis</i> (por Farina e Theodore, 30 de agosto); <i>Lisetta e Leandro</i> (15 de setembro); <i>Conquista de Malaca</i> (de José Villa, 11 de outubro); <i>Margarida da Suécia</i> (de Scannavino, 10 de novembro) e <i>Pelayo</i> (de Villa, 21 de dezembro)</p> <p>O empresário António Porto organiza os bailes de máscaras no S. Carlos (29 de janeiro, entre outras datas)</p>
1838		<p>Corpo de baile do S. Carlos continua com M.lle Clara, Izabel Rugalli, Moreno, Soler, Theodor e York, recebendo como novidades Angelique Adock, Ponzoni, Cataneo e Ursula Catte. Dançaram-se: <i>Pelayo</i> (3 de janeiro); <i>Daphnis ou o perjuro</i> (de Vestris, música de Schira, 12 de janeiro); <i>Conquista de Malaca</i> (15 de janeiro); <i>M. Deschalumeaux ou o néscio iludido</i> (de Vestris, 5 de fevereiro); <i>Phedra</i> (de José Villa, 6 de maio); <i>As Odaliscas</i> (de Vestris, 30 de maio); <i>O peregrino</i> (de Villa); <i>O Juizo de Paris</i> (de Vestris, 24 de julho); <i>O pagem de Leicester ou a rainha Izabel de Inglaterra</i> (de Antonio Giuliani, 22 de setembro); <i>Adoração do Sol</i> (de Vestris, música de Francisco Norberto dos Santos Pinto, 19 de outubro); <i>O mestre de Aldeia</i> (12 de novembro); <i>Dgenguis ou a Conquista da China</i> (de Villa, 23 de novembro) e <i>A Sylphide</i> (de Filipe Taglioni, posta em scena por Vestris, em benefício de M.lle Clara, 24 de dezembro)</p> <p>S. Carlos recebe três bailes de máscaras (25, 26 e 27 de fevereiro)</p>
1839		<p>Criação do Conservatório Nacional</p> <p>Corpo de baile do S. Carlos continua com Clara, Angelique, Rugalli, Moreno, Soller, Theodore, York e apresenta como novidade Michelina Devecchi (que se estreou a 27 de dezembro), Judith e Nicolau Molinari. Como coreógrafos “residentes”: Bernardo Vestris, Villa, York e Giuliano. Dançaram-se: <i>Dgenguiz-Kan</i> (de Villa, 1 de janeiro); <i>Adoração do Sol</i> (de Vestris, 2 de janeiro); <i>Ilha dos Portentos</i> (de Sacannavino, música de Frondoni, 21 de janeiro); <i>Catharina de Guise</i> (de Montani, 25 de fevereiro); <i>Os Sterlitz ou o Regresso de Pedro o Grande a Moscow</i> (de Villa, parte da música de Frondoni, 20 de março); <i>Nabucodonosor</i> (de Villa, música de Santos Pinto e Anglois, em 31 de maio); <i>Echo e Narcizo</i> (de York, 26 de junho); <i>Desertor por amor</i></p>

		<p>(15 de agosto); <i>Apolo pastor</i> (10 de setembro); <i>Erkolf</i> (de Astolphi, para estreia de Judith e Nicolau Molinari, música de Santos Pinto e Anglois, 23 de setembro); <i>Os portugueses em Tanger</i> (de Astolphi, 1 de dezembro) e <i>La Sylphide</i> (25 de dezembro, de tal maneira criticada que só voltaria a ser apresentada em S. Carlos em 1956)</p> <p>S. Carlos recebe quatro bailes de máscaras (9, 10, 11 e 12 de fevereiro)</p> <p>Bernardo Vestris abandona Lisboa, instalando-se no La Scala, de Milão</p>
1840		<p>No Teatro S. Carlos dançam-se: <i>Os portugueses em Tanger</i> (de Luigi Astolfi, 1 de janeiro); <i>O triunfo do amor</i> (de York, 10 de janeiro); <i>Os nove recrutas</i> (de Astolphi, 14 de fevereiro, para estreia de Mlle Rabel, que substituiu Clara); <i>Os mineiros de Salerno</i> (de Astolphi, 19 de março); <i>O Parricida</i> (de Molinari, 29 de março); <i>Orpheo</i> (de Casati, 24 de abril); <i>A Queda de Ipsara</i> (de Astolphi, música de Santos Pinto, para estreia da mímica Casati e dançarino Nery, 30 de maio); <i>O alfinete</i> (24 de junho); <i>As heroínas lusitanas</i> (de Astolphi, 26 de julho); <i>Psyché</i> (de Casati, 12 de agosto); <i>A ofensa vingada</i> (30 de setembro); <i>Flora e Zephyro</i> (19 de outubro); <i>Dyonisio ou o tirano de Syracuse</i> (de Montani, 15 de novembro) e <i>Corôa de Ariadne</i> (de York, 6 de dezembro)</p> <p>S. Carlos recebe três bailes de máscaras (1, 2 e 3 de março)</p>
1841	<i>Giselle</i>	<p>No Teatro S. Carlos dançaram-se: <i>Telemaco na ilha de Calipso</i> (de York, 6 de janeiro); <i>Corôa de Ariadne</i> (de York, 22 de janeiro); <i>O casamento de mascara ou o último dia de Entrudo em Roma</i> (de Montani); <i>Quinteto</i> (de Casati, por Carolina Devecchi, M. Moreno, J. Soller, Nery e Casati, 2 de fevereiro); <i>A doida fingida</i> (12 de fevereiro); <i>O anel encantado</i> (de York, 12 de abril); <i>Ruggero conde de Sicília</i> (de Montani, 7 de maio); <i>O Facho</i> (de João Casati, música da sinfonia de <i>Semiramis</i>, 24 de maio); <i>Força do destino</i> (10 de julho); <i>João o cruel ou o cerco de Pisa</i> (de Molinari, 10 de agosto); <i>A festa de Terpsychore</i> (de York, 1 de setembro); <i>Osmina</i> (de Montani, 6 de outubro); <i>Narciso na fonte</i> (de York, 3 de novembro)</p> <p>S. Carlos recebe três bailes de máscaras (21, 22 e 23 de fevereiro)</p> <p>No Teatro do Salitre dançou-se <i>O preto sensível</i>, de José Maria da Conceição Canarim, solo inglês por duas espanholas, jotas aragonezas executadas sobre andas e a caxuxa bailada no arame por uma dita Sra. Engrácia</p>
1842		<p>S. Carlos apresenta as danças: <i>Narciso à fonte</i> (de York, 1 de janeiro); <i>Procida</i> (19 de janeiro); <i>Os doídos por projeto</i> (de Cortezi, 23 de janeiro);</p>

		<p><i>Orestis</i> (de Cortezi, 4 de abril); <i>Adina ou a promessa de matrimónio</i> (de Cortezi, em que se estreou a dançarina Cardina Filippini, 13 de maio); <i>Lago das Fadas</i> (de York, 22 de junho); <i>Os Cuscos e os Quitos</i> (de York, 21 de setembro); e <i>Flauta mágica</i> (executada pelos discípulos do Conservatório em benefício da dama Perelli, 14 de novembro)</p> <p><i>Roberto, O Diabo</i>, de Meyerbeer, com música de Joaquim Casimiro Júnior, é apresentado no Teatro do Salitre, Lisboa</p>
1843		<p>Teatro S. Carlos contrata o coreógrafo Carey, o casal de mímicos Montana, os bailarinos Mabile e sua mulher, Mrs. Mayood, Luigia e Giuseppa Romolo, Francisco Pentauro e ainda seis mímicos e 36 dançantes. Apresenta as danças: <i>Lobra Liba</i> (de York, 6 de janeiro); <i>Triunfo de Eutymo</i> (corpo de baile incluindo as bailarinas Filippini, Gambette, Soller, Moreno, Devechi e o bailarino York, 13 de janeiro); <i>Gisella</i> (música de Adam, posta em cena por Mabile, 31 de outubro) e <i>Rolando e Mòrgana</i> (de Carey, 31 de dezembro)</p> <p>S. Carlos recebe cinco bailes de máscaras (26, 27 e 28 de fevereiro, 22 de março e 15 de abril), organizados pelos empresários Vicente Corradini e Domingos Lombardi</p>
1844		<p>S. Carlos apresenta as danças: <i>Máscaras de Veneza</i> (de Carey, 14 de fevereiro); <i>Gypsy</i> (posta em cena por Carey, 14 de março), <i>Novo Azor</i> (de Carey, 8 de abril) e <i>O Diabo Amoroso</i> (15 de dezembro)</p> <p>S. Carlos recebe quatro bailes de máscaras (2, 3, 4 e 26 de fevereiro)</p> <p>O Teatro do Salitre apresenta uma <i>Tarantella</i> original de Ciríaco Marsigliani, desempenhada por ele e sua mulher (10 de novembro); <i>Cracoviana</i>, dançada pela M.lle Augusta Mabile, e apresentações de M.me Santi e M. Puitano, do S. Carlos (23 de dezembro)</p>
1845		<p>S. Carlos apresenta as danças: <i>A aldeia polaca</i> (de Carey, 19 de janeiro); <i>O conscrito</i> (de Carey, 27 de fevereiro); ato II de <i>Gisella</i> (em benefício de Mabile, 21 de abril); <i>Ilusões de um pintor</i> (de Théodore Martin, 19 de outubro); <i>Palmyra ou a Nympa do Orbe</i> (de Martin, com música de Santos Pinto, 12 de dezembro); <i>As modistas</i> (dança carnavalesca, 23 de dezembro)</p> <p>28 de junho – Teatro do Saitre apresenta o primeiro <i>clown</i> dos teatros de Londres, William Lawrence, que executa a dança <i>O génio mau da rica montanha vermelha</i></p>
1846		<p><i>Cracoviana</i> é apresentada no Salitre, no Ginásio e na Rua dos Condes</p> <p>S. Carlos recebe três bailes de máscaras (22, 23 e 24</p>

		de fevereiro) 19 de março – S. Carlos apresenta <i>Emeth</i> (de Martin)
1847		S. Carlos contrata o bailarino e coreógrafo Lorenzo Vienne e a bailarina Maria Luigia Bussola. Apresentam-se as danças: <i>Os estudantes em férias</i> (de Martin, 10 de fevereiro); <i>Vingança de amor</i> (25 de fevereiro); <i>O Proscrito escocês</i> (de C. Marsigliani, 20 de junho); <i>O chapim do rei ou as parras verdes</i> (de Marsigliani, 29 de outubro); <i>O sonho de Acmet</i> (de Vienne, 1 de dezembro) Salitre apresenta a menina Tomásia na <i>Cracoviana</i> 16 de fevereiro – Baile de máscaras no S. Carlos
1848		S. Carlos contrata o coreógrafo Viotti; os bailarinos Lorenzo Vienne, Maria Luigia Bussola, Joana King, Michelina Evechi, Judith Rugalli, E. Marsigliani, Júlia La Rose, M. Moreno, Jesualdi e 16 segundas dançarinas. Apresentam-se as danças: <i>Branca flor</i> (9 de fevereiro); <i>Amante sagás</i> (de Vienna, em seu benefício, 24 de fevereiro); <i>Ninfa Napéa</i> (29 de abril); <i>As Walchiris</i> (de Viotti, 24 de novembro) 7 de fevereiro – Baile de máscaras no S. Carlos
1849	Richard Wagner publica o ensaio <i>Das Kunstwerk der Zukunft</i> [A Obra de Arte do Futuro]	S. Carlos apresenta as danças: <i>Ilha dos amores</i> (de Viotti, 24 de janeiro); <i>Os três corcundas de Damasco</i> (baile carnavalesco de Viotti, 4 de fevereiro); <i>Conversação às escuras</i> (baile carnavalesco de Viotti, 11 de fevereiro); <i>Paqueta</i> (de Vienne, 16 de abril)
1850		S. Carlos contrata o coreógrafo Nicola Libonati; o bailarino E. Gabrielli; as bailarinas Genoveva Monticelli, Maria Luigia Bussola, Romilda Pizalla, Erminia Cagnoli, Maria Luiza, Moreno, Michelina Dvechi; e a mímica Sophia Constanza. Judith Rugalli e Lourenço Vienne dançam a <i>Redowa</i> pela primeira vez. Apresentam-se ainda as danças: <i>Variações de Londito</i> (de D. Felix Moreno, com D. Dolores Monteiro, Milagres e outras bailarinas espanholas, 27 de janeiro); <i>Cadet barbeiro</i> (de Guidi, 6 de fevereiro); <i>Esmeralda</i> (22 de dezembro) 12 de fevereiro – Baile de máscaras no S. Carlos
1851		S. Carlos contrata o coreógrafo e bailarino D. Cappon; as bailarinas Gonzaga Cappon, Genoveva Monticelli, Romilda, Cagnolii, etc, e a mímica Sophia Constanza. São apresentadas as danças: <i>Os guardas marinhas</i> (baile jocoso, 19 de fevereiro); <i>O véo encantado</i> (em benefício de Genoveva Monticelli, 30 de abril); <i>A filha das flores</i> (19 de novembro)
1852	Publicação de <i>Stenochorégraphie</i> , de Arthur Saint-Léon	S. Carlos contrata o coreógrafo e mímico Domenico Segarelli; o bailarino D. Cappon; as bailarinas

		<p>Augusta Dominichetis; Marietta Vicentini, Romilda Pizzala, Michelina Devechi e Mariquita Moreno. Apresentam-se as danças: <i>As quatro nações</i> (28 de janeiro); <i>Orphão da aldeia</i> (21 de março); <i>As Nereides (divertissement)</i>, 12 de abril); <i>A discípula do amor</i> (de Segarelli, 20 de outubro); <i>Zaida ou os dois génios</i> (5 de dezembro)</p> <p>S. Carlos recebe três bailes de máscaras (22 e 24 de fevereiro e 17 de março)</p>
<p>1853</p>	<p>Temporada no La Scala inaugura com <i>Palmyra ou a Nympha do Orbe</i>, de Théophile Martin, com música de Santos Pinto</p>	<p>S. Carlos contrata o coreógrafo Domenico Segarelli; o bailarino Pedro Masset; as bailarinas Augusta Dominichetis, Christina Mendes; Marietta Vicentini, Mariquita Moreno e Michelina Devechi. Apresentam-se as danças: <i>As mulheres ciosas</i> (de Segarelli, 22 de janeiro); <i>Eleonora</i> (de Segarelli, 8 de março); <i>A ilha de Alcina</i> (de Segarelli, 6 de abril); parte de <i>O órfão da aldeia</i> (18 de maio); <i>A vivandeira</i> (de Saint-Léon, 1 de outubro); <i>La Gitana</i> (passo espanhol, 21 de outubro); <i>Os ciganos</i> (de Segarelli, 29 de outubro); <i>La Gitanilla</i> (7 de dezembro)</p> <p>S. Carlos recebe três bailes de máscaras (27 de janeiro, 3 e 8 de fevereiro)</p>
<p>1854</p>		<p>O empresário e bailarino York contrata para a temporada lírica 54-55 do S. Carlos o coreógrafo, bailarino e músico Arthur Saint-Léon (que ficou em Lisboa até 56), casado com a célebre coreógrafa, compositora e bailarina Cerrito. No corpo de baile figuram Elisa Fleury, Luísa Lisereux, Rosália Lequine, Lelie Navre, entre outros. Apresentam-se as danças: <i>Casamento por aposta</i> (de Segarelli, 17 de fevereiro); <i>A ninfa Egeria</i> (de York, 14 de março); introdução de <i>La Rozière</i> (de Saint-Léon, 13 de outubro); <i>Saltarelo ou o maníaco pela dança</i> (de Saint-Léon, 29 de outubro); <i>Lia, la bayadère</i> (de Saint-Léon, 14 de novembro); introdução de <i>As abelhas</i> (de Saint-Léon, 16 de dezembro)</p> <p>28 de fevereiro – Baile de máscaras no S. Carlos</p>
<p>1855</p>		<p>S. Carlos contrata o coreógrafo e bailarino Artur de Saint-Léon; os bailarinos Adrien Gredelue e Eugénio Durand; o mímico Hipolite Mounet; as bailarinas Elisa Fleury; Hortense Clavel, Palmira Andrew, Mariquita Moreno, Rosalie Lequine, Lelie Navarre, Alexandrine Leblond, Hortense Tarandon, Leonie Nella, Marie Franche, Nella Heronard, Rosina Santi, 36 bailarinas e corifeas e 12 mímicos. Apresentam-se as danças: <i>Le lutin de la vallée</i> (de Saint-Léon, 12 de janeiro); <i>O ensaio geral ou as aflições de Zepherina</i> (baile jocoso de Saint-Léon, 2 de fevereiro); <i>As flores animadas</i> (de Saint-Léon, 10 de abril); introdução de <i>A vivandeira</i>, de Saint-Léon, 17 de abril); <i>Tartini ou a rebecca do diabo</i> (de Saint-Léon, 14 de maio); <i>Bailados alegóricos</i> (dedicados à aclamação de D. Pedro V, 17 de setembro); <i>As flôres animadas</i> (21 de outubro); <i>Sataniel ou a estátua encantada</i> (29 de outubro);</p>

		<p><i>Duende do valle</i> (5 de dezembro); <i>Paquerette ou o desertor</i> (19 de dezembro)</p> <p>S. Carlos recebe dois bailes de máscaras (19 e 20 de fevereiro), sendo o primeiro inaugurado pelo bailarino Saint-Léon com as dançarinas</p>
1856		<p>S. Carlos contrata o coreógrafo e bailarino Filipe Montplaisir; o bailarino Carron; os mímicos Hypolito Monet e Cornet; as bailarinas Carlota Granzini, Palmira Andrew, Antónia Hilarriot, Lamoureux, Moreno, Loraschi, Priora, Romilda e 40 bailarinas. Apresentam-se as danças: <i>Triumvirato amoroso</i> (25 de janeiro); <i>Os saltimbancos</i> (20 de abril); <i>As estrelas cadentes</i> (9 de maio); introdução de <i>Stradella</i> (21 de maio); <i>Bailados chineses</i> (pelos alunos do Conservatório, 21 de maio), todos eles de Saint-Léon. Apresentaram-se ainda <i>As Dryades</i> (16 de setembro); <i>As filhas do Oceano</i> (5 de outubro); <i>As borboletas</i> (5 de novembro); <i>O diabo côr de rosa</i> (19 de novembro); <i>A aparição</i> (19 de novembro), todas de Montplaisir; e <i>A ilusão de um pintor</i> (de Perrot (26 de dezembro)</p> <p>5 de fevereiro – Baile de máscaras no S. Carlos</p> <p>24 de fevereiro – Primeira greve ocorrida em teatros portugueses, motivada pelo atraso de pagamento a Saint-Léon e suas primeiras figuras do corpo de baile, por parte da empresa Ruas & Cia.; resultou na prisão de Saint-Léon no quartel do Carmo, pelo administrador Lima</p>
1857		<p>Inauguração do <i>Café-Concêrto</i>, mais tarde <i>Casino Lisbonense</i> (encerrado em 1876), no largo da Abegoaria, Lisboa [actual Largo Rafael Bordalo Pinheiro], bar, sala de jogos e palco de espetáculos de variedades, com a participação das cançonetistas e cancanistas Aubigny, Marie, Norbert e Rossy. O produto do espetáculo foi oferecido às famílias das vítimas lisboetas da febre-amarela. Dirigido por Zagalo e administrado por Augusto Figueira, depois empresário do Salão da Trindade</p> <p>S. Carlos contrata o coreógrafo Carlo Blasis (cujo trabalho foi tão mal recebido que abandonou Portugal após um ano); os bailarinos Ettore Poggiolesi e Carlo Conti; o mímico Hypolito Monet; as bailarinas Emilia Bellini, Giovanna Pitteri, Luigia Vicinelli, Amalia Pitteri, Giovanna Casatti, Cosam Casatti e 40 bailarinas. Apresentam-se as danças: <i>Um dia de carnaval</i> (de Montplaisir, 10 de fevereiro); <i>A escrava</i> (30 de março); e <i>Raphael e Fornarina</i> (14 de outubro); <i>A dançarina veneziana</i> (29 de outubro); <i>As quatro nações</i> (11 de dezembro), todas de Blasis</p> <p>24 de fevereiro – Baile de máscaras no S. Carlos</p>
1858		<p>S. Carlos contrata os coreógrafos F. Penco e Perrot; o bailarino A. Anniello; o mímico H. Monet; as bailarinas Emilia Bellini, Ernestina Whutier,</p>

		<p>Pothier, Athaíde, Amelia, Guilhermina e 36 segundas bailarinas. Apresentam-se as danças: <i>Fiorina</i> (de Blasis, 1 de fevereiro); <i>A mascarada</i> (de Poggiolesi (1 de fevereiro); <i>A ilha dos amores</i> (de Montplaisir, 15 de março); <i>Zephyro e Flora</i> (13 de outubro); <i>Um sonho</i> (31 de outubro); <i>Catharina ou a filha do bandido</i> (de Perrot, 15 de dezembro)</p> <p>16 de fevereiro – Baile de máscaras no S. Carlos</p>
<p>1859</p>		<p>S. Carlos contrata o coreógrafo Montplaisir; os mímicos H. Monet e E. da Silva; os bailarinos Alfred e Carey; as bailarinas Emília Bellini, Camila Stefanska, Moreno, Virgínia Villagny, Hortense Bruin, Octave Berger, Céline Salomon; Hortense Davoux e 24 segundas bailarinas. Apresentam-se as danças: <i>Ritta ou a conversão de D.João de Maranha</i> (de Pencco, 31 de janeiro); <i>Os dois hypocritas</i> (baile jocoso de Pencco, 27 de fevereiro); <i>Divertissement</i> (24 de março); <i>As estátuas animadas</i> (29 de outubro); <i>Festa indiana</i> (11 de novembro); <i>Kelly ou a volta da aldeia</i> (28 de novembro), todas de Montplaisir</p> <p>Março – Baile de máscaras no S. Carlos</p>
<p>1860</p>		<p>S. Carlos contrata o coreógrafo e bailarino Mazilier (novo) e a bailarina E. Bellini. Apresenta-se a dança: <i>Divertissement</i> (de Montplaisir, 10 de abril)</p> <p>S. Carlos recebe dois bailes de máscaras (14 e 21 de fevereiro)</p> <p>10 de janeiro – Sob a presidência do Abade de Castro, são aprovados os Estatutos da Sociedade Promotora de Belas-Artes</p>
<p>1861</p>		<p>S. Carlos conta com o coreógrafo e bailarino Mazilier; as bailarinas E. Bellini, Hortense, Moreno, Amélia, Romilda, Pothier. Apresentam-se as danças: <i>O Novo Hermann</i> (em benefício da bailarina E. Bellini, 28 de janeiro); <i>Tyrolienne</i> (23 de outubro); <i>Vergiss-mein-nicht</i> ou a <i>Flor encantada</i> (15 de dezembro); todas de Mazilier</p> <p>S. Carlos recebe dois bailes de máscaras (12 de fevereiro e 30 de março)</p> <p>2 de outubro – Alvará de aprovação dos Estatutos da Sociedade Promotora de Belas-Artes</p>
<p>1862</p>		<p>Primeira exposição da Sociedade Promotora de Belas-Artes</p> <p>S. Carlos contrata o coreógrafo e bailarino Adrien Gradelue e as bailarinas Emília Carmine e Morlachi. Apresentam-se as danças: <i>Bailados das faixas</i>, de Mazilier (10 de janeiro); <i>Scintelha</i>, de Mazilier (15 de fevereiro); <i>Festa na aldeia</i>, de Gradelue (8 de outubro); <i>Um baile</i>, de Gradelue (26 de outubro); <i>As abelhas</i>, de Saint-Léon (9 de novembro); <i>As flôres animadas</i>, de Saint-Léon (17 de dezembro)</p>

		4 de Março – Baile de máscaras no S. Carlos
1863	Napoleão III autoriza o Salon des Refusés	S. Carlos mantém Gradelue e contrata a bailarina Dorina Mérante. Apresentam-se as danças: <i>Um sonho ou o país dos impossíveis</i> (10 de fevereiro); <i>Rainha das ilhas</i> (7 de março); <i>Graciosa</i> (6 de outubro); <i>Passo das ninfas</i> (4 de novembro); <i>Diavoletta</i> (15 de novembro); todas de Gradelue 17 de fevereiro – Baile de máscaras no S. Carlos
1864		S. Carlos contrata o corógrafo e bailarino Fissi; o mímico H. Monet; as bailarinas Adelina de Antoni, Fioralice Franzago, Eugénia Dumilatre, Lamarra e Adelia Paglieri (mímica). Apresentam-se as danças: <i>Mundo dos impossíveis</i> , de Gradelue (2 de fevereiro); <i>Recreios do harém</i> , de Gradelue (18 de fevereiro); <i>Lucifer</i> (4 de novembro); <i>Novo divertissement</i> (25 de novembro) 9 de março – baile de máscaras no S. Carlos
1865		S. Carlos escritura o coreógrafo e bailarino Fissi e as bailarinas Lamarre, Everard, Moreno, Cesare, Ardizzoni, Guerrero, Hortense, Perezzi e Amelia. Apresentam-se as danças: <i>Um divertissement</i> (15 de outubro); <i>Um novo divertissement</i> (19 de novembro); ambos de Fissi S. Carlos recebe oito bailes de máscaras organizados pelos empresários Guilherme Cossoul, Campos Valdez, Guilherme Ghira e Bento da França (18,19, 21, 23, 25, 26, 27 e 28 de fevereiro) 7 de fevereiro – O rei D. Luís oferece um baile no palácio da Ajuda
1866		S. Carlos escritura o coreógrafo Magri; o bailarino Marmet; as bailarinas Marina Mora, Fanny Mora, Cappon, Everard Guerrero. Apresentam-se as danças: <i>Ginn</i> , música de José Veiga (2 de março); <i>Um sonho de vizir</i> , de Magri (23 de outubro); <i>Um divertissement</i> , de Magri (24 de dezembro) S. Carlos recebe três bailes de máscaras (3, 10 e 12 de fevereiro) 22 de setembro – O Salitre apresenta uma companhia de baile espanhol
1867		S. Carlos escritura o coreógrafo e bailarino Eurico Dervinne e as bailarinas Enrichetta Dor, Malfaing, Romilda, Moreno, E. Cesar e Amelia. Apresentam-se as danças: <i>Baccho e Ariadne</i> , de Magri (27 de fevereiro); <i>Um divertissement</i> , de Dervinne (11 de outubro); <i>As ninfas</i> , de Dervinne (4 de novembro) S. Carlos recebe quatro bailes de máscaras (2, 3, 4 e 5 de março) 10 de outubro – Na noite de inauguração do monumento a Luís de Camões, o rei D. Luís ofereceu um baile campestre nos jardins do Palácio

		de Belém, para cerca de 200 convidados
1868		<p>Escola de Dança do Conservatório Nacional instituiu que, sendo as aulas de dança dadas por uma professora, apenas se admitiriam alunas (disposição revogada em 1949)</p> <p>S. Carlos mantém o coreógrafo e bailarino E. Dervinne e escritura as bailarinas E. Pinchiarra, Eugenia Iccardi, Moreno, Romilda, Emilia Cesar, Malvina Danesi (mímica). Apresentam-se as danças: <i>A cigana</i>, de Dervinne (8 de janeiro); <i>Divertissement carnavalesco</i>, de Dervinne (21 de fevereiro); <i>Guerreira</i>, de Dervinne (9 de outubro); <i>Vivandeira</i> (31 de outubro)</p> <p>S. Carlos recebe dois bailes de máscaras (24 e 25 de fevereiro)</p>
1869		<p>Encerramento da Escola de Dança do Conservatório Nacional, com uma média de 14 alunos por ano</p> <p>S. Carlos contrata o coreógrafo Luigi Danesi; o bailarino Barachi; e as bailarinas E. Pinchiarra, Eugenia Iccardi; Moreno, Romilda, Emilia Cesar, Malvina Danesi (mímica). Apresentam-se as danças: <i>Gretchen</i>, de Danesi (17 de novembro); <i>Novo divertissement</i> (12 de dezembro)</p> <p>S. Carlos recebe dois bailes de máscaras (8 e 9 de fevereiro)</p>
1870	Arthur Saint-Léon apresenta <i>Coppélia</i> em Paris pela primeira vez	<p>No S. Carlos, apresentam-se as danças: <i>Zefferinnetto</i> (27 de fevereiro); <i>Fada Nix</i>, de Danesi (15 de março)</p> <p>S. Carlos recebe dois bailes de máscaras (28 de fevereiro e 1 de março)</p> <p>3 e 28 de fevereiro – O rei D. Luís oferece um baile no palácio da Ajuda</p> <p>5 de abril – Estreia-se no S. Carlos uma companhia vienense dirigida pela bailarina Katti-Laner, com G. P. Hansen como diretor coreográfico e com as bailarinas Berta Linda, Annais Millard, entre outras 24; o coreógrafo e mímico Alberti Geraldini e os bailarinos Francesco Venuto, António Barbary e J. B. Ruby (mímico). Dançaram <i>Gisella</i>, música de Adam (5 de abril e 29 de novembro); <i>Sitala</i> (9 de abril); <i>Esmeralda</i> (16 de abril); <i>Hirka</i>, de Katti-Laner (23 de abril); <i>Rosa de Sevilha</i> (30 de abril); <i>Uriella</i> (7 de maio); <i>Roberto e Bertsam</i> (1 de junho); <i>Delírio de um pintor</i> (3 de junho); <i>Carnaval de Veneza</i> e <i>Luizella</i> (4 de junho); <i>Vivandeira</i> (12 de novembro); <i>O sonho de um pescador</i>, de Geraldini (16 de dezembro)</p>
1871		<p>Companhia vienense de Katti-Laner apresenta no S. Carlos: <i>Hirka</i>, de Katti-Laner (13 de janeiro); <i>Sitala</i> (8 de fevereiro); <i>Les debardeurs devant le tribunal</i>, baile carnavalesco (17 de fevereiro); <i>As borboletas</i> (14 de março)</p>

		<p>S. Carlos escritura o coreógrafo Giovanni Garbagnati; as bailarinas Emília Pinchiarra, Giovanina Broggio, Annetta Barris, Paulina Zamperoni e 24 segundas bailarinas; os bailarinos Achille Barrachi, António Barbary e Carlos Rivera; o mímico J. B. Ruby. Apresenta-se a dança <i>Devadacy</i>, de Garbagnati (22 de novembro)</p> <p>21 de fevereiro – Baile de máscaras no S. Carlos</p>
1872		<p>No S. Carlos apresentam-se as danças: <i>A dançarina</i> e <i>O Carnaval em Roma</i> (7 de fevereiro); <i>Sonho de Venus</i> (16 de março); <i>Fiorina</i> (17 de novembro) e <i>Um divertissement</i> (4 de dezembro), ambas de Garbagnati</p> <p>12 de fevereiro – D. Luís I e D. Maria Pia oferecem um baile infantil no paço da Ajuda</p>
1873		<p>S. Carlos contrata o coreógrafo e bailarino Alessandro Rossi Brighenti e as bailarinas Celestina Ratti, Mariana della Croce e 22 bailarinas. Apresentam-se as danças: <i>Dança carnavalesca</i> (23 de fevereiro); <i>Clyrtia</i>, de Garbagnati (1 de março); <i>Um divertissement</i>, de Brighenti (25 de novembro)</p> <p>25 de fevereiro – Baile de máscaras no S. Carlos</p>
1874		<p>S. Carlos mantém o bailarino e coreógrafo Brighenti e contrata as bailarinas Emília e Guiseppina Pinchiarra e 22 segundas bailarinas. Apresentam-se as danças: <i>Monsieur Lépit</i> (28 de janeiro); <i>Um divertissement</i> (20 de novembro); <i>La fête de marins</i> (8 de abril); dois <i>divertissement</i> (1 e 18 de dezembro); todos de Brighenti</p> <p>17 de fevereiro – Baile de máscaras no S. Carlos</p>
1876	Richard Wagner inaugura o seu teatro em Bayreuth	<p>Encerramento do Casino Lisbonense</p> <p>S. Carlos contrata o coreógrafo e bailarino Cesare Coppini e a bailarina Elvira Simone. Apresentam-se as danças: <i>A botica das aldeias</i>, de Brighenti (26 de fevereiro); <i>divertissement</i> (24 de novembro)</p> <p>16 de fevereiro – O rei D. Luís oferece um baile no palácio da Ajuda</p> <p>29 de fevereiro – Baile de máscaras no S. Carlos</p>
1877		<p>S. Carlos mantém Coppini, Simone; conta ainda com Giovanna Mazeri e 22 segundas bailarinas. Apresentam-se as danças: <i>Les folies</i> (6 de fevereiro); <i>Um divertissement</i>, de Coppini (31 de outubro); <i>As odaliscas</i>, de Coppini (30 de novembro)</p>
1878	Eadweard Muybridge fotografa cavalos em movimento	<p>S. Carlos contrata a bailarina Margherita Battu. Apresentam-se as danças: <i>O génio das flores</i>, de Coppini (18 de março); <i>Uma festa de Napoles</i> (3 de novembro); <i>As bacchantes</i> (14 de dezembro)</p> <p>S. Carlos recebe quatro bailes de máscaras (2, 3, 4 e 5 de março), organizados pela empresa Pacini &</p>

		Cia.
1879		S. Carlos contrata novamente como corógrafo e bailarino A.R. Brighenti; as bailarinas Adele Beserti e Joisefa Pujol e 31 segundas bailarinas. Apresentam-se as danças: <i>Novo divertissement</i> (1 de março); <i>Um divertissement</i> , de Brighenti (20 de novembro); <i>Uma festa popular</i> , também de Brighenti (21 de novembro)
1880		S. Carlos contrata o coreógrafo e bailarino Casatti e as bailarinas Casatti-Cossio e Agostini. Apresentam-se as danças: <i>Borboleta</i> (13 de outubro); <i>O Harem</i> (11 de dezembro) S. Carlos recebe três bailes de máscaras (7, 8 e 10 de fevereiro)
1881	Abertura do cabaret <i>Le Chat Noir</i> (Paris), onde vários artistas fazem atuações artísticas combinando vários media	S. Carlos mantém os Casatti contrata a bailarina Righanti. Apresentam-se as danças: <i>Ormude</i> (24 de março); <i>Divertissement</i> , de Casatti (3 de novembro) 1 de março – Baile de máscaras no S. Carlos
1882	Adolphe Appia assiste em Bayreuth à representação de <i>Parsifal</i> , de Wagner	Apresentam-se as danças: <i>Aventuras de uma dançarina</i> (12 de fevereiro); <i>A selvagem</i> (9 de março); <i>Divertissement</i> (25 de outubro); <i>Spiritella</i> , música de Pontecchi e Bonafous (13 de dezembro); todas de Casatti
1883		S. Carlos conta com Catarina Casatti, Torri, Pagliera; Concha, Carmen, Christina, Lopez, J. Menendez, Giovanni Menendez, Pelópez, Averino, Soledad e Pepa S. Carlos recebe quatro bailes de máscaras (3, 4, 5 e 6 de fevereiro) e dois bailes infantis (4 e 6 de fevereiro, <i>matinéés</i>)
1884		Em S. Carlos apresentam-se as danças <i>Hedwig</i> , de E. Casatti (2 de janeiro); <i>Os dois barbeiros</i> , bailado carnavalesco de Casatti, com coros de Bonafous (20 de fevereiro); <i>Astrea</i> (1 de março); <i>Um novo divertissement</i> (14 de março); <i>Passo a nove</i> , de G. Baetta (3 de novembro); <i>Divertissement</i> (15 de novembro) S. Carlos recebe três bailes de máscaras (24, 25 e 26 de fevereiro) Maio – S. Carlos recebe uma companhia francesa de grande ópera e ópera cómica com as primeiras bailarinas Valain, Caravelli e Violet
1885		S. Carlos reconduz o bailarino e corógrafo Eugénio Casatti; as bailarinas Catarina Casatti e Anita Grassi e escritura Guiseppina Baetta e Agostini. Apresenta as danças: <i>Favonio</i> (1 de janeiro); <i>O naufrago</i> (24 de janeiro); o bailado da ópera <i>Rei Lahore</i> (31 de janeiro); <i>Feira de Entrudo</i> , dança carnavalesca (5 de março); bailado da cantata <i>Les Orientales</i> , de Alfredo Keil

		S. Carlos recebe três bailes de máscaras (15, 16 e 17 de fevereiro)
1886	Adolphe Appia assiste em Bayreuth à representação de <i>Tristão e Isolda</i> , de Wagner	S. Carlos recebe dois bailes de máscaras (20 e 22 de fevereiro) em que dança o corpo de baile do teatro e cantam os coros 17 de maio – S. Carlos apresenta-se a dança: <i>Genio della fama e genio del amore</i> , de Casatti
1887	Publicação de <i>Grammar of the Art of Dancing</i> , de Albert Zorn	S. Carlos tem como coreógrafo e bailarino Conti e como nova primeira balarina Franchi. A 4 de novembro apresenta-se um <i>divertissement</i>
1888	Adolphe Appia assiste em Bayreuth à representação de <i>Os Mestres Cantores de Nuremberga</i> , de Wagner	S. Carlos conta com as bailarinas Valentina Tellor, Maria Galvani, Scorlini, Ricci e com o coreógrafo Mazilier. A 28 de janeiro apresenta-se um <i>divertissement</i> 14 de Fevereiro – Baile de máscaras no S. Carlos
1889		5 de março – Baile de máscaras no S. Carlos
1890		Fundação do Grémio Artístico, composto por dissidentes da sociedade Promotora de Belas-Artes 15 de fevereiro – S. Carlos apresenta o Barbeiro de Sevilha em travesti 16 de fevereiro – Baile de Máscaras no S. Carlos, de Conti, com as bailarinas Righetti, Agostini, e o restante corpo de baile
1891	Adolphe Appia assiste em Bayreuth à representação de <i>Tannhäuser</i> , de Wagner, e retira-se para o castelo de Glérolle, junto ao lago Genebra, onde durante o inverno (1891-92) elabora o seu guião para o <i>Anel dos Nibelungos</i> Publicação do <i>Alphabet des Mouvements du Corps Humain</i> , de Vladimir Stepanoff, bailarino e professor do Teatro Maryinsky, de S. Petersburgo	7 de fevereiro – S. Carlos apresenta uma dança carnavalesca
1892	Criação do primeiro bailado de Loie Fuller, que passou a ser denominado <i>Dança Serpentina</i> e que lhe trouxe grande fama	14 de fevereiro – Baile de máscaras no S. Carlos, precedida pela ópera <i>Crispino e la Comare</i>
1894		6 de fevereiro – S. Carlos apresenta a ópera <i>Rigoletto</i> , de Verdi e o baile espanhol <i>Las gitanas de Sevilla</i> , de Guerrero, por Eulália Guerrero e corpo de baile, seguidos de um baile de máscaras. A sala foi ornamentada por Manini e Rafael Bordalo Pinheiro 25 de dezembro – S. Carlos apresenta <i>Gioconda</i> , récita em que o corpo de baile (após vários anos de decadência) é impedido pelo público de bisar, mantendo-se as bailarinas imóveis durante a interpretação da música
1895	<i>O Lago dos Cisnes</i> 13 de fevereiro – Louis e Auguste Lumière registam a	Primeira apresentação em Portugal de <i>Coppélia</i> , de Arthur Saint-Léon, por um grupo de bailarinos

	patente do cinematógrafo e fazem a sua primeira exibição pública. Datam deste ano filmagens de dança da sua autoria	italianos (incluindo Adelina Sozo, estrela do La Scala), no contexto de uma temporada de Zarzuela espanhola, no Coliseu de Lisboa 26 de fevereiro – S. Carlos apresenta o <i>Barbeiro de Sevilha</i> , em travesti, com sala ornamentada por Rafael Bordalo Pinheiro
1896	10 de dezembro – estreia de <i>Ubu Roi</i> , de Alfred Jarry, Theatre de l’Oeuvre, Paris	18 de fevereiro – S. Carlos apresenta a ópera <i>Rigoletto</i> , de Verdi, seguida de baile de máscaras em sala ornamentada por Rafael Bordalo Pinheiro Junho – Primeiro espetáculo público de cinema português, Lisboa 7 de julho – A 7 de julho, num espetáculo a que se dignara assistir o Infante D. Afonso, irmão do Rei D. Carlos. Mr. Rousby apresentava, pela primeira vez no Coliseu, “duas aplicações da photographia colorida”, chamando a atenção para o facto de “ser difícil imprimir 900 photographias todas no mesmo tom”. Uma delas era <i>A Dança Serpentina</i> ³ , um pasticho da dança que celebrou Loïe Fuller, que a criara anos antes no teatro e que Lisboa viu no palco do Teatro D Amélia. A outra era <i>Uma loja de cabeleireiro e engraxador em Washington</i> . ⁴
1897	<i>Un coup de dés jamais n’abolira le hasard</i> , de Stephane Mallarmé	1 de março – S. Carlos recebe um baile de “carácter particular”, não divulgado publicamente, com uma entrada de cinco mil réis pagos pelos cavalheiros, com direito a levar consigo gratuitamente até quatro damas 2 de março – S. Carlos apresenta a ópera <i>Pagliacci</i> , de Leoncavallo, o corpo de baile dançou um <i>divertissement</i> de Conti (incluindo a primeira bailarina Amalia Monroc); em seguida um baile de máscaras com ornamentação de Rafael Bordalo Pinheiro
1898	Fundação do Teatro de Arte de Moscovo	21 de fevereiro – S. Carlos apresenta a ópera cómica dos irmãos Ricci <i>Crispino e la Comare</i> , em travesti, seguida da canção <i>Funicolli-Funicolá</i> 22 de fevereiro – S. Carlos apresenta o programa da noite anterior, seguido de um baile de máscaras, ornamentado pelo cenógrafo Rovercalli, de Milão
1899	Isadora Duncan assiste a apresentações de Loïe Fuller em Paris Lançamento da revista <i>Mir Iskusstva [Mundo da Arte]</i> , fundada por Alexandre Benois, Léon Bakst e Sergei Diaghilev, que também organizam uma exposição em S. Petersburgo	14 de fevereiro – S. Carlos apresenta o <i>Barbeiro de Sevilha</i> , em travesti (exceto para o papel de D. Bartolo), depois Tetrzzini cantou a romança <i>El paletot</i> e em seguida deu-se o baile de máscaras, ornamentado pelo cenógrafo Rovercalli, de Milão
1900	Exposição Universal de Paris, para a qual Loïe Fuller prepara um pavilhão efémero na rue de Paris. Projeto de Henri Sauvage, decoração interior de Francis Jourdain, fachada e esculturas exteriores de Pierre Roche. Entre outras apresentações, foi aqui mostrado	27 de fevereiro – S. Carlos apresenta a zarzuela de Fernandez Caballero <i>El duo de l’Africana</i> , em travesti e em espanhol, com uma das cenas pintada por Eduardo Reis, representando a sala do S. Carlos; Bellincioni cantou a <i>Donna mobile</i> da ópera

⁴ Cf. RIBEIRO, 1978: 17-18

	<p>o trabalho de Sada Yacco e da sua companhia de teatro japoneses (a que Ruth Saint-Denis assistiu)</p> <p>Henry Oedenkoven e a sua companheira Ida Hofmann compram um monte em Ascona, conhecido como Monescia, e estabelecem a colónia cooperativa vegetariana Monte Verità</p>	<p><i>Rigoletto</i>, seguida de um <i>divertissement</i> em que dançaram as bailarinas Bordin e Pujol, e finalmente deu-se o baile de máscaras</p>
1901	<p>Artistas do grupo <i>Die Brill</i>, fundam o cabaret berlinense <i>Schall & Rauch</i>, usado por Max Reinhardt para produzir eventos teatrais</p>	<p>19 de fevereiro – S. Carlos apresenta o programa do ano anterior mas com o <i>divertissement A festa de aldeia</i>. Registaram-se distúrbios</p> <p>16 de março – Criação da Sociedade Nacional de Belas-Artes (SNBA), com sede na Rua Barata Salgueiro, Lisboa, resultante da fusão da Sociedade Promotora de Belas-Artes e do Grémio Artístico</p>
1902	<p>Meyerhold e Kocheverov fundam a companhia de teatro <i>Sociedade do Novo Drama</i>, composta por 16 atores e 11 atrizes</p> <p><i>Primeiro concerto experimental de perfume na América</i>, Carnegie Lyceum, Nova Iorque</p> <p><i>Le voyage dans la lune</i>, de Georges Méliès</p>	<p>11 de fevereiro – S. Carlos apresenta Bellincioni e Clorinda Pini Corsi cantando dois atos da ópera cómica de Donizetti <i>Figlia del regimento</i>, com fundo pintado por Rovercalli, retratando o palácio e a mata de Queluz. Registaram-se ainda mais distúrbios do que no ano anterior, protagonizados inclusivamente pelo rei D. Carlos, incitados pela notícia publicada na véspera, de que o governador civil (Dr. Pereira da Cunha) proibira qualquer manifestação carnavalesca durante o espetáculo, provocando o efeito contrário, até por parte dos artistas</p>
1903	<p>Fundação do <i>Salon D'Automne</i></p> <p>Isadora Duncan apresenta em Berlim a conferência <i>The Dance of the Future</i></p>	
1905	<p><i>Die Brücke</i> é fundado em Dresden</p> <p><i>Le Roi Bombance</i>, de F.T. Marinetti, é publicado no <i>Mercure de France</i>, Paris, e apresentado no Théâtre de l'Oeuvre, Paris, com encenação de Aurelien Lugné-Poë</p> <p><i>The Art of the Theatre</i>, de Edward Gordon Craig, que será publicado em alemão, inglês, holandês; e depois em francês, russo, japonês, húngaro e dinamarquês</p> <p>Isadora Duncan visita a Rússia pela primeira vez, apresentando o seu trabalho a pessoas como Michel Fokine</p> <p>29 de outubro – grupo de crianças da escola de Isadora Duncan apresentam-se no Theater des Westens, Berlim</p>	<p>Lançamento da revista <i>Arte</i>, Porto (publicada até 1912)</p>
1906	<p>Adolphe Appia conhece Emile Jacques-Dalcroze e frequenta as aulas de Suzanne Perrottet</p>	
1907	<p><i>Les Demoiselles d'Avignon</i>, de Picasso</p> <p>Isadora Duncan visita a Rússia pela segunda vez</p>	<p>Inauguração do <i>Animatographo do Rossio</i></p>
1908	<p>Monet destrói uma pintura sua no valor de 20 000 libras</p>	

<p>René e Jean Morax constroem, por sugestão de Appia, no recentemente inaugurado Théâtre de Jorat, um proscénio que penetra a plateia</p> <p><i>L'Oiseau bleu</i>, de Maurice Maeterlinck, Teatro de Arte de Moscovo</p> <p>Janeiro – Gordon Craig exhibe em Florença uma série de esboços de um cenário ou “instrumento” chamado “Cena”, que era infinitamente transformável e no qual o movimento dos vários elementos seria uma parte importante da performance</p> <p>Março – Início de <i>The Mask</i>, revista mensal da “arte do teatro”, dirigida por Gordon Craig e impressa apenas em inglês, embora fosse publicada em Florença e internacionalmente distribuída</p>	<p>8, 9 e 10 de junho – A bailarina austríaca Rita Sacchetto é a primeira bailarina a interpretar música clássica em Portugal, no Teatro D. Amélia</p>
<p>1909 <i>Revolverte</i>, de P. Lucine</p> <p><i>Aeroplane</i>, de P. Buzzi</p> <p><i>Primo Manifesto politico; Discorso ai Triestini e Mafarka il Futurista</i>, F.T. Marinetti</p> <p>Publicação de <i>Poupeés Electriques</i>, de F.T. Marinetti, pela Sansot, Paris. Peça em que um dos personagens inventa e manufatura pessoas mecânicas</p> <p><i>Les Sylphides, Cléopâtre e Danças Guerreiras do Príncipe Igor</i>, de Michel Fokine</p> <p>15 de janeiro – estreia de <i>Poupeés Electriques</i>, de F.T. Marinetti, no Teatro Regio, Turim</p> <p>20 de fevereiro – Publicação do <i>Manifesto Futurista</i> de Filippo Tommaso Marinetti no jornal <i>Le Figaro</i></p> <p>18 de maio – estreia da primeira digressão dos <i>Ballets Russes</i> de Serge Diaghilev, iniciada em Paris, no Teatro do Châtelet</p>	<p>1910 Primeira exibição de Anna Pavlova em Londres</p> <p><i>Schéhérazade</i> e <i>Le Carnaval</i>, de Michel Fokine</p> <p><i>Arte dell'avvenire</i> (Ginna, Corra)</p> <p><i>L'Incendiario</i> (A. Palazzeschi)</p> <p><i>L'uomo moltiplicato e il regno della macchina</i>, manifesto de Marinetti</p> <p>12 janeiro – primeira <i>Serata di poesia futurista</i>, Teatro Rossetti, Trieste. Programa: discurso de Marinetti, leitura do <i>Manifesto futurista</i> por Armando Mazza; <i>La regola del sole</i>, de Palazzeschi; fragmento do <i>Canto d'angoscia e di pianto</i>, de Lucini; <i>Desideri</i>, de Altomare; <i>La gioia</i>, de Cavacchioli; textos de Buzzi, De Mariae Govoni; e <i>Ode all'automobile</i>, de Marinetti</p> <p>11 de fevereiro – <i>Manifesto dei pittori futuristi</i> (Boccioni, Carrà, Russolo, Balla, Severini)</p> <p>15 de fevereiro – segunda <i>serata futurista</i>, teatro Lirico de Milão</p> <p>11 de abril – <i>Manifesto técnico della pittura futurista</i></p>

	(Boccioni, Carrà, Russolo, Balla, Severini) 11 de outubro – <i>Manifesto dei musicisti futuristi</i> (B. Pratella)	
1911	<p><i>Poesie elettriche</i> (C. Govoni)</p> <p><i>Manifesto dei drammaturghi futuristi; Uccidiamo il chiaro di luna; Distruzione</i>, F.T. Marinetti</p> <p><i>Il codicedi Perelà</i>, de A. Palazzeschi</p> <p><i>Die blaue Reiter</i> é fundado em Munique</p> <p><i>Le Spectre de La Rose, Narcisse e Sadko</i>, de Michel Fokine</p> <p>11 de março – <i>La musica futurista</i>, manifesto técnico de B. Pratella</p> <p>19 de abril, Montecarlo – <i>Le Spectre de la Rose</i>, bailado dos Ballets Russes, com libreto de Jean-Louis Vaudoyer baseado num poema de Théophile Gautier, coreografia de Michel Fokine, música de Carl Maria von Weber orquestrada por Hector Berlioz, cenário e figurinos de Léon Bakst e Vaslav Nijinsky e Tamara Karsavina como protagonistas</p> <p>11 de junho – <i>Contro la Spagna passatista</i>, artigo de F.T. Marinetti na publicação <i>Prometeo</i>, Madrid</p> <p>11 de outubro – <i>Tripoli italiana</i>, proclamação do panitalianismo por F.T. Marinetti</p>	<p>Reforma da estrutura e do ensino de Belas-Artes</p> <p>Inauguração do Museu de Arte Contemporânea (Lisboa) e do Museu Soares dos Reis (Porto)</p> <p>Fevereiro – Publicação da revista <i>A Sátira</i> (quatro fascículos publicados até junho de 1911)</p>
1912	<p>Pintores e poetas russos (como Maiakovski, Burliuk, Livshits, Larionov, Goncharova, Chklovski ou Klebnikov) começam a reunir-se em cafés e salas, rapidamente levando o futurismo russo para as ruas de S. Petersburgo, Moscovo, Kiev e Odessa. Fizeram uma digressão por 17 cidades russas, durante a qual se fizeram os filmes <i>Drama no Cabaret nº13</i> e <i>Eu Quero Ser Futurista</i></p> <p>Kandinsky publica <i>Do Espiritual na Arte</i></p> <p><i>The Fairground Booth</i>, ensaio de Vsevolod Meyerhold</p> <p>Marcel Duchamp inicia o seu <i>Grand Verre</i></p> <p>Conceção do <i>Ballet Triádico</i>, de Oskar Schlemmer, em colaboração com a dupla de Dança Albert Burger e Elsa Hötzel e o mestre artesão Carl Schlemmer</p> <p><i>L'après-midi d'un Faune</i>, coreografia de Vaslav Nijinsky e música de Claude Debussy</p> <p><i>Thamar</i>, de Michel Fokine</p> <p>Hilda Munnings entra para os Ballets Russes de Diaghilev com o nome de Lydia Sokolova</p> <p><i>Poeti futuristi</i>, recolha de poesia futurista; <i>Manifesto tecnico della letteratura futurista; Le monoplane du Pape; Battaglia, peso + odore</i>, por F.T. Marinetti</p> <p><i>La distruzione della quadratura</i>, manifesto de B. Pratella</p>	<p>Último número da revista <i>Arte</i>, Porto</p> <p>Almada Negreiros anuncia as peças teatrais <i>O Moinho</i> (tragédia em 1 ato) e <i>23, 2º andar</i> (drama em 3 atos, não realizados ou perdidos)</p> <p>Maio – primeira exposição do Grupo de Humoristas Portugueses</p>

	<p><i>Il canto dei motore</i>, recolha de poesia por L. Folgore</p> <p>Ruy Coelho compõe em Berlim <i>A Princesa dos Sapatos de Ferro</i></p> <p>14 de fevereiro – carta de Marinetti a Pratella, depois da leitura da <i>Distruzione della quadratura</i></p> <p>20 de março – <i>Manifesto della donna futurista</i>, de Valentine de Saint Point</p> <p>11 de abril – <i>La scultura futurista</i>, manifesto de Boccioni</p>	
<p>1913</p>	<p>Construção do Théâtre des Champs-Élysées</p> <p><i>Armory Show</i>, Nova Iorque</p> <p><i>Roda de Bicicleta</i>, primeiro <i>ready-made</i> de Marcel Duchamp</p> <p><i>Quadrado negro sobre fundo branco</i>, de Kazimir Malevich</p> <p>Real Ópera de Estocolmo contrata Michel Fokine como diretor de <i>ballet</i></p> <p>Gordon Craig funda em Florença uma escola de teatro (encerrada no ano seguinte)</p> <p>Rudolf von Laban abre uma extensão da sua escola (sediada em Munique) no Monte Verità (encerrada em 1918)</p> <p><i>Intonarumori</i>, de Luigi Russolo, apresentado no Teatro Stocci em Modena, como demonstração do seu manifesto <i>Arte do Ruído</i></p> <p><i>Sagração da Primavera</i>, coreografia de Vaslav Nijinsky e música de Igor Stravinsky</p> <p><i>Métachorie</i>, de Valentine de Saint-Point, com música de Debussy, Satie, Florent Schmitt e Francesco Balilla Pratella, sala Léon Poirier do Théâtre des Champs-Élysées. Obra dividida em quatro partes (poemas de amor, de atmosfera, panteístas e de guerra, lidos em cena pelo ator De Max)</p> <p><i>L'Aviatore Dro. Opera teatrale musicale</i>, de B. Pratella</p> <p><i>La Cromofonia</i> (com o subtítulo <i>A Cor do Som</i>), de Prampolini</p> <p><i>Le analogie plastiche del dinamismo; Le analogie plastiche</i>, manifestos de G. Severini</p> <p><i>La pittura di suoni rumori odori</i>, manifesto de C. Carrà</p> <p><i>Manifesto del teatro di varietà; Distruzione della sintassi; L'immaginazione senza fili e le parole in libertà</i>, manifesto de F.T. Marinetti (por vezes chamado <i>Caffè Concerto</i> manifesto), com data oficial</p>	<p>Reabertura da Escola de Dança do Conservatório Nacional, com direção de Encarnación Fernandez (até 1939)</p> <p>Almada Negreiros escreve <i>Rondel do Alentejo</i>, seu primeiro poema e também primeira alusão à dança (publicado em 1922); conhece Ruy Belo e prepara o seu primeiro projeto de bailado, <i>O Sonho da Rosa</i></p>

	<p>de 29 de setembro, publicado pela primeira vez em <i>Lacerba</i>, a 1 de outubro⁵</p> <p><i>Fotodinamismo futurista</i>, de A.G. Bragaglia</p> <p><i>Elogio della prostituzione</i>, de I. Tavolato</p> <p><i>La pittura dei suoni, rumori e odori</i>, manifesto de C. Carrà</p> <p>Outono – <i>Vladimir Maiakovsky</i> (de Maiakovsky) e <i>Vitória Sobre o Sol</i> (texto de Kruchenykh e música de Matyushin) são apresentados no Luna Park de S. Petersburgo</p> <p>11 de janeiro – <i>Manifesto futurista della lussuria</i>, de Valentine de Saint Point</p> <p>Fevereiro/março – <i>Le piège de Méduse</i>, comédia lírica em um ato, de Erik Satie. Em junho, o autor adicionou a música, um conjunto de sete pequenas danças originalmente compostas para piano. A primeira edição impressa do texto (1921) incluía três gravuras cubistas de Georges Braque. A partitura para piano foi publicada pela primeira vez em 1929</p> <p>21 de fevereiro – <i>Musica Futurista per Orchestra</i>, de Pratella, Teatro Costanzi, Roma</p> <p>9 de março – <i>Grande serata futurista</i>, teatro Costanzi, Roma, incluindo declamação da poesia de Buzzi, Palezsch e Folgore; discursos de Boccioni e Papini e a execução de <i>Inno alla vita</i>, de Pratella</p> <p>11 de março – <i>L'arte dei rumori</i>, carta-manifesto de L. Russolo (inspirada pela música de Pratella apresentada dois dias antes)</p> <p>2 de junho – Apresentação dos <i>intonarumori</i>, de Russolo, Teatro Stocchi, Modena</p> <p>11 de agosto – primeiro concerto com <i>intonarumori</i>, Casa Rossa (de Marinetti), Milão</p> <p>12 de dezembro – Manifestação no Teatro Verdi, em Florença, na qual Paini faz um discurso contra Florença</p>	
<p>1914</p>	<p>Início da I Guerra Mundial (até 1918)</p> <p>Ruth Saint-Denis e Ted Shawn fundam a sua companhia de dança</p> <p><i>Papillons</i>, de Michel Fokine</p> <p>Alexander Tairoff (pseudônimo de Alexander Kornbliet) funda o Moscow Kemerny Theater</p> <p>Marinetti visita a Rússia e faz palestras em Moscovo e S. Petersburgo</p> <p><i>Amore Pedestre</i>, filme de Marcel Fabre com sete minutos de duração, em que apenas se vêem os pés dos protagonistas</p> <p><i>Macchina Tipografica</i>, de Giacomo Balla,</p>	<p>Columbano assume a Direção do Museu Nacional de Arte Contemporânea</p>

⁵ As datas oficiais dos manifestos raramente coincidem com a data da sua primeira publicação. Repare-se que muitos deles são datados no 11º dia do mês porque Marinetti valorizava muito esse número.

apresentada em privado a Serge Diaghilev, em que 12 performers se movimentam mecanicamente enquanto produzem sons percussivos, imitando uma impressora

Discussione di Due Critici Sudanesi sul Futurismo, de Balla, com Balla, Cangiullo e Marinetti como performers, provavelmente na Galeria Sprovieri

Ponti sull'oceano, antologia de L. Folgore

Elettricità sessuale. Riduzione di Pupées électriques; Zang tumb tuum; e In quest'anno futurista, manifesto de F.T. Marinetti

Pesi misure e prezzi del genio artistico, manifesto sobre a renovação da crítica, de Settimelli e Corra

Il Controdolore, manifesto de Palazzeschi

Cavalcando il sole, recolha de poesia de E. Cavacchioli

Arlecchino, romance de A. Soffici

Janeiro – Valentine de Saint-Point publica no *Le Miroir* um texto acerca da sua obra *Métachorie*, do ano anterior

29 de março – estreia de *Piedigrotta* (a primeira noite de *declamação semântica e sinótica*, segundo Marinetti), na Galleria Permanente Futurista di Roma, dirigida por Giuseppe Sprovieri, baseada num poema de Francesco Cangiullo, incluindo um ciclorama pintado por Giacomo Balla, e uma “natureza morta” num dos cantos, representando “três filósofos Croceanos”. Nas paredes estavam penduradas pinturas de Boccioni, Carrà, Russolo, Balla e Severini. Luzes vermelhas envoltas em papel criavam a atmosfera lumínica. Foram utilizados instrumentos manufaturados, como a *Tofa* (instrumento de sopro feito a partir de um grande búzio), o *Scetavaisse* (“arco de violino” feito com um serrote com chocalhos e peças de lata penduradas), o *Putipu* (construído com uma pequena caixa de lata ou terracota coberta de pele) e o *Triccabbalacche* (uma espécie de lira com “cordas” de madeira)

13 de abril – Inauguração de uma exposição internacional na Galeria Sprovieri, com artistas da Rússia, Bélgica, Estados Unidos, Inglaterra e Itália, inclui uma apresentação futurista: foi construído um catafalco ao fundo da sala, e uma procissão fúnebre liderada por Balla, vestido de sacristão, seguido por Depero e Radiante, com as cabeças escondidas dentro de enormes tubos de papel preto com aberturas para olhos e nariz, carregando aos ombros o “corpo” de um crítico (cabeça modelada por Cangiullo, com braços de corda e mãos de papel, sobre um livro estragado) passadista. Enquanto Cangiullo tocava uma marcha fúnebre num piano desafinado, Balla batia com um pincel num chocalho de vaca e cantava nasaladamente uma melodia pesarosa (repetindo sons descritos como *nieet* ou *gniet*, algo semelhante à palavra russa para “não”) e a procissão avançava lentamente por entre os espetadores, até depor os

“corpos” no catafalco. Marinetti declamou uma oração final pelo falecido crítico. Para ocultar o “odor fétido” do “corpo” em decomposição, Marinetti acendeu um cigarro e pediu ao público para fazer o mesmo

21 de abril – Grande concerto futurista com os *intonarumori*, Teatro Dal Verme, Milão

28 de abril – Marinetti faz a segunda *declamação semântica e sinótica* na Doré Gallery, Londres, tendo repetido a atuação (provavelmente duas vezes). Recitou o seu *Zang-Tumb-Tumb*, descrevendo o cerco de Andrinopla durante a Guerra dos Balcãs e foi auxiliado pelo pintor inglês C.R.W. Nevinson. Rodeado de pinturas e esculturas. Incluindo a *assemblage* “Auto-retrato”, de Marinetti e “Flicflic Chapchap”, de Cangiullo e Marinetti (uma bailarina cujas pernas eram boquilhas e um cigarro como pescoço). Marinetti recitava andando entre o público e através de um “aparelho telefônico” dirigia a colaboração de Nevinson, nomeadamente na percussão de dois tambores

15 de junho – Grande concerto futurista no London Coliseum, incluindo uma atuação com os *intonarumori* de Russolo (*Risveglio di una Città e Convegno d’Aeroplani e d’Automobile*) e um ballet em que uma aldeã é fechada em casa pelos seus cruéis pais e um seu enamorado que salta pela janela

La fête de Juin – Genéva, grande espetáculo comemorativo da entrada de Genebra na Confederação Suíça, cujo primeiro ato foi encenado por Dalcroze, com cenário de Appia

6 de julho – Michel Fokine publica um Manifesto no *The Times*, advogando os seguintes cinco princípios (conforme o original): 1. *Not to form combinations of ready made and established dance-steps, but to create in each case a new form corresponding to the subject, the most expressive form possible for the representation of the period and the character of the nation represented-that is the first rule of the new ballet.* 2. *The second rule is that dancing and mimetic gesture have no meaning in a ballet unless they serve as an expression of its dramatic action, and they must not be used as a mere divertissement or entertainment, having no connection with the scheme of the whole ballet.* 3. *The third rule is that the new ballet admits the use of conventional gesture only where it is required by the style of the ballet, and in all other cases endeavors to replace gestures of the hands by mimetic of the whole body. Man can be and should be expressive from head to foot.* 4. *The fourth rule is the expressiveness of groups and of ensemble dancing. In the older ballet the dancers were ranged in groups only for the purpose of ornament, and the ballet-master was not concerned with the expression of any sentiment in groups of characters or in ensemble dances. The new ballet, on the other hand, in developing the principle of expressiveness, advances from the expressiveness of the face to the*

expressiveness of the whole body, and from the expressiveness of the individual body to the expressiveness of a group of bodies and the expressiveness of the combined dancing of the crowd.
5. *The fifth rule is the alliance of dancing with the other arts. The new ballet, refusing to be the slave either of music or of scenic decoration, and recognizing the alliance of the arts only on the condition of complete equality, allows perfect freedom both to the scenic artist and to the musician. In contradistinction to the older ballet it does not demand “ballet music” of the composer as an accompaniment to the dancing: it accepts music of every kind, provided only that it is good and expressive. It does not demand of the scenic artist that he should array the ballerinas in short skirts and pink slippers. It does not impose any specific “ballet” conditions on the composer or the decorative artist, but gives complete liberty to their creative powers.*

11 de julho – *L'architettura futurista*, manifesto de Sant'Elia

11 de setembro – *Il vestito antineutrale*, manifesto de G. Balla

20 de setembro – *Sintesi futurista della guerra*, manifesto de Marinetti, Boccioni, Carrà, Russolo e Piatti

1915 Marcel Duchamp instala-se em Nova Iorque, onde fica até 1918

Ruth Saint-Denis e Ted Shawn fundam a *Denishawn School of Dancing and Related Arts*, Los Angeles, California

Le Soleil de Nuit, de Léonide Massine

Le Basi e *Le Mani*, performances futuristas de Marinetti, em que apenas se apresentam os pés dos performers (assim como de diversas peças de mobiliário) e as mãos (respetivamente) realizando várias ações

Ballet Triádico, de Oskar Schlemmer, é apresentado parcialmente (e pela primeira vez)

Movimento político futurista, manifesto de Marinetti

Publicação de *Simultaneità*, peça sintética de Marinetti

Publicação de *Dalla Finestra*, peça de Arnaldo Ginna (Corradini) e Settimelli

Publicação de *Dissonanza, Verso la Conquista, Davanti all'Infinito* e *Atto Negativo* de Corra e Settimelli

Publicação de *Detonazione* e *Non c'è un Cane*, de Cangiullo

Sam Dunn è morto, romance sintético futurista de B. Corra

Esboço cenográfico para *Fuochi d'artificio*, de

Robert e Sonia Delaunay fixam-se em Portugal

Orpheu, revista publicada por Almada-Negreiros, Pessoa e Sá-Carneiro, financiada pelo pai deste último

A Cena do Ódio, poema-manifesto de Almada Negreiros

Manifesto Anti-Dantas, de Almada Negreiros

Por ocasião da visita do casal Delaunay a Lisboa, Almada Negreiros e Sonia Delaunay planeiam uma série de *ballets simultanéistes*, que não chegarão a ser concretizados

Almada Negreiros anuncia *Ballet Veronèse et Bleu*, dedicado a Sonia Delaunay

6 de abril – Estreia *O Sonho da Rosa*, bailado de Almada Negreiros, apresentado no Palácio da Rosa, dos condes de Castelo Melhor

Verão – Almada, Santa-Rita, Pacheco e Ruy Coelho convocam o público para um *Grande Congresso de Artistas e Escritores da Nova Geração, para protestar contra a modorra a que os velhos a obrigam*, a realizar na Cervejaria Jansen

	<p>Stravinsky, por G. Balla</p> <p>Janeiro e fevereiro – produção de <i>Notturmo</i>, de Francesco Pratella, pela companhia de Ettore Berti</p> <p>Janeiro – fevereiro – publicação de <i>Le Basi</i>, de Marinetti, no suplemento do <i>Gli Avvenimenti</i></p> <p>11 de janeiro (também datado a 18 de fevereiro) – <i>Manifesto del Teatro Sintetico</i>, de Marinetti, Settimelli e Corra</p> <p>Março – <i>Manifesto della scenografia futurista</i>, de E. Prampolini é publicado no La Balza</p> <p>Março – Rudolf von Laban abre a Schule der Bewegungskunst (Escola da Arte do Movimento), em Zurique</p> <p>11 de março – <i>Ricostruzione futurista dell’universo</i>, manifesto de Balla e Depero</p>	
<p>1916</p>	<p>Hugo Ball e Emmy Hennings abrem o <i>Cabaret Voltaire</i>, Zurique, com capacidade para 35-50 pessoas sentadas</p> <p>Mário de Sá-Carneiro suicida-se em Paris</p> <p><i>Vita Futurista</i>, filme realizado por Arnaldo Gina, para o qual Loie Fuller criou a <i>Dança do Esplendor Geométrico</i>, com bailarinos vestidos de papel de estanho (desaparecido). Inicialmente 990 metros de película, reduzidos a 800 pela censura</p> <p><i>Il Perfido Incanto</i>, filme de Anton Giulio Bragaglia, longa-metragem (1500 metros de película) com cerca de 75 minutos de duração</p> <p><i>Il Mio Cadavere</i>, filme de Bragaglia</p> <p><i>Thais</i>, filme de Bragaglia com cenários de Prampolini</p> <p>Início da publicação <i>Cronache d’Attualità</i> (até 1922), revista de Anton Giulio Bragaglia, que incluiu trabalhos de Schiele, Kokoschka, Klimt, Maeterlinck, Pirandello, Archipenko, Balla, Depero, Prampolini e Pratella</p> <p>Partes do <i>Ballet Triádico</i>, de Oskar Schlemmer, são apresentadas em Estugarda, no contexto de uma festa de caridade promovida pelo regimento a que pertencia</p> <p>Mary Wigman dança na Galeria Dada, simultaneamente recitando <i>Assim Falava Zaratustra</i>, de Nietzsche</p> <p><i>Sconcertazione doi Stati d’Animo</i>, de Balla. Quatro performers vestidos de diferentes formas estão em frente a um fundo branco. A performance é composta por quatro seções, separadas por pausas, em que os performers agem simultaneamente. Na primeira, cada um repete um único número em voz alta. Na segunda, cada um repete incessante o som de uma letra. Na terceira, cada um executa uma simples ação quotidiana e na última, exploram-se sons, emoções e atitudes representacionais</p>	<p>Mário de Sá-Carneiro suicida-se em Paris</p> <p>7 de março – Apresentação de <i>O Sonho da Princesa na Rosa</i>, com música de Ruy Coelho e <i>mise-en-scène</i> de Almada Negreiros, coreógrafo oficial dos bailes e festas dados pelos condes de Castelo Melhor, com interpretação de “gentis damas da Aristocracia de Portugal”. Conforme o programa, o argumento era: “<i>A Princesa vem entrando com as suas aias precedida de dois pagens que espalham pétalas de rosas pelos tapetes e queimam perfumes. A Princesa senta-se no divan e as aias ajudam-lhe a toilette. Depois de pronta, manda entrar a bailadeira. Entra a bailadeira com venias e reverências. Em seguida, começa a dança e todos tomam a cadencia da bailadeira. A Princesa ordena a bailadeira que lhe ensine a linda dança. E a Bailadeira dança com a Princesa. Depois com as aias e a seguir bailam os pagens. Ouve-se só uma harpa. De repente começam os sinos fóra e o cortejo, fechado pela Princesa, vai saindo lentamente. Fim.</i>”</p> <p>Inverno – Almada Negreiros prepara o argumento, cenário e figurinos do bailado <i>Lenda d’Ignez</i>, cuja leitura teve lugar no Palácio Anadia</p>

	<p>Depero cria figurinos transformáveis para <i>Mimismagia</i></p> <p><i>La nuova religione morale della velocità</i>, manifesto de Marinetti</p> <p><i>L'arte dei rumori</i>, carta manifesto de L. Russolo e B. Pratella</p> <p><i>La scienza futurista</i>, manifesto de Corra, Ginna, Chiti, Settimelli, Carli, Mara e Nannetti</p> <p><i>Marionette per Balli plastici</i>, cartaz de F. Depero</p> <p><i>Imbottigliature</i>, romance de P. Conti</p> <p>Publicação de <i>I Vasi Communicanti</i>, peça sintética, <i>Runio Clacla e I Ghiri</i>, de Marinetti</p> <p>11 de março – <i>La Declamazione Dinamica e Sinottica</i>, manifesto de Marinetti</p> <p>8 de julho – <i>Manifesto della Danza Futurista</i>, de Marinetti, é publicado no <i>L'Italia Futurista</i></p> <p>17 de agosto – morte de Boccioni, provocada por uma queda a cavalo</p> <p>1 de setembro – publicação do <i>Manifesto della cinematografia futurista</i></p> <p>16 de novembro – Depero assina contrato com Diaghilev para fazer o cenário e 35 figurinos para <i>O Canto do Rouxinol</i>, de Andersen, com música de Stravinsky, projeto que não chega a ser concretizado</p>	
1917	<p>Revolução russa</p> <p>Marcel Duchamp apresenta a sua <i>Fonte</i> no Salão dos Independentes de Nova Iorque, sob o pseudónimo de Richard Mutt</p> <p>Inauguração da Galeria Dada, Zurique, em que Sophie Taeuber-Arp interpreta corporalmente alguns poemas de Hugo Ball vestindo uma máscara xamanista de Marcel Janco</p> <p>Prampolini cria a revista <i>Noi</i>, da qual será diretor entre 1923 e 1925, ano da sua extinção. Teve como colaboradores, entre outros, Arp, Archipenko, Bragaglia, Birot, Casavola, Cendrars, De Pisis, Evola, Folgore, Gris, Léger, Marinetti, Meyerhold, Orazi, Reverdy e Stravinsky. Neste mesmo ano, o seu estúdio na via Tanaro 89, em Roma, é visitado por Picasso, Stravinsky, Cocteau, Diaghilev e Bakst</p> <p>Gilbert Clavel assiste aos Ballets Russes de Diaghilev e decide pertencer ao mundo da arte. É neste mesmo ano que conhece Depero</p> <p>Sophie Taeuber-Arp dança com um figurino de Hans Arp numa festa em casa de Mary Wigman</p> <p><i>Negresses</i>, coreografia de Hugo Ball dançada por cinco bailarinas de Rudolf von Laban com máscaras</p>	<p>14 de abril, 17 horas (data oficial da inauguração do Futurismo português) – Conferência no Teatro República, Almada Negreiros lê o seu <i>Ultimatum futurista às gerações portuguesas do século XX</i>, envergando um fato-macaco azul; lê o <i>Manifesto Futurista da Luxúria</i>, de Valentine de Saint-Point e textos de Marinetti como <i>Music Hall et Tuons le Clair de Lune</i>. O jornal <i>A Capital</i> publica no dia seguinte uma notícia onde refere a exibição em cena de processos de pintura futurista.⁶</p> <p>Novembro – publicação de <i>Portugal Futurista</i>, publicado por Pessoa, Almada-Negreiros e Santa Rita, incluindo um panfleto de saudação aos Bailados Russos, assinado por Almada, Ruy Coelho e José Pacheco (único texto coletivo do futurismo português, embora Almada tenha afirmado tê-lo redigido integralmente). Almada publica ainda uma série de desenhos sobre os Ballets Russes em <i>Atlântida</i> (15 de dezembro)</p> <p>2 de dezembro – Ballets Russes desamparam na Estação do Rossio (sendo, segundo Sarah Affonso, recebidos por Almada Negreiros e José Pacheco) e hospedam-se no Avenida Palace Hotel</p> <p>5 de dezembro – À tarde, Diaghilev, Grigoriev e Massine dirigem-se ao Coliseu mas são forçados a</p>

⁶ Cf. FERREIRA, José Mendes (1979). *Antologia do Futurismo Italiano – Manifestos e Poemas*. Lisboa: Veja, pp. 36-37.

<p>de Marcel Janco, na Galérie Dada</p> <p><i>Parade</i>, Ballets Russes, com música de Satie, libreto de Cocteau, coreografia de Massine e figurinos de Picasso</p> <p><i>The Dervish</i>, solo de Mary Wigman criado para o programa <i>Ecstatic Dances</i>, apresentado na Laban School de Zurique</p> <p>Estreia de <i>Radioscopia</i>, de Petrolini e Cangiullo, Nápoles (com Benito Mussolini no público), em que os performers atuam entre o público</p> <p><i>La vitta dell'uomo</i>, de Andreiev, Teatro Argentina, Roma, com cenário e figurinos de Prampolini</p> <p><i>Imbottigliature</i>, romance de P. Contila</p> <p><i>Sam Dunn è morto</i>, romance sintético de B. Corra</p> <p>28 de janeiro – Estreia do filme <i>Vita Futurista</i>, no Teatro Niccolini, Florença, conjuntamente com quatro <i>sintesi</i> de Settimelli e Corra e declamação de textos futuristas pr Settimelli e Chiti</p> <p>12 de abril – <i>Feu d'artifice</i>, performance de Giacomo Balla com música homónima de Igor Stravinsky, Teatro Costanzi, Roma. Com cenário tridimensional e 49 mudanças de luz, dispensando por completo a presença de bailarinos; aproximadamente quatro minutos de duração</p> <p>21 de junho – <i>Sonnentanz</i>, de Rudolf von Laban, no Monte Verità, durando do cair ao nascer do dia</p> <p>8 de julho – <i>Danza Futurista</i>, manifesto de Marinetti publicado no <i>L'Italia Futurista</i></p> <p>Agosto – O grupo de dança de Laban participa no <i>Congresso Ordo Templi Orienti</i> de Ascona</p>	<p>regressar ao hotel (debaixo de fogo) por causa da revolução Sidonista, adiando vários dias a estreia dos Ballets Russes, prevista para o dia seguinte</p> <p>13 de dezembro – <i>Ballets Russes</i> de Serge Diaghilev apresentam-se pela primeira vez em Portugal, no Coliseu dos Recreios, Lisboa, estreando um programa de oito noites de apresentação. Na estreia, foram apenas apresentadas obras de Fokine: <i>Les Sylphides</i>, com Lopokova, Tchernicheva e Gavrilov; <i>Schéhérazade</i>, figurino de Bakst e com Tchernicheva, Nicolas Svarev e Enrico Cecchetti como <i>Grande Eunuco</i>; <i>Le Spectre de La Rose</i>, com Lopokova e Gavrilov e <i>Danças Guerreiras do Príncipe Igor</i>, com Zverev como chefe dos guerreiros</p> <p>15 de dezembro – Ballets Russes apresentam no Coliseu um programa composto por obras aqui apresentadas previamente, e ainda <i>Le Soleil de Nuit</i>, de e com Massine (único bailado por ele dançado no Coliseu), cenário e figurino de Larionov; e <i>Le Carnaval</i>, de Fokine, figurino de Bakst, com Lopokova</p> <p>17 de dezembro – Ballets Russes apresentam no Coliseu um programa composto por obras aqui apresentadas previamente, e ainda <i>Thamar</i></p> <p>20 de dezembro – Ballets Russes apresentam no Coliseu um programa composto por obras aqui apresentadas previamente, e ainda <i>Papillons</i>, de Fokine</p> <p>22 de dezembro – Ballets Russes apresentam no Coliseu um programa composto por obras aqui apresentadas previamente, e ainda <i>Sadko</i></p> <p>24 de dezembro – Ballets Russes apresentam no Coliseu um programa composto por obras aqui apresentadas previamente, e ainda <i>Cléopâtre</i></p> <p>25 e 27 de dezembro – Ballets Russes apresentam no Coliseu um programa apenas composto por obras aqui apresentadas anteriormente</p>
<p>1918 Prampolini e o crítico M. Recchi fundam em Roma a <i>Casa d'arte italiana</i></p> <p><i>Manifesto Dadaísta</i>, de Tristan Tzara</p> <p><i>Manifesto del partito futurista italiano</i>, F.T. Marinetti</p> <p>Anton Giulio Bragaglia abre a <i>Casa d'Arte Bragaglia</i>, galleria de arte onde se exibiram obras de Balla, Depero, De Chirico, Boccioni, Klimt e Kandinsky, entre outros</p> <p>Encerramento da escola de Rudolf von Laban no Monte Verità</p> <p><i>Arlecchino</i>, romance de A. Soffici</p> <p><i>Tu m'</i>, última pintura de Marcel Duchamp</p> <p>Marcel Duchamp envia a partir de Buenos Aires uma carta à sua irmã Suzanne (instalada em Paris), com</p>	<p>Morte de Santa-Rita Pintor</p> <p>Curso de Bailarinas do Conservatório Nacional de Música de Lisboa tem 8 alunas inscritas</p> <p>2 e 3 de janeiro – Ballets Russes apresentam-se pela segunda e última vez em Portugal, no Teatro S. Carlos, em Lisboa, numa iniciativa organizada pelo conde de Mafra, D. Thomaz de Mello Breyner, em favor das <i>madrinhas de guerra</i>, instituição presidida pela sua mulher, mãe de Maria da Conceição de Mello Breyner (a Tatão), que participaria em bailados de Almada. O programa destas duas noites compreendeu <i>Cléopâtre</i>, <i>Le Carnaval</i>, <i>Le Soleil de Nuit</i>, <i>Narcisse</i>, <i>Le Festin</i>, <i>Gopak</i>, <i>Pavane</i> e <i>Danse des Bouffons</i> e <i>Les Femmes de Bonne Humeur</i>, de Massine, cenário e figurino de Bakst, com Massine, Lopokova, Tchernicheva e Cecchetti</p>

instruções para que pendure um livro de geometria na varanda

Seis Personagens à Procura de Um Autor, de Luigi Pirandello

5 de abril – estreia de *Balletti plastici* (Ballets plásticos), de Fortunato Depero e Gilbert Clavel, Teatro dei Piccoli (Palazzo Odescalchi), Roma. Constituído por cinco peças protagonizadas por marionetas de madeira: *Pagliacci* (música de Alfred Casella, simultaneamente diretor musical); *L'uomo dai Baffi* (música de Gérald Tyrwhittk); *L'orso azzurro* (música de Chemenov, pseudónimo de Bela Bartok); *Ombre e I Selvaggi* (música de Francesco Malipiero). Com a partida de Depero, é neste mesmo ano que termina a colaboração entre os dois autores

28 de março – Depois de cerca de três meses de inatividade da companhia e de diversas diligências de Diaghilev em Espanha para encontrar trabalho, os Ballets Russes abandonam Lisboa, para nunca mais voltar

11 de abril – *Festa de Caridade a Favor das Madrinhas de Guerra*, promovida por Helena Castelo Melhor e totalmente concebida por Almada Negreiros, compreendendo dois bailados, ambos com música e libreto de Ruy Coelho. O primeiro e mais longo, intitulado *Bailado do Encantamento* (dois atos, o primeiro com onze cenas com coreografia e *mise-en-scène* de Almada e o segundo, de sete cenas e *mise-en-scène* de Lois Symonoff, com o concurso de David Bromberg), contou com cenário e figurino de Raul Lino, argumento baseado num poema de Martinho Nobre de Melo, e o desempenho de diversos nomes sonantes da aristocracia lisboeta (Helena Castelo melhor como *Rainha*, Emília Castelo Melhor como *Fada do Mau Presságio*, Maria da Luz Mello Breyner como *Branca Assucena*, Maria da Conceição Mello Breyner como *Princesinha Eulália*, Henrique Gonçalo Mello Breyner como *Poeta* e *Mademoiselle* Margarida Street Caupers como *Luar*, *Perfume* e *Dança Profana*) acompanhados por alguns intelectuais, como Cottinelli Telmo ou Luís Reis Santos (que adotou Luis Turcifal como nome artístico), ambos desempenhando os *Bobos*. O segundo bailado, *A Princesa dos Sapatos de Ferro* teve cenários de José Pacheco e coreografia, figurinos e *mise-en-scène* de Almada, que desempenhou os papéis de *Bruxa* e *Diabo*, sendo o único bailarino adulto; Maria da Conceição Mello Breyner (Tatão) foi a *Princesa* e quatro outras meninas os Diabinhos. A música (onze minutos de duração) tinha sido composta por Ruy Coelho em Berlim, em 1912

Junho – *O Jardim da Pierrette* é apresentado no Teatro da Trindade, antecedendo a peça de teatro também amador *Michette et sa Mère*. Argumento de Madalena Amado; figurino, coreografia e cenário de Almada Negreiros, música de Grieg e Chopin. Os personagens foram interpretados por cinco meninas: Maria Adelaide Soares Cardoso foi *Pierrot*, Maria Teresa Moraes Amado foi o *Poeta*, Maria Madalena Moraes Amado foi a *Pierrette*, Maria José Soares Cardoso foi *Arlequim* e Maria da Conceição de Mello Breyner foi a *Arlequina*

Verão – *O Sonho do Estatuário*, bailado dirigido por Almada Negreiros na Quinta das Laranjeiras, com João Carlos Reis e Maria da Conceição de Mello Breyner

1919

Abertura da Bauhaus, Weimar, Alemanha, dirigida por Walter Gropius, autor do *Manifesto da Bauhaus*, publicado neste ano

Marcel Duchamp regressa a Paris com a nuca

Reforma do Conservatório nacional (Viana da Mota e L. de Freitas Branco)

Almada Negreiros parte para Paris, passando por Biarritz, onde chega a ser dançarino de cabaré

<p>barbeada de maneira a desenhar uma estrela</p> <p>Jacques Vaché suicida-se com uma <i>overdose</i> de ópio, num evento planeado e rodeado por amigos</p> <p>Rudolf von Laban abandona Zurique e vai para a Alemanha</p> <p>Depero funda a <i>Casa de Arte Futurista</i>, em Rovereto, especializada na produção de brinquedos, tapeçarias e mobiliário futurista</p> <p><i>O Gabinete do Dr. Caligari</i>, de Robert Wiene</p> <p>Fortunato Depero publica <i>Teatro Plástico</i> no diário <i>Il Mondo</i>, e Gilbert Clavel um artigo com o mesmo título na revista <i>Valori plastici</i></p> <p><i>Mataoum et Tevibar</i>, de P. Albert-Birot, encenado e com figurinos de Prampolini para marionetas, Teatro Odescalchi, Roma</p> <p><i>Cenerentola</i>, de Cui, com cenário e figurinos de Prampolini, Teatro dei Piccoli, Roma</p> <p><i>Teatro aereo futurista</i>, manifesto de Azari</p> <p><i>Un ventre di donna</i>, romance de F.T. Marinetti e Enif Robert</p> <p><i>Democrazia futurista</i>, de F.T. Marinetti</p> <p>Março – Francesco Cangiullo publica <i>Luce!</i>, em que diversos performers dispersos pela plateia incitam o público a exigir a iluminação da sala. Quando o ruído atinge o apogeu, acendem-se as luzes e cai a cortina</p> <p>Abril – última apresentação Dada em Zurique, em que Suzanne Perrottet, colaboradora (e companheira) de Laban se apresenta perante uma plateia de 1500 pessoas</p>	<p>Ana Pavlova apresenta-se com a sua companhia no Teatro S. Carlos</p>
<p>1920</p> <p><i>Rotary Glass Plates (Precision Optics)</i>, de Marcel Duchamp e Man Ray</p> <p>Rudolf von Laban publica o seu primeiro livro <i>Die Welt des Tänzers</i> (O Mundo dos Bailarinos) e cria o Tanzbühne Laban em Estugarda, dirigido por si e Dussia Bereska, com participantes como Hertha Feist, Jens Keith, Albrecht Knust, Sylvia Bodner e Kurt Joos</p> <p>Mary Wigman abre a Escola Wigman em Dresden</p> <p>Fundação em Inglaterra da Association of Operatic Dance, embrião da Royal Academy of Dancing</p> <p>Sergei Radlov, aluno de Meyerhold, convida palhaços, acrobatas e malabaristas para o seu teatro <i>Comédia Popular</i>, para desenvolver trabalho de improvisação</p> <p><i>Le boeuf sur le toit</i>, de Darius Milhaud, ballet com os irmãos Fratellini (palhaços)</p> <p>Na galeria Barbazange, em Paris, é apresentada uma peça de Max Jacob, um concerto de <i>les Six</i> e músicas de Stravinsky, durante uma exposição de pinturas feitas por crianças. No intervalo foi apresentada a</p>	<p>Almada Negreiros regressa a Lisboa e apresenta-se no Maxim's dançando com a bailarina Lili</p> <p>27 de março – Almada Negreiros participa no “grande baile de caridade em S. Carlos”, organizado por Helena Castelo Melhor e intitulado <i>Bailado de Peles-Vermelhas</i></p>

introdução da *Musique d'Ameublement* de Satie, tocada por um trombone no balcão e um piano e três clarinetes, posicionados nos cantos da sala

Kinetic Construction, de Naum Gabo

Primi principi di un'estetica futurista, de A. Soffici

Teatro del colore, Teatro Argentina, Roma. Incluindo *Lo schiavo*, de Achille Ricciardi; *Chitra*, de Tagori; *L'après midi d'un faune*, de Mallarmé; *L'intrusa*, de Maeterlink; *Il velo della felicità*, de Clemenceau; *Bateau ivre*, de Rimbaud; *Rose di carta*, de Folgore; *Ditirambo III*, de D'Annunzio e *Noite d'ottobre*, de De Musset. Em todas as apresentações Prampolini é técnico de cena, cenógrafo e figurinista

Al di là del comunismo, F.T. Marinetti

Teatro Sintetico e Manifesto del mobilio futurista, de F. Cangiullo

Manifesto della moda femminile futurista, de Volt

Electric-Vibrating-Luminous manifesto, de Mauro Montalti

1 de fevereiro – Publicação de *Un Parto*, de Mario Scaparro, no *Roma Futurista*

25 de março – Jean Börlin apresenta-se a solo na Comédie des Champs-Élysées, Paris, com um programa composto por sete peças sem cenário (apenas um ciclorama neutro)

Abril – exposição de trabalhos de Arp, Baargeld e Ernst num pátio atrás de um café em Colónia, à qual só se podia aceder através de um urinol público. Na inauguração, uma jovem rapariga usando um vestido de comunhão recitou poesia obscena

19 de abril – inauguração do *Cabaret del Diavolo*, uma espécie de obra total configurada por Depero (mobiliário, decoração, iluminação)

25 de abril – Publicação de *La Pancia del Vaso*, de Cangiullo, *Roma Futurista*

4 de setembro – *L'Aviatore Dro*, de Pratella, Teatro Rossini, Lugo

25 de outubro – Ballets Suédois reabrem ao público (depois de uma apresentação no dia anterior para a imprensa, críticos e “personalidades”) o Théâtre des Champs-Élysées, construído em 1913 mas encerrado durante a I Grande Guerra

Novembro – Oskar Schlemmer aceita ser professor da Bauhaus e muda-se para Weimar

Dezembro 1920 a junho 1921 – Ballets Suédois em digressão por Inglaterra, Espanha e Bélgica

1921

Marinetti e Cangiullo inauguram o *teatro della Sorpresa*, representado pela companhia *Futurista*

Marinetti apresenta os seus primeiros painéis tácteis no palco do Théâtre de l'Oeuvre, em Paris. Os painéis

Início da publicação do *Diário de Lisboa* (até 1990) e do suplemento *Artes e Letras* do *Diário de Notícias*

António Ferro dirige a revista *Ilustração*

eram compostos por materiais com várias texturas, cujas qualidades seriam percebidas unicamente através do tacto, estando o público vendado ou temporariamente privado da visão através de outro método

Isadora Duncan é contratada pelos soviéticos para dançar na Rússia

Rudolf von Laban assume a direção de dança da encenação da ópera de Wagner *Tannhäuser*, pelo Teatro Nacional de Mannheim

Digressão brasileira de Ettore Petrolini, incluindo a apresentação de *Grigio+Rosso+Violetto+Arancione*, de Corra e Settimelli, no Antártica Teatro Casino do Rio de Janeiro e *Radioscopia*, de Petrolini e Cangiullo

L'homme et son désir, de Claudel e Milhaud; e *Skating Rink*, de Honegger, Léger e Canudo, pelos Ballets Suédois

Oskar Schlemmer e Paul Klee iniciam-se como tutores na Bauhaus (Schlemmer como *Mestre da Forma*), onde Lothar Schreyer cria a Oficina de Palco

Appia publica *L'Œuvre d'art vivant*

Assassínio, a Esperança das Mulheres (Mörder, Hoffnung der Frauen), de Oskar Kokoschka, com música de Paul Hindemith e *Das Nusch-Nuschi*, de Franz Blei, com colaboração (cenário, figurinos e coreografia) de Schlemmer; Landestheater de Estugarda

The New Fire, de C. Chavez, ballet (EUA)

Lys de la Vie, filme realizado por Loie Fuller

Tung Ci, de R. Vasari, obra teatral para o *Teatro del colore*, de Ricciardi

Enrico Prampolini concebe o cenário e os figurinos para as *synthesi* futuristas apresentadas no Teatro Svandovo, Praga (*Antineutralità* e *Vengono!*, de Marinetti; *Parallelipipedi*, de Paolo Buzzi; *Giallo+Rosso+Verde* e *Il pranzo di Sempronio* de Settimelli; *La garçonnière* e *L'uomo e la scienza*, de Boccioni

Lussuria-velocità, texto poético de F.T. Marinetti

Janeiro – *Manifesto del tattilismo*, F.T. Marinetti

Abril – Por sugestão de André Breton, são programadas uma série de “excursões e visitas” dadaístas, destinadas a encontrar o público na rua. Breton e Tzara atuaram no jardim da igreja de St. Julien-le-Pauvre e Ribemont-Dessaigues conduziram um percurso pontuado pela leitura aleatória de definições de dicionário

Maió – na inauguração de uma exposição de colagens de Max Ernst na Galerie Au Sans Pareil, um grupo de dadaístas calçando luvas brancas entram por entre o público. Benjamin Péret e Charchoune cumprimentavam-se repetidamente, apertando as

Portuguesa

2 de maio – Estreia de *O Condenado*, no Olympia, Lisboa. Filme de Mário Huguim, baseado numa peça de Afonso Gayo, produzido pela Empresa Lusa Filmes de Arte Portuguesa; direção artística de José Pacheko; maquetas, cenário e cartaz de Stuart Carvalhaes e participação de Almada Negreiros (sendo a sua única experiência como ator)

mãos; Aragon miava; Breton mastigava fósforos; Soupault e Tzara jogavam às escondidas; uma voz vinda de um armário gritava insultos; Ribemont-Dessaigues gritava “Está a chover numa caveira!” e Jacques Rigaut, na porta, contava em voz alta os carros que chegavam e as pérolas dos colares das senhoras

Teatro della Sorpresa, manifesto de Marinetti e Cangiullo, escrito a 9 e datado de 11 de outubro, publicado no ano seguinte

17, 27 e 28 de junho – concerto com orquestra e *intonarumori*, Théâtre des Champs Elysées, Paris

30 de setembro – estreia da companhia *Teatro della Sorpresa* (teatro Mercadante, Nápoles), dirigida por Rodolfo de Angelis, e que incluía ainda Cangiullo, Marinetti, quatro atrizes, dois bailarinos, uma criança, um acrobata e um cão. Seguiu-se uma digressão por Palermo, Roma, Florença, Génova, Turim e Milão. A companhia esteve ativa até 1923

1922 Semana da Arte Moderna, S. Paulo, Brasil

Anton Giulio Bragaglia abre o *Teatro Sperimentale degli Indipendenti*, que dirigiu até 1936, e onde apresentou produções de Jarry, Apollinaire, Strindberg; Chekov, Büchner, O’Neill, Brecht, Marinetti, Settimelli, Folgore e Carli. Neste mesmo ano fundou ainda a sua própria companhia de teatro, *Compagnia Spettacoli Bragaglia*

Prampolini visita Weimar, onde consolida a sua amizade com Van Doesburg e entra em contacto com o ambiente da Bauhaus, de Gropius a Kandinsky, Klee e Schlemmer. Participa neste mesmo ano na *Exposição internacional de arte teatral*, em Amsterdão, Londres, Liverpool e Manchester

Wassily Kandinsky integra a Bauhaus

Mestres da Bauhaus recusam aceitar o título de Professor

Em Berlim, *R.U.R.*, de Karel Capek, inclui um panorama de Frederick Kiesler em que pela primeira vez se usa filme numa circunstância performativa, assim como luzes de néon em movimento e jogos de reflexos com as imagens dos performers

Gli amori futuristi, F. T. Marinetti

Manifesto dell’arte meccanica, de Pannaggi, Paladini e Prampolini

Fotocolagem para *Ballo meccanico*, de I. Pannaggi

Tamburo di Fuoco, obra teatral de F.T. Marinetti

11 de janeiro – *Il Futurismo* publica *Teatro della sorpresa*, manifesto de Cangiullo e Marinetti

20 de janeiro – estreia de *Skating Rink*, pelos Ballets Suédois, no Théâtre des Champs-Élysées, coreografia de Jean Börlin, música de Arthur Honegger, libreto baseado no poema futurista de Ricciotto Canudo

Junho – Publicação (e ilustração) de *Rondel do Alentejo*, primeiro poema e também primeira alusão à dança de Almada Negreiros, no nº 2 da revista *Contemporânea*

Skating Ring at Tabarin/ballet-on-skates e cortinas, figurinos e cenário de Fernand Léger

Verão – Estreia de *Gabinete de Figuras I*, (constituída por figuras mecânicas bidimensionais) de Oskar Schlemmer, com execução técnica de Carl Schlemmer. Decorreu na Bauhaus durante uma das suas célebres festas, e incluiu o próprio Schlemmer representando um professor maluco, com figurino inspirado no filme expressionista de 1919, *O Gabinete do Dr. Caligari*

Junho – *Futurist Mechanical Ballet*, de Paladini e Pannaggi, Casa d'Arte Bragaglia, Roma

Agosto – *De Stijl* publica um artigo de Prampolini intitulado *L'estetica della macchina e l'introspezione meccanica nell'arte*

Setembro – *Conferência construtivista e dadaísta*, em Weimar, que juntou Lucia Moholy, Alfréd Kemény, László Moholy-Nagy, El Lissitsky, Lotte Burchartz, Cornelis van Eesteren, Bernhard Sturtzkopf, Max Burchartz, Harry Scheibe, Theo van Doesburg, Hans Vogel, Karl Peter Röhl, Alexa Röhl, Nelly van Doesburg, Tristan Tzara, Nini Smith, Hans Arp, Werner Graeff e Hans Richter, entre outros

30 de setembro – *Ballet Triádico*, de Schlemmer, estreia (versão completa) no Landestheater de Estugarda

Novembro – O grupo *Art et Action* apresenta um programa de *sintesi* num pequeno teatro experimental situado no sétimo andar de um prédio de apartamentos parisiense

1923 Início da construção da *Merzbau*, de Kurt Schwitters, na sua casa em Hannover

Lançamento da revista *Merz* (publicada até 1932), envolveu Kurt Schwitters, Hans Arp, El Lissitsky e Piet Mondrian, entre muitos outros

El Lissitsky visita a Bauhaus

Rudolf von Laban estabelece-se em Hamburgo onde funda com Dussia Bereska o Kammer-Tanzbühne (Dança Teatro de Câmara Laban) e a Zentral-Schule Laban (Escola Central Laban), dirigida por Albrecht Knust

Ninette de Valois entra para os Ballets Russes de Diaghilev

Exposição internacional de arte teatral, Nova Iorque e Boston, em que Prampolini participa

Seis Personagens à Procura de um Autor, encenação de Georges Pitoëff da peça de Luigi Pirandello (estreada no Teatro Valle de Roma a 9 de maio de 1921 pela companhia de Dario Niccodemi), apresentada na *Comédie des Champs Élysées*, com um interlúdio em que depois da descida do pano, ele era novamente subido cerca de um metro *deixando ver as pernas dos bailarinos que continuavam a girar*

Primeira Exposição de Fotografia da SNBA

Almada Negreiros anuncia a peça teatral em três atos *Os Outros* (não realizada e perdida)

no palco. Este intermédio foi coreografado por Balanchine e a inspiração talvez tenha sido colhida por Diaghilev numa das sínteses futuristas de Marinetti, *Le Basi de 1915*, encenada segundo o mesmo princípio.⁷

Aniccam del 3000, ballet de locomotivas escrito por Fortunato Depero

Tamburo di fuoco, de Marinetti, com cenário e figurinos de Prampolini, é apresentado em Praga. É aqui que Prampolini conhece Tairov, diretor do Teatro Kamerny, de Moscovo

La guerra, de Pratella e *Il dramma della camera 47*, de Sommi-Picenardi, Teatro degli Indipendenti, Roma, com cenário e figurinos de Prampolini

Glauco, de Morselli, com cenário e figurinos de Prampolini

La rinascita dello spirito, “baletto” de Prampolini, Teatro Nacional, Praga

Março – Moholy-Nagy é convidado por Gropius para integrar a Staatliche Bauhaus de Weimar, assumindo a oficina Johannes Itten e a oficina de metal de Paul Klee

Agosto – I Semana da Bauhaus, intitulada *Arte e Tecnologia: Uma Nova Unidade*, no Weimar Deutsches Nationaltheater. Incluiu o *Ballet Triádico*, de Oskar Schlemmer, apresentado posteriormente (no mesmo ano) em Leipzig e na Annual Exhibition of German Crafts, em Dresden; e *Gabinete de Figuras I*, de Schlemmer, apresentado pela segunda vez. Incluiu ainda a estreia do *Balé Mecânico*, de Kurt Schmidt (com F.W. Bogler e Georg Teltscher), Stadttheater, Jena

25 de outubro – estreia de *La Création du Monde*, pelos Ballets Suédois, coreografia de Jean Börlin (inspirada nos documentários de Rolf de Maré sobre dança africana); música de Darius Milhaud; libreto de Blaise Cendrars (baseado na sua *Anthologie nègre*); cortina, figurinos e cenário de Fernand Léger; estreia a 25 de outubro de 1923, em Paris, no Théâtre des Champs-Élysées

1924 Extinção dos Ballets Suédois

Manifesto Surrealista, de André Breton

Marinetti e Cangiullo fundam a companhia *Il nuovo teatro futurista*, dirigida por De Angelis, que fez uma digressão por 18 cidades italianas, com um repertório de cerca de 40 obras (incluindo *Aniccam del 3000* (ou *Macchina del 3000*) e *Psicologia di Macchine*, de Silvio Mix, com cenário e figurinos de Depero e Prampolini

Exposição internacional de arte e técnica teatral, na Konzerthaus de Viena, para a qual Prampolini é

Almada Negreiros publica a peça em duas cenas *Pierrot e Arlequim*. Anuncia a peça *Portugal* (não realizada ou editada). Cria o livro *Pierrot e Arlequim*, e a capa para a edição da peça *D. João e a Máscara*, de António Patrício

⁷ Cf. SASPORTES, 2012

comissário da secção italiana, apresentando uma mostra individual de cenografia

Hoop Dance, solo de Doris Humphrey, em que se apresenta nua e em silêncio

Anton Dolin junta-se aos Ballets Russes de Diaghilev

Tristán, com cenário de Appia, Alla Scala de Milão

Il revisore, de Gogol, com cenário e figurinos de Prampolini, Teatro Keinz-Buhne, Viena

Romeu e Julieta, de Shakespeare, com cenário e figurinos de Prampolini, Teatro Nacional, Praga

Quadrante d'amore, de Folgore, com cenário e figurinos de Prampolini

Mouchoir de Nuages, obra de Tristan Tzara, com projeções luminosas de Loie Fuller

Meta or the Pantomime of Places, improvisação pela Oficina de Palco da Bauhaus

L'atmosfera scenica futurista, manifesto Enrico Prampolini

Futurismo e Fascismo, tratado de F.T. Marinetti

Avviamento alla pazzzzia, poema-romance de F. Casavola

Manifesto dell'architettura futurista dinamica, de V. Marchi

La musica futurista; Le atmosfere cromatiche della musica e Le sintesi visive della musica, manifestos de F. Casavola

Le versioni scenico plastiche della musica e Manifesto della flora futurista, manifestos de Azari

24 de setembro – estreia de *Ballet mécanique*, filme (na versão muda) de Fernand Léger e Dudley Murphy, música de George Antheil, apresentado no Internationale Ausstellung neuer Theatertechnik [Exposição Internacional no Novo Teatro Técnico], Viena de Áustria

4 de dezembro – estreia de *Relâche*, última criação dos Ballets Suédois, com libreto de Blaise Cendrars, música de Erik Satie, cenários de Picabia e coreografia de Jean Börlin. Como interlúdio, incluiu *Entr'acte*, filme de René Clair com música e participação de Erik Satie, Francis Picabia, Marcel Duchamp e Man Ray

1925

Gropius convoca Schlemmer para Dessau encarregando-o de desenvolver um teatro experimental, incluindo um palco no seu projeto para o novo edifício da Bauhaus

Primeiros livros da Bauhaus, entre eles o volume 4, *Die Bühne im Bauhaus* [O Teatro da Bauhaus], onde Schlemmer publica o seu texto-manifesto *Mensch und Kunstfigur* [O Homem e a Figura de Arte]

Alicia Marks junta-se aos Ballets Russes, sendo

I Salão de Outono da SNBA

António Ferro, em colaboração com José Pacheco, apresenta o seu Teatro Novo no Salão de Chá do Cinema Tivoli, Lisboa. A noite começa com uma longa palestra de António Ferro (então com 30 anos). Representou-se a peça *Knock ou a Vitória da Medicina*, de Jules Romain, traduzida por Fernanda de Castro (mulher de António Ferro), com cenário de Leitão de Barros e Joaquim de Oliveira no

	<p>rebatizada por Diaghilev como Alicia Markova</p> <p><i>Teatro magnético</i>, de E. Prampolini, cujo modelo ganha o Grande Prémio de cenografia teatral na Exposição Internacional de Artes Decorativas de Paris</p> <p>Estreia de Balanchine como coreógrafo, com <i>Barabau</i> (música de Rieti e cenários e figurinos de Utrillo), produção dos Ballets Russes</p> <p><i>L'isola delle scimmie</i>, de Antonelli, com cenário e figurinos de Prampolini, Teatro Vinohady, Praga</p> <p><i>Nuovi poeti futuristi</i>, F.T. Marinetti</p> <p>protagonista. O jovem bailarino Florêncio (mais tarde Francis) Graça é apresentado ao público pela primeira vez, dançando <i>Momento Musical n.º3</i>, de Schubert, e um ritmo moderno, o <i>shimmy</i>. O Teatro Novo apresentaria apenas mais uma peça, <i>Para Cada Um Sua Verdade</i>, de Luigi Pirandello, também traduzida por Fernanda de Castro e com cenário de Eduardo Malta</p> <p>Almada escreve o seu romance <i>Nome de Guerra Tiroliro</i>, peça de teatro de revista, com cenários de Eduardo Malta</p> <p>1 de junho – <i>Chic-Chic</i>, peça apresentada no Teatro S. Luiz, Lisboa, pela Companhia de Lucília Simões, com cenário de Almada Negreiros</p>
<p>1926</p> <p><i>Exposição internacional de arte teatral</i>, em Nova Iorque, incluindo uma sala dedicada a Prampolini</p> <p>Ninette de Valois cria em Inglaterra a <i>Academy of Choreographic Art</i></p> <p>Rudolf von Laban funda um Instituto Coreográfico na cidade de Würzburg, Alemanha</p> <p><i>O Festival Branco</i>, primeira festa na nova Bauhaus</p> <p><i>Dança dos Gestos</i>, de Oskar Schlemmer</p> <p><i>Ballet Triádico</i> de Oskar Schlemmer é apresentado num festival de música em Donaueschingen e como parte do <i>Große Brückenrevue</i>, em Frankfurt am Main e no Metropol Theater, Berlim</p> <p><i>La macchina calcolatrice</i>, de Singe, com cenário e figurinos de Prampolini, Teatro Guild, Nova Iorque</p> <p><i>I prigionieri</i>, de Marinetti, com cenário e figurinos de Prampolini, Teatro Argentina, Roma, e digressão em Itália</p> <p>4 de dezembro – Abertura do Teatro da Bauhaus, com a apresentação da Dança das Formas, Dança dos Gestos e Dança do Pano de Fundo</p>	<p>Decoração do Bristol Club, por Almada Negreiros, António Soares e Eduardo Viana</p> <p>20 de julho – <i>Pomada Amor</i>, peça apresentada no Teatro da Trindade, Lisboa, por Lucília Simões e Erico Braga, com cenário de Almada Negreiros e Jorge Barradas</p> <p>Setembro – estreia da revista <i>Cabaz de Morangos</i>, no Eden Teatro, de cujo cartaz constava “o bailarino Francis em Nu Artístico”</p>
<p>1927</p> <p>1º Congresso de Dança, Munique, Magdeburg, organizado por Kurt Jooss e Rudolf von Laban, com a participação de Hans Brandenburg, Egon Wellesz, Niedecken-Gebhard, Max Terpis, Magito, Skoronel, Kreutzberg, Feist, Bodenweiser e Laban, que apresentou <i>Ritterballet</i>, <i>Nacht</i> e <i>Titan</i></p> <p>Publicação de <i>The Theatre in Life</i>, de Nicolas Evreinoff e Alexander Nazarov</p> <p><i>Ballet mécanique</i>, de Léger, é apresentado no Carnegie Hall, Nova Iorque</p> <p>Prampolini funda e dirige em Paris o <i>Teatro della Pantomima</i>, no Théâtre de la Madeleine, apresentando “ballets” com sua encenação e figurinos (<i>Cocktail</i>, de Marinetti e Mix; <i>Il Mercante di Cuori</i>, de Prampolini e Casavola; <i>I Tre Momenti</i>, de Folgore, <i>L'agonia della rosa</i>, de Avico; <i>La nascita d'Ermafrodito</i>, de Orazi e Respighi; <i>Popolaresca</i>, de</p>	<p><i>Água-Pé</i>, pela Companhia de Luísa Satanela e Estevão Amarante, que esteve mais de um ano em cena no Teatro Avenida, com coreografia de Francis, música de Frederico de Freitas e figurinos e cortina de José Barbosa</p> <p><i>O Sete e Meio</i>, peça de teatro de revista, com figurinos de José Barbosa e Leitão de Barros, direção de Leitão de Barros e coreografia de Francis e cortina de Jorge Barradas</p> <p>15 de fevereiro – estreia da peça X.P.T.O., pela Companhia Rey Colaço Robles Monteiro, Teatro do Ginásio, Lisboa, com pelo menos um figurino de Almada Negreiros</p> <p>Março – Almada parte para Madrid, onde ficará até 15 de abril de 1932</p> <p>Maio – Francis participa na revista <i>Foot-Ball</i>,</p>

<p>Prampolini e Pratella; <i>Il drama della solitudine</i>, de Folgore e Sommi-Picenardi; <i>L'Arlecchino e il manichino</i>, de Scardoni; <i>Urashima</i>, de De Polignac). Recebe neste mesmo ano o Prémio de Teatro atribuído pelo Ministério da Educação Nacional italiano</p> <p><i>I vulcani</i>, de Marinetti, com cenário e figurinos de Prampolini, Teatro Argentina, Roma</p> <p>Schlemmer encena <i>ballets</i> em Hagen e na Ópera de Dresden</p> <p>Espectáculo com <i>rumorarmonio</i>, de Russolo</p> <p>16 de março – Oskar Schlemmer apresenta uma palestra ilustrada sobre elementos teatrais aos “Amigos da Bauhaus”</p> <p>Maio – O Teatro da Bauhaus atua na Exposição de Teatro Alemão em Magdeburg, ocasião do lançamento do terceiro número do jornal da Bauhaus, dedicado ao teatro e com Schlemmer como editor</p> <p>1 de outubro – Kurt Joos abre a Folkwang Schule em Essen, Alemanha</p> <p>Dezembro – <i>Festa dos Slogans</i> e <i>Festa do Natal Silencioso</i>, Bauhaus</p>	<p>Coliseu dos Recreios, Lisboa</p> <p>23 de julho (até 31 de julho do ano seguinte) – Estreia da revista <i>Água-Pé</i>, pela Companhia Satanela-Amarante; figurinos e cortinas (primeiro trabalho) de José Barbosa; Francis como bailarino e coreógrafo das coristas; música de Frederico de Freitas; Luísa Satanela como atriz e bailarina; Estevão Amarante como ator; António Silva como <i>compère</i></p> <p>27 de dezembro – revista <i>Sete e Meio</i> estreia no Teatro Apolo, dirigida por Leitão de Barros, que também assinava os figurinos com José Barbosa; cortinas de Jorge Barradas; números musicais de Francis; com Beatriz Costa</p>
<p>1928 Marcel Breuer, Herbert Bayer e László Moholy-Nagy demitem-se da Bauhaus</p> <p>Hannes Meyer contrata Ernst Kallai como editor da revista <i>bauhaus</i></p> <p>Fortunato Depero muda-se para Nova Iorque, onde se dedica ao figurinismo para palco, conceção de capas de revista (<i>MovieMaker</i>, <i>The New Yorker</i>, <i>Vogue</i>, etc.), ao design de interiores e ao figurinismo (<i>New Ballet</i>, com coreografia de Massine, em que ao contrário dos habituais figurinos mecanizados, veste os bailarinos apenas com malhas). Regressa a Itália em 1930 e retorna a Nova Iorque em 1947</p> <p>Sophie Taeuber esboça uma casa-ateliê com jardim para si e para Arp, segundo os postulados construtivistas, que será construída no ano seguinte em Meudon-Paris, sob sua direção</p> <p>Ida Rubinstein funda a sua companhia de Dança, ativa até 1934</p> <p><i>The Dance and Nature</i>, ensaio de Isadora Duncan, é publicado postumamente em <i>The Art of the Dance</i></p> <p>Publicação de <i>Notation of Movement</i>, de Margaret Morris</p> <p>II Congresso de Dança, Essen, com organização de Jooss e Laban, e que incluiu a primeira apresentação pública da <i>Kinetographie</i>, método de notação concebido por Laban e subsequentemente publicado pela Universal Edition</p> <p>Estreia da <i>Ópera dos Três Vinténs</i>, de Kurt Weill</p>	<p>Almada Negreiros inicia a escrita (até ao ano seguinte) de <i>El Uno</i>, <i>tragédia de la Unidad</i>, conjunto de duas peças: <i>Deseja-se Mulher</i> e <i>S.O.S.</i></p> <p>Francis é o coreógrafo da revista <i>Carapinhada</i></p>

Exposição nacional do Cinquentenário, Turim, na qual Prampolini é diretor coreográfico das *danze sportive*, recebendo o Grande Prémio para a arte teatral

Prampolini expõe individualmente no *Studio 28*, em Paris, apresentando cenários, desenhos de figurinos e cenas cinematográficas

L’Ora del Fantoccio, pantomima de Luciano Folgore e Alfredo Casella; *La Salamandra*, de L. Pirandello e M. Bontempelli; *Voluttà geométrica*, de L. Folgore e G. Sommi-Picenardi; com cenário e figurinos de Prampolini, Teatro Lirico, Milão

Danse de l’hélice e Théâtre de la Pantomime futuriste, de Prampolini, Paris

Santa Velocità, performance de Prampolini sem atores ou narrativa, em que a luz e a música (*intonarumori* de Russolo) são os elementos dinâmicos

Festa para a Barba, Nariz e Coração, Bauhaus

Vita simultânea futurista, manifesto de F. Azari

Water Study, de Doris Humphrey

Março – Gropius abandona a direção da Bauhaus

6 de março – primeira representação em Itália do *Teatro della Pantomima futurista*

1 de abril – Hannes Meyer assume a Direção da Bauhaus

Junho – Teatro da Bauhaus é convidado a dançar no Congresso de Dança de Essen

1929 *Um Cão Andaluz*, filme de Luis Buñuel e Salvador Dalí

Internacional teatral, exposição apresentada em Barcelona, onde Prampolini espõe desenhos e modelos, recebendo a Medalha de Ouro para a arte teatral

I Congresso da *Sociedade universal do Teatro de Paris*, em que Prampolini é delegado

Festa Metálica, Bauhaus

Il Teatro visionico, manifesto de P. Masnata

Março – Teatro da Bauhaus é convidado a atuar na Berlin Volksbühne, seguindo-se uma digressão incluindo Breslau, Frankfurt am Main, Estugarda e Basel

Julho – Oskar Schlemmer deixa de ensinar na Bauhaus

1 de outubro – Festa de despedida de Oskar e Tut Schlemmer na Bauhaus, iniciando em meados do mês enquanto professor da Academia de Breslau o tema “Homem e Espaço”

Dezembro – Schlemmer colabora na produção de

Almada Negreiros realiza as decorações do Teatro Muñoz Seca e do Cinema Barceló, em Madrid

Francis participa como bailarino na revista *Chá de Parreira*, apresentada por Hortense Luz, com música de Frederico de Freitas, figurinos de José Barbosa e cortinas de António Soares

	uma ópera e um ballet de Stravinsky, apresentados no Breslau Stadttheater	
1930	<p>O P.J.S. Richardson e Arnold Haskell criam em Inglaterra a <i>Camargo Society</i></p> <p>Marie Rambert funda em Londres o <i>Ballet Club</i> (que no ano seguinte se passará a designar <i>Rambert Ballet</i>)</p> <p>III Congresso de Dança, Munique</p> <p>Mies van der Rohe assume a Direção da Bauhaus</p> <p>El Lissitzky visita a Bauhaus</p> <p>Três figurinos do <i>Ballet Triádico</i> de Oskar Schlemmer são mostrados na exposição da Deutsche Werkbund em Paris, dirigida por Gropius</p> <p>Schlemmer colabora com Schönberg em <i>Glückliche Hand</i>, na Kroll Opera</p> <p>László Moholy-Nagy conclui a sua <i>Máquina de Luz</i></p> <p>Laban torna-se professor de dança na Ópera Estatal de Berlim, que emprega pela primeira vez um profissional de notação coreográfica (Susanne Ivers)</p> <p><i>Il Castello nel bosco</i>, de F. Casavola, Teatro Reale dell'Opera, Roma, com cenário e figurinos de Prampolini</p> <p><i>Manifesto della cucina futurista</i>, de F.T. Marinetti</p> <p>14 de março – Giannina Censi apresenta <i>Grotesque mécanique e Opium</i> no Castello Sforzesco, Milão</p> <p>11 de abril – <i>Manifesto della fotografia futurista</i>, de Taro e Marinetti, publicado na revista <i>Il Futurismo</i></p> <p>Maio – Paul Klee abandona a Bauhaus e comunica a Hannes Meyer que vai para a academia de Dusseldorf</p>	<p>I Salão dos Independentes, SNBA, Lisboa</p> <p>A bailarina indochinesa Leia Niako apresenta-se em Lisboa</p> <p>Francis participa na revista <i>Feira da Luz</i>, no Teatro da Trindade, uma produção da Companhia Hortense Luz, figurinos de José Barbosa. A companhia vai em digressão ao Porto, onde apresenta <i>Chá de Parreira e Feira da Luz</i> (Teatro Sá da Bandeira)</p> <p>Junho – Estreia no S. Luiz <i>A Severa</i>, o primeiro fonofilm português, de Leitão de Barros, com música de Frederico de Freitas e que inclui uma sequência em que Francis dança um fandango (única imagem do bailarino em movimento conhecida)</p> <p>Outubro – Companhia Hortense Luz vai em digressão ao Brasil, onde apresenta <i>Chá de Parreira e Feira da Luz</i> (Teatro República, Rio de Janeiro e S. Paulo)</p>
1931	<p>Oskar Schlemmer apresenta as suas obras de palco na Exposição Internacional de Teatro de abril, em Zurique</p> <p><i>Manifesto dell'aeropittura futurista</i>, de Balla, Benedetta Cappa, Depero, Dottori, Fillia, Marinetti, Prampolini, Somenzi e Tato. “Durante a inauguração da ‘Mostra de Aeropintura e de Cenografia Futurista’, na Galeria Pesaro, Milão, 1931, e depois de uma introdução onde, entre outros, Prampolini discursou sobre a Dança Futurista, tendo afirmado que esta ‘foi baseada numa conceção volumétrica do espaço do espaço, com o objetivo de expressar através do movimento e poses plásticas os panoramas do céu e as sensações de voar’ [jornal <i>L’Ora di Palermo</i>, 5/6 de novembro de 1931, <i>apud</i> Berghaus, p. 6], [Giannina] Censi dançou com um <i>look</i> futurista/balnear (um fato de banho prateado e uma capa onde se ligavam fios e tubos de borracha), desenhado por Prampolini, aerodanças com aeropoemas de Marinetti (sendo portanto intérprete de uma ideia deste). De seguida, interpretou com os pés descalços, na tradição da dança moderna, e em silêncio, uma aerodança, inspirada em cinco</p>	<p>II Salão dos Independentes</p> <p>I Salão de Fotografia</p> <p>Almada Negreiros escreve a peça em um ato <i>O Público em Cena</i> (publicada em 1971)</p> <p>Junho – Companhia Eva Stachino estreia a revista <i>Ai-ló</i> no Teatro Avenida, incluindo Dança, Danúbio Azul, Fantasia Espanhola, e Ténis, um bailado desportivo, todos de Francis. Música de Frederico de Freitas, figurinos e cortinas de José Barbosa e Maria Adelaide Lima Cruz</p> <p>Novembro – <i>Mexilhão</i>, revista encabeçada por Beatriz Costa, Corina Freire e Francis Graça, que aqui encontra a sua partenaire para sempre Ruth Walden</p>

	<p>aeropinturas de Prampolini expostas na Galeria”⁸.</p> <p>Hanya Holm, assistente de Mary Wigman, estabelece-se em Nova Iorque para dirigir uma Escola Wigman</p> <p><i>Two Ecstatic Themes</i>, de Doris Humphrey</p> <p>13 de abril – Giannina Censi apresenta <i>Vision d'un aéroplane luttant contre les éléments du ciel</i> na universidade popular, Milão</p> <p>3 de maio – Giannina Censi apresenta <i>Symphonie aérienne</i>, sobre uma partitura de Pick Mangiagalli, na Sala Bassi, Milão</p> <p>17 de outubro – <i>Mostra de Aeropintura e de Cenografia Futurista</i>, Galeria Pesaro, Milão, incluindo um discurso de Prampolini sobre Dança Futurista, danças de Giannina Censi e a uma conferência de Marinetti intitulada <i>Da dança impressionista à dança futurista</i></p> <p>23 de novembro – <i>Oggi e domani</i> (Roma), publica um artigo de Prampolini intitulado <i>Dalla danza impressionista alla danza futurista</i></p> <p>16 de dezembro – Giannina Censi apresenta variações coreográficas sobre composições plásticas de Spano e Catrizzi no conservatório Verdi, Milão</p>	
<p>1932</p>	<p>Fim da revista <i>Merz</i> (publicada desde 1923), e que envolveu Kurt Schwitters, Hans Arp, El Lissitzky e Piet Mondrian, entre muitos outros</p> <p>René Blum, diretor da Ópera de Monte Carlo, e o Coronel Vladimir De Basil, ex-administrador da companhia de Diaghilev, fundam os Ballets Russes de Monte Carlo, em funcionamento até 1936</p> <p><i>Exposição internacional de cenografia</i>, Zurique, Wiesbaden, Múnaco e Roterdão, com participação de Prampolini</p> <p>Última apresentação do <i>Ballet Triádico</i> de Oskar Schlemmer, Theatre des Champs-Élysées, no âmbito do Congresso Internacional de Dança de Paris, onde foi premiado por um júri composto, entre outros, por René Clair e Fernand Léger</p> <p>Rolf de Maré funda em Paris os <i>Archives Internationales de la Danse</i>, doando a sua coleção Europeia à Biblioteca Nacional, que o instalou na biblioteca da <i>Ópera</i>. A coleção sueca foi doada à Ópera de Estocolmo, sendo mais tarde transferida para o Dansmuseet, aquando da sua abertura (em 1953)</p> <p>Fundação do New Dance Group, grupo de ideologia marxista, com o lema “A Dança é uma Arma”</p> <p><i>L'alba di Don Giovanni</i>, de F. Casavola, Festival Musical de Veneza, com cenário e figurinos de Prampolini</p>	<p>Início do Governo de Oliveira Salazar (até 1968)</p> <p>Reforma do Ensino das Belas-Artes</p> <p>Criação da Academia Nacional das Belas-Artes</p> <p>I Salão de Inverno, SNBA, Lisboa</p> <p>Almada Negreiros publica no <i>Diário de Notícias</i> (25-29.11 e 24-28.12) uma série de textos polémicos sobre a conferência de Marinetti em Lisboa</p> <p>O bailarino alemão Alexander von Zvein apresenta-se em Lisboa</p> <p>15 de abril – Almada regressa a Lisboa vindo de Madrid, para onde tinha ido em março de 1927</p> <p>Outubro – <i>Areias de Portugal</i>, no Teatro Politeama, última revista em que Francis é bailarino e coreógrafo (de <i>Esgrima e Estilização do Fado</i>, com Ruth Walden). Música de Frederico de Freitas e figurinos de José Barbosa</p> <p>Novembro – Conferência em Lisboa de F.T. Marinetti, que é apresentado por António Ferro, na presença de Adães Bermudes (presidente da S.N.B.A.) e de Júlio Dantas</p>

⁸ Cf. MENDONÇA, 2007: 132

	<p><i>Manifesto do Teatro da Crueldade</i>, de Antonin Artaud, é publicado em Paris</p> <p><i>Cucina futurista</i>, livro de receitas de Marinetti e Fillia</p> <p>Alexander Calder cria o seu primeiro mobile</p> <p>Fevereiro – <i>Aeropintura, aeropoesia, aerodança</i>, conferência de Marinetti no teatro Garibaldi de Pádua, onde Giannina Censi apresenta danças sobre dois poemas seus e quatro telas de Prampolini</p> <p>Março – Wy Magito interpreta as aeropinturas de Prampolini na galeria de la Renaissance, Paris</p> <p>5 de março – <i>Manifesto dell'arte sacra futurista</i>, de Marinetti e Fillia</p> <p>24 de abril – no Circulo Artístico de Trieste, Giannina Censi projeta no espaço aeropoemas de Marinetti, envolvida num tecido aparentando alumínio e apresenta danças baseadas em pinturas de Prampolini, envergando um figurino por ele concebido, construído com tubos e fios de couro</p> <p>Setembro – ordenação comunal conseguida pela fação nazi de Dessau decreta o encerramento da Bauhaus</p> <p>Outubro – Mies van der Rohe reabre a Bauhaus em Berlim, como instituto privado</p>	
<p>1933</p>	<p>Encerramento da Bauhaus pelos nazis</p> <p>Lincoln Kirstein convida Balanchine para dirigir a School of American Ballet</p> <p>Fundação do San Francisco Ballet, com Adolph Bolm como coreógrafo</p> <p>I Mostra de Cenografia Cinematográfica, Roma, orgnizada por Prampolini, que recebe a medalha de ouro</p> <p><i>La radia</i>, manifesto de Marinetti e Masnata</p> <p><i>Raun</i>, de R. Vasari, obra teatral de <i>Il ciclo delle macchine</i></p> <p>Mostra futurista na Piazza Adriana, Roma</p> <p><i>L'uomo futuro</i>, de A. Ginna</p> <p>11 de abril – corpo de professores vota a favor da dissolução da Bauhaus</p> <p>20 de julho – encerramento da Bauhaus</p> <p>Outono – início das aulas do Black Mountain College, dirigido por Josef Albers</p>	<p>Francis e Ruth Walden apresentam-se em duas operetas (<i>De Capa e Batina</i> e <i>O Timpanas</i>) e uma revista (<i>Cantiga Nova</i>), todas com música de Frederico de Freitas, no Teatro Politeama</p> <p>5 de janeiro – Almada Negreiros apresenta uma conferência intitulada <i>Tekné, a Cabeça da Colectividade</i></p> <p>Março – Inauguração da Galeria UP, a primeira galeria comercial portuguesa, constituída em dezembro de 1932. Teve como sócios iniciais e Castro Fernandes e, mais tarde, Thomaz de Mello (Tom). Com projeto por Jorge Segurado, foi inaugurada em março de 1933, na Rua Serpa Pinto, 28/30, Lisboa; esteve ativa até 1936. Publicou a revista <i>UP</i> (dois números, o primeiro em 25-12-1933, com capa de Almada Negreiros)</p> <p>26 de outubro – inauguração do Secretariado de Propaganda Nacional, dirigido por António Ferro</p> <p>7 de dezembro – espetáculo promovido pela Casa de Portugal, no Théâtre de la Michodière, em Paris. É lido um texto do senador Henri Torrès, apresentado como grande conhecedor do folclore português; e apresenta-se a cantora Corina Freire e os bailarinos Francis Graça e Ruth Walden</p>
<p>1934</p>	<p>Louis Horst lança a revista <i>Dance Observer</i> (extinta em 1964, aquando da sua morte)</p> <p>Prampolini e Fillà dirigem a revista <i>Stile Futurista</i> (Turim)</p>	<p>Revista <i>Vida Contemporânea</i>, Lisboa</p> <p>Almada Negreiros e José Barbosa criam o ciclorama para <i>O Auto da Boca do Inferno</i></p> <p>10 de março – <i>Une Heure au Portugal</i>, conferência</p>

	<p>Mostra nacional do sindicato dos cenógrafos de Turim, com a participação de Prampolini</p> <p>Dissolução da companhia de Ida Rubinstein</p> <p><i>La bajadera della maschera gialla</i>, de F. Santolouido, teatro Comunale di San Remo, com cenário e figurinos de Prampolini</p> <p><i>Manifesto futurista dell'aeromusica sintetica</i>, de Marinetti e Giuntini</p> <p><i>Liriche radiofoniche</i>, de F. Depero</p> <p><i>Manifesto dell'architettura aérea</i>, de F.T. Marinetti, A. Mazzoni e M. Somenzi</p> <p>2 de janeiro – George Balanchine abre a School of American Ballet e fixa-se nos E.U.A.</p>	<p>promovida pela Université des Annales e proferida por Gabrielle Réval; e ainda a atuação da cantora Corina Freire e os bailarinos Francis Graça e Ruth Walden</p> <p>21 de março – Corina Freire, Francis Graça e Ruth Walden atuam no <i>Bal des petits Lits Blancs</i>, na Ópera</p> <p>10 de abril – conferência dialogada <i>Rapsodie Portugaise</i>, de António Ferro (com a colaboração da atriz Suzet Maïs e Fernanda de Castro), promovida pela Casa de Portugal em Paris, em colaboração com o SPN. Atuação de Corina Freire, Francis Graça, Ruth Walden e dos Pauliteiros de Miranda</p>
<p>1935</p>	<p><i>Manipheste du Choréographe</i>, de Serge Lifar</p> <p>Em Paris, Prampolini colabora com Georgette Leblanc-Maeterlynk, Maria Carmi, Isadora Duncan e Ida Rubinstein, na realização de cenários e figurinos</p> <p>Mostra do sindicato de cenógrafos, Roma, Génova, Buenos Aires, Montevidéu e Rio de Janeiro</p> <p><i>Aeropoema del golfo della Spezia</i>, de F.T. Marinetti</p> <p><i>Astra e il sottomarino</i>, romance de B. Cappa</p> <p><i>New Dance</i>, de Doris Humphrey</p>	<p>I Exposição de Arte Moderna do S.P.N. (Almada Negreiros intervém no banquete de inauguração, segundo o <i>Diário de Lisboa</i>, 29.3)</p> <p>Francis e Ruth Walden dão o seu primeiro recital (Teatro Politeama, Lisboa), acompanhados ao piano por composições de Ruy Coelho, Federico de Freitas, António Melo, Schuman, Chopin e Fauré</p>
<p>1936</p>	<p>Guerra Civil Espanhola (até 1939)</p> <p><i>A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica</i>, de Walter Benjamin</p> <p>A Association of Operatic Dance passa a designar-se Royal Academy of Dancing</p> <p>Dissolução dos Ballets Russes de Monte Carlo</p> <p>René Blum funda os Ballets de Monte Carlo</p> <p>De Basil funda os Ballets Russes du Colonel De Basil</p> <p>Lincoln Kirstein funda o Ballet Caravane</p> <p>VI Trienal de Milão, inclui uma mostra internacional de cenografia teatral organizada por Prampolini</p> <p><i>Tre atti</i>, de M. Gallian (Nuovo Teatro), Teatro Eliseo, Roma e Teatro Manzoni, Milão, com cenário e figurinos de Prampolini</p>	<p>Criação da <i>Legião Portuguesa</i> e da <i>Mocidade Portuguesa</i></p> <p><i>Introdução à pintura abstrata</i>, de J. Gaspar Simões</p> <p>Exposição de Arte Popular</p> <p>António Ferro é nomeado comissário da representação portuguesa à exposição Universal de Paris, realizada no ano seguinte</p> <p>Abril – Francis e Ruth Walden apresentam-se no Politeama com a Grande Orquestra da Emissora Nacional, dirigida por Frederico de Freitas</p> <p>Junho – Salão dos Artistas Modernos Independentes, Casa Quintão, Rua Ivens, Lisboa (com a participação de Almada Negreiros)</p> <p>7 de novembro – Estreia da revista <i>A Minha Terra</i>, apresentada pelo empresário Ricardo Covões no Coliseu dos Recreios, com Francis secundando a vedeta brasileira Vanize Meireles</p>
<p>1937</p>	<p><i>Guernica</i>, de Picasso</p> <p>Retrospectiva sobre a Bauhaus no MoMA, Nova Iorque, organizada por Walter Gropius</p> <p>A convite de Walter Paepcke, Moholy-Nagy muda-se para Chicago para dirigir a New Bauhaus (fechada no ano seguinte por falta de apoio financeiro)</p> <p>San Francisco Ballet passa a ser dirigido por Lew</p>	<p>Construção do Eden Teatro, de Cassiano Branco</p>

	<p>Christemen</p> <p>Exposição Universal de Paris (representação portuguesa comissariada por António Ferro)</p> <p>Mostra do sindicato de cenógrafos, Nápoles, com a participação de Prampolini</p> <p><i>La finestrina</i>, de V. Alfieri, inauguração do Teatro delle Arti, Roma e <i>Il ratto d'Europa</i>, de G. Oltremare, Teatro Argentina – Compagnia Tofano, Roma, com cenário e figurinos de Prampolini</p> <p><i>Manifesto della ceramica futurista</i>, de Marinetti e D'Albisola</p> <p><i>Il poema del vestito di latte</i>, de F.T. Marinetti</p>	
<p>1938</p>	<p><i>A Branca de Neve e os Sete Anões</i>, de Walt Disney, primeiro filme animado de longa-metragem</p> <p>Mies van der Rohe emigra para os E.U.A.</p> <p>I Exposição Internacional do Surrealismo, Paris</p> <p>Criação da Martha Graham Dance Company</p> <p>Fusão do Ballet Caravane e da American Ballet Company, dando origem ao American Ballet Caravan</p> <p>Exposição na Galerie Beaux Arts, Paris, para a qual Marcel Duchampum átrio central com uma piscina rodeada por relva, onde foram colocadas quatro grandes camas. 200 sacos de carvão foram pendurados no teto. Para que os visitantes vissem as pinturas penduradas nas paredes, foram emprestadas lanternas (que acabaram por ser roubadas levando ao uso de iluminação tradicional). Na inauguração da exposição sentia-se um cheiro a café fresco no átrio, ouviu-se uma gravação de uma canção de marcha do exército alemão e uma rapariga dançou em volta da piscina</p> <p><i>La foresta petrificata</i>, de R.E. Serwood, Teatro delle Arti, Roma; <i>Una cosa di carne</i>, de Rossolo di San Secondo – para a Comp. Cimara. Borboni-Bragaglia – digressão na América do Sul; <i>L'uomo che incontrò se stesso</i>, de L. Antonelli e <i>I Menecmi</i>, de Plauto, Teatro Olipia, Milão, Compagnia della Commedia; todos com cenário e figurinos de Prampolini</p> <p><i>Manifesto della poesia dei tecnicismi</i>, de F.T. Marinetti</p> <p><i>Il poema di Torre viscosa</i>, de F.T. Marinetti</p> <p><i>Passacaglia</i>, de Doris Humphrey</p> <p>28 de maio – ensaio geral de <i>La fièvre du temps</i>, pela Compagnie des Ballets Internationaux, Teatro Pigalle, Paris (música de Fernando Lopes Graça, coreografia da alemã Julia Marcus e do suíço Ludolf Child)</p>	<p>Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), dirigido por Paulo Quintela</p>
<p>1939</p>	<p>II Guerra Mundial (até 1945)</p> <p>Exposições Universais de Nova Iorque e S. Francisco (representação portuguesa comissariada por António</p>	<p>Margarida de Abreu assume a direção da Escola de Dança do Conservatório Nacional (até 1971), após o afastamento da professora espanhola Encarnación</p>

Ferro)

Merce Cunningham muda-se para Nova Iorque e integra a companhia de Martha Graham

Moholy-Nagy funda a School of Design (que em 1944 se torna Institute of Design)

L'aeroporto, poesia de I. Scurto

Noite di sangue, de F. Garcia Lorca e *Anna Christie*, de O'Neill, teatro delle Arti, Roma *L'aeroporto*, poesia de I. Scurto

Fernandez

Conferências de A. Ressano contra a participação de artistas modernos na exposição do Mundo Português

Grandezas e Virtudes da Arte Moderna, de António Pedro

Almada Negreiros realiza maquete do cenário para o bailado *Sonetos de Ernesto Halfter*, com coreografia de Apul Zicard; e concebe dez figurinos para *A Feira do Diabo*, de Eduardo Schwalbach

Março – Tratado de amizade e não agressão entre Salazar e Franco

11 de maio – Francis e Ruth Walden dão um recital no Teatro da Trindade, após um longo período de digressão brasileira, acompanhados ao piano por Regina Cascais

1940

O Grande Ditador, de Charles Chaplin

Lucia Chase e Richard Pleasant fundam o American Ballet Theater

Anne Hutchinson, Helen Priest, Eve Gentry e Janey Price abrem em Nova Iorque o Dance Notation Bureau

Publicação em Itália de *Fortunato Depero nelle opere e nella vita*, autobiografia de Depero

Il fornaretto di Venezia, de G. Dall'Ongaro; *Il reduce*, de Ruzzante; *El retablo*, de M. Ravel; *Cori*, ação coreográfica de V. Tommasini; *Strano interludio*, de O'Neill Teatro delle Arti, Roma; *La tarantola*, balletto de G. Piccioli, Teatro dell'Opera, Roma (1940?); *Le Trachinie*, de Sófocles, Teatro dell'Università, Roma; todos com cenário e figurinos de Prampolini

La matemática futurista, manifesto de M. Puma e P. Masnata

Picchiata nell'amore, romance sintético aereo de P. Bellanova

Il poema non umano dei tecnicismi, de F. T. Marinetti

António Ferro cria o Grupo de Bailados Verde Gaio, dirigido por Francis Graça, que com Ruth Walden era também bailarino principal. Iluminação a cargo do engenheiro Carlos Santos e Dalila Braga como mestra de guarda-roupa

Restauro do Teatro S. Carlos

Exposição dos Primitivos Portugueses

Sonetos de Ernesto Halfter, bailado com coreografia de Apul Zicard e cenário de Almada Negreiros, Teatro S. Carlos

20 de janeiro – Francis e Ruth Walden “os super bailarinos, grande êxito de Paris e New York”, são a atração da revista *A Feira das Mercês*

23 de junho a 2 de dezembro – Exposição do Mundo Português. Situada entre a margem direita do rio Tejo e o Mosteiro dos Jerónimos, ocupava cerca de 560 mil metros quadrados

8 de novembro (a 21) – Estreia do Grupo de Bailados Verde Gaio, no Teatro da Trindade. O programa compreendeu: *Muro do Derrête* (texto de Carlos Queiroz, cenário e figurinos de Paulo Ferreira, música de Frederico de Freitas, coreografia de Francis Graça), *A lenda das Amendoeiras* (texto de Fernanda de Castro, cenário e figurinos de Maria Keil do Amaral, coreografia de Francis e música de Jorge Croner de Vasconcelos), *Ribatejo* (música de Frederico de Freitas, coreografia de Francis Graça, cenário de Estrela Faria e Bernardo Marques e figurinos de Bernardo Marques), *Inês de Castro* (texto de Adolfo Simões Müller, cenário e figurinos de José Barbosa, coreografia de Francis Graça e música de Ruy Coelho) e *Passatempo* (canções portuguesas cantadas por Maria Paula)

1 de dezembro – S. Carlos reabre ao público (após restauro) com a ópera D. João IV, composta por Ruy Coelho para a ocasião, e com coreografia de

	Francis 16 de dezembro – Verde Gaio estreiam a sua digressão portuense no Teatro Rivoli
<p>1941 Exposição Alguns Artistas Portugueses, organizada pelo SPN no Brasil</p> <p><i>Lackballet</i>, última apresentação de uma versão original do <i>Ballet Triádico</i> de Schlemmer, em Wuppertal</p> <p><i>Sor Bonaventura e L'isola dei pappagalli</i>, de S. Tofano, Teatro Quattro Fontane, Roma; <i>La Venexiana</i>, anón. século XVI, <i>Le baruffe chozzotte</i>, de C. Goldoni, <i>Pioggia</i>, de Colton e Maugham, <i>Il gallo e la volpe</i> e <i>Apollo Musagete</i>, de I. Stravinsky, Teatro dell'Arte, Roma; <i>La dama d'Eguchi</i>, <i>Il cavalier Miseria</i> e <i>La vecchia poetessa</i> (no japonês), <i>Le nuovole</i>, de Aristófanos, <i>La vita che ti diedi</i>, de L. Pirandello, Teatro dell'Università, Roma; todos com cenário e figurinos de Prampolini</p>	<p>Exposição de Arte Cenográfica e Figurinos (SPN)</p> <p>VI Exposição de Arte Moderna</p> <p>Exposição de Arquitetura no III Reich</p> <p>Lançamento da revista <i>Panorama</i>, com Bernardo Marques como editor gráfico (publicada até 1974)</p> <p>O Grupo de Bailado Verde Gaio fixa-se no Teatro Nacional S. Carlos, onde de 21 a 25 de junho apresentou <i>O Homem do Cravo na Boca</i> (argumento de Francisco Laje, música de Armando José Fernandes, cenário e figurinos de Bernardo Marques, coreografia de Francis Graça) e <i>Dança da Menina Tonta</i> (música de Frederico de Freitas e argumento, cenário e figurinos de Paulo Ferreira, coreografia de Francis Graça), incluindo ainda <i>Passatempo</i> (suite de danças com cenário de Tomaz de Mello (Tom), que concebeu alguns dos figurinos, sendo outros criados por José Barbosa) e canções portuguesas (de Ruy Coelho, Frederico de Freitas, Alexandre Rey Colaço, Ernesto Halffter e Artur Santos), interpretadas por Maria Paula, vestida com figurinos de Bernardo Marques e Paulo Ferreira</p> <p>Abril – Josephine Baker apresenta-se em Lisboa no Teatro da Trindade, incluindo atuação de Francis Graça e Ruth Walden</p> <p>18 de abril – Verde Gaio apresentam na festa dos Prémios Literários no Teatro Nacional D. Maria II: <i>Chula do Douro</i>, <i>Dança de Trás-os-Montes</i>, <i>Noivos e Pastores</i></p> <p>12, 14 e 15 de junho – Espetáculo de amor de beneficência, a favor da Casa de S. Vicente, realizado no Teatro S. Carlos, Lisboa, aproveitando a presença em Portugal do bailarino e coreógrafo húngaro Paul Szillard. Promovido pela condessa de Mafra e outras senhoras da sociedade, incluiu a participação da Orquestra Sinfónica Nacional dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e apresentou três bailados, todos coreografados por Szillard e com a participação de “dezenas de meninas e rapazes”. Eram eles: <i>Carnaval</i>, com música de Schumann e cenário e figurinos de Roberto Araújo; <i>Litoral</i>, música de Afonso Correia Leite e Francisco de Mello Breyner, cenário e figurinos de Maria Keil; e <i>Sonatina</i>, música de Ernesto Halffter, cenário e figurinos de Almada Negreiros</p> <p>Agosto – Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro apresentam <i>Sonho de Uma Noite de Verão</i> no Parque da Palhavã (coreografias de Francis Graça com música de Mendelssohn, Amélia Rey Colaço como <i>Titânea</i>)</p> <p>30 de outubro – Francis Graça e Ruth Walden</p>

		apresentam-se em <i>Romeu e Julieta</i> e <i>A Madragoa</i> , parte da revista <i>A Marcha de Lisboa</i> , Teatro Apolo, Lisboa. Ficarão em cartaz até maio do ano seguinte, participando na opereta <i>O Padre Piedade</i> (com as danças <i>Os Ciganos</i> e <i>Manuel e Maria</i>) e na revista <i>Zé Povinho</i> (dançando o <i>Baile dos Quintalinhos</i>)
1942	<p>Exposição Surrealista em Nova Iorque, na qual Marcel Duchamp instalou uma complicada teia de fios que atravessavam o espaço expositivo</p> <p><i>Abschied und Dank</i>, solo de Mary Wigman</p> <p><i>Il lutto s'addice ad Elettra</i>, de O'Neill, <i>Racconti di Perrault</i>, balletto de M. Ravel, <i>Nosse</i>, de I. Stravinsky, balletto, Teatro delli Arte, Roma; <i>La giara</i>, de A. Casella, <i>Teatro San Carlo</i>, Nápoles; <i>La sonnambula</i>, de V. Bellini, Teatro Comunale, Florença; <i>I capricci di Callot</i>, de G.F. Malpiero, Teatro dell'Opera, Roma; <i>Il Mandarino meraviglioso</i>, balletto de Bella Bartok, Teatro alla Scala, Milão; <i>Il nembo</i>, de M. Bontempelli, Teatro dell'Università, Roma; todos com cenário e figurinos de Prampolini</p> <p><i>Canto uomini e macchine della guerra mussoliniana</i>, de F.T. Marinetti</p>	<p>20 de dezembro – Verde-Gaio participa no espetáculo de gala em honra do General Conde de Jordan, S. Carlos</p>
1943	<p>A <i>Merzbau</i> de Kurt Schwitters em Hanover é destruída por bombardeamentos</p> <p>Danças espanholas executadas por Nady Santander, <i>Andata e ritorno</i>, de P. Hindemith, <i>La Fiorina</i>, do Ruzante, <i>L'avventuriero davanti alla porta</i>, de M. Begovic, Teatro delli Arte, Roma; <i>Canidia</i>, de F. Casavola, <i>I pupazzetti</i>, de A. Casella (figurinos de Alànova), Teatro Eliseo, Roma; <i>La giara</i>, de A. Casella, <i>Carro di tespi lirico</i>, Piacenza; <i>Aida</i>, de G. Verdi, Teatro San Carlo, Nápoles; <i>Intermezzo veneziano</i>, de G.F. Malipiero, Teatro Municipal, Lima, Perú; todos com cenário e figurinos de Prampolini</p>	<p>Comemorações dos 150 anos do Teatro Nacional de S. Carlos</p> <p>18 a 20 de janeiro – <i>D. Sebastião</i> (argumento de António Ferro, música de Ruy Coelho, cortina, cenários e luzes de Carlos Botelho, figurinos de Mily Possoz e coreografia de Francis Graça), pelo Verde-Gaio, S. Carlos</p> <p>Abril – <i>Os Independentes</i>, exposição organizada por um grupo de estudantes da ESBAP e apresentada na própria escola e que inicia um ciclo de nove exposições públicas realizadas até 1950. Contou com a participação, entre outros, de Abel Salazar, Amândio Silva, António Lino, Arlindo Rocha, Aníbal Alcino, Augusto Gomes, Júlio Resende, Nadir Afonso, Fernando Lanhas, Júlio Pomar, Victor Palla e António Sampaio</p> <p>8 a 10 de maio – Verde-Gaio apresenta-se no Gran Teatro del Liceo, Barcelona</p> <p>21 de maio – Verde-Gaio apresenta-se no Coliseum de Madrid, aí se inaugurando simultaneamente uma exposição de Arte Popular Portuguesa</p> <p>3 de dezembro – estreia da ópera <i>Inês de Castro</i>, libreto e música de Ruy Coelho e cenário de Almada Negreiros, Teatro S. Carlos, Lisboa</p> <p>12 a 19 de dezembro – Récita do Grupo de Bailados do Conservatório, dirigido por Margarida Abreu, responsável pelas seguintes coreografias: <i>Pastoral</i> (música de Ivo Cruz, cenário de Raúl Lino e figurinos de Almada Negreiros ou Raúl Lino, consoante as fontes); <i>Crisfal</i> (música de Ruy Coelho, cenários e figurinos de Almada Negreiros)</p>

	<p>e <i>Bailado Setecentista</i> (música de Carlos Seixas). No encerramento estreou-se <i>Imagens da Terra e do Mar</i> (argumento de António Ferro, música de Frederico de Freitas, cenário de Carlos Botelho ou Paulo Ferreira, consoante as fontes), figurinos de Paulo Ferreira e coreografia de Francis Graça), pelo Verde-Gaio</p>
<p>1944 Merce Cunningham abandona a companhia de Martha Graham</p> <p><i>Roots of Unfocus</i>, de Merce Cunningham</p> <p><i>Quadro spagnolo</i>, de F. Casavola, Teatro San Carlo, Nápoles e <i>Sinfonia tragica</i>, de Alban Berg, com cenário e figurinos de Prampolini</p> <p><i>L'aeropoema di Gesù</i> e <i>Quart d'ora di poesia della X MAS</i>, de F.T. Marinetti</p> <p>Abril – Merce Cunningham apresenta-se pela primeira vez a solo com John Cage, no estúdio Humphrey-Weidman, Nova Iorque</p>	<p>O Secretariado de Propaganda Nacional passa a denominar-se Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo</p> <p>Diogo de Macedo assume a Direção do Museu Nacional de Arte Contemporânea</p> <p>Círculo de Iniciação Coreográfica (CIC) é fundado por Margarida de Abreu, que o liderará até 1960</p> <p>O Círculo de Cultura Musical apresenta um espetáculo que inclui <i>Combate de Tancredo e Clorinda</i>, de Claudio Monteverdi (coreografia de Francis, que dançava com Ruth; e Victoria de Los Angeles como recitante); <i>A História do Soldado</i>, de Igor Stravinsky (com Francis e Ruth como bailarinos, coreografia de Francis, cenário e figurinos de Lucien Donnat, interpretação e tradução de Olavo de Eça Leal</p> <p>28 de janeiro – Estreia de <i>Dulcineia ou a Última Aventura de D. Quixote</i>, de Carlos Selvagem, pela Companhia Rey Colaço Robles Monteiro (responsáveis pela encenação), no Teatro Nacional D. Maria II, com cenário e figurinos de Almada Negreiros, música de Ernesto Halffter</p> <p>Abril – Verde-Gaio apresenta <i>Noite de S. João</i> no Festival Poético Luso-Espanhol, Jardim do Alcáçar, Sevilha</p> <p>Dezembro – 3ª <i>Exposição Independente</i>, realizada no salão do Coliseu do Porto, com a participação, entre outros, de Joaquim Lopes, Dórdio Gomes, Abel Salazar, Carlos Carneiro, Guilherme Camarinha, António Azevedo, Neves e Sousa, António Cruz, Fernando Lanhas, Nadir Afonso, Aureliano Lima e Arlindo Rocha</p>
<p>1945 Prampolini dirige a companhia de ballets <i>Alanova</i>, para a qual concebe ainda cenários e figurinos (como em <i>Tiepolesco</i>, <i>balletto</i> de V. Tommasini, Teatro San Carlo, Nápoles)</p> <p><i>Racconti di Perrault</i>, de M. Ravel, <i>Scuola di sartine</i>, de Hoffenbach e V. Tommasini, <i>Don Giovanni</i>, de F. Casavola, <i>Pupazzetti</i>, de A. Casella, <i>Carnevale</i>, de R. A. Schumann, <i>Bolero</i> e <i>La valse</i>, de M. Ravel, Teatro San Carlo, Nápoles; todos com cenário e figurinos de Prampolini</p>	<p>Reorganização da PIDE</p> <p>Fundação do Movimento de Unidade Democrática (MUD)</p> <p>Fundação do Clube Português de Cinematografia (conhecido a partir de 1948 como Cineclube do Porto), por Hipólito Duarte</p> <p>Fundação do Teatro Estúdio do Salitre, por Gino Saviotti, Vasco de Mendonça Alves e Luiz Francisco Rebello</p> <p><i>Manifesto do Neo-Realismo</i>, de Júlio Pomar</p> <p>Exposição de Arte Sacra Moderna, SNI</p> <p>I Exposição da Primavera (Porto)</p>

	<p>Primeira apresentação do CIC, Teatro D. Maria II 10 de agosto – Verde-Gaio participa na Festa de Homenagem à Missão Académica Brasileira, com <i>Ribatejo e Dança da Menina Tonta</i></p>
<p>1946 <i>Edipo re</i>, de Sófocles, Aula Magna dell’Università, Roma; <i>Salome</i>, de R. Strauss, Teatro San Carlo, Nápoles e <i>Teatro Massimo</i>, Palermo; <i>Madama Butterfly</i>, de G. Puccini, Teatro del Carro di Tespi, Roma; todos com cenário e figurinos de Prampolini</p> <p>Lucio Fontana é um dos fundadores da Academia Altamira, uma escola privada de ensino artístico em Buenos Aires</p> <p><i>Manifiesto Blanco</i>, de Lucio Fontana, é publicado em Buenos Aires</p>	<p><i>Horizonte</i>, jornal das artes (publicado até 1947)</p> <p>Casa da Comédia é fundada por Fernando Amado</p> <p>Ernesto de Sousa conhece Almada Negreiros</p> <p>Ernesto de Sousa inicia a sua atividade como crítico de Artes Plásticas, tornando-se colaborador regular, entre outras publicações, da <i>Seara Nova</i>, a convite de Fernando Lopes Graça</p> <p>Ernesto de Sousa funda e dinamiza o cineclubes <i>Círculo de Cinema</i></p> <p>Fernando Amado e Almada Negreiros animam um debate sobre o artista e a sociedade no Centro Nacional de Cultura, Lisboa</p> <p>I Exposição Geral de Artes Plásticas</p> <p>I Exposição de Arte Moderna de Desenho, Aguarela, Guache e Pastel, S.N.I. (com a participação de Almada Negreiros)</p> <p>Margarida de Abreu apresenta o primeiro espetáculo do <i>Círculo de Iniciação Coreográfica</i>, acompanhado da publicação do seu <i>Manifesto</i>, baseado nos pressupostos de Noverre, Fokine e Helpman. O programa incluiu a primeira versão de <i>O Pássaro de Fogo</i>, de Stravinsky, com cenário e figurino de Abílio de Matos e Silva e Tomás Costa; <i>Serenata</i>, de Mozart, com cenário e figurino de Abílio de Matos e Silva; <i>Arraial da Ribeira</i>, com música de Ruy Coelho e cenário e figurino de Abílio de Matos e Silva; e <i>Fêtes</i>, de Debussy</p> <p>8 de fevereiro – Estreia da revista <i>Travessa da Espera</i>, Teatro Maria Vitória, Lisboa, com Luísa Satanela como protagonista e a participação de Francis e Ruth, que dançavam <i>Serenata Medieval e Sinfonia Ribeirinha</i></p> <p>22 de maio – Verde-Gaio apresenta <i>Tarantela</i> (coreografia de Guglielmo Morresi) nas Festas do Maio Florido, jardim do Palácio dos Carrancas, Porto</p> <p>15 a 25 de junho – I [e única] Exposição da Primavera, organizada por Júlio Pomar e apresentada no Ateneu Comercial</p> <p>Setembro – Francis Graça estreia-se no Brasil na revista <i>Alvorada do Brasil</i></p>
<p>1947 Inauguração do Museu de Arte de S. Paulo</p> <p>Inauguração do Museu Nacional de Arte Moderna de Paris</p> <p>Exposição Surrealista em Paris, que incluiu uma sala em que chovia constantemente sobre um chão coberto</p>	<p>Criação do Cineclubes do Porto</p> <p>II Exposição de Arte Moderna de Desenho, Aguarela, Guache e Pastel, S.N.I.</p> <p>A <i>Instanta</i>, loja de artigos fotográficos na Rua Nova do Almada, Lisboa, tem em funcionamento uma</p>

<p>com relva artificial, e onde havia uma mesa de bilhar (com bolas que acabaram por ser roubadas)</p> <p>Por problemas com as autoridades, Depero regressa a Nova Iorque (onde tinha vivido entre 1928 e 30). Publica <i>So I Think, So I Paint</i>, uma tradução da sua autobiografia publicada em 1940 em Itália, intitulada <i>Fortunato Depero nelle opere e nella vita</i>. Regressará a Itália em outubro de 1949</p>	<p>sala de exposições</p> <p>O Círculo de Iniciação Coreográfica apresenta as seguintes peças de Margarida de Abreu: <i>Tágides</i> (música de Tchaikovsky); <i>Nova Chopiniana</i> (música de Chopin, cenário e figurino de Abílio de Matos e Silva); e <i>Quadros de uma Exposição</i> (música de Mussorgsky, cenário e figurino de Abílio Matos e Silva)</p> <p>Violette Quenolle, ex-bailarina da Ópera de Paris, é contratada para coadjuvar Francis Graça na direção do Verde-Gaio e ali ser primeira bailarina</p> <p>Maio – Verde-Gaio apresenta <i>Farândola</i> (coreografia de Guglielmo Morresi, música de <i>L'Arlesienne</i>, de Bizet) na Festa da Primavera, Porto; <i>Festa no Jardim</i> (coreografia de Guglielmo Morresi, música de <i>Les Petits Riens</i> de Mozart, Ruth Walden como protagonista, cenário e figurinos de Paulo Ferreira) e <i>Dança da Menina Tonta</i>, no S. Carlos, no âmbito das Comemorações do VIII centenário da tomada de Lisboa aos Mouros</p> <p>Setembro – Francis Graça continua a sua digressão brasileira, dançando no Teatro Municipal do Rio de Janeiro com Madeleine Rosay, num programa composto por uma primeira parte com danças portuguesas e uma segunda com danças brasileiras</p> <p>Outubro – Criação do Grupo Surrealista de Lisboa</p> <p>29 de novembro – Verde-Gaio apresenta no S. Carlos um programa que inclui <i>Festa no Jardim</i> (coreografia de Guglielmo Morresi, música de <i>Les Petits Riens</i> de Mozart, Ruth Walden como protagonista, cenário e figurinos de Paulo Ferreira), <i>Farândola</i> (coreografia de Guglielmo Morresi, música de <i>L'Arlesienne</i>, de Bizet), <i>Noite sem Fim</i> (argumento de António Ferro, coreografia de Guglielmo Morresi, música <i>Dança Macabra</i>, de Saint-Saëns), <i>Dança da Menina Tonta</i> (com coreografia de Morresi a substituir a original de Francis), <i>Inês de Castro</i> (com coreografia de Morresi a substituir a original de Francis e cenários e figurinos de Paulo Ferreira, a substituir os originais, de José Barbosa), <i>Ribatejo</i> (única peça do antigo reportório, com coreografia de Francis), <i>Chula do Douro</i> (música de Viana da Mota e coreografia do bailarino Constante da Rocha, discípulo de Francis)</p>
<p>1948 Criação da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA), sediada em Paris</p> <p>Merce Cunningham e John Cage visitam pela primeira vez o Black Mountain College e reconstróem <i>La piège de Méduse</i> [A armadilha de Medusa], de Erik Satie, com colaboradores como Buckminster Fuller e Elaine e Willem de Kooning</p> <p>Fundação do New York Ballet Theater</p> <p>Inauguração do Museu de Arte Moderna de S. Paulo</p>	<p>Secção portuguesa da AICA é entregue a Reynaldo dos Santos</p> <p>Mário Cesariny funda <i>Os Surrealistas</i></p> <p><i>O Pintor no Teatro</i>, conferência de Almada Negreiros no Teatro Estúdio do Salitre</p> <p><i>Introdução a uma História de Arte</i>, de António Pedro</p> <p>Exposição <i>14 Anos de Política do Espírito</i></p> <p>31 de janeiro – Ernesto de Sousa é preso pela PIDE,</p>

e do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

Depero expõe na New School for Social Research, Nova Iorque

Fedra, de D'Annunzio, Comp. Franchini, Teatro di Pescara, com figurinos de Prampolini

Salammbô, de F. Casavola, Teatro dell'Opera, Roma; *Yerma*, de F. Garcia Lorca, e *Orfeo*, de J. Cocteau, Festival Siciliano, Teatro Biondo, Palermo, todos com cenário e figurinos de Prampolini

“juntamente com os dirigentes e sócios do *Círculo de Cinema que, como ele, na altura se encontravam na respetiva sede, alegadamente por suspeita de envolvimento na comemoração do levantamento republicano de 31 de janeiro de 1891. Tal como todos os que eram membros da comissão organizadora, Ernesto de Sousa ficou detido, em Caxias, por 31 dias*”⁹. O *Círculo* é encerrado

Dezembro – Verde-Gaio apresenta no S. Carlos os bailados *Nazaré* (coreografia de Francis Graça, música de Frederico de Freitas, cenário e figurino de Eduardo Anahory e José Barbosa), *Três Danças*, *Quatro Danças*, *Aventuras de Arlequim*, *Balada*, *Para Lá do Oriente*, *A Menina e os Fantoches*, todas com argumento de Paulo Ferreira e coreografia de Ivo Cramér

1949 *La Norma*, de V. Bellini, Teatro San Carlo, Nápoles; *Il Campiello*, de C. Goldoni e *Il processo*, de F. Kafka, Teatro dell'Ateneo, Roma; *Gli Idoli*, de R. Angotti, Teatro Valle, Roma, todos com cenário e figurinos de Prampolini

9 a 19 de junho – Verde Gaio apresentam-se no Théâtre des Champs-Élysées com coreografias de Francis e Ivo Cramér; orquestra dirigida por Frederico de Freitas; Ruth, Francis, Ivo Cramér, Barbara Thiel, Tyne Talvo e Isabel Santa Rosa como bailarinos principais

Ernesto de Sousa “*fixa-se em Paris, até 1952, com o intuito de se tornar realizador. Para além dos cineclubes e salas de cinema, frequenta estudos de história do cinema e filmologia na Sorbonne. Complementa estas aprendizagens com o estudo de técnicas de som no Clube de Radiodifusão Francesa e de técnicas de cinema a cores nos estúdios Epinay-sur-Seine, onde estagia. Assina reportagens sobre cinema nas publicações ‘Shell News’, ‘Diário de Lisboa’, ‘Jornal-Magazine da Mulher’ e ‘Imagem’, de que é correspondente em Paris*”¹⁰

III Exposição de Arte Moderna de Desenho, Aguarela, Guache e Pastel, SNI

Exposição dos artistas premiados pelo SNI

Exposição de Artes Decorativas (SNI)

Congresso Internacional de História de Arte

Escola de Dança do Conservatório Nacional revoga a disposição de 1868, segundo a qual, sendo as aulas de dança dadas por uma professora, apenas se admitiriam alunas

Arte Moderna, de António Ferro

Almada Negreiros escreve as peças em um ato *Aquela Noite e O Mito de Psiché* (publicadas em 1971). *Antes de Começar*, primeira peça de Almada a ser representada, estreia no Teatro Estúdio do Salitre, com Maria Antónia Joyce e António Manuel Couto Viana; figurinos de Sarah Affonso. Última colaboração de Almada no campo da dança, com o desenho de figurinos para *Mephisto-Valsa*, apresentado por Margarida de Abreu no Teatro S. Carlos, com música de Liszt e coreografia de Paul Szillard, incluindo ainda a participação da bailarina búlgara Sónia Arova. Cria o seu primeiro cartão para uma tapeçaria, representando uma bailarina

O *Círculo de Iniciação Coreográfica* apresenta as seguintes peças de Margarida de Abreu: *Concerto*

⁹ Cf. FREITAS e WANDSCHNEIDER, 1998: 41

¹⁰ Cf. <http://test.ernestodesousa.com/cronologia>.

	<p>(música de Schumann, cenário e figurino de Abílio Matos e Silva); <i>Polaca Heróica</i> (música de Chopin, cenário e figurino de Abílio Matos e Silva); <i>Tito e Berenice</i> (música de Tchaikovsky, cenário e figurino de Abílio Matos e Silva); e <i>Dança do Vento</i> (ao som da declamação de um poema de Afonso Lopes Vieira)</p> <p>Janeiro – I Exposição do <i>Grupo Surrealista</i></p> <p>Junho – I Exposição de <i>Os Surrealistas</i></p> <p>21 de novembro – atribuição dos prémios de Teatro de Cinema, Teatro da Trindade, Lisboa, incluindo discurso de António Ferro</p> <p>Final do ano – António Ferro deixa de ser diretor do SNI</p>
<p>1950 Primeiras emissões de televisão a cores (E.U.A.)</p> <p>Hans Namuth fotografa e filma Jackson Pollock a pintar</p> <p>Rolf de Maré doa todo o seu espólio à Biblioteca Nacional francesa, que o instalou na biblioteca da Ópera de Paris</p> <p>Alicia Markova e Anton Dolin fundam o London's Festival Ballet</p> <p>Merce Cunningham e John Cage fundam uma companhia com sete bailarinos (Paul Taylor, Carolyn Brown, Remy Charlip, Jo Anne Melsher, Viola Farber, Marianne Preger e Anita Dencks)</p> <p>Prampolini promove e organiza a <i>Mostra histórica da cenografia italiana</i>, que até 1953 é apresentada em França, Bélgica, Dinamarca, Inglaterra, Estados Unidos, Brasil, Argentina e Uruguai</p> <p><i>La veglia dei lestofanti</i>, de J. Gay e B. Brecht, Teatro della Floridiana, Nápoles; <i>Otello</i>, de Shakespeare, Teatro Greco, Taormina; <i>La libreria del sole</i>, de O. Fabbri; todos com cenário e figurinos de Prampolini</p>	<p>Conservatório Nacional de Música de Lisboa passa a autorizar oficialmente a inscrição de alunos no seu Curso de Bailarinos</p> <p>II Exposição de <i>Os Surrealistas</i></p> <p>Salvador Barata-Feyo assume a Direção do Museu Soares dos Reis, Porto (até 1960)</p>
<p>1951 Primeira edição da Bienal de S. Paulo</p> <p>A revista <i>Portfolio</i> publica as fotos de Pollock a pintar captadas por Namuth</p> <p>Publicação nos Estados Unidos de <i>The Dada Painters and Poets</i> (Nova Iorque: Wittenborn, Schulz, Inc.)</p> <p><i>Sixteen Dances for Soloist and Company of Three</i>, de Merce Cunningham, com partitura de John Cage, utilizando método de composição aleatória</p> <p><i>Dafni e Cloe</i>, de M. Ravel, Teatro dell'Opera, Roma; <i>La vita è breve</i>, de M. De Falla e <i>Il castello di Barbableu</i>, de Bela Bartok, Teatro San Carlo, Nápoles; <i>Glauco</i>, de E.L. Morselli, Teatro Greco, Taormina; todos com cenário e figurinos de Prampolini</p> <p>Maio – <i>Artnews</i> publica o artigo <i>Pollock Paints a</i></p>	<p>14ª (e última) Exposição de Arte Moderna</p>

Picture, de Robert Goodnough, acompanhado por várias das fotos de Namuth

14 de junho – MoMa apresenta o filme a cores de Namuth, apresentando Pollock a pintar

1952 Criação do grupo Noigandres, S. Paulo, Brasil. Originalmente constituído por Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Augusto de Campos, integrou posteriormente Ronaldo Azeredo e José Lino Grünewald. Deu origem a uma revista homónima, publicada entre 1952 e 1962

Criação do Grupo Rutura, S. Paulo, que incluiu, entre outros, Lothar Charoux, Hermelindo Fiaminghi, Geraldo de Barros, Judith Lauand, Luiz Sacilotto e Waldemar Cordeiro

Serenata à Chuva, com Gene Kelly

The American Action Painters, artigo de Harold Rosenberg é publicado na *ARTnews*

Untitled Event/ Theater Piece No.1, de John Cage, no Black Mountain College. Posteriormente considerado o primeiro *happening*, foi concebido ao almoço e realizado nessa mesma noite, sem ensaio, guião ou figurinos e com 45 minutos de duração. As cadeiras destinadas ao público foram dispostas no centro da cantina, todas viradas para o centro, formando um quadrado composto por quatro triângulos, deixando corredores livres (por entre o público e entre o público e a parede). Cage, vestido de fato e gravata pretos, leu uma palestra sobre Meister Eckhart, de um púlpito situado num dos lados. M.C. Richards recitava numa escada. Charles Olsen e outros performers, espalhados entre a audiência, levantam-se à vez e diziam uma ou duas linhas de texto. David Tudor tocou piano. Foram projetados filmes sobre as *White Paintings* de Robert Rauschenberg (suspensas do teto em disposição cruciforme), mostrando o cozinheiro da escola e imagens do sol e quando a imagem desceu do teto para a parede, o pôr-do-sol. Rauschenberg colocava discos velhos num gramofone manual e Merce Cunningham dançava em torno da audiência, sendo a determinada altura seguido por um cão, que foi incorporado na apresentação

Cunningham apresenta no Brandeis University Creative Arts Festival uma coreografia de grupo na qual junta bailarinos profissionais e estudantes locais com pouca ou nenhuma experiência em dança e que em palco executavam movimentos banais como lavar as mãos ou pentear o cabelo

Collage (ao som de excertos da *Symphonie Pour Un Homme Seul*, de Pierre Schaeffer) e *Suite by Chance* (partitura de Christian Wolff), de Merce Cunningham

Don Giovanni, de Mozart, Teatro Municipale, Cagliari; *El Retablo de Maese Pedro*, de M. De Falla, Teatro Nuovo, Milão e Teatro Massimo, Cagliari; *L'Imperatore John*, de O'Neil e Gruenberg, Teatro

Ernesto de Sousa regressa de Paris, para onde tinha ido em 1949

Carlos Ramos sucede a Joaquim Lopes na Direção da ESBAP

O Círculo de Iniciação Coreográfica apresenta as seguintes peças de Margarida de Abreu: *Grazioso* (música de Bach, cenário e figurino de Abílio de Matos e Silva); e *Clair de Lune* (música de Debussy, cenário e figurino de Abílio de Matos e Silva)

A Morte e o Convidado, recital com coreografia de Anna Mascolo, música de Kachaturian, cenário e figurino de Bruno António

Apresentação de uma *Suite de Dances*, com música de Chopin, coreografia de Albert Aveline e participação da bailarina Violette Quinolle

Janeiro – Abertura da Galeria de Março, na casa de móveis Jalco, ao Chiado, por Fernando Lemos e José-Augusto França, que a dirigirá até ao fim (em 1954)

15 de maio – Francis Graça estreia-se como ator no Teatro Apolo, como protagonista em *Rei Édipo*, de Sófocles, dirigido pelo alemão Erwin Meyenburg (encenador e professor no Conservatório) e com um elenco composto por alunos do Conservatório

Setembro – *La Sirena Varada* [*Sereia do Mar e da Terra*], de Alejandro Casona, Teatro Monumental, apresentado por Vasco Morgado, com Laura Alves e cenário de Almada Negreiros (assinando A. Negrino)

Dezembro – Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro apresentam *Sonho de Uma Noite de Verão* no Teatro Nacional D. Maria II (encenação de Meyenburg, desenho de Lucien Donnat, Mariana Rey Monteiro como *Titânea*, Francis como *Oberon*, coreografia de Francis dançada por elementos do Verde Gaio)

	<p>dell'Opera, Roma; <i>L'ora spagnola</i>, de M. De Falla, Teatro San Carlo, Nápoles; todos com cenário e figurinos de Prampolini</p> <p>29 de agosto – primeira apresentação de 4'33'', de John Cage, em Woodstock, Nova Iorque, por David Tudor. A composição de Cage tem a duração indicada no título, dividida em três movimentos. A peça pode ser apresentada por qualquer instrumentista mas foi originalmente apresentada utilizando um piano. Tudor sentou-se à frente do piano e marcou os três movimentos fechando (início) e abrindo (fim) a tampa do teclado.</p>	
1953	<p>Criação no Rio de Janeiro do Grupo Frente. A primeira exposição foi feita na galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU), no Rio de Janeiro, e apresentou trabalhos de Aluísio Carvão, Carlos Val, Décio Vieira, Ivan Serpa, João José da Silva Costa, Lygia Clark, Lygia Pape e Vicent Ibberson</p> <p>Jean Dubuffet usa pela primeira vez o termo <i>assemblage</i></p> <p>Enquanto professor residente no Black Mountain College, Cunningham funda a Merce Cunningham Dance Company</p> <p><i>Suite by Chance</i>, de Merce Cunningham, partitura de som eletrónico de Christian Wolff</p> <p><i>Tensile Involvement</i>, de Alwin Nikolais</p> <p><i>Operazione aritmética, balletto</i> de F. Casavola, Teatro dell'Opera, Roma, com cenário e figurinos de Prampolini</p> <p>Junho – Inauguração do <i>Dansmuseet</i>, Estocolmo</p>	<p>Criação do Teatro Experimental do Porto</p> <p>O Círculo de Iniciação Coreográfica apresenta <i>Ab Initio</i>, coreografia de Margarida de Abreu, música de Dvorak, cenário e figurino de Abílio de Matos e Silva</p>
1954	<p>Criação do Grupo Gutai</p> <p>Bengt Häger assume a direção do Dansmuseet de Estocolmo (até 1989)</p> <p>Robert Rauschenberg torna-se artista residente da Merce Cunningham Dance Company (até 1964)</p> <p>Paul Taylor funda a Paul Taylor Dance Company</p> <p><i>A Theory of Play and Fantasy</i>, ensaio de Gregory Bateson</p> <p><i>La Bataille de Bouvines</i>, de Georges Mathieu, em que o artista, vestido com um uniforme militar, pinta ao vivo uma tela de grande dimensão, numa ação filmada por Robert Deschernes</p> <p>30 de maio – <i>Jack and the Beanstalk</i>, de Paul Taylor, com música de Hy Gubernick, cenário e figurinos de Robert Rauschenberg e luz de Marc May</p>	<p>Criação da Fundação Calouste Gulbenkian</p> <p>A convite de Eugénio de Andrade, António Pedro assume a direção artística do TEP</p> <p>Abertura da Academia Dominguez Alvarez, por Jaime Isidoro e António Sampaio, Porto</p> <p>I Salão de Arte Abstrata (Galeria de março)</p> <p>Encerramento da Galeria de março, dirigida por José-Augusto França</p> <p><i>O Natal na Arte Portuguesa</i>, filme documental de Ernesto de Sousa</p> <p>Almada Negreiros pinta o retrato de Fernando Pessoa</p> <p>Francis Graça apresenta-se à frente do Verde Gaio num bailado “clássico” que complementava a ópera <i>Electra</i>, de Richard Strauss: <i>Prelúdios</i> (música de Liszt; coreografia, cenário e figurinos de Francis Graça)</p>
1955	<p><i>How to Do Things with Words</i>, série de palestras (<i>William James Lectures</i>) dadas pelo filósofo inglês John Langshaw Austin na Universidade de Harvard,</p>	<p>Criação da Secção Portuguesa da AICA</p> <p><i>1ª Exposição de Arte Moderna</i>, organizada pela</p>

<p>em que introduz a noção de performatividade no âmbito da teoria da linguagem</p> <p>Anna Halprin funda o <i>San Francisco Dancers' Workshop Company</i>, frequentado, entre vários outros artistas, por Simone Forti e Trisha Brown</p> <p>Segunda exposição do Grupo Frente, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e que apresentou trabalhos de sete novos artistas no grupo: Abraham Palatnik, César Oiticica, Franz Weissmann, Hélio Oiticica, Rubem Ludolf, Elisa Martins da Silveira e Eric Baruch</p> <p><i>Segni nello spazio, balletto</i> de G. Petrassi (Compagnia del Balletto), Roma, Florença e Milão; <i>Sette peccati</i>, del M Veretti, <i>balletto</i> (não realizado); San Francesco, mistério de G.F. Malipiero, Teatro Massimo, Cagliari; todos com cenário e figurinos de Prampolini</p> <p>15 de março – <i>Circus Polka</i>, de Paul Taylor, com música de Igor Stravinsky, figurinos de Robert Rauschenberg, luz de Marc May e John Robertson</p> <p>6 de junho – <i>Little Circus</i>, de Paul Taylor, com música de Igor Stravinsky, cenário e figurinos de Robert Rauschenberg e luz de John Robertson</p>	<p>Galeria Alvarez na Póvoa do Varzim</p> <p>Abertura da Galeria Pórtico</p> <p><i>Yerma</i>, de García Lorca, é apresentada pelo Teatro d'Arte de Lisboa no Teatro da Trindade, com Maria Lalande como protagonista e Francis como ator (representando <i>O Macho</i>), bailarino e coreógrafo</p>
<p>1956 John L. Austin usa pela primeira vez, durante um programa de rádio, o termo “performativo”</p> <p>Jiro Yoshihara publica o <i>Gutai Art Manifesto</i></p> <p>Revista <i>Life</i> dedica uma reportagem ao Grupo Gutai</p> <p>Sadler's Wells Ballet passa a denominar-se Royal Ballet</p> <p>John Cage inicia um curso de música experimental na New York's New School for Social Research</p> <p>Simone Forti e Robert Morris, recentemente casados, mudam-se para San Francisco</p> <p>Últimas exposições (em Resende e Volta Redonda, no Rio de Janeiro) e dissolução do Grupo Frente</p> <p>Georges Mathieu pinta ao vivo, perante cerca de 2000 espetadores, no teatro Sarah-Bernhardt, em Paris, uma tela de 4x12 metros</p> <p><i>There is a Time</i>, de José Limón</p> <p>27 de março – <i>3 Epitaphs</i>, de Paul Taylor, com jazz de Nova Orleães como banda sonora, figurinos de Robert Rauschenberg e luz de George Tanet</p> <p>6 de maio – <i>The Least Flycatcher</i> (música e figurines de Robert Rauschenberg) e <i>Untitled Duet</i> (figurino de Robert Rauschenberg e sem banda sonora), de Paul Taylor</p> <p>Dezembro – I (e única) Exposição Nacional de Arte Concreta, S. Paulo</p> <p>4 de dezembro – <i>Tropes</i> (música folk e figurino de Robert Rauschenberg) e <i>Obertura Republicana</i></p>	<p>Luna Andermatt funda a Escola de Bailado Clássico do Teatro de S. Carlos, apoiada pelo Instituto para a Alta Cultura, dirigida por José de Figueiredo e na qual é diretora pedagógica e professora</p> <p>10ª (e última) Exposição Geral de Artes Plásticas</p> <p>Exposição <i>Artistas de Hoje</i></p> <p>Criação da Sociedade Cooperativa <i>Gravura</i></p> <p>Inauguração da galeria Pórtico, no Camões, Lisboa, pelos então alunos de Belas-Artes René Bertholo, Lourdes Castro, José Escada e Costa Pinheiro (até 1959)</p> <p>Galeria Alvarez apresenta a primeira retrospectiva de Amadeo Souza-Cardoso</p> <p>Morte de António Ferro</p> <p>26 de fevereiro – criação oficial do <i>Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra</i> (CITAC), com a aprovação dos estatutos pela Assembleia Magna da Associação Académica de Coimbra e sob a coordenação de Vasco de Lima Couto</p> <p>Junho – <i>Antes de Começar</i>, de Almada Negreiros, no Teatro Nacional D. Maria II, com cenário da sua autoria. Caracterização, cabeleiras, ciclorama e figurinos de Lourdes Castro</p>

	(música de Carlos Chávez e figurino de James Waring), de Paul Taylor	
1957	<p>O American National Ballet Theater passa a designar-se American Ballet Theater</p> <p><i>West Side Story</i>, de Leonard Bernstein</p> <p>Filme <i>Gutai on Stage</i></p> <p>O pintor Georges Mathieu e o crítico Michel Tàpie visitam o Japão (após terem estabelecido correspondência epistolar com o Grupo Gutai)</p> <p>Lourdes Castro e René Bertholo instalam-se em Munique</p> <p><i>The Tower</i>, de Paul Taylor, com música de John Cooper, cenário de obert Rauschenberg e figurino de Jasper Johns</p> <p><i>Here and Now with Watchers</i>, de Eric Hawkins</p> <p>Fevereiro – I (e única) Exposição Nacional de Arte Concreta, Rio de Janeiro</p> <p>10 de maio – Yves Klein inaugura em Paris uma exposição dupla composta por <i>Propositions monochromes</i> (patente até dia 25) na galeria Iris Clert e <i>Pigment pur</i>, na galeria de Colette Allendy (patente de 14 a 23). Na inauguração, foram largados ao ar livre 1001 balões azuis, ação a Klein chamou <i>Sculpture aérostatique</i>. <i>Pigment pur comprendeu</i>, entre outras obras a primeira pintura de fogo <i>Feux de Bengale-tableau de feu bleu d'une minute (M 41)</i> e o primeiro <i>Immatériel</i>: uma sala vazia</p> <p>20 de outubro – estreia de <i>Seven Dances</i>, de Paul Taylor, no Kaufmann Concert Hall (92nd Street YM-YWCA, Nova Iorque), todas com figurinos de Robert Rauschenberg e luzes de Tharon Musser, incluindo: <i>Epic</i> (solo de 20' dançado por Taylor, ao som de um sinal sonoro telefónico; de 10 em 10 segundos Taylor movia-se, retomando depois uma posição “ neutra” em pé, de frente para o público); <i>Events I</i> (com Donya Feuer e Toby Armour, em que ambos, espacialmente próximos, assumiam uma longa série de posturas “como se duma inquietante espera se tratasse”¹¹, com sons de vento como banda sonora); <i>Duet</i> (em que Taylor e Armour permanecem imóveis durante 4'33'' ao som da peça de John Cage; ambos vestidos com roupas de rua, Taylor permanecia de pé, com a sua bailarina no chão, reclinada a seus pés. Este trabalho provocou a mais violenta reação e Louis Horst – que tinha sido professor de Taylor na Julliard School – publicou no <i>Dance Observer</i> uma crítica que se tornou um clássico da crítica de dança: uma coluna em branco, apenas com data e local da apresentação); <i>Resemblance</i>, com música de John Cage; <i>Panorama</i> (com o som de um batimento cardíaco como banda sonora); <i>Events II</i> (com sons de</p>	<p>Primeira Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian e início do programa de apoio à internacionalização de artistas portugueses</p> <p>I Festival Gulbenkian de Música</p> <p>Abertura da Galeria <i>Diário de Notícias</i>, Lisboa</p> <p>O Círculo de Iniciação Coreográfica apresenta <i>O Passeio Público</i>, coreografia de Margarida de Abreu, música de Elvira de Freitas, cenário e figurino de Abílio de Matos e Silva</p> <p>Fevereiro – Récita de gala no S. Carlos, no âmbito da visita de Isabel II de Inglaterra, incluindo a apresentação de <i>Inês de Castro</i>, pelo Verde Gaio. Francis, com 55 anos, foi superiormente proibido de ser o protagonista (entregue a Fernando Isasca), demitindo-se (embora tenha continuado a dirigir o grupo)</p>

¹¹ Cf. O'MAHONEY, John (2003). “The motion of emotion”. Em: *The Guardian*, 19.04.2003. Disponível em: <http://www.theguardian.com/stage/2003/apr/19/dance.artsfeatures>, consult. 5.06.2014

	<p>chuva como banda sonora); <i>Opportunity</i> (com “barulho”¹² como banda sonora). Allan Kaprow e Robert Whitman assistiram a este programa</p> <p>8 de dezembro – O <i>The New York Times</i> apresenta na primeira página da secção de Arte um artigo descrevendo as atividades do grupo Gutai</p>	
<p>1958</p>	<p>Fundação da companhia Ballets: USA, dirigida por Jerome Robbins</p> <p>Lourdes Castro e René Bertholo instalam-se em Paris, graças a uma bolsa da FCG, e criam a revista <i>KWY</i> (publicada até 1964), à qual, a partir do n. 6 se juntaram João Vieira, Costa Pinheiro, Gonçalo Duarte, José Escada, Christo e Jan Voss, todos formando um grupo homónimo</p> <p>Publicação de <i>The Theater and Its Double</i>, tradução para inglês da obra de Antonin Artaud</p> <p><i>Ballet Neoconcreto I</i>, de Lygia Pape e Reynaldo Jardim, Teatro Copacabana Palace, Rio de Janeiro. A artista trabalhou a partir de um poema de Reynaldo Jardim composto pelas palavras <i>alvo</i> e <i>olho</i>, e criou uma performance em que sólidos geométricos (quatro cilindros brancos e quatro paralelogramos na cor zarcão, com dois metros de altura e sobre rodas) são movimentados em palco por bailarinos ocultos no seu interior, sobre um fundo negro</p> <p><i>Antic Meet</i>, de Merce Cunningham</p> <p><i>Missa Brevis</i>, de José Limón</p> <p>Red Grooms apresenta na Sun Gallery, em Provincetown, o seu primeiro <i>Happening</i>, em que pinta ao vivo um quadro em frente a uma audiência</p> <p>18 de março – <i>May Apple</i> (sem música e com figurino de Robert Rauschenberg) e <i>Rebus</i> (música de David Hollister e figurino de Robert Rauschenberg), de Paul Taylor</p> <p>26 de abril – Às 23 horas, na presença de Iris Clert, Yves Klein e o director de iluminação da Cidade de Paris experimentam iluminar de azul o obelisco da Praça da Concórdia. Klein pretendia completar com este acontecimento a inauguração da sua exposição que inauguraria dois dias depois, mas o Presidente da Câmara não permitiu</p> <p>28 de abril – Yves Klein inaugura na galleria Iris Clert a exposição <i>La spécialisation de la sensibilité à l'état matière première en sensibilité picturale stabilisée, Le Vide</i>. Com Guardas Republicanos de sentinela na entrada, o artista expõe obras invisíveis</p> <p>5 de junho – Primeiras experiências de Yves Klein com “pincéis vivos”, no apartamento parisiense de Robert Godet, onde cobriu com tinta azul o corpo de uma jovem, que rolou sobre um papel colocado no chão até o cobrir com tinta, criando assim um</p>	<p>Fundação do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), como organismo da Associação Académica, dedicado à divulgação das Artes Plásticas, assumindo-se como complemento à formação universitária e caracterizando-se por um forte dinamismo e experimentação, através da realização de ateliês coletivos, organização de exposições e divulgação de ilustrações e textos sobre arte</p> <p>Retrospectiva de Arte Abstrata</p> <p>Salão de Arte Moderna (SNBA)</p> <p>Inauguração da secção portuense da Galeria Divulgação</p> <p>Armando Jorge inicia os seus estudos de Dança com Margarida de Abreu, no Círculo de Iniciação Coreográfica (até 1960)</p> <p>O Círculo de Iniciação Coreográfica apresenta <i>Nocturnes</i>, coreografia de Margarida de Abreu, música de Debussy, cenário e figurino de João Salo</p> <p>Junho – Festas de Lisboa, no Auditório da Ribeira Velha, incluindo alguns bailados do Verde Gaio (como <i>Dança da Menina Tonta, Ribatejo</i> e <i>Muro do Derrete</i>), já sem Francis e Ruth como bailarinos (esta última substituída por Violette Quenolle e Isabel Santa Rosa)</p> <p>Junho – António Quadros escreve o seu <i>Manifesto da Pintura</i>, que distribui durante uma exposição sua realizada na ESBAP</p>

¹² Cf. <http://ptdc.org/artists-dances/taylor-repertoire/>

	<p>monóculo azul</p> <p>20 de dezembro – <i>Images and Reflections</i>, de Paul Taylor, música de Morton Feldman, figurino e adereços de Robert Rauschenberg e luz de Tharon Musser</p>	
<p>1959</p>	<p>Construção do Guggenheim Museum, Nova Iorque</p> <p>I Bienal de Paris</p> <p><i>The Presentation of Self in Everyday Life</i>, de Erving Goffman</p> <p><i>How To Do Things with Words</i>, de John L. Austen</p> <p><i>Manifesto for Auto Destructive Art</i>, de Gustav Metzger</p> <p>Allan Kaprow usa pela primeira vez o termo happening no texto <i>Something to take place: a happening</i></p> <p>Julian Beck e Judith Malina fundam <i>The Living Theater</i> em Nova Iorque</p> <p><i>Festival da Livre Expressão</i>, Paris, organizado por Jean-Jacques Lebel e com a participação de Joseph Beuys e Claes Oldenburg, entre outros</p> <p><i>Balé Neoconcreto II</i>, de Lygia Pape e Reynaldo Jardim, Teatro Glaucio Gil, Rio de Janeiro. A artista apresenta uma performance em que um quadrado rosa (2x2 metros) e um retângulo (composto por um quadrado rosa também de 2x2m com um retângulo azul de menores dimensões justaposto em cima) são movimentados (ortogonalmente) em palco por bailarinos ocultos, sobre um fundo negro</p> <p>George Brecht expõe assemblages e instruções para Performances na Reuben Gallery</p> <p>22 de março – O suplemento dominical do <i>Jornal do Brasil</i> (dirigido por Reynaldo Jardim, participante do movimento) publicou o <i>Manifesto Neoconcreto</i>, assinado por Ferreira Gullar, Reynaldo Jardim, Theon Spanudis, Amílcar de Castro, Franz Weissmann, Lygia Clark e Lygia Pape. No mesmo dia da publicação do Manifesto, ocorreu a I Exposição de Arte Neoconcreta, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com a presença dos sete artistas assinantes do Manifesto</p> <p>Maio – <i>Kinjiki</i> (cor interdita), de Tatsumi Hijikata (que com Kazuo Ohno é considerado figura principal do Butoh), é apresentado num festival de dança</p> <p>Agosto – abertura da Galleria Museo Depero, em Rovereto, cuja decoração definitiva dura três anos</p> <p>Outono – <i>18 happenings in 6 parts</i>, de Allan Kaprow na Reuben Gallery, Nova Iorque</p> <p>18 de novembro – o galerista italiano Peppino Palazzoli compra a Yves Klein a primeira <i>Zona de Sensibilidade Pictórica Imaterial</i>, por 20 gramas de ouro</p>	<p>Lançamento da revista <i>Colóquio</i> (até 1970)</p> <p>Salão dos Novíssimos (SNI)</p> <p>Eduardo Malta é nomeado para substituir Diogo de Macedo na Direção do MNAC</p> <p>Exposição <i>50 Artistas Independentes em 1959</i></p> <p>Verão – Verde Gaio anuncia a criação de dois novos bailados: <i>Alfama</i> (argumento de António Quadros, filho de António Ferro) e <i>Coimbra</i> (com argumento de Francis). Foi realizado um concurso para a criação de cenários e figurinos, que ninguém ganhou. Os bailados nunca foram apresentados</p>

	<p>7 de dezembro – Yves Klein vende uma <i>Zona de Sensibilidade Pictórica Imaterial</i> a Jacques Kugel e outra a Paride Accetti</p> <p>8 de dezembro – Yves Klein vende uma <i>Zona de Sensibilidade Pictórica Imaterial</i> a Alain Lemée</p>	
<p>1960</p>	<p>Primeira demonstração de raios laser</p> <p>Claes Oldenburg organiza <i>Ray Gun Spex</i> na Judson Memorial Church, em Nova Iorque, incluindo performances de Jim Dine, Red Grooms, Al Hansen, Dick Higgins, Allan Kaprow, Robert Whitman, e a sua instalação <i>The Street</i></p> <p>Howard Moody, pastor da Judson Memorial Church, Nova Iorque, convida Allan Kaprow a dirigir a galeria de arte da igreja</p> <p>Filme <i>Gutai Painting</i></p> <p>Simone Forti e Robert Morris divorciam-se e mudam-se para Nova Iorque</p> <p>Exposição Surrealista em Paris, com uma primeira sala com portas ovais, toda forrada a veludo rosa, com um teto que se movimentava, e onde se podiam ouvir murmúrios e suspiros. Uma outra sala estava forrada de verde e sugeria estalactites e estalagmites. No final de um estreito corredor forrado de preto estava uma Câmara do Fetiche preta. Na inauguração, os Surrealistas levaram a cabo uma homenagem ao Marquês de Sade, fazendo um banquete e utilizando uma mulher nua como mesa (tendo mais tarde sido substituídos por figuras de cera)</p> <p>Exposição do grupo KWY na Universidade de Saarbrücken</p> <p><i>Meaningless Work Boxes</i>, de Walter De Maria</p> <p>Estreia de <i>Tablet</i>, de Paul Taylor, em Spoleto, Itália, com Pina Bausch no elenco</p> <p>Estreia de <i>The Marrying Maiden</i>, de Jackson MacLow, pelo Living Theatre, com direção de Judith Malina. O autor usou processos de aleatoriedade para seleccionar elementos como os personagens; conteúdo, ordem e duração das falas, volume, inflexão da voz e modo de falar e suas atitudes. A encenadora recorreu à mesma estratégia para diversos aspetos da direção de cena</p> <p><i>The Smiling Workman</i>, Performance de Jim Dine na Judson Gallery, em que o artista bebeu tinta de um balde e pintou “I love what I’m...” numa tela de grandes dimensões, antes de despejar a restante tinta pela cabeça abaixo e saltar através da tela</p> <p><i>Tea at the Palaz of Hoon</i>, de Aileen Passloff, Living Theater, Nova Iorque (Yvonne Rainer na audiência)</p> <p>Fevereiro – Yves Klein apresenta duas <i>Zonas de Sensibilidade Pictórica Imaterial</i> no âmbito da exposição <i>Antagonismes</i>, organizada pelo Museu de Artes Decorativas de Paris</p>	<p>Concurso para o projeto da Sede da Fundação Gulbenkian</p> <p>Armando de Lucena é substituído por Frederico George na Direção da SNBA</p> <p>Primeira exposição do grupo KWY na Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa</p> <p>Armando Alves, António Bronze, Manuel Pinto, António Quadros, José Rodrigues e Ângelo de Sousa constituem o grupo 21G7, dedicado à prática da gravura</p> <p>O Círculo de Iniciação Coreográfica apresenta <i>Sinfonia Italiana</i>, coreografia de Margarida de Abreu, música de Mendelssohn, cenário e figurino de Armando Jorge</p> <p>Francis Graça é afastado do Verde Gaio, cuja direção é entregue a Margarida de Abreu e Fernando Lima. Graça acaba por ser integrado nos quadros de pessoal do SNI, com a categoria de reformado e um ordenado de três contos de réis</p> <p><i>Allegro a Barbaro</i>, solo de Anna Mascolo com música de Bela Bartok</p> <p>Criação do <i>Centro Português de Bailado</i></p> <p>Vasco Wellenkamp inicia os seus estudos de Dança (com 18 anos) com Margarida de Abreu e Fernando Lima no Grupo Verde Gaio</p>

13 de fevereiro – *Images and Reflections* (versão para televisão), *Meridian* (música de Pierre Boulez e figurino de Louise Thompson) e *Option* (música de Richard Max Field e figurino de Louise Thompson), de Paul Taylor

23 de fevereiro – Em sua casa (com a presença de Pierre Restany), Yves Klein imprime o corpo de Rotraut Uecker e Jacqueline cobertos com tinta azul, numa parede coberta com uma folha branca. Os participantes intitularam a obra *Célébration d'une nouvelle Ere anthropométrique*

7 de março – *Hommage to New York (self-constructing, self-destroying)*, de Jean Tinguely, jardins do MoMA de Nova Iorque, apresentando uma escultura pré-programada para se autodestruir diante dos visitantes

9 de março – Yves Klein apresenta *Anthropométries de l'Epoque bleue* na International Gallery of Contemporary Art, em Paris. Ao som da *Symphonie Monotone*, Klein orienta três jovens modelos, que se cobrem com tinta azul, imprimindo o seu corpo em papéis brancos dispostos no chão e paredes da galeria, perante uma audiência vestida formalmente e composta por artistas, colecionadores e críticos, convidada posteriormente para uma conversa em que participaram Georges Mathieu e Pierre Restany

10 de junho – *Meridian Re-Choreographed*, de Paul Taylor, música de Morton Feldman e figurino de Alex Katz

Verão – Yves Klein realiza as suas primeiras *Cosmogonies* em Cagnes-sur-Mer. Fixou uma tela coberta com tinta azul ao tejadilho do seu Citroën e viajou de Paris até Cagnes-sur-Mer, expondo-a aos efeitos do clima

1 de julho – *Tablet*, de Paul Taylor, música de David Hollister, cenário e figurino de Ellsworth Kelly

14 de julho – *Happening* intitolado *L'enterrement de la chose de Tinguely*, em Veneza, com a participação de Jean Tinguely, Allan Jouffroy, Gregory Corso e Peggy Guggenheim, entre outras personalidades do mundo artístico

11 de outubro – *The White Salamander*, de Paul Taylor, música de Joop Stokkermans e figurino de Henk de Vries

19 de outubro – Yves Klein realiza *Le Saut dans le vide* no n. 3 da rue Gentil-Bernard, em Fontenay-aux-Roses, fotografado por Harry Shunk e John Kender. Um ensaio tinha já sido feito no dia 12 de janeiro na galleria de Colette Allendy

28 de outubro – Yves Klein junta Arman, Hains, Raysse, Restany e Tinguely para produzir uma *Anthropométrie suaire*

16 de novembro a 15 de dezembro – III Festival de Arte Avant-Garde, Parc des Expositions de la Porte de Versailles, Paris (dirigido por Jacques Polieri). A

<p>exposição inaugurou a 18 na American House (dirigida por Michel Ragon, assistido por Pierre Restany e Daniel Spoerri, com apresentação de Claude Parent). As duas obras de Klein, <i>Ci-gît l'espace</i> e <i>Anthropométrie collective des Nouveaux Réalistes</i>, são vandalizadas</p> <p>27 de novembro (Domingo) – Integrando o programa teatral do Festival, Yves Klein apresenta <i>Teatro do Vazio</i> (das 0:00 às 24:00 horas). No mesmo dia disponibiliza em alguns quiosques parisienses <i>Dimanche "le journal d'un seul jour"</i> e dá uma conferência de imprensa na galleria Rive Droite</p> <p>Dezembro – apresentação coletiva na Reuben Gallery, Nova Iorque, incluindo <i>See-Saw</i> (com Yvonne Rainer e Robert Morris) e <i>Rollers</i>, de Simone Forti (a sua primeira apresentação pública, com a própria Forti e Patty Oldenburg como performers); <i>A Shining Bed</i>, de Jim Dine; e <i>Blackouts</i>, de Claes Oldenburg</p>	
<p>1961 Joseph Beuys ingressa na Universidade de Düsseldorf</p> <p>George Maciunas inventa o termo <i>Fluxus</i> como título de uma revista multidisciplinar que pretende publicar</p> <p>Christo concebe o primeiro projeto de empacotamento de um edifício público</p> <p>Deserção de Rudolf Nureyev</p> <p>Pierre Restany organiza em Paris a exposição <i>La Réalité Dépasse la Fiction – Le Nouveau Réalisme à Paris et à New York</i></p> <p><i>Escultura Viva, Corpos de Ar e Merda de Artista</i>, de Piero Manzoni</p> <p><i>Proxy</i>, de Steve Paxton</p> <p><i>Untitled (Standing Box)</i>, de Robert Morris</p> <p><i>Column</i>, de Robert Morris, é incluída numa obra do Living Theater de Nova Iorque, assim descrita por Rosalind Krauss: "<i>The curtain parts. In the center of the stage is a column, standing upright, eight feet high, two feet on a side, plywood, painted gray. Nothing else is on the stage. For three and a half minutes nothing happens; no one enters or leaves. Suddenly the column falls. Three and a half more minutes elapse. The curtain closes</i>"¹³. Segundo Virginia Spivey, Morris queria estar dentro da coluna, fazendo-a cair aparentemente sozinha, mas por causa de um ferimento na cabeça ocorrido durante um ensaio, teve de desistir da ideia, fazendo a coluna cair puxando-a com fios (Spivey, 2009)</p> <p>Exposição do grupo KWY na Galerie Soleil dans la Tête, Paris</p> <p>14 de janeiro – <i>Fibers</i>, de Paul Taylor, música de Arnold Schoenberg, cenário e figurino de Rouben</p>	<p>Início das operações militares no Ultramar</p> <p><i>Jornal de Letras e Artes</i> (até 1968)</p> <p>Criação da Cooperativa Árvore, Porto</p> <p>Criação do Grupo Experimental de Bailado, com direção artística patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian</p> <p>Stockhausen e David Tudor atuam em Lisboa e no Porto a convite do Círculo de Cultura Musical, realizando ainda uma palestra e um colóquio no Goethe Institut, Lisboa</p> <p>II Exposição Gulbenkian</p> <p>16 a 20 de janeiro – Exposição de Arte Indígena, organizada por Ernesto de Sousa no âmbito da Semana de Arte e Folclore Africano di Clube Universitário de Jazz de Lisboa</p> <p>Dezembro – estreia do Verde Gaio sob direção de Margarida de Abreu e Fernando Lima, apresentando <i>Prólogo Galante</i> (música de Carlos Seixas) e <i>Condestável</i> (música de Luís Freitas Branco e cenário de Abílio de Matos e Silva), ambas com coreografia de Margarida de Abreu</p>

¹³ Cf. KRAUSS, 1981: 201

Ter-Aruturian

26 de janeiro a 14 de fevereiro – *Yves Klein: Monochrome und Feuer*, a maior exposição retrospectiva do artista, no Museum Haus Lange, Krefeld, Alemanha. Incluiu as suas monocromias azuis, rosa e douradas, desenhos de arquitetura, *Mur de feu*, *Sculpture de feu* e um espaço imaterial intitulado *Immaterielle Raum*, desde então pertencente à coleção permanente do museu. No dia de encerramento da exposição, Klein fez as suas primeiras *Pinturas de fogo*, expondo grandes papéis ou cartões às chamas de bicos de Bunsen

Março – *A Spring Happening*, de Allan Kaprow, Reuben Gallery, Nova Iorque. Os participantes estavam confinados dentro de uma estrutura semelhante a uma comprida caixa, cuja madeira tinha furos através dos quais os espetadores poderiam com algum esforço ver o que acontecia fora; quando o *Happening* acabou, as paredes desmoronaram, e os espetadores foram expulsos por alguém operando um cortador de relva elétrico

11 a 29 de abril – *Yves Klein le Monochrome*, exposição na galeria de Leo Castelli, Nova Iorque. Klein e a sua mulher Rotraut vivem no Chelsea Hotel durante dois meses, período em que Klein escreve *The Chelsea Hotel Manifesto*

17 de maio a 10 de junho – Yves Klein participa na primeira exposição na galeria J, Paris: *A quarante degrés au-dessus de Dada*, organizada por Pierre Restany, com a participação de Arman, César, Hains, Tinguely, Villeglé, Dufrêne, Rotella e Spoerri. Restany publicou um texto que Klein não aprovou

26 e 27 de maio – apresentações no *loft* de Yoko Ono (112 Chambers St., Nova Iorque), que incluíram um *environment* de Robert Morris; música de Philip Corner, La Monte Young e Richard Maxfield; poesia de Jackson MacLow; e *Five Dance Constructions and Some Other Things (Slant Board, Huddle, Hangers, Platforms, Accompaniment for La Monte's "2 sounds" and La Monte's "2 sounds", From Instructions, Censor, Herding)*, de Simone Forti, que também improvisou a solo e participou em *Structured Improvisations* com Trisha Brown e Dick Levine

17 e 18 de julho – Yves Klein apresenta em Paris sessões de antropometria, filmadas por Paolo Vavera, com vista a integrarem *Mondo Cane*, um filme de Gualterio Jacopetti a apresentar no Festival de Cinema de Cannes no ano seguinte

18 de 19 de julho – Yves Klein realiza *Pinturas de fogo* no centro de testes da Companhia de Gás de França

18 de agosto – *Insects and Heroes*, de Paul Taylor, música de John Herbert McDowell, cenário e figurino de Rouben Ter-Aruturian e luz de Louise Guthmen

8 de outubro – Klein, Raysse and Hains declaram a dissolução do grupo dos Nouveau Réalistes.

	<p>motivados pela publicação do manifesto de Pierre Restany durante a exposição <i>A quarante degrés au-dessus de Dada</i></p> <p>24 de novembro – <i>Junction</i>, de Paul Taylor, música de Johann Sebastian Bach, cenário e figurino de Alex Katz e luz de Jennifer Tipton</p> <p>Inverno – Paul Taylor faz digressão em Itália, com um programa em que apresenta <i>Junction</i></p>	
<p>1962</p>	<p>Criação da palavra “informática”</p> <p>Formação do grupo informal Judson Dance Theater, que durante dois anos apresenta cerca de 200 trabalhos na Judson Memorial Church, em Greenwich Village, Manhattan, Nova Iorque. Desenvolvido a partir da classe de composição em dança liderada por Robert Dunn, músico que tinha estudado com John Cage. O grupo encontrava-se semanalmente para criar, apresentar e discutir trabalho</p> <p>Joseph Beuys torna-se diretor do Departamento de Escultura da Academia de Artes de Düsseldorf</p> <p>Chegada de Egídio Álvaro a Paris</p> <p>Lançamento do boletim Fluxus <i>dé-coll/age: Bulletin Aktuellen Ideen</i> (publicado até 1969), editado por Wolf Vostell</p> <p><i>The Blood Organ: The M-Apparatus</i>, primeiro manifesto de Otto Mühl</p> <p>Digressão parisiense de Paul Taylor, convidado a participar na sexta edição do Théâtre des Nations, com as obras <i>Tracer</i>, <i>Insects and Heroes</i> e <i>3 Epitaphs</i>, conquistando o prémio para a melhor coreografia</p> <p><i>Shooting Painting</i>, de Niki de Saint-Phalle, em que a artista dispara contra balões cheios de tinta compostos numa assemblage</p> <p><i>Whales</i>, de Claes Oldenburg</p> <p>Exposição do grupo KWY na Galeria 2000, Bolonha</p> <p>21 de janeiro – Yves Klein e Rotraut Uecker casam-se na igreja de Saint-Nicolas-des-Champs, em Paris. Klein concebeu meticulosamente todos os aspetos da cerimónia. O convite incluía o brasão de Klein (azul com tiras brancas horizontais com a rosa e a abelha, simbolizando a vida através do amor e do trabalho) e texto impresso a azul, dourado e rosa. Os noivos saíram da igreja passando por uma guarda de honra composta por cavaleiros da Ordem de S. Sebastião. A cerimónia foi seguida de uma receção na La Coupole, onde foi servido um cocktail azul aos convidados. A festa prosseguiu no estúdio de Larry Rivers. Christo Javacheff iniciou nesse mesmo dia uma tela comemorativa com o contributo de Klein, inacabada até hoje</p> <p>26 de janeiro – Dino Buzzati compra a Klein mais uma <i>Zona de Sensibilidade Pictórica Imaterial</i>, Paris</p>	<p>Jaime Isidoro compra em Valadares o terreno onde será construída a Casa da Carruagem</p> <p>Publicação do <i>Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa</i></p> <p>CAP integra a Associação Académica de Coimbra/AAC</p> <p>Início das exposições itinerantes da Fundação Gulbenkian</p> <p>Embaixada do Brasil em Lisboa publica uma antologia de Poesia Concreta do grupo Noigandres</p> <p>Lançamento do Livro <i>IDEOGRAMAS</i>, de Ernesto de Melo e Castro na Feira do Livro de Lisboa</p> <p>Armando Jorge ingressa nos Grands Ballets Canadiens, onde se tornará primeiro-bailarino (em 1965)</p> <p>Paula Massano inicia (com 13 anos) a sua formação em Dança no estúdio de Anna Mascolo, posteriormente ingressando na Escola de Dança do Conservatório Nacional</p> <p>30 de maio – Estreia de <i>Dom Roberto</i>, primeira e única longa-metragem de Ernesto de Sousa, Cinema Império, Lisboa</p>

4 de fevereiro – Claude Pascal compra a Klein mais uma *Zona de Sensibilidade Pictórica Imaterial*

10 de fevereiro – Michael Bankfort compra a Klein mais uma *Zona de Sensibilidade Pictórica Imaterial*, Paris

Março – Yves Klein realiza a sua primeira Pintura de fogo em grande escala, no centro de testes da Companhia de Gás de França, em La Plaine Saint-Denis, perto de Paris. Usou cartão suco reforçado e pulverizou água no suporte

1 de março – Klein realiza em casa uma *Anthropométrie suaire* com Arman, Claude Pascal e Pierre Restany. A obra reuniu *Object Traces*, de Arman, *Antropometrias* de Klein, um poema em prosa de Claude Pascal e texto de Pierre Restany

24 de março – *Trillium*, de Trisha Brown, com Simone Forti, Maidman Playhouse, Nova Iorque

11 de abril – *Tracer*, de Paul Taylor, música de James Tenny, cenário e figurino de Robert Rauschenberg

1 a 3 de junho – *Orgia de sangue*, ação de Otto Muehl, Herman Nitsch e Adolf Frohner no estúdio-casa de Muehl, que inicia as apresentações dos Accionistas Vienenses

6 de julho – Primeira apresentação do Judson Dance Theater, com cerca de três horas de duração e uma audiência de cerca de 300 pessoas. A mostra começou com uma projeção de filmes (imagens editadas aleatoriamente, de Elaine Summers; testes de imagem de John Herbert McDowell e *The Bank Dick*, *clip* de W.C. Fields) enquanto a audiência se acomodava. Seguiu-se *Shoulder*, de Elaine Summers, a primeira peça do programa, que incluiu ainda *Once or Twice a Week I Put on Sneakers to Go Uptown*, de Fred Herko; *Transit* e *Proxy*, de Steve Paxton; *Helen's Dance* e *Mannequin Dance*, de David Gordon; *Rain Fur*, de Deborah Hay; *Divertissement*, *Ordinary Dance* e *Dance for 3 People and 6 Arms*, de Yvonne Rainer. Foram ainda apresentados trabalhos de William Davis, John Herbert McDowell, Gretchen McLane, Carol Scothorn e Elaine Summers; uma colaboração de Alex Hay, Deborah Hay e Charles Rotmil; e música de John Cage

Agosto – Elaine Summers organiza um programa para o Judson Dance Theater, apresentado em Woodstock, Nova Iorque, com peças de Summers, Elizabeth Keen, Ruth Emerson e uma improvisação estruturada de Laura de Freitas, June Ekman e Sally Gross

4 de agosto – *Aureole*, de Paul Taylor, Connecticut College, E.U.A., música de Haendel, cenário e figurino de George Tacet e luz de Thomas Skelton

6 de junho – morte de Yves Klein

6 de julho – *A Concert of Dance*, primeira apresentação pública dos trabalhos experimentais de 14 coreógrafos do Judson Dance Theater, construídos

<p>nas aulas de composição coreográfica de Robert Dunn, na Judson Memorial Church, em Nova Iorque</p> <p>Setembro – primeiro festival Fluxus europeu, em Weisbaden, sob a forma de 14 “concertos”, envolvendo Wolf Vostell, George Maciunas, Alison Knowles, Dick Higgins, Welin e Nam June Paik, entre outros</p> <p>Novembro – <i>Courtyard</i>, de Allan Kaprow, Greenwich Hotel, Nova Iorque</p> <p>8 de novembro – <i>Piece Period</i>, de Paul Taylor, música de Vivaldi, Telemann, Haydn, Scarlatti, Beethoven e Bonpartí, figurino de John Rawlings</p>	
<p>1963 Morte de Piero Manzoni</p> <p>Alvess muda-se para Paris</p> <p>Festival Fluxus, organizado por Joseph Beuys na Academia de Artes de Düsseldorf</p> <p><i>Fluxus Preview Roll</i>, publicação periódica dirigida por Maciunas</p> <p><i>V TRE</i>, periódico a cargo de Bertolt Brecht</p> <p><i>An Anthology of Chance Operations</i>, de La Monte Young e Jackson MacLow, incluindo <i>dance reports</i> e instruções para algumas das <i>dance constructions</i> de Simone Forti</p> <p><i>Degradação de uma Vénus</i>, primeira ação material de Otto Mühl (até início de 1973, apresentou cerca de uma ação por mês), com a participação do artista e utilizando um modelo-vivo, tinta, lençóis e lixo</p> <p><i>A Demonstration for Capitalist Realism</i>, Performance de Gerhard Richter e Konrad Fischer (com a colaboração de Sigmar Polke) em que ambos ocuparam o canto de uma loja de mobiliário, incluindo uma televisão programada com imagens politizadas</p> <p><i>Eye Body</i>, de Carolee Schneeman</p> <p><i>English, Music for Word Words e Afternoon</i>, de Steve Paxton</p> <p>24 de janeiro – <i>La Negra</i>, de Paul Taylor, música Mariachi, cenário e figurino de George Tacet</p> <p>29 de janeiro – Terceiro programa do Judson Dance Theater, Judson Memorial Church, Nova Iorque</p> <p>30 de janeiro – Quarto programa do Judson Dance Theater, Judson Memorial Church, Nova Iorque, incluindo <i>Lightfall</i>, com Trisha Brown e Steve Paxton</p> <p>Abril – <i>Terrain</i>, de Yvonne Rainer</p> <p>Maio – Sete membros do Judson Dance Theater (já com Robert Rauschenberg) são convidados pela Washington Gallery of Modern Art para apresentar um programa (o que fazem num ringue de patinagem)</p> <p>Maio – YAM Festival, patrocinado pela Smolin</p>	<p>Criação da Cooperativa Árvore, constituída legalmente a 2 de abril e localizada provisoriamente no ateliê do Arqº Pulido Valente. Foram dez os outorgantes: Manuel Pinto, Ângelo de Sousa, Jorge Pinheiro, Carlos Martins, Augusto Carvalho, José Grade, Lima Carvalho, Maria Manuel Delgado dos Santos Nogueira, Lareano Guedes e Domingos Pinho. O seu primeiro Diretor foi Henrique Alves Costa</p> <p>(ou 64) – Início da construção da casa da Carruagem, de Jaime Isidoro, em Valadares</p> <p>Abertura da secção lisboeta da Galeria Divulgação, Estefânia, Lisboa, com programação de Fernando Pernes</p> <p>John Cage atua no Tivoli, a convite do Círculo de Cultura Musical</p> <p>Francis Graça aceita dirigir a Academia Parnaso, no Porto</p> <p>VI (e último) Salão de Arte Moderna (SNBA)</p> <p>Verde Gaio apresenta <i>O Douro correu para o Mar</i> (música de Cláudio Carneiro) e <i>Pastoral</i> (música de Ivo Cruz, cenário e figurino de Silva Nunes), ambas com coreografia de Margarida de Abreu</p> <p>O Grupo Experimental de Ballet apresenta <i>Perfis</i> (música de Hindemith, cenário e figurino de José Luís Tinoco, coreografia de Anna Mascolo) e <i>La Péri</i> (música de P. Dukas, cenário e figurino de D'Assumpção, coreografia de Carlos Trincadeiras)</p> <p><i>Deseja-se Mulher</i> (Casa da Comédia, Lisboa), peça de Almada Negreiros, é encenada pela primeira vez. Cenário de Vítor Silva Tavares e interpretação de Norberto Barroca, Manuela de Freitas, Fernanda Lapa, Santos Manuel, Teles Pereira, Maria do Céu Guerra, Zita Duarte e Eládio Clímaco</p> <p>26 de janeiro – Almada Negreiros participa num recital de poesia na S.N.B.A., onde lê o seu poema dramático <i>Aqui, Cáucaso</i></p>

Gallery

12 e 13 de maio – *2 improvisations on the Nuclei for Simone by Jackson McLow*, de Trisha Brown, YAM Festival, Smolin Gallery, Nova Iorque

19 de maio – *Improvisations on a Chicken Coop Roof*, de Trisha Brown e Yvonne Rainer, YAM Festival, George Segal's Farm, North Brunswick, Nova Jérсия (além destes locais, foram ainda apresentados trabalhos na Hardwarw Poet's Playhouse, em Manhattan, e outros sítios)

20 de maio – *Fibers Duet for Television*, de Paul Taylor

27 de maio – *The First and Second Wilderness, A Civil War Game*, de Michael Kirby, YAM Festival

10 de junho – *Falling Solo with Singing e La Chanteuse*, de Trisha Brown, Benefit for Foundation of Contemporary Performance Art, Pocket Theater, Nova Iorque

Agosto – *Primeiro Avant-Garde Festival*, Carnegie Hall, Nova Iorque, organizado por Charlotte Moorman, incluindo uma reconstrução da obra *Originale*, de Stockhausen, interpretada por Allan Kaprow, Max Neufield, Nam June Paik e Olga Adorno, entre outros

10 de agosto – *Scudorama*, de Paul Taylor, música de Clarence Jackson, cenário e figurino de Alex Katz, luz de Thomas Skelton

26 de agosto – *Poetry in Motion*, coreografia de Paul Taylor e Katherine Litz, música de Mozart, figurino de Katherine Litz e George Taut, luz de Thomas Skelton

14 de setembro – *Nein-9-dé-coll/agen, happening* em 9 partes (entre as 16 e as 22 horas), de Wolf Vostell, em que os participantes, partindo da Galeria Parnass em Wuppertal, entraram num autocarro que os transportou por nove diferentes sítios na cidade, incluindo o visionamento de um filme, a lavagem de um carro, a garagem de uma fábrica e o choque de uma locomotiva contra um carro a 130 quilómetros por hora

Outubro – *Fluids, happening* de Allan Kaprow, Beverly Hills

20 de dezembro – *Party Mix*, de Paul Taylor, música de Alexei Haiett, figurino de Nancy Azara, luz de Thomas Skelton

1964 Robert Rauschneberg recebe o Grande Prémio da Bienal de Veneza
1ª Edição do *Festival de la libre expression* em Paris (no American Center), organizado por Jean-Jacques Lebel, e que durará até 1967
Surgimento do *Fluxus Yearbook*

Início da atividade da Casa da Carruagem, estúdio de Jaime Isidoro em Valadares, destinada a colóquios, exposições e Performances
Inauguração da Galeria Divulgação
Último Salão dos Novíssimos (SNI)
Fernando Pernes é contratado como Secretário-

Grapefruit, livro de Yoko Ono

Against Interpretation, ensaio de Susan Sontag

(provável) – apresentação de uma das primeiras performances de Bob Wilson num cinema perto da Pratt School of Art and Design, em Nova Iorque, composta por movimentos coreografados acompanhados por filme

Street Dance, de Lucinda Childs, em que a partir de um *loft*, o público vê através das janelas a rua abaixo (onde estava a própria e outro performer), enquanto ouve um registo áudio previamente gravado, descrevendo as suas ações e outros elementos do espaço público

Winterbranch, de Merce Cunningham, com luz de Robert Rauschenberg, que criou uma iluminação intermitente, fazendo com que a audiência não conseguisse por vezes ver os bailarinos a dançar. Partitura de La Monte Young, composta por sons “arranhados” e “gritantes”

Cut Piece, de Yoko Ono, Sogetsu Art Center, Tóquio, em que artista se mantém sentada e imóvel enquanto a audiência é convidada a cortar partes da sua roupa, até à nudez total da performer

Site, Performance de Robert Morris e Carolee Schneemann, Stage 73, Surplus Dancetheater, Nova Iorque

Some Thoughts on Improvisation, de Yvonne Rainer

Flat, Jag ville görne telefonera e title lost tokyo, de Steve Paxton

Fevereiro e março – *Surplus Dance Theater*, organizado por Steve Paxton, Stage 73, Nova Iorque

13 de abril – *Rule Game 5*, de Trisha Brown, com Trisha Brown, Walter de Maria, Simone Forti, Alex Hay, Olga Kluver, Steve Paxton, Robert Rauschenberg e Joseph Schlichter; e *Target*, de Trisha Brown, com Trisha Brown e Joseph Schlichter, Humboldt State College, Arcata, California

20 de junho – *The Red Room*, de Paul Taylor, música de Gunther Schuller, cenário e figurino de Alex Katz

18 de agosto – *Duet*, de Paul Taylor, música de Haydn, figurino de George Tacet e luz de Thomas Skelton

Setembro – *Originale*, de Karlheinz Stockhausen, é apresentado no Judson Hall de Nova Iorque, integrando a programação do Second Annual New York Festival of the Avant-Garde (co-produzido por Charlotte Moorman). Com duração de 94 minutos, foi dirigido por Allan Kaprow que compôs o “elenco” e dirigiu os ensaios, tendo também participado. Foram realizadas cinco Performances, que incluíram ainda a participação de Max Neuhaus, James Tenney, Robert Breer, Allan Ginsberg, Marjorie Strider, Jackson MacLow, Dick Higgins, Lette Eisenhower, Olga

Geral da SNBA

Conceição Silva é eleito Presidente da SNBA

Os Credores, pelo TEP, com cenário de um coletivo de artistas, incluindo Ângelo de Sousa

Curso Livre de História da Arte, na SNBA, por José-Augusto França

Curso de Música Contemporânea da SNBA, sob a orientação de Jorge Peixinho e Pierre Mariétan, numa realização conjunta entre esta instituição e o *Jornal Letras e Artes*

Living Theatre, companhia de teatro americana fundada por Judith Malina e Julian Beck, transfere-se para a Europa

Ernesto de Sousa recebe da Califórnia um primeiro documento *Fluxus*, um mapa da autoria de George Maciunas e uns folhetos

Olga Roriz inicia (com 10 anos) os seus estudos de Dança com a professora inglesa Anna Ivanova na Escola de Dança do Teatro S. Carlos

3 de fevereiro – Manuel de Brito abre a Galeria 111, apresentando a primeira exposição individual de Joaquim Bravo

Mai e junho – *Quatro Artistas Populares do Norte: Barristas e Imaginários*, exposição organizada por Ernesto de Sousa e apresentada na Livraria Divulgação, Lisboa, com obras de Rosa Ramalho, Franklin Vilas-Boas, Quintino Vilas-Boas Neto e Mistério

Julho – Primeiro número da revista *Poesia Experimental*, organizada por António Aragão e Herberto Helder, e editada pelos “Cadernos de Hoje”, incluindo trabalhos de Herberto Helder, António Aragão, António Ramos Rosa, Salette Tavares, António Barahona da Fonseca e Ernesto de Melo e Castro

	<p>Kluser e Michael Kirby, entre outros</p> <p>16 de dezembro (a 9 de janeiro de 1965) – “Plywood Show”, exposição de 7 esculturas de Robert Morris na Green Gallery, Nova Iorque</p> <p>Dezembro – convenção nacional da American Educational Theater Association, Chicago, incluindo uma palestra de Michael Kirby sobre <i>Happenings</i></p>	
<p>1965</p>	<p>Nam June Paik compra a primeira câmara de vídeo portátil disponível em Nova Iorque (numa edição limitada)</p> <p>Dick Higgins abre a <i>Something Else Press</i></p> <p><i>Film</i> – único filme de Samuel Beckett, com Buster Keaton</p> <p><i>Happenings – An Illustrated Anthology</i>, livro de Michael Kirby</p> <p><i>No Manifesto</i>, de Yvonne Rainer</p> <p><i>Orgias, Mistérios, Teatro (OM)</i>, de Hermann Nitsch</p> <p><i>28 Positions Piece; Wall-Floor Positions; ou Seven Consecutive Poses</i> (títulos utilizados alternadamente ao longo do tempo), primeira (de um total de quatro) performance ao vivo de Bruce Nauman, realizada na Universidade da Califórnia, usando o corpo enquanto material escultórico: manteve-se de pé contra uma parede durante cerca de um minuto, depois desencostou-se, dobrou o corpo para a frente, acocorou-se, sentou-se e deitou-se, assumindo sete posições em relação com a parede e chão. Depois repetiu a sequência desencostado da parede, enfrentando-a, virado para a esquerda e para a direita, num total de 28 posições que constituíram uma apresentação com cerca de 30 minutos de duração</p> <p><i>Manipulating a Fluorescent Tube</i>, segunda performance ao vivo de Bruce Nauman utilizando o seu corpo e a luz para criar formas</p> <p><i>Fifty-eight Propositions for One Page</i>, de Ben Vautier, em que o artista apresenta 57 diferentes instruções de ações a realizar com a página onde estão inscritas (uma das linhas está vazia)</p> <p><i>Prune</i>, de Robert Whitman, Filmmaker’s Cinémathèque, Nova Iorque, em que os performers interagem com imagens filmadas (por vezes deles próprios), projetadas sobre si e sobre ecrãs atrás de si</p> <p><i>Right Reader</i>, de Michael Snow, Filmmaker’s Cinémathèque, Nova Iorque, em que o artista se apresenta atrás de uma moldura acrílica fazendo um monólogo (em <i>playback</i>) sobre a natureza por vezes banal dos filmes</p> <p><i>Parades & Changes</i>, de Anna Halprin</p> <p><i>Hill</i>, de Deborah Hay, em que os bailarinos descem ao ar livre a encosta de uma colina</p> <p><i>The Deposits e Section of a New Unfinished Work</i>, de</p>	<p>Criação do Grupo Gulbenkian de Bailado, sob proposta de Maria Madalena de Azeredo Perdigão, então diretora do Serviço de Música, a partir da integração do Grupo Experimental de Ballet do Centro Português de Bailado no seu departamento de Música. O escocês Walter Gore foi convidado para a direção artística e o australiano John Auld para <i>maître de ballet</i></p> <p>1º Salão Nacional de Arte (até 1968)</p> <p>Fernando Pernes recebe o Prémio de Crítica de Arte da FCG</p> <p>Criação do Curso de Formação Artística da SNBA</p> <p>Verde Gaio apresenta <i>Festa na Aldeia</i>, música de Ruy Coelho, cenário de Abílio de Matos e Silva, coreografia de Margarida de Abreu</p> <p><i>Galileu, Leonardo e Eu</i>, peça teatral de Almada Negreiros (publicada em 1971). Desenha cenário e figurinos para o <i>Auto da Alma</i>, de Gil Vicente, Teatro S. Carlos</p> <p>Cursos de <i>História, Sociologia da Arte e Estética na SNBA</i>, por José-Augusto França</p> <p><i>Curso de Cinema Experimental</i> no Cineclube do Porto</p> <p>6 de janeiro – inauguração de <i>VISOPOEMAS</i>, exposição coletiva na Galeria Divulgação, Lisboa, com trabalhos de António Aragão, E. M. de Melo e Castro, Herberto Hélder, António Barahona da Fonseca e Salette Tavares</p> <p>7 de janeiro – <i>Happening Concerto e Audição Pictórica</i>, no âmbito da exposição inaugurada no dia anterior com a intervenção de António Aragão, Clotilde Rosa, E. M. de Melo e Castro, Jorge Peixinho, Manuel Baptista, Mário Falcão e Salette Tavares. Este acontecimento incluiu a peça <i>Cartridge Music</i>, de John Cage, assim como um momento em que se articularam sons diversos (balões, brinquedos, pratos, guizos, badalos, etc.) com os de um piano, enquanto decorria uma ação mediada por Clotilde Rosa que envolveu artistas e público. Foi realizada ainda a ação <i>O Funeiro do Aragal</i>, em que várias pessoas fizeram uma refeição de cerca de 10 minutos a uma mesa posicionada junto a um caixão preto decorado com fitas prateadas, acompanhadas pelo som da marcha nupcial. A seguir levantaram-se e atiraram para o caixão cascas de laranja, bocados de pão, flores, sal e pimenta, erguendo-se em seguida o “morto”, para</p>

Steve Paxton

31 de março – *From Sea to Shining Sea* (música de Charles Iver, figurino de John Raeling, luz de Thomas Skelton), *9 Dances with Music by Corelli* (música de Aracangelo Corelli, figurino de Rouben Ter-Aruturian e luz de William Ritman) e *Post Meridian* (música de Evelyn Lohoeffer de Boeck, figurino de Alex Katz, luz de Thomas Skelton), de Paul Taylor

Maio – *First New York Theater Rally*, produzido por Steve Paxton, com reapresentações e novos trabalhos de Carolyn Brown, Trisha Brown, Lucinda Childs, Judith Dunn, Gordon, Alex Hay, Deborah Hay, Tony Holder, Morris, Paxton, Rainer e Rauschenberg (com *Pelican*, apresentado dia 25). Incluiu ainda *Happenings*, Performances e música de Oyvind Fahlstrom, Claes Oldenburg, Karlheinz Stockhausen, the Once Group, Robert Whitman, e uma exposição comissariada por Lewis Lloyd

5 de junho – *24-hour happening*, de Nam June Paik

4 de julho – *Vagina Painting*, de Shigeko Kubota, em que a artista pintou sobre papel, com um pincel previamente mergulhado em tinta vermelha preso às cuecas. Apresentado no Perpetual Fluxus Festival, Nova Iorque

18 de setembro – *Motor*, de Trisha Brown, com Trisha Brown e motorista (desconhecido), Once Again Festival, Maynard St. Parking Structure, University of Michigan, Ann Arbor, Michigan

terminar com a saída do caixão. Depois, acompanhado pelo som de instrumentos informais, Jorge Peixinho tocou violino e bebeu água por um penico. Incluiu ainda uma interpretação de Salette Tavares intitulada *Ode à Cri... cri... tica... da nossa terra*, e diversas outras ações, como aquela em que E. M. de Melo e Castro iluminou o público com focos de forte intensidade

3 de março – Concerto ZAJ (com Juan Hidalgo e Walter Marchetti, que tinham já trabalhado com John Cage e David Tudor) na Galeria Divulgação, Lisboa, no âmbito do *happening Concerto e Audição Pictórica*, com a intervenção de António Aragão, Clotilde Rosa, E. M. de Melo e Castro, Jorge Peixinho, Manuel Baptista, Mário Falcão e Salette Tavares

23 de novembro – SNBA inaugura a Galeria de Arte Moderna, que abre com uma exposição de Arshile Gorky, seguida da primeira individual de Paula Rego em Portugal

Dezembro – Ernesto de Sousa encena *Desperta e Canta*, de Clifford Odets, com o Teatro Experimental do Porto, com cenografia de José Rodrigues

23 de dezembro – Primeira apresentação do Grupo Gulbenkian de Bailado, integrada na festa de Natal da fundação Gulbenkian, no Teatro Vasco Santana, Lisboa. O programa consistia na versão de John Auld de *Coppélia*

1966 *As Palavras e as Coisas*, de Michel Foucault

Manifesto Fluxus, subscrito por cinquenta artistas de nacionalidades diversas, entre os quais Jean-Jacques Lebel, Ben, Joseph Beuys, Brazon Brock, Constant Nieuwenhuis, Wolf Vostell, Mark Boyle, George Andrews, Olivier Boelen, Lex de Bruyn, Robert Bozzi, Jean-Pierre Charles e Allanzio, entre outros

Notes on Sculpture, de Robert Morris, publicado na *Artforum*

Simone Forti e Robert Whitman divorciam-se e Forti retoma a sua carreira

Robert Rauschenberg e Billy Kluver organizam *9 Evenings: Theater and Engineering*, no Armory Show, em Nova Iorque. 10 artistas nova-iorquinos (John Cage; Lucinda Childs (com *Vehicle*, em que três performers interagem com objetos estáticos e em movimento, fontes de luz e sonoras, e um feixe de som que convertia movimento em som); Öyvind Fahlström; Alex Hay (*Grass Field*, com Alex Hay, Steve Paxton e Robert Rauschenberg como performers); Deborah Hay, com *Solo*, peça em que 16 performers executavam os mesmos movimentos discretos, deslizando pelo espaço sobre pequenos pedestais operados por controlo remoto por performers sentados; Steve Paxton, com *Physical Things*; Yvonne Rainer (com *Carriage Discreteness*,

Abertura da Galeria Bucholz (até 1975)

Abertura da Galeria Quadrante

Formação do *Grupo de Colecionadores 100/100* (até 1969, por causa da inflação verificada nos preços das obras), Lisboa, constituído por 100 pessoas que contribuíam mensalmente com 100 escudos para um fundo comum destinado à compra de obras de artistas portugueses vivos, mediante sorteio

Lançamento da revista *O Ballet*, dirigida por António Machado e com Tomaz Ribas e António Quadros (Ferro), entre outros, como colaboradores (dez números até 1970)

2ºs (e últimos) *Cadernos de Poesia Experimental*, organização de António Aragão, Herberto Hélder e E. M. de Melo e Castro

Anna Mascolo é convidada pelo jornal *Artes e Letras* para ser crítica de ballet, cargo que recusa para não ter de criticar colegas seus

Poemas Cinéticos, exposição de E. M. de Melo e Castro na Galeria 111, Lisboa, e na galeria Richelme, Paris

Mar, de Miguel Torga, pelo Teatro Experimental de Cascais, encenado por Carlos Avilez, com

com 12 performers, incluindo Michael Kirby e Julie Judd, que tal como os restantes participantes recebiam instruções através de um *walkie-talkie* para deslocar objetos de um para outro quadrado, definidos dentro de um grande retângulo, com as dimensões aproximadas de um campo de *basketball*); Robert Rauschenberg; David Tudor; e Robert Whitman) colaboraram com 30 engenheiros e cientistas dos Bell Telephone Laboratories (Bela Julesz, Billy Klüver, Max Mathews, John Pierce, Manfred Schroeder e Fred Waldhauer, entre outros). Simone Forti (que também participou como performer) trabalhou como assistente administrativa e documentarista, tendo produzido e realizado um programa de televisão sobre o E.A.T., e escrito um artigo sobre as *Nine Evenings* para a *Artforum*

The “25” Show: Painting and Sculpture, exposição organizada por Seth Siegelau na sua galeria nova-iorquina, incluindo trabalhos de artistas como John Chamberlain, Willem de Kooning, Hans Hofmann, Ellsworth Kelly, Franz Kline, Martin Maloney, Robert Motherwell, Louise Nevelson, Jackson Pollock, Kenneth Price, Ad Reinhardt, David Smith, Jack Tworkov, Lawrence Weiner e Larry Zox

Retrospectiva de Marcel Duchamp na Tate Gallery, Londres

Funèbre, ação filmada de Otto Muehl

Menstruationsfilm e *Orgasmus*, de VALIE EXPORT

The Mind is a Muscle, Part 1, de Yvonne Rainer, Judson Church, Nova Iorque. Incluiu a primeira apresentação de *Trio A*, feita duas vezes, acompanhada pelo lançamento regular de ripas de madeira atiradas do balcão da igreja

No. 3 e *Serious Duet* (com Robert Rauschenberg e Alex Hay, na altura seu assistente artístico), de Deborah Hay

Sainte Geneviève dans la Baignoire, espetáculo de Graziela Martinez, em Paris, onde Lourdes Castro inicia as suas experiências com o teatro de sombras

4 e 5 de março – *Room 706*, de Michael Kirby, Saint Francis College, Brooklyn, Nova Iorque

29 de março – *A String* e *Homemade*, de Trisha Brown, Judson Memorial, Nova Iorque

26 de abril – *Linoleum*, Performance de Robert Rauschenberg, apresentada no New Festival, Washington D.C., em que Rauschenberg usava um fato de plástico equipado por Billy Klüver para gerar som e projetava um filme feito por si a partir de filmagens encontradas de desportos de recreio e manobras aéreas militares

Maio – *The Mind is a Muscle*, de Yvonne Rainer, é apresentada na Judson Church, Nova Iorque, numa versão mais longa mas ainda não completa, incluindo uma versão de *Trio A* (versão “balética”, com uma pirueta ou salto inseridos “sempre que possível”),

“realização plástica” de Almada Negreiros

Os *Ballets Russes de Irina Grjebina* apresentam-se na sua segunda temporada em Portugal (Teatro S. Luiz, Lisboa, com cinco espetáculos a partir de 18 de março; Teatro S. João, Porto, 1 a 13 de março; Teatro Avenida, Coimbra, 18 de março; Santarém, 15 de março e em Beja, 24 de março)

Grupo Gulbenkian de Bailado apresenta-se em Lisboa, com as seguintes datas, locais e programas: primeira temporada oficial, no Teatro Tivoli, Lisboa, a 25 de janeiro (*Carnaval, d’après* Fokine, música de R. Schumann, cenário e figurino de Leon Bakst; *Devoradores da Escuridão*, música de B. Britten, cenário, figurino e coreografia de Walter Gore; e *Mosaico*, música de F. Poulenc, cenário, figurino e coreografia de Walter Gore); 5 de fevereiro (*Copélia*, música de Léo Delibes, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de John Auld; e *Limbo*, música de Ravel, cenário e coreografia de Walter Gore); 26 de fevereiro (*La Fille Mal Gardée*, música de F. Herold, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de John Auld; *O Ser Mágico*, música de Schuller, cenário de Hernâni e Rui Martins, coreografia de John Auld; e *Arcos*, música de Poulenc e cenário, figurino e coreografia de Walter Gore); 12 de março (*Les Sylphides*, música de Chopin e coreografia *d’après* Fokine; *Homenagem a Florbela*, música de Frank Martin, cenário e figurino de Júlio de Sousa, coreografia de Norman Dixon; e *Casamento*, música de Jacques Ibert, cenário e coreografia de Walter Gore, figurino de After de Gas); 26 de março (*Divertimento*; *Peepshow*, música de Jean Français, cenário e coreografia de Walter Gore; *Ginevra*, música de Sibelius e cenário, figurino e coreografia de Walter Gore; *Sassennach Suite*): Teatro Vasco Santana, Lisboa, a 31 de março (*Copélia*). No Porto, no Teatro Rivoli, em abril, a 15 (*Carnaval, Devoradores da Escuridão, Mosaico*); a 18 (*La Fille Mal Gardée; O Ser Mágico; Sassennach Suite*, música de M. Arnold, cenário e coreografia de Walter Gore); a 20 (*Copélia e Ginevra*); e em Évora, a 23 de abril, no Teatro Garcia de Resende (*La Fille Mal Gardée, Ginevra e Sassennach Suite*). Embora sem referência à data e local, surge ainda menção a *Il Combattimento di Tancredo e Clorinda*, música de C. Monteverdi, cenário de Ronald Wilson e coreografia de Walter Gore; *Pas-de-six Classique*, música de L. Minkus, cenário de John Hogart e coreografia de John Auld; e *Il Ballo Delle Ingrate*, música de Monteverdi, cenário, figurino e coreografia de Walter Gore. O elenco inaugural do grupo incluía: Paula Hinton, Isabel Santa Rosa, Carlos Trincheiras, Patrick Hurde, Bernadette Pessanha, Carlos Fernandes, Célia Vieira, Albino de Morais, Joahne O’Hara, Raquel Roby, Klaus Gotz, Marta Ataíde, Carmen Galindo, Ulrike Dethlefsen, Isabel Queiroz, Maria Bessa, Rosário Lapa, Lídia Franco, Isabel Tassara, Luís Miguel, Carlos Caldas,

<p>para Peter Saul (a solo), intitulada <i>Lecture The Chekov Machine</i>, de Michael Kirby, New York State University College, Oneonta</p> <p>4 de julho – <i>Orbs</i>, de Paul Taylor, música de Beethoven, cenário e figurino de Alex Katz, luz de Jennifer Tipton</p> <p>31 de agosto a 30 de setembro – <i>Destruction in art symposium (DIAS)</i>, organizado por Gustav Metzger, Africa Centre, Covent Garden, Londres, com a participação de cerca de 100 artistas e poetas, muitos dos quais ligados ao <i>happening</i> e à poesia concreta</p> <p>25 de outubro – primeira exposição nos E.U.A. da obra integral de Man Ray, no Los Angeles County Museum of Art</p> <p>7 de dezembro – <i>Le Corps Utopique</i>, conferência radiofônica de Michel Foucault na emissora France Culture</p>	<p>António Rodrigues, Walter Gore e John Auld Verde-Gaio apresentam-se em Lisboa (com <i>Noites de Walpurgis</i>, da ópera <i>Fausto</i>, a 4 e 6 de março no S. Carlos e a 8 de março no Coliseu; a 26 de abril no Tivoli com <i>Festa na Aldeia, Fandango, Tema Alentejano e Jogos Sinfónicos</i>); no Porto (Rivoli, 6 de março, <i>Prólogo Galante, Clair de Lune, Fandango e Tema Alentejano</i>); e Leiria, a 23 de abril (<i>Prólogo Galante, Fandango, Tema Alentejano, Festa na Aldeia</i>)</p> <p>Fevereiro – Jorge Peixinho colabora com Ernesto de Sousa na encenação da peça <i>O Gebo e a Sombra</i>, de Raul Brandão no clube 1º Ato, em Algés, com música escrita e dirigida por Jorge Peixinho e interpretada por António Oliveira da Silva, Clotilde Rosa e Helena Cláudio</p> <p>7 de fevereiro – recital de Dança de Jutta Ludewig no Instituto Alemão</p> <p>9 de março – <i>Os Bailados na Dinamarca</i>, conferência de António Pinto Machado no SNI (e a 11 de abril na Gulbenkian); no programa televisivo <i>TV Mundo</i>, passa o documentário <i>A Vida de Nureyev</i></p> <p>10 de abril – No programa televisivo <i>Passatempo Infantil</i>, passa o bailado <i>A Bola de Sabão</i>, coreografia de Fernando Lima com a participação do Verde-Gaio</p> <p>20 de abril – conferência de Madame Anna Ivanova sobre História da Dança, no British Institute. Demonstrações por Manuela Varela Cyd e Fernando Mateus</p> <p>21 de abril – conferência de Jean Deroc sobre História da Dança, no Tivoli. Demonstrações por Bea Volkart e F.U. Kökler</p> <p>2 a 9 de maio – London's Festival Ballet (com Margot Fonteyn e Keith Rosson como protagonistas e José Salavisa como um dos 16 primeiros bailarinos-solistas) apresenta-se no S. Carlos com <i>O Lago dos Cisnes, Sylphides, Pas de Deux, The Rehearsal of Phaede, Études, Giselle, Noites de Walpurgis, Suite Nº 3, Quebra Nozes, Bourée Fantasque, A Morte do Cisne e Quatro Estações</i></p>
<p>1967 <i>A Sociedade do Espetáculo</i>, de Guy Debord</p> <p>Sony começa a comercializar câmaras de vídeo portáteis (Sony Portapak)</p> <p>Primeiro trabalho de Bruce Nauman em vídeo</p> <p>Joseph Beuys funda a Organização para a Democracia Direta</p> <p><i>Store Days</i>, livro de Claes Oldenburg que documenta a sua instalação <i>The Store</i> e as performances do Ray Gun Theater que lá aconteceram</p> <p>Maciunas estabelece a Fluxshop na 80 Wooster</p>	<p>Morte de Eduardo Viana</p> <p>Inquérito à Situação da Arte, promovido por Eduarda Dionísio, Almeida Faria e Luís Salgado de Matos</p> <p>Primeiros programas sobre ballet na RTP</p> <p>Grupo Gulbenkian de Bailado apresenta <i>Arcos</i>, música de Poulenc e cenário, figurino e coreografia de Walter Gore; <i>O Crime da Aldeia Velha</i>, música de Shostakovitch, cenário e figurino de Inês Guerreiro, coreografia de Águeda Sena; <i>Configuração</i>, música de Galzunoff, cenário, figurino e coreografia de Walter Gore; <i>Giselle</i>,</p>

Street, Nova Iorque

Jasper Johns torna-se conselheiro artístico da Merce Cunningham Dance Company (até 1979)

Nam June Paik e Charlotte Moorman são presos por apresentarem *Sextonique*, uma Performance em que Moorman se apresenta de tronco nú

Snows, de Carolee Schneemann, Teatro Martinique, Nova Iorque, envolvendo filmes (8 e 16 mm), diapositivos, esculturas lumínicas, luzes estroboscópicas, e 8 performers “racialmente” diversos. A artista e os seus engenheiros colocaram debaixo de alguns dos assentos do público microfones que transmitiam sinal para um computador, fazendo com que a movimentação da audiência ativasse os elementos media

Angry Arts Week, incluindo *Convalescent Dance*, de Yvonne Rainer (parte de um programa de protesto contra a guerra do Vietnam), título dado nessa ocasião a *Trio A*, dançado por Rainer numa altura em que recuperava de uma operação cirúrgica recente

Lançamento oficial do E.A.T. (Experiments in Art and Technology), pelos engenheiros Billy Klüver e Fred Waldhauer, e os artistas Robert Rauschenberg e Robert Whitman

Apresentação de um programa na School of Visual Arts, incluindo trabalhos de Simone Forti, Trisha Brown e Steve Paxton

Satisfyin Lover, *Somebody Else*, *The Atlantic* e *Some Notes on Performance*, de Steve Paxton

14 de maio – *Skunk Cabbage*, *Salt Grass and Waders*, de Trisha Brown, Spring Gallery, 222 Bowery, Nova Iorque

Junho – *Art and Objecthood*, artigo de Michael Fried na revista *Artforum*

12 de agosto – *Agathe’s Tale* (música de Carlos Surinach, figurino de Julian Tomchin) e *Lento* (música de Haydn, figurino de George Tacet, luz Jennifer Tipton), de Paul Taylor

26 de agosto – *Medicine Dance*, de Trisha Brown, Sun Dance, Upper Black Eddy, Pensilvania

Junho a setembro – *Calling*, de Allan Kaprow, em Boston, Nova Iorque e Los Angeles, em que participantes nas várias cidades executam as instruções de uma lista fornecida por Kaprow, a executar em qualquer momento durante os quatro meses de duração da obra

Novembro – *Fluids*, de Allan Kaprow, Los Angeles

17 e 18 de novembro – *Group One*, de Deborah Hay, é apresentado na School of Visual Arts de Nova Iorque

música de A. Adam, versão de Jorge Garcia, d’après Coralli; *Psyche*, música de César Frank, cenário de Knud Sonderland, figurino de Tone Bonnen, coreografia de Nini Theilade; *Lago dos Cisnes* (2º ato, música de Tchaikovsky, d’après Petipa); *O Encontro*, música de Norman dello Joio, figurino de Maria Helena Mattos, coreografia de Walter Gore; *Danças de Boyce*, música de William Boyce, cenário de John Piper e Walter Gore, coreografia de Walter Gore; *Esboço de Orfeu*, música de Gluck, figurino e coreografia de Michel de Lutry; *O Mandarin Maravilhoso*, música de Bela Bartok, cenário e figurino de Maurice Tapiero, coreografia de Milko Sparemblek; *Feira*, música de Ravel, figurino de Maria Helena Mattos, coreografia de Walter Gore; *Simple Symphony*, música de Benjamin Britten, cenário e figurino de Ronald Wilson, coreografia de Walter Gore; e *Sinfonia da Requiem*, música de Benjamin Britten, cenário e figurino de Maria Helena Mattos, coreografia Milko Sparemblek

Início do Curso de Formação Artística na SNBA, Lisboa (até 1970). Leccionavam no Curso: Ernesto de Sousa (*Técnicas de Comunicação e Estética do Teatro e do Cinema*), Adriano Gusmão, José-Augusto França, Júlio Pomar, Manuel Tainha, Rui Mário Gonçalves, Santos Simões, Hogan, Ana Toledo, Daciano Costa, Sá Nogueira e Sena da Silva

13 de abril – *CONFERÊNCIA-OBJECTO, Happening* na Galeria Quadrante, Lisboa, dirigida por Artur Rosa, a propósito do lançamento das revistas *Operação – 1 e 2*, com organização de Ana Hatherly e Ernesto Melo e Castro. Participaram Ana Hatherly, E.M. de Melo e Castro, José-Alberto Marques, Jorge Peixinho e um engenheiro de som. Ao *Happening* assistiu Ernesto de Sousa com vários alunos do Curso de Formação Artística da SNBA, como Carlos Gentil-Homem, Francisco Bronze, Isabel Alves, Manuel Torres ou Maria Manuel Torres

28, 29, 30 e 31 de março – *1º Encontro de Críticos de Arte Portugueses*, Centro Nacional de Cultura, organizado por Adriano de Gusmão, José-Augusto França, Rui Mário Gonçalves e Nuno Portas, numa iniciativa da AICA Internacional e com a presença de Ernesto de Sousa (que apresentou a comunicação *Grafismo e Oralidade*), Fernando Pernes, Salette Tavares, Bruno da Ponte, Nelson di Maggio, José Estevão Sasportes, José Luís Porfírio, Fernando Azevedo, Pedro Vieira de Almeida, Alfredo Margarido, Noronha da Costa, Selles Paes, Ferreira de Almeida, Fernando Guedes e Henry Galy-Charles. No último dia, realizou-se uma mesa-redonda subordinada ao tema *Situação da Arte em Portugal*

1968

Morte de Marcel Duchamp

Oliveira Salazar adocece gravemente e Marcelo

Xerox Book, livro organizado por Seth Siegelaub, incluindo obras de Carl Andre, Robert Barry, Douglas Huebler, Joseph Kosuth, Sol LeWitt, Robert Morris e Lawrence Weiner, a quem foi pedido um trabalho de 25 páginas. A ideia inicial seria fotocopiar o livro mas questões orçamentais levaram a que a primeira edição (1000 cópias) fosse impressa em offset

Theater of Mixed Means, livro de Richard Kostelanetz

The Art of Time, livro de Michael Kirby

Dick Higgins, Paul Knowles, Nam June Paik, Simone Forti, Allan Kaprow, entre outros, mudam-se de Nova Iorque para Los Angeles para trabalhar num projeto financiado por Walt Disney no California Arts Institute

Walkaround Time (com cenografia a partir de *Le Grand Verre*, de Marcel Duchamp, sob supervisão de Jasper Johns; partitura de David Behrman, incluindo sons eletrónicos e gravações de tango argentino), *Summerspace* (partitura de Morton Feldman e cenário e figurinos pontilhistas de Robert Rauschenberg) e *Rainforest* (cenário de Andy Warhol composto por almofadas prateadas com hélio no interior, flutuando e no chão. Partitura de David Tudor, sendo uma mistura eletrónica de sons da selva e chuva torrencial); todos de Merce Cunningham

Walking in an exaggerated manner around the perimeter of a square, de Bruce Nauman

TV Bra, de Nam June Paik e Charlotte Moorman

State e Salt Lake City Deaths, de Steve Paxton

Oad Lau, primeira Performance pública de Joan Jonas, e que incluía o filme *Wind*

Fevereiro – *Runner*, de Allan Kaprow, subúrbios de St. Louis, e *Transfer*, Middletown, Connecticut

24 de fevereiro – *Planes*, de Trisha Brown, com Trisha Brown, Michelle Stowell, Simone Forti; e *Snapshot*, de Trisha Brown, com Spencer Brown, Simone Forti e Michelle Stowell, State University of New York, New Paltz, Nova Iorque

Março – *Destruction in Art*, Judson Memorial Church, Nova Iorque, incluindo Performances de Hermann Nitsch, Lil Picard, Geoff e Bici Hendricks, Nam June Paik e Ralph Ortiz

11, 14 e 15 de abril – apresentação da versão final de *The Mind is a Muscle*, de Yvonne Rainer, Anderson Theater, Nova Iorque. Incluiu *Trio A* dançado uma vez por três homens, e outro enquanto o solo *Lecture*

Maio – Companhia de Dança de Paul Taylor é surpreendida em Paris pela revolução estudantil e os espetáculos são impedidos por radicais anti-americanos, o teatro Odeon é ocupado e uma granada é atirada para o quarto de hotel de Paul Taylor, que a

Caetano assume o Governo

Ernesto de Sousa cria, com os alunos do Curso de Formação Artística da SNBA (iniciado no ano anterior) a Oficina Experimental, cuja atividade se pretendia alargar à dinamização do cinema experimental, *Happenings*, Teatro, produção de múltiplos, festas e convívios

O Gebo e a Sombra, apresentado pelo TEP, com encenação de Ernesto de Sousa, música de Jorge Peixinho e cenário e figurino de José Rodrigues

Happening To beat or not to beat, realizado e improvisado por um conjunto de artistas que incluiu Alberto Carneiro, Ângelo de Sousa e Jorge Constante Pereira

Exposição de *Os Quatro Vintes* (Ângelo de Sousa, Armando Alves, Jorge Pingheiro e José Rodrigues) na Cooperativa Árvore a na Galeria Alvarez e no ano seguinte na SNBA, com o patrocínio da FCG

Abertura da Galeria S. Mamede, Lisboa, propriedade de Francisco Pereira Coutinho

Abertura da Galeria Dinastia, Lisboa, propriedade de Alexandre Amorim Fernandes

III (e último) Salão Nacional de Arte

Lançamento das revistas *Operação – I e 2*, Galeria Alvarez, Porto

Instituição do Prémio SOQUIL, atribuído pela Sociedade de Indústria Química Lda., de Lisboa, colocado sob o patrocínio da secção portuguesa da AICA, atribuído a artistas que se distinguissem através de exposições individuais

Alberto Carneiro parte para Londres como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, para estudar na Saint Martin's School of Art (até 1970)

Exposição dos *Quatro Vintes* (Ângelo de Sousa, Armando Alves, Jorge Pinheiro e José Rodrigues) na Cooperativa Árvore e na Alvarez, Porto

Vasco Wellenkamp integra o Grupo Gulbenkian de Bailado

Grupo Gulbenkian de Bailado apresenta *Encruzilhada*, música de Joly Braga Santos, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de Francis Graça; *Tempos Modernos*, música de Marius Constant, cenário e figurino de Paulo Guilherme, coreografia de Águeda Sena; *O Campo da Morte (resposta com o título Sangue no Cais)*, música de Humphrey Searle, cenário de Walter Gore e Rinaldo Martins, figurino e coreografia de Walter Gore; *Judas*, música de Frei Manuel Cardoso, cenário e figurino de Júlio Resende, coreografia de Águeda Sena; *Parede*, música B. Britten, cenário, figurino e coreografia de Walter Gore; *Giselle* (2º ato), música de A. Adam, cenário de Harry Gordwell, coreografia de Anton Dolin d'après Coralli e Perrot; *A Ressaca*, música de Carl Nielsen,

atirou novamente para a praça¹⁴

19 de junho – *Ballet*, de Trisha Brown, com Trisha Brown e bailarino(a) desconhecido; e *Falling Duet (I)*, de Trisha Brown, com Trisha Brown e Barbara Lloyd Dilley, Riverside Church Theater, Nova Iorque

Setembro – *Performance Demonstration no.1*, de Yvonne Rainer, incluindo *Trio A* apresentado em três versões diferentes: uma com Steve Paxton (ao som de *In the Midnight Hour*, dos Chambers Brothers); outra com Frances Brooks (a primeira amadora a executar a sequência); e finalmente com Becky Arnold, que aprendeu a sequência em palco enquanto Rainer a corrigia

8 de outubro – *Public Domain*, de Paul Taylor, colagem musical de John Herbert McDowell, figurino de John Rawlings, luz de Jennifer Tipton

6 de dezembro – *Dance with the Duck's Head*, de Trisha Brown, com Trisha Brown, Steve Carpenter, Peter Poole, Elie Roman, Melvin Reichler, David Bradshaw, Joseph Schlichter, Museum of Modern Art, Nova Iorque

cenário e figurino de Susanne Olaf Nielsen, coreografia de Nini Theilade; *Visões Fugitivas*, música de S. Rachmaninoff, cenário e figurino de Noemi Fonts, coreografia de Walter Gore; *Variações sem Sentido*, música de Else Marie Pade, cenário e figurino de Mário Alberto, coreografia de Nini Theilade; *Amor de Perdição*, música de Joly Braga Santos, cenário e figurino de Maria Helena Mattos, coreografia de Carlos Trincheiras; *Configuração*, música de Glazunoff, cenário, figurino e coreografia de Walter Gore; *Mosaico*, música de Hindemith, cenário de Fernando de Azevedo, figurino de Artur Casais, coreografia de Walter Gore; *Danças do Príncipe Igor*, música de Borodine, cenário de Rorich, figurino de Slava Tumine, coreografia *d'après* Fokine; e *Salade*, música de Darius Milhaud, cenário e figurino de Jacques Rapp, coreografia de Serge Lifar

Gymnopédies, solo de Anna Mascolo ao som da música homónima de Satie

1 de abril – Estreia de *Encruzilhada*, no Teatro Politeama, coreografia de Francis Graça para o Grupo Gulbenkian de Bailado (música de Joly Braga Santos, cenário e figurino de Artur Casais, argumento de Francis Graça, Isabel Santa Rosa e Carlos Trincheiras nos protagonistas)

Junho – Rudolf Nureyev apresenta-se em Portugal, integrado no elenco do Royal Ballet

Setembro – John Auld abandona o Grupo Gulbenkian de Bailado, sendo temporariamente substituído por Roland Casenave

Dezembro – Alberto Carneiro inicia a redação das suas *Notas para U Manifesto de Arte Ecológica*

1969 I Festival de Arte Coletiva *Il Giorni a Pejo*, Itália, organizado por Bruno Munari e com a participação de Ernesto de Sousa

L'Oeuvre collective (réalisation à grandeur), Performance de Alvens na 6ª Bienal de Paris (Manifestation Biennale et Internationale des Jeunes Artistes, de 2 de outubro a 2 de novembro), com a colaboração de Leonel dos Santos e José Xavier. “Trata-se de uma ação que utiliza uma cadeira com uma campainha, um tapete de linóleo e um caixote do lixo idêntico aos que se encontram nas ruas da cidade. Ao sentar-se numa cadeira, um ator acciona a campainha que nela se encontra. Levanta-se e dirige-se ao caixote do lixo, levanta a tampa deste, pega no caixote, despeja o lixo (composto por materiais vários do quotidiano, tais como jornais ou papéis vários) sobre o tapete, coloca o caixote no sítio original, enrola esse mesmo tapete com o lixo dentro, dirige-se ao caixote e despeja aí novamente o lixo, regressa à cadeira, senta-se e a campainha toca novamente. Em simultâneo, uma série de diapositivos

Inauguração da sede da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

António Quadros cria o Instituto de Arte e Decoração, atual IADE, à data situado no Palácio Farrobo

José-Augusto França assume a direção da AICA portuguesa (até 1971)

Jorge Lima Barreto constitui com Carlos Zíngaro uma Associação para a Música Experimental

Jorge Lima Barreto funda a Anar Band, com a colaboração de Rui Reininho, Luís Carlos e Dom Lino

Exposição dos *Quatro Vintes* na SNBA, Lisboa, sob patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian

Exposição-*Happening* na Galeria Quadrante, Lisboa, com Ernesto de Sousa, Artur Rosa, Noronha da Costa, Jorge Peixinho e Ana Hatherly

Ernesto de Sousa organiza na Cooperativa Árvore,

¹⁴ Cf. O'MAHONEY, *op. cit.*

[realizados a partir de um filme em Super 8] com a mesma ação é projetada numa parede”.¹⁵

Anti-Illusion: Procedures/Materials, exposição no Whitney Museum of American Art, incluindo a terceira performance ao vivo realizada por Bruce Nauman, conjuntamente com a sua mulher Judy e Meredith Monk, intitulada *Bounce*. Cada um deles, com as costas viradas para uma das esquinas da sala, se atirou nesta posição contra a parede durante uma hora

January 5-31, 1969, também conhecida como *The January Show*, exposição organizada por Seth Siegelaub num espaço temporário (44 East Fifty-second Street, Manhattan), e com obras de Robert Barry, Douglas Huebler, Joseph Kosuth e Lawrence Weiner. O catálogo era a principal manifestação do projeto e estava exposto numa sala, enquanto as obras foram mostradas noutra

Live in your head. When Attitudes Become Form, de Harald Szeemann, Kunsthalle, Berna

Étant donnés: 1º La chute d'eau; 2º Le gaz d'éclairage, de Marcel Duchamp, é apresentada postumamente pelo Museu de Filadélfia

Following Piece, performance de Vito Acconci nas ruas de Nova Iorque, em que durante 23 dias seleciona ao acaso transeuntes, seguindo-os até entrarem num local privado. Parte integrante do programa *Street Works IV*, organizado New York's Architectural League

Scheiss-Kerl, filme 16 mm de Otto Muehl

The Act of Drinking Beer with Friends is the Highest Form of Art, Performance de Tom Marioni que consistiu numa festa de cerveja no Oakland Museum

The Singing Sculpture, de Gilbert and George

Yvonne Rainer coreografa uma marcha (baseando-se na sua *M-Walk*) através do Soho, como protesto contra a invasão do Camboja e os assassinatos de Ken State; e inicia *Continuous Project – Altered Daily*

Clothes Pipe, The Floor of the Forest, and Other Miracles, Dance for a Dirty Room, Everybody's Grandmother's Bed, the Costume, Adam Says Checkered Sea, de Trisha Brown

Smiling, de Steve Paxton

Canfield, de Merce Cunningham, com cenário de Robert Morris (composto por uma coluna vertical de luzes brancas). Obra aberta, cuja duração e configuração depende das cartas retiradas de um

no Porto, uma sessão de estudo que incluiu a apresentação por António Areal do seu texto *Algumas notas sobre os objetos artísticos e a produção de obras múltiplas*

Tela Rosa para Vestir, de Helena Almeida

Roda Lume, primeiro videopoema de E. M. de Melo e Castro

Grupo Gulbenkian de Bailado apresenta *Ensaio de Dança e Movimento*, música de Bach, Rabe, Hambaeus, e cenário, figurino e coreografia de Walter Gore; *O Pássaro de Fogo*, música de Stravinsky, cenário e figurino de Dimitri Bouchene, coreografia de Serge Lifar; *O Belo Danúbio*, música de Johann Strauss, cenário e figurino de Etienne de Beaumont d'après Constantin Guys, coreografia d'après Massine; *Suite de Verdi*, música de G. Verdi, cenário, figurino e coreografia de Walter Gore; *O Lodo*, música de Bela Bartok, cenário e figurino de Maria Helena Mattos, coreografia de Carlos Trincheiras; *Instantâneo*, música de Luís Filipe Pires, cenário e figurino de Inês Guerreiro, coreografia de Águeda Sena; *Tempos Modernos*, música de Marius Constant, cenário e figurino de Paulo Guilherme, coreografia de Águeda Sena; *Brincadeiras de Rua*, música de Jacques Ibert, cenário de Reinaldo Martins, figurino e coreografia de Walter Gore; *Sangue no Cais*, música de Humphrey Searle, cenário de Reinaldo Martins, figurino e coreografia de Walter Gore; *As Bodas de Aurora*, música de Tchaikovsky, cenário e figurino de Seppo Nurminaa, coreografia d'après Petipa; *Desportistas*, música de Poulenc, cenário, figurino e coreografia de Walter Gore; *História de Amor*, música de Roussel, cenário de Walter Gore e Rui Hernâni Martins, figurino e coreografia de Walter Gore; e *Encruzilhada*, música de Joly Braga Santos, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de Francis Graça

Abril – Início das filmagens de *Almada, um Nome de Guerra*, de Ernesto de Sousa

3 de abril – Ernesto de Sousa “*Colabora na preparação das filmagens para um filme em super 8 de Noronha da Costa na praia do Guincho (não realizado devido à ventania [...]). É o principal dinamizador do convívio e dos debates que rodearam o acontecimento*”¹⁶, por vezes nomeado Encontro no Guincho. Participaram, entre outros: Ana Vieira, Ana Hatherly, António Areal, António Pedro Vasconcelos, Artur Rosa, Clotilde Rosa, E. M. Melo e Castro, Ernesto de Sousa, Fernando Pernes, Francisco Bronze, Helena Almeida, Isabel Alves, Jorge Peixinho, Manuel Baptista, Manuel

¹⁵ BURMESTER, 2008: 17

¹⁶ Cf. FREITAS e WANDSCHNEIDER, 1998: 75

baralho

Edição das cartas de Marinetti a Pratella, com o título *Lettere ruggenti*

Speech acts, livro de John R. Searle

Inverno – Simone Forti trabalha em Turim com *The Zoo*, um grupo de teatro experimental

Fevereiro – *Rose Fractions*, de Yvonne Rainer, Billy Rose Theater, Nova Iorque. Incluiu uma apresentação de *Trio A* (ao som de *In the Midnight Hour*, dos Chambers Brothers). Durante a apresentação, Rainer cedeu espaço e tempo para a apresentação de *26 Variations on 8 Activities for 13 People and Beginning and Ending*, de Deborah Hay

30 e 31 de março – *Skymap*, de Trisha Brown, Whitney Museum, Nova Iorque

Abril – *Performance Fractions for the West Coast*, incluindo uma apresentação de *Trio A*, de Yvonne Rainer, aprendida em palco e ao som de *In the Midnight Hour*, dos Chambers Brothers

10 de abril – *Yellowbelly*, de Trisha Brown, Newark State College, Newark, New Jersey

7 de maio – *Private Domain*, de Paul Taylor, música de Iannis Xenakis, cenário e figurino de Alex Katz, luz de Jennifer Tipton

Verão – Festival de Música, Dança, Explosões e Vão, Roma, com a participação de Simone Forti

Julho – *Connecticut Composite*, American Dance Festival, New London, Connecticut. Incluiu uma apresentação contínua de *Trio A*, de Yvonne Rainer, numa das salas do ginásio, enquanto uma palestra sobre a peça passava continuamente num gravador instalado numa sala ao lado. Outras salas incluíram filmes, uma “*people wall*”, “*people plans*”, uma “*audience piece*” (*Chair-Pillow*) e *Continuous Project-Altered Daily*

2 de agosto – *Duets*, de Paul Taylor, música de compositores medievais anónimos, figurino de George Tanet, luz de Judith Daykin

15 a 18 de agosto – Festival de Woodstock

Dezembro – *Performance Test*, de Vito Acconci, em que o performer olha fixamente para cada pessoa da audiência

10 de dezembro – *Churchyard*, de Paul Taylor, figurino de Alec Sutherland, luz de Jennifer Tipton

Torres, Noronha da Costa, Salette Tavares e vários alunos do Curso de Formação Artística da SNBA¹⁷

24 de maio – Leilão de obras oferecidas por artistas plásticos portugueses para financiar o filme *Almada, um Nome de Guerra*, de Ernesto de Sousa, Cooperativa Árvore, Porto. Foi precedido por uma mesa-redonda sobre Ernesto de Sousa, com a participação do próprio, Ana Hatherly, Francisco Bronze, José-Augusto França, Noronha da Costa, Rui Mário Gonçalves e Vítor Silva Tavares

Julho – Almada Negreiros é convidado do programa televisivo *Zip-Zip*

8 de julho – Leilão de obras oferecidas por artistas plásticos portugueses para financiar o filme *Almada, um Nome de Guerra*, de Ernesto de Sousa, SNBA, Lisboa. No dia anterior realizou-se uma mesa-redonda sobre Ernesto de Sousa, com a participação do próprio, Francisco Bronze, José-Augusto França, Rui Mário Gonçalves e Fernando Pernes

24 de agosto a 3 de setembro – Ernesto de Sousa “*participa, juntamente com a jornalista Maria Antónia Palla, nos ‘Undici Giorni di Arte Collettiva’, Pejo, Itália, em cuja organização esteve envolvido Bruno Munari. Aí se reuniram, em intenso convívio, centenas de artistas de toda a Europa, e especialmente de Itália, para partilharem experiências e ideias, e participar em manifestações diversas, que iam da exposição de obras a envolvimentos, do cinema ‘underground’ aos ‘happenings’, da poesia visual e fonética à música eletrónica. A experiência de Pejo influenciou significativamente as ideias e atitudes de Ernesto de Sousa acerca da arte: foi aí que tomou conhecimento do termo ‘operador estético’*”¹⁸

Outubro – Abertura da Galeria Judite Dacruz, fundada por Judite Siqueira, João Poppe, Henrique Mozer e António Costa; com Direção artística de David Evans (até 1979)

11 de outubro – Leilão de obras oferecidas por artistas plásticos portugueses para financiar o filme *Almada, um Nome de Guerra*, de Ernesto de Sousa, em Aveiro. No dia 4, realizou-se uma mesa-redonda intitulada *Panorâmica da arte moderna portuguesa*, orientada por Ernesto de Sousa e Rui Mário Gonçalves

12 de outubro – Abertura da galeria S. Francisco, Lisboa

28 de novembro – Ernesto de Sousa utiliza pela primeira vez o termo “operador estético”, no artigo *Nostalgia da pintura e anti-pintura*, publicado na revista *Vida Mundial* (nº 1590)

¹⁷ Segundo Isabel Alves (em entrevista cedida a 29.9.2015), esta entrada tem várias incorreções. Cf. <http://test.ernestodesousa.com/projectos/encontro-do-guincho>.

¹⁸ Cf. FREITAS e WANDSCHNEIDER, 1998: 77.

	<p>Dezembro – <i>Nós não estamos algures</i>, “Exercício Teatral” de Ernesto de Sousa no teatro I Ato, Algés, com Jorge Peixinho e o futuro Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, Fernando Calhau, Peter Rubin e Marilyn Reynolds, entre outros¹⁹</p> <p>Dezembro – Walter Gore abandona a direção artística do Grupo Gulbenkian de Bailado. Da sua criação até este momento, o grupo apresentou 52 trabalhos, 10 do repertório tradicional (<i>Coppélia</i>, <i>Carnaval</i>, <i>La Fille Mal Gardée</i>, <i>Sylphides</i>, <i>Giselle</i>, <i>O Lago dos Cisnes</i> (2º ato), <i>Danças do Príncipe Igor</i>, <i>O Casamento de Aurora</i>, <i>O Pássaro de Fogo</i>, <i>Danúbio Azul</i>); 25 de Walter Gore; 7 de coreógrafos portugueses (Águeda Sena, Francis Graça e Carlos Trincinhas); e 10 de outros coreógrafos (Norman Dixon, John Auld, Nini Thelaide, Michel de Lutry e Miko Sparembek). Colaboraram com o grupo 7 artistas plásticos portugueses (Fernando de Azevedo, Artur Casais, Maria Helena Mattos, Júlio Resende, Mário Alberto, Paulo Guilherme e Inez Guerreiro) e diversos estrangeiros (Ronald Wilson, John Piper, Jacques Rapp, etc.)</p>
<p>1970 Allan Kaprow estabelece <i>Performance</i> como disciplina académica autónoma no California Institute of the Arts</p> <p><i>Spiral Jetty</i>, de Robert Smithson</p> <p>Otto Mühl funda a comuna <i>Ação Analítica</i>, que durará até 1991, localizada inicialmente em Viena de depois em Friedrichshof</p> <p>Tom Marioni funda o Museum of Conceptual Art, em S. Francisco, E.U.A.</p> <p>Fundação do coletivo de improvisação <i>The Grand Union</i>, sediado em Nova Iorque (extinto em 1976). Desenvolveu-se a partir da peça <i>Continuous Project – Altered Daily [CP-AD]</i>, de Yvonne Rainer, a partir de uma escultura de Robert Morris. Para evitar problemas com a cadeia de supermercados com o mesmo nome, o grupo adotou a designação legal de Rio Grand Union. Trisha Brown, Barbara Dilley, Dong (Lincoln Scott), Douglas Dunn, David Gordon, Nancy Lewis (Green), Steve Paxton e Yvonne Rainer foram alguns dos artistas envolvidos, entre outros</p> <p>Fundação do coletivo de Performance multimédia <i>T.R. Uthco</i>, sediado em S. Francisco, E.U.A.</p> <p>Quarta e última performance ao vivo realizada por Bruce Nauman, conjuntamente com Meredith Monk e Richard Serra, no Santa Barbara Arts Festival. Nauman alinhava-se pela borda do palco, pontualmente levantando Monk e transportando-a para outro lugar, enquanto Serra rodopiava nas coxias até entontecer e cair no palco</p> <p><i>Proximity Piece</i>, de Vito Acconci, Performance apresentada no Jewish Museum como parte da</p>	<p>Morte de Reinaldo dos Santos leva a que José-Augusto França assumira a Direção da revista <i>Colóquio</i>, que se independentiza das Letras, passando a intitular-se <i>Colóquio Artes</i></p> <p><i>História da Dança em Portugal</i>, de José Sasportes</p> <p><i>Textos de Crítica e de Combate na Vanguarda das Artes Plásticas</i>, de António Areal</p> <p>Jorge Peixinho funda o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, com a colaboração de outros músicos, como Clotilde Rosa, Carlos Franco ou António Oliveira e Silva</p> <p>CITAC é encerrado pela PIDE-DGS após a apresentação no Porto de <i>Macbeth – que se passa na tua cabeça?</i> acusado de “escola de perversão”, sendo os seus arquivos e instalações vandalizados</p> <p>Armando Azevedo ingressa no CAPC</p> <p>Alberto Carneiro regressa de Londres, para onde tinha ido em 1968</p> <p><i>Lisboa 70</i>, projeto de espetáculo plástico, musical e coreográfico permanente, SNBA, Lisboa</p> <p>Retrato de Fernando Pessoa pintado por Almada Negreiros é vendido a Jorge de Brito por 1300 contos, num leilão realizado no restaurante Irmãos Unidos</p> <p>Inauguração das Galerias Zen, Porto</p> <p>Primeira <i>ação-espetáculo</i> de João Vieira, na inauguração da exposição <i>O Espírito da Letra (Exposição Dura)</i>, na Galeria Judite Dacruz, Lisboa</p> <p><i>Happening</i> sonoro, pela AnarBand, Galeria Alvarez,</p>

¹⁹ Cf. <http://test.ernestodesousa.com/projectos/nos-nao-estamos-algures>.

exposição *Software*, em que o performer vai de sala em sala aproximando-se de alguns visitantes de forma a invadir o seu “espaço pessoal”

Application, Performance de Vito Acconci em que Kathy Dillon pinta os lábios de vermelho, imprimindo-os no peito e braços de Acconci, que depois transfere a cor para Dennis Oppenheim, esfregando o peito nas suas costas

Public Lunch (1970-71), de Bonnie Sherk, em que artista se fechou numa jaula do jardim zoológico, aguardando a hora da refeição (tal como os tigres na jaula adjacente)

WAR, de Yvonne Rainer, peça apresentada em Nova Iorque na sequência de protestos contra a Guerra do Vietname

Intravenous Lecture, Performance de Steve Paxton

Secondhand, de Merce Cunningham, obra (excepcionalmente) ensaiada ao som de *Socrate*, música de Erik Satie, mas apresentada com partitura de John Cage

Março – Yvonne Rainer apresenta a versão definitiva de *Continuous Project – Altered Daily*, Whitney Museum, Nova Iorque. Com Becky Arnold, Douglas Dunn, David Gordon, Barbara Lloyd (Dilley), Steve Paxton e Yvonne Rainer, e vários declamadores

18 de abril – *Leaning Duets*, de Trisha Brown, com Jared Bark, Carmen Beuchat, Trisha Brown, Ben Dolphin, Caroline Goodden, Richard Nonas, Patsy Norvell, Lincoln Scott, Kei Takei; *Floor of the Forest*, de Trisha Brown, com Trisha Brown e Carmen Beuchat; *Man Walking Down the Side of a Building*, de Trisha Brown, com Joseph Schlichter; na e nas proximidades de 80 Wooster Street, Nova Iorque

20 de abril – *Situação T/TI*, de Artur Barrio, Belo Horizonte, Brasil

28 de abril – *Foreign Exchange*, de Paul Taylor, música de Morton Subutnick, cenário de Alex Katz, figurino de Alec Sutherland, luz de Jennifer Tipton

3 de outubro – *The Stream*, de Trisha Brown, com qualquer pessoa interessada em explorar a estrutura presente na Union Square, Astrofest

Novembro – *Judson Flag Show*, programa apresentado como protesto contra a prisão de pessoas acusadas de profanar a bandeira americana. Incluiu uma versão de *Trio A*, de Yvonne Rainer, dançada duas vezes por seis pessoas, vestidas apenas com uma bandeira amarrada ao pescoço

6 de novembro – *Big Bertha*, de Paul Taylor, música da St. Louis Melody Museum collection of band machines, cenário e figurino de Alec Sutherland, luz de Jennifer Tipton

Porto

Grupo Gulbenkian de Bailado apresenta *Suite de Bach*, música de Bach e coreografia de Michel Descombey; *Máscara de Ostende*, música de Roman Vlad, cenário e figurino de Salvatore Russo, coreografia de Juan Corelli; *Gravitação*, música de Miloslav Kabelac, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de Milko Sparemblek; *Epitáfio para Gesualdo*, música de Gesualdo de Venosa, cenário e figurino de André Acquart, coreografia de Milko Sparemblek; *Três Poemas e Poslúdio*, música de Lutoslawski, cenário e figurino de André Acquart, coreografia de Milko Sparemblek; *Caminhos do Tempo*, música de Frantisek Krommer, cenário e figurino de Nadir Afonso, coreografia de Denis Carey; *Concerto*, música de Chopin e coreografia de Águeda Sena; *Raymonda (Divertimento)*, música de Glazunoff e coreografia d’après Petipa; *Petrouchka*, música de Stravinsky, cenário de Octávio Clérigo d’après Benois, figurino de Inês Guerreiro, coreografia d’après Fokine; e *O Trono*, música de Bela Bartok, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de Carlos Trincinhas

15 de junho – Morte de Almada Negreiros

Outubro – Milko Sparemblek assume a direção artística do Grupo Gulbenkian de Bailado

28 de novembro – Abertura da Galeria Ógiva, do escultor José Aurélio, em Óbidos (aberta até janeiro de 1974), apresentando uma exposição com trabalhos de: Alberto Carneiro, Ângelo de Sousa, António Sena, Armando Alves, Artur Rosa, José Aurélio, Espiga Pinto, Carlos Calvet, Charrua, Conduto, Costa Pinheiro, Eduardo Luís, Eduardo Nery, Escada, Espiga Pinto, Helena Almeida, João Abel Manta, João Cutileiro, João Vieira, Joaquim Rodrigo, Joaquim Vieira, Jorge Martins, Jorge Pinheiro, José Rodrigues, Lourdes Castro, Manuel Baptista, Maria Velez, Menez, Noronha da Costa, Nuno de Siqueira, Palolo, René Bertholo, Rogério Ribeiro, Sá Nogueira, Vespeira, Zulmiro

Body Art and Performance: The Body as Language, de Lea Vergine

Criação da revista francesa *ArTitudes*, dirigida por François Pluchard (e publicada até setembro de 1977)

Woody e Steina Vasulka fundam a Kitchen Live Audience Test Laboratory (depois apenas conhecida como The Kitchen) em Nova Iorque

The Artist's Reserved Rights Transfer and Sale Agreement, também conhecido como *Artist's Contract*, resultado de um projeto de Seth Siegelaub com o advogado Robert Projansky, compreendendo a organização e publicação de um contrato de venda de obras de arte destinado a defender os direitos dos artistas. A preparação, publicação e distribuição do desdobrável de oito páginas (com design de Christos Gianokos), foi assegurada pela School of Visual Arts de Nova Iorque. Em 1972, o contrato tinha sido retrabalhado, traduzido e publicado no mesmo formato em pelo menos quatro outras línguas (francês, alemão, italiano e neerlandês)

Colaboração de Vito Acconci, Dennis Oppenheim e Terry Fox na Reese Paley Gallery, Nova Iorque

Filler, de Vito Acconci

Concerto for TV, Cello and Video Tape, de Nam June Paik e Charlotte Moorman

Chris Burden apresenta *Shoot*, na F Space, em que um amigo dispara, alvejando-o no braço esquerdo

Dynamic Field Series, de Peter Campus

I Am Making Art, de John Baldessari

Inside the Harlequin, de Howard Fried

Março – estreia de *Big Bertha Duet for Television*, de Paul Taylor

30 de março – *Walking on the Wall*, de Trisha Brown, com Carmen Beuchat, Trisha Brown, Douglas Dunn, Mark Gabor, Barbara Lloyd, Steve Paxton e Sylvia Whitman, Whitney Museum of American Art, Nova Iorque

Maio – Inauguração do *Salão de maio*, em Paris, incluindo *Hors-catalogue*, Performance de Alvess em que distribui pelos visitantes etiquetas debruadas a preto, que lhes prendia à roupa com um alfinete, com a inscrição *hors-catalogue*, Saint-Germain-en-Laye, Paris

11 de maio – *Roof Piece*, de Trisha Brown, 53 Wooster Street at 381 Lafayette, Nova Iorque

2 de julho – *Book of Beasts*, de Paul Taylor, música de Schubert, Weber, Saint-Saëns, Mozart, Beethoven, Boccherini, de Falla e Tchaikovsky, transcrita para cravo, figurino de John Rawlings e luz de Jennifer Tipton

Outono – na Cal Arts, o Feminist Art Program,

Publicação de *Notas para um Manifesto de Arte Ecológica*, de Alberto Carneiro

Publicação de *O Público em Cena*, peça teatral de Almada Negreiros escrita em 1931

O Grupo Gulbenkian de Bailado apresenta *Dulcinea*, música de Chostakovitch, cenário e figurino de Espiga Pinto, coreografia de Carlos Trincheiras; *Pawn to King 5*, música dos Pink Floyd, figurino e coreografia de John Chesworth; *Ritual de Sombras*, música de Kotonsky, Kranze, Dobrowolsky, Szalonek e Serocki, cenário e figurino de Artur Rosa, coreografia de John Butler; *Movimentos Sinfónicos*, música de Haydn, coreografia de Armando Jorge; *Contrastes*, música de Paul Fetler, cenário e coreografia de Milenko Banovitch e Colin McIntyre; *Odisseia do Ser*, música de Karl-Birger Blomdahl, cenário e figurino de Cruzeiro Seixas, coreografia de Richard Kuch; *Continuum sobre um tema de Akutagava*, música tradicional japonesa, Sminonhara e Mauzumi, cenário e figurino de Justino Alves, coreografia de Milko Sparemblek; *Passacaglia*, música de Webern e coreografia de Milko Sparemblek; *Metamorfoses*, música de Hindemith, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de Fernando Lima; *Quebra-Nozes*, música de Tchaikovsky, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de Anton Dolin, d'après Petipa; *Lago dos Cisnes* (2º ato), música de Tchaikovsky, coreografia de Roland Casenave d'après Petipa; e *Messias*, música de Haendel, coreografia de Lar Lubovitch

Verde Gaio apresenta *A Menina dos Olhos Verdes*, música de Cláudio Carneiro, cenário e figurino de Abílio de Matos e Silva, coreografia de Margarida de Abreu

Paula Massano suspende os seus estudos de Dança e estuda Pintura e Arquitetura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, que frequentará até ao seu fecho, em 1974

Primeira exposição individual de Albuquerque Mendes, CAP, Coimbra

O Espírito da Letra, ação-espetáculo de João Vieira na Galeria Bucholz, Lisboa

Expansões (Exposição Mole), ação-espetáculo de João Vieira na Galeria Judite Dacruz, Lisboa, com a participação de manequins profissionais, que desfilam envergando letras flexíveis

Happening sonoro de Jorge Lima Barreto, Cooperativa Foz do Douro, Porto

Primeiro ambiente de Tília Saldanha, intitulado *ontem hoje amanhã nunca? umahora vi quantotueraspequenina muitasvezesàtarde naturezamortaquemada*, na “galeria preta” do CAP

Fevereiro – 1º número da revista *Colóquio-Artes* sob a direção de José-Augusto França, publicada pela

<p>dirigido por Judy Chicago e Miriam Shapiro, inclui Performance como disciplina</p> <p>4 a 10 de outubro (das 17 às 18 horas) – <i>Les 7 heures de la Biennale: Operation 7 jours d’Alvess</i>, Performance de Alvess na 7ª Bienal de Paris, Parc Floral, Bois de Vincennes, Paris. “Apesar de não se encontrar entre os artistas escolhidos, Alvess decide participar por sua livre iniciativa (...) aparecendo durante os sete dias de uma semana, vestido de atleta, a correr uma hora por dia na exposição. (...) Edita um folheto publicitário no qual a performance é anunciada”.²⁰</p> <p>16 de outubro – <i>Fetes</i>, de Paul Taylor, música de Debussy, figurino de Georges Tacet, luz de Jennifer Tipton</p> <p>22 de outubro – <i>Accumulation</i>, de e com Trisha Brown, New York University Gymnasium, Nova Iorque; <i>Rummage Sale and the Floor of the Forest</i>, de Trisha Brown, com Carmen Beuchat e Trisha Brown, New York University, Nova Iorque</p>	<p>FCG até outubro de 1996</p> <p>15 de março – Abertura da Galeria Zen, sucursal da Galeria 111 (Lisboa), mais tarde rebaptizada 111</p> <p>Julho – <i>Espetáculo como conjugação das artes</i>, realizado pela Cooperativa Ludus. A equipa de conceção e orientação incluiu Alberto Carneiro</p>
<p>1972</p> <p><i>Documenta 5</i>, comissariada por Harald Szeemann (visitada por Ernesto de Sousa), inclui uma secção dedicada à <i>body art</i>. Vito Acconci apresentou <i>Cross-Fronts (Compensation/ Displacement Area)</i>, uma Performance acompanhada por quatro “salas-construções” ou “salas de apoio” que a circunscreviam</p> <p>Joseph Beuys é demitido da Universidade de Düsseldorf</p> <p>Michel Journiac ingressa na Universidade de Paris I Panthéon-Sorbonne, onde será professor até 1995</p> <p>Início da estadia de Lourdes Castro em Berlim (até 1973), que incluiu um espetáculo da sua autoria estreado na Akademie der Künste, no âmbito do teatro de sombras. O programa era composto por três partes: <i>Pic-nic à sombra</i>, <i>Contorno</i>, e <i>Noite e Dia</i>. Contou com a colaboração de René Bertholo (aparelho para controlar o leque de cores e luzes) e Manuel Zimbro (técnica)</p> <p><i>Lives of performers</i>, filme de Yvonne Rainer</p> <p><i>Conceptual Art</i>, antologia de Ursula Meyer</p> <p><i>Education of a Girl Child</i>, de Meredith Monk</p> <p><i>Sem Título</i>, Performance videográfica de Robert Morris, a partir de uma grande bola a rolar num chão de madeira</p> <p><i>Organic Honey’s Visual Telepathy, Left Side, Right Side e Vertical Roll</i>, de Joan Jonas</p> <p><i>And for Today... Nothing</i>, Performance de Stuart Brisley na Gallery House, Exhibition Road, Londres, em que passa duas horas por dia (durante duas</p>	<p>Expo AICA 72, SNBA, Lisboa, inclui a exposição <i>Do vazio à Provocação</i>, comissariada por Ernesto de Sousa, com apresentação de trabalhos de João Vieira (que apresenta a performance <i>Incorpóreo I</i>, com música de Jorge Peixinho: um sarcófago de poliuretano flutua num líquido dourado, entra uma mulher – Maria Gonzaga – que se despe, é encerrada no sarcófago, sai, veste-se e abandona a sala), Alberto Carneiro, Ana Vieira, António Sena, Carlos Gentil-Homem, Eduardo Nery, Fernando Calhau, Helena Almeida, Lourdes Castro e Nuno de Siqueira. Egídio Álvaro apresentou telas de Metello de Seixas e de Lima de Freitas, e escultura de Aureliano Lima</p> <p>Ernesto de Sousa traz para Portugal os frescos que Almada tinha realizado para o Cinema San Carlos, em Madrid</p> <p>Primeira intervenção de Armando Azevedo, Galeria Ógiva, Óbidos. Por ocasião do aniversário da galeria, o CAPC apresentou <i>Homenagem a Josefa de Óbidos: “Tínhamos concebido e executado uma enorme prenda para a festa, ali apresentada em cortejo, com banda de música e tudo: uma enfeitada caixa-embalagem, do tamanho de um grande frigorífico, contendo na vertical uma sucessão de embrulhos-gavetas que, em ritual de solene ofertório, foram emergindo, desocultando consecutivos mimos, em encadeamento: uma aguarela encaixilhada; um belo ramo de flores; pedras separadamente trabalhadas, pintadas e em bruto; nozes, muitas nozes, correndo pelo chão, descendo as escadas, caindo do andar de cima... dando-se à (usu)fruição como verdadeiro Presente</i></p>

²⁰ Cf. BURMESTER, 2008: 19

semanas) deitado numa banheira cheia de carne em decomposição e água fria

Desastres de la Guerra – Happening de Wolf Vostell

15 a 29 de janeiro (intermitente) – *Seedbed*, performance de Vito Acconci na Sonnabend Gallery, Nova Iorque (vazia). A peça acontece com o autor debaixo de uma rampa de madeira que converge com o chão da sala, começando numa das paredes a cerca de 60 cm de altura. O autor alegou ter-se masturbado durante toda a Performance, sendo o som por si produzido amplificado para o público, que podia caminhar sobre o chão falso

11 de março – *Guests of May*, de Paul Taylor, figurino de Georges Tacet, luz de Jennifer Tipton

17 de maio – *So Long Eden*, de Paul Taylor, música de John Fahey, figurino de Georges Tacet, luz de Jennifer Tipton. Mais tarde passou a fazer parte de *American Genesis*

2 de junho – *Accumulation 55*, de e com Trisha Brown, Galleria L'Attico, Roma, Itália

Agosto – *The visual arts in the education and development of the individual*, Congresso Internacional promovido pela International Society for Education through Art

1 de dezembro – *Primary Accumulation*, de e com Trisha Brown; e *Theme and Variation*, de Trisha Brown, com Carmen Beuchat e Penelope Newcomb, Wadsworth Atheneum, Hartford, CT

de intervenção, de convite ao happening, à comunhão".²¹

9 Temas à imaginação – Exposição com trabalhos de Armando Azevedo, Celeste Silva, Garcia Martins, Goiana Mesquita, João Dixo, Jorge Reis, Pinto Coelho e Túlia Saldanha, Galeria CAP, Coimbra. No convite podia ler-se “*Com base nos nove ‘temas à imaginação’ que lhe propomos, crie o seu próprio espetáculo*”²²

Grupo Gulbenkian de Bailado apresenta *Sky-Well*, música de Alberto Ginestra, coreografia de Norman Walker; *Messias*, música de Haendel e coreografia de Lar Lubovitch; *Arquipélago III*, música de Boucourechliev, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de Carlos Trincadeiras; *Sinfonia dos Salmos*, música de Stravinsky, figurino e coreografia de Milko Sparemblek; *Ancient Voices of Children*, música de George Crumb, cenário e figurino de Artur Rosa, luz de Colin McIntyre, coreografia de Milko Sparemblek; *Catulli-Carmina*, música de Carl Orff, cenário e figurino de Germinal Casado, coreografia de John Butler; *Night Sound*, música de Kazuo Fukushima, cenário de Chaters d’Almeida, coreografia de John Butler; *Amargo*, música tradicional Indo-Portuguesa; cenário e figurino de Paulo Guilherme, coreografia de Águeda Sena; *A Morte do Cisne*, música de Saint-Saens, coreografia d’après Fokine; *Cisne Negro*, música de Tchaikovsky, coreografia de Petipa Ivanova

I Estúdio Coreográfico apresenta *Ritual Um*, música de Constança Capdeville, figurino e coreografia de Jim Hughes; *Madrigal de Amor (Teatro e Movimentação)*, música de C. Monteverdi, figurino e coreografia de Elisa Worm; *happening* de António Rodrigues (cenário, figurino e autoria); *Evocações*, música de Álvaro Cassuto, cenário e figurino de Cecília Potier, coreografia de Patrick Hurde; *Estúdio A*, música de Bela Bartok, cenário e coreografia de Sean Cunningham; e *Sabat das Bruxas*, música de Third Ear Band, cenário, figurino e coreografia de Jim Hughes

Carlos Barreira inicia a atividade como designer gráfico no gabinete de Estudos e Projetos João Baptista, com José Grade, Fernando Pinto Coelho e Luís Casal

Fevereiro – Alberto Carneiro conclui a redação das suas *Notas para Um Manifesto de Arte Ecológica*

Outubro – Ernesto de Sousa realiza no ateliê de Eduardo Nery a primeira sessão de divulgação da sua visita à Documenta 5. Seguir-se-ão outras na Cooperativa Árvore (Porto), Clube 1º Ato (Algés), Galeria Ógiva (Óbidos) e Ar.Co (Lisboa)

11 de outubro – *Egotemponírico, Happening de*

²¹ Cf. ARMANDO AZEVEDO em SOUSA, 2011: 83

²² Cf. COUTINHO e FABIANA, 2014: 32

	<p>Espiga Pinto em quatro diferentes locais: partindo da Galeria Alvarez, seguindo para a Ponte da Arrábida (em que lançou ao rio Douro um disco de esferovite de grandes dimensões); Casa da Carruagem (junto à Instalação criada com grandes formas de esferovite penduradas nas árvores); e uma quarta e última parte na Praia de Valadares, (<i>Homenagem ao Sol</i>), em que o artista lança ao mar uma grande esfera em esferovite, arrastada com uma rede de grandes dimensões</p> <p>16 de dezembro – Ernesto de Sousa dá uma conferência na Galeria Ogiva acerca da Documenta 5 e do seu encontro com Joseph Beuys</p>
<p>1973 Lucy Lippard publica <i>Six Years: the Dematerialization of the Art Object from 1965 to 1972</i></p> <p><i>Theme Song</i>, de Vito Acconci</p> <p><i>Gestures</i>, de Hannah Wilke</p> <p><i>Now</i>, de Lynda Benglis</p> <p><i>Through the Night Softly e Icarus</i>, de Chris Burden</p> <p><i>Three Transitions</i>, de Peter Campus</p> <p>Pina Bausch é nomeada diretora do Wuppertal Ballet, alterando-lhe o nome para Tanztheater Wuppertal</p> <p><i>1.000.010º Aniversário do nascimento da arte</i>, a partir da mobilização por Robert Filliou dos habitantes e autoridades municipais de Aix-la-Chapelle</p> <p>Lourdes Castro apresenta (1973-74) o espetáculo estreado na Akademie der Künste de Berlim (em 1972-73, composto por <i>Pic-nic à sombra</i>, <i>Contorno</i>, e <i>Noite e Dia</i>) em Anvers (International Cultural Centrum Amsterdam), Melkweg; Aachen, Neue Galerie (Somlung Ludwig); Hanôver; e Paris, Théâtre d'Orsay Renaud Barrault</p> <p><i>Raft Piece</i>, de Trisha Brown, com Trisha Brown, Carmen Beuchat, Caroline Goodden e Sylvia Palacios</p> <p><i>Spanish Dance</i>, de Trisha Brown</p> <p><i>Air</i>, de Steve Paxton</p> <p><i>8º Bienal de Vincennes</i>, inclui performance de Alvess, em que diariamente corre durante uma hora pelo espaço da exposição, vestido de corredor</p> <p>17 de fevereiro – <i>Noah's Ministrels</i>, de Paul Taylor, música de Louis Moreau Gottschalk, figurino de George Tacet, luz de Jennifer Tipton. Mais tarde, tornou-se parte de <i>American Genesis</i></p> <p>25 de fevereiro – <i>Woman Walking Down a Ladder</i>, de e com Trisha Brown, 130 Greene Street, Nova Iorque</p> <p>Março – <i>This is the story of a woman who...</i>, de Yvonne Rainer, trabalho que conjuga projeção de diapositivos e filmes, histórias, danças e <i>personae</i>. Inclui <i>Trio A</i>, “marcado” uma vez, e outra vez</p>	<p>Abertura do Ar.Co, Centro de Arte e Comunicação Visual, a partir da constituição legal (em janeiro deste ano) de uma Sociedade Anónima (Searco, S.A.R.L.), e promovida por um grupo liderado por Manuel Costa Cabral (que dirigiria a escola durante os 22 anos seguintes), Graça Costa Cabral, Eduardo Trigo de Sousa, Eduardo Nery, Waldemar d'Orey e José Nuno Câmara Pereira. Teve como acionistas fundadores Alberto Vaz da Silva, Eduardo Nery, Eduardo Trigo de Sousa, Graça Costa Cabral, João José Guimarães Assédio, José Manuel Galvão Telles, José Maria Cantilo de Faria, Lucínia Godinho, Manuel Costa Cabral e Maria Flávia Monsaraz; contou com o apoio financeiro de Lucinda Godinho</p> <p><i>A porta da Caixa – Pesquisa para um espetáculo</i>, Performance de João Guedes, Ar.co, Lisboa</p> <p><i>Comunicação Criativa</i>, Curso Livre liderado por Sue Jennings e Carlos Chan, Ar.co, Lisboa (1972/73)</p> <p><i>Comunicação Criativa / Expressão Corporal</i>, Curso Livre liderado por Maria Fux e Sue Jennings, Ar.co, Lisboa</p> <p>Criação do Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas (GICAP)</p> <p>Ernesto de Sousa apresenta a <i>anti-conferência</i> “Da Vanguarda artística em Portugal e do mercado comum; com uma receita que contribuirá para a resolução de alguns problemas que afligem a nossa pátria (em 1972)”, num ciclo de conferências de críticos da AICA, na Galeria Dinastia em Lisboa</p> <p>O Grupo Anna Mascolo apresenta <i>Valses Nobles</i>, música de F. Schubert, coreografia de Anna Mascolo</p> <p>Verde Gaio apresenta <i>Passatempo</i>, música de Joly Braga Santos, figurino de Maria Emília Araújo, coreografia de Fernando Lima; <i>Fado</i>, música de Ruy Coelho, figurino de Abílio de Matos e Silva, coreografia de Jorge Trincheiras; e <i>Dança da Bandurra</i>, música folclórica de Santos Pinto, coreografia de Margarida de Abreu</p> <p>II Estúdio Experimental de Coreografia apresenta</p>

dançado ao som de peças de piano, de Grieg

Março – *Image et communication*, jornadas artísticas, realizadas pelo Centre International d'Études Pédagogiques, Université de France, Sèvres

27 de março – *Accumulating Pieces*, de Trisha Brown, com Carmen Beuchat, Trisha Brown, Caroline Goodden, Penelope Newcomb e Sylvia Whitman; e *Group Accumulation I*, de Trisha Brown, com Carmen Beuchat, Caroline Goodden, Penelope Newcomb e Sylvia Whitman, Sonnabend Gallery, Nova Iorque

16 de maio – *Group Primary Accumulation*, de Trisha Brown, com Carmen Beuchat, Trisha Brown, Douglas Dunn, Caroline Goodden, David Gordon e Sylvia Whitman, Spring Dance Festival, Sunken Plaza, Nova Iorque

1 de agosto – *Sticks*, de Trisha Brown, com Trisha Brown, Elizabeth Garren, Terry O'Reilly, Steve Paxton, Wendy Perron, Judith Ragir, Mona Sulzman, Festival Musicale de la Sainte Baume, Aix-en-Provence, França

15 de setembro a 21 de outubro – *8ª Bienal de Paris*, no Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, incluiu uma Performance de Alvess, em que diariamente corre durante uma hora pelo espaço da exposição, vestido de atleta

6 de outubro – *Scallops*, de Trisha Brown, com Trisha Brown, Carmen Beuchat, Caroline Goodden e Sylvia Palacios, Festival d'Automne, Musée Galliera, Paris, França

12 de outubro – *Accumulation with Talking*, de e com Trisha Brown, Centre Americain, Rue du Dragon, Paris, França

13 de outubro – *American Genesis* (música de J.S. Bach, Franz Josef Haydn, John Fahey, Bohuslav Martinů e Louis Moreau Gottschalk, figurino de George Tacet, luz de Jennifer Tipton) e *West of Eden* (música de Bohuslav Martinů, figurino de George Tacet, luz de Jennifer Tipton), ambas de Paul Taylor (a segunda obra originalmente fazia parte da primeira, autonomizando-se posteriormente)

Haendel, op. 1 N° 15, de Vasco Wellenkamp; *Primeiro encontro*, música de Norton Subotnik, cenário, figurino e coreografia de Jim Hughes; *Carta Branca*, música de Donizetti, cenário e figurino de Cecília Potier, coreografia de Patrick Hurde; *Proposta para uma Coreografia*, música de Kazuo Fukushima, figurino e autoria de António Rodrigues; *Última Dança para Meu Pai*, música de Doris Previn, cenário e figurino de Colin McIntyre, coreografia de Patrick Hurde

O Grupo Gulbenkian de Bailado apresenta *Três Movimentos*, música de Stravinsky, cenário e figurino de Colin McIntyre, coreografia de Jorge Garcia; *Kinesis (expressões cinéticas)*, música de A. Vivaldi, Joaquim Rodrigo, John Dowland, cenário e figurino de Gene Kelton, coreografia de Lynn Taylor; *Sinfonia dos Salmos*, música de Stravinsky, luz de Colin McIntyre, figurino e coreografia de Milko Sparemblek; *Suite de Bach*, música de Bach, coreografia de Michel Descombey; *Ritual Um*, música de Constança Capdeville, figurino e coreografia de Jim Hughes; *Happening*, figurino e autoria de António Rodrigues; *Evocações*, música de Álvaro Cassuto, cenário e figurino de Cecília Potier, coreografia de Patrick Hurde; *Gravitação*, música de Boucourechliev, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de Carlos Trincadeiras; *Duo*, música de Benedetto Marcello, figurino e coreografia de Jorge Garcia; *Tekt*, música de Xenakis, cenário de Charters d'Almeida, luz de Colin McIntyre, coreografia de Milko Sparemblek; *Opus 43*, música de Beethoven, cenário e figurino de Germinal Casado, coreografia de Milko Sparemblek; *Night Sound*, música de Kazuo Fukushima, cenário de Charters d'Almeida, coreografia de John Butler; *Canto da Solidão*, música de Álvaro Cassuto, cenário e figurino de Da Silva Nunes, coreografia de Armando Jorge; *O Combate de Tancredo e Clorinda*, música de C. Monteverdi, cenário e figurino de André Acquart, coreografia de Milko Sparemblek; *Inter-Rupto*, música de Samuel Barber, cenário e figurino de Espiga Pinto, luz de Colin McIntyre, coreografia de Carlos Trincadeiras; e *Missa em Jazz*, música de Lalo Schifrin, coreografia de Michel Descombey

Vasco Wellenkamp vai para Nova Iorque (onde ficará até 1975), frequentando o curso de composição coreográfica do estúdio de Merce Cunningham; trabalhando com Valentine Peryslavec e David Walker e frequentando a Martha Graham's Contemporary Dance School

Margarida Bettencourt vem para Portugal (com 11 anos), desde Joanesburgo, África do Sul, de onde é natural e onde iniciou os seus estudos de Dança na Royal Academy of Dancing

Operação estética em Vilar do Paraíso e O canavial: memória-metamorfose de um corpo ausente (projeto de 1973 agora apresentado na

Galeria Quadrante, Lisboa), de Alberto Carneiro

Alberto Carneiro, Fernanda Flores, Carolina Negreiros, José Adriano Fernandes e Manuela Malpique formam o Grupo de Comunicação Criativa, associado à Cooperativa Árvore

Primeira intervenção corporal de Manoel Barbosa, regressado de Paris, que no seu ateliê pinta no corpo nu – dos pés até à zona do coração – uma enorme raiz. Seguem-se pinturas pretas realizadas com pincel e com a zona dos cotovelos até aos dedos, e outra série, com essas zonas pintadas de branco, em ambientes cuja luz incidia somente nos dedos e nos suportes. Realiza ainda um ritual dedicado a África na Ilha de Tavira, onde era militar, aquando da sua mobilização para a Guerra Colonial em Angola: virado para o Continente Africano, nu, em pé, enviou pelo mar 17 garrafas com textos de Karen Blixen, Agostinho Neto, Mandela, E. Mondlane, Amílcar Cabral, e outros autores e textos sobre África. Seguiu-se o envio de 17 cores especialmente criadas para África, colocadas em garrafas sem rolha. Espetou ainda na areia 17 canas com as mesmas cores, escrevendo na água um curto texto de Blixen

A minha Coimbra deles, performance Armando Azevedo no CAPC

Operação Estética/ Intervenção de João Dixo, na Galeria do CAPC

Happening sonoro e visual de Jorge Lima Barreto, na inauguração do Auditório JN, Porto

Janeiro – *A Floresta*: “*um penetrável instalado na Galeria Alvarez (...) a partir de uma ideia de João Dixo*”²³ que consistia “*num labirinto de tiras de papel caindo do teto e chegando ao chão, em cujas clareiras o espetador encontrava o piquenique preto de Tília Saldanha, o circo de chita de Albuquerque Mendes, a homenagem a uma bala perdida de José Casimiro, a caixa de bolo de noiva de Armando Azevedo ou o seu oratório revestido a bilhetes de lotaria*”²⁴

19 de fevereiro – Abertura do primeiro semestre letivo do Ar.Co

Março – *A Floresta*, Intervenção coletiva no CAP

Março – *Nossa Coimbra deles*, Performance de Armando Azevedo no CAPC

15 de maio, 21.30 horas – *Cassel, as Vanguardas*, conferência de Ernesto de Sousa no Ar.co

19 de maio a 19 de junho – *Operação Estética minha coimbra deles tua coimbra deles dele coimbra deles nossa coimbra deles vossa coimbra deles*, CAP (cave da Sede), com a participação de Alberto Carneiro, Armando Azevedo, João Dixo,

²³ Segundo FERNANDES (1997: 28), a ideia original é de Fernando Pinto Coelho

²⁴ Cf. MACEDO, 2014: 238-239

		<p>José Casimiro e Tília Saldanha (<i>Sala Preta nº 1</i>)</p> <p>Junho – Alberto Carneiro participa no trabalho interdisciplinar na área da expressão artística desenvolvido pela Cooperativa Ludus em colaboração com o grupo de teatro da Escola Comercial Filipa de Vilhena, dinamizado por Carolina Negreiros e José Adriano Fernandes, que deu resultado a uma apresentação no ginásio da escola</p> <p>Setembro – Grupo Gulbenkian de Bailado apresenta uma curta temporada no Sadler’s Wells, Londres</p> <p>Outubro – Primeiro número da <i>Revista de Artes Plásticas</i> (extinta em 1977), criada por Egídio Álvaro (membro do Conselho de Redação, com Lima de Freitas e Rocha de Sousa) e Jaime Isidoro (administração e secretariado), patrocinada pelo Banco Pinto Magalhães</p> <p>22 de novembro – Abertura da Galeria Quadrum, fundada pela pintora Dulce D’Agro no palácio dos Coruchéus, Lisboa. A exposição inaugural incluiu obras de Nadir Afonso, Justino Alves, Fernando de Azevedo, Manuel Baptista, Fernando Calhau, Carlos Calvet, Manuel Cargaleiro, António Charrua, Noronha da Costa, Vasco Costa, Cruz Filipe, Eurico Gonçalves, Alice Jorge, Fernando Lemos, Gil Teixeira Lopes, Jorge Maryins, António Mendes, Menês, Eduardo Nery, Sá Nogueira, António Palolo, Costa Pinheiro, Júlio Pomar, Paula Rego, Júlio Resende, Joaquim Rodrigo, Artur Rosa, António Sena, Nuno Siqueira, Nikias Skapinakis, Ângelo de Sousa, Vespeira e João Vieira</p>
<p>1974</p>	<p><i>I like America and America likes me</i>, de Joseph Beuys</p> <p><i>Command Performance</i>, de Vito Acconci</p> <p><i>Bewegungsimaginationen</i>, de VALIE EXPORT</p> <p><i>Burial Pyramid</i>, de Ana Mendieta</p> <p><i>A Letter for Queen Victoria</i>, de Robert Wilson</p> <p><i>Hole in the Wall</i>, primeira video-instalação de Gary Hill, Segundo o artista “uma memória-vídeo de uma performance”</p> <p><i>Negative Crossing</i>, de Peter Campus, em que os visitantes eram (conscientemente) filmados atuando em frente a um espelho, sendo as imagens projetadas em grandes ecrãs</p> <p><i>Film about a Woman Who</i>, de Yvonne Rainer</p> <p><i>Handbook in Motion</i>, livro de Simone Forti</p> <p><i>Westbeth</i>, vídeo resultante da primeira colaboração de Cunningham e Cage com o realizador Charles Atlas, filmado no estúdio de Cunningham em Westbeth e com figurinos de Mark Lancaster, baseado no trabalho de Jasper Johns em <i>Un jeux ou deux</i> (1973)</p> <p><i>Sounddance e Rebus</i>, de Merce Cunningham, com</p>	<p>Publicação de <i>A Arte em Portugal no Século XX</i>, de José-Augusto França</p> <p>Constituição do Grupo Acre, composto por três artistas formados pela Escola de Belas-Artes do Porto: Clara Menéres, Queirós Ribeiro e Lima de Carvalho (até 1977)</p> <p>Renascimento do CITAC, após encerramento pela PIDE</p> <p>Artur Barrio regressa a Portugal, após ter fixado em 1955 residência no Rio de Janeiro</p> <p><i>R for Ramson</i>, filme de Vítor Pomar (1994-77), apoiado pelo pelo Serviço de Belas-Artes, Seção de Cinema, da FCG, por responsabilidade de João Bénard da Costa</p> <p><i>Pele Integral, ação-espetáculo</i> de João Vieira na Expo AICA, SNBA, Lisboa</p> <p><i>Happening</i> de Manoel Barbosa em Luanda, após o 25 de abril, em que na praça de Mutamba leu alto, acompanhado por dois amigos militares angolanos, textos de Agostinho Neto. Manoel Barbosa lê em Português, os angolanos nas línguas das suas tribos de origem. As posições de cada um, sobre pequenos plintos, eram alternadas em cada parágrafo lido</p>

cenário de Mark Lancaster, pintor britânico que se torna neste ano designer residente

101 – A Performance Exhibit e Four for nothing, de Douglas Dunn. Em *101*, Dunn utilizou o seu *loft* para criar um labirinto feito com cubos de madeira toscamente cortados, sobrepostos em pilhas com cerca de 4,5 metros, que cobriam toda a área do apartamento. Durante quatro horas diárias, em seis dias por semana e durante dois meses (na primavera) e duas semanas (no outono), o artista manteve o estúdio aberto para que o público pudesse explorar a sua criação. Dunn mantinha-se deitado em cima dos cubos (vestido com um macacão branco e bandanas azuis e vermelhas atadas a várias partes do corpo, lábios pintados de azul e a cara maquilhada de vermelho, branco e azul), imóvel e de olhos fechados, ao longo de toda a Performance. *Four for nothing* (referência à contagem que os bailarinos fazem dos tempos rítmicos antes de se moverem) era uma peça para quatro performers que quase não se moviam

Funnel, de Joan Jonas, incorporando três áreas separadas por cortinas, em que Jonas atuou a partir do seu interesse pela magia e tradições dos índios do Sudoeste americano. Numa das áreas, um vídeo era projetado (em direto) num monitor, apresentando imagens detalhadas de toda a Performance

Aureole, de Paul Taylor, Uris Theater, Nova Iorque. Com a participação de Rudolf Nureyev, cuja estreia em dança moderna tinha anteriormente sido feita com a interpretação desta obra

Lourdes Castro apresenta (1973-74) o espetáculo estreado na Akademie der Künste de Berlim (1972-73) em Anvers (International Cultural Centrum Amsterdam), Melkweg; Aachen, Neue Galerie (Somlung Ludwig); Hanôver; Paris, Théâtre d'Orsay Renaud Barrault

2 de janeiro – *Figure 8*, de Trisha Brown, com Carmen Bauchat, Trisha Brown, Caroline Goodden e Sylvia Whitman; e *Split Solo*, de Trisha Brown, com Trisha Brown e bailarino(a) desconhecido(a), Contemporanea Festiva, Roma, Itália

16 de fevereiro – *Untitled Quartet* (re-trabalho de *Fibers*), de Paul Taylor, música de Stravinsky, figurino de Rouben Ter-Aruturian, luz de Jennifer Tipton

2 de junho – *Drift*, de Trisha Brown, com Carmen Beuchat, Trisha Brown, Douglas Dunn, Caroline Goodden e Sylvia Whitman, The John F. Kennedy Center for the Performing Arts, Washington DC

11 de junho – *Pamplona Stones*, de Trisha Brown, com Trisha Brown e Sylvia Whitman; e *Spiral*, de Trisha Brown, com Carmen Beuchat, Trisha Brown e Sylvia Whitman, 383 West Broadway, Nova Iorque

7 de agosto – *Sports and Follies*, de Paul Taylor, música de Erik Satie, cenário de George Tacet, luz de

Happening sonoro de Jorge Lima Barreto no Festival Cascais Jazz

O Conservatório Nacional, por incumbência do Ministério da Educação, organiza um concurso para professores de Dança, presidido por Ludmilla Chiriaeff (Grands Ballets Canadiens), resultando na aprovação de dois dos 26 concorrentes (Ana Mascolo e Elisa Worm)

O Ballet Nacional de Cuba apresenta-se em Portugal, incluindo no elenco a bailarina Alicia Alonso

III Estúdio Experimental de Coreografia apresenta *Ensaio*, acompanhado por um arranjo de Música Antiga, coreografia de Elisa Worm; *Duo*, música de J. Sibelius, cenário, figurino e coreografia de Carlos Fernandes; *Segundo Movimento de um Bailado Incompleto*, música de Erik Satie, coreografia de Patrick Hurde; *O Fluir do Encontro Casual*, música de Toru Takemitsu, cenário, figurino e coreografia de Vasco Wellenkamp; *Fox-Trot 5 Horas*, música de M. Ravel, cenário e coreografia de Carlos Fernandes; *Beholde you are Beautiful*, música de Olivier Messiaen, coreografia de Jeremy Allen; e *Circuitos*, acompanhado por circuitos eletrónicos, Chopin, Couperin, Bizet, Rimsky-Korsakov, figurino de Michele Rimbald, luz de Vasco Wellenkamp, coreografia de Isabel Santa Rosa

O Grupo Gulbenkian de Bailado apresenta *O Messias*, música de Haendel, coreografia de Lar Lubovitch; *Satélites...*, música de Rudolf Maros, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de Carlos Trincheiras; *O Idílio de Siegfried*, música de R. Wagner, figurino de Artur Casais, coreografia de Milko Sparemblek; *Três Movimentos*, música de Stravinsky, cenário e figurino de Colin McIntyre, coreografia de Jorge Garcia; *Petruchka*, música de Stravinsky, cenário de Otávio Clérigo d'après Benois, figurino de Inês Guerreiro, coreografia d'après Fokine; *Majísimo*, música de Massenet, cenário de Donald Scrimceout, coreografia de Jorge Garcia; *O Baile dos Mendigos*, música de Beethoven, figurino e coreografia de Paul Sanasardo; *Wop-Bop-A-Loobop*, música rock dos anos 1950, cenário e figurino de Colin McIntyre, coreografia de Patrick Hurde; *O Mandarin Maravilhoso*, música de Bela Bartok, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de Milko Sparemblek; e *Whirligogs*, música de Luciano Berio, coreografia de Lar Lubovitch

Vasco Wellenkamp estreia-se como coreógrafo do Ballet Gulbenkian, com a obra *Concerto em Sol maior*, com música de Ravel e figurinos do coreógrafo

Comunicação Criativa: Movimento, dança, psicodrama, Curso Livre liderado por Carlos Chan e Roy Shuttleworth, Ar.co, Lisboa

Janeiro – Maria Fux, coreógrafa e bailarina

argentina, lidera no Ar.Co um curso de Expressão Corporal Criativa, depois de o ter realizado no Porto, na Cooperativa Árvore

Janeiro – Encerramento da Galeria Ógiva

Janeiro/ fevereiro – *Projetos-Ideias*, exposição comissariada por Ernesto de Sousa na Expo AICA, SNBA, Lisboa, incluindo “manifestações” de Alberto Carneiro, Alberto Tavares, Álvaro Lapa, Ana Vieira, Ângelo de Sousa, António Campos, Armando Alves, Artur Rosa, Artur Varela, Carlos Gentil-Homem, Costa Pinheiro, Da Rocha, Eduardo Nery, Ernesto de Sousa, E.M. Melo e Castro, Fernando Calhau, Helena Almeida, João Dixo, João Vieira, Jorge Peixinho, José Rodrigues, Júlio Bragança, Philipe Rase, René Bertholo, Ribeiro Telles, Robert Filliou e Túlia Saldanha (Sala Preta nº 2). Egídio Álvaro organizou a mostra *Criação-Diálogo-Solidão*, com “manifestações” de Man, António Mettelo, Alvess, Lisa Chaves Ferreira, João Nascimento, Domingos Pinho, Eduardo Nery, Dixo, Jorge Martins, Areal, Parisot, Guyonard, Alvarez Rios

17 de janeiro – 1.000.011º Aniversário da Arte, operação estética coletiva, Galeria CAPC, Coimbra. “A convite de Robert Filliou, um dos mais destacados artistas da vanguarda europeia e americana, Ernesto de Sousa, Alberto Carneiro, João Dixo e todos os elementos do CAPC (Centro de Artes Plásticas de Coimbra), vai realizar-se nesta cidade, no dia 17, um 1.000.011º aniversário da Arte. Nele se vai comemorar uma data hipotética. A festa estará aberta a toda a gente. Haverá ornamentações, um bolo gigantesco, cerveja à vontade, lançamento de balões, happenings, ofertas mútuas, zés pereiras, etc.”²⁵ O evento consistiu numa festa com “os artistas e aqueles que no edifício do CAPC quiseram aparecer, que entre comidas e bebidas dançaram samba, circularam entre um labirinto de cartolina, escorregaram numa prancha colocada sobre as escadas, soquearam sacos suspensos, rebentaram balões, meditaram e desenharam nas paredes. Albuquerque Mendes realizou *A Arte é bela, tudo é belo, a sua primeira intervenção, entre o Porto e Coimbra, percurso ao longo do qual distribui centenas de flores de papel com a inscrição a arte é bela tudo é belo. Chegado ao edifício do Círculo, estende diante da fachada, na estrada uma série de panos costurados com padrões de campos de flores, marcando o território de uma manifestação coletiva. Estes são os panos que transportará, mais tarde, no seu primeiro ritual, e que servirão para construção do espaço de encenação no Jardim do Rio, em Viana do Castelo, em 1975*”²⁶. Participaram, entre outros, Alberto Carneiro, Albuquerque Mendes, Armando Azevedo, João Dixo, Jorge Peixinho, Ernesto de Sousa, Isabel

²⁵ Cf. *Jornal República*, 16 de janeiro de 1974

²⁶ Cf. GONÇALVES, 2001: 65

Alves e Túlia Saldanha

16 de fevereiro a 29 de abril – *Ciclo Internacional Perspetiva 74*, exposição na Galeria Dois (filial da Dominguez Alvarez na Rua da Boavista), de Jaime Isidoro, Porto, organizada por Egídio Álvaro, reunindo 13 artistas de seis países, cada qual realizando uma exposição com a duração de uma semana: Tomek/ Polónia (16 de fevereiro); Yokoyama/ Japão (23 de fevereiro); A. Carneiro/ Portugal (4 de março); Miller & Cameron/ Inglaterra (9 de março, intervenções na galeria – incluindo *Pink & Black – Landscapes and Living Spaces* – e na Avenida dos Aliados); Pineau/ França (16 de março); Da Rocha/ Portugal (23 de março); Hubert/ França (30 de março); Miloslav Moucha/ Checoslováquia (“ato ritual” com seixos da praia, madeira desgastada e nós de corda; e “documentação biofotográfica”, 6 de abril); Alvess/ Portugal (9 de abril, sem a presença do artista), Dixo/ Portugal (13 de abril); Klassnick/ Inglaterra (20 de abril); e Oldenbourg III/ França

1 de maio – “*Oldenbourg com os pintores franceses Pol Gachon e Babou e um grupo de outros pintores portugueses assistiu à grandiosa manifestação do 1º de maio na cidade do Porto. Emocionado, propôs então uma reunião na Galeria Alvarez, num gesto de adesão ao Movimento das Forças Armadas. Com um alicate, Oldenbourg cortou o arame farpado que cobria uma das suas obras onde escreveu: 1º de maio – Porto – 1974*”. Pierre-Alain Hubert enviou à Galeria Dois uma nota de saudação, congratulando-se pela Revolução²⁷

8 de maio – Constituição do M.D.A.P. (Movimento Democrático de Artistas Plásticos), a que pertenciam: Ana Vieira, António Palolo, Alice Jorge, A. Mendes, Armando Alves, Artur Rosa, Clára Menéres, Eduardo Nery, Eurico Gonçalves, Espíga Pinto, Fátima Vaz, Fernando Conduto, Guilherme Parente, Hélder Baptista, Helena Almeida, Henrique Manuel, Henrique Ruivo, João Abel Manta, João Nascimento, João Cutileiro, J. Moniz Pereira, Joaquim Rodrigo, Jorge Martins, Jorge Vieira, José Aurélio, José Rodrigues, J. Brito, Júlio Pereira, Júlio Pomar, Justino Alves, kukas, Lima de Freitas, Lima de Carvalho, Luis Dourdil, Manuel Baptista, Menez, M. Dias, Nikias Skapinakis, Quintino Sebastião, René Bertholo, Rogério Ribeiro, Sá Nogueira, Rumaldo, Sérgio Pombo, T. Magalhães, Virgílio Domingues, Vespeira, João Vieira, Helena Lopes, David Evans e Hogan

10 de junho – A “comissão para uma cultura dinâmica” formada por artistas plásticos, escritores e poetas realiza no Porto o “funeral” do Museu Soares dos Reis. O protesto dirigiu-se em cortejo da Praça Parada Leitão até ao museu, na Rua D.

²⁷ Cf. *Revista de Artes Plásticas* n. 4, junho de 1975, p. 38

Manuel II, onde na porta principal se efetuou uma cerimónia fúnebre, com a representação de um auto²⁸. Reuniu cerca de 500 pessoas. Em Lisboa, 48 artistas, organizados pelo Movimento Democrático dos Artistas Plásticos, juntam-se para pintar em frente às câmaras da RTP e a uma considerável audiência, um painel de 4,5 x 24 metros sobre a Liberdade. Participam Teresa Dias Coelho, Rolando Sá Nogueira, João Abel manta, Júlio Pereira, Henrique Manuel, António Palolo, Artur Rosa, Ângelo de Sousa, Nuno San-Payo, Lima Carvalho, Teresa Magalhães, Guilherme Parente, Fátima Vaz, Manuel Pires, René Bertholo, João Vieira, Jorge Martins, Querubim Laoa, Manuel Baptista, Ana Vieira, António Charrua, Helena Almeida, Costa Pinheiro, Jorge Pinheiro, Júlio Pomar, David Evans, Alice Jorge, Emília Nadal, Fernando de Azevedo, Vespeira, Rogério Ribeiro, Escada, Vitor Palla, Tomás Mateus, António Domingues, Menez, António Sena, Justino Alves, Eurico Gonçalves, Sérgio Pombo, Moniz Pereira, Nikias Skapinakis, Vítor Fortes, Jorge Vieira, Eduardo Nery, Maria Velez, António Mendes e Carlos Calvet. Clara Menéres e José Aurélio construíram esculturas no recinto, onde também se apresentaram Fernando Lopes-Graça e o seu Crupo Coral. A emissão acabou por ser suspensa no decurso de uma intervenção teatral do grupo *A Comuna*

Julho-agosto – *Encontros Internacionais de Arte em Portugal*, Casa da Carruagem, Valadares, e Porto, promovidos por Egídio Álvaro e Jaime Isidoro, com trabalhos de Ivan Messac, Ângelo Dona, Babou, Christian Parisot, António Semeraro, Gerard Guyomard, Moucha, Hans Zweiler, Pierre Alain Hubert, Serge III, João Dixo, Zulmiro, Alberto Carneiro, Arlindo Rocha, Aureliano Ribeiro, Espiga Pinto, Avelino Rocha, Fernando Lanhas, Regina Alexandre e Albuquerque Mendes. Debates orientados por colaboradores da revista *Artes Plásticas* – Lima de Freitas, Patrick la Nouene, Egídio Álvaro, Queiroz Ribeiro e Jaime Ferreira – acerca de quatro temas: *Novas tendências e Vanguarda, Pintura e Revolução, Pintura e Intervenção, A escultura na Cidade*

18 julho a 30 setembro: II Governo Provisório, liderado por Vasco Gonçalves. Ministro da Educação e Cultura, Vitorino Magalhães Godinho

Julho – A SNBA entrega no Ministério da Educação um texto de recomendações para uma nova política cultural

18 de julho – Bailarinos do Grupo Gulbenkian e Bailado juntam-se à greve de trabalhadores da Fundação Gulbenkian, durante uma digressão pela Jugoslávia

Agosto – *Relatório da Jugoslávia*, documento redigido por Milko Sparemblek sobre o Grupo

²⁸ *Ibidem*, p. 37

		<p>Gulbenkian de Bailado</p> <p>Agosto – <i>4 movimentos</i>, trabalho de Artur Barrio em colaboração com uma peixeira</p> <p>5 de agosto – Primeira ação do Grupo Acre, consistindo na pintura de um padrão composto por círculos menores e maiores, cor-de-rosa e verdes, respetivamente, no pavimento da rua do Carmo em Lisboa</p> <p>19 de agosto – Assinatura do <i>Manifesto de Vigo – subversion naturelle</i>, assinado nesta cidade mas redigido em Valadares e subscrito por Egídio Álvaro, Pierre Alain Hubert, Carlos Barreira, Serge III, Moucha e João Dixo em Vigo aos quais se juntaram, como “aderentes”: Dan Azoulay, Tomek e Zbigniew Warpechowski</p> <p>30 setembro de 1974 a 26 Março 1975 – III Governo Provisório, liderado por Vasco Gonçalves. Ministro da Educação e Cultura, Manuel Rodrigues de Carvalho; Secretário de Estado da Cultura e Educação Permanente, João de Freitas Branco</p> <p>Outubro – Abertura da Galeria JN. Artistas contemporâneos participam em Campanhas de Dinamização Cultural organizadas pelo MFA</p> <p>Novembro – Primeira Comissão Nacional Consultiva de Artes Plásticas no Ministério da Comunicação Social</p> <p>28 novembro – Sessão realizada na Cooperativa Árvore em resposta a um ofício assinado por Fernando Pernes (proposta de implementação de um “Centro de Arte Contemporânea do Norte”)</p> <p>Dezembro – <i>Walter Gropius: projetos e construções, 1906-1969</i>. Exposição na Cooperativa Árvore (Porto) e na Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, em janeiro do ano seguinte)</p>
<p>1975</p>	<p>Marina Abramović conhece Ulay em Amsterdão</p> <p><i>Le corps pressenti</i>, de Gina Pane</p> <p><i>Playing Soul Music to My Freckles</i> e <i>A Non-Dairy Creamer</i>, de Bill Viola</p> <p><i>Sagração da Primavera</i>, de Pina Bausch</p> <p><i>6 jours de la Peinture de Marseille</i> – Com a participação de João Dixo e Carlos Barreira. “<i>Ils y présentent un spectacle/carroussel ironisant sur l’ôle de la galerie et du spectateur béat, et applaudissent les autres participants à l’aide d’une machine à applaudir</i>” construída por Barreira²⁹. No último dia foi realizada uma espécie de gala em que os participantes deveriam apresentar uma Performance de cerca de 10 minutos. Barreira utilizou a sua máquina de bater palmas para aplaudir as atuações dos seus colegas, assim perfazendo os 10</p>	<p>Portugal é readmitido na UNESCO</p> <p>Nascimento do Grupo Puzzle (Graça Morais, Jaime Silva, João Dixo, Albuquerque Mendes, Fernando Pinto Coelho, Dario Alves, Carlos Carreiro e Armando Azevedo), a partir de um encontro no bar Rosebud, em Montparnasse, Paris, entre Graça Morais, Jaime Silva, João Dixo e Egídio Álvaro (em atividade até 1981)</p> <p>Grupo Acre expõe <i>Gravuras da Cidade</i>, decalques das tampas de saneamento das ruas de Lisboa</p> <p>Segunda ação do Grupo Acre, correspondendo à colocação (sem autorização municipal) de uma longa faixa amarela na Torre dos Clérigos</p> <p>Partida de Artur Barrio para Paris</p> <p><i>Sete Rituais Estéticos</i>, de Alberto Carneiro</p> <p>Exposição retrospectiva de Alberto Carneiro, Museu</p>

²⁹ Cf. ÁLVARO, 1979

minutos da sua própria apresentação

Lourdes Castro apresenta em Paris (Museu de Arte Moderna da Cidade Paris ARC2) o espetáculo estreado na Akademie der Künste de Berlim (1972-73) e a televisão francesa mostra parte do espetáculo num filme de J. M. Berzosa

As Cinco Estações, de Lourdes Castro e Manuel Zimbro, Festival de Outono, Paris

Ne laissez pas traîner des papiers par terre!, Performance de Alvess, Rue du Faubourg Saint-Jacques, Paris

Identificación, Performance de Manoel Barbosa em Barcelona. Na Praça Colón, junto à estátua de Colón, descreveu um percurso em espiral involutiva, acelerado a cada passagem pela sombra da estátua, momento em que espalha gesso, sem o pisar, finalmente lavando toda a zona branca com água azulada

28 de janeiro – *Luís Vaz 73*, obra multimédia com música de Jorge Peixinho e envolvimento visual de Ernesto de Sousa, é apresentada no 5^a Festival Internacional de Mixed-Media de Gante: «Em Gante, o público ocupou uma série de móveis vulgares numa sala completamente às escuras. Godfried-Willem Raes, diretor do Festival, descreve a apresentação: “Uma dezena de altifalantes distribuídos por toda a sala, aparelhos eletrónicos amontoados sobre uma mesa demasiado pequena, uma mistura de diversos instrumentos (alguns ortodoxos, mas a maior parte não ortodoxos) sobre um pódio informal e três grandes ecrãs suspensos constituíram a decoração e o ambiente deste acontecimento (...)” A operação sonora ficou a cargo de Jorge Peixinho e a sua execução a cargo do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa. A experiência constava da projeção simultânea e aleatória de acontecimentos não relacionados: uma polissemia de imagens óticas, musicais e literárias. Ernesto de Sousa projeta imagens de soldados africanos armados e de meninos a aprender a ler e a escrever nas campanhas coloniais de alfabetização. Propõe imagens íntimas do corpo da série *O Teu Corpo é o Meu Corpo*, a par de imagens de cartazes políticos lacerados e incorpora imagens de destruição e abandono de materiais industrializados juntamente com as da *Fuga das ninfas na floresta*. São ainda projetados nos ecrãs excertos de *Os Monstros* (filme experimental ainda em fase de preparação). A obra é descrita por Raes como uma “decomposição/recomposição, que transforma o poema da renascença numa obra contemporânea de mixed-media”³⁰. Além da obra de Jorge Peixinho e Ernesto de Sousa, foi também apresentada a *Ópera Bufo*, de José Alberto Gil – Companhia Portuguesa de Ópera Bufo no Tapete

1 de março – *Esplanade*, de Paul Taylor, música de

Nacional Soares dos Reis, Porto

Luís Vaz 73, obra *mixed-media* de Ernesto de Sousa e Jorge Peixinho, incluindo imagens da série *O Teu Corpo é o Meu Corpo* e de *Monstros*

Revolução, filme de Ana Hatherly

Exercício com selo de origem, Performance de Albuquerque Mendes, Círculo de Artes Plásticas, Coimbra

Ritual, Performance de Albuquerque Mendes, Chiado, Lisboa

Manoel Barbosa, regressado de Angola, realiza um ritual na Serra da Estrela, onde no local mais alto do Continente deixa ao fim do dia, um espelho dividido em quatro partes coladas (80x80 cm/ cada), virado para o firmamento, onde escreveu *EU* com o próprio sangue. Disfarçado com arbustos sai do local onde regressa no dia seguinte à tarde para verificar que não teria sido visto por ninguém. Realiza ainda um *happening* em Barcelona, na Praça Colón, junto à estátua de Colón. Descrevendo um percurso em espiral involutiva, acelerado a cada passagem pela sombra da estátua, momento em que espalha gesso, sem a pisar, finalmente lavando toda a zona com branco com água azulada

Exposição documental dos II Encontros Internacionais de Arte em Portugal, Palácio dos Coruchéus, Lisboa

O Grupo Gulbenkian de Bailado apresenta *Hossana para um Tempo Novo*, música de Sousa Carvalho e vozes, cenário e figurino de Da Silva Nunes, coreografia de Armando Jorge; *O Messias*, música de Haendel, coreografia de Lar Lubovitch; *Eurídice Morreu*, música de Enio Morricone, cenário de Paul Nielsen, figurino de Eva Schmaefer, coreografia de Birgit Cullberg; *Os últimos segundos do último sonho de...*, música de F. Martin, cenário e figurino de Emília Nadal, coreografia de Carlos Trincheiras; *Adsum*, música de A. Vivaldi, cenário, figurino e coreografia de Águeda Sena; *Triunfo de Afrodite*, música de Carl Orff, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de Milko Sparemblek; *Variações Sinfónicas*, música de César Franck, coreografia de Jorge Garcia; e *Concerto em Sol maior*, música de M. Ravel, figurino e coreografia de Vasco Wellenkamp

Madalena Victorino parte para Londres, onde frequenta a London School of Contemporary Dance e o Laban Centre do Goldsmith College

Janeiro – Edição bilingue (português-francês) do *Manifesto de Vigo*, pela revista *Artes Plásticas* e Alvarez

Janeiro a outubro – Ernesto de Sousa dirige o Clube-Encontro Opinião, onde organiza várias

³⁰ Cf. PINTO, 2014: 21-22

Bach, figurino de John Rawlings, luz de Jennifer Tipton

Abril – *Luis Vaz 73*, obra multimédia com música de Jorge Peixinho e envolvimento visual de Ernesto de Sousa, é apresentada em Bruxelas, no âmbito das *24 Horas de Comunicação*, em que também participaram o Grupo de Música Contemporânea e o Coral de Fernando Lopes Graça

6 de abril – *Locus*, de Trisha Brown, com Trisha Brown, Elizabeth Garren, Judith Ragir e Mona Sulzman, 541 Broadway, Nova Iorque

9 de julho – Bas Jan Ader parte da costa Este dos E.U.A. para a travessia transatlântica que seria a última parte do seu trabalho *In Search of the Miraculous*. Três semanas depois perdeu-se o contacto rádio com a embarcação, que foi encontrada vazia a 10 de abril de 1976

13 de agosto – *Runes*, de Paul Taylor, música de Gerald Busby, figurino de George Tacet, luz de Jennifer Tipton

15 de dezembro – *Pyramid*, de Trisha Brown, com Trisha Brown, Wendy Perron, Judith Ragir, Mona Sulzman e Elizabeth Garren, Dance Today festival, Seibu Theater, Toquio, Japão

exposições

22 de janeiro – Constituição da Associação Cultural Ar.Co, a partir da Sociedade Anónima constituída em 1973

23 de janeiro a 5 de fevereiro – *Diploma de Artista*, Performance do Grupo Acre no Clube-Encontro Opinião, dirigido por Ernesto de Sousa, onde foi criada uma “Repartição de Assuntos Artísticos”, que entregava “diplomas” (serigrafias) assinados por Clara Menéres e Lima Carvalho a quem os solicitasse, contra um preço simbólico de 20 escudos, e atestando uma classificação de 20 valores

26 Março a 8 agosto – IV Governo Provisório, liderado por Vasco Gonçalves. Ministro da Educação e Cultura, José Emílio da Silva; Secretário de Estado da Cultura e Educação Permanente, João de Freitas Branco

Março e junho – Grupo de Comunicação Criativa organizou seis cursos de psicodrama (120 horas) orientados por Carlos Chan e Roy Shuttleworth no Hospital Magalhães Lemos, Porto

Abril – Grupo ACRE ocupa o Palacete Mendonça, na Rua Marquês de Fronteira, em Lisboa, numa Ação destinada à instalação de um Museu de Arte Contemporânea, a partir de uma coleção a criar através de doações de artistas. Esta intervenção foi de curta duração, já que culminou no ferimento de Lima Carvalho ao partir um vidro para entrar e na prisão de Clara Menéres pelas autoridades

Abril – Milko Sparemblek abandona a direção artística do Grupo Gulbenkian de Bailado, acusado de autoritarismo. Durante a sua vigência no cargo, o grupo apresentou 44 novos trabalhos, dos quais um do repertório tradicional (*O Quebra-Nozes*); 12 de Sparemblek; 11 de autores portugueses (Águeda Sena, Carlos Trincheiras, Armando Jorge, Fernando Lima e António Rodrigues); e 20 de outros coreógrafos (os norte-americanos Lar Lubovitch, John Butler, Richard Kuch, Norman Walker, Lynn Taylor e Paul Sanasardo; os europeus Denis Carey, John Chesworth, Milenko Banovitch e Miguel Descombey; e três estrangeiros: Jorge Garcia, *maitre* desde 1972, Jim Hughes e Patrick Hurde). Foram convidados os artistas plásticos portugueses Artur Casais, Paulo Guilherme, Fernando de Azevedo, Nadir Afonso, Espiga Pinto, Artur Rosa, Cruzeiro Seixas, Justino Alves, Charters d’Almeida, Da Silva Nunes (pseudónimo de Armando Jorge) e Emília Nadal; e os estrangeiros André Acquart, Germinal Casado, Colin McIntyre e Gene Kelton. Com a partida de Sparemblek, a direção artística é assumida por um comité eleito pelos bailarinos, composto pelo *maitre de ballet* Jorge Garcia, o coreógrafo e ensaiador Carlos Trincheiras, e Ger Thomas

13 de abril – *Jeronimus Bosch – um Mistério que Deixou de Ser*, com encenação de Ernesto de Sousa,

texto de J. B. Vicente e interpretação de André Gomes, é apresentado no Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, no encerramento da exposição *Contemporâneos e as Tentações de Santo Antão*

Maio – Mário Teixeira da Silva abre a Módulo – Centro Difusor de Arte, Porto

Julho e agosto – *II Encontros Internacionais de Arte em Portugal*, Viana do Castelo, primeira edição apoiada pela Câmara Municipal. Inclui debates, conferências e três performances: uma de Noémia Morgado (que lentamente enrola um novelo, tal como Maria Marcelina, secretária da *Revista de Artes Plásticas* e mulher de Jaime Isidoro, estando uma na praça e outra numa varanda, unidas por uma linha que marca o espaço entre elas outra de Artur Barrio (*Áreas Sangrentas*, com uma primeira parte realizada a 4 de agosto na Praça da República, em que constrói um dispositivo plástico com objetos recolhidos nos dias anteriores, e um segundo momento, quatro dias depois, com a colaboração com uma peixeira que com a sua banca e acompanhada de familiares e amigos fala da sua vida); e outra de Albuquerque Mendes, que apresenta o seu primeiro *Ritual* (em que, estando descalço e envergando uma túnica clara e um turbante escuro, faz o percurso da Praça da República ao rio Lima, acompanhado por um assistente que toca uma sineta, convocando o público para seguir o artista em procissão, enquanto segura nos braços um pano vermelho e nas mãos um martelo, um pincel e uma lata de tinta branca. Chegado ao Jardim do Rio, estende e prega o pano ao chão de terra, “bebe” um pouco da tinta e oferece ao público pedaços brancos de tecido de vestidos de noiva, com terra, tinta, a assinatura do artista e um prego espetado. Depois de lançar uma nuvem de pó, lança os objetos ao rio e regressa à Praça da República, seguido pelo tocador da sineta e pelo público); e ainda uma intervenção de Henrique Silva, que convida a população a pintar o chão de uma praça da cidade. Participam Darocha, Klassnik, Pineau, Yokohama, Tomek, Alvess, Zulmiro, Ângelo de Sousa, José Rodrigues, Alfredo Queiroz Ribeiro, Aureliano Lima, Espiga Pinto, Carlos Barreira, Moucha e Serge III

Julho e novembro – *Levantamento da Arte do Século XX no Porto*, exposição no MNSR e na SNBA, respetivamente. Organização de Ângelo de Sousa, Fernando Pernes, Joaquim Vieira, José Rodrigues, Ethéline Rosas e Jorge Pinheiro. Patrocínio da Direção-Geral dos Assuntos Culturais da SEC, Ministério da Educação e Cultura e colaboração da Câmara Municipal do Porto, MNSR, Casa-Museu Teixeira Lopes, Biblioteca-Museu Albano Sardoeira (Amarante), Galeria Alvarez, Galeria 111, colecionadores particulares e FCG

2 agosto – Gestão dos museus passa a depender da Direção-Geral do Património Cultural (SEC),

	<p>órgão tutelado pelo Ministério da Comunicação Social (Decreto-Lei n. 409)</p> <p>8 agosto 1975 a 19 setembro 1975 – V Governo Provisório, liderado por Vasco Gonçalves. Ministro da Educação e Cultura, José Emílio da Silva</p> <p>Setembro – João Vieira torna-se funcionário da Secretaria de Estado da Cultura, como diretor do Gabinete de Animação Cultural da Direção-Geral de Ação Cultural. Foi posteriormente coordenador da Área Cultural de Belém (Galeria Nacional de Arte Moderna), até 1981</p> <p>19 setembro 1975 a 23 julho 1976 – VI Governo Provisório, liderado por Pinheiro de Azevedo. Secretário de Estado da Cultura, David Mourão Ferreira</p> <p>Novembro – <i>Curso de Iniciação à Arte Moderna</i>, Galeria Quadrum, Lisboa (até maio de 1976). Orientação de Salette Tavares, Rui Mário Gonçalves, José Luís Porfírio, Manuel Rio Carvalho e Ernesto de Sousa (<i>Dada e últimas tendências</i>)</p>
<p>1976 Representação portuguesa à 37ª Bienal de Veneza é comissariada por Fernando Azevedo e inclui Ana Hatherly (com o filme <i>Revolução</i>), Alberto Carneiro (com <i>Algumas Páginas de um Diário Imaginado (Desenhos-Projetos para Intervenção na Paisagem)</i>, 1972-75; <i>Sete Rituais Estéticos sobre Um Feixe de Vimes na Paisagem</i>, 1974; e as séries fotográficas da <i>Operação Estética em Caldas de Aregos</i>, 1974-75), Rocha de Sousa e José Elyseu (com o documentário <i>As Ruas após o 25 de abril</i>)</p> <p>Marina Abramovic e Ulay iniciam o seu <i>Relation Work</i></p> <p>Fundação do Museo Vostell Malpartida, em Malpartida de Cáceres</p> <p><i>Public Space/Two Audiences</i>, de Dan Graham, é apresentado na Bienal de Veneza</p> <p><i>Dark Flash</i>, de Tibor Hajas</p> <p>William Forsythe torna-se coreógrafo residente do Stuttgart Ballet</p> <p><i>Torse</i>, de Merce Cunningham, com cenário de Mark Lancaster</p> <p><i>Kristina talking pictures</i>, filme de Yvonne Rainer</p> <p><i>As Cinco Estações</i>, de Lourdes Castro e Manuel Zimbro, é apresentado em Ciudad Bolívar, Venezuela (Museu Soto) e em Caracas, no Museu de Bellas Artes</p> <p><i>Naissance de la première image (confection d'un miroir)</i> e <i>Concours du Poids</i>, Performances de Alvens, 36 Rue Greneta, Paris</p> <p>8 de janeiro – <i>Solo Olos</i>, de e com Trisha Brown, BAM, Lepercq Space, Brooklyn, Nova Iorque</p>	<p>José-Augusto França funda na Universidade Nova o primeiro Curso de Mestrado português em História da Arte</p> <p>Fernando Calhau e Julião Sarmento integram a Direção-Geral de Ação Cultural, sob direção-geral de Eduardo Prado Coelho e com David Mourão-Ferreira como Secretário de Estado</p> <p>Primeiro Congresso Internacional da AICA em Portugal</p> <p>Fundação do coletivo <i>5+1</i> (cinco pintores e um escultor), composto por João Hogan, Júlio Pereira, Guilherme Parente, Sérgio Pombo e Teresa Magalhães</p> <p>Programação <i>Vídeo-meetings</i> na Quadrum, apresentados por Dany Bloch e Ernesto de Sousa, com vídeos de Daniel Spoerri, Ernswiller, General Idea, G. Minkoff, Gina Pane, Jochen Gerz, J. Beuys, Lea Lublin, Naum June Paik, N. Nichell, Bruce Nauman, Nil Yalter e W. Vostell</p> <p>Armando Azevedo regressa ao CAPC como professor</p> <p><i>Neons Piece</i>, filme super 8 (30') de José de Carvalho</p> <p><i>Dia da Arte</i> (também referido como <i>Dia do Artista</i>), Galeria de Arte Moderna de Belém, Lisboa, incluindo um <i>Ritual</i> de Albuquerque Mendes e a participação do Grupo Puzzle</p> <p><i>Colagem Manifesto Vermelho</i>, de José Santos Abílio</p> <p><i>Da Consciência da Arte à Arte da Consciência</i>, série de conversas com o público, Museu das Janelas Verdes</p>

10 de março – *Line Up*, de Trisha Brown, com Trisha Brown, Elizabeth Garren, Terry O'Reilly, Steve Paxton, Wendy Perron, Judith Ragir e Mona Sulzman, Brooklyn Academy of Music, Lepercq Space, Brooklyn, Nova Iorque

10 de abril – A embarcação utilizada por Bas Jan Ader para concluir a sua obra *In Search of the Miraculous* com uma travessia transatlântica é encontrada perto da Irlanda, danificada e vazia

28 de abril a 24 de maio – *27° Salon de la Jeune Peinture*, Orangerie du Luxembourg, Paris, com a participação do Grupo Puzzle

8 de maio – *Duetude*, de Trisha Brown, com Jan Churchill, Lisa Kraus, New England First Congregational Church, Cambridge, MA

9 de junho – *Cloven Kingdom*, de Paul Taylor, música de Arcangelo Corelli, Henry Cowell e Malloy Miller, figurino feminino de Scott Barrie, adereços de cabeça de John Rawlings, luz de Jennifer Tipton

24 de julho – 1º festival *punk*, 100 Club, Londres, com participação dos Sex Pistols, The Clash, The Damned e Siouxsie & the Banshees, entre outros

25 de julho – estreia no Festival de Avignon de *Einstein on the Beach*, ópera em quatro atos de Philip Glass e encenação de Robert Wilson

26 de agosto – *Polaris*, de Paul Taylor, música de Donald York, cenário e figurino de Alex Katz, luz de Jennifer Tipton. Obra em duas partes em que os bailarinos se movimentam dentro e à volta de uma grande estrutura metálica cúbica. A coreografia da primeira secção é repetida passo a passo na segunda secção mas por outros bailarinos, que dançam com uma diferente acentuação e ataque, ao som de outra música e diferentemente iluminados, pelo que o público tem uma perceção distinta da mesma coreografia

Outubro-novembro – Ernesto de Sousa apresenta na Galeria LDK Labyrinth, em Lublin (Polónia), um “filme-performance” que no catálogo é anunciado como *O TEU CORPO É O MEU CORPO/O MEU CORPO É O TEU CORPO* (1976). Esta obra consistia na projecção de um filme sobre três superfícies inteiramente brancas (folhas de papel 102x65cm) com uma impressão serigráfica circular, visualmente insignificante, da frase: “o teu corpo é o meu corpo é o” (escrita circular que convoca a tautologia de 1972). A mesma frase é repetida no filme, tendo um efeito de separador dos diferentes planos, cuja sequência foi editada sem recurso a montagem. O filme aparece designado na *Colóquio Artes* n. 32 num artigo sobre esta exposição, como *This is my body N.1* [*Este é o Meu corpo N.1*], mas pode considerar-se a primeira exibição de *Revolution My Body N.2* (1976). Trata-se da projecção

Alguns Aspetos da Vanguarda Portuguesa, Galeria Quadrum

O IV Estúdio Experimental de Coreografia apresenta *Galope, Polkas e Valsas*, música de Chostakovitch, cenário de Artur Casais, luz e coreografia de Carlos Fernandes; *Bachiana*, música de Villa-Lobos, figurino de Helena Lozano, luz e coreografia de Lucia Lozano; *Requiem*, música de Toru Takemitsu, cenário de Emília Nadal, coreografia de Vasco Wellenkamp; e *Outono*, música de G. Mahler, figurino de Helena Lozano, luz e coreografia de Vasco Wellenkamp

O Grupo Gulbenkian de Bailado apresenta *Ecce Homo*, música de Joseph Beighmans, coreografia de Joseph Lazzini; *As Sílfides*, música de F. Chopin, cenário de Fernando de Azevedo, coreografia d'après Fokine; *Raymonda*, música de Glazunoff, coreografia de Armando Jorge d'après Petipa; *Canto da Solidão*, música de Álvaro Cassuto, cenário e figurino de Da Silva Nunes, coreografia de Armando Jorge; e *O Som da Noite*, música de Kazuo Fukushima, cenário e figurino de Charters d'Almeida, coreografia de John Butler

Olga Roriz ingressa no elenco do Grupo Gulbenkian de Bailado

Vera Mantero inicia (com 10 anos) a sua formação em Dança (Clássica) com Anna Mascolo, com quem estudará até 1984

Paulo Ribeiro vai (com 17 anos) para o Rio de Janeiro, onde ingressa no curso de Psicologia na Universidade Católica, interessando-se por judo e outras artes marciais

Janeiro – Inauguração da Galeria Alvarez Dois, que incluiu uma Performance de Albuquerque Mendes: “A inauguração estava marcada para as 22 horas. O público chega e espera aquém de um espaço de paredes vazias. Uma cortina preta separa-o da exposição das obras. De um Rolls Royce preto sai o artista. Veste casaca, luvas brancas na mão. Do automóvel à entrada da Galeria, uma passadeira vermelha. Holofotes. Uma equipa de filmagem inicia o seu trabalho. Através de um megafone, pede-se ao artista para repetir a cena desde a saída do Rolls Royce: uma, duas, três vezes... A cortina preta abre-se para a exposição. Ao fundo, num palco, está uma orquestra que toca uma valsa. O artista beija a mão a uma senhora com quem, a dançar, entra na sala. Mais uma vez, a equipa de filmagem manda repetir a cena e filma de todos os ângulos. Um carrinho é conduzido para a sala com taças e garrafas de champanhe. Junto à orquestra, uma cantora entra em cena com uma canção francesa. O público, espontaneamente, começa a dançar. Depois, contemplam-se os quadros na parede”.³²

³² Cf. GONÇALVES, 2001: 68

experimental indefinida de um filme super 8, constituído pela montagem de várias bobines (num total de 20 mins.) que representam um plano quase único de uma manifestação de trabalhadores da Lisnave, no pós 25 de abril de 1974. As imagens da manifestação de operários são projetadas sobre as serigrafias brancas, onde está estampada a pequena inscrição circular “o teu corpo é o meu corpo é o”. A manifestação é aberta aos espetadores. Durante a performance a assistência é convidada a participar diretamente na “obra”, deixando “traços do seu próprio corpo nas folhas brancas”³¹.

Janeiro – *Cadeiras e bancos*, exposição de Armando Azevedo na Galeria Preta do CAPC

7 de janeiro – Atentado à bomba à sede da Cooperativa Árvore, que destruiu sobretudo o telhado do edifício, posteriormente renovado graças a um subsídio da SEC

Janeiro – 13, 14 e 15 em Lisboa, e no Porto dia 17, Ernesto de Sousa apresenta *Ciclo sobre Arte Vídeo*, organizado pelo Goethe Institut, com a apresentação de sete filmes de Joseph Beuys, Alan Kaprow, Wolf Vostell, Richard Hamilton e Rebecca Horn, pertença da Neuer Berliner Kunstverein

Fevereiro – Início da atividade do Centro de Arte Contemporânea (CAC/MNSR), dirigido por Fernando Pernes, no Museu Nacional Soares dos Reis

6 de fevereiro – Primeira apresentação pública do Grupo Puzzle (Graça Morais, Jaime Silva, João Dixo, Albuquerque Mendes, Fernando Pinto Coelho, Dario Alves, Carlos Carreiro e Armando Azevedo), Galeria Alvarez Dois, no Porto, num *Jantar-intervenção – Expetativa de nascimento de um puzzle fisiológico-estético com pretensões a Grupo*. Os artistas levaram o seu jantar e um quadro, que trocaram entre si, sentados a uma mesa coberta por um véu de gaze. Aos artistas que se haviam reunido com Egídio Álvaro em Paris – Graça Morais, Jaime Silva e João Dixo – juntaram-se Albuquerque Mendes, Fernando Pinto Coelho, Jaime Silva, Dario Alves, Carlos Carreiro e Armando Azevedo

9 a 23 de abril – *O Puzzle joga com o Porto*, exposição do Grupo Puzzle na Galeria Alvarez, Porto

30 de maio a 10 de junho – *Semana de Arte (da) na Rua*, organizada pelo CAP (essencialmente Túlia Saldanha, Armando Azevedo, Isabel Delgado, António Barros, Armando Manuel, Luisa Saldanha e José Alfredo), na Praça da República e no Jardim da Sereia, com uma programação que incluiu o Rancho Folclórico de Coimbra, Jorge Peixinho e Ernesto de Sousa com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa (*Luíz Vaz 73*, a 10 de junho), Banda Filarmónica do quartel general da região militar do centro, Anar Band, C.I.T.A.C., Casa da Comédia, Rocha Pinto, António Barros, Armando Azevedo e Túlia Saldanha. A Praça da República foi então ocupada pela construção coletiva de um labirinto de madeira onde foram expostos trabalhos de diversos artistas, como Túlia Saldanha (pintura abstrata de grande formato e participação na “intervenção-ritual” realizada pelo grupo-coletivo CAP, que mais tarde se intitularia GICAP, “*uma ação improvisada, sem guião, visando a interação com o espaço urbano e o*

³¹ Cf. http://novaserie.revista.triplov.com/numero_46/paula_pinto/TEXTO_ES_290514.pdf

público numa 'marcha de encapuçados', de caráter ritualístico, envergando vestimentas de tela branca, pintadas e desenhadas³³)

Junho – Criação do grupo *IF* – Ideia e Forma: António Drummond, Henrique Araújo, João Paulo Sottomayor, José Carlos Príncipe José Maratona, Luís Abrunhosa, Manuel Magalhães, Manuel Sousa, Mário Vilhena

21 de julho – *O Puzzle vai a Lisboa*, exposição do Grupo Puzzle na Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa

7 a 17 de agosto – III Encontros Internacionais de Arte em Portugal, Póvoa do Varzim, com financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian e da Direção-Geral de Ação Cultural e apoio do Serviço de Cultura e Turismo da Póvoa do Varzim, da SOPETE (Sociedade Poveira de Empreendimentos Turísticos) e da Carris de Portugal. Reuniu mais de 100 artistas de sete nacionalidades diferentes: de França, Serge III fez uma apresentação acerca da distinção entre arte subversiva, vandalismo e ato gratuito, mostrando também um vídeo sobre os *Encontros de Arte Contemporânea*, em La Rochelle. Durante o debate, o Grupo Puzzle, nas pessoas de João Dixo, Albuquerque Mendes, Pinto Coelho, Graça Morais e Jaime Silva, fardados de branco e com óculos escuros assistiram de pé, fazendo depois uma intervenção, amarrando-lhe os pés, vendando-o e amordaçando-o. Foi ainda apresentado o *Concerto Fluxus*, em colaboração com o Grupo Puzzle, em que se extraiu som de copos de água, cheios ou vazios. Pierre Alain Hubert, conhecido no certame como *Homem Artificio*, interveio em vários espaços da cidade, incluindo o coreto da Praça do Almada, onde realizou concertos para petardos e orquestra, e a praia, onde apresentou a intervenção *FOGO/FADO*, uma homenagem a Fernando Pessoa com recursos pirotécnicos. Fred Forest apresentou dois trabalhos: num deles visitou vários pontos da cidade – mercado, praia, lojas e a casa dum primo – na companhia de um emigrante português em França, realizando simultaneamente um vídeo, e outro intitulado *GRANDE ENCONTRO INTERNACIONAL ENTRE BOMBEIROS DA PÓVOA DO VARZIM E OS ARTISTAS*, ao qual compareceram cinco bombeiros, e que compreendeu um debate, a projeção de um filme realizado pelo artista na caserna nessa mesma manhã e um ritual artístico do fogo, em que todos recebem um fósforo que foi aceso em cadeia, na penumbra. Christian Tobas distribuiu pequenos aforismos e frases em tiras de papel largadas por um avião, como *A poesia pode estar em todo o lado mas já noutra sítio*, *A Arte é uma decisão*, *Vivei os vossos sonhos* ou *O Inferno é o ego*. Participaram ainda Peter Valentier, Alain-Julien Minguez, Hortense Damion, Marcel

³³ Cf. MACEDO, 2014: 239

Alocco, Herve Fisher, Jean Paul Thénot. Do Brasil, António Dias, Artur Barrio, Emil Forman, Yole de Freitas; da Polónia, Zbigniew Warpechowsky; da Inglaterra: Shirley Cameron e Roland Miller (*Landscape & Living space*, intervenções diárias entre a praia e a Praça do Almada); de Espanha, Teresa Gancedo, Muntadas, Rabascal e Garcia-Severo; de Itália, Pino Deodato; de Portugal, Nadir Afonso, Espiga Pinto, Henrique Silva (que com Serge III intervém sobre um barco de pesca na Póvoa do Varzim), Vitor Fortes, Pires Vieira, João Dixo, Natividade Correia, António Areal, Albuquerque Mendes (com a Performance *As três Mortes de S. João Baptista*, um ritual entre o Turismo e a esplanada do Passeio Alegre, iniciado com o toque de campainha de missa, dado por Gerardo Burmester, e em que Albuquerque se apresentou vestido com uma túnica vermelha, descalço, com um barrete vermelho na cabeça a fazer lembrar uma mitra. Ao chegar ao Passeio Alegre, voltado para o mar, pousou uma mesa coberta com panos que tinha transportado às costas e tirou de um saco flores, rosas e frutos vermelhos, que com um martelo esmagou sobre o pano, também com tinta, que depois exibiu perante o público), Graça Morais, Artur Varela, Darocha, Sérgio Pombo, Joaquim Rodrigo, Fernando Lanhas, Lisa Chaves Ferreira, Vitor Belém, Túlia Saldanha, Armando Azevedo (com a Performance *Janela*), Gerardo Burmester (com *Construir é Destruir é Construir...*, em que entre o Passeio Alegre e a Junqueira, vestido de branco, metade impecável, metade esburacado, remendado e sujo com tinta, escreveu no chão a frase sem fim: *a arte é construir, é destruir, é destruir*. Em seguida pinta a frase num lençol e oferece-o a uma pessoa do público), Pedro Rocha, Jaime Silva, Avelino Rocha, Carlos Barreira, Carlos Carreiro, Dario Alves, Eurico Gonçalves, Pinto Coelho, António Mendes, Gastão Seixas e o Grupo Vermelho (Abilio, Carlos Ferreira e Dias Santos, que conjuntamente apresentaram a colagem audiovisual *América*), entre outros. Englobou seis exposições incluindo uma retrospectiva de Nadir Afonso, Fernando Lanhas e Joaquim Rodrigo e *Portugal 76 – vanguardas alternativas* (com trabalhos de Albuquerque Mendes, Darocha, João Dixo, Graça Morais, Vitor Fortes e Grupo Puzzle, em cuja inauguração Albuquerque Mendes, Armando Azevedo, Graça Morais, Jaime Silva, João Dixo e Fernando Pinto Coelho, vestidos de branco e envergando ao peito cada um uma letra da palavra, escreveram *Puzzle* no chão da Sala de Armas do Casino; *Exposição Presença* (inteiramente estruturada e feita pelos expositores, uma exposição/ encontro e uma exposição/ diálogo, na qual os artistas chegavam com os seus quadros e, diante dos presentes, expunham os trabalhos na sala para isso reservada no edifício do Grande Hotel), e *exposição-documento* do grupo francês *Textstruction* (Bain,

		<p>Duchêne e Mazeaufroid), inaugurada no dia 9 no Café Enseada. Aconteceram ainda quatro debates (com os temas: <i>A marginalidade artística em Portugal; Situação da arte e do artista em Portugal; O caso das exposições internacionais e Vanguarda brasileira</i>)</p> <p>Setembro – Congresso da AICA, organizado pela Seção Portuguesa (presidida por Salette Tavares), subordinado ao tema <i>Arte Moderna e Arte Negro-Africana: Relações Recíprocas</i>, e apoiado institucionalmente pela SEC, SNBA e FCG</p> <p>10 de dezembro – inauguração da exposição <i>7 pintores do Porto</i>, Galeria JN, Porto, incluindo trabalhos de Albuquerque Mendes, em que o artista apresenta uma Performance vestido como uma das figuras femininas de uma das pinturas presentes, entrando na sala para em seguida depositar um ramo de flores junto aos seus quadros e sair, chorando</p>
<p>1977</p>	<p>Abertura do Centro Georges Pompidou, com Pontus Hultén como primeiro diretor</p> <p><i>Semiotics of Theatrical Performance</i>, artigo de Umberto Eco</p> <p><i>Documenta VI</i>, incluindo uma obra de Douglas Davis transmitida via satélite a partir de Caracas para mais de 25 países. O artista apresentou <i>The Last Nine Minutes</i>, e transmitiu Performances de Nam June Paik e Charlotte Moorman (<i>TV Bra, TV Cello e TV Bed</i>), assim como uma Performance/palestra de Joseph Beuys</p> <p><i>Performer/Audience/Mirror</i>, de Dan Graham</p> <p><i>Empire</i>, de Robert Longo, com Bill T. Jones e Arnie Zane, é apresentado na Corcoran Gallery of Art, Wahington</p> <p><i>Boxing</i>, de Ion Grigorescu</p> <p>Gerhard Bohner apresenta a sua versão do <i>Ballet Triádico</i> de Oskar Schlemmer na Berlin Akademie der Künste</p> <p><i>I Was Sitting on My Patio This Guy Appeared I Thought I Was Hallucinating</i>, de Robert Wilson, em que um monólogo é apresentado duas vezes, uma por Wilson e outra por Lucinda Childs (atriz e codiretora)</p> <p>Primeira presença portuguesa na Art Basel, com a participação da <i>Módulo II Semana de Arte (da) na Rua</i>, organizada pelo CAP no Teatro Académico de Gil Vicente</p> <p>Exposição <i>Uma obra um texto uma obratexto</i>, no espaço <i>Laboratório – Teoria e Prática da Comunicação</i>, Milão. Foram apresentadas obras de onze artistas portugueses: Helena Almeida, Ana Vieira, Julião Sarmiento, Ângelo de Sousa, Alberto Carneiro, José Conduto, Fernando Calhau, Mário Varela, Irene Buarque, Leonel Moura e Ernesto de Sousa (com <i>Revolution My Body N.1</i>, aqui exposta pela primeira vez (18 provas de contacto e um texto</p>	<p>Início do projeto do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian (definição do programa e localização)</p> <p>Lançamento do único disco da Anar Band, com Jorge Lima Barreto e Rui Reininho, pela editora Alvorada</p> <p><i>Rotura</i>, Performance de Ana Hatherly na Galeria Quadrum, Lisboa, por Ana Hatherly, em que dispôs no espaço treze grandes painéis de papel de cenário (1,20m x 2,20m) que posteriormente rasgou enquanto era fotografada (também por Jorge Molder) e filmada</p> <p>Abertura da Galeria Diferença, legalizada em 1979 como cooperativa, dando continuidade ao <i>Coletivo Grafil</i>, dedicado à gravura. Os sócios fundadores foram: Alberto Carneiro, Alberto Picco, António Palolo, Carlos Lança, J.P. Castanho, Ernesto de Sousa, Emília Silva, Fernanda Pissarro, Fernando Ançã, Helena Almeida, Irene Buarque, José Conduto, José de Carvalho, José Manuel Man, Julião Sarmiento, Leonel Moura, Maria Rolão, Marília Viegas, Monteiro Gil e Silva Palmeira</p> <p>Living Theatre atua em Coimbra, extensão da exposição <i>Alternativa Zero</i>, numa coorganização do CITAC, CAPC e Museu Nacional Machado de Castro</p> <p><i>Artistas Portugueses</i>, exposição na SNBA, Lisboa e no Centre Culturel Portugais, Paris</p> <p>Grupo Anima (Rui Frati, Seme Lufti e Silvestre Pestana) realiza uma Performance na Sociedade Portuguesa de Autores (concepção de Ernesto Melo e Castro), em que teatralizam diversos poemas experimentais de autores portugueses</p> <p><i>As Cinco Estações</i>, de Lourdes Castro e Manuel Zimbro, é apresentado em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian; Porto, Escola Superior de Belas-Artes, a convite do Centro de Arte</p>

impresso fotograficamente)

Artistas Portugueses, exposição na SNBA, Lisboa e no Centre Culturel Portugais, Paris

Cultura Portuguesa, exposição em Madrid, com a participação do Grupo Puzzle

Weg aus dem Sumpf, autobiografia de Otto Mühl

19 de janeiro – *Images*, de Paul Taylor, música de Debussy, figurino de Gene Moore, luz de Mark Litvin

31 janeiro – Inauguração do Centre National d'Art et de Culture Georges Pompidou

29 de abril a 24 de maio – 28^{ème} *Salon de la Jeune Peinture*, Musée du Luxembourg, Paris, com a participação de Albuquerque Mendes, que realiza uma Performance em que enverga o figurino utilizado em *Os três dedos da mão do arco-íris*

1 de junho – *Dust*, de Paul Taylor, música de Francis Poulenc, cenário e figurino de Gene Moore, luz de Jennifer Tipton

Setembro – Ernesto de Sousa participa na 29^a Assembleia Geral e no Congresso da AICA e visita a Documenta 6

Novembro – *Rituals and transformations of the beasts*, performance de Miguel Yeco e Shirley & Cameron em Bath, a partir de um texto de Angela Carter

29 de novembro – *Aphrodisiamania*, de Paul Taylor, música renascentista reorquestrada por Donald York, cenário e figurino de Gene Moore, ciclorama de Charles Ludlam

Contemporânea, e Funchal, Teatro Municipal

Espiral, filme super 8 (30') e *Akasha escolar/ Performance* (VTR 20', preto e branco), de José de Carvalho

OM – Filme de António Palolo apoiado pelo Serviço de Belas-Artes, Seção de Cinema, da FCG, por responsabilidade de João Bénard da Costa

Maria Franco assume a direção do Departamento de Dança da Academia Almadense

O V Estúdio Experimental de Coreografia apresenta *Divergência*, música de Maria José Nobre, cenário e figurino de José António Flores, coreografia de Patrick Hurde; *Imagens*, música de C. Debussy, cenário de Irene Buarque, coreografia de Jair Moraes; *Ausência*, música de Charles Ives, cenário de Helena Lozano, coreografia de Vasco Wellenkamp; *Recordando*, música de G. Mahler, coreografia de Carlos Trincheiras; *Noite de Quatro-Luas*, música de George Crumb, coreografia de Vasco Wellenkamp; *Dança Ritual do Touro Selvagem*, música de Morton Subotnick, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de Carlos Fernandes; *A Valsa mais tarde*, música de G. Mahler, cenário e figurino de Eduardo Sérgio, coreografia de Águeda Sena; e *Três Danças para Música Japonesa*, música K. Katada, cenário e figurino de N. McDowell, luz de Charles Briston, coreografia de Jack Carter

Grupo Gulbenkian de Bailado passa a designar-se Ballet Gulbenkian e apresenta *Solstício de Verão*, música de John Field, cenário de Barry Moreland, figurino e coreografia de Marry Moreland; *Enigmas*, música de L. Fiser, J. Tausinner, M. Istvan, L.Sary, cenário e figurino de Espiga Pinto, coreografia de Carlos Trincheiras; *Concertino*, música de Frygies Hidas, cenário e figurino de Espiga Pinto, coreografia de Carlos Trincheiras; *Quebra-Nozes*, música de Tchaikovsky, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de Anton Dolin; *Libera Me*, música de Constança Capdeville, cenário e figurino de Emília Nadal, coreografia de Vasco Wellenkamp; *Variações Nostálgicas*, música de Rachmaninoff, cenário e figurino de Da Silva Nunes, coreografia de Armando Jorge; e *Ao Crepúsculo*, música de R. Strauss, cenário e figurino de Espiga Pinto, coreografia de Carlos Trincheiras

Madalena Victorino ingressa no curso de Dance Education do Laban Centre do Goldsmith College, tornando-se a primeira coreógrafa portuguesa licenciada em Dança

Janeiro – Ciclo de Arte Moderna n° 1, com *Os três dedos da mão do Arco-Iris*, performance de Albuquerque Mendes no IADE e Praça Camões, Lisboa, que inaugura o *Ciclo de Arte Moderna*, iniciativa de Egídio Álvaro, então professor no IADE

Janeiro – *Escola e Espaço*, seminário orientado por Alberto Carneiro e Jacinto Rodrigues, com a colaboração de Elvira Leite

Janeiro – Jorge Salavisa é convidado para ser *maître de ballet* do Ballet Gulbenkian

28 de fevereiro a 31 de março – *Alternativa Zero*, Galeria de Arte Moderna, Belém, Lisboa (então dirigida por João Vieira). A programação de Ernesto de Sousa incluiu duas Performances do GICAP (*Tudo ainda está por descobrir*, “ação-processional” entre a Galeria Nacional de Arte Moderna e a Praça do Império, passando pela Instalação *A Floresta*; e *O todo e a parte, a parte e o todo*, em que cada um dos elementos vestia um figurino de tela de sua cor – Túlia Saldanha, preto; António Barros, vermelho; Armando Azevedo, azul; Terea Loff, amarelo; Rui Órfão, verde; Assunção Pestana, laranja e José Alfredo Pinheiro Marques, branco – terminando em grandes franjas que podiam atar-se umas às outras formando uma manta. De acordo com o testemunho de Armando Azevedo chegaram junto a um círculo onde permaneceram rodeados de público, que cada um tentou “*captar, seduzir, associar, partidarizar... fazendo, durante longo tempo dos mais diversos modos e modas, a apologia da sua cor*”. Cada um propagandeava a sua cor, “*escrevendo a sua cor, louvando a sua cor, gritando a sua cor, bebendo deliciosamente a sua cor, soprando e lançando confetes da sua cor, erguendo ícones da sua cor, ostentando um espelho da sua cor, num sorriso dessa cor... em simultâneo*”. No fim foram baixando o tom, aproximando-se uns dos outros e atando as franjas do seu vestido-tela a outras franjas de outros vestidos-tela, formando grandes telas de todas as cores “*cobrindo e escondendo um invisível sujeito de vinte e indistintos pés e mãos rastejantes... afastando-se... acinzentando-se... desaparecendo*”³⁴; o envolvimento *A floresta* (pelo CAPC, já apresentado em 1973 na Galeria Alvarez); o *happening dos sinais* de Ernesto de Melo e Castro (na Galeria Nacional de Arte Moderna, o artista distribuiu placas brancas com cerca de 1,60 m de altura e semelhantes a sinais de trânsito, sobre as quais o público podia intervir, deslocando-as ou pintando-as com spray); três intervenções do Living Theatre polarizadas pelo Museu Nacional de Arte Antiga (*Sete meditações sobre o sado-masiquismo político*), S.N.B.A. e ruas de Alfama (*Love Piece*), Museu Machado de Castro, pátio da Universidade em Coimbra e cidade do Porto (onde foram presos por ultraje aos costumes); dois concertos do Grupo de Música Contemporânea e elementos do Grupo Coletiva, liderado por Jorge Peixinho; um concerto de Lídia Cabral e Pedro Cabral; um concerto com Constança Capdeville e o Grupo Coletiva e um espetáculo da Anarband. Foi ainda anunciado um *Happening* de Salette Tavares que não chegou a

³⁴ Cf. MACEDO, 2014: 240

acontecer; André Gomes apresentou uma *Conferência-acontecimento*; e José Carvalho, José Conduto e António Palolo apresentam a Ação *Akasha Escolar*, com gravação direta, vídeo e circuito interno de televisão. Clara Menéres apresentou *Mulher-Terra-Vida* (1977), uma escultura que representa um torso feminino feito com terra coberta com relva viva, que a própria artista tratava e aparava ao longo da exposição. A impossibilidade técnica de apresentar *Poemad'entro*, de Ana Hatherly, deu origem a uma Performance em que a artista rasgou uma série de cartazes brancos, tarefa essa que o público pode continuar

Março – II Ciclo de Arte Moderna Portuguesa, com Performances de Da Rocha no IADE, em que monta numa das salas um enorme jogo de mikado destinado a ser manipulado e na Praça Camões, onde instalou vários cavaletes com telas que pintou seguindo um percurso previamente estabelecido

4 de março – *Os três dedos da mão do Arco-Iris*, Performance de Albuquerque Mendes na Praça da Liberdade e na Avenida dos Aliados, Porto, na qual o artista, vestido com uma longa túnica da qual pendiam três faixas (amarela, verde e vermelha), pinta a pincel três tábuas, cada uma de sua cor, com tinta proveniente de três frascos. Em seguida destrói os materiais utilizados, e caminha solenemente pela avenida com o braço erguido

Maio – Estreia do Dança Grupo (Trafaria), ideia de Elisa Worm, então ex-bailarina do Grupo Gulbenkian de Bailado e professora do Conservatório Nacional, com um programa incluindo *Areias*, de Paula Massano, com música de compositores espanhóis anónimos do século XIII; *Adágio*, de Elisa Worm, com música de Bela Bartok; *As Vozes*, de Elisa Worm, com música popular algarvia

Maio – III Ciclo de Arte Moderna Portuguesa, Performances de Alvess no IADE, na qual, vestido com um fato branco e laço preto convida o público a limpar um pequeno espelho; e *Que/s, ou dos cães coincidentes*, na Praça Camões, onde tenta apagar com os pés os desenhos do pavimento, abandonando depois as botas que calçava

10 a 30 de maio – Exposição de Carlos Carreiro na Galerie Diagonale, de Egídio Álvaro

10 de junho – Encontro Nacional de Cinema Não-Profissional, organizado pela Federação portuguesa de Cinema e Audiovisuais, Évora, incluindo *Luis Vaz 73*, de Ernesto de Sousa

17 para 18 de junho – *As Cores em Performance*, Maratona Cultural da Academia de Coimbra

Julho – Ernesto de Sousa participa na exposição coletiva *O Papel como Suporte*, na SNBA, com uma obra intitulada *Isto é Pintura Sobre Papel*. Das

cinco partes que compunham a obra, o júri selecionou três, o que motivou o protesto de Ernesto de Sousa, no dia da inauguração, com a retirada do que restava da sua obra. Em dezembro, publica um opúsculo com a correspondência trocada com o Conselho Técnico e a Direção da SNBA, o registo fotográfico da ação retirada da obra e uma intervenção visual e um texto de Leonel Moura (“*à laia de guerrilha estética... ou os mitos de trazer por casa... ou ainda tudo o que o artista mijá é obra de arte!*”). No ano seguinte, na sequência da recusa pelo júri da exposição Outras Formas, Outra Comunicação da sua obra *Isto é Pintura nº 6* (uma folha de papel, colada sobre tela, com um texto datilografado de Leonel Moura a contestar essa exposição, sobre o qual se aplicou uma pincelada azul), escreve e imprime o panfleto “*quem não é sapateiro... não faz sapatos; ou uma história muito lusitana também chamada ‘o conto dos art-olas’*”³⁵

12 de julho – Criação da Companhia Nacional de Bailado, por despacho da Secretaria de Estado da Cultura, decretando simultaneamente o fim do grupo Verde Gaio. Armando Jorge é convidado como consultor artístico e Laszlo Tamasik (solista no Budapest Ballet até 1967, quando se refugiou no Canadá, pertencendo aos Grands Ballets Canadiens) como *maître de ballet*; todos os outros professores eram também estrangeiros, incluindo Pirmin Trecu, o basco ex-solista do Royal Ballet, residente há alguns anos no Porto, onde dirigia a Academia de Bailado Clássico. O primeiro elenco era composto por 26 bailarinos (19 mulheres e 7 homens) dos quais 15 (11 mulheres e 4 homens) eram estrangeiros. A companhia apresentou *Lago dos Cisnes* (2º ato), música de Tchaikovsky, cenário de Cruzeiro Seixas, figurino de Hugo Manuel, coreografia de Anna Ivanova d’après Petipa; *Canto de Amor e de Morte*, música de Fernando Lopes Graça, cenário e figurino de Júlio Resende, coreografia de Patrick Hurde; *Quebra-Nozes*, música de Tchaikovsky, coreografia de Anna Ivanova; *Suite Medieval*, música de Frederico de Freitas, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de Brydon Paige; *D. Quixote*, música de L. Minkus, coreografia d’après Petipa

31 de julho, entre as 16 e as 18 horas – Alberto Pimenta realiza uma Performance no Jardim Zoológico de Lisboa, expondo-se numa jaula com a legenda *Homo Sapiens*, junto às jaulas dos chimpanzés

1 a 12 de agosto – IV Encontros Internacionais de Arte em Portugal, Caldas da Rainha, patrocinados pela Direção-Geral da Cultura e pela Câmara Municipal das Caldas da Rainha, contando com a colaboração do Museu José Malhoa, da Comissão de Arte e Arqueologia, e da Casa da Cultura e Serviços de Turismo das Caldas da Rainha.

³⁵ Cf. FREITAS & WANDSCHNEIDER, 1998: 99

Organizados por Egídio Álvaro e Jaime Isidoro. Marcados por um comunicado do PCP contra os encontros, má imprensa, descatos, intervenção policial e grande controvérsia. Incluíram dez exposições, entre as quais: Vanguardas/ Alternativas 2 (com trabalhos de Sérgio Pombo, Clara Menéres, Fátima Vaz, Marília Torres, Júlio Pereira e Teresa Magalhães); Exposição Presença (Nadir Afonso, Arlindo Rocha, Eduardo Luis, Dario Alves, Maria Gabriel, Emilia Nadal, Carlos Barroco (que expôs numa pequena caixa, junto à estátua de Gonçalves Zarco no Museu José Malhoa, um pénis branco, um espelho e uma flor ressequida), António Sampaio, Jaime Silva, Graça Morais, Armando Azevedo, Albuquerque Mendes, Fernando Pinheiro, Hélder Baptista, Túlia Saldanha, Abílio Santos, Gracia, Henrique Silva, Bual, Eurico e DaRocha, entre outros); Aspetos do realismo Europeu (Teresa Gancedo, Joan Rabascall, Sarah Wiame, João Dixo, Natividade Correia); Aspetos da abstração analítica europeia; Grupo Grenetta; Os modernistas portugueses (com obras de Amadeo de Souza Cardoso, Santa-Rita Pintor, Almada Negreiros e Eduardo Viana); Objeto/ Subversão (desenhos surrealistas de Cruzeiro Seixas e esculturas de Isabel Meireles); Nós Mulheres; e um ciclo de debates no Museu José Malhoa (*O ensino da Arte, A produção artística feminina e A função social da Arte*). A programação incluiu também Música (grupo de música experimental Operation Céros), Dança (com La Compagnie, de Michel Hallet e Pierre Deloche) e Teatro (A Comuna e a peça *Os Hipopótamos*). Performances de Manoel Barbosa: *Projeto para Paraíso Possível e Itinerário e Happ-performances*, em que cava um buraco no chão, no qual se deita, sendo em seguida coberto com ramos e galhos por E. M. de Melo e Castro; colaborações Miller & Cameron e Serge III; Grupo Puzzle (*Calendário/ Relicário*, Performance realizada durante os dez dias dos Encontros, recolhendo testemunhos e restos das intervenções dos outros artistas participantes e das obras por estes produzidas. Todos os dias às 19 horas encontram-se na sala grande do Museu José Malhoa envergando máscaras e luvas brancas, apresentando ao público o material recolhido, posteriormente depositando-o num cofre); Grupo Cores (*CORES*, intervenção na Praça da República). É a partir daqui que o GICAP assume a designação Cores, agora constituído por Túlia Saldanha (preto), Armando Azevedo (azul), Teresa Loff (amarelo), Rui Órfão (verde), Ção Pestana (laranja), António Barros (vermelho) e Manuela Fortuna (violeta)³⁶: “*saem juntos juntos do Museu Malhoa, cada um vestindo a sua cor e apoiando-se num varapau, carregando um saco recheado, tocando uma trombeta. Dirigem-se para a praça central da cidade separando-se em sucessivos cruzamentos e bifurcações, o vermelho*

³⁶ Cf. Correspondência entre os membros do grupo e as cores em (BARROS, 2010)

segue a rua vermelha, arrastando adeptos do vermelho, o laranja segue a rua laranja levando atrás de si partidários do laranja [...] e encontram-se todos no mesmo espaço visual – o centro da praça. Ao mesmo tempo todos abrem o saco da sua cor e tiram objetos da sua cor. Cada um escreve com a sua cor, lê um livro da sua cor; escreve da sua cor, cada cor mostra um cartaz da sua cor, come comida da sua cor, bebe bebida da sua cor, reza orações da sua cor. Cada cor afasta-se não se sabe para onde, levando atrás de si o cortejo e deixando rastros da sua cor³⁷); Orlan vendeu beijos no Museu José Malhoa, numa primeira versão da intervenção *Baiser L'artist* apresentada na FIAC, no ano seguinte. Apresentou também no último dia dos Encontros um conjunto de fotografias de secções do seu corpo nu carimbadas com um carimbo de talho, tabeladas num preçário e expostas numa montra e depois para venda na rua. Estes trabalhos provocaram uma revolta popular que resultou em confrontos físicos com a artista. Apresentou ainda *Tableaux vivantes*, intervenções que iniciara em 1967, nas quais posa nua encenando a *Odalisca* de Ingres ou *Miss O'Malley* de Watteau, assim como mediu com o seu corpo o Museu José Malhoa, tal como vinha fazendo em vários lugares públicos desde 1964 – as *Mea urages*. Na impossibilidade de atravessar a cidade nua posando junto das estátuas do jardim, atravessou-a vestida com uma túnica onde imprimiu o seu corpo; grupo ACRE (que viu o seu *Monumento de homenagem ao 16 de maio*, instalado no Mercado do Peixe, destruído em poucos minutos. Em homenagem aos soldados que nessa data marcharam sobre Lisboa, Clara Menéres e Lima de Carvalho, então os únicos elementos do grupo, ergueram mais de 100 varas de ferro pintadas de verde tropa, em número correspondente aos soldados, numa colina relvada; a segunda intervenção consistiu na colocação duma placa sinalizando o nascimento de D. Sebastião numa casa novecentista); Serge III (intervenção na Praça da República); Balbino Giner, professor de pintura da Universidade de Belas Artes de Toulouse, fez explodir petardos com etiquetas onde estavam escritas as palavras *opressão, repressão, censura, interdição, polícia, chefe, diretor, patrão, hierarquia, escravatura, exploração e poder*, fotografando os detritos resultantes; Tobas apresentou uma Performance silenciosa, durante a qual limpou o pó de um piano, transportou uma jarra de flores e num placard escreveu: *Le pouvoir a l'imagination/ l'imagination au pouvoir/ l'ambigüité de la langue*; Robert Filliou distribuiu pelas ruas da cidade questionários onde crianças e adultos deveriam escrever um desejo; De Fillipi afixou uma enorme quantidade de cartazes com as palavras *arte, ideologia, materialismo, comunismo*; Miller & Cameron realizaram duas Performances:

³⁷ Cf. MACEDO, 2014: 241

Children & Others, dispersa pelos 12 dias dos encontros, com colaboração de Miguel Yeco; e uma outra realizada por Shirley Cameron e Angela Carter; Miguel Yeco apresentou a Performance *28º sonho de Moisés; Collectif Femmes/ Art* (criado em 76 e representado nas Caldas da Rainha por Françoise Janicot, Claudette Brun, Isabelle le Vigan, Françoise Eliet, Lea Lublin, Tanta Monraud, Gretta Grywacz, Monique Frydmanm, Elisa Tan e Colette); Chantal Guyot realizou uma *ação corporal* na Casa da Cultura, em que cobriu todo o corpo com pasta de chocolate, imprimindo-o posteriormente em papel de cenário; Albuquerque Mendes, acompanhado por Julieta Dixo de Sousa (vestida como uma das figuras femininas dos seus quadros), apresentou nos dias 6 a 9 de agosto quatro *Rituais*, intitulados *Primavera, Verão, Outono e Inverno*, cada dia correspondendo a uma estação, vestindo um traje de bandas verticais vermelhas, amarelas e verdes, com o qual atravessou as ruas da cidade, transportando cerimoniosamente uma caixa coberta por um véu branco que na Praça da República estendeu no chão; Alvess apresentou *Ditado*, Performance em que realizou um desenho a partir de instruções ditadas; e *Manifesto do Turismo*

Setembro – o comité responsável pela direção artística do Ballet Gulbenkian após a partida de Milko Sparemblek é extinto e Jorge Salavisa assume a direção artística

Setembro – A companhia de José Limon apresenta-se em Portugal

13 a 19 de novembro – Identidade Cultural e Massificação, exposição na S.N.B.A., Lisboa, comissariada por Egídio Álvaro, com participação do Grupo Puzzle, Miguel Yeco (com *See the crazy bird Dance*), Armando Azevedo, José Conduto, António Palolo, José de Carvalho, duas intervenções de Albuquerque Mendes (*Diálogo com um quadro* e um *Ritual* no Rossio) e Grupo Cores, que realizou uma intervenção colocando um biombo com véus de diferentes cores à entrada da exposição, obrigando o público a escolher uma cor para entrar (*Ação-tipo # 4*). Participaram ainda Júlio Pereira, Romualdo e Fernando Pinheiro³⁸

5 de dezembro – Primeira apresentação da Companhia Nacional de Bailado, no Teatro Rivoli, Porto

17 de dezembro – estreia oficial da Companhia Nacional de Bailado, no Teatro Nacional de S.Carlos, Lisboa. Tal como na apresentação no Porto, o programa era composto pelo *Lago dos Cisnes* (2º ato); *Petipa*, na versão de Brydon Paige, com música de Tchaikovsky, cenário de Cruzeiro Seixas e figurino de Hugo Manuel; *Canto de Amor e Morte*, de Patrick Hurde, música de Fernando Lopes Graça, cenário e figurino de Júlio Resende;

³⁸ Cf. ÁLVARO, 1979.

	<p><i>Pas de Deux</i> da Suite do <i>Quebra-Nozes e D. Quixote</i>; <i>Suite Medieval</i>, de Brydon Paige, música de Frederico de Freitas, cenário e figurino de Artur Casais. No papel de Odette alternaram Raya Lee e Luísa Taveira, e no de Siegfried, Peter Maller e Philippe Talard</p>
<p>1978 38ª Bienal de Veneza inclui na representação portuguesa José Rodrigues, Noronha da Costa e Ângelo de Sousa (que apresenta Fotografia e Pintura)</p> <p><i>Monte Verità – Mountain of Truth</i>, exposição comissariada por Harald Szeemann, Ascona, Suíça</p> <p><i>29 Salon de la Jeune Peinture</i>, Musée du Luxembourg, Paris, onde Miguel Yeco, Albuquerque Mendes e o Grupo Puzzle apresentam trabalhos a convite de Egidio Álvaro</p> <p><i>Nouveaux Langages</i>, Limoges, onde Miguel Yeco e Maria Cabral apresentam um trabalho no Centro Cultural e o Grupo Puzzle apresentam trabalhos a convite de Egidio Álvaro</p> <p><i>L'art Portugais (Tendance Figurative – peinture portugaise actuelle)</i>, Brétigny, onde Armando Azevedo e Miguel Yeco apresentam trabalhos a convite de Egidio Álvaro</p> <p><i>As Cinco Estações</i>, de Lourdes Castro e Manuel Zimbro, é apresentado em Trieste, no Teatro Stabile e em Mantova, no Teatro Bibiena</p> <p><i>Man as Center of the Universe e Dialogue with Nicolae Ceausescu</i>, de Ion Grigorescu</p> <p><i>To Have No Power Is To Have Power</i>, de Ulrike Rosenbach</p> <p><i>Kontakthof</i>, de Pina Bausch</p> <p>Janeiro – <i>SACOM I, Semana de Arte Contemporânea</i>, Malpartida de Cáceres. Ernesto de Sousa apresenta uma exposição no Centro Criativo, combinando obra e documentação. Intitulada <i>O Teu Corpo é o Meu Corpo/ o Meu Corpo é o Teu Corpo</i>, incluía: <i>Este é o Meu Corpo N. 3</i> (1977), <i>Revolution My Body N.1</i> e o filme <i>Revolution My Body N.2</i> (1976)</p> <p>20 de janeiro a 18 de fevereiro – <i>Onze Artistas Portugueses em Milão</i>, exposição organizada por Ernesto de Sousa e Leonel Moura no espaço alternativo Laboratório – Teoria e Prática da Comunicação, em Milão, subordinada ao tema <i>Uma Obra, Um Texto, uma Obratexto</i>. Participaram Alberto Carneiro, Ana Vieira, Ernesto de Sousa, Fernando Calhau, Helena Almeida, Irene Buarque, José Conduto, Julião Sarmento, Leonel Moura e Mário Varela</p> <p>22 de maio – <i>Splang</i>, de Trisha Brown, com Elizabeth Garren, Wendy Perron e Mona Sulzman; e <i>Watermotor</i>, de e com Trisha Brown; Public Theatre, Newman Stage, Nova Iorque</p> <p>30 de maio – <i>Airs</i>, de Paul Taylor, música de</p>	<p>Início da colaboração entre Ernesto de Sousa e Dulce D'agro na definição da programação da galeria Quadrum, assumindo este uma função semelhante à de diretor artístico</p> <p><i>Conhecimento da Arte Atual</i>, conferência de Ernesto de Sousa na Quadrum, em que falou o tempo todo com uma peça de carne crua ao lado, na mesa, sem nunca a mencionar</p> <p>Legalização da Diferença, Cooperativa de artistas plásticos, aberta em 1977 como Galeria, da qual Ernesto de Sousa é sócio-gerente</p> <p>Criação do Teatro-Estúdio (Te. CITAL), espaço não comercial para a divulgação de manifestações culturais, inscrevendo o modelo <i>Black Cube</i> no seu espaço (versão em negativo formal do <i>White Cube</i>, propondo uma percepção sem distrações da obra de arte)</p> <p>Ar.co disponibiliza (ano letivo 78/79) Cursos Livres de Expressão Corporal (Regina Alvarez); Espaço, Energia e Movimento (Michala Marcus); Sombras (Lourdes Castro) e Expressão Corporal (Carlos Chan e Cândida Alvarez)</p> <p><i>I Encontro de Teatro Luso-Galaico</i>, Vila Nova de Cerveira</p> <p><i>Cultura Portuguesa</i>, Museu Soares dos Reis, Porto, com a participação do Grupo Puzzle</p> <p><i>Grupo 8</i>, exposição na Galeria de Arte Moderna de Belém, Lisboa</p> <p>V Ciclo de Arte Moderna Portuguesa, com <i>buster rainer maria ri-te versus fka mões és</i>, de Miguel Yeco, apresentado no IADE e Praça Camões</p> <p><i>Outro Salão</i>, Performance do GICAP na SNBA: “... para a vernissage de Outro Salão da SNBA, criámos ‘outras’ sete entradas – vermelha, laranja, amarela, verde, azul, violeta e preta – cada uma com tapete e cortinado de respetiva cor e com ‘porteiro’ dessa sua cor distribuindo aos visitantes panfletos dessa mesma cor. Cumprida a tarefa da portaria, nós, momentos antes porteiros e agora oradores, fazemos sincronizadamente o mesmo discurso inflamado, mas cada um, em acintosa dessintonia, exaltando propagandisticamente a sua cor em unicidade, lendo a mesmice (‘mutatis mutandis’) das palavras antes escritas pelo António Barros e por mim, exemplificadamente as da boca azul gritando a leitura de um papel azul: ‘Não, hoje já não pode haver qualquer equívoco. A polémica do objeto artístico deixou de caber na problemática do contexto atual e atualizante. Não tenhamos</p>

Haendel, figurino de Gene Moore, luz de Jennifer Tipton

Junho – A Instalação *Revolution My Body*, de Ernesto de Sousa, é apresentada na Fiera de Arte de Bologna, integrada na representação da Galeria Quadrum

23 a 29 de outubro – Ernesto de Sousa participa no projeto *Un Espace Parlé*, promovido pela Galeria Gaëtan, Genebra, entre 1977 e 79. “*Tratou-se de um ciclo de exposições individuais imaginárias – cada uma delas gravada e difundida durante oito dias através de um atendedor automático de chamadas telefónicas – que incluiu a participação de nomes como Alberto Carneiro, Antoni Muntadas, Ben Vautier, Charlemagne Palestine, Jacques Lizène, Julião Sarmento, Lawrence Wiener, Robert Filliou e Ulisses Carrion, entre muitos outros*”.³⁹

3 de novembro – *Diggity*, de Paul Taylor, música de Donald York, cenário e figurino de Alex Katz, luz de Mark Litvin

9 a 11 de novembro – Por proposta de Georg Jappe, Ernesto de Sousa é convidado pelo Internationales Kunstler Gremium para participar na Assembleia Geral dessa associação internacional de artistas, realizada em Colónia. Apresentou uma comunicação audiovisual sobre a cena artística portuguesa e foi eleito membro da associação

*dúvidas. Só há uma arte: a arte azul. Os artistas discordantes afogam-se na masturbação impotentemente intelectual. Só há arte do azul. Os pintores não azuis já não sabem pintar; os desenhadores não azuis já não sabem desenhar; os escultores não azuis já não sabem esculpir. Só há uma via que não deixa qualquer dúvida: pintem só azul e façam apenas esculturas azuis. A definição correta de arte será então atingida. Um ato artístico é um ato que fatalmente tem de ser azul. Um artista tem de ser azul. A pintura só é pintura quando azul. A pintura deve estar virada para a realidade que é – e não poderá deixar de ser – azul. É a azulagem que o demonstra. O homem tem de abandonar o seu acolorismo para passar a ser inequivocamente azul. Eis por que um ato é tanto mais artístico quanto mais azul é. Levanto a bandeira azul gritando bem alto que daqui para a frente a arte vai conseguir a perfeição do azul’.*⁴⁰

Espiral – Instalação e Performance, primeira exposição individual de José de Carvalho na Galeria Grafil (depois Diferença), cooperativa de que foi sócio

O Pombal. 99 pombas de brincar para outros tantos usadores, Intervenção (na inauguração) e Instalação de Carlos Nogueira, SNBA, Lisboa (no âmbito da exposição *Outras formas, outra comunicação*), segundo um projeto de 1974. O público entra e encontra 99 brinquedos (compostos por pombas de madeira com rodas e respetivos cabos) dispostos no chão da sala, ao alto ou deitados, isolados ou em conjuntos de número variável. O corpo das pombas tinha previamente sido pintado de branco pelo artista, e nas asas tinha sido pintada uma bordadura monocromática, com tinta fluorescente verde, amarela, ou vermelha. Os cabos foram pintados de vários tons de azul. Nas paredes foram expostos elementos do projeto. Carlos Nogueira pega num dos brinquedos e empurra-o pelo chão, sendo seguido por três colaboradores. Várias pessoas do público aderem e fazem a mesma coisa. O som das asas de madeira a bater invade a sala. No final, algumas pessoas colocam o brinquedo no chão, outras levam-no consigo. Um dos visitantes, ao visitar posteriormente a exposição, quis levar uma das pombas, e quando confrontado pelo vigilante (que espontaneamente resistiu, sem que houvesse indicação do artista nesse sentido) escreveu três pontos de exclamação a vermelho no projeto, posteriormente cobertos com lápis branco pelo artista

Do branco branco ao espaço (homenagem azul a Malevitch), Intervenção de Carlos Nogueira no Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. Carlos Couto Sequeira Costa fez uma conferência sobre Malevich para um núcleo de poucas pessoas. Depois

³⁹ Cf. FREITAS & WANDSCHNEIDER, 1998: 106

⁴⁰ Cf. ARMANDO AZEVEDO *apud* SOUSA, 2011: 74-75

comeu-se um bolo com quadrado branco sobre quadrado branco. Carlos Nogueira fez chover confetis azuis sobre as pessoas e sobre o bolo

Black e Yellow Red Blue, filmes super 8 (30' cada), de José de Carvalho

Performance de Rui Órfão, Praça da Restauração, Funchal

Performance de Manoel Barbosa, Museu Distrital de Santarém

O Verde a 5120 Angstromes, Galeria Audimagem, Lisboa, Performance de C. Barroco, Nadia Bagiolli, Romualdo e Vitor Belém, entre outros

Exposição de Silvie e Chérif Defraoui, Quadrum

O Ballet Gulbenkian apresenta *Webern Opus 5*, música de A. Webern, coreografia de Maurice Béjart; *Outono*, música de G. Mahler, cenário de Helena Lozano, coreografia de Vasco Wellenkamp

Margarida Bettencourt frequenta o curso pré-profissional do Ballet Gulbenkian, onde ingressará em 1980

O VI Estúdio Coreográfico apresenta *Panambi (Ritual de um casamento)*, música de Alberto Ginastera, cenário, figurino e coreografia de Jair Moraes; *Cinco-seis-sete*, música de Gidacchino, Rossini, Franz Lehar, cenário, figurino, luz e coreografia de Carlos Fernandes; *Memorare*, música de Bach, figurino de Helena Lozano, luz de Helena Lozano e Manuel Fernandes, coreografia de Lúcia Lozano; *Que Loucos que somos!... Tu não és?...*, música de Vangelis, figurino de Olga Roriz, luz de José Marques, coreografia de Olga Roriz e Gagik Ismailam; *Pouco menos que te ponto Be ponto ge ponto sete barra otto pontofinal parágrafo*, música de Kraftwerk, Kisa Misa Katada, John Field, Tchaikovsky e Beethoven, luz e coreografia de Pedro Coelho; *Círculo de Quatro Lados*, música de R. Strauss, cenário, figurino, luz e coreografia de António Laginha; *Dois Homens, Duas Mulheres*, música de Vaughan Williams, figurino de Helena Lozano, luz de José Augusto Fonseca, coreografia de Stephen Ward; e *Soirée Musical*, música de Benjamin Britten, figurino, luz e coreografia de Marta Atayde

A Companhia Nacional de Bailado apresenta *Auscia*, música de Strauss, coreografia de Carlos Trincheiras; *Duelos*, música de Joly Braga Santos, cenário e figurino de Lagoa Henriques, coreografia de Laszlo Tamik; *Baile dos Cadetes*, música de Strauss, cenário de Manuel Lapa, figurino de Hugo Manuel, coreografia de David Lichine d'après Alphonse Poulain; *Ad Libitum*, música de Chostakovitch, figurino de Pirmin Trecu, coreografia de Patrick Hurde; *Encontros*, música de Paul Deplessis e Henry Purcell, coreografia de Eva von Gencsy; *Sinfonia nº 3*, música de Stravinsky, cenário de Justino Alves, coreografia de Carlos

Trincheiras; *Festival das Flores*, música de Eduardo Helsted-Paolli, cenário de Querubim Lapa, coreografia d'après Bournonville; e *As Sílides*, música de F. Chopin, cenário de Luís Filipe de Abreu, coreografia de Lynn Wallis d'après Fokine

23 janeiro a 29 agosto – II Governo Constitucional liderado por Mário Soares. Ministro da Educação e Cultura, Mário Sottomayor Cardia; Secretário de Estado da Cultura, António Reis

Fevereiro – IV Ciclo de Arte Moderna Portuguesa, com a Intervenção/ Ritual na rua (Praça de Camões: Ação-tipo # 1 e Café Brasileira: Ação-tipo # 2), Grupo Cores (G.I.C.A.P. – Ção Pestana, Rui Órfão, Armando Azevedo, Teresa Loff, António Barros e Túlia Saldanha), e uma outra intervenção nas instalações do IADE (Palácio do Barão de Quintela e Conde de Farrobo, na Rua do Alecrim), onde cada artista pintou uma tela monocromática (Ação-tipo # 3). *“Nas instalações do IADE, vestidos de suas cores e distribuídos por sete cavaletes num mesmo ateliê, com lápis, pincéis e tubos apenas da cor respetiva, sete pintores ocupam-se do mesmo motivo, fazem surgir a mesma imagem, a mesma composição, a ‘mesma’ gestualidade... disjuntiva e exclusivamente vermelha, laranja, amarela, verde, azul, violeta ou preta, só. No Chiado ‘repetimos’ a performance das Caldas da Rainha com as diferenças ordenadas pelo local. Na Brasileira fomos entrando um a um, cada qual vestido rigorosamente de sua cor, levando um livro, um caderno de apontamentos, uma esferográfica, um marcador, uma bandeirinha e mais coisas nos bolsos, tudo no monocromo fanatismo... vai-se sentar numa mesa que cobre com um toalhete da paixão calorística. Depois de estarem os sete sentados, começam todos a fazer a mesma coisa, em conseguida sincronização. Sigamos, por parcial exemplo, o partidário azul quando já em ação simultânea. Lê, por momentos, um livro com capas e letras azuis, pede uma água que discretamente tinge com corante azul, bebe um pouco dessa água, escreve no caderno azul palavras azuis, bebe mais água azul, agita a bandeirinha azul, gritando: ‘Viva o azul! A vida é azul! Só o azul nos salvará! Viva o azul!’ Claro que das outras seis bocas se poderia ouvir, ao mesmo tempo: ‘Viva o vermelho! – Viva o laranja! – Viva o amarelo! – Viva o verde! – Viva o violeta! Viva o preto!’ E bebem mais um trago, lêem mais uma página, escrevem mais umas palavras, gritam mais umas frases... tudo em sincronia, tudo em monocromia, tudo em monotonia.”*⁴¹

Fevereiro – *Abrigo, Shelter*, Instalação e Performance de Julião Sarmento e Patrick Mohr, AR.CO, Lisboa

15 de março – Performance de José Conduto na Galeria Diferença, a que assistiram, entre outros,

⁴¹ Cf. ARMANDO AZEVEDO *apud* SOUSA, 2011: 75

Dulce D'Agro, Isabel Alves e Ernesto de Sousa

29 de março – Ernesto de Sousa apresenta na Quadrum uma conferência sobre *arte-processo ou artes da ação*, a propósito de um ciclo de apresentações de trabalhos, programas e palestras de Gina Pane, Silvie e Chérif Defraoui, Dany Bloch e Ulrike Rosenbach e Fernando de Filipi

Abril – João Vieira, Coordenador da Área Cultural de Belém e diretor da Galeria de Belém, inicia o seu programa de exposições

4 de abril – Performance de Gina Pane na Quadrum

5 de abril – Comunicação de Gina Pane sobre o seu trabalho entre 1968 e 1978

Maio – Protocolo entre o CAC e a Galeria JN; Jornadas no exterior promovidas pela ESBAP/segunda Secção Trás-os-Montes

5 e 6 de maio – Programa de Arte-Vídeo, apresentado por Dany Bloch na Quadrum, seguido de debate

9 a 31 de maio – Exposição de Albuquerque Mendes na Galerie Diagonale, Paris, de Egídio Álvaro

18 de maio – *Homenagem a Bosch* (no âmbito da comemoração do Dia Internacional dos Museus), Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. O Diretor, José Luís Porfírio, convidou Carlos Nogueira para realizar uma Intervenção, em que também participou Rui Oliveira, como colaborador. Vestidos e mascarados *a la Bosch*, e transportando uma gaiola com a porta aberta e um pássaro construído, apareceram no jardim e em marcha lenta e ritmada, seguidos pelo público, deram a volta ao jardim, foram até à rua, e entraram no museu até depositarem a gaiola em frente ao tríptico de Bosch *Tentações de Santo Antão* pertencente à coleção do museu. Pelo caminho foram lançando confetis coloridos

Julho a novembro – Ernesto de Sousa publica na revista *abril* (dirigida por Eduardo Prado Coelho) uma série de textos intitulados *Imaginar Portugal*, acerca do trabalho de Alberto Carneiro, José Cravinho, Julião Sarmento e Fernando Calhau

5 a 12 de agosto – *V Encontros Internacionais de Arte* (I Bienal de Vila Nova de Cerveira), com organização do Grupo Alvarez e *Revista de Artes Plásticas*. Incluiu *Ainda os Outros e Nós*, de Manoel Barbosa, uma intervenção de Pierre Alain Hubert com Riuko Ishida e Carlos Barreira, consistindo num concerto de petardos e sinos a partir da torre da igreja e a intervenção *Teste-se*, de Gracinda Candeias, em que expõe os seios enquadrados por um painel de gesso. Carlos Barreira apresenta a sua segunda máquina de bater palmas, feita para a Bienal, e com a qual realizou espontaneamente uma *jam session* com um dos músicos participantes

	<p>(Barreira voltou a usar esporadicamente esta máquina na ESBAP, como aconteceu na cerimónia de jubilação do Mestre Resende). Contou ainda com uma Intervenção do Grupo 42 (Anabela Soares, Carlos Matos, Elisabete Mileu, Filomena Salavessa, João Duarte, José Mouchino e Leonor Ferrão), entre outras participações</p> <p>Outubro/novembro – Performance em que Manuel João Vieira e Pedro Carvalheiro realizam um “duelo” no átrio da ESBAL, enquanto Xana gritava e lançava tinta vermelha aos opositores</p> <p>Outubro – Performance de Ulrike Rosenbach na Quadrum</p> <p>Outubro – Exposição de Filipo de Filipi, Quadrum</p> <p>Novembro – Sessão de música experimental na Cooperativa Árvore, incluindo uma intervenção de E. Melo e Castro sobre música da Anarband (Jorge Lima Barreto e Rui Reininho)</p> <p>29 agosto a 22 novembro – III Governo Constitucional liderado por Nobre da Costa. Ministro da Educação e Cultura, Carlos Lloyd Braga; Secretário de Estado da Cultura, Teresa Santa Clara Gomes</p> <p>7 a 30 de novembro – <i>A Tradição como Aventura</i>, primeira exposição individual de Ernesto de Sousa em Portugal, Galeria Quadrum, Lisboa</p> <p>26 de novembro – Ernesto de Sousa é entrevistado por Ana Hatherly no programa televisivo <i>Obrigatório Não Ver</i></p> <p>22 novembro 1978 a 7 julho 1979 – IV Governo Constitucional liderado por Mota Pinto. Secretário de Estado da Cultura, David Mourão Ferreira</p> <p>4 a 14 de dezembro – Ernesto de Sousa participa com <i>Revolution, my Body n°2</i>, na Quinzena do Cinema de Pequeno Formato, SNBA</p>
<p>1979 <i>The Art of Performance</i>, de Jorge Glusberg</p> <p><i>Steps Into Performance (And Out)</i>, ensaio de Vito Acconci</p> <p><i>Performance art – since futurism to the presente</i>, de Roselee Goldberg</p> <p>Fundação em Barcelona do grupo <i>La Fura dels Baus</i></p> <p><i>Festival International Polyphonic</i>, organizado por Jean-Jacques Lebel</p> <p><i>Dolmen Music</i>, de Meredith Monk</p> <p><i>I Festival International d’Art Postal d’Avant-garde</i>, Musée des Arts Décoratifs, Paris, com a participação de Albuquerque Mendes</p> <p><i>As Cinco Estações</i>, de Lourdes Castro e Manuel Zimbro, é apresentado em Berlim, na Künstlerhaus Bethanien</p>	<p>Criação do Dança Grupo, companhia de Dança sediada em Lisboa, com Paula Massano, entre outros. Apresentou <i>Às Vezes ou Corridinho</i>, ao som do Corridinho Algarvio, cenário e figurinos de Dança Grupo, luz de Orlando Worm, coreografia de Elisa Worm; <i>Impressões</i>, ao som de Espirituais Negros, cenário e figurinos de Dança Grupo, luz de Orlando Worm, coreografia de Elisa Worm e Paula Massano; <i>Adágio</i>, música de Bela Bartok, cenário e figurinos de Dança Grupo, luz de Orlando Worm, coreografia de Elisa Worm; <i>Impressões</i>, ao som de Soul Music, cenário e figurinos de Dança Grupo, luz de Orlando Worm, coreografia de Elisa Worm e Paula Massano; <i>Areias</i>, música de autores espanhóis anónimos do século XIII, cenário de Dança Grupo, cenário e figurino de Paula Massano, luz de Orlando Worm, coreografia de Paula Massano; e <i>Paisagem</i>, música de Alan Homaners, cenário e figurinos de Dança Grupo, luz de Orlando Worm, coreografia de</p>

Silvestre Pestana participa na XIV Bienal de S. Paulo

15 a 18 fevereiro – *Journées Interdisciplinaires sur l'Art Corporel et Performances*, Centro Georges Pompidou, Paris, organizadas pelo CAYC, Centro de Arte y Comunicación de Buenos Aires, dirigido por Jorge Glusberg. Com a participação dos seguintes críticos e teóricos: Juan Acha, Gregory Battcock, Rene Berger, Florent Bex, Dany Bloch, Germano Celant, Alejandro Cirici Pellicer, Urszula Czartoryska, Gillo Dorfles, Jorge Glusberg, Otto Hahn, Chrsitos Joachimides, Julie Lawson, Abraham Moles, Jacques Monnier, Alain Sayag, Jean Pierre Van Tieghem, Lea Vergine e Francesc Vicens e os artistas: Vito Acconci, José Roberto Aguilar, Ian Breakwell, Pierpaolo Calzolari, Giuseppe Chiari, Michael Druks, Benni Efrat, Hervé Fischer, Fred Forest, JHochen Gerz, Dan Graham, Gretta-Alegre Sarfaty, Richard Kriesche, Jacques Lennep, Les Levine, Lea Lublin, Leopoldo Maler, Bruce Mc Lean, Mario Merz, Gerald Minkoff, Marta Minujin, Antoni Muntadas, Hermann Nitsch, Dennis Oppenheim, Orlan, Jean Otth, Nam June Paik, Gina Pane, VALIE EXPORT e Katsuhiko Yamaguchi

Abril – Symposium International d' Art Performance, Lyon. Edição de um livro de Egídio Álvaro, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Participação do Grupo Puzzle (com a Performance *Recolha Histórica*, em que o grupo recolhe durante sete dias elementos e objetos de diversas intervenções de outros artistas colocando-as em compartimentos transparentes de plástico, cosidos a um plástico colocado sobre uma pintura representando uma mão a espremer um tubo de tinta), Albuquerque Mendes (*Ritual da água*, Studio de Lucien Mars/Nuit blanche de la Performance; *Les quatres saisons de l'année*, Salle Mermillon de l'Espace Lyonnais d' Art Contemporain; e *Ritual* nas ruas de Lyon); Armando Azevedo (*Pâques 79: "Quando, vestido de branco, emergi do sufoco dos jornais (e pisadelas), desocultei uma cinzenta mala de viagem revestida a fotocópias de trabalhos meus, donde fui tirando coisas: um livro... aberto em Vs de várias cores, dimensões, expressões, estilos... que li como nas primeiras aulas da minha primeira classe; uma venda cheia de Vs coloridos que coloquei nos olhos; uma bandeira, com grande V e outros Vs mais pequenos, que agitei, vibrante; um ovo cheio de Vs que, descascado, comi; punhados de pequeninos Vs, letrinhas feitas confetes. 'Vive le V'! Virada(s) a página(s) do V, surgiram Is no livro, na venda, na bandeira, no ovo, nos confetes, tudo cumprido em I... Depois, em novas páginas, Es, e em E, nova venda, nova bandeira, novo ovo... 'Vive le E'!... E assim caminhei pela V... I... E, em dança de agrilhado. Depois da minha escrita - pintura em invasão de livro, venda, bandeira, confetes... e uma bola 'pintada' a esferográfica predominantemente azul em céu com nuvens, flores, paisagens, piões,*

Ana Rita Palmeirim

The Joyce Trisler Danscompany apresenta-se no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, Lisboa

Ballet Gulbenkian apresenta *Ao Crepúsculo*, música de Strauss, figurino e luz de Espiga Pinto, coreografia de Carlos Trincheiras; *Glória*, música de Francis Poulenc, figurino de José da Costa Reis, luz de Orlando Worm, coreografia de Vasco Wellenkamp; *Variações Paganini*, música de A. Lloyd Weber, cenário de José de Guimarães, autoria de José de Guimarães e B. Moreland; *Canções sem Palavras*, música de Mendelssohn, cenário de J. P. Vroom, coreografia de J.P. Vroom e Hans van Manen; *Wings*, música de Bob Downey, coreografia de Richard Christopher e Caswell Bruce; *Tempo Suspenso*, música de E. Warese e A. Hovhames, cenário de Artur Rosa, luz de Orlando Worm, coreografia de Vasco Wellenkamp; *Dimitriana*, música de C. Capdeville e Chostakovitch, cenário e figurino de Charters d' Almeida, coreografia de Carlos Trincheiras; e *Twilight*, música de John Cage, cenário e figurino de J.P. Vroom, coreografia de Hans van Manen

O VII Estúdio Coreográfico do Ballet Gulbenkian apresenta *Festivo*, música de Giacomo Meyerbeer, cenário e figurino do Ateliê da Fundação Calouste Gulbenkian, luz de Augusto Avelar, coreografia de Carlos Fernandes; *Haikai*, música de Olivier Messianen, cenário de Olga Roriz, figurino de Bernadette Pessanha, luz de Fernando Bessa, coreografia de Jair Moraes; *Monólogos*, música de Mozart, Carlos Paredes e Telemann, luz de Pedro Coelho, figurino e coreografia de António Laginha; *Invisíveis Limites*, música de Tangerin Dreams, Kraftwerk, Space Art-Onyx e Vangelis, cenário de Olga Roriz, figurino e coreografia de Olga Roriz e Gagik Ismailian; *Memória do Passado*, música de G. Mahler, figurino de Marta Atayde, cenário, luz e coreografia de Carlos Fernandes; *O Girassol Cor de Laranja*, música de Jacques Loussier, figurino de António Laginha, luz de Pedro Coelho, coreografia de Elisa Ferreira; *Cinco Melodias de Veneza* e *Até à Eternidade*, ambas música de Rachmaninoff, luz de Carlos Fernandes, figurino e coreografia de Marta Atayde

Companhia Nacional de Bailado apresenta *Dentro de ti, és*, música de António Victorino d' Almeida, cenário e figurino de Da Silva Nunes, coreografia de António Rodrigues; *Bodas de Aurora (Pas de Deux)*, música de Tchaikovsky, coreografia de Roland Casenave d'après Petipa; *Suite Medieval*, música de Frederico de Freitas, cenário e figurino de Artur Casais, coreografia de Brydon Paige; *Raymonda*, música de Glazunoff, cenário de Inês Guerreiro, coreografia de Armando Jorge d'après Petipa; *Canto da Solidão*, música de Álvaro Cassuto, cenário e figurino de Da Silva Nunes,

*bolinhas... que, furada, me consolou com fresco sumo de laranja. O céu.*⁴²) e Miguel Yeco, a título individual

7 a 11 de abril – *SACOM II, Semana de Arte Contemporânea*, Malpartida de Cáceres, promovida por Wolf Vostell, com colaboração de Ernesto de Sousa, dedicado ao Fluxus e a Maciunas, recentemente falecido. Os artistas participantes (todos doaram as obras) foram: João Vieira (que apresentou a 11 de abril – *Incorpóreo II*, Performance em que o sarcófago de *Incorpóreo I* (1972) é lançado à água); Tília Saldanha, com *Homenaje a Maciunas*, obra doada pela artista à Coleção do Museo de Malpartida; a Performance *Oblación [Licor Amoroso]*, realizada a 8 de abril, e “baseada na recuperação de uma receita transmontana de um licor de amoras silvestres que Tília, em gestos ritualizados e sem palavra, servia em palco e oferecia ao público na plateia”⁴³, e integrada no Concerto Fluxus realizado no Teatro Morán, com Hidalgo Vostell e outros artistas portugueses; *Comidas Portuguesas*, com João Vieira, em que foi oferecido um jantar aos participantes composto por pratos transmontanos com sangue, originando assim “comidas pretas” (9 de abril), e ainda *Comidas Olvidadas*, resgatando receitas tradicionais daquela região espanhola; Joana Rosa, Alberto Carneiro (*Grabado en la Piedra*), António Barros (*Revolução, Escravos e Verdade e Valores*), Ção Pestana *Tu boca*), Cerveira Pinto, José Barrias (*Cinco Exercícios Postais*), Julião Sarmiento, Mário Varela, Monteiro Gil, Ernesto de Sousa (com *Identificación con tu Cuerpo*, instalação com centenas de fotografias dos habitantes de Malpartida, captadas no ano anterior) e ainda Fernando Calhau (*Void-Trap*), Helena Almeida (*Desenhos Habitados*, quadros *mixed-media*), Irene Buarque (a Instalação *Janelas I* e o livro *Janelas II*) e José Carvalho (*VTR – Singularidade I*, fotografia documental de uma peça de vídeo) e José Conduto (*Matéria de Comunicação*, uma fotografia), que não estiveram lá mas enviaram obras. No último dia da retrospectiva de Vostell, João Vieira e Ernesto de Sousa aparecem vestidos com um dos posters de *Almada um Nome de Guerra*. Uma das exposições exibiu um conjunto de objetos e documentos Fluxus, pertencentes à coleção de Gino Di Maggio, de Milão. Apresentou-se uma exposição de Ruhnai intitulada *Humanização do Ambiente Através da Colaboração Arquiteto-artista e Nuevas Donaciones*, entre as quais um Envolvimento de Claudio Costa, *El Volcan Durmiente – el Pensamiento Emigrante*. A documentação fotográfica do encontro foi feita por Monteiro Gil, da cooperativa diferença, e as filmagens vídeo ficaram a cargo de João Vieira, da Galeria de Belém. As despesas da comitiva portuguesa foram custeadas pelo Ayuntamiento de Malpartida e pelo MVM

coreografia de Armando Jorge; *O Corsário*, coreografia d’après Petipa; *Toccata*, música de B. Britten, coreografia de Lawrence Gradus; *Andante*, música de Bohuslav Martinu, coreografia de Lawrence Gradus; e *Carmina Burana*, música de Carl Orff, cenário e figurino de Gil Teixeira Lopes e Da Silva Nunes, coreografia de Armando Jorge

Paulo Ribeiro vai para a Bélgica e inicia em Bruxelas a sua formação em Dança Clássica, Moderna (Limón e Graham) e composição coreográfica

Criação da revista *SEMA*, por Maria José Freitas e João Miguel Barros (extinta em 1982, com quatro números)

Abertura da *Módulo* em Lisboa

A Cooperativa Diferença Comunicação Visual é fundada pelos artistas Helena Almeida, Irene Buarque, José Carvalho, José Conduto, Monteiro Gil, António Palolo, Fernanda Pissarro, Maria Rolão, Ernesto de Sousa e Marília Viegas

Criação do coletivo Artitude:01, de Coimbra, fundado por António Barros, responsável por uma revista experimental

Lançamento do ciclo *Projectos e Progestos*, Novas Tendências nas Linguagens Artísticas

Contemporâneas, dinamizado pelo grupo Artitude:01, coordenado por António Barros e Rui Órfão e realizado no Teatro Estúdio do CITAC, prolongando-se até 1985. Envolveu mais de 60 participantes, 50 trabalhos e 200 apresentações. Nele participaram Artitude: 01 (António Barros, Isabel Carlos, Isabel Pinto, João Torres, José Louro e Rui Órfão), Alberto Pimenta, Alistair McLennan, Ana Hatherly, Charles Dreyfus, Dominique Labaume, Erna Nijman, Ernesto Melo e Castro, Ernesto de Sousa, Ernst Thoma, Fernando Aguiar, Franck Na, Gzregorz Sztabinski, James Coleman, Jorge Lima Barreto, José Conduto, Julian Maynard Smith, Ken Gill, Lydia Schouten, Marina Abramovic, Mineo Aayamaguchi, Nigel Rolfe, Peter Trachsel, Plassum Harel, Ricardo Pais, Rolf Lobek, Silvestre Pestana, The Basement Group, The Station House Opera, entre outros

Alberto Carneiro inicia as suas *Sessões de Intercriatividade*, no CAPC (decorrendo no ano letivo 1979/80)

Abel Mendes, Henrique Silva e Silvestre Pestana organizam um núcleo de produção vídeo

Grupo Puzzle realiza um ciclo de cinco exposições individuais e uma coletiva na Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto

A Fotografia como Arte, entre outros trabalhos de

⁴² Cf. ARMANDO AZEVEDO *apud* SOUSA, 2011: 50-51

⁴³ Cf. COUTINHO e FABIANA, 2014: 23

19 de abril – *Nightshade*, de Paul Taylor, música de Alexander Scriabin, figurino de Gene Moore, luz de Jennifer Tipton

23 a 30 de abril – Grupo Puzzle (João Dixo, Albuquerque Mendes, Armando Azevedo e Gerardo Burmester, que sentados a uma mesa recortam uma tela representando um torrão de açúcar dentro de uma caixa, previamente pintada pelo coletivo, depois inserindo cada recorte num envelope com um certificado, depois entregue a uma pessoa do público) e Miguel Yeco participam num Ciclo de Performance na Universidade de Toulouse Mirail a convite de Egídio Álvaro, no contexto da Exposition d'art moderne et contemporaine européene⁴⁴

25 de abril – Egídio Álvaro inaugura em Paris a Galerie Diagonale, com o apoio do diretor do Turismo português em Paris, apresentando trabalhos de Miguel Yeco. Até 1981, serão apresentadas Performances de: Hiroshi Naruse, Olivier Coupille, Mami Aoyama, Daniel Dahl, Esther Ferrer, Novae Akrikik (Joël Ducorroy, Daniel Marque, Marie Kawasu, Bruno Maisons, J.-C. Leneee), Plassun Harel, Franck Na, Mogly Spex, Servie Janssen, Mineo Yamaguchi, Lydia Schouten, Karl Iro, Armando Azevedo (“*Armando Azevedo começa por construir o seu ‘ninho’ de criação, feito de pinturas, jornais, objetos particulares. Inicialmente está escondido por num grande monte de papéis, de ‘informações’. Sai a partir da chegada do público, e imediatamente começa a procurar. Os vestígios de seus passos, ou as suas letras cortadas. O A, o R, o T. Venda os olhos com gazes transparente, com cores e letras diferentes. Regista no seu enorme diário de bordo as etapas da ação. Daí recorta pés e mãos que troca com o público, e aí cola objetos, frases, de desenha. Procede por etapas. Faz gritar em uníssono ‘viva o A’, ou ‘viva o azul’. Depois ‘viva o H’ ou ‘viva o vermelho’. E avança, mudando de venda em cada etapa, comendo ovos e laranjas completamente cobertas com desenhos, paisagens, agitando pequenas bandeiras. Alguns gritam com ele, outros, menos numerosos (as leis da multidão funcionam perfeitamente), contra ele. Ele insiste, fisicamente, se necessário, até que todos gritem como ele. No final, é um grito único ‘viva Armando Azevedo’*”⁴⁵), Patrice Lerochereuil, Manoel Barbosa, F. Riera, Giner, Horde, Albuquerque Mendes, Hubaut, Labelle-Rojoux, Régis Bodrug, Olivier Lerch, Danny Devos, Ria Pacquee, Barbara Heinisch, Laurence Hardy, Daniel Grenier, Gaël, Stella Hyedann, Ca & La (Erico e Aldo), Flamion, Thierry De Baillon, Kitschseul Sohn, Jacques Serrano

7 de maio – *Glacial Decoy*, de Trisha Brown, figurino de Robert Rauschenberg, com Trisha Brown, Elizabeth Garren, Lisa Kraus e Nina Lundborg,

Arte Corporal, FCG, Lisboa e Centro de Arte Contemporânea, Porto, com trabalhos de Alberto Carneiro, Arnulf Reiner, Floris Neussus, Helena Almeida, Jochen Gerz, Jurgen Klauke, Hartmut Neubauer e Klaus Rinke

Memória das Imagens Ausentes, Performance de Rui Órfão, na Galeria CAP e na Galeria Nacional de Arte Moderna (Panorama das Galerias)

O Tubo, Performance com C. Barroco, Eunice Muñoz, Isabel Ruth, João d’Ávila, N. Bagioli, Romualdo, V. Belém, entre outros, S.N.B.A., Lisboa

Potlach, instalação de Leonel Moura, Galeria Quadrum, Lisboa

Retrospectiva de Wolf Vostell, Galeria de Belém, FCG, Galeria Diferença, em Lisboa, CAC, Porto e CAPC, Coimbra, incluindo um Happening na Galeria de Belém

Vídeo Show, Galeria Nacional de Arte Moderna, Lisboa, com trabalhos de José de Carvalho, entre outros

Concerto Fluxos, de João Vieira, com Juan Hidalgo, Wolf Vostell e Joana Rosa, preto e branco, Sony V-60H, aprox. 20’

José de Carvalho realiza diversas Performances que dão origem a vídeos de 30’ (VTR), a preto e branco: *Singularidade*, Galeria Quadrum, Lisboa; *Sapato de Baunilha*, Performance em que caminha sobre um soalho de madeira, calçando sapatos novos “tipo inglês”, enquanto filma a atividade com uma câmara segura nas mãos; *Concentração Meditação Contemplação Iluminação*; *Transfiguração*; e *Stone of the World*

Performance de José Conduto, Galeria Quadrum, Lisboa

O Banquete, Performance de Tília Saldanha na Galeria Diferença, em que os convidados partilham alimentos, todos de cor preta: “*Tília inicia a performance com uma ação ritual em torno da instalação-mesa, ação registada em circuito de vídeo fechado e cujo público tinha acesso a partir de um monitor que se encontrava numa sala contígua à da ação. Uma cortina preta separava as duas salas. Uma vez terminada a ação, o público acedia à instalação-mesa onde estavam os alimentos pretos comestíveis. O vídeo da ação-ritual de Tília, realizado com apoio da Secretaria de Estado da Cultura, não foi localizado*”⁴⁶

Performances de Manoel Barbosa e Elisabete Mileu, Expo Portalegre 79, Galeria Municipal de Portalegre

⁴⁴ PAULA PINTO (2011: 18) data esta exposição em fevereiro deste ano

⁴⁵ Cf. ÁLVARO, 1981: 29

⁴⁶ Cf. COUTINHO e FABIANA, 2014: 22.

Walker Arts Center, Minneapolis

28 de julho – *Profiles*, de Paul Taylor, música de Jan Radzynski, figurino de Gene Moore, luz de Mark Litvin

Agosto – *A Arte da Performance* – Festival Internacional, Palazzo Grassi, Veneza, em colaboração com a Universidade de Nova Iorque, e organização de Jorge Glusberg

Performance de Mineo Aayamaguchi, Escola Superior de Belas-Artes, Porto

Instalação/Performance de Antonio Palolo, Galeria Diferença, Lisboa

Areias, coreografia de Paula Massano

20 de março (último dia de inverno), 22 horas — *Para um levantamento da Paisagem: Paisagem/ Os Dias Cinzentos*, inauguração da 1ª exposição individual de Carlos Nogueira na Galeria Diferença, Lisboa. A exposição consistiu na apresentação do projeto, concebido em Oeiras no inverno de 1973-74 e da Intervenção *os dias cinzentos/ lápis de pintar dias cinzentos*. A Intervenção foi realizada nas três salas da galeria, tendo uma delas sido isolada através da colocação de um plástico cinzento. Cada uma das restantes salas tinha uma janela que foi coberta com uma espessa rede branca, que permitia ver os estores verticais e deixava passar alguma luz. Numa das salas existia um amontoado de pombas (semelhantes às utilizadas em *o Pombal. 99 pombas de brincar para outros tantos usadores*) partidas e amarradas com corda, existiam ainda quatro desenhos nas paredes, cada um constituído por quatro postais. Junto à parede da sala contígua (a última), o chão está revestido com sacos de plástico abertos. Num dos cantos, há um amontoado de plásticos e encostados à parede estão os cabos das pombas, pintados em vários tons, do cinzento claro ao preto. Por volta das 22 horas, as luzes apagam-se e Carlos Nogueira entra, apenas vestindo roupa cinzenta e segurando nas mãos um projetor que vai projetando diapositivos feitos a partir de fotografias do céu captadas pelo artista. A projeção é dirigida para as paredes, pessoas e chão, até iluminar um lápis cor de rosa que está no chão. CN pousa o projetor, levanta-se e tira do bolso um lenço de linho branco com a palavra *Carlos* bordada por si. Abre o lenço, coloca o lápis em cima. Retira do outro bolso confetis coloridos que lança ao ar de modo a caírem em cima do lápis e do lenço. Muda de diapositivo para um totalmente azul, projeta-o sobre o lenço e vai subindo a imagem até ao teto. Desliga o projetor e (às escuras) rasga a cortina de plástico e veste uma camisa branca; as luzes acendem e a sala desvelada está pejada de lápis coloridos, muitos deles com uma etiqueta com a inscrição *Carlos Nogueira, lápis de pintar dias cinzentos* e ainda o nome da cor que o lápis tem. Na sala há ainda um plinto com uma bandeja sobre um pano branco, sobre a qual estão diversos lápis, todos com etiquetas pendentes. Existem outros dois plintos com composições feitas com os lápis de cor, sobre as quais existe um vidro que tem escrito a caneta de acetato preta *lápis de pintar dias cinzentos*. CN pega na bandeja e oferece os lápis ao público e no final há uma conversa, perguntas e respostas

Primavera – *Lápis de Pintar Dias Cinzentos*,

intervenção de Carlos Nogueira na Galeria Diferença (projeto da Primavera de 1974)

Abril – *Happening* coletivo e internacional *Multi/Ecos*, no âmbito do ciclo *Projetos e Progestos*, Novas Tendências nas Linguagens Artísticas Contemporâneas, Coimbra. Vídeo: Abel Mendes (*A Lição de Anatomia do Dr. Tulp*), Paulo Maria e Manuel Duran (Espanha). Performance: Mineo Aayamaguchi (Japão), Rui Órfão e Silvestre Pestana (com Borges Brinquinho e Fernando Ribeiro). Texto visual: António Barros (*Escravos*). Música eletroacústica: Aldo Brizzi (Itália) e Jorge Lima Barreto. *Multi/Ecos* “foi uma proposta de integração áudio-visual com o espaço cénico. A tecnologia vídeo – além do seu aspeto de registo documental – oferece principalmente ao artista laboratório um suporte, ou écran, onde os problemas intrínsecos das artes visuais se vêem confrontados com noções espaço-temporais que até agora que até agora estavam limitadas ao pesquisador cinematográfico. [...] *Multi/Ecos* apresenta assim aspetos diversos desta nova maneira de ver e agir, sob, e com o espetador. A forma híbrida foi apresentada e deixou raízes. Vamos continuar na pesquisa e formulação. Os anos 80 exigem respostas adequadas de superação tecnológica e sensorial”.⁴⁷

17 de abril – *Singularidade*, Instalação de José de Carvalho, Galeria Quadrum, Lisboa

18 de abril – *Os Dias Cinzentos/ Lápiz de Pintar Dias Cinzentos*, intervenção de Carlos Nogueira na sua primeira exposição individual, Galeria Diferença, Lisboa (projeto da Primavera de 1974)

3 de maio – *Singularidade*, Performance de José de Carvalho, Galeria Quadrum, Lisboa

Junho – *O puzzle convida os ex-puzzle*, Porto

Junho e julho – Ernesto de Sousa apresenta a Instalação *Olympia* (fotografias a cores e texto) no CAPC

Julho – O Ballet da Ópera de Paris apresenta em Portugal *A Bela Adormecida* e *Giselle*

7 de julho 1979 a 3 janeiro 1980 – V Governo Constitucional liderado por Maria de Lurdes Pintassilgo. Secretário de Estado da Cultura, Hélder Macedo

Outubro – *Espaço/ Escola/ Comunicação*, seminário orientado por Alberto Carneiro, Elvira Leite e Manuela Malpique

30 de outubro – Inauguração da Lisbon International Show (LIS), na Galeria Nacional de Arte Moderna em Belém, Lisboa, incluindo obras de Alberto Carneiro, Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa, António Sena, Carl Andre, Conrad Atkinson, Didier

⁴⁷ Cf. PESTANA, 1981

	<p>Bay, Eduardo Batarda, a Equipo Crónica, Helena Almeida, Jochen Gerz, Lourdes Castro, Masafumi Maita, René Bertholo, Victor Fortes e Wolf Vostell; e de uma seleção de obras enviadas a concurso, onde se destacavam Ami Shavit, Ana Jotta, Carlos Nogueira, Chérif & Silvie Defraoui, Eduardo Nery, Endre Tót, Fabienne de Quasa Riera, Filko Stano, Gabor Attalai, Gaëtan, Jaccard, Jean Mauboules, Joana Rosa, Joaquim Bravo, José Barrias, José de Guimarães, Josephine Sloet, Julião Sarmento, Jwow Basto, Krzysztof Wodiczko, Luciano Castelli, Luiz Carlos Carvalho, Maria Beatriz, Mauro Staccioli, Michael Biberstein, Michael Gross, Morellet, Pedro Chorão, Pinchas Cohen Gan, Pnina Reichman e Roberto Comini. O júri, composto por Fernando Pernes, Jesa Denegri, Maurice Eschapasse, Georg Jappe e Achille Bonito Oliva premiou António Sena e Joana Rosa (Portugal), Ana Lupas (Roménia), Endre Tót (Hungria), Krzysztof Wodiczko (Polónia), Lee Guen-Yong (Coreia), Luciano Castelli (Suíça) e Roberto Comini (Itália). A iniciativa contou ainda com uma grande exposição de desenhos de Almada Negreiros</p> <p>2 de novembro – Despacho do Secretário de Estado da Cultura, Hélder Macedo, que cria uma comissão organizadora do MNAM e determina a sua localização no Porto</p> <p>4 de novembro – Visita do primeiro-ministro e do secretário de Estado da Cultura ao Porto</p> <p>13 novembro – Primeira reunião da Comissão Organizadora do Museu Nacional de Arte Moderna</p>
<p>1980 Ernesto de Sousa expõe em Berlim <i>Intimate Pieces</i>, conjunto de obras composto por <i>Olympia</i>, <i>Revolution My Body N.1</i>, <i>Este é o Meu corpo N.3</i>, <i>Este é o Meu corpo N.4</i> e <i>Nomes Próprios e Impróprios</i></p> <p><i>Amarillo News Tapes</i>, de Doug Hall</p> <p><i>As Cinco Estações</i>, de Lourdes Castro e Manuel Zimbro, é apresentado em Paris, na Cité Universitaire e em Munique, no Staatsmuseum</p> <p><i>Bibra</i>, Performance de Manoel Barbosa na FIAC, Grand Palais, Paris</p> <p><i>Journeys from Berlin</i>, filme de Yvonne Rainer</p> <p>15 de janeiro – <i>Le Sacre du Printemps (The Rehearsal)</i>, de Paul Taylor, arranjo para piano da música de Stravinsky, cenário e figurino de John Rawlings, luz de Jennifer Tipton</p> <p>25 de janeiro – Ernesto de Sousa apresenta conferência <i>A cena artística portuguesa alternativa</i>, no âmbito da Semana Cultural Portuguesa, Munique</p> <p>29 de janeiro a 1 de fevereiro – Por intermédio de Wolf Vostell, Ernesto de Sousa apresenta uma exposição individual na Galeria Ars Viva, Berlim, onde apresenta documentação e <i>Revolution my Body n°1</i>, <i>This is my Body n°3</i> e <i>n°4</i>, <i>Nomes Próprios</i> e</p>	<p>Merce Cunningham Dance Company apresenta-se em Lisboa, Porto e Funchal</p> <p>A Companhia Nacional Bailado apresenta <i>Diálogos</i>, música de Samuel Barber, cenário de Luís Filipe Abreu, coreografia de Armando Jorge; <i>Vivaldi</i>, música de A. Vivaldi, coreografia de Victor Navarro; <i>La Sylphide</i>, música de Hermann Lowenskjold, cenário de Ferruccio Villagrosso, figurino de Hugo Manuel, coreografia de Terry West Moreland d'après Bournonville; <i>Paraísos</i>, música de Luís de Freitas Branco, figurino de Da Silva Nunes, coreografia de Armando Jorge; e <i>Fogos-de-Artifício</i>, música de Stravinsky, figurino de Daniel Jassogne, coreografia de Tony Hubert</p> <p>O Ballet Gulbenkian apresenta <i>Antemanhã</i>, música de G. Crumb, cenário de Nuno Carinhas, figurino de Helana Lozano, luz de Orlando Worm, coreografia de Vasco Wellenkamp</p> <p>Margarida Bettencourt ingressa no Ballet Gulbenkian</p> <p>O VIII Estúdio Experimental de Coreografia apresenta <i>Vitral</i>, música de Vivaldi, luz de Manuel Fernandes, figurino e coreografia de Marta Atayde; <i>Duas Vozes</i>, música de Vangelis, fogurino e coreografia de Olga Roriz; <i>In-Submerso</i>, música de</p>

Impróprios, e Olympia

30 de janeiro a 24 de fevereiro – ARC (*Art, Recherche, Confrontation*), *Semaine d'Action*, Museu de Arte Moderna de Paris, com trabalhos de Albuquerque Mendes (que apresentou uma Performance a 1 de fevereiro), Miguel Yeco, Armando Azevedo (em frente a uma tela pintada com nuvens e algumas árvores, mascarado com um véu translúcido cor de laranja, escreve o que lê num livro onde coligiu dados, desenhos e objetos das suas intervenções anteriores) e Grupo Puzzle, a convite de J.J. Lebel

5 a 11 de maio – Ernesto de Sousa, Fernando Pernes e João Vieira participam no seminário *A arte no final do século XX*, no âmbito da SACOM 3, seminário do qual resultou o *Manifesto do Lavadero*, com declarações individuais dos participantes

10 a 31 de maio – *La Lumière: entre Vertige et ordre: Projets, dossiers, oeuvres d'artistes, bricoleurs, ingénieurs et sorciers*, exposição coletiva que incluiu Alvess, Chapelle des Pénitents Blancs, Avignon

Junho – Ernesto de Sousa “é comissário da representação portuguesa na Bienal de Veneza, este ano voltada para um balanço da arte dos anos 70. Ernesto de Sousa escolheu os artistas Ana Hatherly, António Sena, E. M. de Melo e Castro e João Vieira, e os músicos Lopes e Silva e Maria João Serrão, agrupados sob o tema ‘A Palavra e a Letra’. O próprio Ernesto de Sousa participou com um trabalho em vídeo (*The Word and the Letter*). Almada Negreiros (com uma reprodução fotográfica do painel *Começar*) e Fernando Pessoa foram evocados enquanto figuras tutelares”⁴⁸

10 de junho – *Opal Loop / Cloud Installation #72503*, de Trisha Brown, com Trisha Brown, Eva Karczag, Lisa Kraus e Stephen Petronio, 55 Crosby Street, Nova Iorque

16 de outubro – *Orla*, Performance de Manoel Barbosa no Troisième Cycle International de Performances, organizado por Egídio Álvaro na Galerie Diagonale, Paris. Com o apoio da FCG e da SEC. Com figurino de Leonor Ferrão e Elisabete Mileu; pirotecnia da Pirotecnia de Lanhelas, banda sonora de Milton Nascimento (*Milagre dos Peixes*) e Richard Wagner (*Ride of the Valkyries*) e *fumée rutilant* de Warna Geão

Joseph Schwantner, cenário e figurino de Helena Lozano, luz de Manuel Fernandes, coreografia de Lúcia Lozano; *Dedicado A?...*, música de Allan Parsons, figurino do Ateliê da Fundação Calouste Gulbenkian, luz e coreografia de Gagik Ismailian; e *Rodear...*, música de M. Ravel, luz de Bessa Brandão, figurino e coreografia de Carlos Fernandes

O Dança Grupo apresenta *Bouquet de Heliotropos*, música de Scott Joplin, cenário de Dança Grupo, figurino de Elisa Worm, luz de Orlando Worm, coreografia de Ana Rita Palmeirim e João Natividade; *Máscaras*, ao som de Espirituais Negros, cenário do Dança Grupo, figurino Elisa Worm, luz Orlando Worm, coreografia de Paula Massano e Elisa Worm; *Lianora*, música da época de Camões, luz de Orlando Worm, coreografia de Paula Massano

Morte de José Conduto

Homenagem a Conduto, Galeria Diferença, Lisboa, com a participação de José de Carvalho, entre outros

Em Coimbra, inicia-se o processo de autonomia do CAPC, devido à retirada de subsídios da Secretaria de Estado da Cultura (SEC), altura em que se transforma num organismo autónomo, Academia de Coimbra, com estatutos próprios. Corpo diretivo do CAPC é composto por Alberto Carneiro, António Barros, Maria Laranjeira, Rui Órfão e Tília Saldanha. Mantêm-se os cursos de cinema de animação, fotografia, serigrafia, assim como do programa de colóquios, conferências e projeções

Arte Portuguesa Hoje, exposição na SNBA, Lisboa (incluindo a 17 de janeiro a obra de Ernesto de Sousa a *performance* e vídeo-escultura *A Terra Prometida: Requiem para Vilarinho* (com imagens captadas por Fernando Curado Matos e leitura ao vivo de textos da Bíblia, de Freud e de Michel Foucault por Ana Hatherly, Julião Sarmiento e Teresa Patrício Gouveia, além do próprio Ernesto de Sousa)⁴⁹; e no ARC, Paris, com a participação do Grupo Puzzle

Abertura da Galeria Roma e Pavia, em 1990 rebatizada Pedro Oliveira

Arte Belga – Fluxus, Happening, Video, Instalação, FCG, Lisboa, com trabalhos de Marcel Broodthaers, E. Baj, Maurice Roquet e Jacques Charlier, entre outros

Década Pluralista, FCG, Lisboa, com obras de Vito Acconci, Laurie Anderson, Trisha Brown, Philip Glass, Robert Wilson, Lynda Benglis e Lucinda Childs, entre outros

II Bienal Internacional de Cerveira. Performances: *Hox e Ho*, de Manoel Barbosa, utilizando fogo-de-

⁴⁸ Cf. FREITAS e WANDSCHNEIDER, 1998: 110

⁴⁹ Cf. FREITAS e WANDSCHNEIDER, 1998: 109

artifício e a chama como elementos visuais preponderantes; *A Camões e a ti*, de Carlos Nogueira, Casa do Povo de V. N. de Cerveira (Prémio Camões). Num grande painel em dois planos instalado na entrada, CN escreveu *TODO O MUNDO É COMPOSTO DE MU* (num dos planos), seguido de *DANÇA* (no outro). Em frente ao painel, no chão (ligeiramente amarrotadas para dar volume), estão diversas folhas fotocopiadas a partir do *fac simile* da mais antiga impressão do poema de Camões e as palavras *a ti*, escritas à mão por CN, que, partindo da exposição, faz um percurso por vários pontos da vila, depondo 400 (tais como os anos passados após a morte de Camões) ramos de flores artificiais previamente feitos por si (com guardanapos de papel fino) e com uma etiqueta com o nome do poeta escrito à mão também por si, à medida que distribui os folhetos fotocopiados. Foi nesta Bienal que Jorge Lima Barreto e Vítor Rua criaram os Telectu. Apresentou-se ainda uma Performance de Serge III, entre outras Intervenções de artistas estrangeiros, e “música contemporânea improvisada” e um concerto-homenagem a José Conduto pela Anarband (Dom Lino, Luís Carlos, Jorge Lima Barreto e Rui Reininho)

Semana Internacional de Arte Atual, Vila do Conde, organizada pelo Grupo Puzzle. Performances: *Ar e Ar-I*, de Manoel Barbosa; performance de Gerardo Burmester que tem em cena uma cadeira e um espelho de dois metros. Projetam-se imagens do corpo do artista (em slides) sobre uma menina com cerca de nove anos vestida de branco, ao som de Wagner. A sala enche-se em seguida de fumo branco e a menina desaparece. O artista aparece envergando um fato fluorescente com duas lâmpadas – uma verde outra vermelha, que atira contra um espelho, atirando-se de seguida ele próprio com a cadeira; e ainda António Viana, Artur Barrio, Frank Na, Manuela Fortuna, Plassun Harel, Miguel Yeco, Rui Órfão e Grupo Puzzle. Incluiu a primeira Exposição de Arte Postal

Nova Sensibilidade/ Figurações-Intervenções, exposição na SNBA, Lisboa, comissariada por Egídio Álvaro. Performances: *Hom e Mul*, de Manoel Barbosa; performance de Gerardo Burmester em que numa sala às escuras, ouvindo-se uma composição de Wagner em crescendo, estando inicialmente vestido de branco muda incessantemente de roupa, sendo toda ela em cores fluorescentes, fotografando-se a *polaroid* enquanto explodem rastilhos de pólvora, e ainda de Miguel Yeco, Fernando Pinto Coelho, Albuquerque Mendes, Armando Azevedo, João Dixo e Grupo Puzzle

Po-ex, exposição na Galeria Nacional de Arte Moderna, organizada por E.M. de Melo e Castro e com a participação de António Aragão, António Campos Rosado, Ana Hatherly, António Barros, E.M. de Melo e Castro, José-Alberto Marques,

Salette Tavares e Silvestre Pestana. Incluiu poemas visuais, Instalações, Ações poéticas, filmes experimentais e Vídeo

Ciclo de Poesia Experimental, Galeria CAPC, Coimbra, organizado por António Barros e com exposições individuais de Alberto Pimenta, Ana Hatherly, António Aragão, António Barros, E.M. de Melo e Castro e Silvestre Pestana

Dois Ciclos de Exposições: Novas Tendências na Arte Portuguesa e Poesia Visual Portuguesa, CAPC, comissariada por Alberto Carneiro e António Barros, com trabalhos de Alberto Carneiro, Alberto Pimenta, Álvaro Lapa, Ana Hatherly, Ângelo de Sousa, António Aragão, António Barros, António Palolo, E.M. de Melo e Castro, Fernando Calhau, Helena Almeida, Joana Rosa, José de Carvalho, José Conduto, Julião Sarmento e Silvestre Pestana, entre outros. No âmbito destes ciclos, é apresentado *Gradiva* e *Almada um nome de Guerra*, de Ernesto de Sousa, enquadrado na exposição PRE TEXTO: NUMERO DEUS PARIGAUDET, enquanto exploração da instalação-performance-áudiovisual

Lis'79 é apresentada no Porto, no Centro de Arte Contemporânea do Museu Nacional Soares dos Reis

Mostra de Vídeo de Autores Portugueses, Cooperativa Árvore, Porto

Cómicos – Concerto Zero, espetáculo multimédia, proibido no dia em que devia ser apresentado no Museu de Arte Antiga

Expansões (Vídeo-Performance de João Vieira), U-Matic, cor, aprox. 25', Galeria Nacional de Arte Moderna, Lisboa (ardeu no incêndio da Galeria Nacional de Arte Moderna; existia uma cópia resumo de 5', localizada pela última vez na posse de Miguel Wandeschneider)

Alberto Carneiro, Fernanda Flores e Manuela Malpique planificam e orientam o curso de *Dinâmica corporal (na expressão e na comunicação)*, para os técnicos do Centro de Saúde Mental Infantil e Juvenil do Porto

240.180.180 dissemetria mater, Performance-Instalação de Túlia Saldanha: “Num primeiro momento, Túlia percorre as etapas de uma performance encenada e cuidadosamente preparada. Na galeria preta do CAPC, vestida de negro, a artista investe uma caixa de madeira aberta que multiplica por 40 as medidas da caixa inicial, transformando-a numa caixa-recetáculo à medida do seu próprio corpo. Túlia está imóvel, face ao espetador, olhando-nos insistentemente. Inicia-se então uma ação de progressivo fechamento da caixa, são colocados 24 módulos, e cada uma dessas ações de fechamento da caixa é fotografada. O ritmo de encerramento suspende-se bruscamente nos últimos dois módulos, ao nível do seu olhar, Túlia investe o topo da caixa deixando

inesperadamente durante mais algum tempo (o tempo de mais cinco disparos da câmara fotográfica).”⁵⁰

Extração, Performance de Rui Órfão no Teatro Estúdio do CITAC

Na Quadrum, são apresentadas Performances do grupo Diaspositivos, fundado neste ano por Gracinda Candeias, Michel, Adelaide Colher, José Fabião e Ossião

Performances de Harie de Kroon e Grupo Cores, no âmbito de uma mostra de arte holandesa, SNBA, Lisboa

Performance e vídeos de Wolf Khalen, Galeria Nacional de Arte Moderna, Lisboa

Performance de Miguel Yeco no Ar.CO

Metal, Light, Sound, de José de Carvalho, CAPC, Coimbra

Memory Piece, Instalação de José de Carvalho, Galeria Quadrum, Lisboa

S. Douradus, Instalação de José de Carvalho na Galeria Diferença, Lisboa

Belém, Performance de José de Carvalho que deu origem a um vídeo (VTR, 30', preto e branco) homónimo

Lápis de pintar dias cinzentos, Ação por correio de Carlos Nogueira, em que envia a 100 pessoas (99 seleccionadas ao acaso numa lista telefónica e a Rui Mário Gonçalves, todas com endereço português) um envelope com uma folha A4 com o título da obra e o nome do autor e com os lápis de cor previamente retirados da caixa original, excepto o preto, o castanho e o cinzento

Gosto muito de ti, Ação de rua de Carlos Nogueira, Lisboa e Oeiras. No primeiro dia de Primavera, CN colhe pequenas flores brancas e faz 100 ramos utilizando fio de ouro de bordar que pertencia à sua avó. Na ponta de um dos fios de cada ramo prende uma etiqueta com a frase *gosto muito de ti*. De Oeiras, viaja de comboio até Lisboa e a pé do Cais do Sodré ao Marquês de Pombal e vai “perdendo” os ramos (50 em sítios previstos e 50 ao acaso). Regressa pelo mesmo caminho, e constata que todos os ramos tinham desaparecido. Pelo caminho, pergunta nos perdidos e achados do elevador de Santa Justa se alguém teria devolvido um desses ramos, recebendo uma resposta displicente e negativa. No primeiro dia de Primavera dos anos seguintes, CN faz outro percurso (indiferente e não registado) e vai perguntando aos transeuntes (número incerto, nunca mais do que 12) o que achariam, caso encontrassem um ramo assim, até que uma senhora responde: “achava que era para mim”. Perante esta resposta, o artista dá o trabalho

⁵⁰ Cf. COUTINHO e FABIANA, 2014: 27

por acabado

Se eu pudesse dava-te um piano e Paisagens de (man)dar; Ações por correio, de Carlos Nogueira, Portugal

Dissolução do Grupo Puzzle

3 de janeiro 1980 a 9 de janeiro 1981 – VI Governo Constitucional, liderado por Sá Carneiro. Secretário de Estado da Cultura, Vasco Pulido Valente

Fevereiro – Abertura da galeria Leo, Lisboa (encerrada em 1993)

22 fevereiro – Despacho assinado pelo secretário de Estado da Cultura, Vasco Pulido Valente, que dispensa obras pertencentes à Secretaria ao futuro MNAM

6 a 18 de março – Ernesto de Sousa apresenta a Instalação *Olympia* (fotografias a cores e texto) na Galeria Diferença

25 de Março – Reunião de trabalho entre membros da Comissão Organizadora do MNAM e da Delegação Regional da Secretaria de Estado da Cultura no Porto, a pedido desta delegação; primeiro Relatório das Atividades da Comissão Organizadora do MNAM

30 de abril – Criação do IPPC. A Divisão de Museus é integrada no Departamento de Museus, Palácios e Fundações (Decreto-Lei n. 59)

Maio – Ciclo de Arte Moderna Portuguesa nº 6, com trabalhos de Armando Azevedo

12 junho – Apresentação no MNSR, Porto, do programa para o futuro MNAM pela comissão organizadora numa conferência de imprensa com discussão pública, aquando da inauguração da primeira das exposições do acervo existente

17 de junho – Demissão de Fernando Pernes da direcção do CAC. Declarações de voto de Maria Emília Amaral Teixeira e Etheline Rosas, que manifestaram discordância quanto à instalação do MNAM no Mercado das Frutas

15 a 22 de agosto – Semana Internacional de Arte Atual, Vila do Conde, organizada pelo Grupo Puzzle. Performances: *Ar* e *Ar-I*, de Manoel Barbosa; Performance de Gerardo Burmester que tem em cena uma cadeira e um espelho de dois metros. Projetam-se imagens do corpo do artista (em slides) sobre uma menina com cerca de nove anos vestida de branco, ao som de Wagner. A sala enche-se em seguida de fumo branco e a menina desaparece. O artista aparece envergando um fato fluorescente com duas lâmpadas – uma verde outra vermelha, que atira contra um espelho, atirando-se de seguida ele próprio com a cadeira; e ainda António Viana, Albuquerque Mendes (*Ritual* nas ruas de Vila do Conde e *Envelope (Surpresa)*, em que “*Albuquerque distribui uma série de Envelopes*

	<p>selados, convidando o público a violar o objeto artístico com o intuito de encontrar alguma coisa mais valiosa no seu interior. A morada insrita na frente e a indicação de que o envelope pode conter uma surpresa alertam para o facto de que, tal como num sorteio, quem encontrar o cartão azul o poderá trocar por uma pintura”⁵¹), Artur Barrio, Frank Na, Manuela Fortuna, Plassun Harel, Miguel Yeco, Rui Órfão e Grupo Puzzle. Incluiu a primeira Exposição de Arte Postal</p> <p>Setembro – Madalena Vitorino regressa de Londres (depois de frequentar, desde 1975, a London School of Contemporary Dance e o Laban Centre do Goldsmith College) e dirige um ateliê coreográfico no Ateneu Comercial de Lisboa, aberto a todas as pessoas, sem apresentar trabalho publicamente, durante os primeiros sete anos</p>
<p>1981 <i>Double Entendre</i>, de Douglas Davis, Performance transmitida via satélite, ligando o Whitney Museum de Nova Iorque com o Centro Georges Pompidou, em Paris</p> <p><i>Linha de Horizonte</i>, espetáculo de Lourdes Castro e Manuel Zimbro, é apresentado no Festival de Verão de Strasbourg, Château de Pourtalés e em Veneza, no Carnaval</p> <p><i>Iors</i>, Performance de Manoel Barbosa no Festival Internazionale di Performance, Istalazionni, Arte Video, Ferrara</p> <p><i>Huit Artistes Portugais</i>, St. Quentin-en-Yvelines, por iniciativa de Egídio Álvaro. Manoel Barbosa apresentou a Performance <i>Nóxio ou M(N)orte</i></p> <p>14 e 15 de março – <i>Nóxio-I</i>, Performance de Manoel Barbosa no Festival International de la Performance, Espaço Nomade, Besançon, onde Miguel Yeco apresenta também uma Performance, a convite de Egídio Álvaro. Participação subsidiada pela FCG</p> <p>Abril e maio – <i>Portuguese Video Art</i>, exposição organizada por José Manuel Vasconcelos (DGAC) na Corroboree Gallery of New Concepts da School of Art and History da Universidade do Iowa, incluindo trabalhos de Ernesto de Sousa (<i>To a Poet I & II</i>), Helena Almeida, José Barrias, José Conduto, Silvestre Pestana, Joana Rosa, António Palolo, António Cerveira Pinto, Leonel Moura, José de Carvalho (<i>Belém</i>, 30’), Julião Sarmento e João Vieira, entre outros</p> <p>15 de abril – <i>Arden Court</i>, de Paul Taylor, música de William Boyce, cenário e figurino de Gene Moore, luz de Jennifer Tipton</p> <p>Maio – 3^{ème} Symposium d’Art Performance de Lyon, organizado por Orlan e Hubert Besacier, que que incluiu a Performance e Video-Escultura <i>A Terra Prometida: Requiem para Vilarinho das Furnas</i>, de</p>	<p>A Merce Cunningham Dance Company apresenta-se no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, Lisboa</p> <p>A Companhia Nacional de Bailado apresenta <i>Rhyme nor Reason</i>, música de Stravinsky, cenário de Lazarro Prince, coreografia de Michel Corder; <i>Ramificações</i>, música de Gyorgy Ligeti e Henry Purcell, figurino de Rudi van Dantzig, coreografia de Merrilee Macourt d’après Rudi van Dantzig</p> <p>O Ballet Gulbenkian apresenta <i>O Tempo Antes do Tempo Depois</i>, música de Stravinsky, coreografia de Lar Lubovitch; <i>Percursos</i>, música de Heitor Villa-Lobos, cenário de Nuno Carinhas, figurino de Helena Lozano, luz de Orlando Worm, coreografia de Vasco Wellenkamp; <i>Sinfonia dos Salmos (nova versão)</i>, música de Stravinsky, figurino, luz e coreografia de Milko Sparemblek; <i>Hero</i>, música de Frank Tusca, Badal Roy e Radha Shottan, cenário e figurino de William Katz, luz de Richard Nelson, coreografia de Louis Falco; e <i>Danças para uma Guitarra</i>, música de Carlos Paredes, figurino de Helena Lozano, luz de Orlando Worm, coreografia de Vasco Wellenkamp</p> <p>O IX Estúdio Coreográfico apresenta <i>Abstrações</i>, música de Vangelis, C. Debussy e Codona, figurino, luz e coreografia de Olga Roriz; <i>Dezoito Minutos de Morte</i>, música de Allan parsons, figurino, luz e coreografia de Gagik Ismailian; <i>Bocas do Mundo</i>, música de Steve Wonder, figurino e luz de Olga Roriz, coreografia de Elisa Ferreira; <i>Três Cenas da Minha Vida no Arbusto de Fantasmas</i>, música de Brian Eno e David Byrne, luz de Manuel Fernandes, figurino e coreografia de Edmund Stripe; <i>Última Canção</i>, música de R. Strauss, figurino de Helena Lozano, luz de Manuel Fernandes e Helena Lozano, coreografia de Lúcia Lozano; <i>Diálogo em Forma de Fuga</i>, música de Stravinsky, cenário de David Mendes, figurino do guarda-roupa da Fundação</p>

⁵¹ Cf. GONÇALVES, 2001: 79

Ernesto de Sousa; *SubliAção* (Performance) e *De Divina Proportione 1* (no âmbito de *Oeuvres Plastiques de les Artistes de la Performance*), de Rui Órfão

14 de maio – Ernesto de Sousa dá, na École Supérieure d'Arts Visuels de Genebra, uma conferência sobre o panorama artístico português

Junho – *Semaine International de la Performance*, Musée d'Art Moderne de Strasbourg, incluindo *Drasm*, Performance de Manoel Barbosa, e uma Performance (*Ritual*) de Albuquerque Mendes, ambas a convite de Egídio Álvaro

23 de setembro – Inauguração da exposição *25 Artistas Portugueses Hoje*, comissariada por Irene Buarque no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de S. Paulo, incluindo *O Pombal. 99 pombas de brincar para outros tantos usadores*, de Carlos Nogueira. Diferentemente do que se tinha passado em Lisboa em 1978, quando o público entra, os brinquedos estão alinhados geometricamente. Como Carlos Nogueira não toma a iniciativa de pegar num deles e o público também não, a Ação não acontece e o trabalho passa a ser apenas uma Instalação. A comitiva portuguesa foi composta por Monteiro Gil (membro da Direção da Diferença, que fotografou), Irene Buarque (coordenação), Ernesto Sousa (conferencista, apresentando a 15 de outubro uma conferência/debate sobre *A cena alternativa da arte portuguesa de hoje*; e apresentando ainda a Instalação *A Tradição como Aventura* e um texto no catálogo) e Carlos Nogueira (para realizar *a Camões e a ti*; também fez conferência sobre as peças apresentadas). Rui Órfão participou nesta mostra com *Divina Proportione 2*

Outubro – *Antwerp International Mail Art Festival*, International Cultureel Centrum, Antuérpia, incluindo *Envelope supresa*, Performance de Albuquerque Mendes

Outubro e novembro – Ernesto de Sousa expõe com Fernando Calhau e Julião Sarmento, a seu convite, na Galeria LDK Labirynt, Lublin, Polónia

6 de outubro – *House of Cards*, de Paul Taylor, música de Darius Milhaud, cenário de Mimi Gross, figurino de Cynthia O'Neal, luz de Jennifer Tipton

9 de outubro – No âmbito do Congresso do IKG, em Amsterdão, dá-se neste dia uma reunião no Goethe Institut destinada à apresentação de Performances e Comunicações por parte de alguns sócios, como Ernesto de Sousa, R. Filliou, Spoerri ou J. Gerz. A reunião de trabalho do IKG realizou-se na Galeria The Appel, onde Ernesto de Sousa propôs Alberto carneiro e Helena Almeida como novos sócios, sendo apoiado por Filliou e Gerz

16 de outubro – *Son of Gone Fishin'*, de Trisha

Gulbenkian, luz de Manuel Fernandes, coreografia de Ana Rita Palmeirim

3º Mundo e A sobrinha do Marquês, de Paula Massano, a primeira por convite de Ricardo Pais e a última a convite de Fernanda Alves

Lançamento do volume *PO.EX – Textos teóricos e documentos da poesia experimental portuguesa*, de Ana Hatherly e E. M. de Melo e Castro

Criação da OIC – Oficina de Interação Criativa, proposta por António Barros a partir das Sessões de Intercriatividade lideradas por Alberto Carneiro desde 1979. Fundada por Carneiro, Barros, Carlos Perdiz, Joaquim Lebre e Carlos Lourenço, e acompanhada da criação de uns estatutos informais, foi um coletivo aberto a sócios do CAPC e do CITAC, consistindo numa secção de trabalho relacionada com o estudo, pesquisa, experimentação, divulgação da dinâmica do corpo e expressão estético-sensorial

ARTITUDE.0/, revista objeto

O desejo de atualização a nível internacional existente no CAPC leva à organização da Exposição Documental sobre Vanguardas Russas; Semana do Cinema de Animação Britânico e Mostra de Vídeo Português

Criação do grupo VideOporto – vídeo como forma de arte, sediado no Porto (ESBAP) mas em diálogo com a cena artística coimbrã

I Festival Internacional de Arte Viva, Almada. Performances: *Oaux*, de Manoel Barbosa, entre outras

VII Ciclo de Arte Moderna Portuguesa, IADE, Lisboa. Performance: *MJRB*, de Manoel Barbosa

Duas Noites de Intervenções, ciclo de Performance, Edifício Chiado, Coimbra (organizado por Armando Azevedo e António Olaio) onde Gerardo Burmester realiza duas Performances, uma delas também de e com Albuquerque Mendes, intitulada *Portugal é lindo* (em que os dois artistas, vestidos de fato, colocam sobre uma mesa um espelho e diversos instrumentos de fazer a barba, cortando o bigode e a barba, respetivamente, para a seguir brindarem com champanhe e taparem a mesa com uma bandeira de Portugal, retirando-se depois ao som de uma música popular com um refrão que inclui a frase *Portugal é lindo*) e outra a solo, em que apresenta uma cadeira eletrificada com fios de pequenas lâmpadas e coberta com um plástico transparente. “*Na penumbra, o artista derrama lentamente tinta de esmalte vermelha sobre a cadeira, sugerindo sangue. Sem se deixar identificar pelo público, tenta meter-se por baixo do plástico, sentando-se na posição fetal, coberto de tinta vermelha*”⁵². O ciclo incluiu ainda Performances de Albuquerque

⁵² Cf. FERNANDES e RAMOS, 1998

Brown, com Eva Karczag, Lisa Kraus, Diane Madden, Stephen Petronio, Vicky Shick e Randy Warshaw, BAM Opera House, Brooklyn, Nova Iorque

Inauguração do Museu Vostell de Malpartida de Cáceres, Espanha, em que Ernesto de Sousa conhece Wolf Vostell

Mendes, Armando Azevedo com o Grupo História (composto por alunos seus na ARCA, Coimbra), João Dixo, Manoel Barbosa, Manuela Fortuna e Rui Costa, entre outros

Câmara Municipal de Coimbra organiza uma exposição itinerante com obras de artistas ligados ao CAPC: Ana Esteves, António Barros, Armando Matos Beja, Fernando Pinto Coelho, Inês Paulino, João Dixo, Luís Dourdil, Luísa Erbe, Rui Órfão e Túlia Saldanha

Ar.co disponibiliza (ano letivo 1981/82) cursos livres de Eúritmia – O que é a Eúritmia? (Vera Leroi) e Yoga (Geraldine Zwanikken)

A Camões e a ti, Intervenção de Carlos Nogueira, Museu de Arte Contemporânea de S. Paulo, Brasil. Todo vestido de branco, CN pinta a mesma frase utilizada na estreia desta Intervenção (realizada no ano anterior) em duas paredes adjacentes do edifício. Cava um retângulo no terreno exterior e cobre esse retângulo com um pano de linho branco, enquanto dissimuladamente deixa cair alguns ramos de flores artificiais. Depois, atira confetis, serpentinas e água para o público, posteriormente destapando o pano e revelando os ramos que estavam por baixo

Pintura, Escultura, Fotografia, Desenho, Cinema, Diapositivos, Música, Poesia e Performance, Galeria Aberta, Évora (colaboração AR.CO com C.M. de Évora)

9 de janeiro a 4 de setembro – VII Governo Constitucional, liderado por Pinto Balsemão. Secretário de Estado da Cultura, António Braz Teixeira

15 a 23 de janeiro – *Conjunto de mesa e pintura a condizer e outros fragmentos de um discurso sobre o comum e o quotidiano (ou a primeira fruta com as primeiras chuvas)*, Instalação/ Intervenção de Carlos Nogueira, Centro Nacional de Cultura, Lisboa. A Intervenção acontece em duas salas, pelo que, à chegada, o público opta por uma delas. Os elementos colocados em cada uma das salas estão destacados através da iluminação. Ambas têm uma mesa redonda coberta com uma toalha quadrada de linho, que vai até ao chão. Na sala da esquerda, em cima da mesa, há uma taça com cerejas (fora da época, pelo que tinham sido congeladas) e dois lugares postos, ambos com prato, talheres de prata pintados com tinta em *spray* (de maneira a conseguir uma patine não lustrosa) e com copos de pé (embaciados). Junto a um dos copos está um postal. Um dos lugares tem um pedaço de tela pintado, colocado como se fosse um guardanapo; o outro tem dois carochos no prato vazio e está sem “guardanapo”. No chão, próximo deste último lugar, está o “guardanapo” amarfanhado e iluminado. Na parede oposta à entrada na sala, à direita, estão duas telas, colocadas em cavaletes. Na sala da direita, na

parede esquerda estão expostas molduras com páginas de um diário. Sobre a mesa existe: pão caseiro; compota, geleia, aguardente e chupa-chupas, todos de cereja; copos; talheres; chávenas de chá; e uma tigela branca com água, e com a palavra *água* escrita no fundo, a preto. CN serve as comidas e bebidas aos visitantes. No final da ação, são deixados os despojos: restos de comida, bebida, e beatas de cigarro

Fevereiro a julho – Ernesto de Sousa orienta o curso Conhecimento da Arte Atual, na Galeria Quadrum, repetido entre novembro de 1977 e abril de 1978

7 de março – Inauguração da galeria Centro Cultural S. Lourenço, Loulé

9 de março – *Mamografias*, Vídeo/Performance de João Vieira, realizada por Manuel Pires, U-Matic, cor, aprox. 20', Galeria Diferença, Lisboa (com a participação de Maria, Manu e Mandinga)

18 de Março – *Memorandum* dirigido ao Secretário de Estado da Cultura (António Braz Teixeira) pela Comissão Organizadora do MNAM

8 de abril – Despacho n. 43/81 que determina a constituição da Comissão Instaladora do MNAM

Constituição do Coletivo AZ, na sequência da Alternativa Zero, por Ernesto de Sousa, Fernando Curado Matos e Isabel Alves, que pretendiam criar um grupo autónomo para dinamizar o campo audiovisual, a funcionar no espaço do Ar.Co

8 a 22 de junho – SNBA promove um ciclo de conferência sobre Almada Negreiros, em que participam Lima de Freitas, José-Augusto França, Lagoa Henriques e Ernesto de Sousa

24 de julho, 21 h. – *PESSOA's, primeiro prelúdio: "da possível ou impossível impessoalidade"*, Performance de Miguel Yeco no AR.CO, Lisboa, a partir da qual trabalhará uma temática exclusivamente pessoana. A Performance contou com a colaboração de Manuela de Freitas, Maria Cabral e Pedro Miguel Rosado. Realizou-se no jardim do AR.CO, e Miguel Yeco apresentou-se nú

27 de julho – Despacho n. 66/81 que prevê a instalação do MNAM no Mercado da Fruta

20 de agosto – Incêndio na Galeria Nacional de Belém, que destrói todo o espólio e equipamento existentes, assim como todas as obras já seleccionadas para a segunda Lis, exposição internacional de desenho, sob direção de Fernando Calhau e com um júri constituído por Donald Kuspit, Rudi Fuchs e Fernando Pernes. Os artistas premiados seriam José de Carvalho por Portugal, Dagmar Rhodius pela República Federal Alemã e Francesc Torres por Espanha. Vários artistas participantes (portugueses e estrangeiros) quiseram reenviar desenhos para se refazer a exposição, o que acabou por não acontecer devido à ausência de

resposta da DGAC, cuja “Área Cultural de Belém” estava ao abandono devido ao afastamento de João Vieira e respetiva equipa pelo então Secretário de Estado Vasco Pulido Valente. Rudi Fuchs (então diretor artístico da edição de 1982 da Documenta de Kassel) ofereceu-se para organizar uma doação, em manifestação de apoio ao Estado português e para a constituição de um Museu de Arte Contemporânea, de obras de artistas como Judd, Kosuth, Weiner, Richter, Baselitz e Kiefer, doação que ficou para sempre a aguardar o parecer de uma nunca concretizada comissão de avaliação das obras oferecidas

25 de agosto a 3 de setembro – I Festival Internacional de Arte Viva, Almada, coordenado e dirigido por Egídio Álvaro e apoiado pela Secretaria de Estado da Cultura, Câmara Municipal de Almada e Turismo. Com a participação de artistas austríacos, belgas, norte-americanos, italianos, franceses, holandeses, japoneses, canadianos (Quebeque) e portugueses. Performances de: Novae Akrilik Cie, Albuquerque Mendes (*Envelope surpresa*), A. Magnin, Armando Azevedo, Claude Lamarche, Claude Paul Gauthier, Delfim Miranda, Diaspositivos, E.C.A.R.T., Elisabete Mileu, Feu Rouge International, Hiroshi Naruse, J.P. Mauny, Louis Bouchard, Mami Aoyama, Manoel Barbosa (com *Oaux*), Manuela Fortuna, Marie Kawazu, Maurice Horde, Maurizio Camerani, Miguel Yeco, Mineo Yamaguchi, Mogly Spex, Pap’Circus, Groupe Quebequois, Ria Pacquee, Rui Costa, Rui Órfão e Victor Silva. Dança experimental de: Brigitte Chayenko, Daria Fain, Mogly Spex e Sumaku Koseki. Vídeo-arte de: Abel Mendes, António Palolo, Benni Efrat, Cerveira Pinto, David Tremlett, Dieter Appelt, Ernesto de Sousa, Fabrizio Plessi, Helena Almeida, Henrique Silva, Hermann Nitsch, Joana Rosa, João Vieira, José Barrias, José Conduto, Julião Sarmiento, Kerry Tengrove, Klaus Rinke, Leonel Moura, Mike Hentz, Nigel Rolfe, Régine Chopinot, Saver-Bauer, Silvestre Pestana, Tanaka Min e Tom Morioni. Instalações de: Ana Hatherly, “Atelier” de Nice, E. Melo e Castro, Grupo Vista Armada, Manoel Barbosa, Miguel Yeco e Sylvette Maurin. Poesia visual de: Ana Hatherly, E. Melo e Castro e Jean-Luc Parant. Novos espaços sonoros de: Hiroshi Naruse, Jorge Lima Barreto, Novae Akrilik Cie, Ollivier Coupille e Rui Reininho. Arte postal de artistas europeus. Exposições de “Atelier de Nice”, Claude Goiran, E. Colliard, Gérald Thupinier, Graça Morais, Jaime Silva, Patrick Lanneau, Shmel e Sylvette Maurin. Os trabalhos foram apresentados nos seguintes espaços: Oficina de Cultura, Espaço das “Carochas”, Escola Primária Feminina nº 1 e Rua Conde Ferreira. O programa faz ainda referência a debates e fóruns (não especificados). O Grupo Puzzle aparece nomeado no programa mas, entretanto, dissolveu-se e já não participou

	<p>Setembro – Início da atividade Grupo Experimental de Dança Jazz, criado por Rui Horta, mais tarde Companhia de Dança de Lisboa (1984)</p> <p>4 de setembro 1981 a 9 de junho 1983 – VIII Governo Constitucional liderado por Pinto Balsemão. Ministro da Cultura, Lucas Pires</p> <p>14 de novembro – <i>Na Palma da Mão a Lampâda de Guernica</i>, peça coreográfica de Elisa Worm e Paula Massano (com cerca de 75') a partir de pinturas de Pablo Picasso, dançada pelo Dança Grupo, Teatro Carlos Alberto, Porto, integrada na programação do FITEI – Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica; cenário e figurino de Nuno Carinhas, música de Constança Capdeville e Erik Satie e luz de Orlando Worm. Neste ano, o grupo apresentou ainda <i>Tempos</i>, com música de Monteverdi, Orlando Gilbons e Constança Capdeville, cenário do Dança Grupo, figurino de Paula Massano, luz de Paula Massano e Elisa Worm, coreografia de Paula Massano; <i>Pas de Deux</i>, música de S. Prokofiev, cenário e figurino do Dança Grupo, luz de Orlando Worm, coreografia de Ana Rita Palmeirim</p> <p>27 de novembro – II Jornadas Internacionais de Música Eletrónica, Viana do Castelo, incluindo apresentação de <i>Luis Vaz 73</i>, de Ernesto de Sousa</p> <p>4 a 9 de dezembro – <i>100 horas a desenhar</i>, Performance de Túlia Saldanha e Robert Schad, Edifício Chiado, Coimbra. Durante seis dias, os dois artistas desenham 16 horas por dia e vão cobrindo o espaço com os seus desenhos. O público é também convidado a desenhar livremente em folhas A4, durante o tempo que quiser, e a expor o resultado no espaço. A Performance foi fotografada por Álvaro Rosendo, a convite dos artistas</p>
<p>1982 <i>Festival Internacional de Performance</i>, Nice, com a participação de Gerardo Burmester (que surge em cena calçado com um par de sapatos vermelhos iluminados por um projetor, substituindo em seguida um deles por outro de cor verde; a luz ilumina gradualmente o rosto do artista, que sorri enquanto um fio de “sangue” lhe escorre pela boca, depois cuspidando; o holofote apaga-se e volta a acender iluminando uma mesa coberta por uma toalha de plástico branco, sobre a qual está um espremedor metálico; em seguida, corta ao meio laranjas que vai tirando de uma mala e espreme-as, deixando o sumo escorrer), João Dixo e Albuquerque Mendes (<i>Ritual</i>), por iniciativa de Egídio Álvaro</p> <p><i>Intervention I – Festival Internacional de Performance</i>, Paris, com participação de vários artistas portugueses, por iniciativa de Egídio Álvaro. Na Galerie J.J. Donguy foram apresentadas Performances de Manoel Barbosa (<i>Asc</i>), Gerardo Burmester (em que de uma mala retira várias bolas de pingpong que saltam. Assim que param, o artistas fotografa-as com polaroid, sem luz na sala, enquanto</p>	<p>Maria Bessa e António Rodrigues, ex-bailarinos do Ballet Gulenkian, fundam a Academia de Dança Contemporânea, Setúbal</p> <p>A Nikolais Dance Theatre apresenta-se no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, Lisboa</p> <p>O Ballet Gulbenkian apresenta <i>Swing Serenade</i>, música de Gershwin, F. Waller, D. Moll e M. Mencher, cenário de M. Fitzgibbons, figurino de Kate Adams e S.Norton, luz de E. Greenberg, coreografia de Peter Sparling; e <i>Paisagem com Ponte</i>, música de P. Ruth e J. Fragen, luz de E. Greenberg, coreografia de Peter Sparling</p> <p>A Companhia Nacional de Bailado apresenta <i>Serenade</i>, música de Tchaikovsky, coreografia d’après Balanchine; <i>Página Esquecida</i>, música de F. Lopes Graça, coreografia de Armando Jorge; <i>Baile dos Cadetes</i>, música de J. Strauss, cenário de Manuel Lapa, figurino de Hugo Manuel, coreografia de David Lichine</p> <p><i>ARTITUDE: 01/</i> revista ambiente, é apresentada na</p>

pisa algumas das bolas, rebentando-as. Iluminada a sala, entre as bolas brancas salta uma bola preta que o artista persegue até a pintar com *spray* branco), Albuquerque Mendes (*Ritual*), Rui Órfão (*Serpente Verde*), assim como trabalhos de Elisabete Mileu e Armando Azevedo

Performance Art dans la Rue, Centre Culturel, Champy onde se apresentaram vários artistas a convite de Egídio Álvaro: Zow, Performance de Manoel Barbosa, assim como trabalhos de Albuquerque Mendes e Elisabete Mileu

Nuit de Performance Portugaise, Espace Pali-Kao, Paris, com a participação de vários artistas por iniciativa de Egídio Álvaro: Got, Performance de Manoel Barbosa e trabalhos de Gerardo Burmester, Albuquerque Mendes (com a Performance *O príncipe dos meus sonhos*, em que “Sentado sobre uma passadeira que representa o mar, Albuquerque Mendes procede à leitura de fragmentos do livro *O príncipe dos meus sonhos*, obra emblemática do universo da literatura cor-de-rosa e, de improviso, conta histórias e mostra uma série de brinquedos, à medida que põe discos num aparelho de música que tem ao seu lado”⁵³), Armando Azevedo, Manuela Fortuna e Elisabete Mileu

The Speech e This Is the Truth, de Doug Hall

Art is Action, de Gerardo Burmester, Kassel, a convite de Egídio Álvaro

Linha de Horizonte, espetáculo de Lourdes Castro e Manuel Zimbro, é apresentado em Frankfurt, na Neue Oper; Osnabrück, Alemanha; e em Paris, Centre Georges Pompidou (Grande Salle)

Mmro, Performance de Manoel Barbosa na XII Biennale de Paris

Les portraits de Marcel Duchamp, exposição de Albuquerque Mendes na Galeria Diagonale, Paris

Lost, Found and Lost, de Paul Taylor, arranjo de música de elevador por Donald York, cenário e figurino de Alex Katz, luz de Jennifer Tipton

20 de abril – *Mercuric Tradings*, de Paul Taylor, música de Franz Schubert, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton

Setembro – Congresso do IKG, em Paris, com a participação de Ernesto de Sousa

Outubro – Comemoração do 50º aniversário de Wolf Vostell, no Museu Vostell de Malpartida, em que participam Ana Isabel, António Barros, Artur Rosa, Ernesto de Sousa, Helena Almeida, João Vieira e Tília Saldanha

Galeria Diferença, Lisboa, a convite de Ernesto de Sousa

Rui Órfão cria e dirige o coletivo *Fila K*, constituído ainda por Luís Fonseca, Mário Jorge, Rui Mendes e Paulo Fonseca. Denominavam as suas ações urbanas de *New Performance*

Carlos Gordilho constitui o Grupo de Artes Visuais NOVOSELVAGEM

I Bienal de Lagos

Albuquerque Mendes e Gerardo Burmester criam o *Espaço Lusitano* (em funcionamento até 85), cuja inauguração contou com Performances de Albuquerque Mendes, António Olaio, Armando Azevedo, A. Viana, Beatriz Borralho, D. Nave, D. Miranda, F. Marques Oliveira, Gerardo Burmester, José Almeida, Manoel Barbosa, M. Fortuna, Miguel Yeco, Pedro Vasconcelos e Vitor Silva

Férias no Espaço Lusitano, Performance de Albuquerque Mendes e Gerardo Burmester. A galeria foi repintada, representando gelados gigantes nas paredes e no chão o mar e uma ilha a meio. Albuquerque Mendes aparece de fato e gravata com um saco de praia, estendendo uma toalha sobre a ilha e cobrindo-se com protetor solar. Gerardo Burmester aparece vestido com um fato de mergulho e uma mala, deitando um líquido no chão, com o qual começa a produzir espuma. Albuquerque Mendes “nada” enquanto Burmester retira da mala peixes crus que atira ao público. Um sorveteiro presente desde o início distribui os gelados pelo público, enquanto os artistas chupam os seus sorvetes

Arús – 1ª Exposição Nacional de Arte Moderna, promovida por uma empresa privada no Museu Nacional Soares dos Reis, Porto, em cuja inauguração faz uma performance, aparecendo com uma perna engessada e envergando um casaco que nas costas tinha bordada a frase *Portugal é um país bem porreirinho*

Instalação, Filmes, Documentos, de Teresa Tyszkiewicz e Zdzislaw Sosnowski, Galeria Diferença, Lisboa e CAPC, Coimbra

Performance de Gerardo Burmester na inauguração da exposição *Pintores* na Galeria Roma e Pavia, Porto, em que o artista faz libertar na sala fumos coloridos que levam à expulsão do público

Os retratos de Marcel Duchamp, exposição na galeria Roma e Pavia, na qual Albuquerque Mendes apresentou 14 pinturas com a imagem de Rose Sélavy, alter-ego de Duchamp. Na inauguração, o artista contratou um músico (falso cego) para tocar acordeão e Gerardo Burmester apresentou uma Performance em que entrou na sala da galeria (com uma Estrela de David na cabeça, numa referência a

⁵³ Cf. GONÇALVES, 2001: 94

Duchamp) seguido por 14 meninas vestidas de branco que fotografou a *polaroid*, deixando depois os retratos junto das pinturas. Artista passou ainda atestados de presença aqueles que se inscreviam para um sorteio a realizar à meia-noite, em que se sortearia uma das pinturas da exposição

Mitos Portugueses, exposição de Gerardo Burmester na Cooperativa Árvore, Porto, em cuja inauguração interpreta D. Sebastião, surgindo de lambreta através de fumos coloridos para descerrar um Galo de Barcelos. A inauguração contou ainda com uma Performance de Albuquerque Mendes

Rrow, Performance de Manoel Barbosa na Galeria Espaço Lusitano, Porto

Performance de Rui Órfão, Fórum do Conservatório Gulbenkian, Aveiro

Três Noites de Performance, Liceu José Falcão, Coimbra. Com a participação de Albuquerque Mendes, António Olaio, Armando Azevedo e Gerardo Burmester, entre outros

Black=Black, *obgesto* de António Barros, no âmbito do ciclo *Projetos & Progestos*, TE.CITAC, Coimbra

Performance de Rui Órfão, Galeria Diferença, Lisboa

Performance do Grupo Néon na Galeria Metrópole, Lisboa

Curso Livre de *Euritmia*, liderado por Vera Leroi no Ar.co, Lisboa (ano letivo 1982/83)

6 de janeiro – Abertura da galeria R 75, Lisboa

25 de janeiro – Inauguração da exposição *Os contos do Porto*, na Cooperativa Árvore, Porto, incluindo uma Performance de Albuquerque Mendes na inauguração, na qual vários atores mascarados de palhaços fingiam servir bebidas e comida, fugindo das pessoas quando elas se aproximavam. Durante a exposição, a Cooperativa Árvore organizou uma homenagem a James Joyce, pelo centenário do seu nascimento, tendo sido apresentado *Parabéns a Você*, Performance de Albuquerque Mendes, em que, vestindo uma t-shirt do FC Porto, ensinou como fazer um bolo de aniversário, que depois distribui pelo público, juntamente com uma serigrafia com a imagem de um bebé; e uma outra (a 2 de fevereiro) com Gerardo Burmester (que colocam no meio do público uma mesa com bolos e bebidas, propondo ao público uma orgia de doces, depois de Burmester se descalçar e lavar os pés enquanto Albuquerque põe farinha na cara e parte ovos na cabeça, abrindo depois Gerardo uma garrafa de champanhe com que rega o público).

Participaram ainda Armando Azevedo (*A Homenagem 'morte e nascimento' de James Joyce*, no ano de 1982, mereceu duas intervenções de Armando Azevedo, uma na Clepsidra em Coimbra e

outra na Árvore, no Porto, sendo esta acompanhada pelo Grupo História. Em Coimbra, os focos foram virados para Armando Azevedo, que se encontrava a ler o livro *Conhecer James Joyce e a sua obra* de José M. Valverde, sentado a uma mesa com uma cerveja. Numa atitude completamente assimilada pela banalidade de alguém à mesa de um café a ler, Azevedo confronta silenciosamente o público que o cerca, incitando-o à procura, à pesquisa e sucessivamente à descoberta de James Joyce e sua obra. No Porto, num ambiente próximo do criado em Coimbra, Armando Azevedo senta-se a uma mesa a beber cerveja, contudo a ‘sua’ venda cheia de piões e nuvens desenhados, uma vela acesa e os alunos aumentam a expectativa da performance. Ao abrir o livro *Conhecer James Joyce e a sua obra*, Armando Azevedo lê um texto de sua autoria, porque as páginas foram coladas sobre as do livro de James Joyce, autor de *Ulisses*, e também Armando Azevedo escrevera a sua *Odisseia*:

*ABRE-TE, SÉSAMO! /Temos os olhos abertos... E nada vemos,/ Digo-vos eu.)*⁵⁴ e Rui Costa, entre outros

2 a 26 de fevereiro – *Pre Texto: After Painterly Abstraction*, Instalação de Ernesto de Sousa (dois textos e uma série de fotografias ampliadas, *A Casa*), Galeria Diferença

Março – VIII Ciclo de Arte Moderna Portuguesa, IADE, Lisboa, com trabalhos de Elisabete Mileu

Maio – Visita do Secretário de Estado da Cultura, António Gomes de Pinho, ao Porto, anunciando a elaboração de um decreto-lei a fim de criar “legalmente” o MNAM (que não chegou a ser concretizado)

Junho – Ernesto de Sousa comissaria pela segunda vez a participação portuguesa na Bienal de Veneza, selecionando Helena Almeida

Junho – Performance de Geraldine Zwanikken, AR.CO, Lisboa

3 de julho – Ernesto de Sousa é homenageado em Lisboa num encontro organizado por Leonel Moura e que reuniu cerca de 50 artistas

22 a 31 de julho – Alternativa, II Festival Internacional de Arte Viva, Almada. Com Adriano Rangel, A. Labelle-Rojoux, Albuquerque Mendes (com a Performance *Barba e cabelo*, em que “*Instalado numa barbearia de Almada, Albuquerque Mendes faz ‘barba e cabelo’ em frente de uma pintura sua, onde se podem ver, lado a lado, Lenine e Estaline. O chão encontra-se coberto de cravos vermelhos e os espectadores podem assistir à intervenção através do vidro da montra da barbearia*”⁵⁵ e um *Ritual* na Oficina de Cultura

⁵⁴ Cf. ARMANDO AZEVEDO *apud* SOUSA, 2011: 81

⁵⁵ Cf. GONÇALVES, 2001: 92

Alternativa, “onde, frente à mesa-altar onde ritualiza uma série de objetos que distribuí pela assistência, instala uma manga negra. Num ambiente de penumbra, o autor, todo vestido de negro, entre por uma abertura da manga negra, que se encontra cheia de um pó branco e, ao sair do outro lado, parece uma figura fantasmagórica, coberto desse pó branco”⁵⁶), António Olaio, Armando Azevedo, Art & Technique, António Barros, Abel Mendes, A. Campos Rosado, Antoine Laval, António Viana, Arthur Varela, Alberto José, Alternes, Arteopinião, Basement Group, Benett Rossel, Borges Brinquinho, Ção Pestana, Carlos Zíngaro, Cahiers Loques, Diaspositivos (com *Perfo-Tinta-82*, com a participação de Gracinda Candeias, Michel de Roubaix e José Fabião), Didier Chenu, Elisabete Mileu, Eric Clermontet, Eczema, Frédérique Fleury, Fernando Aguiar, Isabel Pinto, Fernanda Fragateiro, Giner, Ilse Hacker, Gerardo Burmester (apresentou uma Performance junto a seis pinturas da série *Mitos Portugueses*), Jean Longeot, José Almeida, Jérôme Mesnager, Joel Brisse, Lydia Schouten (com *The Lone Ranger Lost in the Jungle of Erotic Desire*), Manuela Fortuna, Maurice Horde, Manoel Barbosa (com *Wag*, Performance composta por três partes executadas em diferentes noites e para um público também diferente. Vestido de branco, incluía um triângulo preto, cujos lados representavam as linhas do nascimento, vida e morte. Barbosa explorava com o seu corpo diferentes variações geométricas a partir do contacto com o triângulo. A Performance foi dedicada ao povo palestiano. A segunda parte incluía dois personagens de grandes dimensões, que participavam na simbologia triangular proposta pelo artista. Na terceira parte, envolvia-se numa luta com um artista convidado, em torno de um triângulo dourado, composto de vários outros, mais pequenos, tudo isto ao som da música de Wagner), Marc Meryl, Miguel Yeco (com *Greens*), Mogly Plex, Nicole Sauvagnac, Máscara/teatro, Nigel Rolfe (com *The Red Drawing – Redhead*, a 26 de julho), Pedro Vasconcelos, Percustra, Peter Sinclair, Potlacht (com Jorge Lampreia Pereira nos sopros; José Oliveira nas percussões e diversos; e Chico Trindade nos objetos diversos e voz), Pierre M. Ziegler, Rui Órfão (com *A cumplicidade do olhar e reversibilidade das Estruturas*), Rui Costa, José Oliveira, Sema, Silvestre Pestana, Vincent Strebelle, Vicenç Altaió, Serge III Oldenburg (com *Sonate pour Poemophone*), Mineo Aayamaguchi e Zoöey Arthuis. Compreendeu a exposição *Esquis’Arte – Mostra Internacional do Esquisto-Projeto para a Performance, Instalação, Arte Vídeo*, com trabalhos de A. Labelle-Rojoux, António Barros, Albuquerque Mendes, Art & Technique, Artur Barrio, Arthur Varela, Bruno Mendonça, Bure-Soh, Carlos Barroco, Cesar Cofone, Chérif Defraoui, J.

⁵⁶ Cf. GONÇALVES, 2001: 92

Christo, Dieter Froese, Draskovic Milimir, Elisabete Mileu, Eric Colliard, Francesc Torres, Gina Pane, Isaac Pomié, Janos Urban, Jean-Paul Mauny, Jochen Gerz, Joel Ducuroy, Jordi Cerdá, Judit Kele, Julião Sarmiento, Lazarov M. Pashu, Manoel Barbosa, Mogly Spex, Mary Dritschel, Mineo Aayamaguchi, Misa Savic, Marie Kawazu, Mauro Staccioli, Nigel Rolfe, Plassun Harel, Kate Craig, Regina Silveira, Terry Fox, Silvie Defraoui, Tony Labat, Viggo Andersen, Teresa Tyszkiewicz, Vincent Strebelle, Vladimir Tosic, Thérèse Ampe-Jonas, Wilfrid Rouff e Zdzislaw Sosnowski

24 de julho – *The Red Drawing – Redhead*, de Nigel Rolfe, no âmbito do Ciclo *Projetos & Progestos*, Coimbra

24 de julho a 31 de agosto – III Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira, incluindo intervenções de Alberto José, Anarband (António Luís Machado, Jorge Lima Barreto, José Ferreira, Miguel Megre e Rui Reininho), The Basement Group, Cão Pestana, Carlos Barroco, Carlos Nogueira, E. Morcellet, G.N.R. (Jorge Lima Barreto e Vítor Rua), Grupo Diaspositivos (Adelaide Colher, Gracinda Candeias, João D'Ávila, José Fabião e Michel Roubaix), Grupo Néon (Carlos Barroco, José Fabião e Nadia Bagioli), José Almeida, Michael Jäger, Miguel Yeco, Mineo Aayamaguchi, Paul St. Jean, Rui Órfão (com *A Serpente Verde*), Serge III, Silvestre Pestana (com *Limite d'Ar-te, séc. XX*), Telectu, Viriato Barros de Oliveira

Outubro – Comunicação-Performance de Jorge Lima Barreto, *A Situação do Rock na Música Contemporânea*, parte integrante do simpósio *Projetos & Progestos*, Teatro Estúdio CITAC, Coimbra

Novembro – *(de)composição/identidade*, Performance de José Oliveira, AR.CO, Lisboa

11 de novembro – Albuquerque Mendes e Gerardo Burmester criam o *Espaço Lusitano* (em funcionamento até 85), cuja inauguração contou com Performances de Albuquerque Mendes (*Ritual*), António Olaio, Armando Azevedo (*Performance (obsessão pelo azul)*), A. Viana, Beatriz Borralho, D. Nave, D. Miranda, F. Marques Oliveira, Gerardo Burmester, José Almeida, Manoel Barbosa, M. Fortuna, Miguel Yeco, Pedro Vasconcelos e Vitor Silva

Dezembro – Exposição Arús 82 – 1ª Exposição Nacional de Arte Moderna, promovida por uma empresa privada no Museu Nacional Soares dos Reis, Porto, e comissariada por Fernando Pernes. Apoio da FCG e da SEC. Na inauguração, Gerardo Burmester faz uma Performance, aparecendo com uma perna engessada e envergando um casaco que nas costas tinha bordada a frase *Portugal é um país bem porreirinho*

Dezembro – Primeira “representação de concerto

		<p>rock” dos Ena Pá 2000</p> <p>4 de dezembro – Performance e Video-Escultura <i>A Terra Prometida: Requiem para Vilarinho das Furnas</i>, de Ernesto de Sousa, CAPC</p> <p>2 a 26 de fevereiro – <i>Pre Texto: After Painterly Abstraction</i>, Instalação de Ernesto de Sousa (dois textos e uma série de fotografias ampliadas, <i>A Casa</i>), CAPC</p>
<p>1983</p>	<p>Anne Teresa de Keersmaeker funda a companhia Rosas</p> <p><i>Rosas danst Rosas</i>, de Anne Teresa de Keersmaeker</p> <p><i>Syntagma</i>, de VALIE EXPORT</p> <p><i>Performance and Stage Set Utilizing Two Way Mirror and Video Time Delay</i>, de Dan Graham, criada para a retrospectiva do seu trabalho na Kunsthalle de Berna</p> <p><i>L’Hirt</i>, Performance de Manoel Barbosa no 5^{ème} <i>Symposium International d’Art Performance de Lyon</i></p> <p><i>Moord</i>, Performance de Manoel Barbosa no <i>Rencontre Internacional Performance Nice’83</i></p> <p>5 de abril – <i>Musette</i>, de Paul Taylor, música de Haendel, figurino de Gene Moore, luz de Jennifer Tipton</p> <p>6 de abril – <i>Sunset</i>, de Paul Taylor, música de Edward Elgar e gravações de chamadas telefônicas, cenário e figurino de Alex Katz, luz de Jennifer Tipton</p> <p>13 de abril – <i>Snow White</i>, de Paul Taylor, música de Donald York, cenário de David Gropman, figurino de Cynthia O’Neal, luz de Jennifer Tipton</p> <p>10 de junho – <i>Ultimatum</i>, multimédia de Ernesto de Sousa (em que utilizou imagens e som de <i>Almada, um Nome de Guerra</i>) é apresentado em Nova Iorque, na experimental Intermedia Foundation</p> <p>20 de julho – <i>Semet and Reset</i>, de Trisha Brown, com música de Laurie Anderson, figurino de Robert Rauschenberg, com Trisha Brown, Irene Hultman, Eva Karczag, Diane Madden, Stephen Petronio, Vicky Shick e Randy Warshaw, Festival d’Avignon, La Chartreuse, França</p> <p>Outubro – VII Bienal de Artes de S. Paulo, membros do Grupo Fluxus apresentam performances no andar térreo do edifício da Bienal: “<i>Num determinado instante, iniciam-se simultaneamente duas performances: Bem Vautier senta-se ao piano e fica dedilhando continuamente a mesma nota; a seu lado, Walter Marchetti senta-se numa cadeira e começa a juntar latas de alimento espalhadas a seus pés: à medida que suas mãos vão-se enchendo de latas, estas começam a ‘escorregar’ e ele recomeça a tarefa de pegar as latas. O ‘trabalho’ realizado num gesto contínuo (como um Sísifo), somado à expressão do artista e ao som seco das latas caindo no chão,</i></p>	<p>Criação do Centro de Arte Moderna (CAM) da Fundação Calouste Gulbenkian</p> <p>Ernesto de Sousa integra a Comissão Consultiva do CAM</p> <p>Fundação do Ballet Teatro Contemporâneo do Porto, por Isabel Barros, Né Barros e Jorge Levy</p> <p>Colóquio FCG/UNESCO/AICA <i>A arte na sociedade contemporânea</i>, Lisboa</p> <p>1º Manifesto Homeostético</p> <p>Dissolução do grupo Artitude:01</p> <p>I Bienal de Chaves</p> <p>III Festival Internacional de Arte Viva, Almada. Performances: <i>Uldmordr</i>, de Manoel Barbosa e Silvestre Pestana; <i>Escrevo o que está dentro de mim</i>, intervenção poética de Fernando Aguiar, realizada publicamente a 24 de junho, tendo apresentado ainda a Performance <i>Rede de Canalização</i>; <i>A Rábula da Baliza</i>, de Gerardo Burmester, em que pinta numa parede branca uma baliza, utilizando um <i>spray</i> de tinta preta, um escadote e um foco que ilumina a parede. Em seguida coloca uma bola num balde de tinta vermelha e remata com força várias vezes contra a parede. Participaram ainda Albuquerque Mendes e António Olaio, entre outros</p> <p>Festival de Performance no <i>Espaço Lusitano</i>, organizado por Albuquerque Mendes e Gerardo Burmester, que apresenta uma Performance em que coloca uma cadeira de cor fluorescente numa sala iluminada com luz negra. Depois da entrada do público a porta é fechada e a luz apaga-se. Ouvem-se durante alguns minutos cães a ladrar, vacas a mugir e porcos a grunhir. O artista entra na sala e começa a prender com fita adesiva cada um dos espetadores à respetiva cadeira até alcançar a fluorescente, a que também se amarra. As luzes acendem intermitentemente ao som de rock pesado, enquanto o artista tenta dançar, por várias vezes caindo, assim desequilibrando o público, a que se encontra ligado através da fita</p> <p><i>Curso 83 – Iniciação às Artes Visuais</i>, promovido pela Galeria Diferença, incluiu seis <i>Sessões de Intercriatividade</i> lideradas por Alberto Carneiro</p> <p><i>Homenagem a Ted Glass</i>, exposição no Espaço Lusitano, em cuja inauguração Albuquerque</p>

produz uma sensação de angústia. Nesse instante Wolf Vostell inicia a sua performance provocando o deslocamento do público para um espaço vizinho. A sua performance consiste em atirar lâmpadas num anteparo de vidro. O ruído e a sensação de explosão produzem alívio e prazer na plateia, talvez pelo contraponto da performance anterior. O conjunto das performances apresentadas pelos Fluxus não dura mais que dez minutos.”⁵⁷

1 de dezembro – *Equinox*, de Paul Taylor, música de Johannes Brahms, figurino de William Ivey Long, luz de Jennifer Tipton

9 de dezembro – *Almada un Nome de Guerra*, de Ernesto de Sousa, estreia em Madrid, na Fundação Juan March

Mendes apresentou uma Performance

Ana Hatherly publica *A Experiência do Prodígio – Bases Teóricas e Antologia de Textos-Visuais Portugueses dos séculos XVII e XVIII*

Retrospectiva de Helena Almeida, FCG, Lisboa

Espectáculo de Variedades Artísticas para uma Escola de Belas-Artes, Grupo Missionário, E.S.B.A.P., com Performances de Albuquerque Mendes, António Olaio, António Melo, Armando Azevedo, Borges Brinquinho, Gerardo Burmester, M. Fortuna, Pedro Tudela, R. Costa e Silvestre Pestana, entre outros⁵⁸. António Olaio apresentou uma Performance “*que militantemente realizava em todo o lado*”, criando uma “*situação pateta, ridícula e desagradável*”, em que, vestindo apenas cuecas e peúgas, tenta dançar sem sair do sítio, com polpa de tomate nos óculos⁵⁹.

Pedro Tudela apresentou *A Tiro*, em que estando tudo às escuras se ouvia um tiro, disparando depois um *strob* que permitia ver o artista “*com um tiro na cabeça*”. Albuquerque Mendes apresentou uma Performance intitulada *Aula*, em que entrava no palco com um ar “*professoral*”, anunciando que ia ensinar como pegar num pincel, para isso solicitando a colaboração de um aluno. Neste momento um palhaço atravessava a plateia, fazendo palhaçadas enquanto o artista lhe fazia perguntas: se era aluno (sim) e de que Curso (Pintura). O artista ensinava então como pegar no pincel, terminando a Performance com a explicação. Embora Armando Azevedo não se recorde claramente da Performance, lembra-se de se apresentar numa cadeira e rodas, tendo um livro consigo. António Melo entrava em palco com uma suposta freira (representada pelo hábito) que transportava uma mala. Melo abria-a e mostrava ao público cerca de dez objetos, dos quais apenas se recorda de três: um exemplar do *Jornal de Letras* e um pacote de pensos higiénicos, terminando a apresentação com um relógio despertador, que, ao contrário do que fez com os restantes objetos, não voltou a colocar na mala, deixando-o a “*despertar*” na frente do palco, enquanto se retirou com a “*freira*”.

Gerardo Burmester apresentou a Performance das bolas de pingpong estreada no ano anterior

Tanza-Variedades, espetáculo multimédia encenado por Ricardo Pais, Teatro da Graça, Lisboa, com Paula Massano (com a coreografia *Em Trânsito*), entre outros

José de Carvalho parte para Amesterdão com uma Bolsa da FCG. No dia anterior à partida realiza uma Performance

⁵⁷ Cf. COHEN, 2007, pp. 54-55.

⁵⁸ Para aceder a testemunhos filmados de alguns dos intervenientes, ver http://www.i2ads.org/sintoma/?page_id=108

⁵⁹ Segundo palavras do artista em http://www.i2ads.org/sintoma/?page_id=108

Performance de Carlos Barroco, Teatro da Graça, Lisboa

Aurism, Performance de Manoel Barbosa na exposição *Perspetivas Atuais da Arte Portuguesa*, SNBA, Lisboa

Vuzsombri, Performance de Manoel Barbosa na Galeria Metrópole, Lisboa

O Desenvolvimento da 3ª Diagonal, Instalação/Performance de Rui Órfão na Galeria CAP

Estou-me nas tintas, Performance de Gerardo Burmester na inauguração da *1ª Exposição Nacional de Desenho*, Palácio de Cristal, Porto, em que depois de se sentar numa cadeira a que se amarra com fita adesiva, mete cada um dos pés num balde tinta (num verde e noutra vermelha) e coloca ao pescoço um letreiro onde se lê a frase que intitula a Performance. Em seguida levanta-se, ainda amarrado à cadeira e transportando os baldes aproxima-se de uma das suas telas, fotografando o seu trabalho a polaroid. Depois senta-se e dispara tinta utilizando uma pistola de água, destruindo a obra original

Performance de Miguel Yeco, Cooperativa Árvore, Porto

Performance de Mineo Aayamaguchi, Cooperativa Árvore, Porto

Performance de António Palolo e Telectu, ESBAL

Performance de Harrie de Kroon, Galeria GestoArte, Évora

Do céu/ o sal, Instalação e Ação de Carlos Nogueira, SNBA, Lisboa, no âmbito da exposição *A História Trágico-Marítima*. Numa sala pintada a azul-céu, na parede estão diversas linhas verticais de algodão branco a toda altura e a uma distância de cerca de 6 cm. No centro da sala há um amontoado de mobiliário coberto com tules e plásticos foscos, como se fosse uma onda. Na parede exterior da sala estavam seis desenhos de céu e no chão montes de sacos de plástico transparente com sal grosso, atados com um atilho azul com uma etiqueta com a tabela da obra. Na inauguração, CN oferece os sacos ao público

Boa viagem/ e escreve, Ação por correio, de Carlos Nogueira, Portugal. Com um Atlas oferecido pelo avô, CN faz recortes semelhantes à configuração dos Açores e envia por correio a cerca de 20 pessoas (kit de papel pautado, envelopes, 3 canetas de aparo, uma caixa preta com aparos de diversas espessuras, e um conjunto de ilhas)

A Companhia Nacional de Bailado apresenta *Diversões*, música de B. Britten, cenário e figurino de Da Silva Nunes, coreografia de L. Gradus; *Prelúdios*, música de F. Chopin, coreografia de Óscar Araiz; *Quatro Canções para Coro Feminino*,

música de Brahms, coreografia de Heinz Sporeli; *A Bela Adormecida*, música de Tchaikovsky, coreografia de Petipa; *Quebra-Nozes*, música de Tchaikovsky, coreografia d'après Petipa; e *Paquita*, música de L. Minkus, cenário de Luís Filipe Abreu, coreografia d'après Petipa

O Ballet Gulbenkian apresenta *Sinfonia em Ré*, música de Haydn, figurino de Tom Shenk, coreografia de Jiri Kylián; *Life-Time*, música de Anthony Davis, cenário e figurino de W. Katz, luz de Orlando Worm, coreografia de Elisa Monte; e *Reunion in Portugal*, música de Kurt Weill, cenário e figurino de Bocco Buffano, coreografia de Louis Falco

O X Estúdio Coreográfico do Ballet Gulbenkian apresenta *Paisagem II*, música de Alan Mouhaness, figurino de Victor Paiva e Manuel Mesquita, luz de Orlando Worm, coreografia de Ana Rita Palmeirim; *O Dia Antes*, música de Webern, figurino de Olga Roriz, luz e coreografia de Gagik Ismalian; *Placitude*, música do New York Jazz Quartet, luz de M. Fernandes e Paula Pinto, figurino e coreografia de Paula Pinto; *Come Back Glenn Miller*, música de Glenn Miller, figurino, luz e coreografia de Marta Atayde; *On Land*, música de Brian Eno, luz de Manuel Fernandes, figurino e coreografia de Edmund Stripe; *Elegia*, música de Haendel, cenário, figurino e luz de Helena Lozano, coreografia de Lúcia Lozano; *Lágrima*, com música de Nina Hagen, figurino, luz e coreografia de Olga Roriz; *Três Mundos*, com música de Debussy e Mussorgsky, luz de Luís Alonso, cenário e coreografia de César Moniz; *Sonatina nº 1*, música de Lopes Graça, figurino de Gagik Ismalian, luz e coreografia de Olga Roriz; e *The Green Man*, música de Patrick Cowley, Francislai e Rockers Revenge, figurino de Marta Atayde, luz de Fernando Bessa, coreografia de Carlos Fernandes

7 Fragmentos, de Madalena Victorino, resultante do seu ateliê, Música de Lute interpretada por Nuno Torca, cenário pelo ateliê e figurino de Madalena Victorino

7 de janeiro – Inauguração de Depois do Modernismo, na SNBA, em Lisboa, coordenada por Luís Serpa, incluindo obras de Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa, Palolo, Gaëtan, José de Carvalho, Julião Sarmiento, Pedro Calapez, ou Sérgio Pombo; projetos de arquitetura de Joaquim Braizinha, João Carrilho da Graça, Manuel Graça Dias, Margarida Grácio Nunes, Fernando Sanchez Salvador, João Vieira Caldas ou Troufa Real; e propostas para *Fato de trabalho para artista pintor* pelas estilistas ou designers de moda Jasmim, Zica Gaivão, Ventura Abel e Vera Castro, entre outros. Incluiu ainda conferências e debates com Eduardo Prado Coelho, Ernesto de Sousa, Germano Celant, José Barrias e José Luís Porfírio (na ESBAL)

13 a 15 de abril – *33 horas a desenhar*, Performance

	<p>de Tília Saldanha e Robert Schad, átrio do Goethe Institut, Lisboa</p> <p>26 de maio (a 9 de junho) – 1ª Exposição Homeostética, na ESBAL, que incluiu um manifesto, um hino, uma banda sonora (<i>Concerto para máquina de lavar a loiça e pandeireta</i>) e a revista/fanzine <i>Filhos de Átila</i>, da qual saíram dois números durante a exposição. Os Homeostéticos incluíram Fernando Brito, Ivo, Manuel João Vieira, Pedro Portugal, Pedro Proença e Xana</p> <p>5 de julho – <i>Albuquerque Mendes e Gerardo Burmester fazem férias no Espaço Lusitano</i>, Performance de ambos os artistas, Espaço Lusitano, Porto. A galeria foi repintada, representando gelados gigantes nas paredes e no chão o mar e uma ilha a meio. Albuquerque Mendes aparece de fato e gravata com um saco de praia, estendendo uma toalha sobre a ilha e cobrindo-se com protetor solar. Gerardo Burmester aparece vestido com um fato de mergulho e uma mala, deitando um líquido no chão, com o qual começa a produzir espuma. Albuquerque Mendes “nada” enquanto Burmester retira da mala peixes crus que atira ao público. Um sorveteiro presente desde o início distribui os gelados pelo público, enquanto os artistas chupam os seus sorvetes</p> <p>18 de julho – Abertura da galeria Altamira, Lisboa</p> <p>20 de julho – Inauguração do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian</p> <p>27 de novembro – Abertura da galeria Gilde, Guimarães</p> <p>6 de dezembro – <i>Paisagem(s) de (man)dar</i>, de Carlos Nogueira, SNBA, Lisboa</p> <p>6 a 17 de dezembro – II Exposição Homeostética, intitulada <i>Um Labrego em Nova Iorque</i>, ESBAL</p>
<p>1984 Criação do grupo japonês Dumb Type, formado por estudantes na Kyoto University of the Arts, inicialmente dirigido por Teiji Furuhashi</p> <p><i>Mensch und Raum</i> (Homem e Espaço), Simpósio Internacional de Arquitetura na Universidade de Tecnologia de Viena (Technische Universität Wien), com a participação de Jorge Glusberg, entre outros</p> <p><i>Performance Portugaise</i>, no âmbito da exposição <i>Art et Révolution</i>, exposição no Centre Georges Pompidou, Paris comissariada por Egídio Álvaro, apresentando Fernando Aguiar (<i>Epoppée Portugaise</i>), Manoel Barbosa (<i>Crumd</i>, com Telectu e Dismgr), Gerardo Burmester (<i>Bolas de pinpong</i>), Carlos Gordilho, Albuquerque Mendes (<i>Ritual</i>, a 25 de abril), Elisabete Mileu, António Olaio (com <i>Il faut danser Portugal</i> e <i>Le Monde danse Peinture</i>, em que atuou nú e sem música), Rui Órfão (com <i>A Divina Essência de Um Círculo Vicioso</i>), Miguel Yeco e Telectu (Jorge Lima Barreto e Vítor Rua)</p>	<p>Grupo Experimental de Dança Jazz, criado por Rui Horta, passa a chamar-se Companhia de Dança de Lisboa (1984)</p> <p>Reabertura do Museu de Arte Contemporânea do Chiado</p> <p>Almada Negreiros e o Espetáculo, exposição realizada no CAM</p> <p><i>Almada e o Dia Claro</i>, com participação de Margarida Bettencourt</p> <p>Exposição comemorativa dos 25 anos do CAPC</p> <p>IV SITU – Semana Internacional de Teatro Universitário, Coimbra, incluindo uma Performance de Manoel Barbosa (<i>Aoormnuud</i>) e <i>Solos</i>, um solo de Paula Massano, com cenário e figurino de Nuno Carinhas e (segundo algumas fontes) António S. Ribeiro, música de Annie Lenox e luz de Armindo Dias, apresentada no programa da seguinte maneira: “A personagem vai acordar num plano inclinado,</p>

Curso para coreógrafos e compositores, Guildford, Inglaterra, dirigido por Alwin Nikolais, é frequentado por Olga Roriz e Margarida Bettencourt

Art is Action II, Kassel, Performance (bolas de pingpong) de Gerardo Burmester

Urbi et Orbi, Performance de Carlos Gordilho, Parc L'Ile Marente Paris/Colombes, organização do Concelho das Comunidades Portuguesas em França

Elena's Aria, de Anne Teresa de Keersmaeker

23 de fevereiro – *Almada un Nome de Guerra*, de Ernesto de Sousa, é apresentado em Barcelona, na Fundação Juan Miró

20 de março – *Byzantium*, de Paul Taylor, música de Edgar Varèse, cenário de David Gropman, figurino de William Ivey Long, luz de Jennifer Tipton

Novembro – *Artistas-Fotógrafos em Portugal*, exposição coletiva no Museu de Arte Contemporânea de S. Paulo, com a participação de Ernesto de Sousa, entre outros

11 e 12 de setembro – *Almada, Um Nome de Guerra*, (operação estética mixed-media), de Ernesto de Sousa, é apresentada no CAM

25 de novembro a 1 de dezembro – *Portuguese Performance Festival*, na Galerie MAKKOM, Amsterdão, com Performances de Albuquerque Mendes (*Ritual*), Carlos Gordilho, António Olaio, Miguel Yeco, Ção Pestana, Silvestre Pestana e Victor Pomar (segundo Egídio Álvaro, a seu pedido)

desenrolando-se da imobilidade dormente para a posição vertical, em silêncio. A personagem encontra um estimulante para acordar melhor: a música. O som que rompe o silêncio é uma canção pela voz de Annie Lennox, que canta um acordar. O telefone vai tocar. O gravador automático vai responder, dizendo que quem quer que seja deixe a mensagem gravada depois de ouvir o bip. A voz do outro lado do telefone deixa a cassette impressa com um monólogo para gravadores de telefone, falando de coisas inconvenientes como por exemplo o amor. A voz voltará a telefonar. A personagem não responde, deixando-se entretida com rotinas pessoais. A música, interrompida pelas chamadas, volta a ouvir-se. Por fim a personagem pegará no telefone para se divertir a não dizer nada. Tudo isto se passará com brevidade, em forma de divertimento do corpo envolto doutras linguagens. Este trabalho exige determinadas premissas de conforto anti-depressivo indispensáveis ao acordo inequívoco de todos os Solos que a constituem. 'Solos' tem a sua estreia absoluta neste Festival".⁶⁰

Rotm, Performance de Manoel Barbosa na Galeria Espaço Lusitano, Porto

1º Esboço para o V Império, SNBA, Performance de Miguel Yeco com o Grupo Maima, J. d'Ávila e Telectu, entre outros

O Ballet Gulbenkian apresenta *Estranhos Transeuntes*, com música de Steve Reich, cenário e figurino de Ana Silva e Sousa, luz de Orlando Worm, coreografia de Vasco Wellenkamp; *Lágrima*, com música de Nina Hagen, cenário, figurino, luz e coreografia de Olga Roriz; e *O Livro dos Seres Imaginários*, de Olga Roriz, baseado numa história de Jorge Luis Borges e que enceta a sua colaboração com o cenógrafo e figurinista Nuno Côrte-Real, com música de Robert Paris e luz de Orlando Worm; e *Só Longe Daqui*, de Vasco Wellenkamp e Ricardo Pais

A Companhia Nacional de Bailado apresenta *Sagração da Primavera*, música de I. Stravinsky, cenário e figurino de Da Silva Nunes, coreografia de Carlos Trincheiras; *Lago dos Cisnes (2º ato)*, música de Tchaikovsky, coreografia de Petipa e Ivanov; *Concerto Barroco*, música de J. S. Bach, coreografia d'après Balanchine; e *A Mesa Verde*, música de F.A. Cohen, cenário e figurino de Hein Heckroft, luz de Hermann Marakard, coreografia d'après Kurt Joos

ZOO&lógica – Uma Instalação a Habitar por Coreografias, galeria Os Cómicos; ideia de Paula Massano, com coreografia de Gagik Ismalian, Ana Rita Palmeirim (ambos bailarinos do Ballet Gulbenkian) e Paula Massano; e instalação de Nuno Carinhas, também figurinista; participação de

⁶⁰ Cf. BARROS [s/d]: pp. 52-55

Margarida Bettencourt

ZOO&lógica III – O corpo é uma paisagem, com coreografia de Paula Massano (segundo algumas fontes também Ana Rita Palmeirim e Gagik Ismalian), música de C. Zíngaro e Constança Capdeville, cenário e figurino de Nuno Carinhas, luz de Paulo Graça

Vamos Satiar, de Constança Capdeville, com participação de Margarida Bettencourt

Olga Roriz apresenta-se pela primeira vez como coreógrafa-solista com *Incerto-Exato* e cria *Cadência* para o Dança Grupo, a sua primeira encomenda de um grupo exterior

Dia de S. Nunca à Tarde, de Madalena Victorino, resultado do seu ateliê, acompanhado por poemas ditos e cantados por Teresa Rita Lopes e com figurino de Madalena Victorino

Vera Mantero integra o elenco do Ballet Gulbenkian

Rotm, Performance de Manoel Barbosa na Galeria Espaço Lusitano, Porto

3 de fevereiro – Inauguração da galeria Cómicos/ Luís Serpa

25 de fevereiro – Intervenção pública contra a demolição do cinema Monumental, Praça do Saldanha, Lisboa, incluindo uma Ação de Carlos Nogueira. Manifestação organizada por José Manuel Fernandes, na altura professor na ESBAL, que reúne vários alunos de Arquitetura e outros indivíduos, num protesto que deu origem a uma transmissão em direto para a rádio. Para além da presença de uma banda, CN, vestido com um dos figurinos utilizados na *homenagem a Bosch* (transformado), liberta no ar balões coloridos

Abril – Criação da Companhia de Dança de Lisboa, por proposta de José Manuel Oliveira e Rui Horta. A companhia foi constituída através de audições em Nova Iorque, em Lisboa e Londres. Inicialmente contava com doze bailarinos e quatro estagiários, tendo Rui Horta como coreógrafo e diretor artístico

6 de abril – Abertura da galeria E.G., Porto

Maio – III Exposição Homeostética, intitulada *Se em Portimão Houvesse Baleias*, realizada na livraria/galeria Quarto Crescente, Portimão

21 a 25 de maio, Pornex 84, exposição coletiva, FCSH, Lisboa. Incluiu trabalhos de Rui Zink, Miguel Vale de Almeida, Maria João Ramos, Mário Alberto e Ana Vilante, entre outros; conferências de Ernesto Melo e Castro, Moisés Espírito Santo, Alberto Pimenta, Carlos Jesus e Rui Zink e ainda a exibição de filmes, incluindo *Dez anos depois*, um “Vídeo-happening” de Rui Simões

Junho – Ernesto de Sousa comissaria pela terceira vez consecutiva a representação portuguesa à Bienal de Veneza, selecionando José Barrias, com a

exposição *Noitiário*

Profanação – Instalação de Ernesto de Sousa na Cooperativa Árvore (composta por um *graffiti* coletivo, a série de desenhos *Mátria* e um altar com uma velha máquina fotográfica)

4 de agosto a 2 de setembro – IV Bienal Internacional de Arte de Cerveira. Incluiu Performances de Albuquerque Mendes (*Envelope surpresa*), que com Gerardo Burmester apresentou ainda uma ação promovida pelo Espaço Lusitano (que reconstituem uma sala de aula, afixando na parede cartazes com frases como “A crítica só gosta do que promove”, “Seja concetual para amanhã poder ser um pintor figurativo”, “Faça performance, é publicidade”, “Já não é vergonha vender-se pintura, passe-se a oferecê-la”, “Um bom artista é aquele que vem na capa do colóquio”, “Vacine-se contra o síndrome dos júris ou “A melhor pintura é a dos nossos amigos”); e também de A. Viana, Elisabete Mileu, Fernando Aguiar (*Segurança Interna*), Grupo Néon, Ícaro, Manoel Barbosa (*Dismgr* com Telectu) e Silvestre Pestana, entre outros. Incluiu ainda *ARTITUDE: 01/* revista multimédia e um concerto de homenagem a La Monte Young, pelos Telectu, que também interpretaram *Compositions 1960*, deste autor. Nesta edição atribuiu-se pela primeira vez um prémio para a categoria Performance, entregue a Mineo Aayamaguchi, e os Telectu receberam o Prémio Intervenção

11 e 12 de setembro – *Almada, Um Nome de Guerra (operação estética mixed-media)*, de Ernesto de Sousa, é apresentada no CAM

Outubro – Abertura da galeria Novo Século, Lisboa

Outubro – Abertura da galeria S. Bento, Lisboa

5 de outubro – Performance de Albuquerque Mendes na inauguração da exposição *Os frequentadores do Cabaret Voltaire*, Galeria EG, Porto, em que recebeu os convidados envergando um fraque. Em seguida, o grupo *Caixa de Pandora* apresentou o espetáculo *Teatro no café*, “um divertimento alusivo aos anos 30 e 40”. O artista abriu depois um baile ao dançar com uma das participantes

9 de outubro – *Caretos*, Performance de João Vieira, realizada na inauguração da exposição com o mesmo nome na Galeria Quadrum, Lisboa (com a participação do Grupo de Janita Salomé), e incluindo uma Vídeo-Performance, realizada por Cerveira Pinto, U-Matic, cor, 25’

9 de dezembro – Inauguração da galeria EMI – Valentim de Carvalho, dirigida por Maria Nobre Franco (encerrada em 1986)

1985 *Knuurd or Knuurd*, Performance de Manoel Barbosa no ICA – Institut of Contemporary Arts, London

Inauguração do Museu Nacional do Teatro

Criação do Movimento Internacional para a Nova

Perfo-3, Roterdão, organizada por Guy Brett, Gerardo Burmester apresenta a Performance das bolas de ping-pong e uma outra em que, estando sentado e com a cara pintada com tinta fluorescente, retira duma mala uma caveira pintada com a mesma cor. Acompanhado pela música dos *Nash the Slash* e com luz intermitente, tenta limpar a tinta da caveira com uma escova de unhas

Performances de Gerardo Burmester, *Art is Action*, Kassel (apresentando a Performance da baliza e a das bolas de ping-pong)

Intervention III, Verrières, Paris, com a participação de António Olaio, entre outros

10 de abril – *Roses*, de Paul Taylor, música de Richard Wagner e Heinrich Baermann, figurino de William Ivey Long, luz de Jennifer Tipton

16 de abril – *Last Look*, música de Donald York, cenário e figurino de Alex Katz, luz de Jennifer Tipton

Maio – Exposição de Artur Varela na Galerie Diagonale, Paris, de Egídio Álvaro

5 de setembro – *Lateral Pass*, de Trisha Brown, com Trisha Brown, Iréne Hultman, Carolyn Lucas, Diane Madden, Stephen Petronio, Lisa Schmidt, Vicky Shick e Randy Warshaw, Walker Art Center, Minneapolis

Museologia (MINOM), aquando do 2º Atelier Internacional da Nova Museologia, Lisboa

Egídio Álvaro propõe que a Expo AICA integre uma secção dedicada à Performance e outra à Poesia Visual, e convida Fernando Aguiar (*Tudo pelo Interesse Público*), Silvestre Pestana, António Barros, Miguel Yeco, Rui Órfão, Carlos Gordilho e António Olaio com, Fernando Aguiar)

I Bienal de Arte dos Açores e Atlântico, Ponta Delgada, Açores

Poemografias, projeto de Fernando Aguiar e Silvestre Pestana, composto por uma exposição itinerante (com trabalhos de Abílio José Santos, Alberto Pimenta, Ana Hatherly, Antero de Alda, António Aragão, António Barros, E.M. de Melo e Castro, Fernando Aguiar, José-Alberto Marques, Salette Tavares e Silvestre Pestana), uma publicação e a edição duma cassete de poesia sonora e fonética. A exposição foi apresentada na Galeria Diferença (Lisboa), Galeria Nova (Torres Vedras), Galeria Municipal de Arte (Évora) e CAPC (Coimbra)

Alternativa IV, Cascais, com a participação de António Olaio, entre outros

Perform' Art – I Encontro Nacional de Performance Art, Torres Vedras, organizado pela Cooperativa de Comunicação e Cultura de Torres Vedras, Fernando Aguiar e Manoel Barbosa. Incluiu três exposições: uma fotobiográfica, acerca de 30 anos de *Happening* e Performance em Portugal, consagrada à *arte corporal* e homenageando José Conduto, para além de uma secção de Vídeo-Arte, com um vídeo de Vítor Rua. Participação de Miguel Yeco (com *Paris em Pessoa – 1ª variação*), Rui Órfão, Albuquerque Mendes (que apresentou AICA, uma Performance que consistiu numa corrida de sacos, em que escreveu os nomes de Rui Mário Gonçalves, José Luís Porfírio, Egídio Álvaro, João Pinharanda, Alexandre Pomar, José-Augusto França e Fernando Azevedo, atribuindo depois ao vencedor, do saco com o nome de Álvaro, uma taça e uma medalha), Silvestre Pestana, António Olaio, Pedro Tudela, Artitude:01, António Barros, Carlos Gordilho, Cão Pestana, António Melo, Elisabete Mileu, Gerardo Burmester (com a Performance da caveira apresentada neste ano em Kassel e a *Rábula da Baliza*), Icaro, Manoel Barbosa (com *Amscrd*), Fernando Aguiar (*Segurança Interna II*), D.W Art e Telectu. Incluiu ainda *ARTITUDE: 01/* revista comportamental

EXPO-AICA – 85, organizada por diversos críticos da AICA, em que Egídio Álvaro convida Fernando Aguiar, Silvestre Pestana, António Barros, Miguel Yeco, Rui Órfão, Carlos Gordilho e António Olaio

Um Século em Abismo, espetáculo multimédia, CAM, Lisboa, com Telectu, António Palolo, João Perry, Rui Simões, E.M. de Melo e Castro, Grupo

Néon, J. d'Ávila e Grupo de Música de Lisboa

Ernesto de Sousa, Carlos Gentil-Homem, Fernando Camecelha, Isabel Alves e Maria Estela Guedes organizam a festa *Celebre Ação*, incluindo a apresentação do Vídeo *Casanovas*, de Rui Castelo Lopes (sobre *Almada, um Nome de Guerra*)

Ernesto de Sousa, com o apoio da Cooperativa Diferença, constitui o grupo *Triplo V*, destinado a promover a interdisciplinaridade

Linha de Horizonte, espetáculo de Lourdes Castro e Manuel Zimbro, é apresentado em Lisboa, no CAM da Fundação Gulbenkian

OK OK Ams, Performance de Manoel Barbosa no bar Aniki-Bobó, Porto

Poesia Contra Verso, Performance de Fernando Aguiar e Alberto Pimenta, Chiado, Lisboa

Le Temps du Regard, espetáculo multimédia itinerante com Michala Marcus, Carlos Zíngaro, Kent Carter e Joel Capella Lardeaux, organizado pelo Ar.co e pelo Instituto Franco-Português

José de Carvalho regressa a Portugal após estadia na Holanda e apresenta a exposição *Heróis*, na Galeria Cómicos, Lisboa. De acordo com o que Luís Serpa tinha instituído, no convite figuraria uma fotografia do próprio artista, o que deu origem à última Performance conhecida de José de Carvalho, que na sessão fotográfica com Mário Cabrita Gil, estando nu, se auto-mutilou com uma lâmina, numa ação inesperada

Encerramento do *Espaço Lusitano*, Porto

O Ballet Gulbenkian apresenta *Regresso a Uma Terra Estranha*, música de L. Janacek, coreografia de Jiri Kylián; *Só Longe Daqui*, música de C. Capdeville, cenário e figurino de António Lagarto, luz de Orlando Worm, autoria de Vasco Wellenkamp e Ricardo Pais; *Labirintos*, música de Berio, Stravinsky, G. Rochenberg, cenário de Fernando Filipe, luz de Orlando Worm, coreografia de Vasco Wellenkamp; *Três canções de Nina Hagen*, música de Nina Hagen, figurino, luz e coreografia de Olga Roriz

Companhia Nacional de Bailado apresenta *Cisne Negro (Pas de deux)*, música de Tchaikovsky, coreografia d'après Petipa; *Romeu e Julieta (Pas de deux)*, coreografia de G. Skibine; *Napoli (III ato)*, música de Paulli Helsted e Gade Lumbye, coreografia d'après Bournonville; *Suite en Blanc*, música de Edouard Lalo, coreografia d'après Serge Lifar; *There is a Time*, música de Norman Dello Joio, figurino de Pauline Lawrence, luz de Lary Opitz, coreografia de José Limón com encenação de Jennifer Scanlan; *Conto de Fadas*, música de A. Scriabine, cenário e figurino de João Correia Pais, coreografia de Lúcia Marta; *Escapades*, música de Max Roach, coreografia de Alvin Ailey; *Pas-de-*

Quatre, música de César Pugni, coreografia d'après Jules Perrot; e *Giselle (Pas-de-deux dos Camponeses)*, música de Burgmuller, coreografia d'après Coralli

Olga Roriz cria *Terra do Norte* (para o Ballet Gulbenkian, com música tradicional minhota e transmontana recolhida por Michel Giacometti, cenário e figurinos de Nuno Côrte-Real); *Troianas*, para a Companhia Nacional de Bailado (com música de Vitorino, Janita Salomé e Constança Capdeville), encentando a sua colaboração com o cenógrafo e figurinista Nuno Carinhas; *Tu e Eu*, encenado por João Lourenço para o Novo Grupo/Teatro Aberto; e *Teatro de Enormidades Apenas Críveis à Luz Elétrica*, para o Fórum de Viseu, produzido por Ricardo Pais, com a colaboração de António Emiliano, Luís Madureira e António Lagarto

A Companhia de Dança de Lisboa apresenta *Cinco Canções do Mar*, música de George Winston, cenário de Carlos Natividade Corrêa, figurino de Rita Carneiro e Jean Laffront, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Rui Horta; *Insónia*, música de Side Paige e David Shelander, cenário e figurino de Rui Horta, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Rui Horta; e *Sete Situações à Volta da Mesa*, música de Mark Haim, figurino de Adriano Amori, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Mark Haim; *Floe*, música de Philip Glass, luz de José Manuel Oliveira, figurino e cenário de Richard Cabezas; *Missing Persons*, música de Ariel Ramirez, cenário e figurino de Jean Laffront, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Marc Bogaerts; *Tráfego*, música de Sousa Afonso, cenário de José Carlos Neto, figurino de Nuno Carinhas, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Rui Horta; *Loop Condition*, música de Dingo Doingo, figurino de Luís Martins, luz de José Manuel Oliveira, cenário e coreografia de Patrice Soriero; *Johny and Maybellene*, música de Chuck Berry e Bruce Springsteen, figurino de Jean Laffront, luz de José Manuel Oliveira, cenário e coreografia de Patrice Soriero; *Cocktail para três*, música de Dave Makena, Dave Bruebreck, Bennie Goodman, figurino de Luísa Figueirola e Luísa Martins, luz de José Manuel Oliveira, cenário e coreografia de Rui Horta

Madalena Victorino regressa a Portugal e cria *Entrelaços*, resultado do seu ateliê, ao som de 3 *Exorcismos*, orquestrado por Lopes Graça, cantado por Côro Arsis, direção de Francisco d'Orey e figurino de M. José Jacinto

Primeiro Encontro dos Peixes, de Margarida Bettencourt

Paula Massano vai para Nova Iorque, onde frequenta a escola da Merce Cunningham Dance Company, e outras, especialmente de dança africana

Margarida Bettencourt vai para Nova Iorque, onde frequenta a escola da Merce Cunningham Dance Company

22 de janeiro – Estreia nacional da Companhia de Dança de Lisboa, Teatro Garcia de Resende, Évora

21 de fevereiro a 16 de março – Celebração da Celebração, exposição coletiva na Galeria Diferença, composta pelos trabalhos incluídos na caixa de arte *Pipxou*, concebida por Ernesto de Sousa e organizada por Maria Estela Guedes e Fernando Camecelha, incluindo sobretudo obras de artistas da Diferença, e lançada pelo grupo Triplo V numa tiragem de 100 exemplares

28 de março a 16 de junho – Exposição-Diálogo Sobre Arte Contemporânea – Teatro, Música, Performance, no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, organizada pelo Conselho da Europa e CAM, e com René Berger como comissário-geral. Contou com a participação dos museus Museum Moderner Kunst (Viena, Áustria), Stedelijk Museum voor Actuele Kunst (Gante, Bélgica), Nationalgalerie Staatliche Museen Preußischer Kulturbesitz (Berlim, Alemanha), Galleria Nazionale d'Arte Moderna (Roma, Itália), Museum Boijmans-van Beuningen (Roterdão, Holanda), Sonja Henie-Niels Onstad Foundations (Hovikodden/Oslo, Noruega), Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, Portugal) e Moderna Museet (Estocolmo, Suécia). Obras de Carl Andre, Georg Baselitz, Joseph Beuys, Mark Boyle, Bard Breivik, Marcel Broodthaers, Alberto Burri, Michael Buthe, Lourdes Castro, Sandro Chia, Heinz Cibulka, Francesco Clemente, Enzo Cucchi, Hanne Darboven, Jan Dibbets, Erik Dietman, Jean Dubuffet, Ger van Elk, Luciano Fabro, Oyvind Fahlstrom, Lucio Fontana, Franz Gertsch, Gilbert & George, Jan Groth, Keith Haring, Marianne Heske, Jasper Johns, Asger Jorn, Olle Kaks, Ellsworth Kelly, Anselm Kiefer, Edward Kienholz, Per Kirkeby, Yves Klein, Jannis Kounellis, Nikolaus Lang, Maria Lassnig, Sol LeWitt, Bernd Lohaus, Richard Long, Piero Manzoni, Walter de Maria, Jorge Martins, Fausto Melotti, Mario Merz, Malcom Morley, Bruce Nauman, Hermann Nitsch, Oswald Oberhuber, Claes Oldenburg, Nam June Paik, Mimmo Paladino, Panamarenko, Giulio Paolini, Pino Pascali, A. R. Penk, Costa Pinheiro, Anne a. Patrick Poirier, Sigmar Polke, Júlio Pomar, Royden Rabinowitch, Arnulf Rainer, Robert Rauschenberg, Roger Raveel, Carsten Regild, Paula Rego, Gerhard Richter, Klaus Rinke, Ulrich Ruckriem, David Salle, Tom Sandberg, Hubert Schalix, Julian Schnabel, Rudolf Schwarzkogler, Richard Serra, Joel Shapiro, Pierre Soulages, Ângelo de Sousa, Frank Stella, Jean Tinguely, Cy Twombly, Emilio Vedova, Jan Vercruyssen, Wolf Vostell, Franz Erhard Walther, Andy Warhol e Jakob Weidemann. O programa paralelo incluiu trabalhos de Lourdes Castro e

Manuel Zimbro (*Linha de Horizonte*, 26, 27 e 28 de março); Maurício Kagel (*Acústica para fontes sonoras e experimentais alto-falantes e Orwell*, a 29 de março); Companhia Jan Fabre (*O Poder da Loucura Teatral*, a 30 março e 1 abril); Wolf Vostell (*Concerto Fluxus: Kleenex, New York Times, Fandango, Homenagem a F. Garcia Lorca, Joana a Louca (Homenagem), A Sibéria da Estremadura, Os Nus e os Mortos (Extrato) e Jardim das Delícias (Fluxus Opera)*, a 13 de abril); Companhia Jack Helen Brut (*Revelação e Light Copy*, a 19 e 20 de abril); Carlos Gordilho (*Desencanto do Dia Claro e Interior Maldito*, a 26 e 27 de abril, respetivamente); Stuart Brisley e Janet Anderson (com a Performance *Em Direção à Zona Intermédia Georgiana Collection n° 19*, a 3 de maio); Fernando Aguiar (*Ensaio para uma Interação da Escrita, Performance*, a 11 de maio), As Percussões de Estrasburgo (*Rotativos*, de Giacinto Scelsi; *Sonata para 2 Pianos e Percussão*, de Bela Bartok; *Ionização*, de E. Varese; *Área*, de F. B. Mache e *Hierophonie*, de Y. Taira, a 18 de maio); Marina Abramovic e Ulay (*Nightsea Crossing*, a 31 de maio e 1 de junho); Ulrich Rosenbach (*Die Eulenspieglerin*, a 7 e 8 de junho); e Teatro de la Cloaca (*Ações de Rua*, a 10 junho; *Festa*, a 11 e 12 junho; *Antologia*, a 13 e 14 junho e *Labirinto*, a 15 e 16 junho). Em abril, realizou-se uma mesa-redonda sobre Performance, moderada por Manuel Rio de Carvalho e com a participação de Ernesto de Sousa, Fernando Aguiar, João Vieira e Wolf Vostell

Maio – Inauguração do ACARTE – Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte, criado por Madalena Perdigão. A programação de Dança estrangeira iniciou (em dezembro) com a apresentação de um trabalho de Molissa Fenley, na Sala Multiusos do Centro de Arte Moderna

20 de maio – Criação da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento

Junho – A Lucinda Childs Dance Company apresenta-se no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, Lisboa, com um programa incluindo *Einstein on the Beach*. Companhia convidada pelo Ballet Gulbenkian, foi pateada por grande parte do público presente

Junho – A *Banana Eletrónica*, primeira Ação dos Felizes da Fé, Chiado, Lisboa

12 de junho – Assinatura do Tratado de Adesão de Portugal à CEE

Julho – Por decreto-lei, a Companhia Nacional de Bailado é integrada no Teatro Nacional de S. Carlos

Setembro a outubro – Exposição Pintura portuguesa: obras destinadas ao Museu de Arte Moderna do Porto, Galeria Almada Negreiros, Lisboa

Outubro – 1ª Exposição de Arte Contemporânea, MNSR

Novembro e dezembro – Quinzena Multimédia, organizada pelo ACARTE, Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna, apresentando trabalhos de acentuado carácter tecnológico, incluindo do grupo Néon (com *Performática*, espetáculo multimédia concebido por Carlos Barroco, cuja “ação decorre num laboratório imaginário, onde as personagens serão caracterizadas visualmente como humanos-automáticos, reagindo a efeitos visuais e sonoros característicos dos anos 80”⁶¹; realização visual de Carlos Barroco e José Fabião; som de Carlos Zíngaro; Rui Reininho e Natércia Rocha como performers; figurino e adereços de Nádía Baggioli; circuitos eletrónicos de José Casimiro; e Bert Hendrick como operador de computadores), do grupo canadiano Performance Multi Média (com *L’Écran Humain*: conceção, realização, direção artística e imagens (1300 projetadas por 15 projetores) de Paul St-Jean; música de Marcelle Deschênes e Philip Glass; e um elenco composto por Carlo Bengio, Alberto Bertelli, Mónica Lapa, Sylvie Marcoux, Sophie Michaud, Michel Roupaix e Paul St-Jean), e Nan Hoover (com *Intercept the Rays*, filme e vídeo). A programação compreendeu ainda o ateliê *Molecul’art*, de “integração multidisciplinar das técnicas audiovisuais, coreográficas e cenográficas”, liderado por Carlo Bengio e Paul St-Jean e a Comunicação Visual e Sonora *18 L’atitudes da Performance*, por Manoel Barbosa, em que apresentou o trabalho dos seguintes performers: Anthony Howell, Dieter Appelt, Elizabeth Chitty, Gerardo Burmester, M. Abramovic/Ulay, Min Tanaka, Nigel Rolfe, Rui Órfão, Urs Luthi, Christina Kubisch, Elisabete Mileu, Laurie Anderson, Jan Fabre, Marc Chaimowicz, Natalia L.L., Orlan, Stuart Brisley e VALIE EXPORT

6 de novembro 1985 a 17 de agosto 1987 – X Governo Constitucional, liderado por Cavaco Silva. Secretária de Estado da Cultura, Teresa Patrício Gouveia

16 de novembro – *Coimbra, 16 Nov. 85*, Performance de Fernando Azevedo, Galeria CAPC, Coimbra

25 de novembro – Despacho n. 150/85 que determina a constituição da Comissão Organizadora do Museu Nacional de Arte Moderna

28 de novembro – Inauguração da exposição Arquipélago, na SNBA, Lisboa, incluindo obras de Ana Léon, José Pedro Croft, Pedro Cabrita Reis, Rosa Carvalho, Pedro Calapez e Rui Sanches

13 de dezembro – Inauguração da Galeria Nasoni, Porto, da responsabilidade de Armando Alves,

⁶¹ Cf. PERDIGÃO, 1985

	<p>António Cabecinha e José Mário Brandão</p> <p>20 de dezembro – Fixação do programa e estudo preliminar das instalações da Galeria Nasoni (relatório de José-Augusto França, membro da Comissão Organizadora)</p>
<p>1986 <i>Three Linked Cubes/ Interior Design for a Space Showing Videos</i>, de Dan Graham</p> <p><i>I Do Not Know What It Is I Am Like</i>, de Bill Viola</p> <p><i>I'm Not the Girl Who Misses Much</i>, de Pipilotti Rist</p> <p><i>Waterproof</i>, de Daniel Larrieu</p> <p>Curso Internacional para coreógrafos e compositores, Guildford, Inglaterra, em que Vera Mantero participa</p> <p>Fernando Aguiar é convidado por Julien Blaine a organizar o número da revista <i>DOC(K)S</i> dedicado a Portugal, que estruturou em duas seções. A primeira, dedicada à poesia visual portuguesa, incluiu obras de António Dantas, E. M. de Melo e Castro, Ana Hatherly, Alexandre O'Neil, António Barros, António Campos Rosado, Antero de Alda, António Aragão, Alberto Pimenta, Silvestre Pestana, Abílio-José Santos, José-Alberto Marques, António Nelos e Fernando Aguiar. A segunda, dedicada à performance portuguesa, inclui fotos de intervenções de António Barros, Vítor Pi e Joaquim Lourenço, Carlos Gordilho, Fernando Aguiar, Miguel Yeco, Rui Órfão, Ção Pestana, Delphim Miranda, Albuquerque Mendes, Elisabete Mileu, Grupo Neon (Carlos Barroco, José Fabião e Nadia Bagioli), Francisco Ginjeira, Artitude:01 (António Barros, Isabel Carlos, Isabel Pinto, João Torres, José Louro e Rui Órfão), António Olaio, Ana Hatherly, João Vieira, e Alberto Carneiro</p> <p><i>Festival de Cogolin</i>, com trabalhos de Fernando Aguiar, António Barros, Elisabete Mileu e Silvestre Pestana, a convite de Egídio Álvaro</p> <p>Lourdes Castro apresenta o seu teatro de sombras na Bienal de S. Paulo</p> <p>Performance de António Olaio, <i>Art is Action III</i>, Galerie Zorro, Kassel, a convite de Egídio Álvaro</p> <p><i>Intervention III</i>, Verrières, Paris, com a participação de António Olaio, entre outros</p> <p><i>Gmuזורqm</i>, Performance de Manoel Barbosa na Prostor PM, Zagreb</p> <p>1 de abril – <i>Ab Ovo Usque Ad Mala (From Soup to Nuts)</i>, de Paul Taylor, música de P.D.Q. Bach (Peter Schickele), cenário e figurino de Alex Katz, luz de Jennifer Tipton</p> <p>8 de abril – <i>Musical Offering</i>, de Paul Taylor, música de Bach (orquestrada por Anton Weber e Frank Michael Beyer), cenário e figurino de Gene Moore, luz de Jennifer Tipton</p> <p>10 de dezembro – <i>Carmen</i>, de Trisha Brown, com</p>	<p>Despacho n. 28/86 que divulga determinações da SEC com base no parecer da Comissão Organizadora do Museu Nacional de Arte Moderna sobre a criação e funcionamento deste Museu</p> <p>A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento inicia a sua coleção de Arte Contemporânea</p> <p>Encerramento da Galeria Valentim de Carvalho</p> <p>Abertura da Escola Superior de Dança, incluindo Joana Providência como aluna, após estudos de Dança Clássica na Royal Academy of Dancing</p> <p>Criação da Companhia de Dança de Aveiro</p> <p>The Joyce Trisler Danscompany apresenta-se no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, Lisboa</p> <p>O Ballet Gulbenkian apresenta <i>Pulcinella</i>, música de I. Stravinsky, figurino de Ika Skomorl, cenário e coreografia de Milko Sparemblek; <i>Nuages</i>, música de Debussy, coreografia de Jiri Kylián; <i>Terra do Norte</i>, música tradicional transmontana e minhota, cenário e figurino de Nuno Côrte-Real, coreografia Olga Roriz; <i>Benção de Deus na Solidão</i>, música de Liszt, figurino de Helena Lozano, coreografia de Vasco Wellenkamp; <i>Interiores</i>, música de Scriabine, cenário e figurino de Nuno Carinhas, luz de Fernando Bessa, coreografia de Vasco Wellenkamp; <i>Dança dos Espíritos</i>, ao som de canções folclóricas sul-americanas, figurino de Belinda Scarlett, luz de Nick Chelton, cenário e coreografia de Christopher Bruce; <i>Três Sonhos de Pássaros</i>, música de François Bayle e texto de António S. Ribeiro, luz de Fernando Bessa, coreografia de Vasco Wellenkamp; <i>Terra de Ninguém</i>, música de Steve Reich, coreografia de Olga Roriz; <i>Escargot</i>, música de Ralph McDonald, figurino de M. Vollbracht, luz de Richard Nelson, coreografia de Louis Falco; <i>Espaço Vazio</i>, música de António Emiliano, cenário e figurino de Nuno Carinhas, luz de Orlando Worm, coreografia de Olga Roriz; e <i>Antigas Vozes de Crianças</i>, música de Georges Crumb, cenário de Helena Lozano, figurino de São, luz de Orlando Worm, coreografia de Vasco Wellenkamp</p> <p><i>Lisboa – Nova Iorque – Lisboa I</i>, ateliê e espetáculo dirigido por Paula Massano (após o regresso de Nova Iorque, para onde tinha ido no ano anterior) e Margarida Bettencourt, altura em que introduzem em Portugal a técnica Cunningham, que tinham estudado nos EUA. Cenário, figurino e luz de António Barros</p> <p>A Companhia de Dança de Lisboa apresenta <i>Oásis</i>,</p>

Jeffrey Axelrod, Lance Gries, Iréne Hultman, Carolyn Lucas, Diane Madden, Shelley Senter e Lisa Schmidt, Teatre di San Carlo, Nápoles, Itália

30 de dezembro – *Stop it I Say Stop it*, Ação dos Felizes da Fé, San Francisco, California

música de Rão Kyao, cenário de Rui Silva e Sousa, figurino de Ana Silva e Sousa, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Rui Horta; *Entre Amigos*, música de C. Vander, figurino de Rita Carneiro, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Marc Bogaerts; *O Pai é que Sabe*, música de Carl Orff, Elmer Bernstein, Kate Bush e Peter Gabriel, figurinos Parfois, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Patrike Soriero; *Blues for the Night Owls*, música de S. Thompson, luz de José Manuel Oliveira, figurino e coreografia de Lindsay Fussel e Ron Devane; *História de Amantes*, música de Grieg, figurino de C. Giannini, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Marc Bogaerts; *Missing Persons*, música de Ariez Ramirez, cenário e figurino de Jean Laffront, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Marc Bogaerts; *Sem Saída*, música de Tuxedo Moon, cenário de Jean Laffront, figurino de Cristina Poppe e Isabel Telinhos, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Rui Horta; *Não Olhes para Trás*, música de Bach, figurino de Mónica Levy, Isabel Telinhos e Fernando Oliveira, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Mónica Levy; *Momentos de Conversa*, música de Cab Calloway, figurino de Mónica Levy, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Mónica Levy; e *Linha da Frente*, música The Art of Noise, cenário e figurino de Ken Yount, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Mark Haim

O II Concurso Coreográfico apresenta *Danças Breves*, música de Boccherini, luz de J. Manuel Torrão e Horácio Fernandes, coreografia de Carlos Prado; *Encontros*, música de Walter Hapu, luz de J. Manuel Torrão e Horácio Fernandes, coreografia Carlos Prado; *Tríplico*, música de Fernando Lopes Graça, luz de J. Manuel Torrão e Horácio Fernandes, coreografia de José Silvestre; *Barcos Negros*, música de Alexandre Soares e João Paulo Soares, figurino de Helena Medeiros, coreografia Victor Linhares; *Movimento Primo*, música de G. Gershwin, coreografia de Josefina Holmes; *Trois Nuits d'Ete*, música de Hector Berlioz, figurino de Ergo, coreografia de Peter Lewton-Brain; *Mara*, música de Bela Bartok, cenário e figurino de João Carreira Pais, luz de José Torrão e Horácio Fernandes, coreografia de Lúcia Marta; *Stunning!*, música de Saint Saens e Klaus Nomi, cenário de Pedro Homem de Melo, coreografia de Alfredo Costa; *Narciso – Monólogo de uma Paixão*, música de António Capela, cenário e figurino de José Barbieri, luz e coreografia de Rui Lopes Graça; *Variações sobre um tema de Paganini*, música de Rachmaninoff, coreografia de Raymond Chai; e *Crianças da Manhã*, música de F. Chopin, coreografia de Dimas Casinha

Festival Internacional de Performance, Porto, organizado por António Olaio, Pedro Marques de Oliveira e Egídio Álvaro, com artistas nacionais e internacionais a apresentarem trabalhos num bar e

numa discoteca

Semrtil e Truurm, Performances de Manoel Barbosa no Teatro Trindade, Lisboa

Omrstdr – 4 Minutos antes da queda dum avião, performance de Manoel Barbosa, Aniki-Bobó, Porto

Soneto a 4 Vozes, Performance de Fernando Aguiar no III Festival de Poesia de Vila Nova de Foz Côa

Fevereiro – Alguns Homeostéticos (Pedro Proença, Pedro Portugal, Manuel João Vieira e Xana) expõem na Rietveld Academie, Amsterdão

8 de fevereiro – Lançamento do livro *POEMOGRAFIAS*, SNBA, Lisboa, com leituras e Performances de Alberto Pimenta, José-Alberto Marques, E.M. de Melo e Castro e Antero de Alda. Na sala onde decorreu o lançamento esteve uma exposição retrospectiva do projeto, com fotografias das exposições realizadas, recortes de imprensa nacional e estrangeira e outros documentos

18 de fevereiro a 15 de março – *Antes Desse Ouro* (série de *graffitis*, um deles coletivo e anteriormente integrado na Instalação *Profanação*, e a série de Desenhos *Mátria*), exposição individual de Ernesto de Sousa na Galeria Diferença

Março – *Educação Espartana – Envolvimento Homeostético Post-Paradoxológico, Infracriptográfico e Transmenipeico* (4ª Exposição Homeostética), CAPC

18 de março a 12 de abril – *Esse Ouro Dantes*, exposição individual (de fotografias a cor) de Ernesto de Sousa na Quadrum

Maio – *Portugal Emigrante*, exposição de Pedro Tudela na Galeria Roma e Pavia, que incluiu uma Performance em que o artista recebeu o público vestido com pijama e calçado com chinelos de trapos

2 a 10 de maio – Bienal Universitária de Coimbra/ Semana Internacional de Teatro Universitário (BUC/SITU), incluindo *Memórias e Refrações do Festival* (também nomeado como *Memórias e Representação do Festival*), de Paula Massano, resultado de um ateliê, música de Carlos Zíngaro, texto de António S. Ribeiro e cenário, figurino e luz de António Barros, apresentado no Colégio de S. Teotónio, Coimbra

16 de maio – *Instalação: romance*, de Gabriel Rui Silva, Oficina da Cultura, Almada

25 de maio – *Desinstalação: Conversa entre Gutenberg e Marconi numa estação de caminho-de-ferro*, Performance de Gabriel Rui Silva, Almada⁶²

Junho – José Luís Porfírio comissaria a participação portuguesa na Bienal de Veneza, e tem Ernesto de

⁶² <http://po-ex.net/taxonomia/materialidades/performativas/gabriel-rui-silva-desinstalacao>

Sousa como consultor

7 de junho – Túlia Saldanha organiza no CAPC uma festa de homenagem a Ernesto de Sousa. Até ao dia 28 deste mês, foram apresentadas as séries *Antes Desse Ouro* e *Esse Ouro Dantes*, tal como uma exposição coletiva com trabalhos de amigos

16 de junho – Abertura da galeria da Livraria Barata, Lisboa

Julho a agosto – III Exposição de Artes Plásticas, FCG (na qual Ernesto de Sousa participa com uma fotografia da série *Esse Ouro Dantes*)

28 de agosto – Decreto-Lei n. 258/1988, Lei do Mecenato

30 de agosto – *Contra o fim do mês*, Ação dos Felizes da Fé, Rua Augusta, Lisboa

30 de setembro – *Contra o fim do mês*, Ação dos Felizes da Fé, Rua Augusta, Lisboa

Outubro – Abertura da galeria Monumental, Lisboa

24 de outubro a 12 de novembro – Continentes, V Exposição Homeostética, SNBA, Lisboa. Composta por cinco Pinturas de 10 x 2,5 m (Atlântida – Xana; Europa – Manuel João Vieira; África – Ivo; Pólos – Pedro Portugal; América – Fernando Brito e Ásia – Pedro Proença), algumas esculturas monumentais de Xana e a secretária *Adamastor*, de Filipe Alarcão. Na inauguração, os Homeostéticos surgiram vestidos pelo ateliê *Pérolas a Porcos* e os *Ena Pá 2000* atuaram

30 de outubro – Resolução do Conselho de Ministros que autoriza a aquisição da propriedade de Serralves

31 de outubro – Contrato-promessa de compra e venda da propriedade de Serralves

Novembro – Abertura da galeria Quadrado Azul, Porto

19 a 30 de novembro – No âmbito dos Encontros ACARTE (que incluiu Susanne Linke no programa), a Fundação Calouste Gulbenkian apresenta *Performance Arte*, uma programação composta por trabalhos de performers portugueses: *V.I.T.R.I.O.L.*, *Visita Interiorem Terrae Rectificando Invenies Opera Lapidem* de Rui Órfão (realização de Rui Órfão; música de Telectu; vídeo de Vítor Rua e Rui Órfão; fotografia de Rui Órfão, Vítor Rua e Zeferino; *word processing* de Maria José Prezado; e colaboração de Mediarte); *Performance I e Performance II*, de Gerardo Burmester (“*Burmester faz ecoar numa sala o ruído intenso de um avião a jato, enquanto centenas de aviões de papel caem sobre o público. Faz-se silêncio. O artista aparece, colocando um espelho com cerca de 160x40 cm por cima de um globo terrestre iluminado que se encontrava no chão da sala. Pega num copo de champanhe e coloca-o em cima do espelho. Faz o*

	<p>mesmo com um segundo copo e assim prossegue até dipor em equilíbrio dez copos. Abre uma garrafa de champanhe e enche sucessivamente todos os copos. Pega numa espingarda e começa por atirar ao copo do centro, disparando de seguida até atingir o quinto copo. Quando tal acontece, tudo cai. Neste mesmo Ciclo, repete a performance das bolas de ping-pong e apresenta uma outra, na qual o público surge delimitado por cordas pintadas com tinta fluorescente, situando-se nele uma cadeira pintada com as mesmas tintas. O artista amarra-se à cadeira com fita adesiva, dançando ao som de música rock até à exaustão⁶³; <i>ERGANÓMETRO</i>, de Silvestre Pestana (com Silvestre Pestana e Joaquim Castro Caldas; realização, vídeo, foto-pintura de Silvestre Pestana; arquitetura cénica de António Barros; música de Aldo Brizzi; fotografia de Álvaro Feijó e operação de câmara de Jorge Lopes); <i>PONTO-ACÇÃO</i>, de Fernando Aguiar (com música dos Telectu) e <i>UMUURLZ, a Luís II da Baviera</i>, de Manoel Barbosa (com Manoel Barbosa, Justine Diconstanzo e Bonifácio Humberto); conceção, encenação, vídeo e diapositivos de Manoel Barbosa; e música de Telectu</p> <p>11 de dezembro – Primeiro projeto de constituição de uma fundação para gerir o MNAM, elaborado por João Vieira de Castro</p> <p>29 de dezembro – Despacho n. 147/86 que determina a constituição de uma Comissão de Administração da propriedade da Quinta de Serralves</p>
<p>1987 <i>Mappe dell’Imaginario – Poesie Visuelle Portoghese</i>, Salerno</p> <p><i>Intervention IV</i>, Café de La Danse, Paris. Com a participação de António Olaio, entre outros</p> <p><i>Volcano Saga</i>, de Joan Jonas, baseado num poema islandês do século XIII</p> <p><i>Clown Torture</i>, de Bruce Nauman</p> <p>Fevereiro – <i>February Forever</i>, Ação dos Felizes da Fé, San Francisco, California</p> <p>21 de abril – <i>Szygy</i>, de Paul Taylor, música de Donald York, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>28 de abril – <i>Kith and Kin</i>, de Paul Taylor, música de Mozart, figurino de William Ivey Long, luz de Jennifer Tipton</p> <p>10 de junho – <i>Newark (Niweweorce)</i>, de Trisha Brown, figurino de Donald Judd, com Jeffrey Axelrod, Lance Gries, Irene Hultman, Carolyn Lucas, Diane Madden, Lisa Schmidt e Shelley Senter, CNDC/Nouveau Theatre d’Angers, France</p>	<p>António Pinto Ribeiro escreve crítica de Dança no Expresso (até 1993), refletindo sobre o trabalho dos criadores da Nova Dança Portuguesa, designação por si criada</p> <p>A Trisha Brown Company apresenta-se no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, Lisboa</p> <p>Encontros Acarte – Novo Teatro/Dança da Europa, incluindo: Stephen Petronio Company, Anne Teresa de Keersmaeker, Jean-Claude Gallota, Wim Vandekeybus</p> <p>Vera Mantero torna-se solista do Ballet Gulbenkian</p> <p>Ballet Gulbenkian apresenta <i>Casta Diva</i>, música de Bellini, cenário e figurino de Nuno Carinhas, luz de Orlando Worm, coreografia de Olga Roriz; <i>Sargeant Early’s Dream</i>, música tradicional britânica, irlandesa e norte-americana, cenário e figurino de Walter Nobre, luz de John B. Read, coreografia de Christopher Bruce; <i>Exsultate Jubilate</i>, música de Mozart, luz de Orlando Worm, coreografia de Vasco Wellenkamp; <i>Treze Gestos de um Corpo</i>, música de António Emiliano, cenário e figurino de Nuno Carinhas, luz de Orlando Worm, coreografia de Olga Roriz; <i>Ária</i>, música de J. S.</p>

⁶³ Cf. FERNANDES e RAMOS, 1998

Bach, figurino e coreografia de V. Wellenkamp; *Violencelo Não Acompanhado em Suite de Luxo*, música de J. S. Bach, cenário e figurino de Jasmim, luz de Paulo Graça, coreografia de Olga Roriz; *Memória para Edith Piaf*, música de António Vitorino d'Almeida, cenário e figurino de Costa Reis, luz de Fernando Bessa, coreografia de Vasco Wellenkamp

Companhia Nacional de Bailado apresenta *Lago dos Cisnes*, música de Tchaikovsky, cenário de Cruzeiro Seixas, figurino de Da Silva Nunes, coreografia de Armando Jorge d'après Petipa, Levitanov e Ninette de Valois; *Magnificat*, música de Bach, coreografia de Óscar Araiz; *Apolo*, música de I. Stravinsky, coreografia d'après Balanchine; *La Bayadère*, música de L. Minkus, coreografia d'après Petipa; *Fado (A Severa)*, música de Jaime Silva (Filho), cenário e figurino de António Casimiro, coreografia de Fernando Lima; *Double Colchea*, música de B. Britten, figurino e coreografia de Vicente Nebrada; *There is a Time*, música de Norman Dello Joio, figurino de Pauline Lawrence, luz de Lary Opitz, coreografia de José Limón na versão de Jennifer Scanlon; *Diversões*, música de B. Britten, figurino e cenário de Da Silva Nunes, coreografia de Lawrence Gradus; *A Choreographic Offering*, música de Bach, coreografia d'après José Limón

Companhia de Dança de Lisboa apresenta *Sopa do Dia*, música de Gary Burke, figurino de Isabel Telinhos, luz de José Manuel Oliveira, cenário e coreografia de Mark Haim; *Dixit Dominus*, música de Vivaldi, luz de José Manuel Oliveira, cenário, figurino e coreografia de Rui Horta; *Quatro Prelúdios Corais*, música de J. S. Bach, figurino de Isabel Telinhos, luz de José Manuel Oliveira, cenário e coreografia de Mark Haim; *Memno*, música de Luís Cília, cenário e figurino de Jean Laffront, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de José Seabra; *Bolero*, música de M. Ravel, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Igal Perry; *Saga*, música de Jean Preson e Neil Hannan, cenário de Jean Laffront, figurino de Isabel Telinhos, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Mary-Jane O'Reilly; *Lusitânia*, música de Amália Rodrigues, cenário e figurino de Ana Silva e Sousa, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Rui Horta

Paulo Ribeiro regressa a Portugal e colabora como coreógrafo com a Companhia de Dança de Lisboa, criando *Taquicardia*

Montedemo, colaboração de Paula Massano com o *Bando*; e *Anatol*, a convite de Ricardo Pais

Fragmentos de Silêncio, de Vasco Wellenkamp para a CeDeCe – Companhia de Dança Contemporânea, com Patrícia Henriques e Sofia Belchior

Primeiro centenário da Associação Académica de Coimbra

Abertura da galeria Tempo (encerrada em 1989)

Abertura da Galeria dos Milagres, Coimbra

Lançamento do primeiro disco dos Ena Pá 2000, um *single* em vinil com as músicas *Pão, Amor e Totobola e Telephone Call*

A Arte do Vídeo, exposição apresentada no Goethe Institut (Lisboa) e na Galeria CAPC (Coimbra)

Lançamento da segunda caixa *Pipxou*, organizada por Maria estela Guedes e Fernando Camecelha

Ritual, Performance de Albuquerque Mendes na inauguração da exposição, Sala Atlântica, Galeria Nasoni, Porto: “*Dois carrascos, mascarados e vestidos de negro, abrem as portas da Sala Atlântica para deixarem entrar o público. Na sala onde se encontram expostas as ‘pinturas mecânicas’, decorre um ritual, em que o artista transforma objetos, quer destruindo-os quer pintando-os, sob a luz das velas*”⁶⁴

Instalação multimédia *Amant Alterna Camenae*, de António Barros, com música de Jon Hassel

Desinstalação: Conversa entre Gutenberg e Marconi numa estação de caminho-de-ferro, Performance de Gabriel Rui Silva, Galeria Olharte, Lisboa

Ciclo Poesia Viva, Casa de Serralves, Porto, incluindo *Bed Painting*, de Fernando Aguiar e Alberto Pimenta e *Ato Concreto*, de Fernando Aguiar

Rede de Canalização, Performance de Fernando Aguiar

Instalação multimédia *Amant Alterna Camenae*, de António Barros, com música de Jon Hassel

Janeiro – Entrada em funções da Comissão de Administração da propriedade de Serralves

28 de janeiro – Escritura da compra da propriedade de Serralves

Fevereiro – *10 Quadros para o Ano 2000*, exposição na Galeria Quadrum, em que Ernesto de Sousa participa com uma pintura em que colaboraram Cabrita Reis, Leonel Moura, Mário Varela e Pedro Proença

Março e abril – *Itinerários*, retrospectiva de Ernesto de Sousa, comissariada por Fernando Pernes e José Luís Porfírio, Galeria Diferença

Abril e maio – 1º Festival Internacional de Poesia Viva, Figueira da Foz, com um Conselho Organizador composto por Fernando Aguiar, E. M. de Melo e Castro e Rui Zink. Participação de 219 artistas de 19 países. Incluiu *A Escada de Pedra*, Performance de Fernando Aguiar e Rui Zink,

⁶⁴ Cf. GONÇALVES, 2001: 131

Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz

Abril e maio – *Itinerários*, retrospectiva de Ernesto de Sousa, comissariada por Fernando Pernes e José Luís Porfírio, Museu Nacional de Arte Antiga

Maio e junho – *Itinerários*, retrospectiva de Ernesto de Sousa, comissariada por Fernando Pernes e José Luís Porfírio, Galeria Almada Negreiros

Abril – Ernesto de Sousa “*demite-se do cargo de Presidente do Conselho Fiscal da Cooperativa Diferença, por discordância com a posição tomada em Assembleia Geral a respeito da admissão como sócios de Pedro Proença, Pedro Portugal e Ana Vidigal – o primeiro fora excluído, os outros dois admitidos, mas sem consenso*”⁶⁵. Segundo Isabel Alves⁶⁶, Ernesto de Sousa propôs a entrada de Pedro Proença e de Pedro Portugal, que foi recusada pela Direção, motivando a sua demissão, justificada por carta

2 de abril – Abertura da galeria Triângulo 48, Lisboa

17 de abril – Abertura da Galeria de Colares, Colares

Maio – Abertura da galeria Arcada, Estoril

29 de maio – Inauguração da Casa de Serralves

Maio a junho – Exposição Obras doadas e cedidas para o futuro Museu Nacional de Arte Moderna, Casa de Serralves

25 de junho – Auto de Cessão do Parque de Serralves para a instalação do MNAM

26 de junho – *As 24 pedras, instalação: intervenção* de Gabriel Rui Silva, Olharte Galeria, Lisboa

Agosto – XII Estúdio Experimental de Coreografia do Ballet Gulbenkian apresenta *Ponto de Interrogação* (primeira coreografia de Vera Mantero), música de Dave Holland e Marvin Smit, luz de Rui Fernandes, figurino de Vera Mantero, com Birte Lundwall, Cláudia Nóvoa, João Afonso, Rui Lopes, Maria João Salomão e Vera Mantero; *Do It Yourself*, música de Pat Metheny, luz de Paulo Graça, figurino e coreografia de Margarida Bettencourt; *Acima de Tudo, Nós*, música de The Art of Noise, figurino de Pedro Correia de Oliveira, luz de José Fonseca, coreografia de César Moniz; *...Oito seres e Uma Pergunta*, música de Bob Dylan, luz de Fernando Bessa, cenário, figurino e coreografia de Rui Pinto; *Mar de setembro*, música de Maximiliano de Carvalho (arranjo musical), luz de Fernando Bessa, figurino e coreografia de Ângela Clemente; *Sem Título*, música de Piano One, luz de Fernando Bessa, figurino e coreografia de Carlos Carvalho; *Miragem*, música de Camille,

⁶⁵ Cf. FREITAS e WANDSCHNEIDER, 1998: 120

⁶⁶ Em entrevista concedida a 24.9.2015.

		<p>figurino de Olga Roriz, luz de Fernando Bessa, coreografia de Gagik Ismailian; <i>Tango</i>, música de I. Stravinsky, luz de Fernando Bessa, figurino e coreografia de Ângela Clemente; <i>Cântico</i>, música de Emanuel Ramalho, figurino de Luís Damas e Paula Pinto, luz de José Fonseca, cenário e coreografia de Luís Damas; e <i>A Ti</i>, música tradicional japonesa, luz de Abel Nunes e Paula Pinto, figurino e coreografia de Paula Pinto</p> <p>17 de agosto 1987 a 31 outubro 1991 – XI Governo Constitucional liderado por Cavaco Silva. Secretária de Estado da Cultura, Teresa Patrício Gouveia (substituída em 9 de janeiro 1991 por Pedro Santana Lopes)</p> <p>Setembro – <i>Itinerários</i>, retrospectiva de Ernesto de Sousa, comissariada por Fernando Pernes e José Luís Porfírio, Casa de Serralves</p> <p>Outubro – Abertura da galeria Ratton Cerâmicas, Lisboa</p> <p>22 de outubro – abertura da galeria Loja de Desenho, Lisboa (encerrada em 1990)</p> <p>14 a 19 de novembro – Festival Internacional de Performance Alternativa 5 – <i>o ângulo reto ferve a 90 graus</i>, Porto, incluindo a última Performance de Gerardo Burmester, discoteca Indústria, Porto, no âmbito do Festival Internacional de Performance Alternativa 5: <i>o ângulo reto ferve a 90 graus</i>: “Contrata uma orquestra e um pianista que tocam um concerto de Mozart. Uma apresentadora informa o público de que irá ouvir um concerto do compositor Gerardo Burmester, dirigido pelo maestro Gerardo Burmester e interpretado pelo pianista Gerardo Burmester.”⁶⁷ Participação de António Olaio e Albuquerque Mendes (com <i>Quem quer ser lobo, veste-lhe a pele</i>), entre outros</p> <p>16 de dezembro – Despacho conjunto da Presidência do Conselho de Ministros, Ministério das Finanças, da SEC e da Secretaria dos Assuntos Fiscais, sobre “o manifesto interesse cultural de todas as contribuições” para a futura fundação de Serralves</p> <p>21 de dezembro – <i>Pais Natais Sempre</i>, Ação dos Felizes da Fé, Chiado/Rua Augusta, Lisboa</p>
<p>1988</p>	<p><i>Book of Days</i>, filme de Meredith Monk</p> <p>13 de fevereiro – Mesa-redonda sobre <i>A experiência do artista como professor</i>, 7ª edição da ARCO Madrid, que juntou Túlia Saldanha, William Crozier, Rodger Marck, Jean François Pirson, Pierre Vlerick, Joel Capella, Toon Verhoef e Miguel Quilez, o organiador</p> <p>5 de abril – <i>Brandenburgs</i>, de Paul Taylor, música de Bach, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer</p>	<p>A Twyla Tharp Dance apresenta-se no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, Lisboa</p> <p>Ballet Gulbenkian apresenta <i>Treze Gestos de Um Corpo</i>, música de António Emiliano, cenário e figurino de Nuno Carinhas, luz de Orlando Worm, coreografia de Olga Roriz; <i>Adágio Apassionato</i>, música de Max Bruch, cenário de Eduardo Nery, luz de Fernando Bessa, figurino e coreografia de Vasco Wellenkamp; <i>Grosse Fugue</i>, música de Beethoven, cenário e figurino de Jean-Paul Vroom, luz de Jean</p>

⁶⁷ Cf. FERNANDES e RAMOS, 1998

Tipton

28 de abril – *Counterswarm*, de Paul Taylor, música de György Ligeti, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton

12 de maio – *Danbury Mix*, de Paul Taylor, música de Charles Ives, cenário de David Gropman, figurino de William Ivey Long, luz de Jennifer Tipton

10 de novembro – *Speaking in Tongues*, de Paul Taylor, música de Matthew Patton, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton

Hoffstra, coreografia de Hans van Manen; *Movimento para uma Tela*, música de Steve Reich, cenário de Nino Mística, luz de Rui Fernandes, figurino e coreografia de Jonathan Lunn; *Keep Going*, música de Luciano Berio, luz de Fernando Bessa, coreografia de Vasco Wellenkamp; *Lo Sono una Bambina o Sono un Disegno*, música Opus Sic, cenário e figurino Carlos Zíngaro, luz de Paulo Graça, coreografia de Margarida Bettencourt; *Os Territórios*, música de Peter Zummo, cenário e figurino de Susana Oliveira, luz de Rui Fernandes, coreografia de Vera Mantero; *Gahvoreh*, música de António Emiliano, luz de Paulo Graça, cenário, figurino e coreografia de Gagik Ismailian; e *Rosa Rosae*, música de Philip Glass, cenário e figurino de José Costa Reis, Orlando Worm, coreografia César Moniz

Encontros ACARTE incluem Dana Reitz, Josef Nadj e Susanne Linke na programação

A Companhia de Dança de Lisboa apresenta *Dança do Adeus*, música de Bach, Mark Haim e Carlos Barbosa, cenário de Júlio Ribeiro e Fernando Ricardo, figurino de Madalena, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Mark Haim; *Envelope*, música de Giacchino Rossini, figurino de Judy Wirkula, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de David Persons; *Variações Schubert*, música de Schubert, figurino de Parfois, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Gerri Mouliman; *Beethoven Violin Sonata*, música de Beethoven, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Mark Haim; *Só se Dançares com Pepe*, música de Luís Almonte, figurino de João Zhoraide, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Mark Haim; *Haendel Opus 6, nº 7*, música de Haendel, figurino de Miguel Tavares e Maria da Luz Grilo, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Mark Haim; *Taquicardia*, música de Luís Cília, figurino de João Zhoraide, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Paulo Ribeiro

Dança Grupo apresenta *Voos Domésticos*, música de Macromassa Laurie Anderson, Philip Glass, Wim Martens, cenário e figurino de Nuno Carinhas, luz de Orlando Worm, coreografia de Luís Carolino e Elisa Worm

Em Corpo com Som, de Vera Mantero, música de Carlos Martins, Bienal Universitária de Coimbra

Aparte apresenta *Con(m)certo Sentido*, de Margarida Bettencourt e João Natividade, música de Carlos Zíngaro, figurino de João Natividade e luz de Paulo Graça

3 Em Meio Ato, de Francisco Camacho, Artejo, Gare Marítima de Alcântara, Lisboa

Joana Providência é convidada por Madalena Victorino a colaborar com o seu ateliê para não-profissionais, criando a peça *1396 ppm*

Morte de Tília Saldanha

Autonomização da Galeria Atlântica, propriedade da Nasoni

Comemorações do 30º aniversário do CAPC, incluindo exposições de Pintura, Desenho, Vídeo-Arte, Design, Multimédia, Escultura, Instalação, Performance e Fotografia; palestras de Margarida Amaro e Jorge Lima Barreto; concerto Fluxus com peças de George Maciunas, La Monte Young, George Brecht e Serge Oldenbourg; recital multimédia do Grupo Telectu, com Jorge Lima Barreto e Vítor Rua; *VOAEX 50*, exposição de Wolf Vostell; *Périplo 1*, instalação de António Palolo, Lima Barreto e Vítor Rua; *Nova Música*, conferência de Lima Barreto; *Mobilis in Mobile*, Performance de Rui Órfão; *Environmental Art*, de Bernardo Vieira da Luz; *Happenings e Fluxus*, exposição documental em colaboração com o Museu Vostell de Malpartida; vídeos e filmes de Daniel Spoeri, Wolf Vostell, Joseph Beuys, Bem Vautier, Robert Filliou, Vítor Rua, Ção Pestana e Grupo Artitude.01

Encerramento do Museu Nacional de Arte Contemporânea para remodelação do seu edifício (reabre em 1994 com nova designação — Museu do Chiado)

Homenagem do Alfabeto a M.M.B. Du Bocage em Forma de Soneto Acróstico, de Fernando Aguiar, no âmbito de Poesia: Outras Escritas, Novos Suportes, Museu de Setúbal

10 a 28 de fevereiro – 1º Festival Internacional de Poesia Viva (2ª apresentação), Galeria Municipal, Amadora, com organização de Fernando Aguiar. Os portugueses participantes foram: Fernando Aguiar, Antero de Alda, António Aragão, António Dantas, Emerenciano, Gilberto Gouveia, Ana Hatherly, José Louro, José-Alberto Marques, António Nelos, Alberto Pimenta, Cunha Torres e Rui Zink

Março – *Piñacolada*, de Paula Massano, Teatro do Bairro Alto, Lisboa. Música (colagem de músicas de compositores expressionistas) arranjada por José Ribeiro da Fonte, conceção plástica de Pedro Portugal, luz de Paulo Graça, e com os bailarinos Filipa Pais, Francisco Camacho e José Laginha. Este trabalho foi também apresentado no átrio do Teatro Nacional de D. Maria II, sempre como inacabado

28 de maio – *Queda Num Lugar Imaginado*, de Madalena Victorino, com as 23 mulheres que na altura constituíam o grupo participante no ateliê dirigido por Victorino no Ateneu Comercial de Lisboa (incluindo Maria José Fazenda).

“Intérpretes” e audiência viajaram para a Quinta Maria Gil, a 200 km de Lisboa, local onde a apresentação se desenrolou. Música de Beatles, Edith Piaf, Wim Martens, e rádio, figurino de Madalena Victorino e José João Henriques. Neste

	<p>ano foi ainda apresentado Projeto Iaga, também resultante do ateliê, música de Paulo Paz, e som de água corrente e percussão</p> <p>1 de junho – <i>Monstros</i>, Ação dos Felizes da Fé, Rua Augusta, Lisboa</p> <p>15 de junho – Abertura ao público do parque de Serralves</p> <p>8 de julho a 7 de agosto – <i>II Encontro Nacional de Intervenção e Performance</i>, Galeria Municipal Recreios Desportivos, Amadora, organizado por Fernando Aguiar. “<i>Pretendeu-se não fazer uma mera repetição daquilo que se apresentou na Figueira da Foz. Para além das obras originais e dos principais documentos que integraram a exposição documental sobre poesia de vanguarda, estão também expostas fotografias dos vários aspetos do Festival, com especial relevo para as intervenções realizadas durante o Simpósio. São ainda exibidos os vídeos resultantes dessas intervenções e performances poéticas. Tendo em consideração o espaço da Galeria Municipal da Amadora procedeu-se a uma seleção das obras originais e documentais, na sua maioria oferecidas ao próprio Festival e que vão ser, futuramente, objeto de uma nova exposição</i>”⁶⁸. Incluiu a <i>Performance Lembro-me perfeitamente de como tudo começou...</i> de Gabriel Rui Silva, entre outras</p> <p>Outono – João Fiadeiro regressa a Lisboa depois da estadia em Nova Iorque e ingressa no Ballet Gulbenkian</p>
<p>1989 Lançamento da Worlwide Web (www)</p> <p>Concreta, Visual, Experimental: Poesia Portuguesa 1959-1989, exposição comissariada por Fernando Aguiar e Gabriel Rui Silva, Palazzo Hercolani, Bolonha</p> <p><i>Three Visual Sonnets with Accentuation and Punctuation</i>, Performance de Fernando Aguiar, Lágymányosi Galéria, Budapeste</p> <p><i>Dialogues</i>, Performance de Fernando Aguiar, FiatalMűvészek Klubja, Budapeste</p> <p>1º Festival Internacional de Performances Y Poesia de Acción, incluindo Soneto Lírico sobre o Erotismo, de Fernando Aguiar, Castelo de Peñíscola, Espanha</p> <p>15 de abril – <i>Minikin Fair</i>, de Paul Taylor, música de David Koblitz, Douglas Wieselman e Thaddeus Spae, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Lipton</p> <p>14 de março – <i>Astral Convertible</i>, de Trisha Brown, figurino de Robert Rauschenberg, com Lance Gries, Nicole Juralewicz, Gregory Lara, Carolyn Lucas, Diane Madden, Lisa Schmidt, Shelley Senter, Wil</p>	<p>Morte de Ernesto de Sousa</p> <p>Criação da Balletteatro Escola Profissional de Dança e Teatro</p> <p>A Batsheva Dance Company apresenta-se no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, Lisboa</p> <p>Encontros ACARTE mostra o trabalho da Stephen Petronio Company, Anne Teresa de Keersmaeker, Wim Vandekeybus, Daniel Larrieu, Michel Kelemenis, Mudances e Pina Bausch</p> <p>Ballet Gulbenkian apresenta <i>Prelúdio à Sesta de um Fauno</i>, com música de C. Debussy, luz de Fernando Bessa, coreografia de Vasco Wellenkamp; <i>Domingo, 29 de novembro</i>, com música de A. Vivaldi, cenário e figurino de Jasmim, luz de Paulo Graça, coreografia de Gagik Ismailian; <i>Presley ao Piano</i>, música de Elvis Presley, cenário e figurino de António Lagarto, luz de Paulo Graça, autoria de Olga Roriz e Ricardo Pais; <i>As Bodas</i>, música de I. Stravinsky, cenário e figurino de Walter Nobre, luz de Graham Large, coreografia de Christopher Bruce; e <i>Keep Going</i>, música de Luciano Berio, luz de Fernando Bessa, coreografia de Vasco Wellenkamp</p>

⁶⁸ Cf. AGUIAR, Fernando (ed.) (1988). *1º Festival Internacional de Poesia Viva* (2ª apresentação), Câmara Municipal da Amadora.

Swanson e David Thomson, New York City Center, Nova Iorque

2 de novembro – *The Sorcerer's Sofa*, de Paul Taylor, música de Paul Dukas, cenário e figurino de Santo Loquasto, música de Jennifer Tipton

A Companhia de Dança de Lisboa apresenta *Fuga*, com música de Luís Cília, cenário de Félix Marques, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Rui Nunes; *Bizâncio*, com música sacra bizantina, cenário de Eurico Coelho, figurino de Miguel Mantero, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Mark Haim; *Itinerário em Cinco Andamentos*, com figurino de Carlota Lagido, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Mark Haim; *Mãos de Vento*, com música de Patrícia van Ness, figurino de João Zhoraide, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Mónica Levy; *A Sala ao Lado*, música de Charlie Parker, coreografia de Vera Mantero; *Hokey-Pokey*, com música de Les Paul, figurino de João Zhoraide, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Michel Schumacher; *Un Petit Pas*, música de Chopin, luz de José Manuel Oliveira e figurino e coreografia de Brigitte Skands

A Companhia Nacional de Bailado apresenta *Petruchka*, música de I. Stravinsky, figurino de Inês Guerreiro, versão coreográfica de John Auld; *O Pássaro de Fogo*, música de Stravinsky, cenário e figurino de Nuno Côrte-Real, coreografia de Brydon Paige

O Público, pela Cornucópia, em colaboração com Paula Massano

Aparte apresenta *Divagações*, de João Natividade, com música de Carlos Zíngaro, luz de Daniel da Assunção

En-Fim, de Clara Andermatt

Joana Providência apresenta *Mecanismos*, com música de Recoil e *In Tensão*, com música de Haendel, ambas com cenário da sua autoria, luz de Rui Fernandes e um elenco composto por Carlota Lagido, Conceição Abreu, Cristina Santos, Ofélia Cardoso e Filipa Pais

Rui Nunes parte para Nova Iorque

1º Ciclo Internacional de Conferências – Aspetos da Arte Contemporânea, Forum Picoas, Lisboa, organizado por Luís Serpa

16 de janeiro – Abertura da galeria Lambertini (encerrada em 1989)

Fevereiro – A Rambert Dance Company apresenta-se em Portugal

2 a 19 de fevereiro – *Ciclo de Arte Experimental – Música, teatro, performance-arte*, FCG, ACARTE, Lisboa, incluindo *Vruutmd*, Performance de Manoel Barbosa (concepção, direção, luz, slides e vídeo) com Bernardo Câmara Pereira, David Maranha, Diogo Saldanha, Edgar Massull, José Drumond, Ruth Cadilhe e Manoel Barbosa; banda sonora original de Telectu e execução de adereços de Sofia Perestrelo; e Performances de Electric Voice Theatre (Programa *Vocem*, incluindo *Cantigas*, de Henk Van Der Meulen; *Son Entero*, de Alejandro Vaino e

Halleluah, de Mauricio Kagel; o coletivo disponibilizou ainda um *workshop* de um dia), Bouche-Cosou-Théâtre (Lídia Martinez, atriz, cenógrafa, coreógrafa, figurinista, luzes e banda sonora de *Osarcomgestos*, com a participação de três elementos da Escola do Circo de Lisboa Mariana Franco e Guy Vivien, fotógrafo e vídeoartista), Miguel Yeco (*Os Limites da Sua Alma*, Performance final do Ciclo *Pessoa's (e ecos)*); Rui Órfão (*Mobilis in Mobile*, com música de Nigel Rolfe e fotografia de Pedro Ferreira); Ian Smith (*Cannibal!*); Carlos Gordilho (*Minha Montanha Holandesa*) e Elisabete Mileu (*S*, com música original de Victor Rua; seguida de Instalação). A programação paralela incluiu uma Homenagem a Ernesto de Sousa (vídeos no átrio do Centro de Arte Moderna); *Ouro* (vídeo realizado por Leonel Moura em 1988, dedicado a Ernesto de Sousa, 17') e *Casanovas*, produzido e realizado por Rui Castelo Lopes em 1984 (60')

Maio – *Madeira. Matéria. Materiais – Projeto para Uma Ideia de Corpo*, de Madalena Victorino, no Museu da Água Manuel da Maia, a partir do seu ateliê. Música *Do you be*, de Meredith Monk, figurino de M. Conceição Abreu, luz de Rui Fernandes

4 de maio – Inauguração da Galeria Alda Cortez (encerrada em 1997)

junho – *Manifestação de Apoio ao Governo*, Ação dos Felizes da Fé, Rua Augusta, Lisboa

27 de julho – Decreto-Lei n. 240-A/89 que institui a Fundação de Serralves, definindo os seus estatutos e órgãos sociais

28 e 29 de julho – XIII Estúdio Experimental de Coreografia do Ballet Gulbenkian apresenta *Ritus*, com música de Inês Martins, cenário de Victor Xavier, luz de Isabel Worm, figurino e coreografia de Paula Pinto; *I Ato*, música de S. Rachmaninov, cenário de Mário Paulo Cardoso e Helena Lozano, figurino de João Zhoraide, luz de Rui Fernandes e Paulo Sabino, coreografia de Mário Paulo Cardoso; *Plano para Identificar o Centro*, música de Maximalist, figurino de Carlota Lagido, luz de Rui Fernandes, coreografia de João Fiadeiro; *Momentos*, com música de Chopin, cenário de Rui Pinto e Paulo Sabino, figurino de Carlos Soares, luz de Rui Fernandes e Paulo Sabino, coreografia de Rui Pinto; *Vácuo*, com música de Samuel Barber, figurino de Helena Lozano, luz de José Fonseca, coreografia de Lúcia Lozano; *As Quatro Fadinhas do Apocalipse*, quarteto feminino sem acompanhamento sonoro, luz de Rui Fernandes, figurino e coreografia de Vera Mantero; *Formas*, com música de Carlos Bechegas e Jorge Pereira, cenário de Victor Xavier, luz de Rui Fernandes, coreografia de Luís Damas

Outubro – Vera Mantero vai para Nova Iorque, onde durante um ano frequenta aulas no estúdio de

	<p>Merce Cunningham (e outros), assim como de voz e Teatro</p> <p>Outubro – <i>Projeto Tojeira</i>, de Madalena Victorino, incluindo um grupo de artistas e de jovens de Vila Velha de Rodão, música original de Joaquim d’Azurém, figurino de Carlos Augusto Ribeiro e Josefina Rotta</p> <p>6 de outubro – Morte de Ernesto de Sousa</p> <p>17 a 19 de novembro – <i>Uma Rosa de Músculos</i> (de Vera Mantero, com música de Bruno d’Almeida, figurino de Carlota Lagido e luz de Rui Fernandes) e <i>Pour L’Instant</i> (Michel Klemenis, Fauve Fomitch e Daniel Larrieu), ACARTE, no âmbito do programa <i>Solos a Nijinsky</i></p> <p>Novembro – Inauguração da Galeria Graça Fonseca (encerrada em 1997)</p> <p>Dezembro – Abertura da galeria Pedro e o Lobo</p>
<p>1990 Início do projeto <i>The Context of Art/The Art of Context</i>, organizado por Seth Sieglaub, Marion Fricke e Roswitha Fricke, e que implicaria o envio de uma carta aos 105 artistas (dos 123 participantes originais) que participaram e sobreviveram às exposições de 1995 <i>March 1969</i> (de Seth Sieglaub, Nova Iorque), <i>Op Losse Schroeven</i> (de Wim Beeren, Amsterdão), <i>When Attitudes Becomes Form</i> (de Harald Szeemann, Berna), <i>Prospekt 69</i> (de Konrad Fischer e Hans Strelow, Dusseldorf) e <i>Konzeption Conception</i> (de Rolf Wedewer e Konrad Fischer, Leverkusen)</p> <p><i>Visuelle Poesie Aus Portugal</i>, antologia de poesia com autoria de Fernando Aguiar, publicada na Alemanha</p> <p><i>III Bienal Internacional de Poesia Visual, Experimental y Alternativa</i>, Ciudad de México, com a participação de Fernando Aguiar, com <i>Homenaje a Adriano Spatola en Forma de Soneto</i>, Galeria del Claustro de Sor Juana, e <i>Ser o No Ser</i>, Universidad Nacional Autonoma de México, Ciudad de México, México</p> <p><i>6º Festival D’In(ter)vention/ 1ª Biennale d’Art Actuel de Quebec</i>, com a participação de Fernando Aguiar com <i>Against Communication</i>, Galeria La Chambre Blanche, Quebec, Canadá</p> <p><i>XXI Fira del Llibre</i>, com a participação de Fernando Aguiar, com <i>Object(o-L)iv(r)o: Escrita</i>, Valência, Espanha</p> <p>Performedia – Rassegna Internazionale de Performances, Ponte Nossa, Itália, com a participação de Fernando Aguiar, com <i>Musical Writing</i>, no Palazzo Del Comune</p> <p>25 de abril – <i>Of Bright & Blue Birds & The Gala Sun</i>, de Paul Taylor, música de Donald York, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>5 de março – <i>Foray Forêt</i>, de Trisha Brown, figurino</p>	<p>Extinção do <i>Diário de Lisboa</i></p> <p>Criação da associação Fórum Dança</p> <p>Criação da Norte Dança, Porto</p> <p>João Fiadeiro passa três meses no Tanzfabrik (Berlim), onde aprofunda os seus conhecimentos de Contacto-Improvisação; e funda a RE.AL/ Resposta Alternativa em Lisboa (com Sílvia Real)</p> <p>Vera Mantero abandona o Ballet Gulbenkian</p> <p>Abertura da galeria Fluxus, Porto (encerrada em 1992)</p> <p><i>Retrato da Memória Enquanto Peso Morto</i>, de João Fiadeiro, Bienal Universitária de Coimbra</p> <p><i>Só um Bocadinho</i>, de Clara Andermatt</p> <p><i>O Rei no Exílio</i>, de Francisco Camacho</p> <p><i>Blá, Blá, Blá</i>, de Vera Mantero e Francisco Camacho (dueto), BUC, Coimbra</p> <p><i>Quatro e o Quarto</i>, de Francisco Camacho, BUC, Coimbra, com Vera Mantero, baseado em Le Corbusier</p> <p>O Ballet Gulbenkian apresenta <i>Isolda</i>, com música de Wagner, figurino de Vera Castro, luz de Orlando Worm, coreografia de Olga Roriz; <i>Ad Vitam</i>, música de R. Strauss e António Emiliano, figurino de Nuno Carinhas, coreografia de Paulo Ribeiro; <i>Jardim Cerrado</i>, com música de Maria del Mar Bonet, luz de Joop Caboort; cenário, figurino e coreografia de Nacho Duato; <i>Idmen B</i>, com música de Xanakis, cenário e figurino de Nuno Carinhas, luz de Paulo Graça, coreografia de Olga Roriz; <i>Do Medo da Ilusão e da Queda</i>, com música de Meredith Monk, cenário de Margarida Parente, figurino de Carlota Lagido, luz de Rui Fernandes, coreografia de João Fiadeiro; e <i>Ardem Court</i>, com música de W. Boyce, cenário e figurino de Gene</p>

de Robert Rauschenberg, com Liz Carpenter, Lance Gries, Nicole Juralewicz, Kevin Kortan, Gregory Lara, Carolyn Lucas, Diane Madden, Trish Oesterling, Lisa Schmidt, Shelley Senter, David Thomson e Wil Swanson, New York City Center, Nova Iorque

16 de outubro – *Market Street Action*, Ação dos Felizes da Fé, San Francisco, Califórnia

Moore, luz de J. Tipton, coreografia de Paul Taylor

No período entre outubro de 1977 e junho deste ano, o Ballet Gulbenkian apresentou 90 trabalhos, dos quais apenas 2 foram obras anteriores aos anos 60 (*O Quebra-Nozes* e *A Sagração da Primavera*); 51 coreografias de autores portugueses (24 de Vasco Wellekamp, 15 de Olga Roriz, 4 de Carlos Trincheiras, 2 de Armando Jorge e um de cada um dos seguintes coreógrafos: Margarida Bettencourt, Vera Mantero, César Moniz, Paulo Ribeiro, Gagik Ismailian, e João Fideiro); 38 de coreógrafos estrangeiros (5 de Hans Van Manen, 4 de Christopher Bruce, 4 de Lar Lubovitch, 3 de Milko Sparembek, 3 de Jiri Kylián, 3 de Louis Falco, 2 de Barry Moreland, 2 de Peter Sparling, 2 de John Butler, e um dos seguintes autores: Elisa Monte, Jonathan Lumn, Nacho Duato, Paul Taylor, Edmund Stripe, Joyce Trisler, Heinz Spoerli, Jack Carter e Maurice Béjart). Foram ainda contratados, entre outros, como cenógrafos e figurinistas, Espiga Pinto, José Costa Reis, Eduardo Nery, Nuno Carinhas, António Sena, Charters d'Almeida, António Lagarto, Jasmim de Matos; os compositores Álvaro Cassuto, Constança Capdville, Carlos Paredes, Fernando Lopes Graça e António Emiliano; e os luminotécnicos Orlando Worm, Paulo Graça e Rui Fernandes

2ª Mostra de Dança Portuguesa, apresentada pelo ACARTE, incluindo *Bailarina do Mar* (pela Companhia de Dança de Lisboa) e *Estranhezas*, de Paula Massano, a última com música de António Emiliano, figurino de Nuno Carinhas, luz de Paulo Graça e um elenco composto por Cristina Roquette, Maria José Fazenda, Nuno Bizarro e Elsa Veiga

A Companhia Nacional de Bailado apresenta *Don Quixote*, música de L. Minkus, cenário e figurino de Alexandre Vassiliev, luz de Richard Caswell, coreografia de Eric Volodine d'après A. Gorsky

A Companhia de Dança de Lisboa apresenta *Hammerklavier*, com música de Beethoven, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Mark Haim; *House*, com música *House* e *Acid*; figurino de Pieter Paul e Mark Haim, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Mark Haim; *Memórias da Porta Branca*, com música de Alejandro Govea Zapano, figurino de Nuno Eusébio, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Vitor Garcia; *Devias Ter Deixado a Luz Acesa*, com música de Eve Couturier, Jean-Jacques Palix, Elliot Shapp, figurino de Lazare Garcin, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Lionel Hoche; e *O Derradeiro Beijo*, com música de Luís Cília, figurino de Carlota Lagido, luz de José Manuel Oliveira, coreografia de Paulo Ribeiro

O Dança Grupo apresenta *Alto Contraste*, com música de José Peixoto, Trio Shish e Nuno Rebelo, cenário e figurino de Nuno Carinhas, luz de Orlando Worm, coreografia de Luís Carolino

	<p>Aparte apresenta <i>Divagações</i>, de João Natividade, com música de Carlos Zíngaro, luz de Daniel da Assunção</p> <p>Maio – <i>Torrefação</i>, de Madalena Victorino, Torrefação Lusitana, Bairro Alto, Lisboa. Resultante do seu ateliê, acompanhado pelo som das máquinas e pela canção de Ailsa Gudgeon “The wrong song”, figurino de Helena Fernandes</p> <p>30 de junho – Colóquio sobre a Nova Dança Portuguesa, promovido pelo Forum Dança na ACARTE, Fundação Gulbenkian, Lisboa</p> <p>17 de dezembro – <i>Manifestação de Apoio aos Países em Vias de Extinção</i>, Ação dos Felizes da Fé, Rua Augusta, Lisboa</p>
<p>1991 Europália’91</p> <p>Klapstuck 1991, Lovaina, primeira plataforma organizada de internacionalização da Dança portuguesa, apresenta trabalhos de Paulo Ribeiro (<i>Modo de utilização</i>, um solo), Rui Nunes (<i>A Ilha dos Amores</i>, um quarteto masculino), Vera Mantero (<i>Perhaps She Could Dance First and Think Afterwards</i>, solo improvisado), João Fiadeiro (<i>Solo para Dois Intérpretes</i>, com João Fiadeiro e Nuno Bizarro, em que “<i>surgiam alternadamente no palco, vindos de um fundo de tubos coloridos, e uma semelhança física entre ambos fazia crer que se tratava da mesma pessoa</i>”⁶⁹), Francisco Camacho (<i>O Rei no Exílio</i>), Joana Providência (<i>Sustine e Abstine</i>), Aldara Bizarro (<i>As Marias e os Papelinhos</i>) e também <i>Disfigure Study</i>, de Meg Stuart, com Francisco Camacho, Carlota Lagido e Meg Stuart</p> <p><i>Retrato da Memória Enquanto Peso Morto</i>, de João Fiadeiro, Teatro La Bastille, Paris</p> <p><i>Trackers</i>, de Merce Cunningham, é a primeira das suas danças em que utiliza o programa de computador <i>LifeForms</i>, que doravante utilizará sempre, em maior ou menor grau</p> <p>Otto Muehl é preso (até 1998) por causa do envolvimento de crianças na comuna que fundou, onde eram admitidas práticas consideradas ilegais</p> <p><i>Anthro/Socio (Rinde Facing Camera)</i>, de Bruce Nauman, em colaboração com o músico e performer Rinde Eckert</p> <p><i>The Re-Incarnation of St Orlan e Image(s)/New Image(s)</i>, de Orlan</p> <p><i>Brace Up!</i>, pelo Wooster Group</p> <p><i>Danses Tracées – Dessins et Notation des Choréographes</i>, exposição comissariada por Laurence Louppe em Marselha e que deu origem a um livro</p> <p><i>Oz</i>, de Paul Taylor, música de Wayne Horvitz e</p>	<p>ACARTE recebe a primeira reunião em Lisboa do Informal European Theater Meeting (IETM), de que era membro (tal como o Forum Dança)</p> <p>3ª e última edição da Mostra de Dança Contemporânea Portuguesa, organizada pelo ACARTE</p> <p><i>Parcelas ABC</i>, de Paula Massano</p> <p><i>Louca, Louca Sensação de Viver</i>, de Clara Andermatt, ACARTE, Lisboa</p> <p><i>O terceiro quarto</i>, de Madalena Victorino, apresentado numa vivenda devoluta em Lisboa</p> <p><i>Generosidades da Alma</i>, de Rui Nunes, no âmbito de <i>Novíssimos</i>, competição coreográfica organizada pelo comissariada para a Europália’91, Convento do Beato, Lisboa</p> <p><i>Ação D’Escrita</i>, Performance de Fernando Aguiar no Espaço Art’Ivários, Loures</p> <p>25 de janeiro – Abertura da Galeria Palmira Suso, Lisboa, dirigida por António Bacalhau</p> <p>17 de maio – Abertura da galeria Arte Periférica, Lisboa</p> <p>Junho – Constituição legal do Grupo de Dança de Almada (GDA), fundado e dirigido por Maria Franco</p> <p>Setembro – Morte de José de Carvalho</p> <p>12 de dezembro – Abertura da galeria 1991/João Graça, Lisboa</p>

⁶⁹ Cf. SANTOS, 1997: 45.

Robin Halcomb, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton

Sztuka Performance, Lublin, Polónia, com a participação de Fernando Aguiar, com *The Context is the Question*, Galeria Stara

Polipoesia in Tour, Itália. Incluindo *Discorsos(s)* (Parco “Ex Macello”, Parma), e *Sonetto di Angulo* (Guibbe Rosse, Florença)

Czas Obecny-Historia Opowiadana/ Real Time-Story Telling, Sopot, Polónia, incluindo *I Don't Love the Cause Any More*, Performance de Fernando Aguiar, Biuro Wystaw Artystycznych

Discursive Sonnet, Performance de Fernando Aguiar na Galeria Osrodek Dzialan Plastycznych, Wrocław, Polónia

8 de fevereiro – *For M.G.: The Movie*, de Trisha Brown, com Liz Carpenter, Nicole Juralewicz, Kevin Kortan, Gregory Lara, Diane Madden, David Thomson e Wil Swanson, L'Hippodrome de Douai, França

6 de maio – *Astral Converted*, de Trisha Brown, música de John Cage, figurino de Robert Rauschenberg, com Liz Carpenter, Lance Gries, Nicole Juralewicz, Kevin Kortan, Gregory Lara, Carolyn Lucas, Diane Madden, Trish Oesterling, Lisa Schmidt, Wil Swanson e David Thomson, New York City Center, Nova Iorque

6 de junho – *Fact & Fancy (3 Epitaphs & All)*, de Paul Taylor, ao som de jazz de Nova Orleães e Reggae, figurino de Robert Rauschenberg (*3 Epitaphs*) e George Tacet, luz de Jennifer Tipton

20 de junho – *Company B*, de Paul Taylor, ao som de canções das Andrews Sisters, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton

26 de setembro – *Speaking in Tongues for Television*, de Paul Taylor

1992

Morte de John Cage

Experience Society, de Gerhard Schulze

William Pope. L apresenta na Horodner-Romley Gallery, no SoHo, Nova Iorque, a Performance *Levitating the Magnesia*, em que durante três dias permaneceu sentado numa cadeira colocada no centro da galeria olhando fixamente para um pequeno frasco de leite de magnésia colocado sobre uma pequena mesa à sua frente, presumivelmente tentando levitá-la

Anthro/Socio (Rinde Spinning), de Bruce Nauman, em colaboração com o músico e performer Rinde Eckert

Transart Communication – 5th International Festival of Alternative Arts, Nové Zámky, Checoslováquia, incluindo *Verbal Action*, Performance de Fernando Aguiar, Kino Mier

Jornadas de Arte Contemporânea do Porto

RE.AL instala-se no Centro Cultural da Malaposta, gerido por uma associação de quatro municípios limítrofes de Lisboa, a Amascultura

Criação do Balletteatro Companhia, Porto

Solos e O que Eu Penso que Ele Pensa que Eu Penso, de João Fiadeiro (Gulbenkian / Encontros Acarte, Anfiteatro ao Ar Livre, CAM)

Mel, de Clara Andermatt, ACARTE, Lisboa

O Cansaço dos Santos, de Clara Andermatt, Grupo de Dança de Almada, Cine-Teatro da Academia Almadense, Almada

Sereios e Lollobrígidias, de Margarida Bettencourt, Ritz Club, Lisboa

Nossa Senhora das Flores, coreografia de Francisco

	<p><i>A Poem With Four Poems In and One Out</i>, Performance de Fernando Aguiar na Galeria Grodzka, Lublin, Polónia</p> <p>4 de maio – <i>One Story as in falling</i>, de Trisha Brown, com Helene Cathala, Mathieu Doze, Dominique Jegou, Gregory Lara, Sylvain Prunenec, Fabrice Ramalingom, Wil Swanson e Juan Manuel Vicente, New York City Center, Nova Iorque</p>	<p>Camacho, FIT, Sala Estúdio, Teatro Nacional D. Maria II</p> <p><i>In Vitro</i>, coreografia de Joana Providência, Casa de Serralves</p> <p>11 de março – Abertura da galeria Zero, Algés</p> <p>Abril – Criação da CeDeCe – Companhia de Dança Contemporânea, Setúbal, com direção artística de Maria Bessa e António Rodrigues</p> <p>15 de abril – <i>Subir na Vida</i>, Ação dos Felizes da Fé na Semana da Juventude, Rua Augusta, Lisboa</p> <p>Maio – <i>Maratona Animada</i>, Ação dos Felizes da Fé, Restauradores, Castelo de S. Jorge e Jardim da Estrela, Lisboa</p> <p>10 de julho – <i>A Pior Banda do Mundo</i>, Ação dos Felizes da Fé, Galeria Monumental, Lisboa</p> <p>Dezembro – <i>Banda Animada</i>, Ação dos Felizes da Fé, Colóquio Caos e Metapsicologia, LNETI, Lisboa</p>
<p>1993</p>	<p><i>Performance: Texts and Contexts</i>, de Carol S. Stern e Bruce B. Henderson</p> <p><i>Montage 93</i>, International Festival of the Image, Rochester, Nova Iorque</p> <p><i>Head</i>, de Cheryl Donegan</p> <p><i>Bonjour Madame...</i>, de Alain Platel, com Francisco Camacho, entre outros</p> <p><i>Cold Hands</i>, de Olga Roriz, pela Companhia de Dança de Lisboa, participa no Suzanne Dellal International Dance Competition, Telavive</p> <p><i>Festival di Polipoesia – Rassegna Internazionale di Poesia Sonora</i>, Bolonha, Itália, incluindo <i>Soneto para Petrarca</i>, Performance de Fernando Aguiar; e <i>Sound Poetry</i>, Performance de Fernando Aguiar e Enzo Minarelli, Villa dele Rose/Galleria d'Arte Moderna</p> <p>3 de abril – <i>Another Story as in falling</i>, de Trisha Brown, com Liz Carpenter, Nicole Juralewicz, Kevin Kortan, Gregory Lara, Carolyn Lucas, Diane Madden, Kelly McDonald e Wil Swanson, Zellerbach Auditorium, Berkeley</p> <p>8 de julho – <i>Spindrift</i>, de Paul Taylor, música de Schoenberg. Cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>27 de outubro – <i>A Field of Grass</i>, de Paul Taylor, ao som de canções de Harry Nilsson, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p>	<p>Abertura do Centro Cultural de Belém, Lisboa</p> <p>Abertura da Culturgest, Lisboa</p> <p>II Jornadas de Arte Contemporânea do Porto</p> <p>Criação da Associação Portuguesa para a Dança</p> <p>Maratona para a Dança, programa contínuo de 12 horas com espetáculos, exposições e debates, Lisboa, primeira edição do festival de Dança Contemporânea que mais tarde se veio a chamar Danças na Cidade, com Direção Artística de Mónica Lapa e Mark Deputter. Incluiu <i>Olympia</i>, de Vera Mantero; <i>Assim em Forma de Coisa</i>, de Amélia Bentes</p> <p><i>Croos</i>, Performance de Manoel Barbosa na Galeria SPA – Sociedade Portuguesa de Autores, Lisboa</p> <p><i>Blind Networkers</i>, Performance de Fernando Aguiar e Ruggero Maggi, Galeria Municipal da Amadora</p> <p><i>Branco Sujo</i>, de João Fiadeiro, Centro Cultural da Malaposta, Odivelas, com Ângela Guerreiro e Miguel Borges. Peça com texto e uma cenografia que incluiu um enorme bloco de gelo pendurado e que ia pingando durante a apresentação</p> <p><i>Sob</i>, de Vera Mantero</p> <p><i>Auto-retrato</i>, de Margarida Bettencourt, Forum Dança, Sala estrela 60, Lisboa</p> <p><i>Auto-retrato</i>, dueto de Madalena Victorino dançado por José Abreu e Pedro Oliveira, Forum Dança, Lisboa</p> <p>Ciclo Auto-Retratos, Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém (apresentando <i>Auto-retrato</i>, de Paula Massano; <i>Auto-retrato</i>, de Margarida Bettencourt; <i>Auto-retrato</i>, de Madalena Victorino e</p>

	<p><i>Auto-retrato</i>, coreografia de Joana Providência)</p> <p><i>Le Cygne Renversé e Rambo Ribeiro</i>, de Paulo Ribeiro</p> <p><i>Cio Azul</i>, de Clara Andermatt, ACARTE, Lisboa</p> <p><i>O Cansaço dos Santos</i> (versão de 1993), de Clara Andermatt, com Amélia Bentes e Mónica Lapa</p> <p><i>Improvisação para John Zorn</i> (Maratona para a dança, Teatro Municipal Maria Matos, Lisboa), <i>Ensinarça de Bem Cavalgar Toda a Sela</i> (Centro Cultural de Belém, Lisboa), solos de Rui Nunes</p> <p><i>Nossa Senhora das Flores</i>, de Francisco Camacho, Festival Internacional de Teatro, Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa</p> <p><i>A Festa</i>, coreografia de Madalena Victorino, Casa de Serralves</p> <p><i>Composição para Nu e Vermelho</i>, de e com Margarida Bettencourt, encomenda da Culturgest no âmbito do ciclo de homenagem a Isadora Duncan</p> <p><i>Alvo Me Imposso</i>, coreografia de Aldara Bizarro, Festival Danças na Cidade, Central Tejo</p> <p><i>Cenas de Caça</i>, de Olga Roriz, Companhia de Dança de Lisboa, Encontros ACARTE, Lisboa</p> <p>22 de março – <i>A Luta Contínua</i>, Ação dos Felizes da Fé na Semana da Juventude, Rua Augusta, Lisboa</p> <p>Maio – Olga Roriz assume a Direção Artística da Companhia de Dança de Lisboa (até outubro de 1994)</p> <p>13 de maio – <i>Nova Ordem Metropolitana de Lisboa</i>, Ação dos Felizes da Fé no Metropolitan da Cidade Universitária, Lisboa</p> <p>22 de maio – <i>Maratona fotográfica</i>, Ação dos Felizes da Fé, Gulbenkian, Lisboa</p> <p>Junho – Encerramento da galeria Leo, Lisboa</p> <p>4 de junho – <i>Felizes da Fé, o que é?</i>, Ação dos Felizes da Fé, Chiado, Lisboa</p> <p>7 e 8 de junho – <i>O Sol da Terra</i>, Ação dos Felizes da Fé no Palco Oriental, Festival Outros Teatros</p> <p>10 de junho – <i>Homenagem ao Dr. Oliveira Salazar</i>, Ação dos Felizes da Fé, Belém, Lisboa</p> <p>25 de setembro – <i>Rua das Montras</i>, Ação dos Felizes da Fé nos Encontros de Poesia Contemporânea, Caldas da Rainha</p>
<p>1994 <i>Outside the frame – performance and the object – a survey history of performance art in USA since 1950</i>, exposição comissariada por Robyn Bretano no Cleveland Center for Contemporary Art, Cleveland</p> <p>Vera Mantero trabalha com a Batsheva Dance Company, Israel</p>	<p>Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura</p> <p>Encerramento da Galeria Nasoni em Lisboa</p> <p><i>Campo, sujeito e representação no ensino e na prática do desenho/projeto</i>, Lição que Alberto Carneiro apresenta nas Provas de Agregação à</p>

Sweeney Astray, de Joan Jonas, baseado num poema medieval irlandês e integrado na retrospectiva sobre a artista, apresentada no Stedelijk Museum, Amsterdão

Poesia Experimental dels 90, antologia da autoria de Fernando Aguiar, é publicada em Espanha

Arte en Acción NASA – Nave de Servicios Artísticos, Santiago de Compostela, Espanha, incluindo *Manipula(c)ção*, Performance de Fernando Aguiar

3 de maio – *If you couldn't see me*, de e com Trisha Brown, som e figurino de Robert Rauschenberg; e *Yet Another Story as in falling*, de Trisha Brown, com Kathleen Fisher, Kevin Kortan, Ming-Lung Yang, Stanford Makishi, Diane Madden, Gena Rho, Wil Swanson e Keith Thompson, Joyce Theatre, Nova Iorque

12 de agosto – *Long and Dream*, de Trisha Brown, com Trisha Brown e Steve Paxton, Volkstheatre, Viena, Áustria

12 de outubro – *Funny Papers*, de Paul Taylor e Sandra Stone, Mary Cochran, Hernando Cortez, David Grenke, Andrew Asnes and Patrick Corbin, ao som de canções *novelty*, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton

13 de outubro – *Moonbine*, de Paul Taylor, música de Debussy, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Constituição da Companhia de Dança Contemporânea de Évora, a partir dos grupos informais Dance In e Oficina de Dança-Grupo de Dança de Évora; Direção Artística de Nélia Pinheiro e Rafael Leitão

1ª mostra anual de Dança de Loulé

31 de dezembro de 1999, Re.Al

Recentes Desejos Mutilados, de João Fiadeiro, Projeto Dança-Teatro Salvador, Brasil, peça com texto e cenografia incluindo um enorme bloco de gelo que pinga durante a apresentação

Clamor, peça encenada por Ricardo Pais, incluindo coreografia de Vera Mantero

Para Enfastiadas e Profundas Tristezas, de Vera Mantero, Lisboa'94, Teatro Municipal S. Luiz, Lisboa

Dançar Cabo Verde, de Paulo Ribeiro e Clara Andermatt, Lisboa'94, Coliseu dos Recreios, Lisboa

Fim – Homenagem a Martha Graham, solo de Rui Nunes, Culturgest, Lisboa

Um Homem Seguiu em Frente, solo de Rui Nunes, Danças na Cidade, Teatro Municipal Maria Matos, Lisboa

Nossa Senhora das Flores e Com a morte me enganas, de Francisco Camacho, Lisboa'94, Teatro S. Luiz, Lisboa

Primeiro nome: Le, de Francisco Camacho, Fundação de Serralves, Porto (com Ezequiel Santos, entre outros)

Sebastião e Teresa, de Margarida Bettencourt, Capela da Gandarinha, Cascais

Anna, Anna, coreografia de Madalena Victorino, Encontros Acarte / Fundação Calouste Gulbenkian, Sala Polivalente do CAM

Introdução ao Princípio das Coisas, de Olga Roriz, Companhia de Dança de Lisboa, Lisboa'94, Teatro Municipal S. Luiz, Lisboa

Finis Terra, de Olga Roriz, Companhia de Dança de Lisboa, Teatro Nacional S. João, Porto, com Lina Santos, no âmbito das comemorações do sexto centenário do nascimento do Infante D. Henrique, cenário e figurino de Carlos Nogueira

Savon de Toilette (trio), de Amélia Bentes, Rencontres Choréographiques Internationales de Bagnolet, ACARTE, Lisboa

Viva o Momento, versão I, de Pieter Michael Dietz (a solo), Quinzena de Dança de Almada

O Beijo, de Filipa Francisco e Bruno Cochat, 7ª Bienal de Jovens Criadores da Europa e do

	<p>Mediterrâneo, Lisboa</p> <p>Fevereiro – Manuel Castro Caldas substitui Manuel Costa Cabral na Direção do Ar.Co</p> <p>4 de março – <i>Vírus da Sida</i>, Ação dos Felizes da Fé na Faculdade de Ciência e Tecnologia, Monte da Caparica</p> <p>21 e 24 de março – <i>O Teatro das Operações – Estátuas</i>, Ação dos Felizes da Fé, Rua Augusta, Lisboa</p> <p>13 de junho – <i>Presente a Fernando Pessoa</i>, Ação dos Felizes da Fé, Chiado, Lisboa</p> <p>6 a 28 de agosto – <i>Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira, 16 Anos</i>, exposição promovida pela Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira no Solar dos Castros, coordenada por Jaime Isidoro e Henrique Silva</p> <p>Outubro – Olga Roriz abandona a Direção Artística da Companhia de Dança de Lisboa</p> <p>14 de outubro – <i>Até ao fim das terras todas</i>, Intervenção de Carlos Nogueira no átrio do teatro S. João, Porto, no âmbito da estreia de <i>Finis Terra</i>, pela Companhia Olga Roriz. No átrio do está uma comprida mesa em ferro, coberta com montes de sal, com garrafas colocadas em cima. Quando o público chega, as garrafas estão vazias; mas quando sai do espetáculo, cada uma das garrafas tem um papel com a frase <i>até ao fim das terras todas</i>, manuscrita por Carlos Nogueira, que retira o papel de uma das garrafas e leva-o consigo, sendo seguido pelo público</p> <p>27 de outubro – Inauguração da Associação Zé dos Bois</p> <p>Dezembro – <i>Sem título</i>, Ação dos Felizes da Fé nos Encontros de Psicologia e Arte, ISPA, Lisboa</p>
<p>1995 <i>Fantastic Prayers</i>, primeira encomenda do Dia Center de Nova Iorque para um projeto de artistas na Web, feita à escritora Constance DeJong, ao videasta Tony Oursler e ao músico Stephen Vitiello</p> <p>Clara Andermatt orienta um ateliê de coreografia no European Dance Development Centre, Arnhem</p> <p><i>Passionate Fraud</i>, versão I (quinteto) de Amélia Bentes, European Dance Development Centre, Arnhem</p> <p><i>Perforium'95 – International Performance Art Meeting</i>, Centro Cultural de Almássy Tér, Budapeste, Hungria (com a participação de Fernando Aguiar com <i>Poesia Sonora III</i>, Centro de Língua e Cultura Portuguesa do Instituto Camões, Budapeste)</p> <p><i>Strumenti a Voce – Festival-Symposium Internazionale Sulle Nuova Sonorità in Poesia</i>, Teatro La Soffitta, Bolonha, Itália, com a participação de Fernando Aguiar, com <i>Soneto Sonoro</i></p>	<p>João Fiadeiro inicia as suas pesquisas em torno da <i>Composição em Tempo Real</i></p> <p><i>A Dança Muda Lugares – Cinco anos da Re.AI</i>, Re.AI</p> <p>Criação da Companhia Paulo Ribeiro</p> <p>Criação da Olga Roriz Companhia de Dança, para a qual a autora criou <i>Propriedade Privada</i> (Teatro Nacional S. João, Porto, com Carla Ribeiro e Sónia Aragão) e remontou <i>Cenas de Caça e Finis Terra</i></p> <p>Criação do Núcleo de Expeimentação Coreográfica (NEC), Porto</p> <p>Criação do DançArte, fundado por Sofia Belchior (ex-bailarina da CeDeCe) em colaboração com António Machado (integrada na Associação Passos e Compassos)</p> <p>Criação do Balletatro Centro Audiovisual e do Balletatro Auditório</p>

<p><i>Poesia Visiva e Dinntorni (L'Ultima Avanguardia)</i>, Spoleto, Itália, incluindo <i>A Sonnet Verbo-Voco-Visual in Three Parts: 1st Part – A Verbal Sonnet, 2nd Part – A Vocal Sonnet, 3rd Part – A Visual Sonnet</i>, Performance de Fernando Aguiar, Convento di San Domenico</p> <p><i>Poesia Sonora</i>, Performance de Fernando Aguiar no Centre International de Poésie Marseille, Marselha</p> <p><i>Transart Communications 3 – International Festival of Alternative Arts</i>, Nové Zámky, República Eslovaca, incluindo <i>Vocal Sonnet</i>, Performance de Fernando Aguiar, Kino Mier</p> <p><i>Oordmr</i>, Performance de Manoel Barbosa no <i>AVE'p5 – Internationaal Audiovisueel Experimenteel Festival</i>, Arnhem</p> <p>21 de maio – <i>M.O.</i>, de Trisha Brown, com Kathleen Fisher, Kevin Kortan, Diane Madden, Stanford Makishi, Kelly McDonald, Gena Rho, Wil Swanson, Keith Thompson e Ming Lung Yang, La Monnaie, Bruxelas, Bélgica</p> <p>28 de junho – <i>You can see us</i>, de Trisha Brown, som e figurino de Robert Rauschenberg, com Trisha Brown e Bill T. Jones, Montpellier Festival de Danse, França</p> <p>12 de outubro – <i>Offenbach Overtures</i>, de Paul Taylor, música de Jacques Offenbach, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p>	<p><i>Amor ou Sexo; Self(ish) Portrait</i> (a solo) e <i>O Desejo Ardente Deve Ser Acompanhado por Uma Vontade Firme</i>, todos de João Fiadeiro</p> <p><i>Olímpia</i> e <i>A Dança do Existir</i>, de Vera Mantero</p> <p>Vera Mantero integra o elenco da ópera <i>Street Scene</i> (de Kurt Weill), encenada por José Wallenstein e com Coreografia de Paulo Ribeiro</p> <p><i>Anteros o Amante Visual</i>, de Paula Massano, com Lisa Hurst, Stephan Jürgens e Milton de Lima. Espaço cénico de Pedro Portugal e desenho de luzes de Paulo Graça</p> <p><i>Be Polite e Anomalias Magnéticas</i>, de Clara Andermatt</p> <p><i>Alma 1</i> (Solo dançado pela autora, Festival Arhus, Dinamarca), <i>Translations</i> (realizado com amadores, na Dinamarca); <i>Alma 2</i> (dueto, Festival Danças na Cidade, Teatro Maria Matos); e <i>Sobreiros</i>, Museu de Etnologia; todos de Madalena Victorino</p> <p><i>A Taça Mercurial</i>, de e com Margarida Bettencourt, ACARTE, Lisboa</p> <p><i>Love Series not talking about perfection</i>, de e com Aldara Bizarro (a solo), Centro Cultural de Belém, Lisboa</p> <p><i>Finis Terra II</i>, de Olga Roriz, Centro Cultural de Belém, Lisboa; cenário e adereços de Carlos Nogueira e figurino de Carlos Nogueira e Olga Roriz</p> <p><i>O Nariz do meu Pai</i>, de Filipa Francisco e Bruno Cochat, Quinzena de Dança de Almada</p> <p><i>Pour Bien</i>, de Sílvia Real, Culturgest, Lisboa</p> <p><i>Além-Tejo</i>, de Sofia Belchior, Cruzamento Central, Moura</p> <p><i>Urmt</i>, Performance de Manoel Barbosa e Telectu com seis actores Angrenses no IAC – Instituto Açoreano de Cultura, Teatro Angrense, Angra do Heroísmo, montagem subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian</p> <p>Junho – <i>Sábado 2</i>, de Paulo Ribeiro, Danças na Cidade, Lisboa, com Paula Moreno, Leonor Keil, Paulo Ribeiro, Joana Novaes e Duarte Barrilero Ruas</p> <p>Novembro – <i>Manifestação contra Guterres</i>, Ação dos Felizes da Fé, S. Bento, Lisboa</p>
<p>1996 <i>AnnArt 7 – International Living Art Festival</i></p> <p><i>Serpens I – International Festival of Performance and Action Art</i>, Synagoga na Palmovce, Praga, República Checa (incluindo <i>Sound and Visual Sonnets</i>, Performance de Fernando Aguiar)</p> <p><i>III Encuentro de Editores Independientes</i>, Huelva, Espanha, incluindo <i>Esta Intervenção...</i>, Performance de Fernando Aguiar, Sede Iberoamericana da La</p>	<p>Reabertura do Teatro Nacional S. João, Porto</p> <p>III (e últimas) Jornadas de Arte Contemporânea do Porto</p> <p>Fernando Calhau é convidado a dirigir o recentemente criado Instituto de Arte Contemporânea</p> <p>Criação do Instituto Português das Artes do</p>

Rábida/ Universidad Internacional de Andalucia

11 a 14 de abril – Vera Mantero apresenta obras no The Kitchen, Nova Iorque

2 de outubro – *Twelve Ton Rose*, de Trisha Brown, com Kathleen Fisher, Diane Madden, Stanford Makishi, Mariah Maloney, Gena Rho, Wil Swanson, Keith Thompson, Abigail Yager e Ming Lung Yang, BAM, Opera House, Brooklyn, NY

2 de novembro – Trisha Brown e Steve Paxton entrevistam Viola Farbes, Merce Cunningham, Yvonne Rainer e Robert Rauschenberg sobre a ligação de Rauschenberg à performance, dando origem ao documentário *Robert Rauschenberg, The Art of Performance*

Espetáculo do Ministério da Cultura

Galeria Zen é rebatizada como 111

Ciclo de Performances do III Simpósio Internacional de Escultura em Ferro, Amadora, incluindo *Estrutura Textual*, Performance de Fernando Aguiar

1ºs Encontros de Ficção Científica e Fantástico, Cascais, incluindo *Por Dentro e Por Fora*, Performance de Fernando Aguiar, Teatro Gil Vicente

Poemas, na Vala, Performance de Fernando Aguiar, ARA – Vala Comum, Lisboa

Vaca Louca, Ação dos Felizes da Fé na Bienal do Atlântico, Cordoaria, Lisboa

Constituição da associação cultural Devir, em Loulé

Criação do Ballet Contemporâneo do Norte, em Espinho

Criação da Oficina 3º Ato, Vila do Conde, por Joclécio Azevedo e Isabel Agonia

DançaArte sedia-se no Teatro Municipal S. João, Palmela

Re.Al instala-se no Espaço Ginjal, Cacilhas

Rumor dos Deuses, de Paulo Ribeiro, ACARTE, Lisboa, com Leonor Keil e Pieter Michael Dietz, música de Vítor Rua

Prazeres, de Clara Andermatt

Poemas de Amor, de Clara Andermatt, com José Silva e Clara Andermatt

Quatro Árias de Ópera, de João Fiadeiro, Vera Mantero, Clara Andermatt e Paulo Ribeiro

uma misteriosa Coisa, disse e.e. cummings, de Vera Mantero, baseado na figura de Josephine Baker (Culturgest, Lisboa, a solo)

Foda de Morte, Performance de Vera Mantero, baseada na obra de Sade e apresentada no contexto da exposição *Justine e Juliette*, de ilustrações de Julião Sarmento, Galeria Assírio & Alvim, Lisboa

A Travessia Difícil, de Rui Nunes, com Francisco Pedro e João Galante, Centro Cultural de Belém, Lisboa

Dom São Sebastião, de Francisco Camacho, estreia no Teatro Pradrillo (com Carlota Lagido, António Tavares, Miguel Pereira, Leonor Keil e Nuno Bizarro)

Road Movie, de e com Sílvia Real (a solo), Fundação de Serralves, Porto

Nu Meio, de Filipa Francisco, com Bruno Cochat e Filipa Francisco, Associação Portuguesa para a Dança, Culturgest, Lisboa

	<p><i>De Agora em Diante</i>, de e com Paulo Henrique (a solo), Danças na Cidade, Cinearte, Lisboa</p> <p><i>Vós Que Ficais, Sêde Dignos de Nós, os que vão Morrer</i>, de Ana Figueira para o Grupo de Dança de Almada, com Maria José Bernardino, Célia Alturas, Cláudia Dias, Diniz Sanches e Maria João Garcia</p> <p><i>L. M. Lady Macbeth</i>, de Né Barros para o Balletteatro Companhia, com Isabel Barros, Teatro Nacional S. João, Porto</p> <p>Maio – <i>Abertura da Expo 98</i>, Ação dos Felizes da Fé na Piscina da Penha de França, Lisboa</p> <p>Outubro – Último número da revista <i>Colóquio/Artes</i>, publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian desde 1971</p>
<p>1997 Bienal de Veneza, incluindo <i>Balkan Baroque</i>, de Marina Abramović</p> <p><i>Rooms with a View: Environments for Video</i>, exposição no Guggenheim Museum de Nova Iorque</p> <p>Retrospectiva de Bill Viola no Whitney Museum, Nova Iorque</p> <p><i>Cremaster 5</i>, de Matthew Barney</p> <p><i>Passionate Fraud</i>, versão II (dueto) de Amélia Bentes, The Place, Londres</p> <p><i>V Congresso Brasileiro de Poesia</i>, Bento Gonçalves, Brasil, incluindo <i>Poesia Sonora VII</i>, Performance de Fernando Aguiar, Escola Dona Isabel</p> <p>10 de janeiro – <i>Prime Numbers</i>, de Paul Taylor, música de David Israel, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>28 de janeiro – <i>Accumulation with Talking Plus Repertory</i>, de Trisha Brown, com Trisha Brown, Kathleen Fisher, Diane Madden, Stanford Makishi, Mariah Maloney, Gena Rho, Wil Swanson, Keith Thompson, Abigail Yager e Ming Lung Yang, The Kitchen, Nova Iorque</p> <p>25 de fevereiro – <i>Eventide</i>, de Paul Taylor, música de Ralph Vaughan Williams, figurino e cenário de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>19 de maio – <i>For Merce</i>, de e com Trisha Brown, A Tribute to Merce Cunningham, Brooklyn Academy of Music, Brooklyn, Nova Iorque</p> <p>12 de junho – <i>Piazzolla Caldera</i>, de Paul Taylor, música de Astor Piazzolla e Jerzy Peterburshsky, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p>	<p>Encerramento da Galeria Alda Cortez</p> <p>Encerramento da Galeria Graça Fonseca</p> <p><i>Perspetiva: Alternativa Zero</i>, exposição em Serralves, que incluiu Performances de Albuquerque Mendes (<i>Ritual</i>, a 17 de julho, com um caminho iniciado na Torre dos Clérigos culminando na Praça da Liberdade. O artista envergava uma túnica com capuz e carregava uma mesa às costas, também ela coberta por tecido colorido, realizando uma Performance semelhante à feita na <i>Alternativa 0</i>, em 77, e que envolveu beijar a cabeça de um santo, a utilização de tubos de tinta para pintar retratos, um fogo onde queima luvas, a destruição com um martelo de cabeças de barro e a oferta ao público dos artefatos utilizados)</p> <p><i>Almada, Um Nome de Guerra</i>, de Ernesto de Sousa, é apresentado no Instituto Superior Técnico, Lisboa</p> <p><i>Recent Actions</i>, Performance de Fernando Aguiar</p> <p><i>Ações e Performances</i>, Lisboa, incluindo <i>Problemática da Dificuldade</i>, Performance de Fernando Aguiar, Teatro Cinearte</p> <p><i>Retratos e Vidas Silenciosas e I Am Sitting in a Room Different From the One You Are In Now</i>, de João Fiadeiro</p> <p><i>A Queda de um Ego e Para Enfastiadas e Profundas Tristezas</i> (versão de 1997), com Paula Castro, Vera Mantero e Lília Mestre de Vera Mantero; ambas de Vera Mantero</p> <p><i>Azul Esmeralda e Homenagem a José Limón</i> (solo de Leonor Keil), de Paulo Ribeiro</p> <p><i>Cenas de Caça</i> (nova versão), de Olga Roriz, Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa</p> <p><i>Prisão Aparentável</i>, de Rui Nunes</p> <p><i>Gust</i>, de Francisco Camacho</p> <p><i>Alma 13</i> (para 13 atores e bailarinos), de Madalena Victorino, Sala das Novas Tendências, Teatro A</p>

		<p>Comuna; e ACARTE, Lisboa</p> <p><i>Molly. Composição para corpo algures no espaço em tempo incerto</i>, de Margarida Bettencourt</p> <p><i>Fun-da-Mental</i>, coreografia de Amélia Bentes, Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém</p> <p><i>Escritório</i>, coreografia de Madalena Victorino, Dança no Século XX, Homenagem ao Primeiro Expressionismo, Culturgest</p> <p><i>Shirtologia</i>, coreografia de Miguel Pereira e Jérôme Bel, Black Box, Centro Cultural de Belém</p> <p><i>A Guardadora de Rebanhos</i>, coreografia de Leonor Keil, Centro Cultural de Belém</p> <p><i>Viva o Momento</i>, versão X, de Pieter Michael Dietz (a solo), Centro Cultural de Belém, Lisboa</p> <p><i>Um Golpe de Sorte Numa Mera Crise Não é o Suficiente</i>, de João Galante e Teresa Prima, Centro Cultural de Belém, Lisboa</p> <p><i>Voy a hacer de mi una estrella</i>, de Filipa Francisco para o Grupo de Dança de Almada, com Maria José Bernardino e Cláudia Dias</p> <p>5 de julho – <i>DMNUURG</i>, Performance de Manoel Barbosa e Telectu no Castelo de S. João Baptista, Angra do Heroísmo, promovida pelo Instituto Açoriano de Cultura e apoiada pelo Ministério da Cultura/ Instituto de Arte Contemporânea e Fundação Calouste Gulbenkian</p> <p>9 de julho – <i>NOORDL</i>, Performance de Manoel Barbosa, precedida por uma instalação estético-sensitiva, no Vulcão dos Capelinhos, Horta, promovida pelo Instituto Açoriano de Cultura e apoiada pelo Ministério da Cultura/ Instituto de Arte Contemporânea e Fundação Calouste Gulbenkian</p> <p>11 de julho – <i>Performance e Body Art</i>, conferência na Livraria Solmar, Ponta Delgada, promovida pelo Instituto Açoriano de Cultura e apoiada pelo Ministério da Cultura/ Instituto de Arte Contemporânea e Fundação Calouste Gulbenkian</p> <p>12 de julho – <i>OORMRR</i>, Performance de Manoel Barbosa na Academia das Artes dos Açores, Ponta Delgada, promovida pelo Instituto Açoriano de Cultura e apoiada pelo Ministério da Cultura/ Instituto de Arte Contemporânea e Fundação Calouste Gulbenkian</p>
<p>1998</p>	<p>Fundação do Coletivo Cambalache, Bogotá, Colômbia, por Carolina Caycedo, Adriana García Galán, Alonso Gil e Federico Guzmán</p> <p><i>My New Theater II (Big Mirror)</i>, de Joan Jonas, Pat Hearn Gallery, Nova Iorque. O público entra numa estrutura em funil vendo num ecrã imagens de Jonas a desempenhar tarefas quotidianas (como varrer o chão), que se transformam em frenéticas danças percussivas, acompanhadas por canções e textos,</p>	<p>Expo'98</p> <p><i>Mindfield e ... E Inversamente</i>, de João Fiadeiro</p> <p><i>Poesia e Selvajaria</i>, de Vera Mantero</p> <p><i>Memórias de Pedra – Tempo Caído</i>, de Paulo Ribeiro, Festival Mergulho no Futuro/ Expo'98, Teatro Maria Matos</p> <p><i>Uma História da Dúvida</i>, de Clara Andermatt</p>

<p>incluindo o poema <i>Big Mirror</i>, de William Carlos Williams e canções folclóricas sobre amigos falecidos</p> <p><i>Monsters of Grace</i>, de Robert Wilson e Philip Glass, baseado no texto do místico persa Jelaluddin Rumi, e combinando ação ao vivo com um filme de animação 3D, da autoria de Jeffrey Kleiser e Diana Walczak</p> <p><i>Breath</i>, de Eiko e Koma, Whitney Museum, Nova Iorque, em que os performers atuam entre projeções de filme e vídeo</p> <p><i>Europa Festival</i>, Ferentino, Itália, incluindo <i>Direzioni del Gesto</i>, Performance de Fernando Aguiar, Auditorium Cesare Sterbini</p> <p>4 de março – <i>The Word</i>, de Paul Taylor, música de David Israel, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>13 de maio – <i>L’Orfeo</i>, de Trisha Brown, com Diane Madden, Kathleen Fisher, Stanford Makishi, Mariah Maloney, Brandi Norton, Stacy Matthew Spence, Katrina Thompson, Keith Thompson, Abigail Yager e Ming Lung Yang, Theatre de la Monnaie, Bruxelas, Bélgica</p> <p>23 de maio – <i>Fiddles Green</i>, de Paul Taylor, música de John Adams, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>Verão – Guggenheim Museum de Nova Iorque lança o seu primeiro projeto de artista para a Web com <i>BRANDON</i>, da nova-iorquina Shu Lea Cheang</p> <p>16 de setembro – <i>Canto/Pianto</i>, de Trisha Brown, com Kathleen Fisher, Mariah Maloney, Brandi Norton, Seth Parker, Stacy Matthew Spence, Todd Lawrence Stone, Katrina Thompson, Keith Thompson e Abigail Yager, Hebbel Theatre, Berlim, Alemanha</p> <p>Outubro – <i>House/Lights</i>, trabalho do Wooster Group apresentado na Performing Garage, Nova Iorque</p>	<p><i>Escritório</i> (solo), de Madalena Victorino</p>
<p>1999</p> <p>18 de fevereiro – <i>Oh, You Kid!</i>, de Paul Taylor, música Ragtime tocada pela Patagon Ragtim Orchestra, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>7 de julho – <i>Five Part Weather Invention</i>, de Trisha Brown, com Kathleen Fisher, Mariah Maloney, Brandi Norton, Seth Parker, Stacy Matthew Spence, Todd Lawrence Stone, Katrina Thompson, Keith Thompson e Abigail Yager, Jacob's Pillow Dance Festival, Lee, MA</p> <p>22 de julho – <i>Cascade</i>, de Paul Taylor, música de Bach, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>15 de outubro – <i>Arabesque</i>, de Paul Taylor, música de Debussy, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p>	<p>Inauguração do Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves</p> <p><i>Geração Feliz</i>, documentário realizado por Leonor Areal sobre os Felizes da Fé</p> <p><i>Ao Vivo</i>, de Paulo Ribeiro</p> <p><i>Super-Homem</i>, de Francisco Camacho</p> <p>4 de maio – <i>Manifestação de Apoio à NATO</i>, Ação dos Felizes da Fé na Rua Augusta, Lisboa</p> <p>8, 21 e 28 de maio – <i>Os passos das almas</i>, Performance de Albuquerque Mendes nas ruas do Porto, durante a exposição homónima, Galeria Canvas, Porto: “Por ocasião da sua exposição na Galeria Canvas, segundo um horário afixado num dos trabalhos expostos, Albuquerque convida dois homensa dirigirem-se a essa peça, na qual se encontram os trajes e um sino que serão usados no decorrer de uma ‘procissão’ nas ruas da cidade,</p>

		<p>assim como um quadro emoldurado como de fosse uma bandeira litúrgica. O quadro será depois mostrado ao público através de um itinerário previamente programado⁷⁰</p> <p>18 de dezembro – <i>Contra o Fim do Mês</i>, Ação dos Felizes da Fé na Rua Augusta, Lisboa</p>
2000	<p>17 de Fevereiro – <i>Rapture to Leon James</i>, de Trisha Brown, com Kathleen Fisher, Mariah Maloney, Brandi Norton, Seth Parker, Stacy Matthew Spence, Todd Stone, Katrina Thompson, Keith Thompson e Abigail Yager, Kennedy Center, Washington</p> <p>29 de junho – <i>El Trilogy</i>, de Trisha Brown, com Kathleen Fisher, Sandra Grinberg, Diane Madden, Mariah Maloney, Brandi Norton, Seth Parker, Stacy Matthew Spence, Katrina Thompson, Keith Thompson, Abigail Yager e Todd Lawrence Stone; e <i>Groove and Countermove</i>, de Trisha Brown, com Kathleen Fisher, Sandra Grinberg, Mariah Maloney, Brandi Norton, Seth Parker, Stacy Matthew Spence, Todd Lawrence Stone, Katrina Thompson, Keith Thompson e Abigail Yager; American Dance Festival, Raleigh-Durham</p> <p>25 de julho – <i>Fiends Angelical</i>, de Paul Taylor, música de George Crumb, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>16 de novembro – <i>Dandelion Wine</i>, de Paul Taylor, música de Pietro Locatelli, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p>	<p><i>O que eu sou não fui sozinho</i>, de João Fiadeiro</p> <p><i>Comédia Off</i>, de Paulo Ribeiro</p> <p><i>Dan Dau</i>, de Clara Andermatt</p> <p><i>Metropolis 2000</i>, Performance de Pedro Tudela, Rivoli, Porto</p> <p><i>Procession</i>, Performance de Albuquerque Mendes, Galeria Canvas, Porto</p>
2001	<p>16 de março – <i>Luci Mie Traditrici</i>, de Trisha Brown, La Monnaie, Bruxelas, Bélgica</p> <p>10 de abril – <i>Black Tuesday</i>, de Paul Taylor, acompanhado por canções da Grande Depressão, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>26 de outubro – <i>Antique Valentine</i>, de Paul Taylor, música de Bach, Weber, Haydn, Beethoven, Chopin e Mendelssohn, tocada em caixas de música, piano e órgão mecânico, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p>	<p>Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura</p> <p><i>Aicnêtsixe</i>, de João Fiadeiro</p> <p><i>A Essência dos Sentidos</i>, Performance de Fernando Aguiar</p> <p><i>Urbanlab</i>, Performance de Pedro Tudela na Factory (ex Fábrica Fimai), no âmbito da <i>Bienal da Maia</i></p> <p><i>Tango</i>, Performance de Albuquerque Mendes no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto</p> <p><i>História de um Milagre</i>, Performance de Albuquerque Mendes, Teatro do Campo Alegre, Porto</p> <p>3 de julho – Mesa redonda <i>Os Felizes da Fé e o Hiperdadaísmo</i> (online)</p> <p>5 de julho – I Congresso Hiperdada</p>
2002	<p><i>Cremaster 3</i>, de Matthew Barney</p> <p>6 de junho – <i>Promethean Fire</i>, de Paul Taylor, música de Bach orquestrada por Leopold Stokowski, figurino e cenário de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>28 de junho – <i>Geometry of Quiet</i>, de Trisha Brown,</p>	<p><i>Incorpóreo III</i>, Performance de João Vieira que reatualiza <i>Incorpóreo I</i> de 72, realizada na Fundação de Serralves, no âmbito da exposição retrospectiva que lhe foi dedicada</p> <p><i>ON OFF</i>, Performance de António Olaio com Paulo Mendes, Festival Danças na Cidade, Lisboa</p>

⁷⁰ Cf. GONÇALVES, 2011: 195.

	<p><i>Existência</i>, de João Fiadeiro</p>
<p>com os bailarinos Sandra Grinberg, Brandi Norton, Stacy Matthew Spence e Todd Lawrence Stone e os movimentadores de cenário: Seth Parker e Katrina Thompson; Corum Theatre, Montpellier, França</p> <p>1 de julho – <i>It's a Draw</i>, de e com Trisha Brown, som de Robert Rauschenberg, Theatre du Hangar, Montpellier, França</p> <p>18 de outubro – <i>Dream Girls</i>, de Paul Taylor, com <i>barbershop quartet songs</i> cantadas por The Buffalo Bills, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>2 de dezembro – <i>Winterreise</i>, de Trisha Brown, com Brandi L. Norton, Lionel Popkin e Seth Parker, John Jay College Theatre, Nova Iorque</p>	<p>João Fiadeiro colabora com o cineasta Pedro Costa na realização do filme-conferência <i>The End of a Love Affair</i></p> <p><i>Brr</i>, Festival Internacional de Performance, Porto. Incluiu uma Performance de António Olaio com Paulo Mendes, no Teatro Nacional de São João, e um concerto de Olaio com João Taborda, no espaço Maus Hábitos, entre outros</p> <p><i>Há Palavras que nos Beijam</i>, Performance de Pedro Tudela no Auditório da Biblioteca Municipal Almeida Garrett, Porto</p> <p>Julho – Exposição Homeostética na Casa das Artes de Tavira</p>
<p>2003</p> <p><i>I Am Here</i>, de João Fiadeiro, a partir da obra de Helena Almeida, Centro Georges Pompidou, Paris</p> <p>9 de abril – <i>In the Beginning</i>, de Paul Taylor, música de Carl Orff orquestrada por Freidrich K. Wanek, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>14 de abril – <i>PRESENT TENSE</i>, de Trisha Brown, com Brandi Norton, Sandra Grinberg, Stacy Matthew Spence, Todd Stone e Katrina Thompson, 35th Anniversary Season/Lincoln Center, Nova Iorque</p> <p>15 de novembro (a 25 de janeiro de 2004) – <i>Art, lies and videotape: exposing performance</i>, Tate Liverpool</p>	<p><i>I Am Here</i>, de João Fiadeiro, CCB, Lisboa, no âmbito da retrospectiva sobre a obra de Helena Almeida</p> <p>Pedro Tudela + AGF apresentam uma Performance no Auditório do Museu de Arte Contemporânea Serralves, Porto</p> <p><i>Ken I be Matisse?</i>, Performance de António Olaio com João Taborda e Paulo Mendes, Aniversário do Museu de Serralves, Museu de Serralves, Porto</p> <p><i>Guanabara Bay e Natureza e Crueldade</i>, Performances de Albuquerque Mendes na galeria Graça Brandão, Porto</p> <p>Julho – Exposição <i>6=0 Homeostética</i>, Fundação Serralves, Porto</p>
<p>2004</p> <p><i>Comer o coração</i>, obra criada para representar Portugal, é apresentada na 26.ª Bienal de São Paulo, produzida pela Direção-Geral das Artes em colaboração com o Centro Cultural de Belém, onde foi apresentada em 2005. Comissariada por Alexandre Melo, consistiu numa Performance de Vera Mantero, instalada em esculturas criadas por Rui Chafes, acompanhada por um vídeo de Helena Inverno</p> <p>2 de março – <i>Le Grand Puppetier</i>, de Paul Taylor, música de Igor Stravinsky (Petruscka) tocada em pianola, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>24 de março – <i>Dante Variations</i>, de Paul Taylor, música de György Ligeti, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>29 de abril – <i>O zlozony / O composite</i>, de Trisha Brown, com o Ballet da Ópera de Paris: Aurélie Dupont, Manuel Legris, e Nicholas le Riche, BAM, Brooklyn, Nova Iorque</p> <p>24 de outubro – <i>Klezmerbulegrass</i>, de Paul Taylor, com música tradicional klezmer e bluegrass arranjada por Margot Leverett, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p>	

2005	<p>9 de abril – <i>how long does the subject linger on the edge of the volume...</i>, de Trisha Brown, com Neal Beasley, Sandra Grinberg, Brandi Norton, Cori Olinghouse, Stacy Matthew Spence, Todd Lawrence Stone e Katrina Thompson, Arizona State University, Tempe</p> <p>5 de julho – <i>Spring Rounds</i>, de Paul Taylor, música de Richard Strauss a partir de François Couperin, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>29 de outubro – <i>Banquet of Vultures</i>, de Paul Taylor, música de Morton Feldman, figurino e cenário de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p>	<p>Extinção do Ballet Gulbenkian</p> <p><i>I Am Here</i>, de João Fiadeiro, Festival Alcantara, Lisboa</p> <p><i>Comer o coração</i>, obra criada para representar Portugal, e apresentada na 26.ª Bienal de São Paulo, produzida pela Direção-Geral das Artes em colaboração com o Centro Cultural de Belém, é aqui apresentada. Comissariada por Alexandre Melo, consistiu numa Performance de Vera Mantero, instalada em esculturas criadas por Rui Chafes, acompanhada por um vídeo de Helena Inverno</p> <p><i>BRG 2005</i>, Performance de Pedro Tudela no Estádio do Braga</p> <p><i>Reading</i>, Performance de Albuquerque Mendes no Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Brasil</p> <p><i>Birthday Luck</i>, Performance de Albuquerque Mendes na galeria Mercedes Viegas, Rio de Janeiro, Brasil</p>
2006	<p>Performance de António Olaio na inauguração da exposição <i>Entre a palavra e a imaxe</i>, Fundación Luis Seoane, Corunha, Espanha</p> <p>15 de abril – <i>Troilus and Cressida (Reduced)</i>, de Paul Taylor, música de Amilcare Ponchielli, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>21 de maio – <i>Da Gelo a Gelo</i>, de Trisha Brown, Schwetzingen Festival, Schwetzingen, Alemanha</p>	<p>XY, Performance de Albuquerque Mendes com Rute Rosas, Rivoli Teatro Municipal, Porto, no âmbito do aniversário do Teatro Plástico. Os artistas dão uma “recepção de casamento” para público convidado, incluindo um bolo de casamento, e exibindo um vídeo feito por um profissional, que editou fotos e vídeos fornecidos pelos artistas, como se fossem do seu casamento</p> <p>Janeiro – Exposição <i>O Caminho do Leve</i>, de E. M. de Melo e Castro, Museu de Serralves, Porto. Na inauguração foi apresentada a Videoperformance <i>Incomunicação à distância</i> (21’30’)</p>
2007	<p>18 de janeiro – <i>I love my robots</i>, de Trisha Brown, com Trisha Brown, Sandra Grinberg, Hyun-Jin Jung, Leah Morrison, Melinda Myers, Tony Orrico, Tamara Riewe, Judith Sanchez Ruiz e Todd Lawrence Stone, Montclair State University</p> <p>2 de março – <i>Lines of Loss</i>, de Paul Taylor, música de Guillaume de Machaut, Christopher Tye, Jack Body, John Cage, Arvo Pärt e Alfred Schnittke, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>12 de julho – <i>De Sueños (Of Dreams)</i>, de Paul Taylor, música de Agustín Lara, Juan García Esquivel, Osvaldo Golijov, B. García de Jesús, J. Elizondo, Ariel Guzik, Chalino Sánchez, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>2 de novembro – <i>De Sueños que se Repiten (Of Recurring Dreams)</i>, de Paul Taylor, com música de Ariel Guzik, Silvestre Revueltas, Margarita Lecuona, Robert Gómez Bolaños e Severiano Briseño, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p>	<p>Pedro Tudela e Pedro Almeida apresentam uma Performance no Auditório da Casa da Animação, Porto</p> <p>17 e 18 de novembro – <i>Relações (Auto) Críticas, Encontro Sobre Crítica de Dança</i>, organizado pela Fábrica de Movimentos e pela Fundação Serralves, com curadoria de Tiago Bartolomeu Costa, Fundação de Serralves, Porto</p>
2008	<p>22 de abril – <i>Changes</i>, de Paul Taylor, música de The Mamas & The Papas, figurino Santo Loquasto, luz</p>	<p><i>Ritual</i>, Performance de Albuquerque Mendes, Madrid, Espanha (org. Casa das Américas)</p>

	<p>de Jennifer Tipton</p> <p>21 de novembro – <i>Beloved Renegade</i>, de Paul Taylor, música de Francis Poulenc, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p>	<p>Pedro Tudela apresenta uma Performance no âmbito do Festival Trama, Casa de Serralves, Porto</p> <p>22 de fevereiro a 20 de abril – <i>Manuel Alvess</i>, exposição antológica no Museu de Arte Contemporânea de Serralves</p> <p>Novembro – Estreia de <i>6=0</i>, filme de Bruno de Almeida sobre a Homeostética, no DOC Lisboa</p> <p>14-17 e 22 de novembro – <i>Desastre Nu</i>, peça de Teatro em quatro episódios, de António Aragão, é interpretada pela Companhia Contigo teatro, no âmbito do projeto <i>(Re) Encontro com António Aragão</i>, que também incluiu um ciclo de conferências e um ateliê, Centro de Artes Casa das Mudas, Calheta, Madeira</p> <p>Dezembro – Ciclo Internacional de Performance do 2º Encontro de Arte Global, Panteão Nacional, Lisboa. Dia 12, apresentaram-se trabalhos de Ilgyars Zalans (Letónia); e João Silva, Carlos Santos, Paulo Raposo, Eurico Gonçalves e Fernando Grade (Portugal). Dia 20 inaugurou uma Mostra de Vídeoperformances, com trabalhos de Pancho López (México), Alejandro Uranga (México), e Fernando Aguiar (Portugal)</p>
<p>2009</p>	<p>8 de abril – <i>Also Playing</i>, de Paul Taylor, música de Gaetano Donizetti, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>29 de abril – <i>L'Amour au théâtre</i>, de Trisha Brown, com Dai Jian, Hyun-Jin Jung, Todd McQuade, Leah Morrison, Melinda Myers, Tamara Riewe, Todd Lawrence Stone, Laurel Tentindo, Brooklyn Academy of Music, Brooklyn, Nova Iorque</p> <p>6 de novembro – <i>Brief Encounters</i>, de Paul Taylor, música de Debussy, figurino de Santo Loquasto, luz de James F. Ingalla</p>	<p><i>They shoot horses, don't they</i>, Performance de Albuquerque Mendes com Beatriz Albuquerque, A Sala, Porto</p> <p>Janeiro – Ciclo Internacional de Performance do 2º Encontro de Arte Global, Panteão Nacional, Lisboa. Dia 9, apresentaram-se trabalhos de Fausto Grossi (Espanha; em frente à Assembleia da República, sendo depois exibido um vídeo da atuação no Panteão Nacional); Valentin Torrens (Espanha); Szkárosi Endre (Hungria); e de Lúcia Coelho e Luís Felício; João Garcia Miguel; Mandrágora; Vitor Mácula; Nuno Oliveira; Margarida Chambel. Dia 16, Hans Clavin & G. J. de Rook (Holanda); Pilar Talavera (Perú); Larissa Ferreira (Brasil); Carlos Cabral Nunes / Numanépa (Portugal); Emilio & Franca Morandi (Itália); Günther & Colette Ruch (Suíça); Nieves Correa (Espanha). No dia 17 inaugurou a Exposição Documental <i>Encontros Nacionais de Intervenção e Performance 1985-1988</i>, e foram apresentados trabalhos de Manuel Portela; João Samões; Eurico Gonçalves; Fernando Grade; José Oliveira; e Chris Hales & Coletivo Multimédia Perve; Günther & Colette Ruch, Marina Salzmann e Alexa Montani (Suíça)</p>
<p>2010</p>	<p>13 de junho – <i>Pygmalion</i>, de Trisha Brown, com Dai Jian, Leah Morrison, Tamara Riewe, Laurel Tentindo, Todd Lawrence Stone, Elena Demyanenko, Nicholas Strafaccia, Samuel Von Wentz e Hyun-Jin Jung, Theater Carré, Amsterdão, Holanda</p> <p>15 de julho – <i>Phantasmagoria</i>, de Paul Taylor, música de compositores renascentistas anónimos, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p>	<p>Encerramento da Galeria Alvarez</p> <p><i>Águas Vivas</i>, de Silvestre Pestana, com música de Jorge Lima Barreto, Museu da Água, Coimbra</p> <p><i>N'est Pas</i>, Performance de Pedro Tudela no âmbito de “o dizer do corpo” project, no Espaço Ilimitado, Núcleo de Difusão Cultural, Porto</p> <p>Performance de António Olaio durante uma aula de</p>

	<p>30 de outubro – <i>Three Dubious Memories</i>, de Paul Taylor, música de Peter Elyakim Taussig, figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p>	<p>Alexandre Estrela, Faculdade de Belas Artes de Lisboa</p> <p>16 a 23 de outubro – <i>LINE UP ACTION</i> Festival Internacional de Arte da Performance, CAPC, Coimbra, dirigido por Fernando Matos Oliveira e António Azenha, incluindo <i>Pintura de uma Natureza Morta</i>, Performance de Armando Azevedo e <i>Kuenstlerleben</i>, Performance de António Olaio, entre outras</p>
<p>2011</p>	<p>31 de março – <i>Les Yeux et l'âme</i>, de Trisha Brown, University of Washington, Meany Hall, Seattle</p> <p>21 de julho – <i>The Uncommitted</i>, de Paul Taylor, música de Arvo Pärt, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Lipton</p> <p>5 de outubro – <i>I'm going to toss my arms – if you catch them they're yours</i>, de Trisha Brown, com Neal Beasley, Elena Demyanenko, Dai Jian, Tara Lorenzen, Leah Morrison, Tamara Riewe, Nicholas Strafaccia, Laurel Tentindo e Samuel Wentz, Théâtre National de Chaillot, Paris</p> <p>27 de outubro – <i>Rogues</i>, de Trisha Brown, com Neal Beasley e Lee Serle, Fall for Dance Festival, New York City Center, Nova Iorque</p> <p>19 de novembro – <i>Gossamer Gallants</i>, de Paul Taylor, música de Bedrich Smetana, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p>	
<p>2012</p>	<p>17 de março – <i>House of Joy</i>, de Paul Taylor, música de Donald York, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p> <p>3 de novembro – <i>To Make Crops Grow</i>, de Paul Taylor, música de Ferde Grofe, figurino de Santo Loquasto, luz de James F. Ingalls</p>	<p>Criação do <i>Sintoma</i>, grupo de investigação, prática artística e experimentação em Performance ou Live Art, no âmbito do i2ads, Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade e, dentro deste do NAI, Núcleo de Arte e Intermedia, da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP). Coordenado por Rita Castro Neves</p> <p><i>Avatar</i>, de Silvestre Pestana e Vitus Flore, obra em que transportam a 6ª Bienal Internacional de Gravura do Douro para o mundo virtual</p> <p>Pedro Tudela apresenta uma Escultura Sonora/Performance, no âmbito do <i>Laboratório de Curadoria</i>, Fábrica Asa, Guimarães Capital Europeia da Cultura, Guimarães</p> <p><i>N'est pas</i>, Instalação/ Performance de Pedro Tudela no âmbito do Ciclo Vinte e Sete Sentidos, Culturgest, Lisboa</p> <p>Performance de Chalpa Ferro e Pedro Tudela no âmbito do Programa Próximo Futuro, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa</p> <p><i>Changes</i>, Performance de Albuquerque Mendes e Beatriz Albuquerque, Galeria Nuno Centeno, Porto</p> <p>4 de maio – <i>Sintoma nº 0</i>, evento internacional de Performance com mostra e discussão, F.B.A.U.P. Incluiu as Performances <i>Quadro Alto/ Quadro Baixo</i>, de Pedro Tudela; <i>Hush hour in the studio</i>, de</p>

		<p>António Olaio; <i>Semas I e II: Escala!</i>, de Marta Bernardes; <i>De Anima Et Vita</i>, de Hugo de Almeida Pinho</p> <p>14 de julho a 9 de setembro – Exposição coletiva CENTR'ARTE, Fórum da Maia, incluindo <i>Piso -2: Drone</i>, obra de Silvestre Pestana, com música de Vítor Rua</p>
<p>2013</p>	<p>5 de março – <i>Perpetual Dawn</i>, de Paul Taylor, música de Johann David Heinichan, do Dresden Concerti, cenário e figurino de Santo loquasto, luz de James F. Ingalls</p> <p>5 de agosto – <i>American Dreamer</i>, de Paul Taylor, com canções de Stephen Foster cantadas por Thomas Hampson, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de Jennifer Tipton</p>	<p><i>Memory, Suspension, Matter (Memória, Suspensão, Matéria)</i>, Performance de Pedro Tudela, Jonathan Saldanha e Gustavo Costa no Auditório do Museu de Serralves, Porto</p> <p><i>Transparente/Opaco</i>, Performance de Pedro Tudela no CAM da Fundação Gulbenkian, Lisboa</p> <p><i>Privado s/ Público... fim de citação</i>, Performance de Pedro Tudela, Espaço Mira, Porto</p> <p><i>Sunset TVs</i>, Performance de António Olaio a convite de Eduardo Matos e André Cepeda, no âmbito da exposição <i>Explicação da Lâmpada</i>, Galeria Pedro Oliveira, Porto</p> <p>14 de fevereiro – <i>Colóquio Poesia Experimental – Materialidades e Representações Digitais</i>, Maus Hábitos, Porto</p> <p>Maio – Grupo Sintoma realiza <i>Sintomas e Efeitos Secundários</i>, evento internacional com a presença de 47 performers e investigadores, em colaboração com a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, através do Núcleo de Estudos Artísticos e do Património (NEAP) do INED. Performances de Adam Overton, Albuquerque Mendes, Ana Trincão, André Fonseca, Dalila Vaz, David Ferreira, Gabriela Vaz-Pinheiro, Horácio Frutuoso, Hugo de Almeida Pinho, John Grzinich, Jonathan Saldanha, Maile Colbert, Maria Trabulo, Paulo Mendes e Sandra Johnston⁷¹</p> <p>5 de dezembro – <i>Para Além do Mal. Como uma Pintura Figurativa</i>, Performance de Albuquerque Mendes e Hugo de Almeida Pinho no Maus Hábitos, Porto, no âmbito da segunda e última edição da plataforma <i>Expedição</i></p>
<p>2014</p>	<p>14 de março – <i>Marathon Cadenzas</i>, de Paul Taylor, música de Raymond Scott, cenário e figurino de Santo Loquasto, luz de James F. Ingalls</p>	<p><i>Reacting to Time, Portuguese na Performance</i>, projeto de Vânia Rovisco destinado a “reativar” as primeiras Performances de artistas portugueses</p> <p><i>00∞</i>, Performance de Pedro Tudela e João Gigante, Maus Hábitos, Porto</p> <p><i>My left hand is changing</i>, Performance de António Olaio, Espaço Mira, Porto</p> <p><i>Dois Cantos, ação ao vivo</i>, Performance de Ana Jotta e Miguel Vieira Baptista, Ar.co, Lisboa</p> <p><i>E o que hei-de amar senão o enigma?</i> Performance de Albuquerque Mendes com Luís Miguel Fontes,</p>

⁷¹ Programa completo em <http://www.i2ads.org/sintoma/?p=119>

	<p>Espaço Mira, Porto</p> <p><i>1.000.051 Aniversário da Arte</i>, CAPC, com Intervenções e Performances de António Barros (com <i>Aula Vaga</i>), António Melo, António Olaio, Armando Azevedo, Nuno Sousa Vieira, Luís Buñuel e DJ Luís Madureira</p> <p>31 de maio – <i>Serralves em Festa</i>, das 15h às 18h, <i>Sintoma</i> apresenta 11 Performances na Biblioteca do Museu de Serralves por: Anabela Veloso (<i>Recreio</i>), Bárbara C. Branco (<i>Entroncamento</i>), Elena Vidal (<i>Sem título</i>), Francisca Sousa (<i>Entretecido</i>), Isabel Andrade (<i>Corpo Paisagem</i>), João Espírito Santo Dias (<i>Sede</i>), Jorge Carvalho (<i>O beijo</i>), Ricardo Nogueira (<i>Abriu-se o influxo!</i>), Sara Carneiro (<i>Inumanidade</i>), Susana Soares Pinto (<i>ngimbe ephepheni</i>) e ainda <i>Exposição Coletiva</i>, de Anabela Veloso, Hugo Oliveira, Pedro Huet, Rafael Silva, Ricardo Nogueira e Sara Graça</p> <p>30 e 31 de outubro – <i>Encontros sobre Música e Performance</i>, no âmbito da inauguração de <i>O'culto da Ajuda</i> (Lisboa), um novo espaço da Miso Music Portugal para a pesquisa, experimentação, comunicação e partilha de criações artísticas que fomentam relações entre música e espaço, música e poesia, música e teatro, música e movimento, música e design, focando a nova ópera com meios tecnológicos. O programa do primeiro dia foi <i>Encontro em torno da música de câmara de Miguel Azguime</i> e o do segundo compreendeu os <i>Solistas do Sond'Ar-te Electric Ensemble</i></p>
2015	<p><i>Lígia</i>, Performance de Albuquerque Mendes, Bienal da Maia</p>

ANEXO B – Entrevistas e depoimentos

As entrevistas e depoimentos que agora se publicam foram sendo realizados ao longo da investigação, sem que inicialmente tenha previsto a sua divulgação integral. À medida que os trabalhos foram avançando, foi-se tornando evidente a dificuldade em aceder a documentação de época, pelo que a determinada altura pareceu necessário incluir este material.

Esta opção prende-se também com a especificidade do discurso direto, do qual se podem extrair várias “camadas” de informação, que se perdem com a (di)gestão académica.

As entrevistas resultam normalmente de um só encontro, excetuando as que foram feitas a Albuquerque Mendes e Manoel Barbosa, realizadas em dois dias distintos.

Depois de consultados acerca da possibilidade de publicação da entrevista, António Barros e Manoel Barbosa não a autorizaram, optando por entregar um novo documento redigido na sequência da consulta, e que portanto não corresponde ao depoimento original. Julião Sarmento não respondeu, pelo que o seu depoimento não é aqui publicado.

Todas as restantes são diretamente transcritas neste documento, por vezes com uma pequena edição que resulta na correção formal de passagens erróneas ou formulações com as quais os entrevistados se sentiam desconfortáveis.

ALBERTO CARNEIRO

Inverno 2014

MB: É curioso que várias pessoas com quem tenho falado referem o seu nome como fundamental no contexto da Performance em Portugal e pensam em si como um performer...

AC: Sabe que eu estive ligado, aliás com a Elvira Leite e a Manuela Malpique (publicámos há muitos anos um livro sobre o espaço pedagógico), a um grupo de trabalho, a partir de 1970 (entre eles um psiquiatra que é muito meu amigo, o José Adriano Fernandes), de exploração da dinâmica corporal. E fizemos muitos trabalhos sobre isso, com jovens, com crianças, com muita gente. Mas não deve ser por isso que as pessoas falam...

Até há uma espécie de mitologia sobre as Oficinas de Intercriatividade (OIC)... O António Barros dizia-me que fizeram um pacto de sigilo sobre o que lá se passou...

[risos] Não é bem verdade, mas pronto, em parte, em parte...

A Isabel Carlos falou-me um pouco sobre isso, ressaltando a diferença entre a experiência e o discurso, e destacou o trabalho sobre a confiança, o risco, a importância do momento. E isso foi muito marcante...

É natural, particularmente para as pessoas que passaram pelo Círculo de Artes Plásticas [CAP] nessa altura. Particularmente o grupo que depois foi formado pelo António Barros, pela Isabel Carlos, pelo Rui Orfão; e outras pessoas: a Ção Pestana, a Túlia [Saldanha]; a Luísa (filha da Túlia) também passou momentaneamente por aí. Fazíamos uma exploração: eu avançava – como sempre acontecia – com um tema, uma ideia, uma consideração, e depois íamos explorando e discutindo. Muitas vezes tínhamos também materiais básicos, por exemplo, papel higiénico; um dos exercícios mais interessantes que fizemos: enrolar o corpo do outro até ele estar completamente envolvido, e depois toda a ação começava a partir do rebentar, o papel passava a ser o próprio protagonista da ação que era desenvolvida. Foram momentos lindíssimos, plasticamente lindíssimos.

É engraçado que agora, 40 anos depois, há gente da Dança a trabalhar a partir daí... Mas o Alberto liderava essas sessões, certo?

Sim, sempre. Liderava e estava de fora. Não participava, ia dando orientações, se quiser (orientações é uma maneira de dizer), ia pondo a coisa com um discurso verbal, que acentuava este aspeto, ou aquele, ou aqueloutro, e levava à exploração disto ou daquilo. E no fim de cada sessão fazíamos uma conversa, que às vezes durava horas, de aprofundamento das questões, cada um dava o seu testemunho sobre a experiência que tinha feito e íamos caldeando isso. Eu tenho um dossier em que essas coisas estão todas sistematizadas...

Uma espécie de guião para cada sessão?

Sim, inclusivamente com fotografias.

Mas encarava a Oficina como um laboratório?

No fundo era uma exploração da dinâmica corporal, da amplitude da perceção que o corpo tem, desde o nariz, ouvidos, olhos, pele, etc. Quer fosse feita através dos materiais que eram propostos, quer através do corpo, do próprio ou do outro. Essa salva que o António Barros apresentava, é porque, apesar de tudo, algumas coisas podiam ser comprometedoras para as pessoas.

Era uma circunstância de intimidade.

Intimidade, exatamente.

Os participantes consideravam-no como um professor, alguém que lhes apresentou dados muito impactantes.

Sabe, é por uma razão: este trabalho de que eu lhe estava a falar começa logo após o meu regresso de Londres. Eu já estava tocado, já vinha mexido com estas coisas, e isto começa na Ludus, que era uma cooperativa de ensino infantil e juvenil, com um amigo da área da música, o Jorge Constante Pereira. Começámos fazendo máscaras, vestimentas para o corpo, com papel e cartão, tudo materiais pobres. Depois as pessoas pintavam-se umas às outras. Tudo começou aí. Fui desenvolvendo este trabalho e em Coimbra tive desde o princípio – fui para o Círculo em 1971 e estive lá até 1987/88 – a possibilidade de o desenvolver com uma grande liberdade. Tinha a liberdade quase total relativamente às ideias, por mais estranhas e mais doidas que fossem. E fui estudando, também; grande parte da [minha] biblioteca é sobre dinâmica corporal. Fui estudando, observando, colecionando livros, fomos discutindo. Foi muito interessante, porque este

grupo inicial de cinco pessoas era: o José Adriano Fernandes, que é psiquiatra, tinha feito teatro e foi ator; a Carolina Negreiros, que também foi atriz e era professora do ensino secundário; a Manuela Malpique, arquiteta e professora; e a Elvira Leite, pintora e professora. Quando eu chego ao Círculo já levava atrás de mim esta bagagem, este interesse por estas coisas, e o Círculo permitiu-me fazer uma série de experiências. Eu, do lado de fora, orientando, também experimentei.

O que viveu em Londres funcionou como uma espécie de gatilho, ou não?

Num certo sentido já vinha de trás. Mas Londres foi a grande liberdade, sob todos os aspetos. A partir do momento que eu em Londres me descalcei e passei a andar descalço na rua e verifiquei que ninguém olhava para mim...

É um mundo que se abre...

É evidente, e abriu-se.

Quando esteve lá, esta coisa do “ao vivo” era muito evidente?

Vi alguns espetáculos do Living Theatre, e outras coisas, e tocou-me imenso. Mas eu sou aquilo a que se pode chamar um melómano, sou viciado em música clássica, e o meu grande interesse em Londres foi a possibilidade de às vezes ter num mesmo dia oito concertos para escolher.

Uma oferta que não tinha nada a ver com o que se passava cá...

Nada a ver, e portanto foi todo esse mundo, e acima de tudo o convívio. Não tanto com a escola... O [Anthony] Caro e o [Philip] King foram meus professores, entre outra gente: o Timothy Scott, o David Annesley, o Barry Flanagan, etc. Mas a escola também já não me dizia grande coisa, o Caro já não me dizia grande coisa, o King ou o Flanagan já me diziam alguma coisa, foram de facto, de todos eles, aqueles com quem tive uma relação mais próxima. Mas a possibilidade cultural é que foi: quem sai daqui em 1968, com o Salazar à perna, chega ali...

E ainda assim, o que é que lhe faltava na escola?

O que me falta hoje. Em 2012, para o meu catálogo de Bragança, fiz uma coisa... Já não me apetecia pedir textos a ninguém, já toda a gente tinha escrito, e portanto resolvi ir ver as entrevistas que fui dando ao longo dos anos. Agarrei nas respostas e compus um

texto comprido, cerca de vinte páginas. Uma das coisas que a dada altura digo é que nunca nada me satisfaz, no sentido da resposta absoluta àquilo que eu desejava. E portanto estou sempre à procura.

O caminho não tem fim...

Não tem fim. Eu podia ter ficado na oficina de santeiro, não fiquei. Podia ter ficado a fazer estátuas, não fiquei, etc., etc.... Quando me perguntam: porque é que faz as coisas que faz? Faço por necessidade, não é? Porque são as únicas coisas que posso fazer no momento em que as faço, pura e simplesmente. Aquando da minha exposição em Serralves, disse ao João Fernandes que ia fazer uma coisa nova: “vou fazer algo que vai responder a muita coisa que já fiz mas não será aquilo que já fiz.”, disse-lhe. Mas não sei, não sei... Sei que sou uma pessoa muito curiosa, ainda hoje, apesar da doença, sempre muito ávida de saber coisas, da novidade. Estou, por exemplo, muito atento aquilo que se vai passando, estou bastante informado, ou procuro estar. Continuo a receber as grandes revistas, exatamente para saber aquilo que não hei-de fazer. O meu interesse pelas dinâmicas corporais passa por estas vias. Tenho tido alguma sorte. Tive a sorte de em Coimbra encontrar aquele grupo, o CAP, o curso de Arquitetura, outras coisas, onde houve a possibilidade de realizar as minhas ideias em liberdade.

Mas não acha estranho que do grupo com que trabalhou tenham saído tão poucos artistas? Porque será? Acha que tem que ver com a fase da vida em que estavam?

Não. Isto não é só na Performance: o artista não tem obras, tem uma obra. Uma coisa que começa algures e vai acabar algures. Vai acabar quando ele morrer, não acabaria se não morresse. Muita gente faz coisas interessantíssimas num dado momento, mas são interesses momentâneos, porque foram tocadas por isto, por aquilo, por aqueloutro, não é propriamente uma coisa intrínseca, uma necessidade profunda, que vem de dentro. Mesmo internacionalmente, são poucas as obras que vingam, que se mantêm com o impacto que devem ter, e acima de tudo, com a curiosidade que devem ter. Uma coisa é a identidade da obra relativamente à pessoa que a faz, e se a coisa vem de dentro, do lado mais fundo, ela está lá. Outra coisa é o gesto genial que se tem no momento mas depois já não se tem. Eu conheço tanta gente que aos vinte e pouco parecia que prometia coisas tremendas, e acabou por não fazer nada...

Acha portanto que é uma questão de consistência.

Isso é, sempre. É uma questão de equilíbrio. Eu dizia aos meus estudantes: não chega ter jeito, é preciso ter consistência nesse jeito. O jeito pode ser inato, e quase sempre é, mas depois tem de se cultivar isso, a dois níveis: fisicamente, manualmente, no caso da mão – se for outra parte do corpo qualquer, assim será – e intelectualmente. Aquilo que se adquire como capacidade para pensar sobre as coisas. A maioria das pessoas não joga nesse plano, não anda por aí. [...]

Para terminar: o Alberto dizia nunca ter feito Performance porque...

Do ponto de vista da minha direção artística não era por aí que eu queria ir.

Ou seja, a partilha de um momento criador, num tempo e espaço particular, nunca foi uma questão central para si.

Não. Eu tenho a convicção, hoje até mais do que nunca, de que o ato de criação, seja nas artes plásticas, seja na música, passando embora depois pela partilha através da obra – como dizia Duchamp e bem, o futuro da obra está no espetador –, a criação da obra é profundamente individual, própria, pessoal. Eu vejo por mim: antes da obra realizada, ou de eu decidir que a obra vai para o público, eu não posso partilhá-la, até porque não tenho condições nem convicções para isso.

Mas o potencial de um encontro podia interessar-lhe...

Podia, mas não. Interessou-me no plano de uma experiência, de perceber o que se passava, mas realizar e definir a minha obra através desse meio, não.

Foi uma ferramenta de trabalho, e não o trabalho.

Muitas vezes a ausência de consequência da obra é essa falta de convicção dos autores, esse “é por aqui que eu quero ir, é este o meu meio, é esta a maneira de eu me manifestar, comunicar, fazer arte”.

Uma curiosidade acerca dos exercícios das Sessões em Coimbra: inventou-os ou já os tinha experimentado em Londres?

Inventei quase tudo.

ALBUQUERQUE MENDES

23.11.2012

AM: Antes do 25 de Abril existiram manifestações artísticas que tinham a ver com Performance. Vou dar-te exemplos: aquela performance do João Vieira com a mulher nua, na galeria Judite da Cruz⁷². Não me lembro em que ano foi. O Zé Ernesto de Sousa a mostrar os slides sobre a Documenta de Kassel, na Ogiva, em Óbidos⁷³. Já não me lembro se em 1972 ou 1973, aquela que tinha o Beuys, em que ele mostrava as imagens e provocava as pessoas. Eu, a provocação do Zé Ernesto, vi-a como uma performance.

A seguir ao 25 de Abril existiram atitudes nas quais encontro uma certa graça, como o *Diploma de Artista*, organizado pelo Ernesto de Sousa com o Grupo Acre⁷⁴: com o Lima de Carvalho, a Maria Clara Menéres e não me lembro do terceiro [Alfredo Queiroz Ribeiro], que morreu muito jovem num desastre de automóvel... Para tirarem o “Diploma de Artista” as pessoas dirigiam-se a um guichet na Galeria Opinião, no Chiado, acima da Cervejaria Trindade, e preenchiam um formulário para depois terem um diploma assinado dizendo que se era artista. Eu tenho um diploma desses no meu ateliê. Pintaram também círculos numa rua de Lisboa e penduraram uma faixa laranja na Torre dos Clérigos⁷⁵.

Depois houve aquelas coisas todas do Grupo Puzzle, que logo em 76 se iniciou com uma Performance de grupo, num jantar de nascimento. Nesses anos muitas coisas se passaram. O Egídio Álvaro organizou em 1973 e 1974 na Galeria Dois do Porto um ciclo de exposições, em que trazia uns artistas que faziam Performance: o Roland Miller e a Shirley Cameron. Foi também por essa altura que o Alberto Carneiro, o João Dixo, o José Luís Darocha e o Alvess mostraram os seus trabalhos. Em 1974 foram os *Primeiros Encontros Internacionais de Arte*, em Valadares, e aí houve performances de pessoas que não o faziam. Uma delas, de que eu me lembro, foi do Fernando Lanhas. Apresentou um estudo num rolo de papel enorme, com a distância entre as estrelas e planetas, e nós viajávamos por aquele papel, com muitos metros e com grafismos, que estava à escala “x”. Nós dávamos três passos e ele dizia: “Estes passos equivalem a ‘x’ anos-luz.” Tu tinhas uma noção equivalente da distância entre o Sol e, sei lá... Plutão.

⁷² Cf. ANEXO A, entrada 1972. Julgo tratar-se da *ação-espetáculo* apresentada na SNBA, embora João Vieira tenha anteriormente apresentado duas *ações-espetáculo* na galeria Judite Dacruz (1970 e 1971).

⁷³ Cf. ANEXO A, entrada 1972, 16 de dezembro.

⁷⁴ Cf. ANEXO A, entrada 1976, 23 de janeiro a 5 de fevereiro.

⁷⁵ Cf. ANEXO A, entrada 1975.

Foi espetacular, eu adorei! Dava uma fotocópia com umas frases, que eu devo ter lá em casa. Teve muita graça. Isto eram intervenções que não tinham a ver com a Performance em si... mas eram Performance. Ele montou um autêntico teatro sobre as estrelas e deu uma aula...

MB: *Esses trabalhos foram sobretudo mostrados pelos artistas aos seus pares, embora fossem abertos a todo o público, certo?*

Era aberto. Qualquer pessoa podia participar, mas no fundo iam as pessoas ligadas à Arte. Quando se fizeram os primeiros *Encontros* [de Valadares], foi exatamente por causa disso, para trazer aquele tipo de arte para o meio da rua, para o meio das pessoas não ligadas à arte. A minha questão com a Performance foi exatamente essa. O meu primeiro *Ritual* em 1975 foi numa praça pública.

Foi uma peça artística para pessoas que não estavam habituadas a lidar com isso. Uma coisa é fazer essa intervenção numa galeria de Arte ou num museu, e outra coisa é fazê-lo no meio da rua.

Em simultâneo havia outras intervenções. Em Lisboa, por exemplo, o Zé Carvalho e o Palolo faziam performances... Algumas eu não vi, como na *Vanguarda Alternativa 0*, mas sabia o que se passava e existia, como aquela exposição/filme da Ana Hatherly na Quadrum⁷⁶ ... Veio a Gina Pane⁷⁷, o Egídio Álvaro trouxe o Robert Filliou⁷⁸ e uma série de gente. A Orlan com a *Virgem*⁷⁹, com uma máquina em que se metia uma moeda e ela dava um beijo. Havia uma série de cruzamentos na Performance em Portugal.

E esses artistas que vinham, como se financiavam?

Na sua maioria, por eles próprios. Também era verdade que tudo era mais barato, as pessoas dormiam em casa umas das outras... Eu lembro-me de uma vez em que fui com o Gerardo [Burmester] fazer uma Performance a Setúbal, em 1976, 1977, 1978 ou já nos anos 1980, já não me lembro, e ficámos numa casa emprestada pelos pais de não sei quem, que tinha um quarto cheio de ursinhos de peluche, uma cama cheia de bonecas espanholas...

Não implicava grande logística...

⁷⁶ Cf. ANEXO A, entrada 1977.

⁷⁷ Cf. ANEXO A, entrada 1978.

⁷⁸ Cf. ANEXO A, entradas 1973, 74, 77 e 88.

⁷⁹ Cf. ANEXO A, entrada 1977, 1 a 12 de agosto.

Não, e também aquilo foi muito por carolice. Havia algum dinheiro dado pela Câmara Municipal mas era pouco. Para fazer um paralelismo, eu acho que esta nova geração de jovens artistas voltou a funcionar assim. Aquilo que conseguimos fazer no Verão⁸⁰ foi sem qualquer apoio da Câmara, que apenas deu licença para se usar um bocado de terra. Também aquilo foi efémero. Uma das performances de que eu gostei muito foi a de uma rapariga a mastigar pedaços de pão e a deixá-los no seu percurso, como pegadas. Depois vieram os pombos e comeram tudo. Comeram as marcas que ela deixou. Quanto é que aquilo custou? Nada.

Existia uma grande mobilidade? Mesmo os artistas que pertenciam ao Grupo Puzzle ou Acre faziam várias coisas fora desse contexto, não era?

Faziam. Aliás, vês o cartaz do Simpósio de Lyon⁸¹ e encontras lá o Grupo Puzzle; mas depois eu estou também individualmente. Fui convidado para fazer um *Ritual*, e fiz cinco. Um deles no espaço da *Noite Branca*, com performances das nove da noite às nove da manhã e eu fui o segundo interveniente. Foi impressionante. Às quatro ou cinco da manhã fui-me deitar porque estava cansado.

E isso organizado por quem?

Pela Orlan. Isto foi tudo organizado por ela nos vários espaços – havia um mapa para cada dia. Depois da iniciativa da Orlan aconteceu a *Semaine d'Action* em Paris, em 1980⁸², organizada pelo Jean-Jacques Lebel, filho do célebre Lebel que foi amigo do Marcel Duchamp. Ele estava habituado a conviver com o Duchamp, e o Picabia, e portanto via as atitudes na arte de uma maneira muito diferente... Organizou no ARC-Museu de Arte Moderna de Paris a *Semaine d'Action*⁸³, e simultaneamente uma exposição do Dennis Oppenheim, que conheci anos mais tarde. Houve artistas russos dos anos 1970, como o Kabakov, que décadas mais tarde vimos em Serralves. Nas Performances ele encaixou-me e ao Grupo Puzzle, o Miguel Yeco e acho que também estava o Armando Azevedo, mas já não me lembro... Foi na altura das três Catarinas: a Catherine Millet, a Catherine Thieck e a Catherine David. Depois, mais tarde, elas fizeram uma performance juntas, no primeiro *Festival de Performance de Paris*, em que

⁸⁰ *Olhar o Vento, Performance e arte efémera na cidade*, Porto, 12.08.2011
<http://www.fajdp.pt/docs/docrel156.pdf>.

⁸¹ Cf. Anexo A, entrada abril de 1979.

⁸² Cf. Anexo A, entrada 1980.

⁸³ Cf. Anexo A, entrada 1980.

eu também participei, em 1982 na Galeria J&J Donguy. O Lebel organizou já neste século no Berardo uma exposição muito bonita de desenhos e pinturas de escritores⁸⁴. Tinha coisas lindíssimas...

Estavam perfeitamente por dentro do que se passava não só no contexto artístico europeu como também no americano?

Sim, sim, por uma razão simples. É que nos anos 1970, quando nós íamos a estas manifestações artísticas, existia muita documentação que era mostrada paralelamente, muitos críticos de arte a organizarem conferências e debates sobre Performance. Por exemplo, eu fui uma vez a Paris e vi uma exposição sobre Fluxus, vi o Xenakis a destruir uma peça que tinha feito... Não existiam revistas específicas sobre Performance mas havia informação. Tal como agora, nos anos 1970 eu sabia perfeitamente o que se passava lá fora. Nos anos 1980, quando comecei a falar sobre arte brasileira, fi-lo porque realmente sabia o que lá se passava.

Mas não seriam todos assim, se calhar nem toda a gente estaria tão informada...

Sabes, só há dois tipos de pessoas que percebem de arte em Portugal, e com quem eu posso falar. São os meus pares, os artistas, sejam conotados com pintura, artes plásticas, ou o que quer que seja, e são os críticos de arte, os curadores, ou chamem-lhes como quisermos. De resto, ninguém percebe de nada. Os galeristas, na sua maioria, não sabem distinguir o cubismo analítico do sintético; são historicamente fracos. Quem é que se interessa por fenómenos artísticos?! São, normalmente, as pessoas ligadas à arte. Esses é que se interessam e gostam. Em Portugal é o contrário do que acontece na Alemanha ou em França, onde há um público, que não estando diretamente ligado à arte, tem conhecimentos. Com o 25 de Abril, as pessoas estavam mais preocupadas com outro tipo de situações, tal como agora. Aliás, isso vê-se pelo espaço que é concedido à arte nos jornais e nas revistas portuguesas. Em Espanha há, em França também, só aqui não, mesmo havendo compradores... Quero dizer que, para nove milhões de pessoas, há muitos bons artistas mas pouca divulgação.

E o meio académico era importante, funcionava como catalisador?

⁸⁴ Exposição intitulada *Desenhos de escritores*, Museu Coleção Berardo, 2008. Mostra inédita inicialmente exibida no Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine (IMEC), resultado da conjugação da coleção deste organismo e de duas coleções privadas. A iniciativa teve como parceiros o Museu Coleção Berardo e o Musée Communal d'Ixelles, em Bruxelas.

Era importante a nível dos alunos que estavam lá, mas nos anos 1970 não encontras uma tese ou qualquer trabalho sobre Performance. Eu olho atualmente para a Isabel Carlos e vejo o quão importante ela foi para a Performance portuguesa e sei ver que aquilo que ela é, agora, é o resultado de um percurso partilhado com outras pessoas, de aqui e de acolá. Parece-me que começa a aparecer agora, no século XXI, uma geração que olha para a história de outra maneira. Não quero ser desmancha-prazeres relativamente a um historiador glorificado esta semana [José Augusto-França], que encarna a síndrome do historiador português, numa figura tutelar que estabelece uma série de padrões que condicionam a perspetiva sobre o que se passa em Portugal. É preciso quebrar o “mito” França, é preciso uma revolução para que tudo fique na mesma. Há uma nova geração que olha para a história recente com outro tipo de filtros, e isso até me interessa.

É engraçado dizeres isso, porque mesmo em contextos experimentais, se verificou uma cisão, como o que se passou no CITAC, em que a partir de certa altura há duas vias distintas: uma linha mais conservadora e o grupo dos “vanguardistas”, digamos...

Eu lembro-me do *Aniversário da Arte*, em 1974. As pessoas do CITAC ficaram sem saber muito bem o que era aquilo, porque, se virmos bem... A Performance... A Performance pode ser tudo ou não ser nada.

Porque é muita coisa?

Porque é muita coisa ao mesmo tempo. Eu até acho que a obra de arte não é nada, não serve para nada. Mas esta é uma teoria minha, a de que a obra de arte é uma coisa que o homem inventou para de vez em quando estar de bem com ele próprio, mas depois complicou-se tudo. Primeiro andava de gatas e depois começou a andar de pé, a usar as mãos; o cérebro aumentou e complicou-se tudo. Se continuasse a andar de gatas era tudo muito melhor. No fim da linha, a arte preenche um espaço ligado a qualquer coisa inatingível. Ainda agora, depois de tudo o que eu sei, depois de tudo o que eu vi, e mesmo para mim já não há problema, ou seja, já não há compartimentos, pintura, fotografia, etc., tudo está ao mesmo nível. Mas mesmo assim, há uma réstia de luz que entra através duma brecha e, se calhar é só isso, esse pequeno resíduo. Claro que a sociedade complicou tudo a partir do momento em que se trocou um pau por dois sílexes, tudo foi corrompido com o dinheiro e tudo o que nós hoje vemos.

Voltando à questão do público informado, se pensarmos por exemplo nos filmes de Ângelo de Sousa; eu tenho uma *Artforum*, um número especial, do princípio dos anos

1970, sobre filmes de artistas, filmes em Super 8 que começavam a aparecer nas galerias de arte americanas. Quando Ângelo faz os filmes, sabe perfeitamente o que se estava a passar: não é coincidência. É como quando me perguntam porque faço pintura. Faço porque quero, porque gosto. Quero fazer as coisas duma certa maneira. Nós não fazemos as coisas porque, “coitaditos”, estamos para aqui no cantinho, somos palerminhas e não sabemos o que se passa no mundo... No fim dos anos 1970, pessoas como o António Cerveira Pinto, o Leonel Moura, o Julião Sarmento, o Fernando Calhau, sabiam perfeitamente o que se fazia internacionalmente. Isso é bestial e é o contrário daquela coisa do “orgulhosamente sós”, de não vermos nada para não sermos influenciados. Eu quero ser influenciado! Por amor de Deus... Caravaggio, influencia-me o máximo que poderes! Eu quero ser influenciado pelo Bruce Nauman, claro que quero. Em Portugal temos a tradição de achar sempre que somos os primeiros, temos de descobrir a pólvora. Qualquer pessoa descobre a pólvora. É sempre a primeira grande exposição, a primeira grande qualquer coisa. Aliás, tem muita graça a *Vanguarda Alternativa 0...* nunca houve seguintes.

Quanto à questão do coletivo: o facto de existirem grupos, de os artistas se juntarem para experimentar, quer dizer que criavam coletivamente, ou apenas partilhavam as suas experiências e resultados individuais?

Criavam, havia sempre qualquer coisa criada coletivamente, mesmo que fosse sem querer. Havia uma grande interajuda, como hoje em dia há.

No fundo estamos a falar daquilo a que hoje em dia se chamariam residências artísticas?

Sim, as pessoas juntavam-se durante uma semana. Cada um criava à sua maneira e depois apareciam trabalhos artísticos coletivos. Se não aparecessem, não haveria mal algum. Cada um fazia o seu truque. Na altura havia uma grande curiosidade em todo o mundo em relação a Portugal. Tinha havido o 25 de Abril, a queda do regime, e as pessoas estavam ávidas de saber o que se passava em Portugal. Lembro-me de chegar a Paris e de todos me perguntarem o que se passava. Tinham curiosidade. Lembro-me de em 1974 ou 1975 ir com o Egídio Álvaro a um ateliê dum artista. Era um recoletor, que fazia umas caixas com objetos da Segunda Guerra Mundial, chamado Christian Boltanski, e a primeira pergunta que ele me fez foi como é que estava a situação em Portugal com a revolução.

No fundo estás a dizer-me que os artistas portugueses tiveram uma grande facilidade em integrar o circuito internacional?

Era muito, muito fácil. O problema é que não havia consequência. Porque é que a arte brasileira está como está? Porque ao mesmo tempo que existem artistas muito bons, há uma economia muito forte que sustenta aquilo tudo, que os leva mais longe. Há um investimento na internacionalização. Claro que aqui não havia dinheiro. Depois vieram os anos 1980 com o FMI, e agora...

No final dos anos 1970, nem havia galerias de arte. No Porto foi a do Jaime Isidoro e em Lisboa a 111, e pouco mais. Quando o mercado começa a tremer, as pessoas fazem piruetas à esquerda e à direita... pensam:” O que é que eu vou fazer agora?” E vão fazer *striptease* para Marrocos.

Nos primórdios da Performance existiam artistas a viver exclusivamente do seu trabalho artístico?

Não. Eu na altura vivia do ordenado da minha mulher. Aliás, eu tive como profissão, na Junta de Freguesia, “empregado doméstico”. Os senhores da Junta do Bonfim perguntaram-me o que é que eu fazia e eu respondi que nada, estava em casa, tomava conta da minha filha e de vez em quando fazia umas coisas chamadas performances, umas coisas artísticas. “Então o senhor é pobre!”. Deram-me um atestado de pobreza.

Mas existia alguma atenção ao mercado? Havia uma tentativa de o compreender para poder subsistir através do trabalho artístico?

Não. Eu tenho 59 anos, e se há uma coisa a que eu não ligo nada, absolutamente nada, é ao mercado da Arte. Estou-me completamente nas tintas. Todos os do mercado, leiloeiras, galerias, todo o comércio de arte... não me interessam para nada, quero lá saber. Ando de autocarro. Acho que isto tem a ver com a minha Performance de artista... Há um resíduo de rebeldia que eu trago constantemente para a pintura. Gosto de me assumir como pintor, porque é uma profissão em desuso. Poderia chamar-me operador estético, como dizia o Ernesto de Sousa, mas acho bonita a ideia de pintor.

Achas que o desapego pelo “material” tem a ver com Performance?

O meu tem a ver com fazer Performance.

Mas hoje em dia o mercado da Performance está em alta...

Pois é. É muito engraçado que agora queiram comprar-me fotografias e eu digo-lhes logo que as dou. Querem comprar fotografias de performances minhas?! E eu que faço? Vendo-as? Isso não tem lógica nenhuma! Uma foram tiradas pela Julieta... Outras pelo meu cunhado... Tem piada, porque nunca me tinha passado pela cabeça alguém pretender comprar-mas. Para mim a Performance só existe enquanto coisa efémera.

Mas há documentação, mesmo que não resulte numa preocupação dos próprios artistas...

Nuns casos sim e noutros não. Eu vou dar-te um exemplo. Fiz uma performance há dois anos no Museu Nacional Soares dos Reis numa iniciativa do Teatro Plástico, sobre um pintor português que pintou vários quadros de São Bruno, o padroeiro dos pintores. À noite, 40 pessoas entraram numa sala onde eu interpreto o quadro do São Bruno. Foi essa a performance. O museu está todo às escuras... a sala é iluminada com uma luz velada. É bonito. Quando o público entra, eu estou numa pose como se fosse o pintor do quadro com a paleta, as tintas e os pincéis e faço um discurso sobre o São Bruno. E sabes quantas fotografias há? Três! E tiradas com um telemóvel...

Estás a dizer-me que não há um hábito de documentação?

Eu penso que ainda agora não haja esse hábito, embora exista uma nova geração que já se preocupa um pouco com isso, mas também não muito... Já me aconteceu perguntar-lhes sobre performances que tinham feito e eles não terem documentação. Dizem-me: "Deixe lá, eu faço outra!". Repara, eu trouxe-te fotocópias do cartaz do Simpósio de Lyon. Podia ter tirado fotografias e ter-te enviado para o e-mail, mas não fiz isso. Colei duas fotocópias A3 do poster para to trazer, porque acho mais engraçado trazer-te o objeto em si do que a imagem virtual que vês no ecrã. Mas pronto, eu sou *old school*.

Falavas do interesse que Portugal suscitava, mas achas que a Performance portuguesa tinha alguma especificidade, face ao que se passava no resto da Europa ou até nos Estados Unidos?

[longa pausa] Acho que sim, as performances portuguesas eram muito barrocas. Olhando com olhos do século XXI, penso que as performances dos portugueses estavam muito mais perto daquilo que faziam os mexicanos ou argentinos do que daquilo que se fazia na Europa. Era tudo um excesso, por exemplo, as performances do Miguel Yeco... Mesmo quando eram Performances com uma forte componente verbal, tudo era levado

ao exagero. Se fosses americano farias de outra maneira, não precisavas daquele exagero todo para aquilo acontecer, percebes? Só precisas porque és português. Se calhar foi disso que o Lebel gostou...

E achas que a circunstância política se refletia nos vossos trabalhos?

Muito. A abertura depois do 25 de Abril fez com que as pessoas quisessem ver naquilo. Se agora fizeres uma exposição e incluíres na narrativa um elemento político, por exemplo a propósito da crise, isso vai refletir-se no modo como as pessoas vão interpretar o trabalho.

Mas estás a falar do ponto de vista da receção...

Mas se o artista está a viver uma determinada circunstância, isso pode aparecer na exposição, pode fazer com que ele seja politicamente engajado. Eu pessoalmente gosto disso, porque existe da parte do performer uma militância sobre qualquer coisa que ele quer dizer, e isso para mim é benéfico. Na Performance notava-se muito. No ARC em Paris, notou-se imenso. As performances portuguesas tiveram uma dinâmica ligada à forma como se olhava a sociedade e isso tinha a ver com a política, com o ar do tempo. Neste momento, o facto de estarmos em crise pode ser muito estimulante para o artista quando expõe lá fora, porque pode levantar questões, enquanto pobre e pedinte, que é como agora nos veem.

Achas portanto que esses artistas tinham uma consciência política que estava patente nos seus trabalhos.

Sim, a Performance implica essa consciência, no imediato, na atuação.

Mas achas que isso é inerente a toda a Performance ou a essa geração em particular?

A toda a Performance. Quando vês a performance do Beuys, a lição à lebre, ele goza com aquilo... Há aquele momento dramático mas há uma situação de brincadeira, de gozo. E tudo é política.

Assim como as Performances dos estudantes das Belas-Artes que hoje vais ver, também serão políticas...

Eu sei que vão ser. Eu vi uma no Verão, que adorei, que foi com elásticos. O performer foi à rua, apanhou paralelepípedos e colocou-os sobre os elásticos, montando uma

escultura, que se desmanchava completamente, e depois repunha as pedras nos lugares respetivos sistematicamente.. Eu adorei essa componente ritual, de uma poesia enorme.

E em que medida consideras isso político?

Em primeiro lugar, ele não pode tirar as pedras da calçada. Se estivesse lá um polícia ele teria problemas, porque não pode fazer isso. Mas do que gostei foi do facto de ser simbólico, do esforço constante da construção embora seja seguido pelo desabamento. É claro que as fotografias desse evento não vão mostrar aquilo do que eu gostei. Mesmo que houvesse um filme, não seria a mesma coisa. Por isso é que eu gosto do Ângelo de Sousa, que fez um filme documentário chamado *Uma Escultura* de uma exposição sua na SNBA de escultura. Este filme é também um objeto / escultura.

Quer dizer que achas que a própria natureza da Performance é política, implica sempre um “statement”.

Completamente, sempre. A presença faz isso. Como a Performance é muito contaminada por outros meios, acaba sempre por ser política, e ter esse lado efémero. Tu vêes Caravaggio, Miguel Ângelo, aquilo era barra pesada!

Não era decorativo, é isso?

Mais ou menos, agora esbarramos nessa palavra... Tudo pode ser decorativo. Tu vêes aquelas coisas do Spoerri, e aquilo é tremendamente decorativo; até um monte de lixo pode ser decorativo. Agora, aquilo não é feito “só para”, mas há coisas que o são.

A Performance por princípio não é feita “só para”. Eu já fui convidado para ir a um jantar para ver um vídeo de uma performance que tinha sido comprado num leilão, e então nós vamos, e está um vídeo, que custou uma fortuna, parado num *frame*, juntamente com os quadros todos... É decorativo. O contrário do que eu estou a dizer é o filme *Shame*, do Steve McQueen. Ele conseguiu introduzir um mecanismo no meu cérebro, como se aquilo fosse uma performance. Não foi uma performance filmada, mas o contrário.

Referes-te a um mecanismo de imersão, como se estivesses lá?

Não. Tem que ver com o tempo. Tu vêes aquilo e sabes que nunca mais o vais ver da mesma maneira, quando voltares a ver já é documento, já é sobre qualquer coisa que se passou enquanto eu estava na sala escura a ver o filme. Adorei.

ISABEL ALVES

24.9.2015

MB: A Isabel reconhece núcleos dos artistas ligados aos primórdios da Performance portuguesa? Consegue mapear, segundo quaisquer critérios, diferentes grupos de performers?

IA: Sim.

E isso depende de quê?

Da qualidade. Eu nunca ouvi o Ernesto emitir pareceres, mas ele, ao não escrever, ao ignorar certos performers, era porque não lhes encontrava qualidade. Aliás, nós víamos Performance e em geral não era interessante, as pessoas gostavam de se exhibir, mas havia falta de rigor, de ideias... Outra coisa é que esse termo não surgiu logo: nós fazíamos Performance mas não lhe chamávamos assim.

Existiram de resto uma série de celeumas em torno dos termos utilizados: Happening, Performance, etc. Não era?

Sim, sim... Quando o Ernesto regressou de Itália onde conheceu o Bruno Munari, nós fizemos uns exercícios muito engraçados...

O Encontro do Guincho?

Pois, e o *Nós Não Estamos Algures*. O Peixinho fazia música ao vivo, os participantes pediam ao público para os ajudar a fazer “Envolvimentos” – e nunca usámos essa designação. De repente a sala estava toda coberta de cartazes. Era um exercício de poesia e comunicação. A palavra “comunicação” existia sempre...

Esses exercícios implicavam uma estrutura prévia, ainda que geral?

Sim, era tudo muito rigoroso. Até porque havia pessoas muito cétricas em relação ao que se estava a fazer, e a quererem minar... O Ernesto não deixava as pessoas agir assim...

Em liberdade desenfreada...

Era. Ele aliás contava-me que tinha encenado uma peça no Porto...

O Gebo e Sombra?

Sim. E assim que ele vinha embora, os participantes retomavam todos os tiques que ele tinha retirado aos atores...

E parece-lhe que as pessoas que faziam Performance estavam informadas sobre a realidade internacional nesse campo?

Não sei, nós não nos dávamos com essas pessoas... Tínhamos o nosso grupo aqui e no estrangeiro, aonde íamos muito. O Ernesto conheceu a Marina Abramović num congresso da AICA em Belgrado, quando um grupo de estudantes queria contestar os críticos, e a mesa da Assembleia decidiu não lhe dar tempo para falar. O Ernesto abdicou do seu tempo, a favor da representante dos estudantes Marina Abramović. Depois ficámos amigos, e ele seguia-a... Ele escrevia, trazia fotografias e mostrava às pessoas cá, era o grande comunicador. De resto, não sei... É claro que o Julião [Sarmiento], o [Fernando] Calhau estavam hiper informados, através da informação que a Lena [Vasconcelos] trazia do estrangeiro. Mas não nos dávamos com os outros grupos...

Mas viam a Performance que se fazia?

Sim, sim; mas veja que o Ernesto nunca escreveu...

Sim, mas trata-se de uma opção e não de um desconhecimento, não é? É muito diferente... Já percebi que em geral acha que os performers portugueses não tinham programa artístico, ou este era muito incipiente... Parece-lhe que essa falta de programa se traduzia numa forte presença da improvisação?

Isso não sei, não posso dizer. Só posso analisar o resultado. Mesmo as coisas do Egídio eram muito amadoras... Muito diferente daquilo que o Ernesto organizava, por exemplo, na Quadrum... [...]

Mas o Egídio teve um papel importante para a internacionalização dos performers portugueses, não lhe parece?

Pois, acredito...

Será que por parte do Ernesto houve alguma falta de empenho nesse aspeto – levar o trabalho dos performers lá fora – relacionada com a apreciação que fazia das obras?

Mas levou! Para Malpartida, por exemplo... Existem cartas do Ernesto para o [Gian Carlo] Politi⁸⁵, e mesmo para Lyon, para a Orlan, aconselhando quem deviam convidar... Ele promoveu, mostrava o melhor que se fazia em Portugal. Mas não era só Performance que lhe interessava...

E em termos de tradição de documentação? Recordar-se de as performances serem documentadas, de haver essa preocupação?

Sim, o Ernesto preocupava-se com isso. Eu não sei se se chamam performances, eu chamo-lhes provocações... Em 1973 leu um texto nas conferências da AICA em que dizia tudo oposto ao que defendia. Era um texto crítico, irónico, de chorar a rir! Um dos jornalistas tomou aquilo a sério... Afirmava que se devia exportar pintura para salvar a pátria, e coisas assim; e mostrava *slides* de obras dos artistas de que gostava, como a Helena Almeida, o Alberto Carneiro, etc. E dizia que estavam a estragar o ambiente artístico que nós tínhamos... Foi de *smoking* e laço, mesmo a mimetizar um crítico antigo... o que é que chamamos a isto? Eu chamo-lhe anti-conferência, mas podemos chamar-lhe performance! Aliás, ele diz numa entrevista, acho que a uma revista francesa, que toda a sua vida é uma inteira performance. Fez outra ação na SNBA, retirou umas fotografias suas da exposição, *Isto é Pintura sobre Papel*, em protesto por lhe terem censurado parte da obra, e aí até contratou um fotógrafo para documentar, o Monteiro Gil.

Mas eu perguntava em geral...

Isso não sei... Eu só vivia com ele e não me sobrava tempo! [risos] Mas em relação às suas ações o Ernesto não lhes chamava Performance, não vou ser eu agora a fazê-lo...

E a Isabel acha que a Performance portuguesa tinha alguma especificidade?

Não, não tinha características específicas... Acho que não havia nada a que se pudesse chamar Performance portuguesa...

E acha que a Performance tem que ver com uma fase da carreira dos artistas, uma espécie de energia de experimentação antes da definição de um rumo, ou um programa mais sólido? Acha que pode ser uma etapa inicial?

⁸⁵ <http://www.ernestodesousa.com/?p=273>.

Os estrangeiros não têm esse problema... Talvez os portugueses abandonem por falta de convicção...

Mas um Bruce Nauman, por exemplo, fez Performance e depois abandonou...

Mas o Nam June Paik não, o Tom Marioni não, a Marina [Abramović] também não...

Acha portanto que é uma questão pessoal e não uma tendência.

Absolutamente.

Tem alguma objeção a descrever as performances, tem algum prurido relativamente a isso?

Não, pelo contrário! Eu adoro descrever as performances em que participei. A do Nivea, do Vostell, por exemplo, em que ele sai do palco com caixas de creme Nivea, e vai de fila em fila a besuntar as pessoas e de repente quebraram-se barreiras entre as pessoas, toda a gente tocava em toda a gente, na cara, nos braços. Eu adoro contar isto, até porque tem um significado, tem um sentido, o tocar no outro...

O aproximar-se do outro através da ação.

Precisamente. Eu não consigo encontrar sentido nas performances portuguesas: despirem-se, envolverem-se em pó de talco... Não percebo... Sim, é a libertação do corpo...

Poderia ser também uma questão de plasticidade...

Mas era por vezes feio. Havia exceções, evidentemente.

E a interação com o público? Estava na ordem do dia...

Pois, aquelas ações do João Vieira com letras moles tinham participação, mas a outra na SNBA em que a rapariga entrava nua num sarcófago.... As pessoas assistiram, no fim bateram palmas, mas ficaram indiferentes. Pode-se constatar no filme sobre essa ação...

Acha que havia uma predisposição para participar?

Não participavam nada! Aliás, os homens estão todos de gravata e nós com uns penteados dos anos 1970... Era um público muito conservador.

Por exemplo, nos Encontros de Arte, muita coisa acontecia na rua...

Pois é... Eu e o Ernesto fizemos uma “ação” a pedido do Vostell: lançámos do elevador de Santa Justa uns convites para as pessoas escreverem para a Gulbenkian. As pessoas apanharam os papéis, se depois fizeram alguma coisa não sei...

E quanto a instituições: há o papel da Gulbenkian, no apoio a deslocações, bolsas, etc., mas que mais destacaria?

A Quadrum e a Alvarez, que tinham uma abertura grande.

E a questão do debate, da conversa, da discussão, acha que na Performance isso era praticado? Recordar-se de conversas interessantes posteriores à apresentação das obras?

Não me lembro... Lembro-me duma apresentação que o Ernesto fez na Quadrum, em que até o casal Perdigão apareceu, uma grande afluência de público... Mas ele fez coisas incríveis. Deu uma aula, na Quadrum, integrada no curso *Conhecimento da Arte Actual*, em que falou o tempo todo com uma peça de carne crua ao lado, na mesa, sem nunca a mencionar. Naquela altura havia muita falta de carne, era difícil encontrar bifes... Foi como depois do 25 de Abril, não se encontrava banana em Portugal. Nós chegamos a Nova Iorque e comemos tantas bananas que a nossa amiga americana fez uns desenhos à volta desse tema.

Tem a percepção de que os artistas que faziam Performance conheciam o trabalho uns dos outros? Deslocavam-se para o conhecer? Havia circulação?

Acho que Coimbra [CAPC] estava atenta, até porque eles eram curiosos. No Porto não tenho a certeza... Acho que o Albuquerque sim, ele era muito engraçado. O Ernesto ia muito ao Porto e até viveu lá, mas não sei...

Mas acha que alguma da tensão que havia entre o Ernesto e o Egídio tinha que ver com a visão muito crítica deste acerca do centralismo lisboeta?

Não, não tinha! Uma vez o Egídio perguntou ao Ernesto porque é que não gostava dele, qualquer coisa assim e o Ernesto respondeu: “porque você é da CIA!”

Da CIA?

Sim! [risos] Eu fiquei absolutamente petrificada. E ele respondeu: “Acha que se eu fosse da CIA andava assim de sandálias, com este aspeto descontraído?”. “Isso é um disfarce”, respondeu o Ernesto! [risos] Ele não gostava do Egídio, mesmo, mas dizer-lhe que era da CIA, à frente de outras pessoas!...

Acha que na Performance se podia falar de criação coletiva?

Para o Ernesto sim, ele andava com os alunos do Curso de Formação Artística, sempre com gente de gerações mais novas. Vê-se nas fotografias da redação da revista *Imagem*, nos anos 1950, ele já com mais idade, com os jovens como o Seixas, o António-Pedro Vasconcelos... Ele sempre incentivou pessoas mais novas.

Uma certa frescura, não é?

É! Nós não nos dávamos com pessoas da idade dele, dávamo-nos com pessoas da minha idade, e eu tinha menos 22 anos que ele. Quer dizer, havia encontros com artistas e intelectuais, mas fins-de-semana, acampar, férias, era sempre com gente mais nova...

ISABEL CARLOS

20.03.2013

IC: Em Coimbra, em meados dos anos 80 temos o Círculo de Artes Plásticas com uma figura como a Tília Saldanha, que dirige o Círculo e agrega à sua volta uma série de pessoas como o Alberto Carneiro e outros, e que tinha com a Performance uma relação muito aberta. No CAP a Performance era encarada no território entre as artes plásticas e o teatro, e era feita pelas pessoas que não queriam fazer teatro.

MB: *Era uma alternativa...*

Era uma alternativa e era sobretudo – e agora falo por mim – uma enorme liberdade. Porque eu chego ao Círculo depois de uma experiência que tinha começado no liceu, onde tinha estado no teatro. Tinha começado com o José Oliveira Barata, e quando me inscrevo no CAP (estava no primeiro ou segundo ano de Filosofia) sinto que é um espaço de liberdade, em que se pode fazer tudo: pintar, desenhar e fazer coisas com o corpo. Basicamente, era isto. E a ideia de que eram coisas pequenas, curtas, sem a necessidade de uma narrativa complicada, mas que fossem plasticamente fortes. Há neste grupo de Coimbra pelo menos uma pessoa que eu considero uma referência incontornável da Performance em Portugal, que é o Rui Orfão. Ele estava em Engenharia, tinha o chamado “jeito de mão”, pintava razoavelmente bem, tinha uma apetência pelas Artes Plásticas muito grande, e opta precisamente por fazer Performance, com uma filiação muito clara, parece-me... Beuys e Fluxus eram a grande referência. Temos de ver que o CAP era frequentemente visitado e tinha uma relação muito estreita com o Ernesto de Sousa, que era muito amigo da Tília. Curiosamente, também a Europa do Leste era uma referência. Havia muita Performance, sobretudo na Polónia. Depois, havia o James Coleman, com quem trabalhámos quando éramos muito novos. Eu e o Rui tínhamos 21 ou 22 anos, em 1983, penso eu... O Rui era de todos quem praticava a Performance de maneira mais determinada, clara, assumida e programática; tinha ido a uma série de festivais de Performance na Europa, nomeadamente em Paris, onde de facto tomou um verdadeiro “banho” internacional, em que contacta com o que de melhor se estava a fazer nesta área, nomeadamente com o Coleman. Era uma fuga ao teatro, até porque isto se passa num período pós-revolucionário, e havia um cansaço com a questão da “mensagem”, e portanto a Performance surgia como um canto de liberdade, onde se exploravam outras

zonas. Ainda se estava no teatro de intervenção, temos que ver que estas coisas demoram... É sobretudo disto que eu me recordo. Depois, a ideia que tenho de que em Lisboa nada disto acontecia, era uma coisa Coimbra-Porto. No Porto havia o Albuquerque Mendes, o Gerardo Burmester que no início também fazia Performance, o António Melo, que era muito jovem, o Pedro Tudela, o Olaio, que estava a estudar no Porto mas era de Coimbra. Mas isto já é a minha geração; o Rui era da geração anterior e eu era a miúda, a caçula que tem uma espécie de irmãos mais velhos que eram “forinha”.

E depois havia as pessoas da Poesia Visual, não é?

Sim, com o António Barros.

E o Melo e Castro, o Silvestre Pestana...

Sim, mas nós tínhamos mesmo um grupo, o Artitude. O Rui e o António eram os fundadores, depois era eu, a Isabel Pinto, o João Torres e o José Louro. A ideia era o formato revista, mas uma revista viva. A ligação à Poesia Visual vem muito do António Barros, que era madeirense e conhecia de perto o António Aragão, que é nessa área bastante interessante. A Performance surgia como um campo entre campos, um território entre territórios, que nos permitia experimentar. Fosse com a linguagem, com o corpo, com as cores...

Não se preocupavam nada em definir ou classificar. Aliás nem com a nomeação: tanto se falava de Happening, como Performance ou Ação...

Se eu pensar nesses anos, a palavra é liberdade, sentirmos que era uma zona sem espartilhos e em que se podia experimentar, fazer coisas.

E havia uma componente ideológica?

Nós éramos claramente... Estávamos muito cansados da politização excessiva. O CAP ficava em frente ao *Clepsidra*, um café muito frequentado pela UEC [União dos Estudantes Comunistas]. Nós éramos todos de esquerda, mas se quiséssemos alguma filiação, seria estética, não política. E depois, numa cidade como Coimbra, naquela altura, éramos um bocadinho provocadores e fazíamos questão de nos distinguir. Em 1980 ou 1981 não era muito óbvio ver pessoas vestidas todas de preto e de cabedal, como o Rui, que se passeava com um casaco comprido quase tipo oficial das SS nazi... No caso das senhoras, andar de preto quando ainda todas andavam de sainya indiana...

Nós éramos *punks*, mas uns *punks* sofisticados, arrumadinhos e lavadinhos e cultivávamos essa postura. Foram quatro, cinco ou seis anos disto, era uma situação especial. Agora, olhando com a distância que o tempo permite, tenho a certeza que para nós e para as pessoas que tiveram contacto com tudo isto, foram experiências importantes na nossa formação. Eu costumo dizer que provavelmente sou curadora porque quando trabalhei com o James Coleman percebi que havia uma figura que devia mediar, entre o artista e a organização; porque a dada altura zangou-se tudo e era eu a única que me dava com ele e transmitia os recados... Eu tinha muito claro que não queria ser artista mas queria trabalhar com arte. Mas houve outras experiências importantes, por exemplo as Oficinas Intercriativas do Alberto Carneiro, as 24 horas de Performance com o Bruce McLean, o peixe a apodrecer no pequeno teatro do CITAC... Houve uma série de categorias que se experimentaram, que se forçaram, que se vivenciaram e que foram muito importantes. A ideia de “ritual” era algo que atravessava muito estas performances, até mais do que a de dança; no caso do Albuquerque Mendes isso era muito claro. Enfim, era esta coisa do território entre territórios...

E a questão da efemeridade, de serem obras com uma duração limitada?

Sim, a efemeridade, ser pouco tempo, não exigir muitos recursos, não depender, como no teatro, de um grande grupo para se fazer seja o que for... Nós achávamos o teatro careta, conservador. Mesmo o Ricardo Pais... Já “demos”. Era experimentação e liberdade.

Curiosamente as pessoas vinham de outras áreas. Não havia qualquer preocupação com a técnica?

O Círculo tinha aulas. O Alberto e a Túlia davam lá aulas. Do nosso grupo, penso que todos tivemos aulas. E as pessoas achavam giro. Depois, faz parte, havia as pequenas cisões: sai-se do CAP, vai-se para o CITAC... Havia a ideia de que, apesar de tudo, era preciso alguma formação; mas o que cada um andava a fazer na parte de cima [Alta de Coimbra], na Universidade, eram coisas muito distintas. O Louro e o Barros andavam em Medicina, o Jota [João Torres] e o Rui eram de Engenharia, a Isabel Pinto em Literatura e eu em Filosofia. As miúdas eram de Letras e eles de Ciências, era uma coisa muito típica, na época... Mas do que me lembro é de uma grande curiosidade. O que chegava era consumido com grande avidez; por exemplo, o Instituto Alemão de Coimbra teve alguma importância porque organizava ciclos de cinema alemão.

Chegavam coisas boas da Alemanha – mesmo que nós não lêssemos completamente alemão. O Rui era o único que tinha um pé fora do país e cada vez que regressava trazia imensos slides, passávamos a noite em tertúlia, a vê-los e a falar. Era um grupo que não se satisfazia com os tradicionais e académicos espartilhos das linguagens, que sabia que havia coisas novas para fazer, para explorar.

Por falar em grupo, achas que o Ernesto de Sousa e o Egídio Álvaro lideravam dois grupos distintos?

Não. Eu era a mais nova deste grupo e portanto havia uma série de coisas que me passavam ao lado. Eu, por natureza, não alimento o conflito, pelo contrário. Mas a ideia que tenho é que o Egídio tinha uma forte relação com Paris, escrevia sobre Performance de uma maneira muito mais sistemática do que o Ernesto (que escrevia sobre tudo, não é?), e é de facto importante para a pequena história da Performance em Portugal. O Egídio estava no Porto, o Ernesto em Lisboa, mas não tenho ideia dessa rivalidade, lembro-me de várias vezes estarem os dois. Nós no Artitude tínhamos um grande respeito pelos dois, mais talvez até pelo Ernesto, que nos surgiu como uma figura quase paternal, e que tinha um carisma que o Egídio talvez não tivesse. Depois, a meio da década começa a sentir-se o regresso à escultura e à pintura, e o Ernesto, como sempre, muito atento, abraça isso de uma maneira entusiasta e não fica nada agarrado à ideia de concetualismo, ou experimentalismo, ou da coisa efémera – porque não pintar? Noutro dia em conversa com o Rui Orfão ele dizia-me que o que queria era pintar e quando chega ao Círculo quase que lhe disseram que isso não era interessante e que tinha de fazer outras coisas. Ele era miúdo, não é? Há estas coisas da altura, que hoje não se põem. Hoje um artista pode estar a pintar e no dia a seguir fazer uma performance e depois um vídeo. Na altura não era bem assim...

O próprio género escolhido era um fator identitário?

Era, era.

E agora, em retrospectiva, há na Performance portuguesa algum denominador comum, alguma especificidade?

[grande pausa] Era preciso que eu conhecesse muito bem tanto a portuguesa como as outras... Mas talvez a ideia de ritual seja mais explorada em Portugal do que noutros

países. Embora... Se pensarmos nas grandes referências internacionais em termos de Performance, o ritual está lá... De facto, não sei responder.

E o que te parece o facto de muitos dos primeiros performers terem abandonado a atividade artística?

Para já, em meados dos anos 1980 a Performance passa de moda e há um regresso às grandes linguagens, ou categorias, ou suportes. Começa a haver uma progressiva profissionalização do meio, começam a aparecer galerias com um sentido comercial muito forte, coisa que não havia antes. Anteriormente eram cooperativas de artistas ou pouco mais. Surge o Luís Serpa com os Cómicos, com um programa claramente profissional, comercial, a arte é para se vender, é um negócio, e tal... Não podemos esquecer que estamos na década dos *yuppies* e deixa-se aquela coisa pós-revolucionária de que o dinheiro é mau. Não, o dinheiro é bom, e é bom ter dinheiro. Portanto, deixa de haver espaço para quem quer continuar a fazer Performance. Mais uma vez o Rui é alguém que vai ficando, lembro-me dele na Europália, vai fazendo coisas na Central Tejo, quando ainda estava em Coimbra fazia coisas no ACARTE... É o que ainda se mantém, mas é claro, decidiu fazer uma viragem da Engenharia para a Arquitetura e começa a trabalhar como arquiteto. Os outros também terminam os seus cursos. Seria muito difícil ter em Portugal um percurso tipo Marina Abramović, embora também ela tenha em determinadas alturas feito pouca Performance. É um bocado inevitável: quando se é jovem há um desejo de experimentar tudo e depois vai-se fazendo aquilo que a vida nos leva a fazer. Mas é a história de qualquer geração: para ser artista é preciso ser muito teimoso e persistente, sobretudo cá. Ou se tem uma determinação avassaladora ou então, inevitavelmente, faz-se outra coisa. A verdade é que desta constelação, continuam a ser artistas o Tudela, o Olaio, o Albuquerque Mendes... Do Artitude quem podia ter tido algo mais próximo de uma carreira artística seria o Rui [Orfão]. Enfim, é a vida... Leva-nos para outras coisas.

E será que isto tem a ver com o grande interesse internacional em Portugal no período imediatamente após a revolução, e que depois se dissipou? Havia uma curiosidade que não foi sustentada e depois se esvaiu, não?

Sim, isso sentia-se muito. Como na década anterior não havia livre circulação de ideias e informação, havia de facto essa avidez, nesses anos. Mas acho que era um bocadinho inevitável que isso acontecesse e, por outro lado, que as pessoas quisessem fazer outras

coisas, porque aquilo tinha de facto um registo académico, eram estudantes universitários que tinham isto como uma espécie de vida paralela à vida académica de ir às aulas, frequências e trabalhos. Era inevitável que quando os cursos acabassem... Ainda tentámos, cheguei a ir a umas reuniões a Coimbra quando já vivia em Lisboa, mas cedo percebemos que aquilo já não fazia sentido, cada um tinha os seus interesses... É da natureza dos grupos, não é? Mais tarde ou mais cedo, mesmo nas bandas *rock*, lá se vai a coisa. No caso da Artitude era inevitável. Eu fico ligada às artes, começo a fazer crítica e depois curadoria, o Jota é o diretor e impulsionador da Musicbox⁸⁶, o Rui, sendo arquiteto, sempre teve uma forte ligação com as artes plásticas, o António Barros foi o único que ficou em Coimbra... Mas acabámos por continuar em estreito contacto com a área artística. Hoje em dia as coisas profissionalizaram-se, distinguiram-se papéis. O Ernesto era tudo: artista, curador, crítico. Fazia a *Alternativa* e escrevia na Colóquio Artes sobre isso, como se não tivesse sido ele a fazê-la!

Era o “operador estético” a operar em várias frentes...

Era assim que nos definíamos, mas depois a vida levou cada um para seu lado.

É curioso o que dizes, porque há uma espécie de amargura por não ter compreendido as regras do jogo, do mercado. Muitas das pessoas com quem falei – não querendo generalizar – são amargas relativamente ao panorama atual e às pessoas que “perceberam o jogo”, sentem que ficaram para trás, que foram ultrapassadas e incompreendidas...

Sim, sim...

Há vários artistas que acompanharam, gravitaram em torno dos primeiros performers, sem que o tenham sido, e que se estabeleceram solidamente no meio artístico, como a Helena Almeida ou o Alberto Carneiro. Aqui há tempos, um dos artistas da génese da Performance que entrevistei dizia que os melhores performers portugueses são a Helena Almeida, o Jorge Molder, e o Alberto Carneiro. É curioso se pensarmos que nenhum deles foi propriamente performer...

⁸⁶ <http://www.musicboxlisboa.com/about-mb/>.

Mas isso é uma visão completamente enviesada e amarga da Performance. A Helena nunca fez Performance, nunca quis fazer, achava a Performance, como era a expressão que usou numa conversa que tive com ela? Não era palhaçada, mas quase.

Mas aquilo que a Performance é, ao vivo, é o contrário dessas três obras. Agora Serralves pediu-me para ter uma conversa com o Alberto Carneiro sobre Performance⁸⁷. Vai ser interessante porque ele nunca fez Performance. Eu diria que são obras em que a Performance está enquanto conceito mas não enquanto prática. Trabalharam bem nomeadamente a identificação entre corpo de autor e corpo da obra, que os três têm, as ações (no caso da Helena e do Molder) e o ritual (no caso do Alberto) mas que nunca têm público. E Performance não é fotografia de uma ação. Para mim não faziam Performance; isso é uma visão enviesada. Mas essa amargura é normal, acontece em todas as gerações. Se pensares num grupo que na década seguinte, anos 1980, fazia furor, os Homeostéticos, quem é que ficou? Vingaram todos, mas vingaram o que queriam? Vingaram aquilo que em 1983 se achava que eles iam ser? Eu acho que é sempre a mesma coisa: é preciso muita persistência, muita determinação, saber aguentar a onda, surfá-la bem. Às vezes está-se lá em cima e a seguir cai-se, isso faz parte. O contexto português é pequeno, às vezes estas coisas são difíceis, temos muito a tendência de ficar a lamber a ferida em vez de suturar, pôr um penso e andar para a frente. Todas as gerações começam com 10 ou 15 pessoas cheias de energia e sobre as quais se diz que são o futuro, e passados 10 anos ficam reduzidas a quatro ou cinco. Isso acontece, para começar, pelo trabalho. Há uns que trabalham muito, e falemos desses três casos: Helena Almeida, Julião Sarmiento e Alberto Carneiro. O que é que eles fazem? Trabalham muito. Sempre trabalharam, e sempre determinados.

E têm um programa...

Exato. E estava tudo a fazer pintura e a Helena continuava a fotografar. Mas isso é serem autores, não é? Um autor tem um programa, uma linguagem própria, que quer transmitir, comunicar. O Alberto aos 12 anos decide que não quer continuar a fazer santinhos e vai para as Belas-Artes no Porto. Isto é de quem sabe o que quer, não é?

E em termos de receção, quem era o público de Performance, era restrito?

⁸⁷<http://www.serralves.pt/pt/actividades/falemos-de-corpo-alberto-carneiro-em-conversa-com-isabel-carlos/>.

Super restrito, caramba! Para os números de hoje, era uma coisa miserável. Eu lembro-me que fizemos o *Ignotum Per Ignotius* do Coleman na cisterna das Belas-Artes de Lisboa: estava meia dúzia de gatos-pingados. Para já, na escola ninguém sabia muito bem quem era o Coleman. E mesmo em Coimbra, nós tínhamos a nossa comunidadezinha, mas se tivéssemos 20, 30 ou 40 pessoas já era fantástico.

Tudo gente ligada às artes?

Ou ligados às artes ou nossos amigos. Porque a grande vantagem de Coimbra – é por isso que eu acho que é uma ótima cidade para se fazer um curso universitário – é que há fisicamente uma proximidade entre os vários saberes. Como tudo é pequeno, em Coimbra é normal que um grupo de amigos tenha gente muito diversa. Era isso, podia haver um ou outro curioso, normalmente os mais novos, acabados de chegar, que ainda não tinham amigos e estavam mais abertos a ir ver coisas. Hoje em dia, qualquer inauguração numa pequena galeria privada tem tanta ou mais gente do que o público de Performance da altura. O público para as artes no país aumentou exponencialmente. Eu sinto isso aqui, no CAM, com a crise. A verdade é que aos domingos – dia em que não se paga – o CAM está cheio. As pessoas passaram a ter necessidade do consumo cultural, isso enraizou-se.

E achas que na altura as pessoas ativas na Performance estavam informadas?

A Gulbenkian estava. Nós pedimos e chegámos a ter um pequeno apoio...

Era o que existia, em termos de apoio institucional?

Era, era. Lembro-me que a Madalena Perdigão era uma referência muito importante para nós. O Orfão participou no ACARTE, o Vostell também esteve cá, era muito amigo da Túlia. No ACARTE sabiam da nossa existência, estavam informados. Mas as escolas de Belas-Artes, por exemplo, estavam completamente ao lado. Tanto a de Lisboa como a do Porto – aí talvez soubessem o que o Gerardo e o Albuquerque andavam a fazer, mas tenho dúvidas... O José Rodrigues sim, porque havia a Bienal de Cerveira, nós íamos lá, mas o resto não. O resto, também, não era quase nada. Não havia resto. Temos que ter a noção que era um mundo mais pequeno.

Os artistas desta via, chamemos-lhe mais alternativa, estavam informados acerca do que se passava lá fora?

No nosso grupinho estávamos ou, pelo menos, fazíamos um enorme esforço para estar. Eu comecei a viajar muito nova, a ver coisas, a fazer temporadas em Londres, foi uma espécie de aprendizagem complementar. Muito cedo me apercebi que não me podia circunscrever ao retângulo, à realidade portuguesa. Mas, para voltar àquilo de que falávamos: se uma pessoa quer e decide, as coisas acontecem.

Uma outra coisa de que me apercebi sobre os primórdios da Performance portuguesa é que há produção teórica sem que se conheçam minimamente os trabalhos que foram apresentados.

É claro: como não se viajava, as pessoas não viam as coisas ao vivo, as coisas chegavam miseráveis, vistas a preto e branco, fotografias, às vezes uns vídeos. Isso era giro porque havia uma enorme imaginação. A partir de uma fotografia a preto e branco e de uma pequena descrição da performance...

Tudo o resto era montado...

Era uma componente de ficção fantástica, para inventar. Aliás, nós tínhamos no grupo uma frase engraçada, acho que era do Jota, que era: “quem não sabe, inventa; e quem sabe, também”. Era uma das nossas *boutades*.

Isso também é válido para a Performance portuguesa. Hoje em dia pode perceber-se a ambiência, as atitudes, mas conhecer os trabalhos é difícilimo porque a documentação existirá mas está...

Dispersa.

Ou oculta.

Há muita coisa que se perdeu.

E há uma aversão à descrição, não é?

É.

Esta ideia de que a Performance é algo de indizível e portanto a descrição é diminuidora. E isto pode levar ao grande equívoco de construir teoria sobre um objeto artístico que se desconhece.

Eu tenho muita consciência disso e talvez por isso estamos a organizar aqui [no CAM] um ciclo de Performance⁸⁸, com duas referências históricas e de alguém de que não falámos, porque precisamente não vem da área das artes plásticas. Vai iniciar-se com o Alberto Pimenta, que para nós foi muito importante, tinha uma ligação forte connosco, vem da área da literatura, nomeadamente anglo-saxónica. Não podemos dizer que seja um poeta visual, é um poeta, mas que de facto faz uma das primeiras grandes performances em Portugal, quando se fecha na jaula. Ele e o Pedro Tudela serão as referências mais históricas. O vídeo permite ao António Olaio fazer aquilo que fazia em Performance, dando até um passo em frente. Depois dá-se um salto geracional para uma gente mais nova – como os Musa Paradisiaca – que está neste registo da Performance a fazer coisas que eu acho interessantes. Ainda a Isabel Carvalho e a Martinha Maia, que curiosamente são do Porto – ou seja, o Porto continua a ser um lugar em que a Performance tem uma força específica, digamos. O André Guedes, mas no âmbito da coleção, porque doou uma peça que é acionada por atores, produzida na Nova Zelândia. A ideia é precisamente fazer um pequeno ponto de situação e uma ponte geracional: o que é que vai de um Alberto Pimenta ou de um Pedro Tudela a uma Martinha Maia ou a um Ramiro Guerreiro. Vai ser curioso ver o que daí resulta. O desafio foi não fazer na Sala Polivalente onde antigamente ocorreu o ACARTE, mas precisamente no espaço do museu: no hall, no corredor das reservas...

Houve uma alteração, é isso? A Performance agora pertence ao Museu?

Mas isso é outra conversa, é mais uma hora de conversa...

Uma pergunta específica, quanto ao laboratório liderado pelo Alberto Carneiro, o OIC [Oficina de InterCriatividade]: em que consistia, o que é que se passava? O que leio é que se tratava de exercícios onde o corpo era o aspeto central.

No fundo era uma espécie de yoga artístico, aquilo a que hoje chamaríamos exercícios... [grande pausa]

De concentração, meditação?

Concentração, meditação, consciência do outro, entrega...

⁸⁸ <http://www.cam.gulbenkian.pt/index.php?article=71792&visual=2&langId=1>.

Confiança, equilíbrio, as grandes questões...

Esta coisa que agora se faz, como é que se chama? *Team building*... Era uma mistura disto tudo. Era o Alberto! O Alberto era uma mistura disto tudo...

E trabalhavam a dimensão plástica?

Não. Era mais o corpo e o grupo, não se dava o salto para a criação artística.

Era um treino corporal?

Era, era ótimo. Era corporal e espiritual, não tenho medo da palavra.

Liderada pelo Alberto, é natural...

Um exercício de completa entrega ao outro: deixar-me cair para trás e confiar que o outro me agarra é muito mais que um exercício corporal, não? Apela a uma dimensão emocional, espiritual, forte, de confiança e entrega; essa componente era muito clara.

RUI ÓRFÃO

11.12.2012

MB: *Esta entrevista destina-se a conhecer a sua perspetiva acerca da Performance portuguesa.*

RO: Há aqueles antecedentes históricos, que estão escritos e reportados em mil e uma coisas. A exposição da Gulbenkian refere isso e há vários catálogos e edições que abordam a Performance em Portugal, com as experiências do João Vieira, da Ana Hatherly na Quadrum, na Galeria Quadrante, e uma série de coisas... O Luís Vaz [1973], o Ernesto de Sousa, algumas experiências ligadas ao multimédia, algumas ações feitas em parceria com o CAP, alguns desafios como o *Aniversário da Arte*⁸⁹, que é uma proposta do Robert Filliou, depois a *Festa de Arte na Rua*⁹⁰, a *Alternativa Zero*⁹¹. Há alguns antecedentes dispersos, como as ações que se passaram na Ogiva, em Óbidos, em que o CAP também participou. Falo no CAP porque é ali que eu começo e foi ali que eu aprendi estas coisas, e depois mais tarde descobri documentação sobre isto, e portanto está testado, são factos. Muitas vezes entramos no campo da efabulação sobre estas coisas. Muito do que existe escrito passa por testemunhos – e eu também posso correr esse risco porque muitas coisas me foram transmitidas oralmente – e por vezes quem conta um conto acrescenta um ponto e os protagonistas variam em função, digamos, do estado atual e da memória. Tanto quanto possível, eu gosto de ser rigoroso, mas também não me posso subtrair a esse vício, inerente à própria condição humana. A minha história é a minha história, e é centrado nisto que eu vou dar o meu depoimento, o meu testemunho, sempre subjetivo mas que tentarei que seja rigoroso. O encadeamento dos factos faz toda a diferença nesta genealogia da Performance, muitas vezes basta baralhar datas para estarmos a falar de coisas completamente distintas. São realidades políticas, sociológicas e geracionais diferentes, e portanto diferentes maneiras de fazer história. Os antecedentes da Performance portuguesa estão mais ou menos narrados: os espetáculos, ou seja, performances na Quadrum, da autoria da Gina Pane, da Rosenbach, foram importantes, e há catálogos disso. Estou-me a lembrar de performances feitas na Diferença, já em finais dos anos 1970. No CAP, a Performance

⁸⁹ Cf. ANEXO A, entrada 1974, 17 de janeiro.

⁹⁰ Cf. ANEXO A, entrada 1974.

⁹¹ Cf. ANEXO A, entrada 1977.

está sempre ligada a uma ideia de experimentalismo, de vanguarda, num espírito do tempo que tem a ver com uma certa autenticidade da arte, a arte-vida, na linha do movimento Fluxus, dos Happenings, do Kaprow, da *action painting*, do Yves Klein, todos os situacionismos desse período. Quando chegam ao CAP é por via direta ou por influência do Ernesto de Sousa, que é um agitador cultural, um animador. Talvez esta não seja a palavra correta... Um “operador estético”, como o próprio diria, e que é uma ideia mais abrangente do que aquela ideia romantizada do artista, isolado, quando ser artista é mais do que isso. Na parte que me toca, eu entro no processo em 1976, quando vou para Coimbra estudar engenharia civil, entrando no ano seguinte no CAP. Depois faço todo um percurso iniciático, porque quem vem de uma cidade pequena como Leiria, com aquela idade, não tem a mínima noção da diversidade, ou de que haja mundos em que se pode enquadrar. Eu sentia-me muito à margem do meu próprio universo. Eu encontrei em Coimbra a minha família, a minha referência; eu, que me sentia completamente fora do baralho, encontrei ali pessoas (de gerações mais velhas, como a Túlia Saldanha ou o Armando Azevedo) que pensavam como eu, a quem eu fui beber e assimilar muita coisa. Aí percebi que não era loucura, não era um caso psiquiátrico! E isso é muito importante, porque estamos a viver as crises da adolescência, a afirmação da idade, do sexo, da relação com o outro, ansiedades diversas, isto tudo num tempo de agitação política como foi o pós-25 de Abril. Percebi que a minha individualidade tinha ali cabimento: ali não me pediam cartão político ou filiação em coisa alguma. Isso foi fundamental para o meu desenvolvimento e também para hipotecar o curso [risos]. Efeitos colaterais...

Foi uma revelação, ou já antes tinha tido aproximações ao mundo das artes?

Não foi revelação nenhuma. A minha linguagem e formação é que não incluíam este tipo de conhecimentos. O que é que eu conhecia? Não havia museus, a minha família não era viajada, eu não conhecia mais do que aquilo que um meio provinciano como Leiria podia oferecer. Havia as histórias de arte comuns, que param no Impressionismo ou vão até ao Cubismo, ou Surrealismo. O meu conhecimento acabava no Dalí, no Tanguy, no Picasso. Na minha licenciatura o programa também acabava aí... Eu não tinha qualquer outro conhecimento. A primeira exposição que vi no CAP era do Calhau e chamava-se *Mar Água*, com imagens em osalide, muito serena, numa galeria preta, totalmente diferente das exposições que eu tinha visto, muitas vezes em galerias do Turismo, com exposições académicas sobre a paisagem, ou o retrato. Não que eu

estivesse para ali virado; mas aquilo era um registo completamente diferente. A minha opção teria sido naturalmente, dentro da tradição académica, pintar o meu pequeno mundo, o meu universo, porque era aí que eu me situava, um artista de mansarda a pintar as suas fantasias... O meu universo mais ou menos surrealizante também tem a ver com o espírito da época e com a música da altura. Aquilo que víamos de mais avançado eram capas de discos, o psicadelismo, coisas desse género...

Informação que chegava com mais facilidade aos meios urbanos...

Porque era massificada, entre aspas, havia algumas estações que passavam uma música mais... A opção era entre Beatles ou Rolling Stones, Jim Morrison ou Deep Purple, ou Led Zeppelin, ou Frank Zappa. Eram tendências; e a certa altura quem gosta de Genesis não pode gostar de Deep Purple.

Existiam fações...

Exatamente, há uma sectorização muito grande. Hoje em dia a juventude continua assim: quem é gótico não gosta de Metallica, ou coisa assim... O universo musical é que estabelecia as tendências, era por aí que nos chegava a modernidade, era isso o mais fraturante porque não podíamos usar o cabelo comprido, não podíamos pintar os olhos, não podíamos ser radicais, *freaks*, não podíamos ser nada. A fratura vinha pelo comportamento, não pela arte em si; isso era um complemento. Agora todas as tribos são possíveis. Mas na altura isso criava uma marginalidade. Eu entrei na faculdade com umas calças de ganga com pedrarias, muito *glam rock*, e isso era também muito associado à droga, que na altura era um “bicho” enorme. Eu era demasiado novo para a Janis Joplin ou Jimi Hendrix mas quando aparece o *punk* encontrei a minha geração. Isso abriu um novo campo, também artístico, referenciado na contemporaneidade. A vanguarda para mim era isso. O Pollock e o Klein eram muito velhos para mim! O Kaprow, o Cage e o Cunningham para mim eram dinossauros! E os modernos, aqui em Portugal, a Helena Almeida ou o Alberto Carneiro, eram velhos, eram professores! O Ernesto de Sousa para mim era um avô!

Mas contacta com todas essas referências já em Coimbra?

Quanto à música não.

Mas quanto à arte: o Blackmountain, Cage e Cunningham...

Sim, isso só depois de entrar no CAP. A primeira vez que ouvi falar do Living Theatre foi lá, tinham acabado de lá estar... Não havia informação disponível como hoje há.

Mas quando começa essa vertente mais experimental, há uma espécie de cisão no CAP, com um grupo mais vanguardista e outro mais clássico, digamos...

Não há cisão nenhuma, esses grupos coexistem.

Sim, mas não trabalham juntos.

Naturalmente que não, a realidade em Coimbra era muito fracionada. Entre a zona alta da universidade e a zona baixa já havia uma grande diferença, não tem nada a ver com o mundo académico atual, porque também foi entrar numa universidade a seguir à revolução. Eu participei com entusiasmo, embora não tenha sido militante, porque não encontrei nessa militância o meu território de afirmação, até porque não tinha grande vontade de ser subserviente a qualquer tipo de doutrina ou ideologia.

Quando começa a envolver-se com o CAP começa a receber informação sobre a produção artística estrangeira?

O CAP de hoje não tem nada a ver com o do meu tempo, que radicava numa ideia de grupo, pessoas que se inscreviam para frequentar os ateliês livres, já que em Coimbra não havia qualquer outra oferta no domínio da formação em artes. Quando eu entrei o professor era o Alberto Carneiro, depois de passarem por lá o Ângelo [de Sousa], o [João] Dixo, e outros. O CAP tinha sido fundado em 1958, no ano em que eu tinha nascido, e eu achei que aquilo realmente era uma premonição. No CAP estimulava-se um espírito de rigor absoluto pela verdade da arte, não havia facilismos ou complacência com certo tipo de linguagens: “ó menina, se queres fazer trabalhos vai para outro lado! Se queres pintar naturezas-mortas não é aqui o teu lugar”. Aliás, na altura em que eu entrei nem a pintura era a linguagem mais relevante, já tinha sido... Até assustava, era uma casa de “ocupas”, tudo grafitado, uma bagunça, aliás como devem ser os ateliês. Por causa do *Aniversário da Arte* e da *Festa da Arte na Rua*, tudo tinha sido utilizado e portanto existiam instalações por todo o lado, que estavam a ser desmontadas. Tudo estava meio arte, meio demolição, meio memória. Tudo se passava na secretaria da galeria preta. Aquilo não estava propriamente abandonado...As pessoas inscreviam-se mas depois quando as frequências começavam a apertar iam

desaparecendo e o ano acabava sempre com meia dúzia de resistentes, e é entre esses que se estabelecem os laços.

Há uma triagem natural...

É. Até porque alguns tentam uma via eleitoral, porque o CAP estatutariamente obrigava à realização de eleições anuais para os órgãos dirigentes.

Mas essa seriedade de que falava, tinha a rutura como premissa? Seria possível fazer naturezas-mortas desde que...

Não. À partida ninguém ia para lá fazer isso. Desde que entrei lá nunca vi ninguém com esse tipo de interesse, isso não estava no código genético da casa.

Então seria um posicionamento distanciado da tradição?

Não tinha nada a ver com isso. Havia uma identidade que já vinha de trás, ou seja, o CAP tinha uma tradição contra a tradição. A tradição ali era ser vanguardista, ativo, questionar, fazer da arte uma festa. Ali a tradição não era a arte do mercado, do comércio, era a arte enquanto manifestação da vida.

Daí um acentuar do lado comunitário.

Exatamente. E lúdico. O quadrinho, a moldura, isso também era criado nos ateliês livres, mas não era esse o espírito.

E qual era o conhecimento acerca de outras pessoas noutros pontos do país a promoverem o mesmo tipo de atitude?

Não havia muito, não havia grupos no país. Existiam as Belas-Artes no Porto e em Lisboa, onde havia também a Sociedade Nacional de Belas-Artes. E a cooperativa Grafil- Diferença, e a Ogiva em Óbidos. Mas era um território pequeno, como uma família onde toda a gente se conhece. Eu dou como exemplo o *Art Diary*, publicado em Itália e ligado à *Flash Art*, uma lista telefónica com artistas, galerias, críticos. E Portugal ocupava uma página, Lisboa, Porto *and others*. Hoje se formos ao *Art Diary* encontramos para aí 50 páginas, há uma multiplicação enorme. Estamos a falar dos artistas de nomeada, credenciados, que se mantêm e fazem a história da arte até agora: Paula Rego, Julião Sarmento, Alberto Carneiro, Helena Almeida, Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa. E nas galerias, não está a galeria de turismo de Portalegre, está a Quadrum, a

S. Francisco ou a S. Mamede. Era importantíssimo, tinha tudo o que havia, tudo o que tinha interesse.

Várias pessoas pelo país tinham a mesma atitude e isso era reconhecido, consideravam-se da mesma tribo, é isso?

Não, eu não gosto dessa palavra, porque pode levar a pensar-se que existia uma facção, ou uma espécie de código. Se existisse alguma tribo eu nunca teria entrado, porque eu sou anti-tribo, detesto grupos.

Mas havia um grupo de pessoas que se reconheciam como pares?

Não sei, eu não me preocupava com isso. Os artistas não tinham uma imagem muito diferente do cidadão comum.

Mas depois de entrar para o CAP passou a considerar-se artista?

[hesitação e grande pausa] Não posso dizer isso. Quando entro, ouço o Vostell dizer que se faz um percurso e só se é artista a partir dos 40 e tal, faz-se um percurso artístico como operador estético, mas só o tempo o dirá. Essa ideia de artista é um bocadinho perversa. É evidente que eu estava ligado à arte, mas daí até à condição de artista, vai uma grande diferença. Eu pertencia ao meio artístico, mas, quer dizer, eu nunca vendi nada. Ser artista pressupõe um jogo de reconhecimento público que advém de um certo valor atribuído à arte. E havia artistas como o Alberto Carneiro ou a Helena Almeida que, esses sim, tinham um mercado; nós não. Nós trabalhávamos no meio da arte mas eu nunca tive uma clientela, mercado ou galeria, nunca expus numa galeria, nunca tive um contrato. Nesse sentido nunca fui um artista; eu era um operador.

Mas atualmente acha que para ser artista é preciso vender?

Não é uma questão de vender, porque isso tem a ver com sobreviver. Eu também já vendi coisas, quanto mais não fosse a um preço simbólico. No mundo em que vivemos existe um mercado em que tudo se compra e tudo se vende, algumas ações foram compradas à cabeça, na produção, e isso também é uma venda. Não é o preço do trabalho mas é o preço da produção, mas também não era o mercado que fazia correr os artistas. Isso aparece com a Nova Pintura, com os manifestos transvanguardistas, em 1982, 1983.

Mas podia considerar-se artista sem estar integrado no mercado...

Hoje em dia eu teria de reconhecer que... [hesitação] É evidente que o que eu ponho no currículo é artista, mas artista de quê? Eu na altura quis pôr na minha declaração de IRS “artista de multimédia” mas ninguém sabia o que isso era. Não era pintor, não era escultor, não era do circo nem do teatro, era de quê? De Performance, que ninguém sabia [o que era]? Em termos reais, pode-se dizer artista no meio da família artística, mas em termos de reconhecimento público ou legal não tinha enquadramento nenhum. Eu não tinha formação artística... Às vezes estes vocábulos são difíceis porque acabam por ser redutores. Arte no sentido da experimentalidade, do fazer. Mas se a arte é um produto acabado, não era artista...

Quer com isso dizer que na altura estava muito próximo do prenúncio modernista da arte inseparavelmente ligada ao resto da vida?

Era, tanto que foi a minha opção de vida, muito séria, mesmo. Tão séria que era prioritária em relação a tudo: à subsistência, a tudo.

Foi por isso que não se deteve em considerações sobre ser ou não artista...

Exato, ser artista era respirar, era tudo, 24 horas por dia. Não tem a ver com pose artística: é-se, está-se.

É uma atitude.

Sim, estou-me a borrifar para os conceitos dos outros. É expor-se ao ridículo sem ter medo. Não dava para explicar à minha família o que era Performance, o que era gostar de *noise music*, de música concreta, de Poesia Visual. Como é que se podia gostar de coisas de que ninguém gostava? Claro, passávamos por diletantes, pedantes, arrogantes. Veja lá, você tem de me limitar, porque isto é um baú fundo, esta é a memória que eu tenho mais presente, é destes tempos que eu me lembro melhor. De há 10 anos para cá o tempo já se mistura numa forma indistinta, sem critério. Na altura o tempo tinha uma dimensão que hoje não tem. Isto é provavelmente transversal a várias gerações, recordar melhor o apogeu, em termos de afirmação. Não que eu nessa altura fosse uma grande coisa mas é um período intenso em termos de angústias, de incertezas, tudo.

Essa incompreensão e falta de reconhecimento relativamente à sua atividade fez com que tivesse necessidade de procurar informação sobre os contextos artísticos internacionais?

Claro, ninguém pode subsistir neste mundo sem conhecer o terreno que pisa. Eu hoje não sei nada sobre o meio artístico, não conheço os protagonistas, não sei qual é o espírito do tempo. Percebo mas não estou interessado, não acompanho. Na altura sabia exatamente o que estava a sair, no mundo. Ou julgava saber... Mais tarde percebi que havia coisas que me escapavam, mas havia uma grande voracidade. E isto implicava também conhecer os antecedentes. Eu nunca tinha ouvido falar do Dadaísmo ou do Fluxus e interessei-me por isso, de repente Beuys é um deus caído do céu que é preciso estudar. O Yves Klein marcou-me muito como personagem de rutura. Criam-se afinidades, por várias razões, que geram empatia. Eu por exemplo não estabeleci grande relação com o Living Theatre, que para mim era território do teatro. Gostava muito do Cunningham mas escapava-me... Tudo o que estava fora das artes plásticas não me interessava muito. Tinha um fascínio imenso pela *action painting* do Pollock. O Kaprow escapou-me muito porque falava-se muito dele, dos happenings, mas não havia imagens, não era visual...

E isso não se poderá passar relativamente aos primórdios da Performance portuguesa? É muito falada mas é difícil perceber o que é que realmente se passou...

Isso é um problema de registo, e às vezes criam-se falsas ideias a partir do registo, porque é impossível que uma fotografia dê a conhecer uma ação, mas isso é a própria Performance. Eu nunca vi uma performance minha, e fiz dezenas, só posso descrever aquilo que eu achei que aconteceu mas eu nunca as vi, nem nunca as ensaiei.

Mas eram planeadas?

Pensadas, diagramadas e arquitetadas. Mas eu nunca tive distanciamento para as ver. Claro, todas as descrições são limitadas e limitadoras mas podem ser tentadas.

Improvisava?

Nunca improvisei, eram todas previamente estruturadas. Improvisava apenas em situações imprevisíveis. Se, por exemplo, eu planeio chicotear-me durante uma hora e depois vejo que não consigo, tenho de reduzir o tempo. Pode ser uma questão de limitação física ou até de rutura dos próprios suportes.

E acha que esse método era generalizado ou existiam artistas a improvisar?

Julgo que não, mas cada um falará por si. Houve uma altura em que se generalizou a ideia de que Performance eram uns joguinhos, como dizia um crítico brasileiro, “mijadinhas na esquina”, umas animações... Isso acontecia muito em certames como festivais ou simpósios internacionais de arte, como Cerveira, onde existia um programa paralelo com umas ações, umas animaçõezinhas de rua mais ou menos programadas e depois, por falta de condições, aconteciam umas coisas mais ou menos espontâneas. Não acredito nada que essas coisas não fossem estruturadas porque acho que ninguém consegue trabalhar se não tiver algo para dizer, algo para contar, mas na realidade isso para o público da área da arte – porque para o resto eram *fait-divers* – passava como algo demasiado fácil.

Uma questão de facilitismo?

Sim, e de falta de conteúdo. A certa altura até há uma cisão sobre a forma de encarar a Performance, e é também por isso que ela progride e contamina, e depois ouvimos falar da Nova Dança como se fosse Performance, quando não é.

E porque não, qual é a diferença?

Para mim a Performance pertence ao campo das artes visuais. Não pertence às narrativas, ao discurso ou ao texto nem é refém duma encenação, dum diretor ou grupo. Um Jan Fabre, por exemplo, considerado performer, para mim já estava fora. Ou os La Fura dels Baus, que seria o lado mais espetacular da Performance...

Para si a Performance pertence à linhagem das artes visuais por causa da plasticidade implícita?

Da plasticidade e da autonomia do artista, o domínio e controlo total e absoluto do espaço. O artista é totalmente livre, não está dependente de qualquer agente ou suporte externo.

Mas isso pode ser assim na Dança...

Sim, isso depende. Eu também trabalhei em coletivos, como no Cores ou no Artitude, e aí é preciso ter a noção do coletivo. Assim como em ações de rua, em que é preciso contar com a reação do público, e que eu depois percebi não ser o meu território, que é

mais intimista e pressupõe uma interação diferente. Não porque as pessoas estão a passar por ali mas porque estão lá, comigo, por alguma razão.

Então a Performance não depende da autonomia total do artista; depende de quê?

Há muitos tipos de Performance. Se fosse uma coisa assim tão tipificada não teria interesse nenhum. Implica uma abrangência e uma diversidade que a tornam rica e interessante. Até um anúncio dum performance que nunca chega a acontecer pode ser uma performance, apenas gerando expectativa. Performance é aquilo que a imaginação dum artista quiser conceber. Eu só posso falar das minhas performances. A aura que cada performer tem é o que distingue uma boa performance dum má, a energia que o corpo liberta é diferente. Eu estou a dizer isto e estou a emocionar-me, porque é isto que faz a diferença.

Então a qualidade dum performance depende de algo indizível?

Exatamente. Muitas pessoas fazem performances concetualmente muito bem elaboradas mas não passa nada.

Não implicam quem assiste...

Não implicam nada. Para mim só interessa o que passa na energia libertada por aquele corpo naquele momento e que afeta de uma forma única, senão é teatro de revista. Isto também se passa com a pintura. Vemos tanta excelente pintura... Chega de tanto Rubens, de tanto Courbet e de tanta mulher desnudada, de tanto barroquismo. A arte está cheia de clichés fantásticos, de boa execução e técnica; mas nem tudo nos comove da mesma maneira.

Felizmente!

Às vezes comovemo-nos mais a ver arte rupestre, porque foi feita com uma intencionalidade diferente, do que a ver capelas pintadas por encomenda para satisfazer ordens de mercado. Em Performance, o importante é aquele clique comunicacional, o resto não interessa nada.

E como se consegue essa capacidade, é uma questão de prática?

Às vezes os bailarinos mais virtuosos não são os que têm mais carisma. Tem que haver um defeito. Não é a mulher mais bela que é a rainha. Há questões subtis que escapam a certas análises...

Mas fala da arte como mestria, dificuldade técnica...

É isso que nós endeusamos na arte.

Essa centralidade do indizível está ligada à atitude perante a documentação?

Eu estou documentado materialmente.

Está a referir-se às suas performances?

Sim, as coisas só acontecem se houver testemunhos. Eu também posso fazer uma coisa isoladamente e ir para a serra, tirar uma fotografia de algo que aconteceu ou não aconteceu, e também há disso...

Mas uma performance pode ter um grande impacto no público, na crítica, etc., e o artista não ter qualquer preocupação em documentá-la...

Não estamos a falar em amadorismos. É evidente que temos o nosso álbum de memórias. Nós não temos os filhos para depois não quereremos saber deles; são queridos demais para serem deixados à sua triste sorte. Todos os trabalhos que fiz estão mais ou menos documentados. E não conheço nenhum artista que não se preocupasse com a memória dos seus trabalhos. A arte é mesmo isso, a arte é um martírio, e esse martírio só é legitimado se houver documentos a atestá-lo. A iniciação no martírio e a sua sublimação só se pode atingir se houver um certificado das casas por onde se passou. Não se chega à beatificação sem primeiro passar pela iniciação.

Registar a Via Sacra!

Tem de ser. Só a Virgem Maria é que foi diretamente, por ascensão, o artista não tem essa capacidade, até porque não é casto. Aspira à santidade, mas ela não existe sem martírio.

Mas os documentos não são apenas relíquias... Embora sejam sempre fragmentos podem ser importantes para reconstituir um dado acontecimento. Insisto nisto porque relativamente aos primórdios da performance portuguesa é frequente encontrar

relatos e descrições altamente poéticas e subjetivas, muito ligadas à vivência do autor, mas pouco esclarecedoras em termos objetivos.

Mas isso é o que o crítico de arte faz quando olha para o quadro: fala de si a partir do que está a ver. Esse tipo de abordagem é provavelmente a melhor descrição para o espírito do lugar, desse imaginário. Não se pode fazer uma memória descritiva, a Performance não é isso. Eu tenho filmes de um ou outro trabalho e quando olho para aquilo penso: “que coisa mais miserável”. Não me revejo. É um olhar muito mais limitado. Claro que há Performance para vídeo, mas isso implica dominar o suporte. Uma coisa é comer, outra coisa é ver comer.

Tem portanto um arquivo.

Eu tenho um arquivo pessoal sobre a minha atividade, que vai de 1976 a 2012, com a parte artística, a ligada à arquitetura e outras coisas transversais. Até porque nunca houve um divórcio entre a minha vida pessoal e a minha vida artística. Não está devidamente organizado porque para isso é preciso tempo e meios mas preocupo-me com isso, até sobre como o vou legar. O que há 100 anos era lixo, hoje é um documento, e é assim que de certa forma se conta a história. Porque a história oficial está toda ela viciada pelo ponto de vista de quem a escreve.

A propósito da documentação recolhida por Egídio Álvaro...

Foi um dos protagonistas desse período, porque era crítico de arte, ligado à escrita, tinha uma galeria em Paris e fazia a mediação entre os artistas nacionais e os estrangeiros. Era um veículo importante em termos de dinamização, na relação com as autarquias, que era importante... Na altura existiam muito pouco críticos de arte: o Ernesto de Sousa, o França, o Rui Mário Gonçalves, enfim, uma meia-dúzia. [...] Mas quanto a essa questão da documentação, por vezes ela não é revelada para se manter uma aura; o desconhecimento gera mais aura do que o conhecimento, mas isso já [Arthur] Cravan dizia: “mérito é descobrir o mistério na luz”, nas trevas toda a gente tem mérito.

Encontra interesse do meio académico por este período da arte portuguesa?

A história está sempre a repetir-se, isto é cíclico: quanto mais marginal, mais apetência há para estudar o fenómeno. É natural que não haja tanto interesse por aquilo que foi a arte oficial, mas sim por aquilo que correu num âmbito que escapou a muita gente, mesmo aos contemporâneos. Só meia-dúzia de pessoas é que foi cúmplice. Este período

é de facto muito rico, também por ter escapado... Estamos a falar do cerne da própria criação. A Performance é de facto o pivô a partir do qual a modernidade se instala, é um momento fraturante na sociedade e nas artes, que acompanha a revolução. [...] Aquilo [o ambiente coimbrão nos anos 70] tinha um grau de liberdade, de fluidez, que tornava as coisas deslumbrantes, por isso é que as pessoas odiavam o grupo [CAP], éramos uns arrogantes, uns atrasados mentais. É evidente que não tínhamos o grau de erudição que alguns poderiam ter, não se pode exigir a um chavalito de 20 anos que tenha lido os clássicos, até porque a minha formação nem sequer era de letras, era de engenharia civil. Mas era importante o espírito de insatisfação e entrega total e o querer, o acreditar; perceber que não me interessa chegar a mil pessoas, só me interessa chegar a meia dúzia. Aqueles que vierem são o meu grupo. Não julgue que foi fácil aquela gente bizarra aparecer ali no Tropical para fazer frente aquela intelectualidade... Cada café tinha o seu lado concetual, o seu guru e as suas capelinhas. Estávamos a marimbar-nos. Se provocava, melhor ainda. Íamos contra a moral e o código, a hipocrisia reinante. Uma coisa é falar sobre o demónio, outra é fazer um pacto com ele. E eles falavam muito mas queriam distância do demónio. A vanguarda é boa desde que não esteja à minha porta, não é? Nós no CAP estávamos imunizados e essa era uma ferramenta de trabalho única: não ter medo. Medo de se expor, ter atrevimento, arriscar. Ninguém se manda dum precipício se pensar que vai morrer lá em baixo, não se pensa duas vezes. Estas coisas fazem-se porque acontecem e deus é grande. Eu podia ter dado mais intensidade à coisa, podia ter pensado mais... Mas se tivesse pensado mais ainda estava a fazer a minha primeira performance, ia agora começar... Só que agora já não tenho corpo para isso, já não posso fazer aquilo que fazia. Agora tenho o conhecimento, mas já não tenho o corpo. Nestas coisas há um nível comunicacional que ultrapassa o intelectual. Neste tipo de trabalho há mensagens subliminares que têm destinatários próprios. A mim não me interessa que toda a gente saiba aquilo de que estou a falar. A arte é como a vida, não tem fórmula.

MANOEL BARBOSA

(Depoimento escrito sob a forma de entrevista, enviado a 8 de setembro de 2015, com base nas entrevistas realizadas a 27 e 29.01.2014. Publicado sem edição, pelo que determinadas passagens perderam o sentido, não estando conforme o original.)

Mariana Brandão: *Já não está para essas lutas?*

Manoel Barbosa: Progressivamente e desde 2004 estou a desinteressar-me do que acontece em Portugal. A minha relação é residual, escolhida. Façam o que quiserem disto. Acabou, finish!

Sinto-me tão bem à margem de tudo isto, porque é que hei de estar a auto-massacrar-me com ninharias, invejas e coisas do género? Portugal teve condições extraordinárias para ser um país maravilhoso e maravilhante, mas está inquinado, perturbado, elevada percentagem da paisagem urbana está desfeiteada, etc. Aquela conclusão do Almada Negreiros sobre os portugueses continua atualíssima. [...] A minha produção está a ir praticamente toda lá para fora, mesmo coisas antigas.

Tudo documentado? Tem onde colocar isso?

Por exemplo os meus arquivos sobre Performance e *Body Art* em Portugal e no estrangeiro. Alguma vez lhe disse que tenho cerca de 6000 documentos?

Pois disse, por isso lhe pergunto onde vai colocá-los...

A vasta maioria ainda está em Lisboa, mas provavelmente vão para Serralves ou para o Pompidou. Outra hipótese, Nova Iorque. O João Fernandes estava muito interessado no arquivo, mas entretanto foi para Madrid e desconheço qual é a sensibilidade da Suzanne Cotter para as artes performativas, nem a Cristina Grande me sabe dizer concretamente. Há ainda a hipótese Gulbenkian, que me apoiou diversas vezes nomeadamente em participações em eventos no estrangeiro mais o apoio para a concretização do Perform'Arte, convites para apresentar performances, estou-lhes reconhecidíssimo. Mas o Centro de Documentação do CAM acabou... Eu gostava muito que o arquivo de artes performativas ficasse em Portugal. Seria muito útil, porque contém praticamente tudo o

que aconteceu no país. Estou a render-me ao “apelo” de alguém nos Estados Unidos. Se não ficar cá, também é verdade que não terei muita pena.

Não?

Não (sorrisos). Ah! Tenho também um ótimo arquivo de artes plásticas (detesto esta designação, “plásticas”), para além da biblioteca pessoal e da Elisabete, que tudo indica não sairão do país. Desde o falecimento da doutora Madalena Perdigão o ACARTE (que fundou) foi perdendo gradualmente programação criteriosa e regular, mesmo noutras áreas de atividade. Lamentável e como exemplo a desativação durante meses/anos, do auditório. Madalena Perdigão, de quem tenho saudades enormes, invulgar senhora a todos os níveis, sempre se interessou por artes performativas.

Também eu, e Serralves também, e tem condições para guardá-lo.

Pois tem. Tenho elevada consideração por aquela gente. Talvez seja a cidade adequada por vários motivos, inclusive históricos no âmbito da Performance. Desde há uns anos eu passei a ir frequentemente à Faculdade de Belas-Artes dar umas aulas abertas, orientar workshops.

Eles têm um grupo de estudantes muito interessado em Performance.

Exatamente. Em 2011 estive 1 semana a orientar um workshop que culminou com a apresentação duma performance acionada pelos participantes. O final resultado foi excelente, despertou-lhes redobrado interesse pela arte performativa, formaram dois grupos, criaram um grupo de estudos, foi como que uma espécie de peculiar explosão.

Ativou um interesse...

Eles próprios me dizem de vez em quando pela internet “a sua vinda foi extraordinária” e sei que há muita e interessante gente jovem no Porto interessada em pesquisar, criar, apresentar.

Então vamos lá: em que momento passou a considerar-se um performer, qual foi o momento fundador?

Houve vários momentos fundadores a partir do meu conhecimento por leituras ocasionais, o que tinha sido feito no estrangeiro e em Portugal. Pessoalmente e é isso que lhe interessa, o momento fundador terá sido em 1975. Mas em 1973 realizei o

happening-performance “África”. Certamente o momento-zénite foi durante os Quartos Encontros Internacionais de Arte em Caldas da Rainha. Aí tive o primeiro encontro com artistas notáveis: a Orlan, o Serge III, o [Roland] Miller e a Shirley [Cameron], o Filliou, Giner, dos portugueses, o Albuquerque [Mendes], os Puzzle, o [Miguel] Yeco, Alvess e outros. Eu creio que fiz três *happenings-performance* durante aqueles doze dias. Ali é que tive contacto mais direto com a realidade do *Happening* e da Performance.

E as suas intervenções foram criadas lá?

O material, sim.

Não tinha nada previamente preparado?

Uma já estava preparada, as outras foram criadas no momento, uma delas com a participação do Miller e da Shirley. A outra, chamada *Itinerário*, foi criada especificamente para os Encontros. Mas já havia antecedentes.

Quais? Qual era a sua relação com a Arte?

Antes de chegar à Performance fiz *Happenings*.

Para si, qual é a diferença?

O *Happening* é a própria essência da palavra *happening*, é o momento, o acontecimento, pode ser a criatividade no momento.

É mais espontâneo? Improvisado?

Sim, pode ser e há quem entenda que deve ser unicamente isso. Eu sempre estabeleci uma fronteira. Tive grandes divergências, discussões, com performers sobre a questão do *Happening* e da Performance, e continuo a manter a minha opinião.

Como estava a dizer, inicialmente fiz *Happenings*. Um dos primeiros foi muito interessante, em Luanda. Estive naquela malvada guerra. Tive um coronel excepcional, Joaquim Ribeiro Simões, homem com uma cultura fantástica. Há o 25 de Abril, pedi-lhe para me conceder tão imediatamente quanto possível o mês de férias a que tinha direito para ir ao “puto” (chamava-se “puto” a Portugal) ver, sentir o que estava a acontecer. Cheguei no início de junho, assisti à pintura do famoso painel a 10 de junho, em Belém. Quando regresssei a Angola, pensava viajar na avioneta novamente para a mata, mas fui informado que o meu batalhão, de facto bom, tinha sido transferido para Luanda, tinha

começado a guerrilha urbana. Nem sei como escapei vivo. Passados poucos meses em Luanda e devido a vários estímulos e estimulantes, comecei a prevaricar, a faltar aos compromissos militares, na gíria, “baldei-me”. Conheci gente das artes, da cultura local, aluguei um apartamento para pintar e estar, cada vez mais... “baldado”. Tinha uma vida libertina e com alguma liberdade reconquistada à margem da disciplina militar, passava noites com gente das artes também na melhor discoteca de Luanda. Pensei em fazer um *happening*, não hesitei. Convidei o Calenda e o Barnabé, dois angolanos, amigos excepcionais, militares que tinham estado comigo na mata. O Barnabé desenhava muito bem, e acabámos por fazer um *happening* na Mutamba, uma praça central de Luanda. Provocou um brado local...

O que é que aconteceu? Pode descrever?

Numa paragem de autocarro, cada um de nós os três, vestidos civilmente, claro, dizíamos alternadamente num curto parágrafo o que queríamos sobre África e as guerras de libertação. Prolongou-se por quase duas horas. Subíamos e descíamos dum banco. Cada vez que parávamos, pintávamos uma cor num papel e atirávamo-lo para o público, porque entretanto juntou-se uma boa quantidade de pessoas, claro que muitas delas sem saber o que estava a acontecer... Também não havia uma intenção nossa de que o público nos entendesse. Eram umas folhas muito compridas de papel normal, papel de embrulho, que cortámos em tiras compridas (talvez com uma média de 60x15 centímetros cada) e pintamos de várias cores. Muito concetual. Esse foi o primeiro *happening* bem estruturado.

Voltei para Portugal em 1975, fiz um *happening* na Serra da Estrela, muito sinalético, com sinais em dourado, espelhos (círculos) colocados na neve, que deixei lá ficar virados para o firmamento. Não, neste caso foi mais um ritual...Um ritual/*happening*.

Porque é que lhe chama happening? É algo planeado...

Em Luanda foi planeado, embora com ocasionais momentos de criatividade. Houve intervenções do público e nós a partir de um determinado momento gostámos.

Depreendo portanto que entende que um happening pressupõe interatividade com o público...

Entendo que o discurso, a ação estética da performance é diferente do *happening*.

Certo. Mas qual é a diferença?

A diferença está na conceção prévia. Para uma performance, por exemplo há uma noção para a perceção e exploração do espaço. Não gosto da palavra cenário... Há toda uma conjuntura à volta da performance que é diferente do apelo do *happening*. Por exemplo, se eu estiver a fazer uma performance, não permito que o público intervenha. Atualmente o público já sabe que não deve intervir. O discurso global do espetáculo está a correr de tal maneira que não lhe permite sequer ousar fazer qualquer coisa, ao passo que no *happening* o público já vai predisposto para intervir se quiser, se for necessário.

Ainda em 1975 fiz um *happening* em Barcelona, num encontro internacional de arte, por mero e feliz acaso. Fui convidado em Lisboa. Foi no tempo do Franquismo, como sabe a Catalunha é a Catalunha. Duas pessoas organizaram o Encontro Internacional de Criação Livre. Tinha cinema, teatro, *happening*, artes plásticas (não gosto nada da designação), dança, literatura... Com filmes do Andy Warhol, pintura do Tapiés. Tudo semi-clandestino, anti-regime. Pugnou-se pela liberdade. O meu *happening* começou na zona do porto da cidade e continuou num espaço fechado. O ambiente era ótimo, havia artistas muito conhecidos, que eu conhecia de nome. A predisposição era outra, uma pessoa sentia-se muito mais à vontade... Esse foi o terceiro *happening*. Depois comecei a interessar-me pela performance.

Bem, antes disso, qual era a sua relação com as artes? Como é que...

Desde muito novo, pintura, pintura, pintura. E desenho. Lia sofregamente muitos livros sobre arte e artistas, vi reproduções. Comprava revistas mas sobretudo livros nas Caldas da Rainha, em Santarém, em Lisboa.

Mas teve formação académica?

Não. Nasci fora de Lisboa, em Rio Maior. Quando era miúdo desenhava e pintava muito bem. Nunca tive problemas com o guache, aguarela, óleo... Eu próprio ficava espantado porque lia e ouvia dizer que era preciso técnica, mas eu tinha uma técnica natural, fácil. Havia sempre aquele academismo de que o desenho tem de ser com o lápis afiado e com uma certa inclinação, no entanto eu já esborratava, colocava a tinta de modo exploratório como queria. Depois pensei vir para Lisboa estudar para a Escola Superior de Belas-Artes, não me lembro com que idade. Sei que passei a vir a Lisboa muitas vezes, em média uma vez por semana, para ver exposições, e havia uma coisa mítica

para mim, que era a Brasileira do Chiado, com o Almada Negreiros, o Jorge Barradas, aquela gente. E vinha eu, puto, creio que com 16 anos, normalmente às segundas-feiras – uma vez tive a ousadia de me sentar na mesa à frente da que estava o Almada. Fiquei de costas para ele. Quando vagou o lugar à minha frente, sentei-me virado para ele... Numa segunda vez não tive iniciativa suficiente para o cumprimentar... Creio que na quarta ida à Brasileira cumprimentei-o. Apertou-me a mão com um sorriso, fiquei feliz. Mais tarde pedi-lhe que visse dois desenhos meus, foi muito recetivo, durante uns vinte minutos, no final perguntou-me se tinha mais. Noutra ocasião trouxe outros desenhos, uns quatro, comprou-me um, fiquei espantado e simultaneamente transitei nas nuvens!... Tratou-me sempre como um indivíduo adulto, por “você”, com uma crescente e fantástica amabilidade.

Então nessa altura estava informado...

O Almada estava informado.

Não, perguntava-lhe se acompanhava a produção artística portuguesa...

Sim, ia à 111, à Gulbenkian, ao Palácio Foz, neste caso exposições do regime... Mas cheguei a ver no Palácio exposições boas. Ia à S. Mamede, à Sociedade Nacional de Belas-Artes, à Bucholz e a mais um ou dois locais.

E sobre o que se passava lá fora?

Aí é que está. Eu conhecia o Almada através de várias leituras, e havia uma coisa nele que me fascinava... Conheci-o já com 70 anos ou 60 e muitos, mas tinha um fascínio pelas suas intervenções no Futurismo. Há uma imagem (tenho esse recorte do jornal *O Século*), com ele vestido com um fato de operário. Eu tinha alguma dificuldade em conjugar o homem que vim a conhecer bem (reencontrei-o várias vezes, algumas até a pedido dele), elegante e galanteador, com aquele que tinha feito *aquilo* no teatro. Havia ali um mistério para mim... Muito mais tarde vim a relacionar o facto de *aquilo* ser uma arte performativa. Almada foi fundamental para eu não ter estragado a minha vida. Numa das conversas manifestei-lhe a intenção de vir para Lisboa estudar para a ESBA, e o Almada, que era extraordinário mas às vezes intempestivo, disse-me: “Não! Não venha, vai-se prejudicar!”. Perguntou-me a idade (na altura tinha 17, ia fazer 18), e aconselhou-me para ir “para Paris, para Madrid, vá ver coisas!” Fiquei muito chocado, incrédulo, baralhado, mais tarde comecei a seguir as indicações do mestre. Que tinha

razão. Também há outra questão: tive, desde jovem, uma noção social e política de onde estava, através de vários livros da família e amigos, que era moderadamente anti-regime, alguns filmes onde notava *qualquer coisa* informativa. Eu reservava sempre, creio, 25 tostões da semanada que os meus pais me davam para comprar a *Vida Mundial*, que era anti-regime. Também nessa revista li sobre artes, vi imagens. Numa delas *surgiu-me* o Francis Bacon, o Matisse, entre outros...

Mas o Almada esteve num certo sentido próximo do regime...

Não, não... Ele chegou a contar-me resumidamente isso... Serviu-se do regime, precisou dele por vários motivos. O que entendi foi que nunca teria conseguido ter feito o que fez se tivesse afrontado o regime. Lembro-me de me ter dito que, por exemplo os painéis da Rocha do Conde de Óbidos não teriam sido feitos se não fosse mais uma encomenda (António Ferro sabe-se, foi importante). Mas nunca foi um homem pelo regime, até porque durante aqueles anos teve intervenções – e de que maneira... Puro pensamento livre, criatividade permanente! A Natália Correia, que eu cheguei a conhecer mais tarde e muito bem, adorava o Almada, eram visitas de casa, defendia-o acerrimamente como um homem anti-regime. Só que ele não queria problemas, queria trabalhar.

Mas o que é que o fascinava tanto no Almada?

Toda a obra dele que até então conhecia, o que tinha lido, e a tal história da fotografia (e texto) sobre o que fez com o Santa-Rita no teatro. Mais o conhecimento relativo que tive via *Colóquio Artes* que comprava em Lisboa, da pintura do Amadeo e sua relação com Almada. Mais o Futurismo em Lisboa, claro! Eu antes de ter 18 anos não podia sair do país – e é aqui que começa a minha relação com os *happenings* e com as vanguardas – mas consegui sair (sempre fui rebelde, com pensamento independente) porque o Maio de 68 perturbou-me positivamente a todos os níveis. Eu lia a tal revista semanal *Vida Mundial* e perguntava-me o que se teria passado, que aqui não se sabia quase nada e *aquilo* surgia-me todas as semanas em fotografias e notícias. Comecei a pensar seriamente em ir a Paris e consegui, através de pessoas amigas, fui a “salto”, passo o termo, com um amigo de Lisboa. Apanho-me em Paris e quase levei um *murro* tipo Cassius Clay.

Isso foi em que ano?

1970. Não, não, 1969... Cheguei a estar lá creio que 14 dias. Quase não dormia, não parava, queria ver tudo! Meteu-se-me na cabeça *cheirar* o Maio de 68 [risos]. Numa dessas tardes entrei numa galeria e comprei dois catálogos: um do César, que na altura já era conhecido, e outro do [Hans] Richter, o homem do Dadaísmo que eu não conhecia. Fiquei fascinado com as fotografias e estava lá o essencial sobre o Dadaísmo. Entretanto, ao sétimo ou oitavo dia fui por mero acaso ver uma exposição e fiquei fascinado com duas pinturas. O autor estava lá... Chega perto de mim um indivíduo com 40 ou 50 anos. Apresenta-se, nunca tinha ouvido ou lido o seu nome: era o Georges Mathieu, cujas pinturas eram um autêntico *happening*, a avaliar por uma fotografia no catálogo que o documentava a pintar. Perguntou-me o que é que eu fazia e contei-lhe num ápice e um pouco atarantado a minha vida quase toda... Estava um bocado medroso porque queria ficar em Paris e o dinheiro estava a escassear, a alimentação racionada... O homem ficou um bocado encantado com o personagem, com o puto português. Passado um bocado deu-me o endereço do ateliê e disse-me para o visitar quando quisesse. Três ou quatro dias depois decidi visitá-lo e quando entro no ateliê do homem, passados uns minutos voltei a jurar-me: vou ser, quero mesmo ser artista, vou ser pintor, vou ser tudo. Não usei o termo *happening*, mas disse-lhe que aquela pintura era gestual. Explicou-me o método, mostrou-me duas fotografias a pintar, era um autêntico *happening*. Para meu espanto (e do amigo que estava comigo), o indivíduo veste umas calças, tira a camisa, veste outra e começa a pintar, talvez durante e só uns quatro ou cinco minutos. Magia! Tive o hiper-privilégio de *ter* o Mathieu a pintar para mim, anos depois quando me apercebi quem era Georges Mathieu, arrepiei-me.

Aquele artista e momento abriram-me todo o horizonte [no sentido] de cortar com ideias e comportamentos acadêmicas, de como se pinta, o pincel, aquele formalismo todo e escolar. Passados uns anos estabeleci correspondência com ele e muito mais tarde visitei-o mais duas vezes.

Nessa altura conhecia a obra de outros artistas plásticos?

Sim, sim, nessa altura já ia às Caldas da Rainha, que era a cidade mais próxima de Rio Maior e comprava livros do Rembrandt, do Toulouse-Lautrec, do Van Gogh, do Picasso, já havia um conhecimento... Ah! Fui incontáveis vezes durante a minha juventude ao Museu Malhoa, nas Caldas. Interessei-me sempre e muito em estudar, ler, sobretudo ver, e depois relacionar tudo com o que lia. Daí o meu fascínio quando me encontrei em Paris. A partir daí é que decidi mesmo que era artista e depois...

Reencontrei o “reforço” Almada Negreiros. Em relação às artes de intervenção: havia uma revista italiana de arte, que se vendia num quiosque no Rossio (não me lembro do nome da revista), que além de pintura e escultura de vez em quando trazia umas *coisas* com artistas em ação. Num desses números editava algo sobre o Acionismo de Viena de Áustria (autêntica e fascinante revelação para mim!), o Muehl, o Rainer... Pensei: estou com uma sorte fantástica, que é isto?. Depois dos Encontros nas Caldas deixei de pintar, entre 1978 e 1980-81. Reorganizei objetivos discursivos, apaixonei-me crescentemente por performances, *happenings*. Foi-me muito útil esse período, porque de quando em quando preciso de estar uns tempos sem pintar. Voltei a decidir: “vai por aí, faz o que quiseres”!

Mas continua a pintar?

Continuo, claro. É irreversível por motivos vários. Depois de 1977 estive num encadeamento de acontecimentos e cheguei a um conhecimento, ainda débil (havia pouca informação em Portugal) mas mais ou menos aprofundado do que era o *happening*, nesses anos pouco se falava em performance. Depois vi uma *ação* da Helena Almeida, a seguir vi o *happening* do João Vieira...

Que ação da Helena Almeida viu, recorda-se?

Foi na Galeria Judite Da Cruz, em que ela... Creio que era *Tela Habitada*... Não, não era... Ou era? Não me lembro.

Mas teve outras atividades profissionais?

Não, fui sempre artista. Pintura, desenho, aqueles *happenings* iniciais e performances, muitas. Depois fui conhecendo e mantenho contactos com artistas e não só realmente importantes a nível nacional e internacional, tive, tenho esse privilégio, com inúmeras relações muito fraternas.

Quando começou a trabalhar, aqui em Portugal, como eram as relações entre os artistas? Reconhece grupos, fações? Qual era a “geografia”?

Quando comecei não tinha muitas relações com pintores ou escultores. Vivia em Rio Maior, vinha praticamente todas as semanas a Lisboa para sentir a cidade (sempre me senti um cidadão), passear, ver exposições. No âmbito das artes performativas, as referências no Porto eram o Albuquerque, a *body art* do Alberto Carneiro e desde 1976

o Puzzle, o Dixo, o Burmester... Em Coimbra, o Círculo de Artes Plásticas desde inícios da década de 1970 e mais tarde o GICAP, o Azevedo, o Barros... Foram dois pólos fortes nos anos 1970.

E Lisboa?

Os *happenings* do João Vieira, a *body art* da Helena Almeida, que poucas pessoas viram.

E havia circulação? Conheciam os trabalhos uns dos outros?

Sim, às vezes encontrávamo-nos.

E tinha a percepção de haver um grupo mais ligado ao Egídio Álvaro e outro ao Ernesto de Sousa?

Sempre existiram. Essa foi a grande separação, com prejuízos mútuos, para os artistas que eles (passo o termo) representaram, ou melhor, projetaram. Porém, alguns artistas estiveram em eventos do Egídio e do Ernesto. Eu cheguei a ter prejuízos incríveis por estar *ligado* ou seja, o Egídio convidava-me, eu correspondia. Não havia nenhuma ligação contratual dos artistas com ambos. O Ernesto gostava muito de mim, convidou-me para várias iniciativas. Só por acaso e algum desleixo meu não participei, mas por sua influência fiz algo na Diferença, na Opinião, na SNBA. Mas havia uma enorme separação, o Ernesto esteve sempre ligado ou muito chegado a instituições como o Ministério da Cultura e a Gulbenkian. O Egídio, porque criticava a política cultural do poder que nunca o entendeu, foi muito prejudicado, embora ocasionalmente a Gulbenkian e o Ministério o tivessem apoiado. Nas décadas de 1970-80 escrevia para o *Diário de Notícias*, num suplemento semanal e dava – mês a mês ou quinzenalmente – pancadaria na Fundação Gulbenkian, no Ministério, sobretudo quanto ao critério dos apoios que concediam ou não aos artistas, o que pensavam para divulgar a arte portuguesa no estrangeiro, nas bienais, nos museus... Nalguns casos tinha razão. Lembro-me de alguns artigos bastante violentos, o Sommer nunca lhe perdoou, mas o Artur de Gusmão entendia-o. E a programação do Centro da Gulbenkian em Paris também foi alvo das suas conclusões. Nunca se esqueceu dos artistas do Porto. O Egídio era um crítico viajado, residente em Paris, via muitíssima arte, tinha uma noção peculiar para projetar os artistas. Não por acaso fundou a Galerie Diagonale, sem dúvida um dos mais dinâmicos locais – ocasionalmente o mais dinâmico – das artes performativas em

Paris. Mas também exibia pintura, instalações. E muito bem frequentado. Nunca o poder em Lisboa (instituições, críticos, jornalistas) entendeu ou não quis saber em detalhe o que aconteceu na Diagonale, por exemplo com os artistas portugueses. O Egídio fez muito, muitíssimo, para divulgar no país e no estrangeiro os performers portugueses e, não esqueçamos, performers estrangeiros em Portugal. Sempre ou quase sempre suportados com textos de apresentação. A obra do Egídio ainda está por estudar, analisar, divulgar. O Ernesto pouco fez e raramente escreveu no âmbito das artes performativas, se comparado com o Egídio, que as sabia analisar e escrever em incontáveis jornais, revistas, catálogos, livros. Mas o Egídio foi a *alma*, a *broca furadora* para que eu e outros tivéssemos apresentado performances (algumas excelentes, marcantes) em Portugal e no estrangeiro. Por exemplo no Simpósio de Lyon (o evento mais importante a nível internacional durante cinco anos), a Elizabete [Mileu] e eu fomos convidados pela Orlan mas os anteriores (Albuquerque, Azevedo, Puzzle, Orfão, Yeco), foram convidados pelo Egídio. O Ernesto participou convidado pelo Hubert Besacier. Ele teve o mérito de os levar a Lyon, que nesses anos (1979-1983) foi o que é agora a *Performa*, de Nova Iorque. Já viu o catálogo? Está ali a *nata* da performance (Beuys, Vostell..., e nós, não por acaso, por mérito. A Orlan uma vez contou-me que a Laurie Anderson, a Marina e o Ulay só não foram por uma questão de agenda. O Egídio teve esse mérito extraordinário e depois outro, que foi levar-nos ao Centro Pompidou: convenceu o diretor (Pontus Hulten) a apresentar no auditório uma semana de performance portuguesa, com catálogo. Mérito e um favor impagável do Egídio.

Mantém relação com ele?

Não. Há uns anos estive em nossa casa, jantámos. Depois soube que deu uma queda e ficou muito mal. Posteriormente telefonou-me, jantou comigo e com a Elizabete, mais habitual e prolongada conversa durante a noite. É um ótimo e cativante conversador. Escrevi-lhe umas duas cartas, sem resposta. Desde 1985 não mais me convidou, presumiu que eu estava *ligado* ao Ernesto...Vi-o em 2009 num vídeo-depoimento realizado pela Gulbenkian.

Dizem que tem um arquivo importante...

Tem, bastante importante. Artes Plásticas e performance.

Mas de onde vinha essa antipatia?

A antipatia surgiu por projetos pessoais.

Concorrência?

Não, não era bem concorrência, eram projetos pessoais. Um apostou nuns artistas e outro noutros. E havia uma base [de discordância] teórica, que está publicada em catálogos, textos dos eventos que organizaram, está lá quase tudo. Divergência pessoal não havia. Eu cheguei a estar com os dois, eles falavam-se, não havia inimizade alguma.

Era uma questão intelectual?

Como lhe disse, era uma questão de projetos pessoais. O Ernesto certa vez convidou-me para fazer algo com ele, o Egídio soube e nunca mais me convidou. Mas amigos como dantes. Mariana, a propósito, nunca acredite muito naquilo que lê: a História pode estar enviesada, minada, é um conselho que lhe dou. Ou tem conhecimentos extraordinários, para distinguir as coisas boas das más, as fátuas das não fátuas... Há aquela expressão “nem tudo o que luz é ouro”; aprecio muito friamente qualquer coisa. Não pareço ser intransponível nas análises, mas sou. Até mesmo nas relações pessoais estou cada vez mais *gelado*. Só falo com quem quero e de quem quero. Bem, comecei a aperceber-me que nem tudo o que o Egídio e o Ernesto diziam, escreviam e faziam era extraordinário. Ambos tinham este *pecado*: para eles era tudo fantástico, e se alguém ousasse uma análise negativa sobre o que tinham dito ou feito, havia sempre um retraimento, um distanciamento.

Não reagem bem à crítica, é isso?

Não é bem isso... Quando se sentiam postos em causa, havia ali um sentimento de reserva. Por exemplo, eu fiz os dois primeiros festivais de Almada com o Egídio. Quando chegava de Paris nas férias já tinha praticamente tudo preparado por mim. Para o segundo festival, que foi uma coisa extraordinária, eu convidei uns artistas e ele, outros. Preparei uma conferência de imprensa na biblioteca da SNBA. Estava lá a comunicação social da época, a televisão, e às tantas o Egídio diz que o festival de Almada vai ser tão ou mais importante do que a Bienal de Veneza ou de Paris. Eu não sabia onde me meter, com vergonha. Depois chamei-lhe a atenção e disse-lhe que não contasse comigo para o festival seguinte, fui lá só fazer uma performance ou duas. Ainda fui ao Pompidou e a partir de 1985 só me pediu fotografias para exposições

documentais. Mas, atenção: o Egídio foi fundamental para que eu e outros performers portugueses tivéssemos projeção no país e no estrangeiro. Obviamente estou-lhe gratíssimo e sempre amigo.

29.01.2014

Quando iniciou o seu trabalho como performer já tinha referências artísticas nessa área?

Já, mas mais sobre *happenings*. Quando vim de Angola comprei na Bertrand e anos mais tarde na Diferença livros sobre *happenings* e performances. Sabia umas coisas esporádicas, mas mais centradas no Beuys... Comecei a viajar assiduamente pela Europa, comprei vária bibliografia, vi algumas performances e *happenings*. Quando me apercebi de que havia revistas com secções sobre performance, passei a mandar vir a *Flash Art*, a *Art Forum*, a *Parachute*, então muito raramente à venda em Lisboa. Comecei a acompanhar sempre tudo (sou também um apaixonado por artes performativas), estava razoavelmente bem informado. Nos anos 1970 e 1980 não havia em Portugal a quantidade de bibliografia à venda como atualmente. E vídeos, só comprados no estrangeiro.

Então apreciava o trabalho de Beuys, e mais?

O [Hermann] Nitsch, o [Otto] Muehl, o [Arnulf] Rainer, o [Wolf] Vostell, a [Gina] Pane, o [Bob] Wilson e mais, e mais. Tenho concluído que não fui influenciado por ninguém, tive sempre como objetivo uma frieza naquilo que faço, não vou buscar nada a ninguém. Claro que há sempre reminiscências de que nem nos apercebemos... Já me aconteceu fazer performances nas quais reconheço posteriormente algo visual ou corporal doutro. São ressonâncias, o subconsciente porque tenho visto muitas centenas de performances e lido, visto imagens... Mas outras pessoas que aprecio: a Orlan, e o [Serge] Oldenburg, o [Jan] Fabre, com quem tenho grande amizade. Infelizmente o Serge já faleceu. Comunicávamos, encontrávamo-nos de vez em quando em Paris, Nice... A Orlan fez dois *happenings* nas Caldas da Rainha que para mim foram fundamentais no sentido de ver uma performance exemplar. O [Roland] Miller, também, a Shirley [Cameron]. Estou, talvez desde 2004, numa fase de ter a certeza absoluta (mas sempre questionando-me, renovando) daquilo que faço, inclusivamente na pintura ou instalação. Uma maturidade.

Alguma vez criou performances para outros artistas?

Para outros artistas, não. Mas na década de 1980 houve três performances que encenei, não atuei. Uma delas, na Gulbenkian, está naquele catálogo que lhe ofereci. Depois houve outra em França e outra em Londres.

E já repetiu algumas das suas performances...

Nunca repito, não quero, não necessito.

[Depois desta entrevista, houve a recriação e reapresentação do *happening-performance Identificacion*, caso único.]

Não repete uma mesma estrutura?

Não, absolutamente. E desde há uns bons anos tenho guardado objetos utilizados nas performances, o que raramente fiz antes de metade da década de 1980. Por exemplo, desta que fiz recentemente no Intendente, guardei cinco objetos⁹² com o propósito de mais tarde mostrar os exibir juntamente com documentos visuais e sonoros.

Documenta as performances?

Sim. Mas de algumas não há registos. Do ACARTE, por exemplo, tenho da segunda performance, porque alguém fez esse favor, caso contrário não tinha. Da primeira performance na Gulbenkian suspeito que ninguém da instituição a documentou e os objetos de cena, apesar de lhes ter pedido, não foram guardados. Lamento, porque esse espetáculo, com a Justine, uma fantástica performer nova-iorquina, e com o Telectu, foi exemplar. Talvez o Vítor Rua tenha um vídeo, só que não sei se o passou do VHS para digital. Eu avisava, pedia, aconselhava o ACARTE para documentarem as performances, minhas e doutros, mas nunca discerniram o que estava a acontecer na arte em Portugal... Sabe, a performance em Portugal ainda é vista como... Uma vez uma artista perguntou-me qual era a minha “cena”, o modo e palavra chocaram-me, sobretudo vindo de alguém da área da dança, já com uma carreira. Mas ela tinha razão: a maioria do público continua a pensar que aquilo são “umas cenas”, a maioria não entende – já cheguei a esta conclusão há muitos anos –, está ali, acha piada, não acha piada, tenta entender, apesar de tanta bibliografia e videografia hoje à venda... Falta o Egídio para os fazer perceber... Um *happening*, claro, tem uma estrutura discursiva

⁹² Cf. <http://www.viralagenda.com/pt/events/81352/ciclos-in-loko-vitor-rua-manoel-oliveira> e <https://www.youtube.com/watch?v=peAVNNZTk6k>.

diferente, facilita mais o entendimento. Por exemplo, a performance que a Mariana viu é muito hermética, não propiciou um entendimento fácil. Havia um elevado grau de concetualismo, uma *dureza* discursiva, um distanciamento face ao espetador. Quero, sinto-me bem com o não-entendível.

Quer que as pessoas não entendam?

É-me indiferente se o espetador entende. Nunca tive a mínima apetência para “explicar” o que – e como – crio e apresento.

Quando fala em “entender”, refere-se a descodificar uma mensagem, é isso?

Há uma frase-conclusão minha muito conhecida: “interessa-me o inapercebível subjacente à realidade”. Em 1980, no Grand Palais, fiz uma performance que considero a mais minimalista das minimalistas, extraordinária. Durante dois minutos, se tanto. Adorei a reação do público. 80, 90 por cento das minhas performances estão organizadas no meu cérebro após releituras das pautas/esquissos visuais. Vou para o espaço cénico e desenvolvo-as. Raramente recrio-as durante.

Ensaia?

Não, não preciso. Reflito, um ou outro exercício físico conforme a exigência do trabalho. Releio as pautas visuais. Crio e capto imagens, penso no que vou fazer, guardo na memória e depois desenvolvo. Durante a ação, esteja a solo ou não, consoante aquilo que me vai *transitando*, há uma margem de 15 a 10 por cento que pode ser recriada. Um exemplo, a performance no Grand Palais – minimalista, não só pelo tempo de duração – estava a acioná-la e durante poucos segundos a interrogar-me/recriar-me. Um intenso e provocatório desafio a mim próprio.

E quanto ao aspeto comercial? Claro que a performance, pela sua efemeridade, é uma área peculiar...

Faço-me pagar. Cachet (dizem que elevado) e outras condições. Não facilito a instituições ou festivais. Informaram-me há anos que em Portugal sou o performer que mais “regateia” o cachet. Só muito excepcionalmente cedo, a amigos ou a performers, neste caso eventualmente para apresentarmos uma performance. E há as raras “trocas”, cumplicidades estéticas: exemplo disso, eu e o Telectu fizemos algumas performances sem exigirmos cachet às partes. Uma performance é uma obra de arte. Ponto! Nem

sempre as instituições, organizadores de encontros e de festivais ou programadores, críticos e historiadores (e certo público) têm a noção disso. Tem de ser paga como tal. Porque efémera (discordo desta enraizada classificação), até devia ser mais bem paga... Lembro-me agora deste episódio acerca de custos: estava a criar uma performance para a Gulbenkian, pensei numa área branca com volume. Tive um *flash* e não hesitei, precisava de areia branca. Transmiti à doutora Madalena Perdigão o necessário acréscimo de despesas; contrapôs mas cedeu. Vieram dos areeiros de Rio Maior umas boas toneladas de areia branquíssima, o palco teve de ser reforçado. Resultou em pleno, devido à compreensão da doutora Madalena, que não coartou a efetivação duma obra de arte. Outro caso: em 2010 convidaram-me para orientar um *workshop* e para o encerramento dum festival. Não tinham dinheiro para me pagar. Porque não conhecia os organizadores (embora recomendados pelo Olaio), propus-lhes que me pagassem viagens em primeira classe, hotel, refeições e seiscentos euros. Excepcionalmente esta quantia, para orientar o *workshop* com alunos da universidade, durante seis dias seguido de performance com os participantes. Tive muito prazer em prescindir do cachet e em participar. *Workshop* e performance resultaram em pleno. Sobre a efemeridade, é um assunto ainda não devidamente discutido e concluído. Desde há muitas décadas alguns performers vendem não só objetos mas também registos visuais e sonoros. Há mercado, crescente: museus, outras instituições, colecionadores.

Isso em que festival?

*No Line Up-Festival Internacional de Performance*⁹³. No ano seguinte pediram-me também para encerrar a Bienal de Cerveira. Não tinham dinheiro, queriam que estivesse lá quinze dias. Mas sem cachet, mesmo com o muito afeto que tenho pela bienal (fui um dos pioneiros em 1978), não iria. Trabalho é trabalho. Pagaram-me setecentos euros.

Em termos institucionais foi portanto apoiado pela Gulbenkian.

Também, ocasionalmente, pelo Ministério da Cultura. Estarei sempre muito grato à Fundação Gulbenkian, que me apoiou muitas vezes. Foi fundamental. Uma única recusa, devido ao facto de durante três anos seguidos ter obtido apoios. Daí que eu gostasse muito que o meu arquivo fosse para lá: um reconhecimento. A Gulbenkian foi de facto excepcional não só para mim mas também para outros e para uma aceitação

⁹³ Cf. <http://www.uc.pt/rualarga/31/09>.

primordial e institucionalizada da performance em Portugal. Ah, e apoiou o Perform'Arte – I Encontro Nacional de Performance, que coorganizei e dirigi com o Fernando Aguiar. O Egídio, o Jaime Isidoro, o pessoal do Porto, o Ernesto, o CAPC promoveram performers e performances, mas a Gulbenkian (mormente a doutora Madalena, Artur Nobre de Gusmão, Fernando de Azevedo), repito, foi fulcral. Pena o seu auditório desde há anos desaproveitado, talvez renitente para a Performance Art...

Vive só da sua atividade como performer?

Não, principalmente da pintura.

E em termos de massa crítica, como encara o panorama da performance nas décadas de 1970 e 1980?

O melhor de todos a analisar performances e *happenings* era o Egídio, sem dúvida absolutamente nenhuma. Tinha um *feeling* especial, um conhecimento e calo muito grandes. Foi quem melhor e mais escreveu sobre performances, de artistas portugueses e estrangeiros. O Ernesto escrevia umas divagações teóricas e conceituais à maneira de Ernesto de Sousa. Por exemplo as ações da Helena Almeida: lembro-me perfeitamente dos textos do Ernesto, compilava aquilo que via, depois analisava e parecia que havia uma *décalage*, tinha que ir buscar outra coisa para justificar aquilo que tinha escrito ou dito. O Eurico Gonçalves de vez em quando também fazia umas crónicas interessantes e divulgadoras. Nomeadamente desde finais da década de 1990, a Performance passou a constar em livros sobre a história da arte em Portugal. Outro facto signficante: a Performance consta já como disciplina em universidades, em escolas de arte. Havia a *Revista de Artes Plásticas*, a *Colóquio*, mais uma ou outra revista e os jornais *Diário de Lisboa*, *Diário Popular*, *Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias*, *O Comércio do Porto*, que publicavam notícias, textos e reportagens, por exemplo dos Encontros Internacionais de Arte. E havia, há, teóricos, por exemplo o António Barros, o Olaio, o Azevedo, e outros. Eu também escrevi em publicações, catálogos.

E o público de performance, como era?

Principalmente gente das artes e outras pessoas interessadas não só em artes mas também na “novidade”, na “excitação” da performance.

Mas quem é que assistia às performances?

Alguns críticos e raros historiadores e galeristas. Como disse, essencialmente pessoas ligadas às artes ditas plásticas, quer na Gulbenkian, quer nos festivais, encontros. Claro que nas performances em espaço urbano, havia também o público que passava, parava, via, escutava, aplaudia ou rejeitava.

Mas eram essencialmente artistas a apresentar-se a artistas?

Não. Os artistas apareciam naturalmente, mas não era uma presença continuada. Havia muito público anónimo. Eu nunca tive a preocupação de ver quem estava à minha frente, nunca me interessou. Mas de vez em quando, por acaso, tinha um inevitável *flash* de público.

Mas comparando com os restantes géneros artísticos, a performance tinha menos público?

Tinha menos mas passou a ter ocasionalmente mais. A partir dos anos 1980 houve uma dinâmica muito interessante e bastante forte. Até nos 1970, pontualmente e caso notável, milhares durante os Encontros Internacionais. Não esquecendo os ciclos no IADE e o bom público em Coimbra e no Porto. O Encontro em Torres Vedras estava sempre cheio de público local e outro que ia de Lisboa, e não eram só artistas... Já na década de 1990, devo assinalar o público dos festivais Atlântico, da ZDB, do Fórum Dança, do Alkantara, etc. Criou-se desde os anos 1980, lentamente, público deveras interessado, numeroso. Hoje sem dúvida constata-se isso.

Pode quantificar? Tomemos como exemplo uma performance do festival de Torres Vedras...

Uma média de 80/100 pessoas no início de cada performance, quantidade sempre crescente. Por exemplo, algumas performances no espaço urbano (e dependendo do autor, do dia e hora) tiveram centenas. Memorável a qualidade das performances e a quantidade de público. Muito provavelmente houve e há menos espetadores nalgumas peças de teatro... Desde os anos 1990 todos os espaços foram tomados pela dança, pela dança-performance. Por exemplo eu e outros performers surgidos há 30 ou 40 anos nunca conseguimos atuar na Culturgest ou no CCB, estão “ocupados”, cativos pela dança-performance, alguma de péssima qualidade e pontualmente copiada do que se fez no estrangeiro e em Portugal. Não pertenço, nunca pertenci a *lobbys*... Não peço favores...

Mas queria apresentar-se nesses espaços...

Obviamente! Tenho quatro espetáculos preparados para apresentar num auditório com as dimensões da Culturgest ou do CCB, só que nunca me responderam e também já não tenho paciência para voltar à carga. E há um pormenor muito “giro”: isto já me aconteceu três vezes, pessoas ligadas à dança que copiaram “cenas” minhas, descaradamente.

Mas está a referir-se a alguém que conhecia o seu trabalho?

[...] Passaram a conhecer por outras pessoas e por imagens. E cobram cachets elevados, têm apoios anuais da DGArtes, etc. Nunca consegui apoio anual do Estado para encenar uma performance. Por ora não quero falar mais nisso.

Acha que o trabalho dos primeiros artistas que fizeram performance influenciou os artistas de agora?

Sim, nalguns casos, não tenho dúvidas nenhuma. Note isto: quando nós começámos, não havia quase nenhuma revistas de arte estrangeiras em Portugal e muito menos vídeos-performance; apareciam publicações, de quando em quando; não tivemos “fontes” continuadas para “sacar cenas”. Nós criámos um tempo, um público, uma massa crítica, e temos pelo menos duas décadas desde os anos 1960 (a Helena, o Vieira, etc.) até ao festival de Torres Vedras, em que a produção portuguesa de artes performativas foi essencialmente nossa.

Mas tem noção de que para quem não assistiu não é fácil saber o que se passou?

Informem-se... Há documentos visuais e bibliográficos, estão vivos protagonistas. Sem hesitar digo-lhe que aconteceram algumas performances notáveis, passíveis de serem inseridas na História da Arte ‘tuga e não só ‘tuga, o que já aconteceu.

E acha que os artistas mais novos acederam a essa informação?

Tenho a certeza disso. Sobretudo desde meados da década de 1990. Patente na plasticidade visual e corporal de algumas obras da dança. Atenção, não tenho nada contra as pessoas da dança, sou amigo de algumas, mas muitas das coisas que fazem, a nível visual, nitidamente, vêm de uma conceção, de um discurso que foi desenvolvido pelos artistas plásticos-e-performers. Até porque a dança e dança-performance tem códigos que a performance dura como lhe chamo, não tem, e vice-versa. Devo assinalar

que há um crescente interesse pelo que fizemos, de historiadores, de pessoas (professores, alunos) das escolas e universidades e belas artes e da dança-performance.

Qual é para si a diferença?

Com imagens colocava-lhe já aqui a diferença, num instantinho... Fui várias vezes a Coimbra e ao Porto dar aulas abertas e mostrava “por a+b” a diferença entre a performance e a dança-performance. Isso nota-se, nota-se...

Mas qual é a diferença?

A nível visual, essencialmente. Eu não gosto da palavra “cenário”, mas nota-se conjugando o nível visual/cenário com o gesto. Eles vão lá buscar, ao passo que nós na performance não temos necessidade de ir buscar nada à dança. Nunca detetei, seja qual for o nível, em Portugal ou no estrangeiro, um performer que fosse – a não ser por desesperada falta de criatividade – buscar à dança um passo, um gesto, um olhar, um rodar de cabeça...

Mas quando fala de ir buscar à dança um passo... Passos damos todos, não é?

Pois, é lógico, mas há um à-vontade – passo o termo – especial, um código estético-discursivo nos performers, diferente daqueles que praticam dança. Até porque eles, quer queiram quer não, têm uma escola (os que têm) e mesmo que não queiram, aplicam instintivamente um gesto do pé, da perna, do torso, da cabeça, do braço... É normal, não tenho nada contra, mas vão buscar “coisas” à performance...

E quanto aos anos 1970, até 1980, existia em performance criação conjunta, colaborações entre artistas, ou parece-lhe ter sido uma área de trabalho individual? Existiam grupos; o Cores, o Puzzle... e para além disso?

Foram raras as coautorias, ou seja, um autor que pretendeu criar e apresentar uma obra com outro. Certamente mais por questões de identidade e estética do que distâncias geográficas. Os casos Cores/GICAP, Puzzle, Artitude:01, Novoselvagens, Neon, Diaspositivos, foram grupos criados para trabalharem e acionarem obras em conjunto. No meu caso, tive coautoria e corepresentação talvez só numas quatro ou cinco ocasiões. Com o Miller, a Shirley, Serge III (concerto Fluxus), a Elisabete e o Pestana.

Acha que a performance portuguesa tem alguma especificidade?

Não. Vi performances de portugueses que poderiam ter sido feitas por estrangeiros e vice-versa. Não há um *carimbo*, uma identidade visual, corporal ou sonora que a caracterize, que seja imediatamente conotada com. Porque já presenciei muitas, mesmo muitas centenas de performances no país e no estrangeiro, tenho documentação visual que me permite comparar, analisar, afixo que há enorme qualidade nalguns performers portugueses. Por causas diversas nunca – ou ainda não – obtiveram a merecida projeção internacional apesar de participantes em destacados eventos.

E a Elisabete, qual é o ponto da situação?

As suas mais recentes performances foram apresentadas em Viena de Áustria, num festival muito bom, antes esteve no Canadá, e em França. Está a trabalhar os seus arquivos e numa fase, como diz, de “reorganização” para, suspeito, voltar. Creio que tem três ou quatro performances criadas. Teve um fulgor incrível nos anos 1980 e na década seguinte, concretizou obras extraordinárias, daquelas que marcam. Recusou alguns convites mais ou menos recentes porque é inflexível em relação às condições que exige.

Acompanha o trabalho dos performers de agora?

Acompanho e sempre que puder desejo continuar a acompanhar. Vejo e enviam-me notícias, imagens, por vezes de pessoas que desconheço.

Destacaria o trabalho de alguém?

Assim, de repente, a Susana Chiocca, o Filipe Garcia, Hugo Soares, André Fonseca, Sónia Carvalho, João Gigante, Maria Trabulo, Dalila Vaz, Hugo Almeida Pinho, Vânia Rovisco, Sónia Baptista. Há uma nova geração que está a pegar a sério nas artes performativas. Nos anos 1990 houve um longo período em que quase não havia performance, a dança e a dança-performance tomaram conta dos espaços e... do tempo. Curiosamente, nessa década, quando comecei a ser conhecido de muita gente da dança, alguma dela passou a colocar nos convites dos seus espetáculos “dança-performance”... Adiante. Qualquer dia vou aí fazer com todo o gosto uma dança-performance com pessoas da dança, já me convidaram, querem fazer um espetáculo comigo.

ANTÓNIO BARROS

(Texto recebido a 17.10.2015, e simultaneamente publicado pelo autor em <http://www.po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-autografas/antonio-barros-um-outro-desenho-do-vulto>)

U m o u t r o d e s e n h o d o v u l t o

Partindo de uma visita de observação formulada a “Progestos_Obgestos, 1972-2012”, residência artística que editei para a Casa da Escrita, em Coimbra, como parte integrante do ciclo “Nas Escritas POEX”, procuro responder a uma constelação de questões geradas nesse contexto por uma visitante (26-12-2012), pareceres aferidos para resultarem como potencial contribuição ao seu estudo que investiga em Portugal domínios particulares da Performance Art.

Nesta territorialidade temática e processual a entrevista começou por procurar uma resposta enunciatória da caracterização de um rosto. De um perfil de identidade de autor. E é na busca do desenho desta causa em propósito que as primeiras palavras procuram agora um fazer-se desenhar.

Partindo de algumas denominações editadas, é de observar que o que surge como narrativa de perfil, enquanto agente do trabalho que venho desenvolvendo no território das artes, faz-se na presente condição enunciar como o de estarmos perante um autor em compromisso com a performance art, ou mesmo com os tempos geradores da mais acesa implementação desta disciplina em Portugal (“António Barros é um dos nomes relevantes do contexto da poesia experimental e das artes performativas em Portugal”, João Fernandes, *Artistas Portugueses na Coleção da Fundação de Serralves*, 2009).

Nessa procura de condição distintiva – modo de fazer encontrar um referente de leitura e enunciação orientadora de identidade – julgo, no bom gesto do seu modo, a verdade obrigar a uma análise aturada, tudo para que se aproxime de uma definição com rigor bastante.

Nesta resolução autoscópica, e em alternativa à denominação de Artista, vejo-me a preferir a condição de Artor (Jean Clarence Lambert). De um outro modo, num lado contrário ao de formular atitudes Artísticas, colhi um gerar de “Artitudes” (Abraham Moles). Em alternativa a uma sacralização condensada da Arte, almeja-se uma “Arte de situação” (a de Guy Debord, ele o Autor, muito para além da “Sociedade do

Espetáculo”). Buscando assim a minha lâmina de autenticidade assumo uma entrega decidida na gestação de “Progestos” no lugar de “Performances”, e a criação de “Obgestos”, e não de meros “Objetos de Arte”. Mas será esta necessidade a de uma causa genômática? Ou tudo resultou de um cenário de contaminações – de Cultura?

Contaminações como as geradas na senda de António Areal. E não terá sido a genialidade de Areal já um premonitório gesto performativo a querer contaminar? Contaminações como as de António Aragão – este já tão performativo nos seus articulados fundacionais da “Poesia experimental”? E Oscar Niemeyer – não seria todo o seu comportamento já um vulcão performativo também?

Privei com os três na ilha – Areal (na moldura do seu exílio), Aragão (em convulsas migrações) e Niemeyer (na sua visita secreta). E herdei um marco de desenho do estar, numa anatomia do estar. Nos vultos de um mapa de Vida. E de como a Arte, em Vida (e a Vida em Arte), se anunciavam já. E desde aí, ser, ou poder ser, uma outra coisa.

Como processo vestibular, e para procurar sentido ao discurso aqui exposto e em estudo, deveremos talvez revisitar os anos setenta. E assim, nessa orientação, logo nos cruzamos nas preOcupações genômáticas da Performance Art, nessa geografia com José Ernesto de Sousa, e a assertiva procura do seu conceito primeiro, então, ainda vivo de uma territorialidade de enigmas. Fernando Calhau e os seus desígnios, não da performance do equipamento motor, mas os da “performance do próprio autor”. Ou mesmo Jorge Lima Barreto e as suas crónicas convulsivas num r(h)umor severamente catártico (*JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa).

Para continuar a leitura é de observar que, já na década seguinte à antes enunciada, há um testemunho que resultou conseqüente, pleno de continuadas diligências a seu tempo, e a valer portanto uma visitação também. Refiro-me ao estudo de Isabel Carlos *Performance ou a arte num lugar incómodo* (tese de mestrado em Comunicação Social, com orientação de Adriano Duarte Rodrigues, Universidade Nova de Lisboa, 1992), objeto portador de inquietações diversas, interacionantes, e que encontraram em Coimbra um forum comum no Círculo.

Mas o Círculo (leia-se, então, CAP – Círculo de Artes Plásticas, Coimbra, hoje, e desde 1980, CAPC, Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra), como comunidade artística vocacionada para a experiencição plural, resultou contemplado com contributos significativos de autores portadores de grande força inventiva e sentido de Arte. Esses, que tanto resultaram geradores de uma talvez (im)possível identidade de culto das “artes em performance”. Foram eles, entre mais, João Dixó; Albuquerque

Mendes; Fernando Pinto Coelho; Armando Azevedo (quatro artistas enunciados como uma das constelações mais vigorosas do – performativo – Grupo Puzzle); Túlia Saldanha (com obra publicada e revisitada pelo Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, e no Museo Vostell Malpartida, Cáceres, 2014); o Artitude:01 (um programa de revista de intervenção performativa que criei, e partilhada com Isabel Pinto, Rui Orfão, José Louro, João Torres e Isabel Carlos); Assunção Pestana (premiada na área da videoperformance pela Fundação Calouste Gulbenkian); GICAPC, o Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (uma das mais originais referências da “Alternativa Zero”, 1977, Galeria Nacional de Arte Moderna, Lisboa, projeto curatorial de Ernesto de Sousa) grupo mais tarde titulado com a marca nominal de “Cores”, operação artística cujo coletivo e seus intervenientes (António Barros, Armando Azevedo, Assunção Pestana, Manuela Fortuna, Rui Orfão, Teresa Loff e Túlia Saldanha) mereceram homenagem pública a partir da primeira edição do Festival Internacional das Artes da Performance *Line Up Action* (Coimbra, 2010), iniciativa com direção de Fernando Matos Oliveira (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Estudos Artísticos) e de António Azenha (Associação Artística ICZero).

Homenagem que se fez testemunhar com a publicação, pela mesma estrutura organizativa, de um livro conjugando diversos estudos e depoimentos de leitura oportuna para entendimentos, outros, da causa performativa.

Se é meritório sublinhar exemplos dos diferentes agentes que resultaram interventivos na comunidade do Círculo, julgo também oportuno tornar inteligível algumas das expressivas contaminações colhidas.

Aí, nessa paisagem de influência e filosofia, há uma cultura fundadora gerada pelo “Movimento artístico” assumido pelo Grupo FLUXUS, coletivo aqui nutrido com a intervenção ativa de Joseph Beuys, Robert Filliou e Wolf Vostell, artistas, estes, tantas vezes a responder aos desafios de José Ernesto de Sousa. É também aí que reside a história da “escultura social”, do *happening*, e da *décollage_dé-coll/age*. Mas não são menos significativas as experiencições ensaiadas com Julian Beck e Judite Malina, que, com The Living Theatre, privaram connosco – com a comunidade do Círculo – em diferentes operações de Arte (*Ser Moderno em Portugal*, Ernesto de Sousa). Como é justo referir a oportunidade de eu ter recebido – numa dinâmica exploratória que no CAPC convocou também princípios da performance art – a genial compositora e performer Meredith Monk. Esse valor incontornável da performatividade da voz como

instrumento musical, e seus referentes conexos (BUC – Bienal Universitária de Coimbra).

Se com Ernesto de Sousa comecei por integrar a “Alternativa Zero” para depois fazer enunciar as minhas Artitudes (vindo a pertencer ainda à comunidade artística “Diferença”, Lisboa, em resposta ao seu desafio), com Egídio Álvaro semelhantes circunstancialidades se fizeram enunciar. Era um tempo de alternativas plurais, e entendiam ambos que esse era o meu lugar. Era todo um tempo da Performance Art e de todas as convulsões que lhe surgiam conexas. E eu estava mais por aí, nessa galvânica cintura de irreverências. Inscrevi as diferentes edições de “Alternativa” com a assinatura curatorial de Egídio Álvaro que me colocou nos sublinhados da AICA a par de António Areal como seu autor eleito (Mostra da AICA – Associação Internacional dos Críticos de Arte, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa).

Em Mont Rouge visitei Egídio Álvaro (2014, Paris) para o integrar na constelação de “Andante”, nessa galeria de afetos, na escultura social que interpreta razões dinâmicas múltiplas do quanto conjuga a peça *ExPatriar* (obra premiada, 2013, coleção Fundação Bienal de Cerveira). De, e para Egídio Álvaro, estudou a sua obra e espólio documental Ana Luísa Barão. Um retrato em construção, mesmo quando a mente se dilui como um vaso de água.

Foi ainda contributiva, na difusão e consciencialização dos modos de Arte no Tempo aqui sinalizado, a iniciativa “Dois Ciclos de Exposições: Novas Tendências na Arte Portuguesa e Poesia Visual Portuguesa”, curadoria de Alberto Carneiro e António Barros, Galeria CAPC, 1979-80, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra. Obras geradas em territorialidades que poderemos considerar, também, de sensibilidade performativa (inscrevendo a presença de artistas com trabalho na comungante fronteira desses domínios) como Helena Almeida, Ana Hatherly, Julião Sarmento, António Palolo, José de Carvalho, António Barros, António Aragão, Alberto Carneiro, Silvestre Pestana, Alberto Pimenta, Ângelo de Sousa, Álvaro Lapa, e ainda – talvez o mais assumido como artista da performance – José Conduto.

É neste alinhamento – e dando continuidade a uma atividade de socialização da, e pela arte no lugar –, que a operação vem a gerar na cidade novos formatos laboratoriais onde surge com meu empenho, e compromisso fundador, a revista experimental *Artitude:01*. E como galvanização das suas práticas, e procuras, o simpósio “Projectos & Progestos” (*Esta danada caixa preta só a murro é que funciona*, objeto-livro, edição Imprensa da

Universidade de Coimbra, 2006, resulta aqui como oportuno contributo a fazer testemunhar o legado).

Em “Projectos & Progestos” artistas de domínios diferenciados, referências internacionais das Artes em Performance, entre 1980 e 1985, deslocaram-se a Coimbra para uma partilha da reflexão sobre a desafiadora tendência para um devir das novas linguagens da Arte. São alguns dos nomes que surgiram a formular contributo: James Coleman, Nigel Rolfe, Julian Maynard Smith, Stathion House Opera, Ken Gill, The Basement Group, Peter Trachsel, Ernst Thoma, Alistair MacLennan, Mineo Aayamaguchi, Dominique Labaume, Frank Na, Erna Nijman, Plassum Harel. Como também participações outras, a distância, com apresentação de obras, conceitos e ideias de autores na dinâmica dos *artist-run spaces*, como as de Gzregorz Sztabinsky, Rolf Lobeck, Sabine Hartman, Lydia Schouten, Wolf Vostell (participação conjugada com o meu trabalho no Museo Vostell Malpartida) e Pina Bausch (a partir do meu tempo de residência em Wuppertal, operação “Vostell Fluxus Zug_Eine Mobile Kunstakademie”). E portugueses, sempre com presença viva, como Ricardo Pais, E. M. de Melo e Castro, José de Carvalho, João Vieira, Alberto Pimenta (em *Conductus*, com Isabel Carlos, José António Bandeirinha e Jorge Vasques) e ainda, entre muitos outros, Jorge Lima Barreto (vendo testemunhado em Coimbra o seu empenho com o livro, o primeiro da coleção Contaminações, *John Cage, Música Fluxus e outros gestos da música aleatória em Jorge Lima Barreto*, obra que assinei, e que com apresentação de Emanuel Dimas de Melo Pimenta, músico e compositor brasileiro que trabalhou com Cage, foi lançado numa edição Alma Azul, na Casa da Escrita, em 2013, Coimbra).

Consequência e colateralidade da intervenção constante sobre a cidade, e a sua sensibilização para uma socialização com referentes das Artes em Performance, foi o projeto “Califa Tempo de Cultura” (direção artística que assumi), e onde foi formulada a apresentação da obra emergente dos então múltiplos novos autores. Valores que resultaram revelação, a seu tempo. Nomes como Manuel Portela (Performance e literatura experimental), Nuno Cardoso (Performance e Teatro) e Albrecht Loops (Performance e música eletroacústica).

Performatividades outras, como as resultantes da/moda (do traje às travestizações do corpo comprometido) com peças de autores como Dina Luís, José António Tenente e Ana Salazar (autora que galvanizou a razão performativante do meu desafio para a criação de um alternativo traje académico para a Universidade de Coimbra, criações com publicação na revista *Via Latina*, publicação que coordenei para a Academia de

Coimbra) vigoraram ainda nesta mesma contextualidade. Toda uma motivação surgida em procura de condições suporte potencialmente geradoras de razão, e também as da catarse performativa.

Mas após a ebulição destas resgatadas diligências que resultados me permite a memória tangível? E o que ainda, aqui, se quer fazer enunciar?

Depois de tão vivenciadamente me ter feito confrontar com as obras de Marina Abramović e Ulay na sua esculturalidade solene, e ter experienciado a mesa acústica de Laurie Anderson (Stedelijk Museum Amsterdam), ou o móvel de reserva e silêncio de Jochen Gerz (Goethe Institut, Alemanha), tive necessidade de encerrar um ciclo. De procurar observar, na obra em público, uma disponibilidade que é essencial para residir num contexto que é procura de excelência. Uma sublime arte de comportamento. E neste norte de consciências reservo-me, olhando para a produção lusa, sobre três autores vivos cujas obras (e numa minha observação como sendo sempre a primeira) se enunciam fundamentais: Helena Almeida, Alberto Carneiro e Jorge Molder. Mas não serão estas exímias narrativas exemplos de uma performatividade maior nas artes da imagem? Contemplação bastante? Ou o Sublime em Verbo?

Para Alberto Carneiro – e na cidade de Coimbra como sede e suporte do elogio público que entendi dedicar a este artista maior das Artes do Conceito, e das Artes performativas também – assinei a direção artística da iniciativa “Alquimias, dos Pensamentos das Artes, Encontros de Arte”, Coimbra, 2000.

Na conjuntura do evento que inscreveu cerca de uma centena de artistas de diferentes gerações da arte contemporânea portuguesa, uma mostra antológica da obra de Alberto Carneiro sublinhou a nobre dimensão da sua arte (*Alberto Carneiro – Arte, Corpo, Natureza, Presença e Percurso Antológico 1969/98*, dez exposições, leituras, documentos). E também porque a Academia de Coimbra foi o seu espaço laboratorial de eleição onde, com grande autoridade pedagógica e artística, conduziu o Círculo (CAPC).

Em Portugal é talvez na dança contemporânea que a performance dos comportamentos melhor se encontra e veio a resultar mais consequente.

Numa prática continuada, e de conjugada comunhão, trabalhei em diferentes projetos numa convocação de plasticidade para a Dança.

O exercício primeiro foi *Memórias Recentes e Refrações do Festival*, coreografia de Paula Massano, com Carlos Zíngaro na música, e António S. Ribeiro no texto, tendo eu criado a componente plástica da operação artística (BUC/SITU, 2-10 de maio, 1986, Coimbra). Paula Massano construiu uma obra genuína, rica de ícones de uma etnografia

africana invulgar, arte de referência para o seu tempo. Antes havia Paula Massano trabalhado em Nova Iorque com Merce Cunningham.

Um ano depois a obra *Lisboa-Nova Iorque-Lisboa*, com Paula Massano e Margarida Bettencourt na direção de arte do programa, surgiu a realização com dança de Francisco Camacho (coreógrafo ainda hoje com grande vigor, resultou num soberbo escultor do seu próprio corpo, performatizando-se), José Laginha e Filipa Pais (também no alinhamento de um estudo com Merce Cunningham). A música foi de Carlos Zíngaro, o texto de António S. Ribeiro, num programa onde também assumi a direção plástica da obra.

Desta convergência de estudos, e experiências de arte, resultou o projeto CIM – Centro de Investigação e Movimento (Paula Massano, António S. Ribeiro, Carlos Zíngaro e onde me fiz inserir, também, como um dos fundadores da arquitetura pluridisciplinar do programa, Lisboa).

Nesta moldura de memórias a procurar diálogo possível entre a Dança Contemporânea e a Performance Art, há um registo singular que ousei editar (quando assumi conduzir a revista *Via Latina*, número de inverno 1985-86, Academia de Coimbra). Todo o motivo era uma página completa: *Telefona-me*. Paula Massano, fotografia de Guilherme Silva, e texto de António S. Ribeiro (para *Solos* de Paula Massano e Nuno Carinhas, IV SITU, 1984, Coimbra). E aqui esta página (mancha a preto/branco sobre 31,3 x 31,3 cm) insinua-se e ensina. Há toda uma ressonância de alma no que os olhos conseguem ver. Um corpo ausente da beleza e da sensualidade. Antes todo um vulto sensorial, e bastante. Uma escultura para além da escultura. Luz que o corpo porta e transporta. E não será isso uma pretensa enunciação da Performance em Arte, apenas?

É plural a galeria de eleição a que me permito fazer sublinhar nesta procura de consciência. E tudo para além do compromisso, sempre tão plástico, de Vera Mantero, João Fiadeiro e Ana Borrallho & João Galante. Mas neste convulsivo ancoramento de excelências a quererem ser Performance cumpre-me sublinhar Paulo Ribeiro quando, e para além da utopia, o apresentei à cidade no palco fora de palco com a obra *Ao Vivo* (Jardim da Sereia, “Alquimias, dos Pensamentos das Artes, Encontros de Arte” Coimbra, 2000).

Visitações múltiplas a territórios diversos, esses que convocam saberes das artes do comportamento, também são possíveis de fazer cruzar na paisagem exploratória que aqui se infere. E nessa leitura, as experiências em torno do que procurou afirmar a obra de Jerzy Grotowski parecem-me fundamentais. Não que seja possível con_fundir os princípios grotowskianos com a performance art. Grotowski, ao ter tão aturada e

genialmente feito diferenciar o “atuante” do “ator”, nunca aceitaria que performance resultasse como uma linear herança desses princípios. Mas poderemos considerar, contudo, que a obra de Grotowski abriu caminhos únicos e gerou toda uma soltura que resultou contributiva para uma chegada mais fluida da performance art. Formulei várias situações em contexto com esta paisagem de preocupações. De vivenciações, e mais concretamente na experienciação das dinâmicas de um ato (ACTO, Instituto de Arte Dramática, com Christine de Villepoix e Filipe Pereira. *Clairidade dada pelo tempo*, de Mário Henrique Leiria e *Hinos à Noite*, de Novalis, com o seu sempre conceito gerador, foram as dinâmicas que conduzi nesta contextualidade com eleição, e foram as que aqui mais atenção me mereceram).

Também neste sentido exploratório, contribuí na gestação e identidade operativa da comunidade artística AReploratoriodasartes (comigo surgiu no projeto Lúcia Ramos, Benedict Houart, Sandra Resende e Rui Soares, Coimbra) onde a conquista de referentes culturais outros, também a Oriente, tiveram uma vitalidade singular com uma revisitação do teatro nipónico de sentido Kabuki. Também novos estudos resultaram aqui ativos, levando a que parte do coletivo do AR se deslocasse para Vilnius para trabalhar com Eimuntas Nekrosius na busca de uma “altura maior para o seu céu”.

Numa revisitação do conceito (não do feito, mas do conceito) onde as “artitudes” e a “escultura social” convocam a palavra, e a palavra gera toda uma galvanização situacionista, procurei na “literatura experimental” um percurso que revisita modelos desenhados no tempo, e para um tempo que procura reinventar a todo o tempo a soltura. E é aqui também que poderei enunciar alguns gestos mais recentes.

Para responder a um desafio de leitura pública, zelando no lugar das vivências urbanas, operei uma visitação galvânica do texto resolvido numa inédita artitude (*Anulação do Tempo ou o Poeta Ausente*, a partir do texto *Ruy Cinatti em Timor e algures após cinco anos sem notícias*, de Sophia de Melo Breyner Andresen, Projeto Galáxia Camões, 10 de junho, 2013). No mesmo sentido operativo, e para responder a um desafio do Círculo (*Aula Vaga*, CAPC, “1.000.051 Aniversário da Arte”, 17 de janeiro, 2014) fiz gerar, assumidamente, uma artitude e não uma performance, procurando aí fundamentar publicamente, para além do gesto, as suas diferenças (manifesto de *Os anéis e os dedos a Aula Vaga*). Um móbil contidamente irreverente tudo resolvendo a partir de um texto que “ensinava o filho a engolir a saliva para iludir a fome”.

Para iludir a fome, e a fazer jus de uma arte de situação, de uma clássica revisitação situacionista, exaltei a *Lástima*. *Lástima* foi uma constelação operativa múltipla, “tarefa

aberta” que conjuga intervenções e comportamentos diversos. Num primeiro tempo: a pro_vocação (emissão de 40 textos – 40 cravos negros – perante a Assembleia da República – 25 de abril, 2014). Num segundo tempo a “escultura social” na edição dos textos em múltiplo (40 leitores formulam uma apropriação de cada um dos textos para o fazer inscrever no seu espólio gramaticalizando e assumindo-se como contaminado palavrador a querer contrariar a dimensão percível das causas) performatizando. Convulsivamente performatizando.

Performance não é certamente quadratura de círculo, mas o círculo gerado pela rotatividade do triângulo – e se nessas triangulações advogo para meu conforto, porque me confortam, as obras de Helena Almeida, Alberto Carneiro e Jorge Molder, no outro rosto lunar há um triângulo também. Mas um outro.

Nele, no seu primeiro vértice, habita essa imagem matriz de *Telefona-me*. Telefona-me! Eram essas sempre as últimas palavras de Paula Massano mesmo a denunciar nos olhos a dúvida em certeza que a incerteza afogou. Toda uma fatal visitaçã do vácuo (quando a mente se dilui como um vaso de água).

No segundo vértice, a imagem pálida de José Conduto na sua última performance antes de ser colhido pela morte. Nunca consegui apagar esse vulto dramático. Esse cenário amargo.

No terceiro vértice, a personagem autêntica de *aL(a)ma*. Não a personagem, mas o ser que lhe deu sentido. O seu ser sentido. Em performance, sobre a terra, a mulher libertava o seu leito afundado na torrencialidade (20 de fevereiro, 2010, Alto da Pena, Ilha da Madeira). Imagem que convoca um momento único do cinema de Guy Debord, quando a criança ao ser engolida pela lama se despede da mãe. Essa imagem é uma ferida que teimosamente me acompanha. Como uma faca enfiada no peito.

Mas Performance não é uma arte, antes um sangue que se tornou sémen, um sémen que se tornou sangue. Um elixir de condição. Condição de vida. De Vida em Arte. Ou será todo o seu contrário na magra navegação do Pintor? Todo um frio. Um frio metálico ao olhar a paragem do Bailarino no abismo da ribalta. Aí os pés em pedra fundem-se na lama de gelo. Apaga-se o movimento. E a certeza. Não será esta vítrea razão a Performance? O vago sentido do Bailarino-Pintor que queria ser de si a sua própria alma? Ou não será esta performativa condição a vontade que se desenha entre o vulto e a sombra – uma máscara para o pudor?

A população de
Caldas da Rainha
— comunicado —



A organização de Caldas da Rainha do Partido Comunista Português, vem por este meio lavrar o seu protesto contra as falsas manifestações de "Arte" que todos os caldenses têm sido obrigados a ver nas praças públicas da cidade.

É inadmissível que as autoridades competentes, nomeadamente a Câmara Municipal e a Secretaria de Estado da Cultura, órgão do Governo responsável por estas actividades, não tenham tomado qualquer atitude para impedir tão escabrosos "espectáculos". Pior ainda, todos nós temos de pagar, e de que maneira, para vermos aquilo que em nada nos interessa.

Com as demonstrações falsamente artísticas ocorridas nestes últimos dias, gerou-se na cidade e nas freguesias rurais, um grande movimento de repúdio com a má utilização dos dinheiros públicos. A Vereira, também cedo se apercebeu disso e passados poucos dias começou a lançar o boato, que era obra dos comunistas, enfim, o costume. Evidentemente que nada temos a ver com estas exhibições, basta lembrar que quem as patrocina não partilha das nossas opiniões políticas.

O que se tem passado na cidade nada tem a ver com Arte.

A Arte deve estar ligada às populações, ser uma fonte de atração e de expressão dos seus sentimentos. O que se tem feito é ANTI-ARTE!

Salvaguardamos neste protesto uma ou outra manifestação artística, que infelizmente ficaram enredadas em toda a lama que vemos na nossa cidade.

Desejamos que "espectáculos" destes não se repitam e que sobre os assuntos que directamente dizem respeito ao Concelho, as populações sejam ouvidas, em particular quando está em jogo o dinheiro de todos nós.

A Cidade das Caldas em nada ficou prestigiada com esta iniciativa.

A COLISSÃO CONCELHIA DE CALDAS DA RAINHA
DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Agosto de 77



COMUNICAÇÃO A POPULAÇÃO DAS CALDAS DA RAINHA

A Câmara Municipal das Caldas da Rainha, face aos acontecimentos à volta dos Quartos Encontros Internacionais de Arte, entende trazer ao conhecimento público os seguintes esclarecimentos:

- 1º - O município foi contactado no sentido de se realizarem nesta cidade os Quartos Encontros Internacionais de Arte.
- 2º - Atendendo a que a Secretaria de Estado da Cultura e a Direcção-Geral de Turismo patrocinam estes Encontros de Arte, considerando-os de interesse turístico e cultural e tendo ainda em conta que as despesas são cobertas pelos subsídios destes Organismos Estatais a tal ^{destinados} a Câmara Municipal acolheu a proposta que se lhe oferecia.
- 3º - A Câmara, empenhada na celebração do Cinquentenário da Cidade e altamente interessada na promoção turística e cultural, nomeadamente no campo da Arte, de molde a manter a nossa cidade merecedora do seu título, tem acolhido de bom grado todo o tipo de manifestação que possa contribuir para a elevar ao nível das melhores cidades do País.
- 4º - A Câmara Municipal constata hoje que os objectivos que se tinham em vista não foram totalmente atingidos, facto que muito sinceramente lamenta. No entanto, em última análise, tiveram o valor de, quanto mais não fosse, pôr durante 12 dias uma cidade inteira a preocupar-se com Arte.
- 5º - O Município, apercebendo-se das reacções públicas desfavoráveis a determinado tipo de manifestação procurou que o mesmo fosse evitado para que a sensibilidade da população não mais fosse ferida e os Encontros pudessem atingir o seu termo.
- 6º - O Município desagradavelmente surpreendido com os acontecimentos do último dia dos Encontros, alerta a população para as manobras de certas forças políticas interessadas em criar um clima de destabilização que sirva os seus inconfessados interesses, não hesitando em recorrer a agitadores "profissionais" vindos de fora da cidade, ou atizar os ânimos com "oportunos" comunicados de ataque à Câmara e ao Governo.

A CAMARA MUNICIPAL DAS CALDAS DA RAINHA REUNIDA EXTRAORDINARIAMENTE EM 13 DE AGOSTO DE 1977.

P.S.D.

COMUNICADO



Os acontecimentos que rodearam os Quartos Encontros de Arte em Caldas da Rainha levam o P.P.D./P.S.D. concelhio a tornar publica a sua posição perante a população caldensa com o único objectivo: o verdadeiro e devido esclarecimento a que todos têm direito e não o aproveitamento demagógico partidário, como fez o P.C.P.

19.- Não cabe ao P.S.D., partido político, fazer a apreciação do ponto de vista artístico dos referidos encontros: o seu conteúdo e valor artístico terá em cada caldense o seu melhor juiz.

29.- No entanto, não pode deixar de lamentar veementemente que o povo caldense tenha sido ferido na sua sensibilidade com determinadas manifestações atentatórias da moral e da dignidade humana

39.- Neste sentido, o P.S.D. de Caldas da Rainha lamenta profundamente que os organismos governamentais patrocinadores destes encontros, (que conheciam as reacções da população em outros locais), não tenham prevenido o município Caldense, como lhes competia.

49.- Por isso, o P.S.D. reconhece que a Câmara foi traída nas suas boas intenções: proporcionar aos Caldenses um contacto com a arte e engrandecer a celebração do cinquentenário da cidade.

59.- Hoje, o P.S.D. convence-se que por detrás desta manifestação de arte, esteve também, um objectivo político: atingir uma Câmara em que o P.S.D. é o maior partido e, em especial, o seu Presidente da Câmara. Efectivamente,

a)- algumas manifestações traduziram, ostensivamente, a ideologia comunista,

b)- alguns dos "artistas" não esconderam a sua filiação no partido comunista,

c)- o P.C.P. de Caldas da Rainha apareceu com um comunicado, mesmo no momento auge dos acontecimentos, procurando manipular as pessoas, naturalmente indignadas por certas manifestações dos "artistas", contra a Câmara, demagógica e oportunisticamente, como prescreve a técnica estalinista, de manipulação das massas e mobilizando os seus militantes.

69.- O P.S.D. não aceita a versão dos acontecimentos da ANOP em que esta procura responsabilizar pessoas de Rio Maior pelos acontecimentos. Só aceita a versão do comunicado da Câmara, no seu ponto 6, na medida em que se refere ao partido comunista.

79.- Considerando:

a)- Terem sido estes encontros patrocinados por organismos governamentais,

b)- Serem participados por organismos governamentais,

c)- Terem os membros do P.S.D. na Câmara procurado evitar as manifestações de ultraje à moral,

d)- Tratar-se, em última análise, de jogada política para por em causa o P.S.D. de Caldas da Rainha eo Presidente da Câmara,

e)- Tendo em conta que os representantes do P.S.D. tudo fizeram, ao seu alcance, para evitar o pior;

O P.P.D./P.S.D. manifesta o seu apoio ao Presidente da Câmara e seus Vereadores e lamenta que os organismos governamentais não tenham procurado preservar a moral do povo Caldense, como lhes competia não podendo deixar de serem considerados os responsáveis por tudo.

A Comissão Política Concelhia de Caldas da Rainha

Caldas da Rainha, 15 de Agosto de 1977.

ANEXO D

Este documento elenca todos os espetáculos documentados na Fundação de Serralves e na Culturgest, de acordo com os respetivos arquivos, desde que há registos e até à data em que foram recolhidos (2014). No caso de Serralves, resultam da consulta do arquivo atualmente disponível na Biblioteca, composto por folhas de sala, cartazes e outros materiais de divulgação. Quanto à Culturgest, trata-se de uma lista fornecida pela própria instituição. O documento destinava-se a perceber como foram enquadradas institucionalmente as apresentações associadas à Dança e à Performance. Esta informação acabou por ter uma relevância apenas marginal para o presente trabalho, mas é disponibilizada tendo em conta que pode constituir material útil para outros investigadores e interessados.

legenda:

Serralves

Culturgest

1989	outubro e novembro	Vídeo [Performance]	Mostra de Vídeo Norte-Americano		vídeos de artistas da Castelli- Sonnabend (Bruce Nauman, William Wegman, Nancy Holt/Robert Smithson, Vito Acconci, Joan Jonas, Richard Landry, John Baldessari, Frank Gillette, Richard Serra, Robert Morris, Keith Sonnier e Lynda Benglis)	
1992	4 a 6 de julho		<i>in vitro</i>	Joana Providência		
1993	1 a 11 de julho	Cinema/Vídeo	<i>a dança da idade do cinema</i>	ciclo comissariado por António Pinto Ribeiro		
	16, 17, 18, 19 e 20 de julho	Dança	<i>A Festa</i>	Madalena Vitorino		
	15, 16 de outubro	Dança	<i>Sob</i>	Vera Mantero		
	10 a 13 de novembro	Dança	<i>Homenagem a Isadora Duncan</i>	Margarida Bettencourt, Miguel Pereira, Allison Green		
	28 de novembro	Dança	<i>No longer ready made</i>	Meg Stuart		
	7 e 8 de dezembro	Dança	<i>Hommage aux Ballets Russes</i>			
1994	18 de fevereiro	Dança	<i>Coro.la</i>	Angels Margarit		
	22 de maio	Concerto Multimédia		Telectu, Jac Berrocal e Palolo		
	24 de setembro a 30 de outubro	Dança	<i>Almas e Corpos</i>		programa de António Pinto Ribeiro	
	24 a 29 de setembro	Coreografia	<i>Primeiro nome: Le</i>	Francisco Camacho		
	24 e 25 de setembro; 1 e 2 de outubro	Ciclo de Leituras		Manuela de Melo, Elisabete Caramelo, Pedro Burmester e Alberto Carneiro		
	1 a 7 de outubro	Atelier de Experimentação Coreográfica	<i>Intimidade</i>	Inês Rego, Mónica Lapa, Sónia Rocha e Teresa Prima	coordenação de Cristina Santos	
	13 a 30 de outubro	Exposição de Instalações-Vídeo	<i>filmes e vídeos de diversos autores</i>			
	21, 22 e 23 de outubro	Dança	<i>Quotations from a Ruined City</i>	Reza Abdoh	Pav. Gimnodesportivo	
	10, 11, 12 e 13 de novembro	Dança	<i>Em homenagem a Martha Graham</i>	Rui Nunes, Anamir van der Pluijm, José Navas		
	3 e 4 de dezembro	Dança	<i>Mind Visitors</i>			
1995	14 e 15 de janeiro	Dança	<i>Primeiro Nome: Le</i>	Francisco Camacho		
	19 a 22 de janeiro	Dança	<i>Pinacolada</i>	Paula Massano		
	19 a 22 de janeiro	Dança	<i>Pour bien</i>	Sílvia Real		
	4 de fevereiro	Dança	<i>Ciro esposito fu vicenzo</i>	Paco Décina		
	11, 12 e 13 de maio	Dança	<i>Still/Here</i>	Bill T. Jones/Arnie Zane Dance		
	19 e 20 de maio	Dança	<i>Solos - Mui cheuk Yin</i>	Mui Cheuk Yin		
	2 e 3 de junho	Dança	<i>If you couldn't see me/M.O.</i>	Trisha Brown		
	28 de outubro	Dança	<i>No one is watching</i>	Meg Stuart		
	3 e 4 de novembro	Dança	<i>Sécheresse et pluie</i>	Ea Sola		
	11 e 12 de novembro	Dança	<i>"Premier Conseiller" e "Zango" - Marionetas do Togo</i>	Cie Danaye		
1996	11, 12, 13 e 14 de janeiro	Dança	<i>Homenagem a Josephine Baker</i>	Vera Mantero / Mark Tompkins/Bondell Cummings		
	12 e 13 de abril	Dança	<i>La tristeza complice</i>	Les ballets C de la B		
	20 e 21 de abril	Dança	<i>Le Petit Musée de Velasquez</i>	Bernar Hébert		
	28 de abril	Dança	<i>Dia Mundial da Dança</i>			
	10 e 11 de maio	Dança	<i>Cando Co</i>	Darshan Singh Bhuller / Adam Benjamin		
	1 e 2 de junho	Dança	<i>Tiny Sisters</i>	Bebe Miller Company		
	28 e 29 de junho	Dança	<i>Brins d'histoires</i>	Odile Duboc		
	14 a 30 de setembro	Dança/Cinema/Performance/Oficina	<i>Festival Clip</i>		programa de António Pinto Ribeiro	
	14 a 17		<i>Solos M e P</i>	Annamir van der Pluijm		
	14 a 20		<i>Oficina para crianças orientada por Margarida Mestre</i>			
	21 e 22		<i>O Sorriso da Gioconda</i>	Lúcia Sigalho		
	23	Cinema	<i>Le Petit Musée de Velasquez</i>	Bernar Hébert com LaLaLa Human Steps		
	24	Cinema	<i>Stalen Neuzen</i>	Krisztina de Châtel, realização de Erik van Zuylen		
	25	Cinema	<i>Diário de um Desaparecido (Janacek)</i>	Madalena Victorino, realização de Fernando Ávila		
	26 a 30	Policial-Dança	<i>Road Movie</i>	Sílvia Real		
1997	17 de janeiro	Dança	<i>Danças Hip Hop</i>	Kafig e Julie Dossavi		
	19 de janeiro	Dança	<i>Danças Hip Hop</i>	Collectif Mouv'		
	31 de janeiro a 9 fevereiro	Dança	<i>Puro Sangue - As Mulheres</i>	Lúcia Sigalho		
	21 e 22 de fevereiro	Dança	<i>Bill T. Jones / Arnie Zane Dance Company</i>	Bill T. Jones		
	28 de fevereiro a 1 de março	Dança	<i>Decodex</i>	Philippe Découfflé		
	5 de abril	Dança	<i>L'Ombre du Ciel</i>	Catherine Diverrès		
	19 de abril	Dança	<i>Continuous Project</i>	Quatuor Albrecht Knust		
	29 de abril	Dança	<i>Meinwärts</i>	Raimund Hoghe		

9, 10 e 11 de maio	Dança	Homenagem ao 1.º Expresionismo	Madalena Vitorino/Filipa Francisco/Guilherme Botelho/Yvette Bozsik		
20 e 21 de junho	Dança	Att...Eneen...Tionon	Boris Charmatz	Rua Coberta Poente	
28 de junho	Dança	Leila Hadad	Leila Hadad		
2 de julho a 7 de setembro		Perspectiva: Alternativa Zero		programa paralelo	
12 de julho		Mostra de vídeos da Companhia DV8 e conferência com Lloyd Newson, Paulo Ribeiro e Ricardo Pais			
13 de julho	Performance	Performance sonora de Alexandre Soares			
16 de julho		Ritual estético de Albuquerque Mendes		(na Praça da Liberdade)	
13 a 26 de setembro		30 Anos de Dança		programa de António Pinto Ribeiro	
13 a 19 de	Cinema	Os Filmes de Yvonne Rainer			
14 de		Conversa		Yvonne Rainer, António Pinto Ribeiro, João Fernandes	
15 a 19 de	Dança/Oficina	Um dia de corpo e alma		orientação de Joana Providência	
21 de	Dança	Satisfyin' Lover e Continuous project-altered daily (1970) (CP-AD): 22ª reconstrução, de	Steve Paxton; Yvonne Rainer		
24 a 26 de	Dança/Instalação o Vídeo	Prisão Aprazível	Rui Nunes		
16, 17 e 18 de outubro	Dança	Prisão Aprazível	Rui Nunes		
7, 8 e 9 de novembro	Dança	L'Atelier en pièces	Mathilde Monnier		
8, 9, 15 e 16 de novembro	Música [Performance]	Ciclo de Músicas Eletrónicas		programa de António Pinho Vargas	
15 de novembro	Música [Performance]	Concerto de Música Improvisada com instalação multimédia, projeção de vídeos e diaporamas	Jorge Lima Barreto, Vítor Rua, António Palolo, Daniel Kientzy e Reina Portuondo		
21, 22 e 23 de novembro	Dança	Homenagem a José Limon	Paulo Ribeiro, Maria Voortman, Javier de Frutos, David Hernandez		
28 e 29 de novembro	Dança	Le cri du caméléon	Josef Nadj		
1998 24 de janeiro	Dança	Voodoo Story	Teresa Prima e João Galante		
25 de janeiro	Dança	Charlote at five a.m.	Tiina Huczowski		
29, 30 e 31 de janeiro	Dança	Três Solos para Vincent	Vincent Dunoyer		
10 a 13 de setembro	Dança [Cinema]	Via Dança		programa de António Pinto Ribeiro	
		As águias não geram pombas	Cláudia Dias	interpretação de Cláudia Dias e Joaquim Pedro	
		Zéfiro (filme)	José Álvaro Morais	(na Casa das Artes)	
		Múa	Emmanuelle Huynh-Thanh-Loan		
		D'une façon (ou) de l'autre	Lin Yuan Shang	interpretação de Lin Yuan Shang e Agnès Cazes	
		Bandas sonoras para dança	Sérgio Pelágio		
31 de outubro	Dança	Dança indiana	Padma Subrahmanyam		
13 e 14 de novembro	Dança	Bosquejo, Sonata and ..., Luna Llana	José Navas		
19, 20 e 21 de novembro	Dança	We set out early...visibility was poor	Bill T. Jones		
1999 8, 9 e 10 de janeiro	Dança	Shazam	Philippe Decouflé/Companhia DCA		
5, 6 e 7 de fevereiro	Dança	Necessary Weather	Dana Reitz/Jennifer Tipton com Sara Rudner	Palco	
4, 5, 6, 12, 17, 20, 26 e 27 de março	Dança	Mês de Março, Mês de Vera - 10 anos de obras de Vera Mantero	Vera Mantero	Palco e Grande Auditório	
19 de abril a 15 de maio	Dança/Teatro/Música/Cinema	Festival América Latina América		vários espaços	
6 de junho a 29 de agosto	Cinema /Vídeo	Circa 1968 - Programa de Cinema e Vídeo		obras filmadas de Vito Acconci, John Baldessari, Gordon Matta-Clark, Lawrence Weiner, Dennis Oppenheim, Valie Export, Ulrike Rosenbach, Martha Rosler, Ana Mendieta, Bruce Nauman, Gery Schum, Merce Cunningham, Yvonne Rainer, Joan Jonas, Simone Forti, Ana Hatherly, Lygia Pape, Artur Barrio, Anna Bella Geiger, Michael Snow, Joseph Beuys, Julião Sarmiento, Dan Graham, João Vieira, Nam June Paik, Chris Burden, etc.	
17 de junho a 1 de julho		Circa 1968 - Programa de Dança e Música Complementar à Exposição		organização de Cristina Grande e Pedro Rocha	
17		Concerto	Charlemagne Palestine		
18		Illuminations, peça para som e movimento	Simone Forti e Charlemagne Palestine		
19 e 20		Slant Board e Huddle ("dance constructions")	Simone Forti		
19 e 20		Art in Mind Muscle (instalação de improvisações)	Emmanuelle Huynh-Thanh-Loan com Anne-Karine Lescop, Christian Rizzo e Cathy Olive		
20		Conversa com Simone Forti			
24 e 25		aquí agora neste momento, espetáculos de composição em tempo real	projecto de improvisação da autoria de Marco Franco, Vera Mantero, Manuel Mota, Miguel Pereira, Frans Poelstra e Nuno Rebelo. Criadores convidados: Albrecht Loops, Cristina Mateus, Ilda Nóbrega, Sérgio Praia, Joana Providência e Américo Rodrigues		
		Concerto pela Oficina Musical			
18 e 19 de novembro	Dança	Les Solos	Companhia Marie Choinard		

	27 de novembro	Dança	<i>Con forts fleuve</i>	Boris Charmatz		
	3 e 4 de dezembro	Dança	<i>The Dance of Nothing</i>	Companhia Liat Dror & Nir Ben Gal		
2000	18 a 20 de fevereiro	Dança	<i>Homenagem a M. Cunningham e J. Cage</i>	Emmanuelle Huynh , Dana Reitz, Eugénio Rodrigues, Paulo Ferreira Lopes	Palco e Pequeno Auditório	
	4 e 5 de abril	Dança	<i>Pilgrimage</i>	Sin Cha Hong's Laughing Dance Company		
	13 a 15 de abril	Evento performativo	<i>Emergências, Iniciativa da Academia Contemporânea do Espectáculo</i>		programa paralelo à exposição <i>Andy-Warhol - A Factory</i>	
	14 e 15 de abril	Dança	<i>Voilà, Voilà</i>	Ea Sola		
	15 de outubro a 24 de dezembro		<i>Artur Barrio, Antonio Manuel, Lygia Pape</i>		programa paralelo à exposição <i>3 Histórias do Brasil</i>	organização Cristina Grande e Pedro Rocha
	15 e 16 de outubro					coordenação Né Barros
	20 e 21 de outubro	Dança	<i>Le Jardin lo lo Ito Ito</i>	José Montalvo/Dominique Hervieu		
	21 de outubro		<i>Apresentação de filmes de Lygia Pape com presença da artista</i>			
	22 de outubro		<i>Apresentação dos filmes de Antonio Manuel e dos registos dos trabalhos de Artur Barrio com presença dos artistas</i>			
	3 e 4 de novembro	Dança	<i>Les lieux de là</i>	Mathilde Monnier/Música Heiner Goebbels		
	11 de novembro	Dança	<i>Ballet Neoconcreto I e II</i>	Lygia Pape	Interpretação do Balletteatro Companhia	
	24 de novembro	Dança	<i>Meublé Sommaireient</i>	Companhia Les Carnets Bagouet		
2001	19 e 20 de janeiro	Dança	<i>Le coq est mort</i>	Companhia Jant-Bi/Susanne Linke		
	24 de março	Dança	<i>Polaroid / 35 mètres carrés</i>	Michèle Anne De Mey		
	27 e 28 de abril	Dança	<i>I said I</i>	Companhia Rosas / Anne Teresa De Keersmaeker		
	31 de maio e 1 de junho	Dança	<i>Dança do ventre</i>	Haïfa Bouzouita		
	1 de junho	Dança	<i>Le sommeil rouge</i>	Nácerá Belaza		
2002	18 e 19 de janeiro	Dança	<i>Homenagem a Oskar Schlemmer</i>	Lia Rodrigues, Catherine Diverrès, Lúcia Sigalho	bancada do Grande Auditório	FCT - Teatro do Campo Alegre/ Lia Rodrigues, Catherine Diverrès, Lúcia Sigalho
		Dança	<i>Triangulação Oskar: A morte do cisne</i>	Lúcia Sigalho, Vasco Pimentel, Daniel Worm d'Assumpção		
		Dança	<i>Buscou-se, portanto, falar a partir dele e não sobre ele (terceto)</i>	Lia Rodrigues, Marcela Levi, Micheline Torres, Jamil Cardoso		
		Dança	<i>San (quarteto)</i>	Catherine Diverrès, Laurent Peduzzi, Osman Kassen Khelili, Nam-Jin Kim, Fabrice Lambert		
	9 de fevereiro	Concerto		Lee Rinaldo, Rafael Toral, Imagem de Leah Singer e João Paulo Feliciano	programa paralelo à exposição <i>Field Trips/Viagens de Campo</i> , de Robert Smithson e Bernd e Hilla Becher	música improvisada por Lee Rinaldo e Rafael Toral em diálogo com imagens da artista multi-média Leah Singer e "vídeo-caleidoscópio" de João Paulo Feliciano, manipulados em tempo real
	7 a 10 de março	Dança	<i>Pixel</i>	Rui Horta	peça integrada no programa da plataforma de dança contemporânea - MUDANÇAS 2002	
	22 e 23 de março	Dança	<i>24 Préludes de Chopin / Le Cri du Monde</i>	Companhia Marie Chouinard		
	19 e 20 de abril		<i>Et Pourquoi Pas: "Bodymakers", "Falbalas", "Bazaar", etc,etc...? 2001</i>	Christian Rizzo	programa paralelo à exposição <i>Objects para Impressão</i> , de Irving Penn	
	4 de maio	Concerto	<i>Move D/Thomas Meinecke</i>	Imagem de Cláudia Ulisses		
	15 e 16 de junho		<i>Still Distinguished</i>	La Ribot (concepção e interpretação)	acompanhado das vídeo-instalações <i>Desplieque e Pa Amb Tomáquet</i>	
	21 e 22 de junho	Dança	<i>My name is Wilde... Oscar Wilde</i>	Francisco Camacho, Alexandre Melo	Festival Danças na Cidade	
	26 de junho	Dança	<i>Kaash</i>	Ashram Khan	Festival Danças na Cidade	
	29 de junho	Dança	<i>Verosimile</i>	Thomas Hauert	Festival Danças na Cidade	
	12 e 14 de julho	Dança	<i>Here and There</i>	Gary Stevens	<i>Mugatxoan</i> (parceria entre a Fundação de Serralves e o Arteleku)	
	21 de julho	Performance	<i>Jérôme Bel (1995)</i>	Jérôme Bel	<i>Mugatxoan</i>	
	23 de julho a 4 de agosto	Vídeo-Instalação	<i>jbel 10.12/11.12/12.12 98</i>	Luciana Fina a partir do espectáculo Jérôme Bel, de Jérôme Bel		
	14 e 15 de setembro	Performance	<i>A Vida Enorme</i>	Emmanuelle Huynh e Nuno Bizarro	programa paralelo à exposição <i>Out of Print</i>	
	21 de setembro		<i>Imagens em Movimento no Contexto da exposição Out of Print/Edição Esgotada</i>		programa de Guy Schraenen	
		Vídeo	<i>de Christian Boltanski, Vito Acconci, Nam June Paik, Ulisses Carrion, Gery Schum, Antonio Muntadas, Daniel Spoerri, John Baldessari, Vlado Radovanovic, Michael Snow, Paul Scharits, Ana Hatherly, Ernesto Melo e Castro e Performances Fluxus</i>			
		Performance	<i>Drawing Breath</i>	Jordan McKenzie		
	4 e 5 de outubro	Dança	<i>In Between-Yellow Suite</i>	Hervé Robbe		
	5 e 6 de outubro	Performance	<i>A Dançadora-Adensante, O Dizedor-Indecente</i>	Vera Mantero e António Poppe	programa paralelo à exposição <i>Out of Print/Edição Esgotada</i>	

2003	?	Video/Filme	<i>Figuração e Desfiguração: Inventário de Gestos, Narrativas e Retratos, vídeos e filmes da Coleção do Museu de Arte Contemporânea de Serralves</i>		obras de Bruce Nauman, Vito Acconci, Dan Graham, John Baldessari, Dennis Oppenheim, Gerry Schum, Joan Jonas, Peter Campus, Paul McCarthy, Ana Mendieta, Hanna Wilke, Hermine Freed e Anna Bella Geiger	
	25 e 26 de janeiro	Dança	<i>Disfigure Study</i>	Meg Stuart/Damaged Goods	Ciclo <i>Deformações e Distorções num Pulmão Vermelho Vivo</i> , programa paralelo à exposição <i>Caged-Uncaged</i> , de Francis Bacon	
	7 e 8 de fevereiro	Dança	<i>Mi-nous - Ligação Perigosa</i>	Irma Omerzo		
	21 e 22 de fevereiro	Dança	<i>Babelle heureuse</i>	José Montalvo e Dominique Hervieu/Montalvo-Hervieu		
	28 de fevereiro	Conversa		Alain Buffard	(na Academia Contemporânea do Espectáculo)	
	1 de março	Dança	<i>Good Boy</i>	Alain Buffard	Ciclo <i>Deformações e Distorções num Pulmão Vermelho Vivo</i> , programa paralelo à exposição <i>Caged-Uncaged</i> , de Francis Bacon	
	10, 11, 13 e 14 de abril	Dança	<i>Laughter to My Heart</i>	Francisco Camacho	Ciclo <i>Deformações e Distorções num Pulmão Vermelho Vivo</i> , programa paralelo à exposição <i>Caged-Uncaged</i> , de Francis Bacon	
	28 e 29 de março	Dança	<i>Signé, Signés</i>	Mathilde Monnier		
	29 de março	Dança	<i>Self-Unfinished</i>	Xavier Le Roy	Ciclo <i>Deformações e Distorções num Pulmão Vermelho Vivo</i> , programa paralelo à exposição <i>Caged-Uncaged</i> , de Francis Bacon	
	30 e 31 de maio	Dança	<i>Cantieri - Festival Comunidades</i>	Catherine Diverrès		
	26 de julho a 14 de setembro	Instalação	<i>As Atletas. Porto. 2003</i>	Nadia Lauro em colaboração com Laurence Crémel e Frans Poelstra	Ciclo <i>Arquitectura Efémera-Cenografias</i>	
	1 a 12 de setembro	Workshop			Ciclo <i>Arquitectura Efémera-Cenografias</i>	
	13 e 14 de setembro	Performance	<i>As Atletas. Porto. 2003</i>	Nadia Lauro em colaboração com Laurence Crémel e Frans Poelstra	Ciclo <i>Arquitectura Efémera-Cenografias</i>	
	28 e 29 de novembro	Dança	<i>Park</i>	Claudia Triozzi	Ciclo <i>As Meninas</i>	
2004	6 a 8, 13 a 15 e 20 a 22 de fevereiro	Dança	<i>História da Dança - Reposição várias Homenagens</i>			
	14 de fevereiro	Dança	<i>\$Shot</i>	Lacey/Lauro/Parkins/Cornell	Ciclo <i>As Meninas</i>	"uma performance sobre o íntimo"
	12 e 13 de março	Dança	<i>Ostinato</i>	Companhia Festina Lente		
	12 a 14 de março	Performance	<i>Salt Drawing: Two Bodies</i>	Fiona Wright	Ciclo <i>As Meninas</i>	
	3 de abril	Dança e Música	<i>Casio Tone</i>	Sílvia Real e Sérgio Pelágio	Ciclo <i>As Meninas</i>	
	16 e 17 de abril	Dança	<i>Dança Contemporânea Africana</i>			
	8 de maio	Concerto	<i>Quarteto de Sei Miguel/David Toop+Rafael Toral+Sei Miguel/João Paulo Feliciano</i>	Quarteto de Sei Miguel/David Toop+Rafael Toral+Sei Miguel/João Paulo Feliciano	programa paralelo à exposição de João Paulo Feliciano	«Neste espectáculo, João Paulo Feliciano manipula um cubo emissor de luz colorida modulada pelo som a ser produzido por músicos do seu universo de colaborações.»
	15 a 30 de maio	Dança/Teatro/Música/Cinema				
	22 e 23 de maio	Dança	<i>Welleni, A Chamada</i>	MAIS A SUL Companhia Salia Ni Seydou		
	26 e 27 de maio	Dança	<i>Ja, Nee</i>	MAIS A SUL The floating outfit project, Boyzie Cekwana	palco	
	29 de maio	Concerto		Pedro Tudela e AGF	programa paralelo à exposição de João Paulo Feliciano	«...projecto AGF (...) reúne arte e tecnologia...»
	5 de junho	Performance	<i>Ken I be Matisse?</i>	Paulo Mendes, António Olaio & João Taborda; vídeos de António Olaio e músicas de João Taborda & António Olaio		
	6 de junho	Performance e Música	<i>Wake Up Hate</i>	Paulo Castro		
			<i>Olympia</i>	Vera Mantero		
			<i>Crónica Electrónica</i>	Pedro Tudela, Miguel Carvalhais, Vítor Joaquim, Paulo Raposo, João Cruze Keiko Uenishi		
			<i>Metaparallax</i>	Adriana Sá e Margarida Mestre		
			<i>Outersites v3</i>	Rui Gato e Tiago Martins		
	5 e 6 de junho		<i>As Coreógrafas Cantam</i>			
	5		<i>Vera Mantero e Pedro Pinto interpretam Caetano Veloso; Trilogia do Corte, de Margarida Mestre e João Lima</i>			
	6		<i>B.B.</i>	Carlota Lagido		
	26 de junho a 11 de julho		<i>Mugatxoan 2004</i>		(Arteleku e Fundação Serralves)	
	26		<i>Sábado por la Tarde en Gros</i>	André Guedes (coordenação)	(Arteleku)	
		Performance	<i>Astra Tour</i>	Ion Munduate	(Arteleku)	
	29 e 30		<i>Plasticción</i>	Larraitz Torres	(Arteleku)	
			<i>El caso des Espectador</i>	María Jerez		
	1		<i>Desde</i>	Eduarne Rubio	(Arteleku)	
			<i>Todos los Buenos Espías Tienen Mi Edad</i>	Juan Dominguez		
	2		<i>Desde</i>	Eduarne Rubio	(Arteleku)	
			<i>Death is Certain</i>	Eva Meyer Keller		
	3		<i>Desde</i>	Eduarne Rubio	(Arteleku)	
			<i>0 Tâche(s) Sur 1 Ont Ête Éffectuée(s) Correctement</i>	Grand Magasin		
	4	Evento performativo	<i>Sin Título</i>	Tino Sehgal	Fundação Serralves	

5 a 7	Evento performativo	Desde	Eduarne Rubio	Fundação Serralves	
7	Video-Instalação	Astra Tour	Ion Munduate	Fundação Serralves	
8	Performance	Astra Tour	Ion Munduate	Fundação Serralves	
11	Evento performativo	0 Tâche(s) Sur 1 Ont Éte Éfectuée(s) Correctement	Grand Magasin	Fundação Serralves	
24 de julho a 3 de outubro		[programa de filmes, paralelo à exposição Behind the Facts, Interfunktionen, 1968-75]		filmes de Yvonne Rainer, Paul Sharits, George Landow, Vito Acconci, Rebecca Horn	
9 de setembro		Conversa com Laurent Pichaud e Companhia X Sud		organização Núcleo de Experimentação Coreográfica	
11 e 12 de setembro	Dança	Feignant/s Lande Part, Fer Terre	Laurent Pichaud, Companhia X Sud		
25 de setembro	Dança	Aquilo de que Somos Feitos	Lia Rodrigues Companhia de Danças	ciclo paralelo à exposição Behind the facts. Interfunktionen, 1968-75	
5 e 6 de novembro	Dança	Horizontes Perdidos	Hervé Robbe		
6 e 7 de novembro	Dança	"Mão na Boca" a partir de Paula Rego	Joana Providência	ciclo paralelo à exposição Paula Rego	(11 a 21 de novembro, auditório da Academia Contemporânea do Espectáculo)
2005	6 a 8 de janeiro	Dança	Forgeries, Love & other Matters	Meg Stuart e Benoît Lachambre	palco
	5 e 6 de fevereiro	Baile	Bal Moderne	Companhia Rosas	
	12 de fevereiro	Dança	Publique	Mathilde Monnier	
	8 e 9 de abril	Dança	Song and Dance	Mark Tompkins	
	14 a 16 de abril	Dança	Trio	Tiago Guedes / RE.AL / Inês Jacques, Martim Pedroso	
	janeiro a abril	Música/Dança/Performance			ciclo paralelo à exposição Francesco Vezzoli
	29 de janeiro		Kiki & Herb		ciclo paralelo à exposição Francesco Vezzoli
	18 e 19 de fevereiro		Top 10 (Porto)	Miguel Pereira	ciclo paralelo à exposição Francesco Vezzoli
	4 e 5 de março		FUGA em mim menor	Margarida Mestre	ciclo paralelo à exposição Francesco Vezzoli
	2 de abril		Tetine		ciclo paralelo à exposição Francesco Vezzoli
	12 de abril		conversa sobre o coreógrafo Mark Tompkins		ciclo paralelo à exposição Francesco Vezzoli
	13 de abril		Song and Dance	Mark Tompkins	ciclo paralelo à exposição Francesco Vezzoli
	maio a julho	Dança/Música/Video/Performance			ciclo paralelo à exposição Far Cry, de Paulo Nozolino
	12 a 14 de maio		sand table	Magali Desbazeille & Meg Stuart/Damaged Goods	ciclo paralelo à exposição Far Cry, de Paulo Nozolino
	20 de maio			Paulo Raposo & John Grzinich	ciclo paralelo à exposição Far Cry, de Paulo Nozolino
	7 de junho			Black Dice	ciclo paralelo à exposição Far Cry, de Paulo Nozolino
	25 de junho			Maher Shalal Hash Baz	ciclo paralelo à exposição Far Cry, de Paulo Nozolino
	2 de julho		Heroes	Emmanuelle Huynh	ciclo paralelo à exposição Far Cry, de Paulo Nozolino
	4 e 5 de julho	Dança	Pièces	Mathilde Monnier	Serralves em Festa
	4 e 5 de julho	Dança	Too Legit to Quit	Bruno Beltrão	Serralves em Festa
	23 a 25 de junho	Dança	Corpo de baile	Miguel Pereira	
	13 e 14 de outubro	Dança	Live Evil Evil Live	Francisco Camacho	
	outubro a janeiro 2006	Música/Performance/Cinema	Em Contra-Mão		
	21 e 23 de outubro	Performance	Visita Guiada	Cláudia Dias	ciclo de música, performance e cinema em contra-mão
	15 de novembro	Espectáculo	philatélie	mala voadora	programa de eventos apresentado por ocasião do lançamento da emissão filatélica da "Fundação de Serralves"
	19, 20 e 22 de novembro	Performance	Death is Certain	Eva Meyer-Keller	ciclo de música, performance e cinema em contra-mão
	25 a 27 de novembro	Dança	On danse	Companhia Montalvo-Hervieu	
2006	6 e 7 de janeiro	Dança	Steak House	Gilles Jobin	
	14 e 15 de janeiro	Performance	The Future May Be Bright, But It's Not Necessarily Orange	Robyn Orlin, Ann Crosset, City Theatre and Dance Group	ciclo de música, performance e cinema em contra-mão
	28 e 29 de janeiro	Performance	Biokhraphia	Lina Saneh e Rabih Mroué	ciclo de música, performance e cinema em contra-mão
	10 e 11 de fevereiro	Dança	NEXT Fence	Rasmus Ölme	
	25, 26 e 27 de fevereiro	Baile	Bal Moderne	Companhia Rosas	
	2 de março	Dança	Danças de Kandy - Sri Lanka	Peter Surasena Dance and Drum Ensemble	
	15 e 16 de março	Dança	Climax	Compagnie 7273	
	17 de março	Dança	Simple Proposition	Compagnie 7273	
	17 de março	Performance	A Imensa Comunicação Oral	E.M. de Melo e Castro	programa paralelo à exposição O Caminho do Leve, de E.M. de Melo e Castro
			Visão Visual Vocal	Américo Rodrigues	
			Usar Ousar	Jorge Sequerra	
	1 a 3 de abril		Trama, Festival de Artes Performativas		
	1 e 2	Performance/Dança		Joclécio Azevedo	Maus Hábitos
	1	Flash Performance		Mieskuoru Huutajat	Praça D. João I
	1 e 2	Performance/Spoken Word		Rosie Dennis	Bar Hotel D. Henrique
	1 e 2	Dança		Maria Donata D'Urso	Rivoli
	1	Flash Performance		Mieskuoru Huutajat	Casa da Música

	1	Performance/Vídeo		Gob Squad	Serralves	
	2	Dança		Martine Pisani	Serralves	
	6 de maio	Performance		Matt Mullican		
	11 de maio	Dança	<i>Heroes (Heróis)</i>	Emmanuelle Huynh - Centre national de danse contemporaine d'Angers		
	5 a 8 de junho	Dança	<i>No body never mind 003</i>	Ana Borralho & João Galante		
	8 e 9 de junho	Dança	<i>Orquística (Festival Alkantara)</i>	Tânia Carvalho		
	12 de junho a 22 de julho		<i>Mugatxoan</i>		Arteleku e Fundação Serralves	
	7 de julho		<i>Por el momento sin título</i>	Loreto Martínez-Troncoso	Serralves	
			<i>Guerrero Notebook: Holiday Out</i>	Nelson Guerreiro		
	8 de julho	Conferência	<i>Unidades de Sensação e Continuidade Como Ruptura</i>	Cláudia Galhós	Serralves	
	9 de julho		<i>Optimistic vs Pessimistic</i>	Cía. L'Alakran	Serralves	
	14 e 15 de julho		<i>200 g.</i>	António Júlio	Serralves	
			<i>Los cuerpos cuando caen hacen ruido</i>	Alejandra Pombo		
	27 e 28 de setembro	Dança	<i>Young People, Old Voices</i>	Raimund Hoghe		
	28 de outubro	Performance Vocal		Fabienne Audéoud		
	27 de outubro a 10 de dezembro		<i>O Corpo Como Utensílio. O Corpo Como Matéria</i>			
		Conferência	<i>O Espaço do Corpo: A Body Art em França</i>	Anne Tronche		
	23 e 24 de novembro	Dança	<i>Até que Deus é destruído pelo extremo exercício da beleza</i>	Vera Mantero & Guests		
	9 de dezembro	Dança	<i>Solos</i>	Emmanuelle Huynh		
		Conversa		Jennifer Lacey e Sylvain Prunec, moderação Maria José Fazenda		
2007	12 de janeiro	Conversa		Raimund Hoghe	programa paralelo à exposição <i>Anos 80: Uma Topologia</i>	
	13 de janeiro	Lecture Performance	<i>Atirar o Corpo para a Luta</i>	Raimund Hoghe	programa paralelo à exposição <i>Anos 80: Uma Topologia</i>	
	9 e 10 de fevereiro	Dança	<i>Inventário</i>	Joclécio Azevedo		
	10 de fevereiro	Encontro	<i>Assinalar e reflectir sobre as práticas e linguagens mais marcantes nas artes performativas em Portugal na década de 80</i>	oradores: António Pinto Ribeiro e Rui Eduardo Paes, moderação: Tiago Bartolomeu Costa e José Marmeleira; Heranças da década de 80 e seus efeitos na criação performativa actual, oradores: João Paulo Feliciano e Vera Mantero	programa paralelo <i>Anos 80. Lastro e Rasto</i>	
	19 e 20 de fevereiro	Baile	<i>DJ Janot</i>	Marcelo Janot		
	29 de março a 1 de abril	Dança	<i>Caruma</i>	Madalena Victorino	palco	
	28 de abril	Dança	<i>Retransmissions - 4 coreógrafos apropriam-se da obra de Dominique Bagouet</i>	Nathalie Collantes, Anne Collod, Alain Michard e Laurent Pichaud	programa paralelo <i>Anos 80. Lastro e Rasto</i>	
	1 de maio	Conversa		Bill T. Jones, moderação Maria José Fazenda		
	2 de maio	Dança	<i>exibição do vídeo Bill & Bjorn: Bill and Arnie Duets Compilation; leitura de textos do livro Last Night On Earth, pelo coreógrafo Bil T. Jones; apresentação da peça Blauvelt Mountain (A Fiction), 1980</i>	Bill T. Jones/Arnie Zane Dance Company		
	4 e 5 de maio	Dança/Performance	<i>Para onde vai a luz quando se apaga?</i>	João Fiadeiro / RE.AL		
	5, 6, 9, 10 e 11 de maio	Dança	<i>Matrioska</i>	Tiago Guedes / RE.AL		
	15 e 16 de junho	Dança/Performance	<i>Hors Sujet ou Le Bel Ici</i>	Martine Pisani	palco	
	4 e 5 de julho	Dança	<i>Ciclo Meg Stuart (Maybe Forever)</i>	Meg Stuart e Philipp Gehmacher		
	13 e 14 de setembro	Dança	<i>Waterproof</i>	Daniel Larrieu / Companhia Astrakan	piscina do Jamor	
	12 e 13 de outubro	Dança	<i>Import Export</i>	Les ballets C de la B		
	2 a 4 de novembro		<i>Trama, Festival de Artes Performativas</i>			
	2	Dança/Teatro	<i>Até que Deus é destruído pelo extremo exercício da beleza</i>	Vera Mantero & Guests	Serralves	
	3 e 4	Live Art	<i>Vento em popa</i>	Balla Prop	vários locais da cidade	
	3	Live Art	<i>Ghost Dance</i>	Lone Twin	loja da Pensão Monumental	
	3 e 4	Live Art/Instalação	<i>muda</i>	Amarante Abramovici & Ana Deus	A Sala	
	3 e 4	Live Art	<i>Sacrifício de verdade</i>	Marta Bernardes	Bar Hotel D. Henrique	
	4	Dança	<i>Two discussions of an anterior event</i>	Jennifer Lacey	Serralves	
	8 e 9 de novembro	Performance/Instalação	<i>SexyMF</i>	Ana Borralho & João Galante		
	8 e 9 de novembro	Dança	<i>While going to a condition / Finore</i>	Hiroaki Umeda		
2008	8 e 9 de fevereiro	Dança	<i>Swan Lake, 4 acts - Lago dos Cisnes, 4 actos</i>	Raimund Hoghe		
	8 de março		<i>Inter.Faces</i>	Núcleo de Experimentação Coreográfica		
			<i>3 Times</i>	Renata Catambas e Yann Gibert		
			<i>These Words Are Not My Own</i>	Alfredo Martins, Paula Diogo e Ruben Tiago		
	14 e 15 de março	Dança	<i>Solo a Cegas</i>	Olga Mesa		
	29 e 30 de março		<i>Sticks, Figure Eight, Spanish Dance, If You Couldn't See Me, Foray Forét</i>	Trisha Brown Dance Company		
	4 e 5 de abril	Dança	<i>Tempo 76</i>	Mathilde Monnier		

	17 a 20 de abril; 16, 17, 18 e 20 de maio		<i>Ciclo Documente-se! Reflexões sobre o Social</i>		Departamento de Sociologia e Instituto de Sociologia da FLUP; Serviço de Artes Performativas da Fundação de Serralves	
	18 de abril	Conferência/Per formance Sonora		Alejandra & Aeron		
	19 de abril	Mesa-Redonda	<i>Os Documentos (Re) Constroem o Social?</i>	Delfim Sardo e Helena Santos moderados por João Fernandes		
	19 de abril	Dança	<i>Pichet Klunchun and Myself</i>	Jérôme Bel		
	18 e 19 de abril	Dança	<i>Ladrões de Almas</i>	Joana Providência / Herberto Hélder		
	17 de maio	Mesa-Redonda	<i>Muda o Social, Mudam os Documentos?</i>	António Pinto Ribeiro e José Machado Pais, moderados por João Teixeira Lopes		
	18 de maio	Performance/Rá dio	<i>It's All In Your Head FM</i>	Negativland		
	5 e 6 de junho	Dança	<i>Coisas Maravilhosas</i>	Tiago Guedes		
	9 de junho a 28 de setembro		<i>Mugatxoan 2008</i>			
	1 a 4 de julho	Oficina		Juan Dominguez		
	1 a 20 de julho	Residências e Produções		Marta Bernardes, Amaya González- Reyes e Filipa Guimarães		
	4 de julho		<i>Shichimi Togarashi</i>	Juan Dominguez e Amália Fernández		
	5 de julho	Conferência	<i>De la...A la...</i>	Juan Dominguez e Clara Amorim		
	7 a 11 de julho	Oficina		Massimo Furlan e Claire de Ribaupierre		
	10 de julho		<i>O decisivo na política...</i>	Jorge Andrade		
	13 de julho		<i>Sono qui per l'amore</i>	Massimo Furlan		
	23 e 24 de setembro	Dança	<i>Beautiful Me</i>	Gregory Maqoma		
	24 a 26 de outubro		<i>Trama, Festival de Artes Performativas</i>			
	24	Performance	<i>The Longest Lecture Marathon - the world's longest powerpoint presentation</i>	Rebekah Rousi	FBAUP	
	24	Ação	<i>Alvo Fácil</i>	Ronald Duarte	Serralves	
	25	Performance	<i>The Longest Lecture Marathon - the world's longest powerpoint presentation</i>	Rebekah Rousi	ESMAE	
	25	Performance	<i>Blanche-Neige</i>	Catherine Bay	vários locais da cidade	
	25 e 26	Improvisação	<i>Trash Nymph</i>	Tânia Carvalho	hotel D. Henrique	
	25	Música/Perform ance		Osso Exótico	mosteiro S.Bento da Vitória	
	25 e 26	Dança	<i>Movimentos diferentes para pessoas diferentes: #1 Ricardo, #2 Ramiro, #3 Bruna</i>	Tânia Carvalho	fábrica da Rua da Alegria	
	6 e 7 de novembro	Dança	<i>Tela</i>	Ivo Tela		
	6 e 7 de novembro	Performance	<i>Síncope (folhas A4)</i>	Inês Jacques e Edgar Santinhos	foyer	
	12 e 13 de novembro	Dança	<i>He visto Caballos</i>	Mal Pelo		
	22 de novembro	Dança	<i>Feminine</i>	Paulo Ribeiro		
2009	17 e 18 de janeiro	Workshop		Anna Halprin / Anne Collod & Guests	Comemoração 20 Anos Fundação Serralves, 10 Anos Museu de Arte Contemporânea	
	23 e 24 de janeiro	Dança	<i>Parades & Changes, Replays</i>	Anna Halprin / Anne Collod & Guests		
	24 de janeiro	Palestra	<i>A Influência de Anna Halprin, sempre</i>	Maria José Fazenda	Comemoração 20 Anos Fundação Serralves, 10 Anos Museu de Arte Contemporânea	
	25 de janeiro	Encontro		Alain Buffard e Anne Collod, moderação de Maria José Fazenda	Comemoração 20 Anos Fundação Serralves, 10 Anos Museu de Arte Contemporânea	
	26 de janeiro	Dança	<i>Parades & Changes, Replays</i>	conceito e direção de Anne Collod (com Anna Halprin e Morton Subotnick); interpretação e co-criação de Boaz Barkan, Nuno Bizarro, Alain Buffard, Anne Collod, DD Dorvilier e Vera Mantero	Comemoração 20 Anos Fundação Serralves, 10 Anos Museu de Arte Contemporânea	
	10 a 13 de fevereiro	Dança	<i>Barulhada</i>	Tânia Carvalho	palco	
	13 e 14 de fevereiro	Dança	<i>Vice-Royale. Vain-Royale. Vile- Royale.</i>	Sónia Baptista		
	21 a 23 de fevereiro	Baile	<i>Bal Moderne</i>	Companhia Rosas	palco	
	março e abril		<i>Ciclo Documente-se!, Registos na Primeira Pessoa</i>		Comemoração 20 Anos Fundação Serralves, 10 Anos Museu de Arte Contemporânea	
	3 e 4 de abril	Dança	<i>Gustavia</i>	Mathilde Monnier & La Ribot		
	20 de abril	Dança	<i>36, Avenue Georges Mandel</i>	Raimund Hoghe	Comemoração 20 Anos Fundação Serralves, 10 Anos Museu de Arte Contemporânea	
	25 e 26 de abril	Improvisação	<i>Registos na 1ª pessoa. Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo</i>	direção artística de Rita Natálio; interpretação de António Júlio, Nuno Lucas, Cláudio da Silva	Comemoração 20 Anos Fundação Serralves, 10 Anos Museu de Arte Contemporânea	
	26 de abril	Teatro/Perform ance	<i>and then</i>	Eszter Salamon	Comemoração 20 Anos Fundação Serralves, 10 Anos Museu de Arte Contemporânea	
	29 e 30 de abril	Dança	<i>L' Apprentissage - Dans la Main d'Isolina</i>	Fabrizio Pazzaglia		
	7 e 8 de maio	Dança	<i>La Danseuse Malade</i>	Boris Charmatz		
	25 a 29 de junho		<i>Mugatxoan</i>		Comemoração 20 Anos Fundação Serralves, 10 Anos Museu de Arte Contemporânea	
	25		<i>Dora dream</i>	Sandra Cuesta	Comemoração 20 Anos Fundação Serralves, 10 Anos Museu de Arte Contemporânea	
			<i>Plastifici3n</i>	Larraitz Torres		

	26		<i>El eclipse de A.</i>	Amaia Urria	Comemoração 20 Anos Fundação Serralves, 10 Anos Museu de Arte Contemporânea	
	26	Conversa		Sandra Cuesta e Larraitz Torres (na ACE/Teatro do Bolhão)	Comemoração 20 Anos Fundação Serralves, 10 Anos Museu de Arte Contemporânea	
	27 e 28		<i>Kairos, Sísifos y Zombies</i>	Cia. L'Alakran	Comemoração 20 Anos Fundação Serralves, 10 Anos Museu de Arte Contemporânea	
	29	Conversa		Amaia Urria (na ACE/Teatro do Bolhão)	Comemoração 20 Anos Fundação Serralves, 10 Anos Museu de Arte Contemporânea	
	29		<i>El caso del espectador</i>	Maria Jeréz	Comemoração 20 Anos Fundação Serralves, 10 Anos Museu de Arte Contemporânea	
	25 e 26 de setembro	Dança	<i>Anticorpo</i>	João Costa	palco	
	8 a 11 de outubro		<i>Trama, Festival de Artes Performativas</i>		programa e organização de Cristina Grande, Paulo Vinhas, Pedro Rocha e Rita Castro Neves	
	8			ATOM (Robert Henke & Christopher Bauder)	mosteiro S.Bento da Vitória	
	9 e 10		<i>Spectacular</i>	Forced Entertainment		
	9	Video-Performance		Sigmundkard	edifício da antiga EDP	
	10		<i>AudioMenus</i>	Patrícia Portela	Bar Hotel D. Henrique	
	10 e 11		<i>Poster-Porto Version</i>	Cristian Chironi	Fábrica Social (NEC)	
	10		<i>Véronique Doisneau (2004)</i>	Jérôme Bel	Passos Manuel	
	10		<i>I need</i>	Sigmund Skard	Serralves	
	10		<i>You Who Will Emerge From The Flood... [Na Underwater Operella]</i>	Juliana Snapper	piscinas do Clube Fluvial Portuense	
	10			KK Null, Soft Circle, Sir Alice, DJ Mr. Mueck, Blacksugu	Passos Manuel/Maus Hábitos	
	11		<i>Zombie Requiem</i>	Tori Wrânes	Fábrica Social (Teatro Bruto)	
	11		<i>Passeio ao Norte, 1963</i>	Joana Craveiro/João Paulo Serafim/Gonçalo Alegria	ESMAE	
	11		<i>Acts of Clothing</i>	Marcia Farquhar	Culturgest	
	11		<i>11 de Outubro de 2009</i>	Miguel Pereira	Teatro do Campo Alegre	
	18 e 19 de novembro	Dança	<i>Nada. Vamos ver</i>	Gustavo Ciriaco	palco	
	20 e 21 de novembro	Dança	<i>Der Mann ist Verrückt</i>	Tânia Carvalho/Vera Suchánková		
	28 e 29 de novembro	Dança	<i>Bons Sentimentos, Maus Sentimentos</i>	Vera Mantero / Forum Dança	palco	
	11 e 12 de dezembro	Dança	<i>So Solo</i>	Clara Andermatt		
2010	15 e 16 de janeiro	Dança	<i>Hanare</i>	Aldara Bizarro e Francisco Camacho		
	18 e 19 de março	Dança	<i>Ni vu ni connu, sem que ninguém dê por isso</i>	Claudia Triozzi		
	20 a 26 de março		<i>Gigante</i>	Francisco Tropa	programa paralelo à exposição de Lourdes Castro e Manuel Zimbro	
	27 de março		<i>O Vapor Que Se Eleva Do Arroz Enquanto Coze</i>	Francisco Tropa, Manuel Mota, André Maranhã, Patrícia Machás e David Maranhã	programa paralelo à exposição de Lourdes Castro e Manuel Zimbro	
	14 de abril a 16 de maio		<i>Ciclo Documente-se! Sentidos de Reconhecimento</i>		org. Dep. Sociologia e Instituto de Sociologia da FLUP, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (ISCTE-IUL) e Serviço de Artes Performativas de Serralves	
	14 de abril	Dança	<i>Pororoca</i>	Lia Rodrigues Companhia de Danças		
	15 de abril	Conferência		Lia Rodrigues	FLUP	
	16 e 17 de abril	Dança	<i>Pororoca</i>	Lia Rodrigues		
	7 e 8 de maio	Dança	<i>A Praça</i>	Né Barros		
	14 de maio	Conferência	<i>Art and Recognition</i>	Nathalie Heinrich	FLUP	
	24 de abril		<i>The Part</i>	Antonija Livingstone		
	26 de abril	Workshop	<i>Blood and Guts/Peace and Quiet</i>	Antonija Livingstone (orientação)		
	7 a 9 de junho	Dança	<i>Vamos sentir falta de tudo aquilo de que não precisamos</i>	Vera Mantero & Guests	palco	
	1 e 2 de julho	Dança	<i>António & Miguel</i>	António Tagliarini e Miguel Pereira		
	7 de julho	Dança	<i>Cribles, Lenda Coreográfica Para 1000 Bailarinos</i>	Emmanuelle Huynh		
	14 e 15 de setembro	Dança	<i>Is You Me</i>	Benoît Lachambre		
	20 de setembro a 3 de outubro		<i>Mugatxoan</i>			
	20 a 24	Workshop		Xavier Le Roy		
	24		<i>Product of other circumstances</i>	Xavier Le Roy		
	26 a 30	Workshop		Gary Stevens		
	30		<i>Not Tony</i>	Gary Stevens		
	29 e 30 de setembro	Dança	<i>The White Body</i>	Ea Sola		
	14 a 17 de outubro		<i>Trama, Festival de Artes Performativas</i>		programa e organização de Cristina Grande, Pedro Rocha e Rita Castro Neves	
	14,15, 16 e 17		<i>Electrical Walks Porto</i>	Christina Kubisch	Almada Guesthouse	
	14		<i>The Futurist Manifesto</i>	Thomas Köner	mosteiro São Bento da Vitória	
	14		<i>Perform a Miracle</i>	The Sons of God	Lófte	
	14		<i>J'ai Bien Détruit Ta Lettre/ Cá Destrui a Tua Carta</i>	António Contador	Lófte	
	15			Tim Olive e Alfredo Costa Monteiro	Matéria Prima	
	15		<i>Furlan/número 8</i>	Massimo Furlan	Estádio do Dragão	
	15			Dirty Honkers	Clube de Bridge do Porto	
	16		<i>23+1</i>	Cláudia Dias	Serralves	
	16		<i>La Barca</i>	Thomas Köner	Serralves	
	16		<i>New Way</i>	The Sons of God	Serralves	
	16		<i>Veleda</i>	Joana von Mayer Trindade	Serralves	
	16		<i>Hauts Cris (miniature)</i>	Vincent Dupond	Serralves	
	16			Justin Bond	Ateneu Comercial do Porto	
	16		<i>Drive Chairs</i>	The Sons of God	Maus Hábitos	
	16		<i>Cómeme</i>	Matías Aguayo, Rebolledo e Diegors	Passo Manuel	

	17		<i>Love Me Tender</i>	Beatriz Albuquerque e Albuquerque Mendes	Bar Hotel D. Henrique
	17		<i>A Vida Enorme/La Vie En Or</i>	Maria Lemos e Teresa Silva	Teatro Helena Sá e Costa
	17		<i>Regina Contra Arte Contemporânea</i>	Paulo Castro	Sala Estúdio Latino
	17			Bumbumbox	Praça dos Poveiros
	29 de outubro	Performance Cénica e Sonora	<i>Mundo de Cristal/Máquina da Selva</i>	Beast Box e HHY	tributo a J.G. Ballard
	4 a 8 de novembro	Dança	<i>Inferno</i>	Mónica Calle	
	10 e 11 de novembro	Dança	<i>Femmeuses</i>	Cécile Proust	
	12 e 13 de novembro	Dança	<i>Llámame Mariachi</i>	La Ribot	
	4 e 5 de dezembro	Performance/Instalação	<i>World of Interiors</i>	Ana Borralho & João Galante	
	21 de novembro a 13 de março de 2011		programa Arte, Política, Globalização		de João Fernandes, Óscar Faria, Cristina Grande, Pedro Rocha e Sofia Victorino
2011	21 e 22 de janeiro	Dança	<i>Trompe le Monde</i>	Márcia Lança e Nuno Lucas	palco
	23 de janeiro	Dança/Performance		Ani Vaseva (seguida de conversa com Boyan Manchev e Ani Vaseva)	Serralves
	25 a 30 de janeiro; 8 e 9 de fevereiro; 12 e 13 de março	Performance	<i>Notações Para A Descida Do Pano De Cena</i>	Mariana Silva	Teatro S. João
	5 de fevereiro	Performance	<i>X And YV. France: The Case For A Legal Precedent</i>	Patrick Bernier e Olive Martin	Serralves
	12 de fevereiro	Performance	<i>Identity</i>	Los Torrenzos	Serralves
	19 de fevereiro	Performance	<i>Derivas Ibéricas S.A.</i>	Nel Amaro	programa paralelo à exposição <i>Sobre Arte, Política e Cultura: Um Arquivo</i> , comissariada por Guy Schraenen
	25 e 26 de fevereiro	Dança	<i>Si muero dejad el balcón abierto</i>	Raimund Hoghe	
	12 de março	Dança	<i>perVersiones</i>	Com Fátima Miranda, Miguel Angel Alonso Mirón, Chema Madoz	
	12 de março	Performance		ICALHAU!	Alameda das Fontainhas (à Batalha), Feira da Vandoma
	13 de março	Música/Dança		Sistema Tango	Serralves
	3 de abril	Dança	<i>Cédric Andrieux</i>	Jérôme Bel	
	9 de abril	Dança/Música/Vídeo	apresentações públicas informais dos resultados dos workshops <i>Sun Moon & Stars</i>	Elaine Summers, Pauline Oliveros	ciclo <i>Improvisações/Colaborações</i>
	13 de abril	Performance	<i>A Vénus de Pistoletto #4</i>	Granular / Ciclo Vinte e sete sentidos /Emídio Buchinho e Carlos Santos	
	15 de abril	Dança	<i>Vamos al tiroteo, versiones de un tiempo pasado</i>	Compañia Rafaela Carrasco	
	15 de abril	Performance	<i>No Performance's Land?</i>	Nao Bustamante - CRIA	
	16 de abril	Performance	<i>No Performance's Land?</i>	Ida Larsen, Idaperformers - CRIA	garagem
	16 de abril	Performance	<i>No Performance's Land?</i>	Francesca Fini - CRIA	
	17 de abril	Performance	<i>No Performance's Land?</i>	Márcio-André - CRIA	palco
	17 de abril	Performance	<i>No Performance's Land?</i>	Andrea Inocêncio - CRIA	
	17 de abril	Performance	<i>No Performance's Land?</i>	João Garcia Miguel - CRIA	palco
	21 a 24 de abril	Dança	<i>Early Works (Floor of the Forest, Accumulation, Scallops, Raft Piece, Sticks, Figure Eight, Spanish Dance, Leaning Duets I, Leaning Duets II, Falling Duet, Skymap, Planes)</i>	Trisha Brown	ciclo <i>Improvisações/Colaborações</i>
	29 e 30 de abril	Dança	<i>Icosahedron</i>	Tânia Carvalho	
	5 de maio	Dança/Música		Christian Rizzo/Scanner/Kerem Gelebek	ciclo <i>Improvisações/Colaborações</i>
	1 e 2 de junho	Dança	<i>Solo para Sílvia Real</i>	Francisco Camacho, Sílvia Real, Sérgio Pelágio, Frank Laubenheimer	
	29 de junho	Dança	<i>No Time to Fly</i>	Deborah Hay	ciclo <i>Improvisações/Colaborações</i>
	30 de junho	Dança	<i>8 Adaptações e Performances de "Conquest"</i>	coreografia de Deborah Hay (de Teresa Silva, Sofia Neves, António Júlio e David Marques)	ciclo <i>Improvisações/Colaborações</i>
	2 de julho	Dança	<i>8 Adaptações e Performances de "Conquest"</i>	coreografia de Deborah Hay (de Joana von Mayer Trindade, João Martins, Jorge Gonçalves e Cristiana Rocha)	ciclo <i>Improvisações/Colaborações</i>
	3 de julho	Dança	<i>Indivisibilidades</i>	Deborah Hay e Laurent Pichaud	ciclo <i>Improvisações/Colaborações</i>
	21 e 22 de setembro	Dança	<i>enfant</i>	Boris Charmatz	
	21 e 23 de setembro	Dança/Música	<i>Improvisação a partir de Inc, de Terry Riley</i>	improvisação de movimento por David Wampach, Elizabeth Francisca, Frans Poelstra, Laurent Pichaud, Mariana Tengner, Mark Tompkins, Sofia Dias, Vera Mantero e Vítor Roriz; dirigidos por Mark Tompkins	ciclo <i>Improvisações/Colaborações</i>
	29 e 30 de setembro	Dança	<i>Romance-s</i>	Compagnie 7273 / Laurence Yadi, Nicolas Cantillon	
	13 a 16 de outubro		<i>Trama, Festival de Artes Performativas</i>		programa e organização de Cristina Grande, Paulo Vinhas, Pedro Rocha e Rita Castro Neves
	13	Conferência	<i>Sonic Somatic: Performances of the Unsound Body</i>	Christof Migone	FBAUP
	13	Performance	<i>Wheel Barrel Poetry</i>	WOL	Ateneu Comercial do Porto
	14	Conferência/Workshop		Robin Fox	ESMAE
	14	Performance	<i>Hit Parade</i>	Christof Migone	Praça D. João I
	14	Performance	<i>Étude in Red</i>	WOL	Passos Manuel
	15	Performance	<i>S de Saudade, restos de coleção</i>	Paulo Mendes	Livraria Ce Latina
	15	Performance	<i>Hit Maker</i>	Christof Migone	Baixa do Porto
	15	Performance	<i>silêncio, ordens, preces, ameaças, elogios, censuras, razões, que querem que eu compreenda o que eles dizem</i>	Paulo Mendes	Coreto da Cordoaria

	15	Dança	<i>Still Standing You</i>	Pieter Ampe & Guilherme Garrido	Serralves	
	15	Dança	<i>Black Vox/ Liquid Flame</i>	Chikashi Miyama	Serralves	
	15	Performance	<i>Circumflex</i>	WOL	Serralves	
	15 e 16	Performance	<i>Performance X</i>	Susana Mendes Silva	ciclo <i>Improvisações/Colaborações (saída da livraria Ce Latina)</i>	
	16	Performance	<i>S de Saudade, a tortura da memória</i>	Paulo Mendes	Museu Militar do Porto	
	16	Dança	<i>more than enough</i>	Doris Uhlich	Estúdio Zero	
	16	Performance	<i>se pudessem parar de fazer para não fazerem nada, enquanto não param de todo</i>	Paulo Mendes	loja nº 90 da Rua Cândido dos Reis	
	16	Dança		Xavier Le Roy & Guests (Salka Ardal Rosengren, Sasa Aseptic, Krööt Juurak, Neto Machado, Luís Miguel Félix, Jan Ritsema, Christine De Smedt)	Serralves	
2012	15 de janeiro	Dança	<i>Go</i>	Lisa Nelson e Scott Smith	ciclo <i>Improvisações/Colaborações</i>	
	16 de janeiro	Dança	<i>Masterclass: Composição e sentido da Imaginação</i>	Lisa Nelson		
	20 e 21 de janeiro	Dança	<i>Vontade de ter vontade</i>	Cláudia Dias	palco	
	22 e 23 de março	Dança	<i>Piracema</i>	Lia Rodrigues		
	14 de abril		<i>Growth and Culture</i>	Ricardo Valentim		
	5 e 6 de junho	Dança	<i>En Atendant</i>	Anne Teresa De Keersmaeker		
	9 e 10 de novembro	Dança	<i>Labofilm & 1: o lamento da Branca de Neve</i>	Olga Mesa	palco	
	14 a 16 de dezembro	Dança	<i>A Lã e a Neve</i>	Madalena Victorino, Carlos Bica, João Paulo Esteves da Silva		
2013	9 de maio	Performance	<i>Viagem</i>	João Parrinhas	Granular/Ciclo 27 sentidos	
	17 de maio	Performance	<i>N'est pas</i>	Pedro Tudela	Granular/Ciclo 27 sentidos	
	1 a 3 de junho	Performance	<i>Secalharidade</i>	João Fiadeiro / Fernanda Eugénio		
	15 e 16 de junho	Música/Dança/Performance	<i>Pioneirinnen der Klangforschung [Pioneiras da Investigação do Som]</i>	Andrea Neumann & Sabine Ercklentz; Les Femmes Savantes (concerto em auscultadores); Akio Suzuki & David Maranhã	ciclo <i>Matérias Vitais</i>	
	21 e 22 de junho	Dança	<i>A Sagração da Primavera</i>	Olga Roriz		
	21 a 23 de junho	Performance	<i>Metamorfose</i>	Paulo Ramos/esd		
	11 de julho	Performance	<i>Audio Description</i>	Susana Mendes Silva	Granular/Ciclo 27 sentidos	
	21 de setembro	Dança/Música	<i>Utopia - flamenco</i>	Maria Pagés		
	27 e 28 setembro	Dança	<i>Pas de Deux</i>	Raimund Hoghe		
	4 a 6 de outubro	Dança	<i>Aniversário - Mais Pra Mais Que Pra Menos</i>	Vera Mantero & convidados		
	4 a 6 de outubro	Dança	<i>Aniversário - Le Sacre du Printemps</i>	Min Kyoung & João Martins dos Santos	garagem	
	4 a 6 de outubro	Performance	<i>Aniversário - Purgatório</i>	Ana Borralho & João Galante		
	11 de outubro	Performance	<i>dupla cena</i>	Manuela São Simão e Carlos Santos	Granular/Ciclo 27 sentidos	
	18 e 19 de outubro	Dança	<i>Twin Paradox</i>	Mathilde Monnier		
	1 a 4 de novembro	Dança e Performance	<i>Celebração - micro festival</i>			
	1	Performance	<i>Morning Sun</i>	Márcia Lança & João Calixto		
	1	Performance	<i>Still Standing You</i>	Gui Garrido & Pieter Ampe		
	2	Performance	<i>The Archaic, Looking Out, The Night Knight</i>	Vânia Rovisco		
	2	Performance	<i>Mesure It in Inches</i>	Marianne Baillet & António Pedro Lopes		
	2	Performance	<i>Cabaret Curto & Grosso</i>			
	3	Conversa	<i>Picnic Conversa Afuada</i>			
	3	Performance	<i>Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo</i>	Rita Natálio		
	3	Performance	<i>A Peça Vermelha</i>	Lígia Soares		
	3	Performance	<i>Um Espanto Não se Espera</i>	Elizabete Francisca & Teresa Silva		
	4	Performance	<i>Jogo das Perguntas</i>			
	4	Performance	<i>Uma Estadia de 30 Min</i>	Andresa Soares		
	4	Performance	<i>Arremesso IV</i>	Sofia Dias & Vitor Roriz		
	4	Performance	<i>Pongo Land</i>	Nuno Lucas & Hermann Heisig		
	4	Performance	<i>Conversa balanço e Auto Publicação</i>			
	2 a 4	Performance	<i>O Ato da Primavera</i>	Lígia Soares		
	15 de novembro	Performance	<i>The Secret Apprentice</i>	João Silva, António Ramos Rosa	Granular/Ciclo 27 sentidos	
	22 e 23 de novembro	Dança	<i>Tsunamismo (título provisório)</i>	Elisabete Francisca		
	6 e 7 de dezembro	Dança	<i>Hoje</i>	Tiago Guedes		
	7 de dezembro	Dança	<i>Um solo</i>	Tiago Guedes		
	13 de dezembro	Performance	<i>Contact</i>	Ivan Franco	Granular/Ciclo 27 sentidos	
2014	24 e 25 de janeiro	Dança	<i>Fica no singelo</i>	Clara Andermatt		
	6 a 10 de março	Concerto-Performance	<i>Evacuação da Voz</i>	Mattin e Miguel Prado		
	6	Concerto-Performance	<i>Introdução à Despersonalização Subjectiva da Voz</i>			
	7	Concerto-Performance	<i>Evacuação da Auto-Representação</i>			
	8	Concerto-Performance	<i>Discurso Não-Significante</i>			
	9	Concerto-Performance	<i>Mecanismos da Voz Humana</i>			
	10	Concerto-Performance	<i>Evacuação do Género</i>			
	30 de abril	Música/Dança/Performance	<i>Title TK</i>	Alan Licht, Cory Arcangel e Howie Chen		